

SARRA
MANNING

*Você não precisa
dizer que me ama*

É hora de quebrar as regras



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

SARRA
MANNING

*Você não precisa
dizer que me ama*

É hora de quebrar as regras





SARRA MANNING

*Você não precisa
dizer que me ama*

É hora de quebrar as regras

Star Books Digital

CRÉDITOS



Equipe Pegasus Lançamentos

Disponibilização: Soryu

Tradução: Marih e Suzy Oliveira

Revisão Inicial: Leidiane

Revisão Final: Nilde Soares

Leitura Final: Luisinha Almeida

Formatação e Layout do PDF: Luisinha Almeida

Formatação do Epub, Mobi e Capa

Star Books Digital

The logo graphic consists of a stylized open book shape. The left side is a solid blue shape, and the right side is a purple shape with a small pink square at the bottom right corner.

(NÃO RETIRE OS CRÉDITOS!)

PARTE UM

Desejando e esperando

Capítulo Um

Neve podia sentir sua calcinha e a meia fina suplicarem por liberdade assim que se sentou.

Posicionou-se na borda do assento para assim poder ter seus pés firmemente no chão, endireitar as costas e poder ignorar seu estômago. Não funcionou. Sua cinta logo cedeu e pôde sentir sua pança alegremente empurrar contra as costuras do vestido justo o porquê de sua irmã mais nova, Celia, insistir que a usasse. Não podia entrar nele sem a ajuda de uma cinta e um espartilho.

Como de costume, Celia havia se recusado a tomar um não como resposta, da mesma maneira em que se recusou a escutar as súplicas de Neve para deixá-la ficar em casa com uma xícara de chá e um bom livro. Foi por isso que Neve estava desconfortável, em um sofá cor de rosa berrante, em um popular clube no Soho, rodeada por todos os lados de uma multidão de pessoas vestidas na moda, que gritava entre eles para serem ouvidos por cima da música alta.

- Odeio você. - sussurrou para sua irmã, que se deixou cair do seu lado.

- Não é verdade, você me ama. - respondeu Celia implacavelmente.

- Aqui está sua bebida. De maneira nenhuma ia pedir uma garrafa de água, por isso aqui tem vinho branco.

Neve tomou um gole sem entusiasmo, enquanto tentava digerir o líquido.

- Quando poderei ir para casa, Seels?

- Vou fingir que não falou isso. - disse Celia, seus olhos entrecerrados, enquanto escaneava o lugar. - Agora, alguém aqui parece bonito para você? - Ela cutucou Neve. - Eu adoro que tenhamos saído para paquerar juntas. Isto é tão divertido.

Sair juntas para paquerar não tinha nada de divertido. E de qualquer maneira...

Eu não saí para paquerar - disse Neve incomodada. - Eu te disse que queria tentar falar com homens solteiros, e talvez paquerar um pouco. Mas não vou seduzir ninguém. Não tenho feito em anos.

- Bem, vejamos - disse Celia. - O que pensa de Martyn, o vice-diretor de correção?

Neve olhou para o homem que Celia estava apontando. Não parecia um obcecado com a moda, como os outros homens presentes, mas estava fora do alcance de Neve. No entanto, até mesmo o vendedor de revista da estação do metrô parecia fora do alcance de Neve. No máximo, ela tinha experiência com homens de uma garota de dezoito, educada em um convento Vitoriano e indo ao seu primeiro baile.

Celia insistiu em afastá-la dos livros para ir a lugares onde os homens solteiros

se reuniam. - Apenas sorria um pouco, faça contato visual, pense em algo para dizer, como música ou alguma merda sobre o bar e isso é tudo. - Tinha proclamado alegremente.

-Você precisa sair de casa.

Então aqui estava ela, saiu de casa, para a festa de natal do escritório de Celia. Na experiência de Neve, festas de escritório normalmente envolvem um par de feias serpentinas de papel, uma tigela com frituras e uma das secretárias chorando no banheiro. Exceto que Celia trabalhava em uma revista de moda chamada Skirt, então era diferente, havia um grupo de lindas garotas usando a última moda que Neve tinha visto em revistas, mas que pensava que ninguém na vida real vestia. Além disso, estavam no fim de janeiro, mas aparentemente os trabalhadores da Skirt estiveram muito ocupados frequentando as festas natalinas de outras pessoas em dezembro, por isso apenas recentemente fizeram sua própria reunião.

- Oh, Celia, por favor, não. - suplicou Neve enquanto ela agitava a mão freneticamente para o homem chamado Martyn, que se separou de uma multidão com um olhar ansioso e se aproximou delas apressado.

O olhar ansioso desvaneceu quando Celia passou o braço em torno dele.

- Martyn, esta é minha irmã mais velha, Neve. É super preparada e conhece um montão de longas palavras, vocês têm muito em comum.

Martyn olhou para Neve, depois de volta para Celia, com incredulidade. Elas não pareciam nem remotamente irmãs. Neve tinha absorvido os genes normais da família do seu pai, enquanto que Celia tinha cada um dos genes celta da sua mãe e era magra e alta. E apesar do rosto dela ter um olhar intenso, isso não importava porque ela sempre tinha um sorriso que fazia brilhar seus olhos verdes. Suas pernas pareciam ser as de uma dançarina de Las Vegas, e seu longo cabelo cacheado era tão ardente e vermelho, ninguém havia tido coragem de chamá-la de cenoura.

Neve, pelo contrário, era robusta, essa era sua característica. Mas também era muito suave. Algumas vezes Neve sentia como se tudo nela fosse vago e sem forma, desde seu olhar até a forma de falar profundos comentários. Celia e sua mãe insistiam que os olhos azul marinho de Neve eram lindos e seu abundante cabelo castanho era o melhor dela, e tinha uma boa aparência, mas tudo do pescoço para abaixo precisava de muito trabalho. Os homens nunca iriam segurar a respiração quando Neve passasse na frente deles. Podia lidar com isso, mas desejaria que Martyn não parecesse tão consternado ante a perspectiva de ficar com ela enquanto Celia murmurava algo sobre ir ao bar e desaparecia.

- É um prazer te conhecer. - disse Neve, estendendo a mão. Ela sabia que deveria levantar-se em vez de ficar sentada como um monarca ancião, mas não queria que suas meias deslizassem até os joelhos. É obvio, Martyn sempre poderia se sentar, mas ele ficou de pé na frente dela. - Assim, hum, você gosta de

ser um editor?

Martyn deu de ombros.

- Paga a hipoteca. – disse - consigo produtos grátis. É quase tão bom quanto parece.

- Há uma fila enorme no bar - continuou Neve obstinadamente. Ela esperava que Martyn não entendesse que ela queria que pagasse uma bebida, mas ele sozinho assentiu e continuou olhando para todos os lados menos para ela.

Neve sabia que suas técnicas de paquera eram tão inexistentes que eram invisíveis a simples vista, mas estava começando a se irritar com Martyn. Tudo bem, ela não era Celia, mas se queria ficar bem com ela, pelo menos deveria tratar melhor sua irmã mais velha.

No entanto, ele não acrescentou nada. Neve decidiu dizer:

- Então, qual é sua palavra favorita? Acho que a minha é carbúnculo. Ou talvez estação de ônibus⁽¹⁾. Não posso decidir. Não sei se estação de ônibus é considerada como uma só palavra ou várias.

Agora ela tinha toda a atenção de Martyn.

- Sério? - Só me pergunto. - disse Neve, e soube que isto a incomodaria pelo resto da noite até que pudesse ir para casa e comprovar em uma enciclopédia. - Está gostando da festa?

- Olhe, Eve... - Martyn a olhava agora com um sorriso triste, suas mãos estendidas. Neve poderia não saber muito sobre paquerar, mas sabia quando iam dispensá-la.

- É Neve. - corrigiu-o amavelmente. - E está tudo bem. Apenas veio porque Celia pediu, pensou que ela queria falar com você e em vez disso te deixou aqui comigo.

- Não, não. Não é assim. - protestou Martyn. - Tenho certeza de que você é realmente linda. É realmente muito bonita, mas deixei meu amigo para procurar uma rodada de bebidas e ele provavelmente está me esperando. Não é nada pessoal.

Neve assentiu compreensivamente.

- Deveria voltar para ele.

- Foi ótimo falar com você, Eve - disse Martyn, já partindo. - Talvez te veja depois.

- Claro. - Mas Neve estava falando com as costas de Martyn. Agora sabia que era chata e fisicamente repulsiva, até mesmo para um homem que fazia a correção ortográfica de uma revista apenas para ganhar a vida, não havia nada errado em se levantar um pouco para subir as meias e esticar sua cinta. Logo se

sentou com cuidado no sofá e olhou para os pés em seus infantis sapatos até que Celia e Yuri, a colega que dividia o apartamento com sua irmã, sentaram-se ambos de cada lado dela.

- Como foi com Martyn? - Perguntou Celia ansiosamente, substituindo a taça de Neve, a qual ela não recordava ter tomado completamente.

- Não aconteceu nada. Já posso ir para casa?

- Disse a Celia que nunca funcionaria juntar você e esse subeditor disse Yuri com cumplicidade. Douglas, o irmão mais velho de Neve e Celia, insistia que Yuri era a mulher mais assustadora do mundo, o que era irônico considerando com quem estava casado. Se Neve não tivesse visto Yuri de pijamas praticamente a cada manhã enquanto subia as escadas para pedir sachês de chá, leite e uma colher limpa de vez em quando, estaria assustada com ela também. Neve nunca conheceu uma pessoa japonesa com uma personalidade afro antes, ou uma que parecesse tão autoritária, mas isso era devido à escola de idiomas em Nova Jersey, onde Yuri havia aprendido inglês. Se Celia não tivesse retornado de Nova York um ano atrás, com Yuri do lado e Neve não fosse a irmã mais velha de Celia, o que de acordo com Yuri automaticamente dá "um milhão de pontos de genialidade", Neve tinha certeza de que Yuri nem sequer perceberia sua existência. Ou todas as razões listadas de por que Martyn não era o homem correto para Neve.

- Ele bebe cerveja com limão e sua muito. - concluiu com sarcasmo. - Escute Celia, Neve precisa de um partido muito melhor.

- Só queria alguém mais suave para ela. - Celia fingiu pensar.

O que acha de um modelo? Não são tão inalcançáveis como todas as pessoas pensam. Estão morrendo de insegurança sobre sua aparência e seus padrões não são muito altos.

- Muito obrigada. -disse Neve, contorcendo-se em seu assento, com irritação. - Olha, foi um doce por me convidar, mas não encaixo aqui. Todo mundo é bonito, com classe e me sinto como uma velha solteirona.

- Não, não é assim. - Ofegou Celia. - Você está genial nesse vestido.

- Não tanto como deveria. - Neve a recordou. - Não me sinto confortável aqui e esse homem junto ao bar esteve olhando para cá e sorrindo durante os últimos cinco minutos.

Enquanto Yuri e Celia o olhavam, ele levantou sua taça a modo de saudação e não pareceu perturbado de que elas estivessem falando sobre ele.

- Não está sorrindo para nós, está nos comendo com os olhos. - Yuri informou a Neve.

- O que significa isso?

- Max come todo mundo com os olhos - disse Celia com indiferença. - Ele é nosso Editor de Conteúdo, é um completo mulherengo e não é, repito, não é o tipo de homem com quem brinca de paquerar, Nevy. Ele comeria você até o café da manhã e ainda teria fome.

Apesar de tentar ignorá-lo, Neve olhou através de sua bebida para o ambiente para dar uma olhada no chefe da revista, mas agora ele estava comendo com os olhos a duas bonitas garotas loiras.

- Acho que provavelmente estava comen... Olhando vocês, não a mim, e mesmo se tentasse comigo, eu posso cuidar de mim mesma - insistiu Neve, acariciando a mão de sua irmã, porque de repente Celia parecia estar com muito calor e ruborizada. Apesar de que poderia ser por culpa da sua roupa muito coberta.

- Você não pode cuidar de si mesma. - insistiu Celia bruscamente. - Tem zero experiência com homens como esse. Você levou uma vida protegida.

- Emite uma vibe de virgem. - Refletiu Yuri. - Já fez sexo, não é?

Neve se engasgou com um gole de vinho.

- Claro que sim! Bem, isso é o que eu acho. Comecei a fazer, mas doeu tanto e foi tão horrível... Deus, não estou tendo esta conversa. - Cruzou seus braços e olhou para Celia severamente. Celia era a única pessoa que dirigia um olhar severo. -Sou mais velha que você por três anos, então deixe de tentar me arrumar um parceiro.

- Só estou te avisando sobre o malvado lobo feroz.

- Bom, não há necessidade - começou a dizer Neve, enquanto olhava novamente para o bar para conseguir ver pela terceira vez o Editor de Conteúdo da Skirt, que agora tinha cada braço sobre as garotas loiras. - Nunca vi um autêntico sem vergonha ao vivo.

Deveria ter um bigode, não é?

Celia olhou para sua irmã com carinhosa exasperação.

- Ele não é um sem vergonha como os homens desses livros que você ler, Nevy - disse sarcasticamente. - Ele é um prostituto do século XXI.

- Sim, ele é totalmente superficial. - Adicionou Yuri.

Celia deu a Neve uma cotovelada nas costelas.

- De qualquer maneira, já basta de falar de Max. Você não vai conhecer um homem sentada aqui neste canto.

- Mas você não acha que sair de casa e estar no canto de um clube já é um progresso? -Vamos passo a passo... Por favor, Celia, deixa de me pressionar!

Celia colocou uma mão sob a axila de Neve e com a ajuda de Yuri a

levantaram.

- Vamos socializar. Será divertido. -disse com um sorriso de determinação.

Isto não seria divertido. Não seria nem um pouco divertido. Neve levou sua bebida e ficou grudada ao lado de Celia, afastando-se apenas quando a alça da bolsa escorregava enquanto Celia fazia enérgicos movimentos de dança ou virava para olhar para todos os homens, de camisas apertadas e cortes de cabelo estranhos. Como Martyn, o corretor ortográfico, todos eles estavam pouco interessados em Neve, mas eram vagos e amáveis com ela porque queriam ficar bem com Celia.

Mais uma bebida e então definitivamente irei para casa, prometeu Neve a si mesma, enquanto Celia a arrastava até o bar.

- Agora, ir para o bar é uma excelente maneira de conhecer um homem. - disse Celia. - Especialmente se houver fila - adicionou, usando seus cotovelos para fazê-la avançar através da multidão que esperava ser servida. Olhe ao redor e certifique-se de chamar a atenção de um homem bonito, depois dê um sorriso e ele virá para falar com você enquanto espera. Então ele pagará as bebidas, porque oi, você é uma garota, está oferecendo uma oportunidade e ele deve aproveitá-la, ele pagará por você e pronto.

- Tenho certeza de que me lembrarei disso. - murmurou Neve, mas Celia já estava analisando o homem que estava do lado e o tempo em que demoraria para ser atendida.

- Oh, pobre Nevy, parece tão tristonha. - murmurou ela, quando finalmente pegaram as bebidas grátis, cortesia das habilidades de paquera de Celia. - Quer saber? Vamos sentar durante cinco minutos, antes de começar a Operação Caçada outra vez.

- Não chame dessa maneira. Chamarei de Operação paquera rápida. - insistiu Neve, enquanto seguia Celia a um canto escuro, onde havia um par de sofás e um par de poltronas em torno de uma mesa de café.

- Como quiser, vamos conversar aqui. - Celia já estava caminhando sobre as pernas das pessoas que estavam sentadas, para chegar a um sofá desocupado. Sentou-se e acariciou o assento do lado. -Venha aqui. Ponha esse seu fodido traseiro aqui.

Neve caminhou sobre as pernas das pessoas enquanto tropeçava e pedia desculpas em voz alta, o qual teve que fazer com mais entusiasmo quando uma garota franziu a testa, quase quando chegava ao sofá.

Celia olhou para o telefone checando suas mensagens, enquanto Neve puxava as meias e calcinha, que estavam deslizando outra vez.

- Tem certeza que nenhuma de vocês são modelos?

Neve e Celia reviraram os olhos, Celia fez com humor e Neve gemeu

imediatamente, por esquecer de que tinham público, logo olharam para o canto onde o famoso Max estava fazendo provisão à altura de sua reputação.

Neve tinha imaginado que um gigolô teria uma aparência diferente. Max era bastante atraente, com enormes olhos emoldurados com longas pestanas, maçãs do rosto pronunciados, seu lábio inferior destacado, mas seu rosto era muito bonito para seu nariz, que parecia ter sido quebrado pelo namorado de alguém, e seu cabelo, que continuamente se afastava do rosto, parecia que precisava de uma boa lavada. Estava usando uma camisa preta enrugada, um par de calças com bainha desfiadas e um Converse sujo.

Levou a Neve menos de cinco segundos para olhá-lo e decidir que ele não era seu tipo. E ela certamente não era o dele, a julgar pelas duas loiras com as quais ele esteve falando por um momento e que agora estavam em seu colo e riam loucamente enquanto as abraçava.

- Bem, ao menos me diga se são gêmeas, então. Estive com trigêmeas antes, mas nunca com gêmeas. Celia bufou com humor. - Um mulhereengo, agora acredita em mim?

Neve tinha algumas palavras que poderiam descrevê-lo, mas somente havia pensado em "prostituto" quando ela sentiu algo frio, duro e úmido batendo em seu peito. Gritou de surpresa enquanto o cubo de gelo deslizava pelo decote e entrava em seu vestido.

- Como... Se... Atreve...?

- Ei, imbecil, acabou de jogar algo na minha irmã? - Celia reclamou com Max. Neve tentou tirar o cubo de gelo do seu justo sutiã, mas derretia rapidamente contra seus dedos quentes e tudo o que obtinha era uma corrente de água gelada deslizando, que apenas parou quando chegou até suas meias. - Qual é o seu problema?

Max olhou para Neve, e logo afastou o olhar como se não valesse a pena olhar mais de um segundo.

- Sim, sinto muito. - disse alegremente, dirigindo-se a Celia e deslumbrando-a com um sorriso brilhante que parecia simulado. - Não foi de propósito. Queria saber se você falava Russo ou Polonês, ou algo do tipo. Essas garotas não falam nosso idioma.

- Não, eu não faço. - Celia fez um grande show tentando defender Neve, então ela se afastou porque já era o suficientemente humilhante que Celia a tratasse como uma menina travessa que teve um acidente com a garrafa de Ketchup. - Esta é minha irmã, Neve, aquela em quem você acabou de jogar um míssil.

- Cale a boca. - Sussurrou Neve, mal movendo os lábios, cada um dos seus batimentos cardíacos era de mortificação. Não era como se Max notasse; Ele estava dando a Celia toda sua atenção, até mesmo, enquanto acariciava o pescoço

de uma das risonhas garotas estrangeiras que estavam no seu colo. - Não torne isso uma grande coisa.

- Eu disse que sinto muito. Olha, há algum aplicativo no iPhone que pode me dizer em que idioma estão falando? Perguntou Max sério. - E também preciso de um aplicativo que traduza o que eu estou dizendo na mesma linguagem, porque estou esbanjando minhas melhores jogadas aqui.

Era absolutamente venenoso, pensou Neve, enquanto Celia deixava escapar uma risada. Isto era desagradável. Superficial. Era uma humilhação que nem sequer levava em consideração a presença de uma mulher que não estava à altura dos clichês padrão da delicadeza feminina.

- Celia vou para casa agora mesmo - disse Neve com sua voz mais firme, mas Celia estava feliz com o inimigo e teclava no iPhone como se desejasse que houvesse um aplicativo para o telefone que pudesse dizer onde comprar a roupa que um de seus amigos vestia.

- Celia!

- Ok, ok, vamos - queixou-se Celia, ficando de pé. - Resta apenas meia hora antes que nos coloquem para fora daqui, então poderíamos aproveitar um pouco mais. Vejo você mais tarde, Max.

Max nem sequer se importou em responder por que estava novamente acariciando o pescoço da garota, então apenas se despediu acenando com uma mão em sua direção.

- Mas que homem tão, tão, horrível. - disse Neve quando saíram da área dos sofás.

- Era como estar novamente em Oxford e ter aqueles meninos mimados zombando de mim.

- Se servir de consolo, Max é muito mais agradável quando não está ao redor de garotas loiras seminuas.

- Bem, não acredito. - Neve suspirou e mordeu o lábio inferior. - Vou indo. Não quero perder o último metrô.

- Ok, mas poderia segurar minha bolsa um segundo, quero apenas ter mais uma dança -disse Celia, sem esperar que Neve respondesse e passando a bolsa para a irmã.

Capítulo Dois

Não foi até meia hora mais tarde, quando estavam na rua e a fria noite de janeiro lançava uma centena de adagas de gelo em seu rosto, quando Neve notou que não estava exatamente sóbria, mas tampouco bêbada. Estava em algum ponto intermediário. Em pé do lado de fora do clube, tremendo sob o casaco e preocupada em alcançar o último metrô, enquanto ela e Celia esperavam que Yuri pegasse o skate no roupeiro. Yuri nunca ia à parte alguma sem ele, apesar de que Neve nunca a tinha visto andar nele.

- Vamos, vamos à Soho House para outra festa disse Celia, entrelaçando o braço com o de Neve. - Grace vai se juntar a nós lá.

Grace era mais importante que Celia na cadeia alimentar da Skirt; Era uma garota de aparência sombria que Neve nunca viu antes, embora sempre a ajeitasse para dar um sorriso.

- Vou para casa. - disse Neve firmemente, desenroscando-se de Celia. - Já tive emoção suficiente por uma noite.

- Você mal teve um pouco de emoção. -disse Celia, fazendo uma careta. - Isto será divertido. - Excedi minha cota de diversão deste mês. - disse Neve. - Agora, antes de ir, verifique se você ou Yuri estão com as chaves, porque não quero você tocando minha companhia às três da manhã.

- Isso só aconteceu uma vez...

- Acho que quer dizer uma neste mês. Mostre-me suas chaves.

As chaves finalmente vieram à tona, depois de uma busca frenética nos bolsos da roupa e bolsa de Celia, em seguida, Yuri finalmente saiu do clube com o skate sob o braço.

Enquanto Neve insistia que não estava bêbada e que realmente já havia ido para casa sozinha utilizando o metrô muitas vezes, pôde ouvir uma comoção atrás dela. Virou para ver Max rodeado por um grupo de garotas Skirt, enquanto proclamava com tristeza:

- Bem, não tenho certeza se elas são maiores de idade, e tampouco se falam meu idioma, então tenho que me desculpar. É uma pena, estão muito boas.

Houve um coro de "*Pobre Max*" antes que Neve se voltasse para Celia e Yuri. Ele era realmente odioso.

- Não chegue muito tarde. - Ela lembrou a Celia. - Tem uma sessão de fotos amanhã cedo.

Celia fez uma careta.

- Sim, mamãe.

- De qualquer forma, qual destas damas virá para casa comigo? - Exigiu Max atrás delas. - Gracie, não acha que merece poder deslizar entre meus lençóis mais uma vez? Farei o café da manhã e te acompanharei à parada de ônibus pela manhã.

- Humm, que oferta tentadora, Max, mas me proíbi de foder com mulherengos como promessa de ano novo. - Foi azeda a resposta.

Neve revirou os olhos, depois comprovou que levava seu cartão do metrô e gás de pimenta. - Bem, bem, já estou indo. - disse energicamente.

- Celia? Garota skatista? - Ele ainda estava tentando conseguir companhia para essa noite, Neve beijou a bochecha de Celia, e girou para dirigir-se ao metrô, quando sentiu uma mão golpeando sua bunda. E o que me diz de você? - Tem muita bunda para agarrar. Eu gosto disso em uma mulher.

Neve deixou escapar um grito furioso, seus olhos piscaram rapidamente cheios de lágrimas.

- Bem, eu estou indo. - engasgou-se, enquanto Celia a olhava com horror. - Vejo você depois.

- Então, isso é um não? - Gritou Max atrás dela, enquanto Neve se apressava para atravessar para segurança que oferecia o outro lado da rua e tentava fazer desaparecer seus olhos lacrimejados. Max não era um sem vergonha. Um sem vergonha nunca trataria uma mulher tão mal. Max era, simplesmente, algo abaixo disto. Exatamente o mesmo que aqueles meninos mimados e grosseiros de Oxford, que somente notava Neve quando queriam rir às suas custas.

Ela parou por um segundo, para tomar uma profunda respiração e recuperar o controle. Ainda estava chateada quando começou a caminhar novamente, mas pelo menos Neve não se sentia a ponto de explodir em lágrimas. Nem todos os homens eram como Max, sabia que isso era um fato, e não devia deixar... Um mulherengo afetá-la, mesmo se ele tivesse atraído a atenção de todo o mundo falando do tamanho da bunda dela e praticamente a apalpou.

Apesar de ser uma noite muito fria, Neve estava rodeada de uma multidão de pessoas que fumavam do lado de fora dos bares e clubes. Era bem depois da meia-noite e desejou se aconchegar na cama, debaixo dos cobertores, com uma xícara de chá. Só o pensamento fez com que Neve apressasse o passo, especialmente quando notou que alguém estava a uns passos atrás dela. Estava tentando reunir a coragem para dizer:

- Não, não quero dividir um táxi, muito obrigada. - quando se deu conta de que era Max.

- Deus, você anda rápido. - disse alegremente. - Estava tentando te alcançar desde que você cruzou a rua.

- Não era necessário me seguir. - disse Neve, parando com as mãos nos quadris e olhando-o fixamente.

Sob o brilho dos faróis e o resplendor das luzes de néon, Neve podia ver que o cabelo dele não estava sujo, mas era de um sedoso castanho escuro e a pele tinha uma cor oliva, que certamente se bronzeava com somente sair um pouco no sol. O que não era o importante agora. Não importava quão atraente ele era quando tinha uma alma tão feia.

Max estendeu as mãos.

- Olha, desculpe por ter te dado um tapinha. Foi imperdoável e isso me fez lembrar que algumas mulheres não têm uma atitude tão liberal ao ser tocadas de maneiras inapropriada, como a maioria das garotas do escritório fazem.

Era um pobre argumento para um pedido de desculpas.

- Você disse... Você disse...

- Para ser honesto, não falei sério quando disse que você tinha muita bunda para pegar, foi apenas uma brincadeira. Realmente não queria te ofender. - Max pareceu sincero e a olhou com o cenho franzido.

-Bem. - disse Neve, embora fosse um "*Bem*" do tipo zangado. - Desculpas aceita, supponho.

Começou a caminhar outra vez. Max o fez também. Caminhou a seu lado como se fossem amigos.

- Então, para onde vai?

- Vou para o metrô. - disse Neve, porque ela não tinha coragem para ignorá-lo deliberadamente.

- Onde você mora? Perguntou ele, casualmente.

Se por alguma estranha reviravolta do destino Max tivesse decidido passar a noite com ela, então ele ia ter uma grande decepção.

- Finsburk Park. - disse Neve sucintamente.

- Vou nessa direção também. Moro em Crouch End. Quer dividir um táxi preto?

Os táxis pretos eram uma extravagância que Neve não podia pagar, não é como se não tivesse dinheiro para pagar, mas essa não foi a razão pela qual não aceitou.

- Não, obrigada. Estou perfeitamente bem indo de metrô.

- Ok, então será metrô. Concordou Max, porque ele, obviamente, identificou o tom seco e pôde sentir a falta de paciência que Neve certamente estava emitindo.

- Ainda está chateada comigo, não é?

- Você já pediu desculpas, então porque ainda estaria chateada com você?

- Um dia nós vamos rir disto. Quando o pequeno Tommy perguntar como nos conhecemos, eu direi: "Bem, filho, joguei um cubo de gelo na sua mãe, bati na bunda dela, e ficamos inseparáveis depois disso".

Neve pôde sentir sua boca fazendo algo muito estranho. Ela sentiu que estava sorrindo, e quando Max devolveu o sorriso, pôde entender por que as garotas da Skirt o perdoavam por ser tão terrivelmente bonito. Foi o sugestivo sorriso junto com o olhar lascivo para Neve, que a fez sentir como se ela fosse sensual, desejável e valiosa. De fato, foi um sorriso tão contagioso que Neve não teve força para resistir ao seu potente encanto.

- Vamos, então disse, não quero perder o último metrô.

Estar caminhando entre as ruas movimentadas, significava que não tinham que falar, e logo entraram no agradável calor da estação. Neve sempre descia pela escada rolante, por isso o fez sem pensar, então nem sequer virou para ver que continuava sem se mover. O estrondoso barulho de um músico de rua tocando "Hey Jude" era cada vez mais forte, até que ela saiu das escadas. Max estava justo atrás dela, sem sequer tocá-la, mas o suficientemente perto para lembrá-la de qual linha deveriam se dirigir quando ela se confundiu.

- Está cheio de gente. - queixou-se Neve enquanto caminhavam na multidão da plataforma. -E está tão ruim quanto à hora de pico.

Max a puxou pelo cotovelo.

- Vamos até o final, há mais chances de encontrar um assento.

Enquanto chegavam ao final da plataforma, o metrô sinalizou entrando na estação. Max tinha razão: Ali havia muitos assentos vazios. Neve se deixou cair em um e tirou seu gorro de lã.

Nunca se deve viajar no primeiro e último vagão. - disse - se acontecesse um acidente, levaríamos toda a força de impacto.

-Bem, estou disposto a correr o risco, se isso significar que consigo um assento. - disse Max, sentando do lado dela e estirando as longas pernas. Deu a Neve um olhar de soslaio com aqueles olhos com longas pestanas. - Então, aqui estamos.

- Não queria ir para Soho House com os outros?

- Tinha que sair mais cedo esta noite. - disse Max com um sorriso que definitivamente beirava o atrevido neste momento. - Normalmente sou o último a ir, mas tenho uma reunião em Wolseley com meu agente. O homem é um sádico, sempre me obriga a sair da cama quase de madrugada.

- Sei o que quer dizer. - disse Neve com compreensão. Não tinha cafés da

manhã de trabalho com agentes, nos restaurantes mais elegantes de Londres, mas cinco dias por semana seu alarme tocava insistentemente às seis. Olhou para o relógio com aborrecimento. - Tenho que acordar em cinco horas e meia.

- Não há muita lógica em ir para cama, não é? - Max mudou de posição para que seu braço e perna pressionassem contra Neve. - Tenho certeza de que encontraremos algo para passar o tempo.

Ele disse suavemente e com um sorriso tão descarado que Neve não levou a mal. Em vez disso, ela sorriu, com a certeza de que havia muita lógica em ir para cama apenas para dormir profundamente durante cinco horas.

- Então, por que você tem um agente? - Perguntou, tentando mudar de tema.
- Todos os Editores de Conteúdo têm um?

- Só aqueles que escrevem romances famosos. - revelou Max com um pouco de aborrecimento, como se não pudesse acreditar que Neve precisasse de mais informação. - Bom, tecnicamente sou um escritor fantasma, mas entre você e eu, Mandy não é uma Íris Murdoch⁽²⁾ por sofrer insônia.

- Bem, Íris Murdoch está morta há vários anos. - murmurou Neve. No entanto, Max parou de olhá-la com expectativa, como se seus romances merecessem mais reação. -Desculpe, quem é Mandy?

Max deixou sua posição relaxada e se sentou reto.

- Mandy. - repetiu com impaciência.

- Não posso reconhecer o nome. - disse Neve. - É uma daquelas pessoas muito famosas que não precisam usar sobrenome?

Ele bufou com desdém.

- Sim, claro. Mandy McIntyre. É apenas a escritora WAG ⁽³⁾mais famosa da Grã-Bretanha.

-Hmm... Deixe-me pensar mais um pouco. - pediu Neve. - Sempre me esqueço o que significa, mas lembro que é algo que não faz sentido.

- Não sabe o que é WAG, não é? - Perguntou Max, com descrença. - O grupo de namoradas e esposas de jogadores de futebol.

- Oh! Vê, essa é a parte que não tem sentido. Se é um grupo de namoradas e esposas de jogadores de futebol porque não é FWAG⁽⁴⁾? - É difícil de entender. - Neve pensou para si mesma as abreviações, enquanto Max a olhava fixamente. - Não, para mim continua sem ter sentido. De qualquer forma, nunca ouvi sobre essa autora, mas não vejo muita televisão. Escreve romances, não é? Ou você escreve por ela?

Neve estava tentando não parecer muito desaprovadora ao saber que alguma namorada de jogador de futebol pudesse ter um contrato por um livro, enquanto ela conhece ao menos três aspirantes a romancistas provenientes de boas

universidades, que trabalham com um salário mínimo e nem sequer conseguiriam um conto publicado. Supôs que conseguiu conter sua indignação enquanto os cantos da boca de Max se curvavam.

- Bom, Mandy e eu trabalhamos em conjunto. - disse. - Entrevistei-a para a Skirt e combinamos, então ela me perguntou se eu poderia ser o escritor fantasma das suas memórias.

- OH, deve ser muito velha se já terá suas memórias publicadas.

- Tem vinte e dois - disse Max. Então, depois da autobiografia de Mandy, escreveremos um Guia de Estilo e agora estou trabalhando em seu quarto romance.

- Mas pensei que você tivesse dito que trabalham em conjunto - tudo isto era muito confuso, especialmente quando ela tinha tomado muitas taças de vinho.

- O editor pensou que seria uma boa ideia a imagem de uma garota jovem que trabalhava em um supermercado quando saiu com um jogador de futebol, logo Mandy e eu tivemos uma chuva de ideias de alguns cenários, eu o aperfeiçoei e três romances mais tarde, nós vendemos um milhão de livros. A série foi traduzida em vinte e três idiomas e estamos conversando com uma produtora disse Max orgulhosamente. - Você deveria ler algum. Cada mulher que conheço está secretamente apaixonada por eles.

- Olhe, eu não leio esse tipo de livro. - disse Neve, e imediatamente notou quão presunçosa pareceu, o sorriso de Max foi um bom indicador. Francamente tentou se retratar. - No entanto, parece muito injusto, quero dizer, você faz todo o trabalho e ela fica com todo crédito e regalias.

- Não todas as regalias. - objetou Max. Ele negou com a cabeça. - Por que não sabe quem é ela? Você vive debaixo de uma grande rocha?

- A verdade é que não estou muito interessada em celebridades. - explicou Neve cuidadosamente. - Tudo isso me parece superficial, e de qualquer maneira, já tenho muito que ler em meu trabalho, então...

- Qual é o seu trabalho? exigiu, beligerantemente, Max. - Suponho que é algo completamente digno e pouco superficial, como encontrar a cura do câncer ou acabar com a fome mundial.

Não havia dito que ele era superficial, assim Max não tinha por que ser tão insolente.

Trabalho em um arquivo literário, informou Neve com frieza.

Sou uma arquivista de alto nível.

- O quê? Como uma bibliotecária ou algo do tipo?

- Não é nem um pouco parecido com uma bibliotecária, espetou Neve. - E

proteger trabalhos literários para as futuras gerações é um trabalho muito valioso e gratificante.

- Se você diz. - disse Max com desdém. - Parece um pouco aborrecido para mim.

Neve guardou o comentário sobre o que pensava das formas de paquera dele e de seguiu-a até a estação de metrô.

Assim que o metrô parou, esteve fora do seu assento e atravessando as portas antes que terminassem de abrir. Em seguida, caminhou cambaleando pelas escadas com sapatos que eram oficialmente um instrumento de tortura, e então correria pelo longo corredor que a levaria até a rua, se não tivesse presa por um homem com maleta que impedia seu passo.

Não passou muito tempo antes que Max a alcançasse, apesar de que Neve não podia imaginar por que a seguia. Se as posições estivessem invertidas, esconderia-se na plataforma por alguns minutos, até ter certeza de que ele havia ido embora.

- Isto será o que sempre faremos na nossa relação? - ele perguntou, enquanto passava o leitor de cartões do primeiro metrô. - Digo algo medianamente polêmico, você se incomoda e, em seguida, tenho que correr atrás de você para poder me desculpar?

Não temos uma relação. - Recordou Neve. Ela não deveria se sentir bem, não deveria sorrir e nem se deixar influenciar pelo irresistível charme de Max, mas que Deus a ajudasse, ela sorriu. - Certo. Você deve se desculpar. Novamente. Aquele não é o seu ônibus?

Ambos viram a linha W7 dobrar na esquina.

- Claro, mas em vez de me desculpar, por que não nos beijamos? - sugeriu Max sorrateiramente.

Estavam de pé em frente ao mapa do metrô de Londres, suas mãos protegidas em seus respectivos bolsos. Neve olhou para Max, para ver se estava brincando, porque, francamente, tinha que estar brincando. Homens como Max que tinham glamorosos trabalhos e se rodeavam de garotas WAG não beijavam mulheres como ela.

- Você quer me beijar? - ela perguntou com voz trêmula.

- Bem, seria um bom final para quando eu contar ao pequeno Tommy a história de como nos conhecemos. - disse Max, e Neve não estava sorrindo, estava gargalhando, apesar de que por regra geral ela não fazia isso. - A pergunta é: - Posso te beijar aqui ou em frente da sua porta, depois de te acompanhar até em casa, justo antes que me convide para um café?

Neve franziu o cenho. Toda esta situação escapava de suas mãos. Estava começando a cair no jogo dele de paquera e agora Max tinha se deslocado para

trás dela para beijá-la e...

Um café? - Realmente estamos fazendo isto? - Max parecia exasperado. - Não é por um café. É por isto. As mãos dele estavam fora dos bolsos e em torno da cintura dela antes que Neve tivesse tempo de piscar ou de acalmar seu estômago. A única coisa que podia fazer era olhar para o rosto de Max se aproximando cada vez mais. O beijo era inevitável, mas ela ainda estava pensando, quando Max roçou os lábios com os dela.

Neve não se afastou e tampouco se moveu para mais perto, apenas ficou absolutamente quieta, para ver até onde isso os levaria.

- Adoro esse seu batom vermelho. - murmurou Max, como se estivessem sozinhos no seu apartamento e não do lado de fora da estação de metrô com o vento assobiando em torno deles e os contêineres de lixo do lado. - É tão sexy.

Neve sabia que era apenas uma frase para entrar em sua calcinha, desejou que ele não falasse assim, infelizmente. Abriu a deliberadamente o limpou.

- Porque você fez isso? - Neve tocou os lábios com os dedos, os quais formigavam como se ele os tivesse beijado por horas.

Abriu a boca para dizer alguma coisa, para dizer a Max que o batom vermelho era apenas propaganda enganosa, que Celia a havia obrigado, mas suas palavras se perderam quando Max levantou o polegar para sua boca e lentamente.

- Porque quero te beijar novamente e vermelho não é minha cor. Normalmente me inclino até cores rosadas. - disse Max, e Neve se perguntou com quantas garotas ele havia praticado essa jogada para conseguir que as palavras corretas saíssem com naturalidade. Ele, sem dúvida, beijou muitas mulheres, realmente sabia que estava fazendo, então, por que não tomá-lo como uma experiência educativa?

- Bem, adiante então. - disse com o que esperava que fosse um tom desafiante. - Beije-me se quiser.

Desta vez Neve estava preparada, afastando a cabeça para trás enquanto Max pegava sua bochecha e a beijava lentamente. Só lábios sobre lábios, nada mais que fricção, mas isso enviou um milhão de faíscas disparadas desde os braços até suas pernas, então Neve flexionou os dedos e tentou curvar os dedos do pé em seus apertados sapatos. Este era seu terceiro beijo. A primeira vez tinha sido uma horrorosa colisão com a língua de seu primo distante, em um casamento que ela estava bêbada e, a segunda, tinha sido com um estudante de Filosofia, que pôde ou não ter tomado sua virgindade, e isso foi porque ela consumiu um montão de panquecas, das quais descobriu mais tarde terem sido misturadas com maconha. Essas vezes mal contavam, então considerava que este era o seu primeiro beijo, o tipo de beijo que ela sozinha tinha lido às escondidas nos livros da biblioteca da sua avó.

Neve fez o que recordou que as heroínas faziam e levou os braços ao redor

do pescoço de Max soltando um pequeno suspiro extasiado enquanto o beijo se tornava mais profundo, mais quente, e só pararam quando alguém do outro lado da rua gritou:

Arrumem um quarto!

Seu gorro caiu com toda a excitação. Max se abaixou para resgatá-lo enquanto Neve tentava acalmar sua respiração. Realmente ela deveria ter mais controle da situação.

- Então, o que você acha? - Perguntou Max colocando o gorro na cabeça de Neve novamente, puxando-o sobre os olhos dela e sorrindo quando ela franziu o cenho e o ajeitou. - Pegaremos o ônibus para sua casa ou para a minha?

Neve nunca tinha sido boa em tomar decisões rápidas. Até mesmo escolher um DVD na Blockbuster poderia ser toda uma experiência e ela precisava ao menos de uma semana para pensar nesta pergunta, mas Max estava batendo o pé com impaciência.

- Bem, eu... Eu não... Acho que você já perdeu seu último ônibus. - gaguejou, olhando fixamente o botão do casaco de lã de Max, porque perderia o controle se o olhasse no rosto. Ela daria um café para ele, passariam meia hora dando esses apaixonados beijos e então o jogaria de casa. - Suponho que está tudo bem.

Max assentiu.

- Ótimo. Ele parou. - Bem, acho que você sequer me disse seu nome.

Capítulo Três

O Parque Finsbury era uma área de Londres que se supunha ser apenas um pedacinho do passado, mas, ainda assim, não poderia ser apenas isso. Se você virasse para a direita quando saísse da estação de metrô e caminhasse debaixo da ponte, tudo era um labirinto sem alma de escritórios de mini-táxis, quiosques de fast food e grupos de gangues vestidos com jaquetas e capuz.

Mas Neve sempre caminhava para a esquerda e passava os pequenos supermercados com mesas exibindo frutas exóticas e vegetais, o cabeleireiro afro-caribenho que mostrava pela janela cabeças de manequins com diferentes perucas, o peixeiro e o caminho para Old Dairy, que agora era um pub gastronômico. Quando os pais de Neve haviam se casado e mudado para uma casinha a poucas ruas de distância do pub de sua avó em Stroud Green Rode, a área era uma imunda coleção de lojas de apostas ilegais e varandas em ruínas, convertidas em pequenos apartamentos; o típico lugar onde não se podia ficar fora até mais tarde. No entanto, nos últimos dez anos, as ruas de sólidas casas Vitorianas e com varandas, o grande parque e a rota de dez minutos para o Circo de Oxford, converteram-se em classe média.

Neve não podia se imaginar vivendo em nenhum outro lugar. Esteve em Oxford durante três anos, mas os encantadores capitéis, igrejas medievais e as jangadas flutuando no rio, careciam completamente da poesia da confusão das multidões caminhando fora da estação quando o Arsenal jogava em casa ou quando o sol caía em sombras salpicadas sobre o caminho de Parkland. Além disso, quem iria querer viver em um lugar onde não pudesse conseguir uma lata de refrigerante e um saco de batata frita após a meia-noite. A dois minutos de abrir a porta da frente?

Não obstante, era a primeira vez que Neve caminhava por estas ruas, tão familiares, com um homem que não era membro da sua família, nem gay. Neve não tinha certeza de qual seria o tema de conversa adequado para um praticamente estranho que levava até o seu apartamento para dar beijos e provavelmente algumas das outras coisas que vinham junto com os beijos. No entanto, Max logo começou a falar sobre a prostituta que podia ser completamente visível debaixo da ponte, oscilando pelos trilhos com uma garrafa de cidra, e sobre:

- Alguma vez você esteve nessa loja de caridade? Cheira as entranhas do inferno.

Muito cedo chegaram a seu portão. Max parou durante um momento como se quisesse dar a oportunidade de se arrepender, mas Neve simplesmente abriu o portão e se apressou pelo caminho até a casa que uma vez tinha sido da sua avó. Quando tinha morrido, seu filho, o pai de Neve, tinha transformado a propriedade em três andares e os dividiu entre seus três filhos. Celia ainda estava

chateada por ter estado em Nova Iorque quando a conversa foi finalizada e ela teve que ficar com o térreo.

Atualmente, Celia estava poluindo o fígado em algum lugar do Soho e a casa se encontrava escura e em silêncio, mas Neve não acendeu a luz do corredor e, assim que Max entrou pela porta, tropeçou com sua bicicleta, que estava apoiada contra a parede.

O coração de Neve pulou. Olhou freneticamente para cima, esperando que a luz do andar superior acendesse e uma voz estridente começasse a gritar. Quando nada ocorreu, exceto por Max amaldiçoando em voz baixa, ela relaxou com alívio.

- Hum, você poderia tirar o sapato? - Murmurou.

- Por quê? - Perguntou Max, com voz normal que parecia o suficientemente alto para despertar mortos.

- Você deve manter a voz baixa. - vaiou Neve. - Meu irmão e minha cunhada são os donos do primeiro andar e ela é... Uma cadela má e psicopata... Muito sensível ao som. Por favor, Max.

Estava muito escuro para ver qualquer coisa, mas Neve tinha certeza de que poderia ouvir como Max revirou os olhos com grande força.

- Tudo bem. - disse em um sussurro falso, tirando seu Converse.

Subiram às escadas, Neve sustentou o fôlego até que estiveram longe do primeiro andar e ela pôde exalar muito silenciosamente. Com cuidado introduziu a chave na porta quando chegaram até o seu apartamento.

- Isto me lembra de quando era adolescente e as garotas me colocavam às escondidas em suas casas enquanto seus pais dormiam acima - murmurou Max enquanto Neve o calava freneticamente e o empurrava pela porta.

- Desculpe por isso. - murmurou, acendendo a luz do cômodo. Começou a desabotoar seu casaco e congelou porque agora em sua sala, com Max em torno, a realidade começava a vir à tona. Ela tinha um homem em seu apartamento, que tinha vindo para casa com ela com o simples propósito de pôr as mãos em seu corpo, e subitamente, tirar o casaco parecia a mesma coisa que ficar nua. E embora não havia maneira de ela ter sexo com Max, ainda havia o toque, e com a forma em que o tinha beijado do lado de fora da estação de metrô, Max esperava... Deus, não sabia o que ele esperava, e de algum jeito isso era o mais assustador de tudo.

Neve não sabia o que fazer com as mãos além de simplesmente deixá-las ao acaso sem fazer mais nada, enquanto Max desfazia o nó do cachecol dele e tirava o casaco.

- Devo pendurá-los aqui? - perguntou, apontando para os ganchos na parede.

- Sim. - Neve fez um lento giro como se nunca tivesse estado em seu apartamento e tentasse reconhecer os arredores. - A sala de estar é por aqui.

Imaginou que podia sentir o fôlego de Max atrás do pescoço enquanto entrava na sala e acendia um par de abajures; o único modo dela superar isto era com um pouco de sua dignidade ainda intacta, era se diminuísse a luz.

Max sentou no lugar do sofá que Neve apontou e olhou ao redor com interesse. A sala originalmente tinha sido dois cômodos, agora era apenas um com duas paredes gigantes e prateleiras do chão até o teto. Nem Douglas nem Celia quiseram os móveis antigos de sua avó, então Neve tinha reivindicado o sofá de couro Chesterfield e duas poltronas de veludo vermelho. No canto mais afastado do lugar se encontrava a mesa, bem em frente à janela, para que pudesse olhar para os trilhos e o bosque. E então haviam os livros, não somente nas prateleiras, mas também empilhados sobre a mesa e desordenados sobre o piso de madeira, piso esse que seu pai tinha insistido para que ela limpasse e envernizasse, e até mesmo os livros lutavam por espaço contra a coleção de Clarice Cliff⁽⁵⁾ no suporte da lareira. O computador, a televisão e a base do Ipod pareciam como se fossem importados de outro universo.

Max simplesmente assentiu e sorriu. Era como uma espécie de sorriso secreto, como se não estivesse satisfeito com o lugar, mas com algo mais que não queria compartilhar.

- Não entendo como sua cunhada pode ficar tão louca pelo completamente razoável som de alguém subindo as escadas quando mora perto dos trilhos de um trem. - comentou Max. Frequentemente, Neve se perguntava o mesmo.

- Aparentemente minhas pisadas são bastante fortes. - confessou, mas Max riu com o pensamento de Neve subindo e descendo as escadas "*como um rebanho de fodidos elefantes*" fosse completamente ridículo. Embora, nesse momento, ainda vestindo seu casaco, calcinhas, meias e estando no seu próprio apartamento, Neve se sentia mais desconfortável do que havia se sentido em meses.

- Tem algo para beber? - perguntou Max, acomodando-se novamente no sofá. - E você vai tirar o casaco?

Neve ainda estava no meio da sala, em seu tapete de felpa art deco imitação da IKEA⁽⁶⁾. Sim, desculpe, sim. Vinho. Acho que somente tenho branco. Exceto que há um pouco do tinto, mas é bem ruim. É daqueles usados para cozinhar...

- O branco está bom assegurou Max. - É claro que não há necessidade de você ficar tão assustada. Eu não mordo.

Pelo menos ele não havia acrescentado "*a menos que você queira*", pensou Neve ao tirar o casaco e olhar para seu reflexo no espelho do corredor. Tinha um grave caso de cabeça em forma de chapéu, seu cabelo era uma massa de frizz, e suas bochechas coradas combinavam perfeitamente com seu batom manchado, mas seu rosto estava bem, era o resto que a preocupava.

Neve levantou a saia e subiu sua meia tão alto que quase tocaram a borda do seu sutiã, em seguida, ajeitou novamente o vestido e se avaliou. De perfil sua cintura parecia muito pequena, mas somente devido à ampla dilatação dos quadris e, mesmo com a melhor cinta que a Marks & Sparks podia oferecer, seu estômago ainda sobressaía. O pescoço em forma de coração do seu apertado clássico vestido preto não mostrava muito decote, o que era muito bom, e as mangas apertadas mantinham seus antebraços em ordem.

Neve olhou para os pés envolvidos em meias, a barra do seu vestido agradavelmente cobria as pernas até a metade. Sim, completamente vestida parecia aceitável, então simplesmente deveria ficar completamente vestida, mas as meias deveriam sair, decidiu Neve, enquanto elas deslizavam lentamente pela milionésima vez essa tarde.

Com a porta da cozinha fechada completamente atrás dela, Neve tirou as meias e guardou no cesto vazio para lidar com elas mais tarde. Havia uma garrafa de Pinot Grigio fechada na geladeira e Neve serviu uma taça, tomou, em seguida colocando a garrafa debaixo do braço, voltou para a sala onde Max estava sentado no sofá como se todas as noites terminasse na sala de estar de alguma garota estranha. Provavelmente, ele realmente fazia.

- Espero que você não queira queijo e bolacha. - disse Neve, duvidosamente, pondo o vinho e as taças na mesinha na frente dele. - porque não tenho. No entanto, tenho algumas bolachas de aveia.

- Apenas o vinho está bom - disse Max facilmente, olhando atentamente enquanto Neve se sentava do outro lado do sofá, dobrando as pernas debaixo dela ao pegar uma almofada para esconder sua barriga. - Sirvo?

- Sim, por favor.

Pôde relaxar uma vez que seus dedos se curvaram ao redor da taça, e com sua outra mão agarrada à almofada como se fosse uma mãe que tinha jurado proteger o filho. Estava se sentindo um pouco confusa e tudo na sala, exceto Max, parecia estar impreciso, como se alguém tivesse manchado seus olhos com Vaselina.

Max bebeu um gole do vinho e Neve esperou que ele fizesse um movimento. Tinha pensado que iriam direto para o beijo, não que ficassem neste incômodo silêncio, enquanto ela queimava os neurônios procurando algo para dizer. Não era como se Max parecesse doente de tranquilidade, lentamente pegava sua taça e olhava para as cheias prateleiras com uma expressão um pouco divertida no rosto. Em seguida, olhou para Neve, bem a tempo de ver o olhar ansioso que ela estava dando.

- Então você e Celia são irmãs? - Perguntou Max de repente. - Não se parecem em nada.

Era a coisa mais previsível que alguém dizia sobre as irmãs Slater. E até mesmo depois de todo este tempo, ainda doía.

- Sim, bem...

- Porque ela sempre está falando das raízes Celtas e você não parece nada Irlandesa. - continuou Max, sem parecer nem um pouco desconfortável com a séria expressão de Neve, Você é mais como uma rosa Inglesa.

- Eu puxei a parte Yorkshire da família explicou Neve, forçando seus músculos rígidos a relaxarem a tensão, Vai ficar tudo bem.

Max parecia estar liderando a conversa e, certamente, logo depois da conversa, os beijos seriam a segunda coisa na agenda.

- Celia é a imagem da nossa avó Irlandesa. Tinha um forte punho direito.

- Como você sabe que o punho direito dela era forte? - Quis saber Max, - Não o usou em você, não é?

- Mas é claro que não. - disse Neve, embora sua avó Annie nunca tivesse sido capaz de resistir cravar as bochechas dela o suficientemente forte para deixar hematomas. - Ela era proprietária do pub mais barra pesada de Stroud Green Rode e sempre a encontrava no meio das brigas, jogando as pessoas e dizendo que não eram bem-vindos pelo resto da vida.

- E você não ficou tentada a seguir o negócio da família?

Neve sacudiu a cabeça.

- Não. Bato como uma garota e o cheiro de cerveja me deixa um pouco enjoada.

- Você e Celia: não são nada parecidas. - murmurou Max novamente. Provavelmente Celia seria mais o tipo dele. Talvez Celia e Max já houvessem... Não! Celia definitivamente haveria dito algo. Sempre compartilhava muito sobre suas escapadas sexuais, inclusive quando Neve tampava os ouvidos com as mãos durante todo o tempo. Mas sim, Celia fazia mais o tipo de Max...

- Temos muito em comum. - Insistiu Neve. - De fato, eu ensinei a Celia tudo o que sabe. - O qual era a única razão pela que Celia pôde tirar seu diploma de Inglês. - Além das coisas relacionadas com moda.

- Sério? - perguntou Max com um sensual ronrono que não estava ali antes. - Por que você não se aproxima um pouco mais?

- Vai me beijar novamente? - Provavelmente não era a coisa mais sexy para perguntar, mas Neve queria ter certeza de que Max estava na mesma página que ela. A página onde havia beijos apaixonados e onde seus pesados seios se esmagavam contra um masculino peito e...

- Definitivamente pensei nisso. - concordou Max. Deu tapinhas no joelho em convite.

- Bem, venha aqui então.

Sentar-se nas pernas de Max não era muito viável, mas Neve se apoiou nos joelhos para poder se aproximar pelo sofá até lentamente ficar do lado dele. Não era muito confortável, mas, com um pouco de jeito e um cotovelo nas costelas de Max, o que o fez gemer surpreso, Neve pôde esmagar seus lábios contra os dele.

Os primeiros segundos do beijo foram cheios de língua e dentes, com Neve atacando a boca de Max com muito entusiasmo e nada de delicadeza. Mas logo Max se separou, reintegrou-se e mostrou como fazer lentamente para que cada beijo fosse como morder o mais escuro e luxuoso chocolate e parando para saboreá-lo. Neve se sentia cada vez mais tonta, não devido ao álcool, mas sim de estar embriagada de beijos e de sentir os dedos de Max passeando pelo cabelo dela, e logo baixando para acariciar o pescoço. Quando a mão dele segurou seu seio, Neve gemeu com aprovação e apoiou a mão contra o peito de Max para que assim pudesse sentir as batidas do coração dele. Seria perfeito se não fosse pela dor em seu pescoço.

Neve se levantou de joelhos, descansando uma mão no respaldo do sofá enquanto recuperava o fôlego, não se importava que sua barriga aparecesse ou se Max ainda acariciava seu seio como se fosse a coisa que mais gostasse no mundo. Somente queria ficar no sofá, beijando-o para sempre.

- Então, este seu apartamento tem um quarto? - Max arrastou as palavras, e Neve nunca tinha feito a ninguém arrastar palavras antes.

Ela tinha planejado continuar com este experimento de beijos no controlado ambiente da sua sala, mas se esfregar furiosamente em um sofá era coisa de adolescente. Max já pensava que Neve era farinha do mesmo saco de Celia, e provavelmente era porque no espaço de uma tarde tinha obtido uma pequena paquera e peritos beijos. Agora era o momento de possivelmente beijarem-se em um quarto, com uma cama nele. Até mesmo poderia deixar Max deslizar as mãos pelo corpo dela, decidiu Neve imprudentemente. Improvisou, logo depois de tomar o que tinha ficado em sua taça de vinho.

- Por aqui, disse. - tentando se levantar com graça do sofá e escutando como seu vestido rasgava no processo, encolheu-se internamente e esticou a mão para levantar Max. Ele apertou um pouco seus dedos em um gesto estranhamente reconfortante enquanto Neve o tirava da sala, subindo uma pequena escada, passou pelo banheiro e logo outra pequena escada para o sótão que era o seu quarto.

Capítulo Quatro

Neve soltou a mão de Max para poder apagar o antigo abajur do canto, em seguida sentiu os braços dele envolvê-la enquanto beijava a parte de trás do pescoço, com suas mãos acariciando a falsa seda deslizante do seu vestido. Rapidamente tentou ajeitar sua barriga, embora Max não parecesse se importar que ela tivesse um pouco de barriga.

- Nunca pensei que você tivesse um quarto tão bagunçado. - sussurrou no ouvido.

- Não esperava visita. - Neve fechou os olhos ao inclinar-se para o peito de Max para assim não ter que ver o desastre que Celia e

Yuri faziam quando a ajudavam a escolher uma roupa de festa. Havia tirado praticamente cada peça de roupa do closet e gavetas de Neve, em seguida haviam jogado na cama, sua clássica cômoda de 1950 e seu par de cadeiras de vime Lloyd Loom não ajudava que quase 95 por cento da sua roupa tinham uma paleta de cor tão extrema que havia um montão de peças pretas danificando o bonito rosa e branco do seu quarto, como se de repente os convidados de um funeral tivessem feito um strip-tease.

Com Max ainda envolvido ao seu redor, Neve o arrastou até a cama a única coisa que tinha comprado nova, já que tinha querido uma apropriada cama de garota com uma estrutura de marfim com desenhos que pudesse combinar com linóleo florido.

Apenas as jogarei no chão disse. - levantando uma pilha de saias e as lançando nas brancas tábuas de madeira do piso, embora normalmente as acomodaria em seu devido lugar.

- Mas é claro que você faria isso. - disse Max, como se não acreditasse nela. - Faria sim!

- Certo, você tira tudo isso da cama e eu tiro esse vestido de você disse Max brincando, levantando seu cabelo para poder lidar com a pressão do zíper.

- Não, não faça isso. - pulou Neve, virando rapidamente para poder rodear o pescoço de Max com os braços, Você ainda não me beijou por pelo menos cinco minutos.

- Desculpe por isso. - Seus lábios estiveram nos dela mesmo antes de poder terminar a frase, enquanto a levava para a cama e deitava em cima dela.

Era mil vezes melhor que beijar no sofá não era apenas a cabeça de Neve apoiada no travesseiro de plumas, a não ser o peso de Max sobre ela e o lento movimento que fazia, que estava excitando-a mais do que Neve tinha esperado. Também significava que tudo o que ele podia ver era seu rosto corado, assim, até

mesmo quando a barra do seu vestido ficou presa no meio deles e ele começou a rascar um caminho por entre suas pernas, não havia nada para ficar exaltada. Tocar não era o mesmo que olhar e, de qualquer maneira, tinha depilado as pernas mais cedo, mesmo quando Celia havia insistido que uma das maneiras de garantir que não conseguiria um cara é se fizesse exatamente isso antes de sair. O qual apenas mostrava o pouco que sabia.

- Você é tão bonita. - murmurou Max contra sua pele ao beijar um caminho pelo decote do seu vestido. - Deveríamos nos despir um pouco mais.

Ele afastou-se para que ela pudesse começar a desabotoar sua camisa e a olhou com expectativa. Neve se apoiou em seus cotovelos porque deitar-se completamente na cama não era muito favorecedor. O quarto estava um pouco iluminado, mas não o suficiente para que Max pudesse ver tudo dela tão claramente como ela podia ver cada parte do tórax dele, emergindo lentamente das fronteiras do algodão. O tórax não era somente bom para se apoiar, era bom de ver também. Não especialmente peludo, apenas o suficiente largo e tonificado que não pôde evitar tocar um de seus peitorais com dedo tremente. Não havia muito para dar. Neve esticou os dedos e rodeou um de seus mamilos com o polegar; era menor, mais plano e escuro que o dela, e logo com ambas as mãos acariciou tudo o que pôde do peito dele. Porque Max queria que ela fizesse e não estaria sorrindo e puxando os braços da camisa se quisesse que ela parasse.

Afundou os dedos em suas clavículas e os deslizou para baixo, sobre seu abdômen, em seguida parou quando alcançou seu gasto cinto de couro. Quando inclinava seus olhos podia ver o contorno de sua ereção, ela o tinha feito ficar duro. Era um conceito que Neve nem sequer podia começar a processar.

Certo, mostrarei o meu, agora me mostre o seu. - sorriu Max enquanto soltava a fivela do cinto. Havia uma parte de Neve que lentamente se revolia em seus lençóis Cath Kidston, até mesmo ela sentia como se devesse estar correndo em torno do quarto, com suas pernas e braços revoando loucamente, enquanto emitia um grave som de terror.

Neve sabia que era seu direito dizer não, em qualquer momento, de qualquer atividade sexual. Sabia disso, mas quando estava deitada em sua cama enquanto um sexy, glamoroso e experiente homem, que tinha convidado para o seu apartamento com a vaga promessa de café, lentamente desabotoava sua braguiilha, sentia-se como se o "não" fosse incorreto.

Se dissesse que não, ia parecer boba, puritana e um fenômeno, que nem sequer tinha certeza se era virgem ou não. Além disso, a virgindade não era grande coisa. Celia e Chloe haviam perdido a virgindade quando tinham dezesseis anos, ela tinha vinte e cinco e devia ter feito isso há anos e, embora ter um encontro sexual sem compromissos não estivesse em sua lista de coisas para fazer, ao menos poderia deixar de se preocupar com isso e...

- Olha, não tenho um grande corpo. - soltou Neve. - não sou magra, não estou tonificada e nada do tipo.

Max bufou.

- Conheço ao menos dez mulheres que matariam por curvas como as suas. Ele deu um tapinha no joelho dela e deixou a mão descansando ali para poder rascar padrões na pele de Neve com a ponta dos dedos, enquanto com a outra mão levantava a barra do vestido.

Neve trincou os dentes para se manter calma. Isto não seria fácil, mas havia se convencido a fazer isto e não tinha que voltar a ver Max, especialmente se promettesse solenemente não ir a outra festa da Skirt.

- Vamos, Neve. - disse Max brandamente. - Se não fosse sexy, então por que eu estaria tão duro? Venha, sinta...

Sua mão tinha permanecido do lado, mas Max a pegou e colocou sobre sua dura ereção. Podia senti-la dar espasmos e quando, tentativamente, curvou os dedos ao redor de sua longitude, deu um pequeno salto.

- Eu fiz isso. - disse incrédula.

- Sim, você fez - disse Max, sua outra mão subiu pela perna dela e afastou o vestido - E aí foi quando Neve viu a borda da sua lingerie.

Estava usando lingerie por baixo do vestido! Estava salva porque facilmente podia fazer controle de danos em seus braços cansados, e ter sexo com sua lingerie posta, era sexy nos textos femme fatale, segundo os filmes.

Neve alcançou seu zíper e lentamente deslizou enquanto Max começava a desabotoar a calça, assim havia uma sinfonia de sons estereofônicos de metal raspando. Ambos se viam mutuamente, os olhos abriram de repente quando Max parou e se inclinou.

Observar-me em nada além de meias mataria o universo. - comentou casualmente, enquanto Neve aproveitou o momento para rapidamente tirar o vestido e pressionar os braços tão fortemente dos lados que não houvesse nada de flacidez à vista. Inclusive seus seios pareciam no lugar em seu melhor sutiã meia-taça de renda preta na barra de sua lingerie.

E Neve não acreditou ter se sentindo tão valorizada como quando Max levantou a cabeça e deu um longo assobio quando a olhou.

- Deus, você parece exatamente igual à Liz Taylor em Butterfield 8, disse reverentemente. - Sério, seus seios são incríveis...

- Eles estão ok. - concordou timidamente. Porque sim, pareciam espetaculares nesse momento graças à meia-taça com aro. E isso era tudo o que Max veria dela.

Max não compartilhava da sua timidez. Deslizou o cinto e deixou a calça cair até o quadril, em seguida, rápido e eficientemente, tirou-a completamente como se não pudesse esperar para se despir e passar para a seguinte parte. Neve sabia que estava olhando fixamente, mas não podia evitar. Nunca tinha visto um pênis

ereto antes, não ao vivo, de qualquer maneira, e o que havia acontecido com o estudante de Filosofia tinha ocorrido debaixo dos lençóis e às escuras. Tudo o que podia fazer era ficar ali observando a ereção de Max, entre horror e fascinação. Parecia dolorosa e muito maior do que havia imaginado, parecia como se nunca caberia dentro dela e era tão estranha, que Neve queria continuar observando até que parecesse mais familiar. Dessa forma parecia uma palavra cruzada particularmente problemática.

Mas isso não era uma verdadeira opção quando Max caminhava para ela com um quadrado na mão e sua ereção indicando o caminho, como uma varinha mágica feita de carne. Neve apenas fez o que faria em uma circunstância como essa, se meteu debaixo do edredom.

- Aí tem espaço para mim também? - Perguntou Max.

Neve desdobrou dois centímetros de edredom.

- É claro - chiou. E, apenas para demonstrar que estava no assunto, pegou um dos travesseiros de corpo inteiro e jogou no chão. - Veja muito espaço.

Então, de repente, sua cama foi invadida por ondas de calor e carne de homem, quando Max a tomou em seus braços. Agora sim era um momento decisivo; havia um homem nu na sua cama, moldando-se às curvas do seu corpo, e mesmo quando Neve sentia como se tudo estivesse se movendo muito rápido e era tão assustador como pular de um prédio a outro, não podia lembrar a última vez que tinha sido segurada por alguém que não fosse Celia.

Max riscou suas sobranceiras com a ponta de um dedo.

- Ei que continuo dizendo isso, mas é tão bonita.

Neve sabia que não era. Era apenas algo que os homens falavam quando queriam sexo, e agora estava na cama e era uma conclusão inevitável, Max na verdade não tinha que dizer, mas de qualquer maneira as palavras significaram algo para ela. Era a primeira vez que um homem falava isso, além de seu pai, e isso não contava; além disso, não queria pensar seriamente em seu pai em um momento como esse.

- Você também é bonito. - tocando o tumulto em seu nariz torto, Lembra-me da pintura de David sustentando a cabeça de Golias feita por Caravaggio.

Max fez uma careta de fingida indignação.

- Sempre e quando não se referir ao David do Michelangelo. - disse e arqueou os lábios, para que ela tivesse certeza do significado, não era como se Neve tivesse alguma dúvida.

- Bem que você queria. - disse secamente, era a maneira em que falava quando zombava de Celia ou quando falava com Chloe e Rose no trabalho. De fato, a maneira em que era normalmente quando não estava meio bêbada e enjoada do seu próprio horror e atrevimento.

Neve nunca pensou que estaria fazendo piadas enquanto estava na cama com um homem. Ou que ele a envolveria sob o colchão e faria cócegas até afogá-la.

- Sinto muito. - disse, em meio a gargalhadas. Deitou-se ali, com o cabelo estirado no travesseiro, e com Max a olhando, foi tudo o que bastou para puxá-lo pelo pescoço e persuadi-lo a beijá-la uma e outra vez.

Não era sempre que Neve sentia que podia escapar dos limites do seu corpo, mas nesses quentes e doces momentos, imaginava-se transformada em uma criatura de nada mais que pura sensação. Não importava nada além da boca e mãos de Max sobre ela, e inclusive a sensação do seu duro e quente pênis contra a parte interna da sua perna algo novo e excitante.

- Posso tocar? - Perguntou quando Max abandonou sua boca para poder beijar aquele ponto em seu pescoço que a fazia se contorcer contra ele. Mas suas mãos já deslizavam pelo corpo dele para poder se envolver ao redor do seu pênis, medindo seu comprimento e peso, acariciando a ponta com o dedo e afastando a mão rapidamente quando Max grunhiu como se o tivesse ferido.

- Desculpe. - murmurou. - Ele mordeu suavemente, mas deliberadamente sob seu pescoço.

-Não pare. - disse com voz rouca. — Somente continue com o que estava fazendo.

Sua mão estava de volta em um segundo, maravilhada de como um pênis podia ser duro e suave ao mesmo tempo, e como queria dar outra olhada, mesmo que isso significasse tirar os lençóis, mas seus pensamentos desviarem graças à mão de Max subindo por suas pernas.

- Vamos tirar essa calcinha de você. - disse brandamente, puxando o algodão reforçado e elástico com tanta força e destreza que Neve não pôde sustentá-la, Assim está melhor. Agora, por que não te mostro quão bom sou com as mãos? Também sou espetacular com a língua.

A criatura de pura sensação desceu do palco e Neve esteve de volta em sua própria carne pesada, e então afastou os quadris dos dedos de Max. Ela podia lidar com o sexo, porque ia insistir em nada mais extravagante que a posição do missionário, para que assim Max estivesse em cima com nada mais para ver que a pintura de Modigliani sobre sua cabeça. De modo algum isso se estenderia como uma coleção de variadas posições. O sexo padrão definitivamente era a opção mais segura.

- Você não tem que fazer isso. - disse, pressionando as pernas juntas e afastando-se dele. - Eu estou pronta.

- Tem certeza? Porque não me importo de você gozar duas vezes.

Celia tinha pintado Max como do tipo "*as ame e as deixe*" e o clássico Casanova, mas em vez disso, estava apenas sendo doce e atencioso, e isso fazia mais pelo ego maltratado de Neve do que sua mãe tinha feito pagando um

Retiro de Deus, quando especificamente tinha pedido um Wii Feet, mas ao final teve a mão vencedora, por assim dizer.

- Não, sério mesmo, estou bem. - disse Neve, firmemente, ao aplicar a mesma força na ereção de Max que havia aplicado numa vaca na visita da escola a Cidade Granga em Kentish Town. O grangeiro havia dito que agisse naturalmente, e resultou que tinha razão, já que Max fechou os olhos e jogou a cabeça para trás.

- Se continuar fazendo isso, o jogo vai terminar mesmo antes de começar murmurou. - Camisinha.

- O que fez com ela? Disse Neve, soltando seu aperto.

- Mesa de cabeceira.

- Porque você está falando em frases curtas? Perguntou Neve, enquanto procurava a embalagem.

- Você sabe o porquê. - disse Max entre dentes. - Já que está tão agarrada ao meu pênis, provavelmente deveria fazer as honras.

Neve tentou levar sua mente de volta para as aulas de educação sexual e à banana verde que deveria se envolver no plástico deslizante. Exceto que Charlotte havia dito que não se incomodasse, já que ninguém nunca iria querer fazer sexo com ela. Toda a classe, além de sua amiga Paula, tinham rugido em aprovação e Neve tinha ficado tão chateada que comeu a banana descascada enquanto todos assistiam a um filme sobre ETs.

Apenas a lembrança fez Neve estremecer. Entregou a camisinha para Max.

- Sempre enterro minha unha nelas. - mentiu, com uma tranquilidade que a surpreendeu. - Você coloca.

Neve nunca teria pensado que era possível colocar uma camisinha tão rapidamente sem sequer olhar, mas Max se encarregou do assunto em questão de segundos para assim poder beijar o canto da sua boca, que se dobrava para baixo. Essas más lembranças tinham acabado com o ânimo de Neve, mas não ia se retrair agora. Não. Ela não se renderia. Quando decidia fazer algo, fazia até o final.

Encontravam-se deitados de lado, cara a cara, com os joelhos tocando-se, mas Neve gentilmente se separou de Max para deitar-se sobre suas costas e tentar pensar em algo sexy para acelerar as coisas.

- Venha então. - disse, no que esperava ser uma atitude atraente. Max se apoiou no cotovelo.

- Tem certeza disso? - perguntou. - Pronta para ser devorada?

- Muito. - disse Neve, puxando seu braço. - Por favor, simplesmente

poderia...

- Deus, você é impaciente, disse Max, como se na realidade não se importasse, mas, pelo menos agora se deitava sobre ela, parando para beijá-la enquanto Neve voluntariamente abria as pernas.

Neve ficou completamente rígida, até que lembrou que precisava puxar sua negligê para baixo já que ela havia subido e o edredom não cobria tudo o que ela queria.

Agora Max apalpava suas partes íntimas e Neve tinha certeza que seu clitóris se retraía tentando se livrar do toque. Olhou o teto e tentou afastar a mente do seu corpo, justo como quando tinha um exame ginecológico. O que tomava tanto tempo?

- Neve? Sei que disse que estava pronta, mas se não está se sentindo assim...

Ela levantou a cabeça.

- Acredite em mim, estou completamente preparada.

Max franziu o cenho, e uma mecha de cabelo caiu pela testa.

- Poderia levantar um pouco seus quadris? Não, levantá-los para mim.

Agora se sentia como na aula de Pilates, tentando encontrar sua "*boa postura*". Embora de fato inalar pelo nariz e exalar pela boca parecia uma boa ideia enquanto Max começava a entrar nela lenta e laboriosamente, com o lábio inferior entre os dentes. Parecia demorar uma eternidade, como se não fossem duas pessoas tendo sexo, a não ser dois satélites procurando sinal.

Ao menos agora, Neve estava completamente segura de que estava sendo penetrada. Não doía, mas era extremamente incômodo e não era algo que planejasse voltar a fazer muito em breve. Mas seria diferente quando tivesse sexo... Não, quando fizesse amor com alguém que estivesse apaixonada. Apenas o amor podia tornar isso mais tolerável.

Max estava saindo e Neve desejava que não o fizesse porque apenas teria que voltar a empurrar e grunhia brandamente, com os dentes à vista, seu rosto tenso e com as mãos em seus quadris. Neve fechou os olhos para não ter que vê-lo, e como pôde ter sido tão estúpida? Tinha estado impaciente e pensou que o sexo era algo que podia apressar, e logo tirar de sua lista de coisas para fazer. Mas não era algo que se podia marcar e pronto; era algo especial e muito, muito íntimo. Se alguém não entrou verdadeiramente em sua cabeça e seu coração, então não devia estar dentro do seu corpo. Neve entendia isso agora, mas sua epifania tinha chegado muito tarde. Tinha alcançado o ponto de '*sem volta*' já fazia dez minutos.

Ela se preparou para a reentrada, fechou fortemente os olhos e apertou os punhos até que se deu conta de que não acontecia nada. Max havia parado.

- Alguma coisa está errada? - Perguntou tenso, tirando as mãos do seu quadril para poder se afastar.

- Não, estou bem. Pode continuar se quiser.

- Bom, eu faria, mas não é fácil se manter duro quando a garota debaixo de você obviamente deseja estar em outro lugar. - soltou.

O intenso rubor da mortificação foi como ser jogada em uma panela de água fervendo. Ele pensava que ela era ruim de cama. Era ruim de cama. E estava sendo tão repelente que fez com que ele perdesse a ereção. Neve tentou fazer seus olhos abrirem, mas eles decidiram se manter fechados para não ter que ver a óbvia expressão de repulsa no rosto de Max. Era ruim o suficiente que ele xingou em voz baixa e afastou os lençóis, para poder se sentar na beira da cama e por tanto espaço entre eles quanto podia.

Neve disse a única coisa que poderia falar em um momento como esse.

- Eu gostaria que você fosse embora, por favor.

- Perguntei a você se queria fazer isso, não uma vez, mas várias.

- Por favor, você poderia ir? - Neve virou de costas para poder se esconder em seu edredom e não ter que ver o rosto de Max quando finalmente abriu os olhos.

- Deveria ter falado alguma coisa, porque eu nunca... Não forço às mulheres. Machuquei você? - Estava chateado, não sem uma boa razão, mas Neve podia escutar outras coisas em sua voz: vergonha, culpa e incerteza. Todas as coisas que ela também sentia.

- Não me machucou. - disse tensa. - Não me forçou em nada, mas agora de verdade preciso que vá. Não podia suportar ficar no mesmo lugar que ele, assim impulsionou as pernas para fora da cama e quando sentiu o piso debaixo dos pés, afastou o lençol e vestiu o penhoar com um fluido movimento. - vou te dar um pouco de privacidade. - murmurou enquanto acelerava para a porta.

Neve apressou-se para a segurança da sala para poder se aconchegar na cadeira e se amontoar em seu velho robe, com os braços em torno das pernas e escutando o som de Max se vestindo. Seu coração batia dolorosamente ao ritmo dos passos dele na escada e esperou que os passos seguissem caminhando até a porta da frente e abrisse-a, mas eles pararam, e quando subiu o olhar, ele estava na entrada da sala de estar.

Ela encolheu-se ante seu intenso escrutínio olhar, embora não estivesse zangado, nem acusatório, mas sim gentil.

- Mau término? - perguntou.

Neve piscou.

- Desculpe?

- Terminou com alguém e pensou que podia sair e dormir com qualquer

homem, mas sua consciência ganhou de você. - Sorriu um pouco. - Geralmente acontece dez minutos depois, não durante.

- Você acha que eu saía com alguém? Que tinha um namorado? Neve sacudiu a cabeça com incredulidade. Tinha apagado todas as luzes porque a escuridão fazia com que tudo parecesse, bom, escuro e assim Max pudesse vê-la em toda sua manchada glória. A maquiagem borrada, o volumoso penhoar, e com suas panturrilhas tão grudadas ao corpo que não se podiam distinguir quão grossas eram. Ele podia ver tudo isso e ainda assim pensava que ela tinha tido ao menos outra pessoa em sua cama. - Não é nada disso. Max entrecruzou os braços.

- Então o que é?

- Não é nada sobre o que eu quero falar. - disse Neve tensamente. Realmente preciso que vá. Agora. Por favor.

- Então, eu procuro a saída? - soltou Max e Neve não podia culpá-lo por zangar-se com ela. Merecia completamente.

O som da porta abrindo foi a mais doce sinfonia, embora Max batesse atrás dele. Neve podia escutar Charlotte começando a reclamar e o familiar som de uma escova batendo contra o chão, mas ignorou e escutou Max descer pelas escadas, e logo outra batida da porta da rua - e somente quando teve certeza de que ele havia ido, estirou-se no sofá, porque não ia dormir em sua cama até que lavasse os lençóis com água fervendo.

Capítulo Cinco

Neve acordou algumas horas depois da tumultuada noite anterior e se perguntou por que dormiu no sofá. Houve uns segundos de feliz ignorância, mas logo os eventos que a tinham colocado para fora da sua própria cama, inundaram-na novamente. Olhou para um ponto no tapete, onde esperava que um vórtice se abrisse e a engolissem. Merda! Esses úteis vórtices nunca apareciam quando realmente precisava deles, então Neve se conformou com o Plano B.

Uma hora correndo na esteira da academia ajudou imensamente e, para o momento em que chegou ao trabalho, Neve estava calma e o exercício pareceu ter evitado a ressaca também.

Neve tinha trabalhado no Arquivo Literário de Londres durante os últimos três anos e meio. Teria sido impossível continuar com a educação superior sem um trabalho de meio período, a menos que tivesse um grande conhecimento, então Neve pagou sua pequena bolsa da Academia Britânica trabalhando no ALL^[7], que se localizava no sujo interior entre o King's Cross e Holborn. Uma vez que terminou seu MA^[8] e se deu conta de que não tinha o apetite ou os meios para passar outros quatro ou cinco anos para tornar-se PhD^[9], agradecidamente aceitou a posição de Arquivista Sênior em tempo integral, embora sua mãe insistisse em dizer para todos que Neve era bibliotecária. O que não era. Os poeirentos arquivos e os, ainda mais, poeirentos livros do ALL só podiam ser vistos mediante uma entrevista prévia e depois de enviar referências das instituições de ensino credenciadas.

Não era muita a quantidade de acadêmicos que quisessem pesquisar em seus arquivos, porque a maior parte da coleção do ALL tinha sido rechaçada por todos os outros arquivos do hemisfério oeste. Sua lista principalmente consistia em escritores desconhecidos que teria que redescobrir, e eles raramente rechaçavam uma doação de uma herança literária, que geralmente consistia em coleções de livros mofados, com lombos mal cuidados e suas páginas misturadas. A cada seis meses mais ou menos, ouviam-se rumores entre os funcionários de que o arquivo fecharia, devido à falta de recursos, mas um pacote de dinheiro sempre aparecia de fontes improváveis: um legado de um recentemente expirado filantropo; um dos livros de "*sens*" autores falecidos, de repente adaptando-se para um filme de Hollywood; ou dessa fundação da Loteria Nacional, Holy of Holies.

Até mesmo seu edifício carecia de mérito arquitetônico. O ALL ocupava o piso térreo e o porão de um pequeno edifício que era compartilhado com uma empresa de contabilidade e um advogado especializado em casos de assistência jurídica e perseguir ambulâncias.

A sala de leitura, a recepção e o escritório do chefe do arquivo, o Sr. Freemont, ficavam no térreo. Neve trabalhava no porão onde a única luz natural

provinha de uma minúscula janela da minúscula cozinha, na parte traseira do edifício, e onde tudo, paredes, piso, teto, inclusive o anúncio de "*Saudável e Seguro*" que ficava no quadro de avisos de cortiça era amarelo nicotina.

Neve fez seu caminho através do enorme e diáfano escritório do porão, o qual era uma pista de obstáculos de caixas de papelão, empilhadas em precárias pilhas, danificados armários de metal, alinhados contra cada parede e onde quer que houvesse espaço para eles, e parou para cumprimentar a bela loira Chloe, que supostamente era a responsável pelas novas aquisições, mas passava a maior parte do tempo preenchendo solicitações de emprego para tornar-se agente literária. Em seguida, cumprimentou Rose, encarregada do escritório, que tinha trabalhado no ALL durante décadas e era uma boa pessoa para ter seu lado, porque era a responsável pelo dinheiro em caixa e podia acabar com o Sr. Freemont com uma sobranceira arqueada e uma palavra direta, e ao "*companheiro*" de trabalho de Neve, Phillip, que trabalhava no arquivo quando não estava escrevendo sua tese de doutorado. Os outros membros da equipe, eram uma variada coleção de acadêmicos socialmente ineptos, que tinham sido incapazes de conseguir emprego, até mesmo nas mais humildes universidades. "*As que estavam acostumadas a ser politécnicas*" gostava de zombar do Sr. Freemont quando conduzia a alguém sobre as brasas das imprecisas referências cruzadas.

Uma vez determinado que o Sr. Freemont estava fora essa manhã, Neve se apressou à pequena sala de espera que tinha requisitado como seu escritório, para trocar as três barras do aquecedor portátil. Ligou seu computador, que ainda funcionava com o Windows 98, e se contorceu em sua cadeira de respaldo duro em uma vã tentativa de se sentir confortável. Em seguida, deslizou uma fita cassete em um deteriorado Walkman, que teve que ser golpeado suavemente no lugar adequado para que começasse a reproduzir.

Uma grande parte do dia de trabalho, Neve passava escutando crepitantes fitas cassetes, devido a que uma enorme quantidade de figuras literárias menores tinham gravado suas biografias em fitas antes de morrer, e o Sr. Freemont insistiu que todas fossem transcritas. Ele, honestamente, acreditava que um dia topariam com uma fita de Shakespeare ou até mesmo por acaso um escândalo sexual entre membros do Bloomsbury Set^[10] que pusesse o ALL firmemente no mapa acadêmico.

Hoje não. J.L. Simmons (1908-1997) tinha uma voz mal-humorada, melancólica e era tão detalhista que Neve teve que pausar a fita para consultar palavras obscuras que haviam na verificação ortográfica do desconcertado Word, em três dicionários diferentes. Era chato e sua mente continuava vagando para a noite anterior. Não precisou de muito esforço para ver o desconforto e a vergonha que tinham sido os principais temas das horas que passou com Max. Isso era quando ela não estava mergulhando em sua boca e língua.

Mas o momento para o qual Neve continuava retornando uma e outra vez, era a dolorosa parte onde Max parou e deslizou fora dela, porque tinha perdido sua ereção. De fato, ela nem sequer sabia como ele tinha conseguido ficar duro

em primeiro lugar, porque não era o tipo de garota que fazia um homem sentir que poderia simplesmente morrer se não pudesse estar dentro dela. Depois da derrota da última noite, Neve sentiu que estava destinada a ficar sozinha e sem amor, o que significava que os últimos três anos tinham sido por nada.

Tinha seis meses para armar sua atuação. Seis meses para ser a melhor Neve que podia ser. Seis meses até que William retornasse da Califórnia e visse sua versão nova e melhorada.

Neve pausou a fita outra vez para poder pegar sua carteira, em busca da carta que tinha recebido fazia quinze dias. As folhas azuis do correio estavam amassadas devido ela ler a carta pelo menos uma vez por hora, embora já tivesse memorizado o conteúdo.

Ela adorava o fato de escreverem cartas, cartas apropriadas que se enviavam mutuamente, embora Celia se horrorizasse.

- Porque vocês não podem enviar mensagens pelo Facebook como todos os outros? Perguntou. Porque ser amiga de William no Facebook e ter acesso a suas atualizações de status diárias e seus álbuns de fotos, isto terminaria com o jogo. Não é que eles eram tecnofóbicos^[11], falavam-se por telefone uma vez no mês, enviavam e-mails um para o outro com links para artigos de jornais literários, mas principalmente trocavam cartas Porque: - Estudamos literatura inglesa e há uma grande tradição epistolar...

- Oh Deus, sabe que eu não gosto de palavras longas. - gemeu Celia.

- Escrever cartas é mais romântico. - esclareceu Neve, Celia revirou os olhos e disse que ela precisava sair e conhecer homens reais e vivos, assim ainda não estaria apaixonada por seu orientador de Oxford.

Neve olhou a tela do computador, mas tudo o que pôde ver foi o olhar encorajador no rosto de William quando ele a convidou para sair com o resto do grupo de seminário. Como sempre, quis saber sua opinião sobre o livro que estavam lendo ou o que pensava do artigo do Decano, que tinha sido publicado no Times Literary Supplement. Como sempre, sorria e assentia e realmente escutava o que ela estava dizendo, de uma forma que ninguém nunca havia feito. Tinha havido uma centena desses suaves olhares, uma multidão de pequenas bondades, até que ele aceitou um posto como professor por três anos na Faculdade de Inglês da UCLA^[12], e ela sentiu como se ele tivesse levado um pedaço do seu coração com ele, na mala, quando voou para a Califórnia. Mas agora estava retornando para ela. Leu a carta em voz alta, com a respiração presa:

Você é absolutamente o primeiro nome na minha lista de pessoas para rever quando eu voltar a Londres. É estranho que três anos e um oceano no meio, tenham nos tornado muito mais próximos. Há tantas coisas que devo te dizer, mas não em uma carta, preciso ver seu rosto. Você nunca esconde nada ou guarda para você; tudo o que pensa e sente se reflete em seus olhos e na curva de sua boca quando sorri para mim ou morde o lábio, porque estou falando absurdos e não quer me dizer, porque poderia ferir meus sentimentos. Isto é por que posso te

dizer algo sem medo à censura ou à crítica. Sei que você mudou desde que nos separamos; você ficou mais forte, mais confiante e eu estou intrigado em conhecer esta nova encarnação da garota que estava acostumada a ser.

Neve suspirou. Estava tão farta do amor não correspondido e platônico e todos os outros tipos de amor que não eram apaixonados, românticos, do tipo de amor não-posso-viver-sem você, tenho-que-te-ter-agora, o-ritmo-do-seu-coração-combina-como-meu. Ela amava William dessa forma, e os três anos que tinham ficado longe só o tinham tornado gentil e educado, fazendo com que ela o admirasse ainda mais. Poderia dizer por suas cartas, que ele sentia algo novo por ela, que era mais que respeito intelectual. Então, quando ele retornasse de LA, ela não podia se permitir estragar tudo; as coisas teriam que ser perfeitas, nada podia ficar ao acaso, porque Neve estava determinada que quando começasse seu relacionamento com William, fosse para sempre. E, para sempre, ia significar muito planejamento futuro para Neve. Para começar, precisava de um pouco de experiência da vida real em uma relação bem-sucedida. Também precisava ser muito mais sofisticada e caber em um pequeno vestido preto 38. Atualmente, Neve não conseguia caber em nada pequeno.

De repente, tudo fez sentido. Mas é claro que ela ficou desconfortável e envergonhada ontem à noite. Ainda estava longe de um tamanho 38. Quando chegasse ao tamanho 38, tudo seria diferente. Ela seria diferente. Foi tal o alívio de saber que realmente não era sua culpa, que Neve foi almoçar saltitando e com uma nova resolução que a fez caminhar com um passo ligeiro ao redor de Holborn, por uma hora e penas com sopa e salada para comer. As más decisões de ontem à noite não foram esquecidas, mas ia tentar arduamente não pensar nelas.

De fato, não pensou nelas até cinco minutos antes que terminasse de almoçar e Celia ligasse para seu celular exatamente a uma e cinquenta e cinco, como todos os dias.

Sempre significava que Neve estava atrasada para voltar para porão do Arquivo, onde não tinha recepção telefônica a menos que subisse no balcão da cozinha e tentasse se aproximar da janela, tanto quanto humanamente possível.

- Hey, Seels. - disse quando respondeu. - Como você está?

- O que aconteceu com você? - Respondeu Celia.

- Nada de importante. Estive no inferno com as transcrições, fui para a academia antes do trabalho, o mesmo de sempre.

- Sei sobre ontem à noite. - Celia disse categoricamente. - não posso acreditar que esteja tentando fugir do assunto.

Neve tentou ignorar o terror gelado que se apoderou dela.

- Do que estou tentando fugir? - Perguntou cuidadosamente.

- Você sempre faz isso quando está sob suspeita! Responde uma pergunta com outra pergunta, é tão chato - pressionou Celia.

Neve não escutou Celia ou Yuri, chegando em casa ontem à noite, o que significava que sua irmã tinha dormido pouco e estava de ressaca, uma combinação letal. - sei sobre você e Max! Não te adverti sobre ele?

Neve teve que se agarrar ao abajur mais próximo em busca de apoio.

- Bom, sim, mas...

- A Beth dos Artigos viu vocês no metrô, juntos. - disse Celia.

Como sempre com Celia era tudo ou nada, Neve soltou o abajur que esteve segurando porque não podia lutar com isto sem ajuda.

- Pegamos o metrô para Finsbury Park juntos, porque ele mora em Crouch End explicou. Foi perfeitamente inocente. Não tire conclusões precipitadas.

- Bom, se tiro conclusões precipitadas foi porque vi o Max esta manhã e suas histórias não coincidem - Celia disse secamente. - Ele disse que foi para casa com você.

Acompanhou-me até a porta...

- E depois subiu as escadas porque você disse que tinha mais livros de Waterstone's.

Neve se sentiu fria de uma forma que nada tinha haver com as rajadas de vento gelado que sacudia as mechas do seu cabelo e açoitava suas bochechas. Tratou arduamente de não gemer no telefone.

Que mais?

- Não muito. - Celia admitiu. - Apenas falou que você tinha sérios problemas, mas depois perguntou se falei com você hoje e se estava bem, Ele tentou algo, não é? Machucou você?

- Não. Não! Olha, ele entrou para uma bebida e... - Neve espremeu seu cérebro por algo para dizer a Celia. Não a verdade, obviamente. Embora Celia não soubesse o significado de MI^{13}, Neve tratou de seguir seu próprio conselho. Normalmente não era difícil já que nada remotamente excitante jamais acontecia com ela. Mas não podia contar a Celia sobre ontem à noite porque algo aconteceu e tinha sido horrível, mas não tinha sido culpa de Max, absolutamente. Ela o atraiu para o apartamento sob falsos pretextos. Não era que Celia acreditasse nisso jamais.

- Foi apenas uma bebida. Ele parecia chateado? - adicionou.

- Hummm, não muito chateado, mas preocupado, suponho. - Celia murmurou. Mas isso pode ser pelo fato de ter tido pesadelos com a capa de Junho. Mas, falando sério Nevy, juro que se ele tentou te forçar no encontro,

cortarei o pau dele com a tesoura do Departamento de moda!

- Seels, seriamente acredita que alguém como Max e que provavelmente dormiu com modelos e...

- Não "*provavelmente*" sobre isso. Definitivamente ele dormiu com modelos e essa garota que fez essa estúpida canção sobre...

Então, por que tentaria comigo? - Neve perguntou. - E se fez, que não foi o que aconteceu, posso cuidar de mim mesma. Treino Boxe com Gustav.

-Bom, quando você coloca dessa forma... - Celia disse lentamente, e Neve pôde dizer que já não estava planejando se vingar da dignidade de Max. - Não me interprete mal, é maravilhosa e bonita, mas é o tipo de beleza que é como uma coleção de Marc Jacobs.

A maioria das pessoas não captam à primeira vista. Entende o que quero dizer?

- Não, não faço ideia, mas obrigada pelo elogio. Era um elogio, não era?

- É obvio que era! -Celia riu. - Olha, não se preocupe, encontraremos à alguns caras totalmente atraentes para você saborear antes de William retornar. Caras sensíveis que vão a galerias de arte e mantêm a porta aberta para você.

Max não manteve nenhuma porta aberta para ela ontem à noite, mas caminhou pela lateral do pavimento e perguntou se estava bem durante cada passo perigoso de sua ascensão para o sexo.

- Acho que vou contratar um acompanhante masculino e praticarei com ele em vez disso. - disse Neve. Não estava pensando tal coisa, mas queria escutar o ofego de Celia ao surpreender-se.

Vou contar para mamãe. - disse alegremente antes de desligar e Neve teve que esgueirar-se novamente ao trabalho, com dez minutos de atraso.

Neve realmente não podia se concentrar na transcrição e referências cruzadas, depois de falar com Celia. Nessa manhã esteve tão envolvida em sua própria festa de lamentos, que nem sequer havia considerado como Max poderia estar se sentindo.

Recordar as sequências do evento era doloroso e se sentiu como arrancar a crosta de uma ferida que deveria ser deixava para que terminasse de curar, mas Neve se forçou a fazer, ver a si mesma deitada ali com seus olhos firmemente fechados e uma expressão dolorosa no rosto, que sua família chamava de "o olhar comendo arenque¹³ defumado"^[14].

- Quando a garota debaixo de você obviamente deseja estar em outro lugar.

Max tinha percebido que algo estava errado e parou, não se incomodou, até que ela agiu como uma mulher louca. Deus, nem sequer podia escolher o cara certo para ter sexo de uma noite. Celia havia dito que Max era um sedutor de mulheres implacável e certamente esteve à altura de sua reputação, mas, Neve

não havia dado toda a impressão de que estava pronta para ser seduzida?

Em vez de torcer as mãos e se comportar como a inocente vítima de libertinagem da noite passada, Neve foi forçada a confrontar a irritante verdade que, realmente, a pessoa prejudicada foi Max.

Oh, Demônios!

Depois de uma arriscada viagem para casa, onde ela quase foi derrubada da bicicleta, por um taxista que desviou repentinamente para a via do ônibus sem adverti-lo.

Neve abriu a porta da frente e se armou de coragem para a ingrata tarefa que a aguardava. No mesmo momento em que apoiava a bicicleta contra a parede e tirava a carteira da bolsa, ouviu a porta sendo aberta por Charlotte e Douglas.

Inevitavelmente, os gritos começaram antes que Neve visse aparecer à cabeça de Charlotte sobre o corrimão.

- Não pude dormir nem um fodido minuto ontem à noite, reclamou, porque Charlotte sempre ia de zero à 100 em um segundo para perfurar o ouvido, Que demônios estava fazendo?

Neve sabia que para o resto do mundo ela, Neve Slater, era uma adulta em pleno funcionamento. Votava, comia seus vegetais, deixava que as pessoas mais velhas subissem primeiro no ônibus, tinha um trabalho e pagava suas contas em dia, mas com Charlotte tornava-se imediatamente a tímida e desajeitada adolescente que estava acostumada a ser.

- Realmente sinto muito, Charlotte. - gemeu. - Não acontecerá novamente.

- Bem, de qualquer maneira, você trazer um homem para casa não é algo que provavelmente ocorra mais de uma vez em uma década. - zombou Charlotte, e até mesmo com seu rosto contorcido de raiva que Neve sempre despertava nela, Neve se surpreendeu por quão bonita era.

Mesmo você tirando dela o falso bronzeado, os cílios postiços e os reflexos que transformavam seu repicado cabelo marrom em loiro, ainda assim Charlotte era uma beleza sem esforço algum. Era tonificada e alta, mesmo vestindo um de seus adorados moletons Juicy Couture ou um curto vestido preto e oscilantes saltos, sempre parecia arrumada e original. Inclusive com a combinação de rabo de cavalo e jeans dessa noite, parecia ter sido montada por um estilista importante.

A mãe de Neve, que não conhecia o outro lado, sempre dizia que Neve deveria fazer um esforço para ser amiga de Charlotte. Mas, no que a Neve concernia, uma pessoa não tenta adular a garota que fez de seus anos de adolescência um inferno, mesmo que ela fosse sua cunhada agora. Tinha sido quase suportável quando se mudaram para a casa, porque Neve e Charlotte se deram um enorme espaço, mas logo houve esse fatídico fim de semana, quando Douglas partiu para Sheffield e Charlotte teve as suas horríveis amigas ficando.

As mesmas horríveis amigas que haviam atormentado Neve na escola, da sétima série ao ensino médio.

Todas haviam descido as escadas em confusão, com saltos e uma nuvem de aroma adocicado enquanto Neve ia até elas, e escutou o horrível nome que a tinha açoitado durante toda a escola.

Pior, alguém a empurrou com o ombro contra a parede. E, ainda pior, quando retornaram para casa, bêbadas, às três da madrugada, começaram a se embriagar ainda mais e colocar SingStar⁽¹⁵⁾ a um volume inimaginável até que inclusive Celia (não Neve, a não ser Celia) bateu na porta e disse para elas fecharem a maldita boca. Aí foi quando começaram a cantar "*Nellie a elefante*" seguido por "*Ei Gordinha Bumbum*" e até mesmo "*Garotas Com Traseiros Gordos*" até que o Bacardi Breezers acabasse.

Neve passou o seguinte dia chorando no ombro de Celia. Celia contou para a mãe, que o contou ao Sr. Slater, que devia ter conversado com Dougie e definitivamente disse algo para Charlotte porque depois disso jogou as luvas. Foi uma guerra aberta. Celia e Charlotte tiveram uma competição de gritos no meio de Stroud Green Road. O Sr. Slater apenas se atrevia a mostrar um caráter civil na frente de Charlotte, e Charlotte aproveitou e descontou em Neve.

- Desculpe. - repetiu Neve, porque nunca fez algum bem tentar explicar ou, Deus não permita, discutir com Charlotte. Ela simplesmente devolveria cem vezes pior e sempre tornava pessoal, assim Neve tinha decidido faz tempo que a repetição era melhor que a razão. - realmente sinto muito.

- O que acha que está fazendo? - disse Charlotte enquanto Neve dava um passo para frente. - Quantas vezes devo falar para você tirar os sapatos!

Com toda a graça de um bebê elefante, Neve cambaleou em um pé, enquanto tentava tirar a bota e conseguiu bater na bicicleta.

- A bicicleta sequer deveria estar no corredor. - Charlotte explodiu novamente, nenhum pouco preocupada com Neve que estava cautelosamente tateando o quadril para ver se ele estava quebrado.

- Você é tão foddidamente egoísta. Rasguei um novo par de calças que, é obvio, deverá pagar.

Era uma casa com frente dupla, com um corredor tão longo que, embora houvesse três bicicletas, ainda haveria espaço para passar sem obstáculos. Mas Neve não ia se meter nisso.

- Suponho que posso tentar montá-la em um suporte na parede, mas não tenho certeza de que o gesso seja forte o suficiente para aguentá-la.

- Eu não dou à mínima, deixe-a do lado de fora! Não é como se ir de bicicleta a todos os lugares estivesse tendo algum impacto na sua aparência, não é? Charlotte disse grosseiramente, e quando sorriu, seu rosto se iluminou com

malícia, não parecia tão bonita. Era só Charlotte atirando os mesmos exaustivos velhos insultos, que nem sequer eram verdadeiros mais. No entanto, ainda assim, Neve olhou para seu corpo só para ter certeza de que não havia engordado um grama desde que Charlotte começou a gritar com ela.

- Sinto muito. - Neve ofereceu novamente e ficou parada ali, as mãos pendurando fracamente dos lados, cabisbaixa, até que murmurando uma última maldição, Charlotte retornou para seu apartamento e bateu a porta atrás dela.

Neve subiu as escadas, tensa, enquanto alcançava o primeiro andar, no caso de Charlotte decidir estar pronta para um segundo round, porque fazia isso algumas vezes. Só para manter Neve no seu devido lugar.

Uma vez que esteve dentro do apartamento, Neve fez uma omelete muito tranquilamente, assegurando-se de colocar cuidadosamente os pratos e utensílios no jogo americano de borracha que havia comprado. Até mesmo colocou batentes de borracha nas portas da despensa, para que fosse impossível de fechar com um golpe, embora não teve tanta sorte com a gaveta das facas. Comeu seu jantar na mesa da cozinha e deu sete e meia, Charlotte estaria assistindo EastEnders^[16] e não estaria disponível para começar a bater no teto, porque o som dos dedos de Neve no teclado do computador ou virando as páginas de um livro poderiam ser classificados como poluição sonora, como se ela fosse a bruxa mais terrível, má e de coração sombrio que jamais havia caminhado sobre a terra.

Enquanto lavava os pratos, Neve pensou em Max. Mas então, esteve pensando em Max durante toda à tarde. Desejava ser o tipo de garota que, metaforicamente, podia dar de ombros, encontrar um pouco de perspectiva sobre a situação e logo transformá-la em uma piada graciosa para contar aos amigos. Como as coisas estavam Neve sabia que levaria o sórdido segredo para o túmulo e nunca contaria a ninguém, e só podia esperar que Max fizesse o mesmo. Talvez, ele já estava celebrando com coquetéis em algum clube privado do Soho e fazendo com que seus deslumbrantes e esgotados amigos rugissem de risada, enquanto fazia um relatório completo de como tinha passado a noite anterior.

Neve agarrou a cabeça e sentiu uma onda de vergonha e repulsa estremecer através dela. Ainda estava sentada na cadeira da cozinha e se balançando lentamente quando o telefone tocou, dez minutos depois.

- Olá? - disse cautelosamente ao receptor, porque sua mãe sempre ligava próximo a essa hora e não tinha certeza de que pudesse lidar com a Sra. Slater lamentando-se sobre o quão frio estava em Yorkshire e quantos centímetros de neve tiveram nas últimas vinte e quatro horas.

- Neve? Sou eu, William, como está? - Simplesmente assim, com apenas seis palavras de William, Neve passou do desespero ao deleite.

- Estou bem. - ofegou, seu rosto transformando-se em prazer, Que surpresa maravilhosa. Como você está?

- Muito melhor por escutar sua voz. Como faz isso?

- Não sei. - disse Neve, resistindo à necessidade de rir como uma garota e pavonear-se diante do elogio de William pensei que íamos nos falar no domingo, algo errado?

- Não exatamente. Mas William parecia tão triste, que Neve sentiu doer seu coração em simpatia. - Nevy, estou em grandes apuros com a nota de rodapé desse documento que estou escrevendo a respeito de Rossetti. Honestamente, estou pensando em abandonar o mundo acadêmico e conseguir trabalho em uma livraria.

- Oh, querido. - Neve sussurrou, seu tom tornou-se tão arrogante que realmente queria sufocar. - Não acho que seria um empregado modelo de livraria; estaria muito ocupado lendo sob a mesa para fazer o inventário e se recusaria categoricamente de vender livros se pensasse que estão mal escritos ou que não têm nenhum mérito literário.

- E você não? - William perguntou, e não o disse sarcasticamente, a não ser com tal diversão que Neve não poderia ofender-se.

- Oh, totalmente. - assegurou. - Então, há algo que eu possa fazer? Quero dizer, os Poetas Românticos não são minha melhor área, mas você gostaria que eu lesse seu último rascunho?

- Você faria isso? - O alívio de William era evidente, Além disso, você irá à Biblioteca Britânica na próxima semana? Porque preciso revisar um par de referências, mas os empréstimos da interbiblioteca, demoram muito e nem sequer tenho certeza de que eles tenham...

- Não é um problema, ia mesmo fazer uma visita. - Neve disse apressada. A cada poucas semanas, ela inventava uma razão para descer até a Biblioteca Britânica, e depois de passar dez minutos checando diligentemente uma fonte, tomava um par de horas para fazer coisas não relacionadas ao Arquivo. Sempre se sentia culpada a respeito disso e vivia com medo de que o Sr. Freemont aparecesse repentinamente para controlá-la, descobrindo a terrível verdade e a demitisse, mas não obstante fazia. — Por que não me envia um e-mail com as referências e prometo revisá-las antes do próximo fim de semana.

- MUITÍSSIMO obrigado. - William respirou, e Neve segurou o telefone mais forte, porque, embora houvesse uma pequena demora transatlântica, cada vez que ele falava, imaginava que podia sentir seu fôlego sobre a pele, não sei o que faria sem você.

- Realmente não é nada. - disse Neve, afastando a cabeça do receptor para poder, momentaneamente, sorrir como uma lunática. - fico feliz em ajudar, adicionou, quando pôde confiar em si mesma outra vez para responder.

- Bom, agora que já resolvemos isso, provavelmente possa me explicar por que mentiu.

- William adicionou energeticamente.

- O quê? Não menti. Sobre o que menti? - exigiu Neve, enquanto espremia seu cérebro por algo que pudesse ter escrito para William que se afastasse da verdade. Talvez, referia-se a mentir por omissão, porque não havia contado para ele sobre...

- Posso dizer que não está bem, apesar de que disse que sim estava. Soube logo que atendeu ao telefone e disse olá, que algo estava perturbando você. A voz de William suavizou. Eu gostaria de pensar que confia em mim o suficiente para me contar.

- Confio em você. - disse Neve rapidamente, e ainda daria qualquer coisa para contar para alguém sobre a noite passada e implorar por algum conselho. William era a última pessoa a quem contaria. Contaria para sua mãe antes de William, realmente, estou bem. Não é nada.

- Você não está bem e obviamente aconteceu alguma coisa. Vou ter que recorrer ao clichê e dizer que um problema compartilhado é um problema pela metade.

-Bom, não tenho certeza de que isso seja verdade. - resmungou Neve e William estalou a língua, e mais para mantê-lo no telefone que outra coisa, ela disse: Eu, bom... Hum... Eu cometi um engano de julgamento e isso deu lugar a todo tipo de er... Equívocos, houve mais envolvidos e acredito que posso ter chateado essa pessoa, Franziu o cenho, e se não estivesse sustentando o telefone, suas mãos estariam agarrando a cabeça. Ou eles podem ter dito para outras pessoas o que fiz. Oh Deus, estou em um grande apuro.

- Mas o que você fez? - perguntou William. - Tenho certeza de que não pode ter sido tão ruim.

- Mas foi ruim. Muito, muito ruim.

- Neevy, você não tem um pinga de maldade e se chateou essa outra pessoa, tenho certeza de que não foi de propósito - disse William docemente, e era em momentos como estes, quando ele era tão simpático, que Neve se perguntava se ele tomava uma pílula a cada manhã que desse a habilidade de dizer sempre a coisa certa.

- É só que não sei o que fazer para reverter à situação. - admitiu Neve, ou para me sentir melhor.

Você pode se desculpar com eles. - sugeriu William. - Explicar as circunstâncias que levaram a este um... Engano de julgamento e tenho certeza de que eles perceberão que normalmente você nunca se comporta assim. Não

cometeste plágio, não é, Neve?

- Deus, não! É obvio que não. Balbuciou Neve, surpresa de que William pudesse pensar tal coisa. - Nunca faria algo assim.

- Bom, então não pode ser tão ruim. Você tem uma tendência a ser impaciente, apenas explique, peça desculpas e siga em frente. disse William firmemente, e era justo o conselho que Neve esteve esperando, exceto...

- Quando diz para eu me desculpar, refere-se à pessoalmente? Ou por telefone? Porque assim terei que falar e não estou totalmente segura de poder fazer isso.

William suspirou.

- Oh Neevy, o que vou fazer contigo? Escreva uma carta... Você escreve belas e eloquentes cartas, suspirou outra vez. - sempre é agradável ver uma correspondência esperando em minha caixa do correio.

Neve não pôde evitar suspirar também, embora seu suspiro fosse um suspiro de puro desejo.

- Isso é algo muito bonito. - disse com uma voz que estava à beira de um sorriso e um ótimo conselho. Escreverei uma carta para esta pessoa e então, talvez eu seja capaz de dormir esta noite sem me preocupar por isso.

Eles compartilharam um par de brincadeiras sobre o tempo e como Neve absolutamente iria à Biblioteca Britânica assim que pudesse, logo William desligou e Neve pôde agarrar a cabeça com ambas as mãos, por razões inteiramente diferentes.

Deixou que Max a tocasse de formas e em lugares que só pertenciam a William. William jamais se permitiu tomar essa classe de liberdades com mulheres que mal conhecia. Repentinamente, Neve recordou como Max a beijou e perguntou se podia ir para casa com ela quando nem sequer sabia seu nome. Era um canalha e provavelmente estava se movendo para outra vítima enquanto Neve se sentava na cozinha, melancólica.

Neve foi de ponta de pé até a sala, sentou-se à mesa, abriu a gaveta superior e selecionou uma folha de Basildon Bond. Em seguida, pegou sua melhor pluma, devido a que se ia escrever uma carta, ia fazer apropriadamente. Além disso, era indelicado digitar correspondência pessoal. Vacilou um momento a respeito de colocar seu endereço no canto superior direito, mas Max já sabia onde morava e ela não podia escrever uma carta sem pôr seu endereço no canto superior direito, assim era como ela fazia. Feito isso, pôde se esforçar para dar início à verdadeira tarefa:

Caro Max,

Apenas queria me desculpar por meu comportamento na noite que nos conhecemos. Esteve

completamente fora do lugar e é algo do que sinceramente me arrependo. Não menos importante, porque Celia me contou que estava um pouco chateado com o que aconteceu. Não estou inventando desculpas, mas em minha defesa tinha bebido muito e não estou acostumada ao álcool. Diminuiu minhas inibições e interferiu no meu julgamento, e me encontrei agindo de uma forma que me faz sentir profundamente envergonhada. Escrever isto é muito difícil para mim, mas sinto que te devo uma honesta explicação por minhas ações. Quando me perguntou se estava me recuperando de um namoro que deu errado, não poderia ter estado mais equivocado. Nunca estive em um relacionamento ou um encontro, o que sei que é muito incomum para uma mulher da minha idade, mas verá que estou profundamente apaixonada por um homem que esteve fora do país durante os últimos três anos. Durante este tempo, fiz várias grandes mudanças de estilo de vida, um dos quais foi perder uma considerável quantidade de peso. Não por William (esse é seu nome), mas devo admitir que esta ausência foi uma motivação para querer me transformar para o seu retorno. Tenho esta boba ideia de que como parte de minha viagem de autodescobrimento precisava embarcar em alguma interação com o sexo oposto. Nada muito oneroso para começar: algumas paqueras, um par de encontros e depois, com sorte um namorinho de curta duração que facilitaria minha passagem para este novo mundo. Uma relação breve, para que quando William retornasse, eu tivesse adquirido um pouco de experiência e saberia o que faz funcionar uma relação para não cometer enganos. Odiaria que nossa vida juntos se arruinasse antes que realmente começasse devido a meus nervos e ignorância em matéria de coração. Mas ontem à noite, como disse, bebi muito e estava lisonjeada (e também confusa) por sua atenção, e tudo descarrilou. De repente, pareceu terrivelmente importante que deixasse o sexo fora dos meus planos, mas minha inexperiência e os problemas com meu corpo superaram o álcool e bom, já conhece o resto. Não posso enfatizar quão suficiente nada disto foi sua culpa. Dei todas as indicações de que queria ter sexo contigo, e você foi muito consciente ao solicitar meu consento em cada etapa do nosso desafortunado encontro. Estou muito agradecida por você ter parado, já que temo que hoje sinta uma forma inteiramente diferente de arrependimento se tivéssemos seguido até o amargo final. Por favor, não pense que eu estava te usando de algum jeito. Tenho a impressão de que teve uma atitude muito relaxada com respeito a este tipo de intimidade e acredito que passei a impressão de que compartilhava a mesma indiferença casual pelas relações sexuais. Sei que não tenho o direito de te pedir nada, mas ficaria eternamente agradecida se guardasse o conteúdo desta carta para você. Amo a minha irmã, mas ela pode ser muito protetora comigo e tem uma tendência a dramatizar. Mais uma vez, peço desculpas se causei alguma angústia ou inconveniente.

Com os melhores cumprimentos,

Neve Slater (Irmã de Celia).

Neve leu a carta com horror. Sempre havia sido frequentemente elogiada por sua maneira de escrever; Até mesmo tinha vencido uma competição nacional de histórias curtas aos onze anos e teve várias peças publicadas em "Isis", quando estava em Oxford. Mas esta carta... Deus, era tão artificial e arrogante, como se fosse escrita por uma solteirona paroquiana com muitos gatos e um grande interesse em igrejas.

No entanto, continuava procurando em sua mesa um envelope e selo, porque já estava feito. Evaporado. Nunca aconteceu.

Capítulo Seis

Neve não voltou ao ouvir a respeito de Max, o que foi um grande alívio. Significava que ela podia deixar todo o infeliz incidente para trás e seguir em frente. Pelo menos, aprendeu com a experiência. E o que aprendeu era que não estava pronta para interagir com o sexo oposto. Não emocionalmente. Não mentalmente. E certamente, não fisicamente.

Pelo menos podia fazer algo em relação à última. Depois de tudo, tinha um histórico comprovado na hora de perder peso, como era o segundo sábado de fevereiro, e o momento da avaliação física mensal com seu treinador, Gustav, Neve esperava algumas boas notícias. Era o único momento que Neve tinha permitido subir numa balança. Gustav era enfaticamente anti-balanças e muito pró-fita métrica.

- Você perdeu mais um centímetro... - ele apontou para o peito dela. Neve não sabia se era porque Gustav era austríaco ou gay mas nunca gostava de dizer a palavra com S – seios - mas sim em vez disso, preferia fazer gestos com as mãos.

- Diminuíram? Novamente? - Neve olhou para os seios consternada.

- Quase um centímetro e meio da cintura alta, nada da cintura baixa e sem mudanças no quadril. Provavelmente meio centímetro de coxa esquerda, nada da direita.

Houve uma breve e feliz janela no tempo, quando Neve acreditou que terminaria como uma clássica ampolheta, mas esses momentos duravam e agora ela tinha definitivamente uma forma de pera.

- Mas quando a gordura vai da cintura para a parte de baixo? perguntou desesperada agarrando uma coxa para que Gustav pudesse vê-la sacudir, mais quantos agachamentos e exercícios precisarei fazer?

Gustav empurrou a cadeira para trás e deu seu olhar mais sério. Estavam em seu pequeno escritório no último andar da academia em Highgate. Ela tinha começado em uma academia menos elegante em Finsbury Park, mas logo Gustav se mudou para Highgate, secretamente deu um grande desconto na matrícula e fez esse arrogante, mas com sentido discurso a respeito de como estavam juntos em uma viagem e - não iremos parar, nem sequer quando alcançarmos a linha de chegada. É uma viagem para vida inteira, Neve.

Neve não tinha certeza, devido a que nunca teria uma total certeza em nada relacionado à Gustav, mas pensava estar certa ao dizer que sua relação profissional se transformou em uma amizade. Uma amizade muito co-dependente.

- Neve, já falei isso mais de uma vez, você não decide para onde e quando a

gordura vai. Ela vai quando quer. Tem que ser realista.

Que mais digo sempre?

- Não ganhei peso de um dia para outro e não vou perdê-lo de um dia para outro.

Neve repetiu obedientemente. - Mas sendo realista, ainda preciso perder uns bons dezoito quilos. E realisticamente falando, posso fazer isso em seis meses?

- Se for muito boa, muito paciente e fazer exatamente o que te digo, disse Gustav implacável. Normalmente, era bom ele reagir mais rigidamente quando Neve estava tendo uma crise de fé, mas às vezes apenas era muito, muito irritante.

- Mas eu já atingi o limite. Eu sei, você sabe. Aumento dois quilos quando estou menstruada, em seguida, os perco quando termina. É a mesma coisa há três meses! finalizou Neve, lamentando-se ofendida. - Já me exercito seis dias na semana e vou de bicicleta para todo lado, sempre subo escadas e...

- Você esteve se pesando às escondidas, não é? - perguntou Gustav mal-humorado cruzando os braços, e seus bíceps cresceram ainda mais do que faziam quando em repouso.

Quando se conheceram, naquele fatídico dia que Neve havia entrado em uma academia pela primeira vez na vida e gotejava litros de suor em um exercício de bicicleta, enquanto tentava arduamente não morrer de um enfarte, tinha ficado assustada com Gustav. Ele parecia ter saído do Olympia de Leni Riefenstahl com seu bronzeado, sua musculatura, seus gélidos olhos azuis e seu loiro cabelo platinado, seu acento austríaco tinha sido a cereja de uma sobremesa ariana. Ao longo dos últimos dois anos e meio, ele foi impossivelmente amável com Neve, de uma maneira inflexível, "*amor duro*", e ela se afeiçoou incrivelmente. Inclusive agora, quando seus olhos cintilavam e seus finos lábios se afinaram tanto que tinham deixado de existir.

- Eu disse logo no início que não haveria pesagem sem supervisão disse, você prometeu.

- Sei que fiz e sinto muito, mas às vezes preciso de números.

- Apenas as medições contam. - lembrou Gustav, sua voz era gentil agora que Neve estava devidamente arrependida. - sabe que quando quebra uma promessa comigo, quebra uma promessa com si mesma. Eu falei que os últimos vinte e dois quilos seriam os mais difíceis de perder.

- Não pensei que seria tão difícil.

- Seu metabolismo é muito imprevisível. - fungou Gustav. - Mudaremos um pouco as coisas. - Olhou-a pensativo. - talvez devesse dar uma pausa dos exercícios por uma semana para que possa reiniciar seu sistema.

- Não posso fazer isso! - Neve o olhou com horror. - Engordarei como um balão de um dia para outro, e de qualquer maneira estou acostumada a gastar certa quantidade de energia cada dia e não serei capaz de dormir. - Podia sentir suas sobranceiras juntando enquanto dava a Gustav um olhar suplicante. - Qualquer coisa menos uma pausa da academia.

Gustav desmoronou imediatamente, da maneira que sempre fazia quando Neve mostrava um compromisso com o seu condicionamento físico e seu regime de treinamento além das suas expectativas.

- Você percorreu um longo caminho. - murmurou, sua voz entrecortada suavizou, era um sinal de que se sentiu comovido. - estou tão orgulhoso de você. É por isso que tenho isso. Aproximou-se da gaveta da mesa, e o espírito de Neve, que se tinha afundado ante a perspectiva de dar um tempo da academia, elevou-se. Talvez Gustav amoleceu e a deixaria ter um podômetro. Mas podômetros não vêm em grandes envelopes vermelhos.

- Feliz São Valentim. - disse Gustav com uma cara séria, porque ele nunca brincava durante as consultas pessoais.

Neve adotou uma postura cautelosa.

Apesar de ter recebido o cartão de costume da sua mãe e um texto de Celia, esteve tentando esquecer que era São Valentim. Pelo menos ele teve a decência de cair num sábado este ano, porque odiava as garotas esnobes do metrô, ao entardecer, com seus presunçosos buquês de rosas vermelhas.

- Normalmente dá a seus clientes cartões de São Valentim? perguntou Neve, enquanto abria o envelope e era confrontada por dois corações vermelhos encolhidos um ao lado do outro.

É claro que não. - Gustav estremeceu. - Harry e eu ainda estamos muito felizes juntos, mas você não é apenas minha cliente,

Neve, é minha amiga. Ele parou. Uma das minhas melhores amigas. - E você mudou minha vida. - disse Neve, sem humor na voz. E eu te abraçaria, mas fizemos exercícios e estamos muito suados.

Gustav assentiu.

- Harry está me preparando um jantar esta noite, mas tenho vinte minutos se quiser um pouco de luta.

Enquanto Neve colocava as luvas de boxe, olhou em torno da academia deserta (apenas um homem, insistindo muito na esteira, mas tinha um cheiro horrível, por isso não era de se estranhar ele não ter planos para esta noite) e, de repente, teve uma epifania de que este seria o último dia de São Valentim que passaria sozinha.

No próximo ano, nesta época, William estaria de volta, ela seria um 38 e tudo seria perfeito.

Neve se sentiu exausta, mas revigorada, por golpear seus demônios e logo retornar de bicicleta para casa sob chuva. A revelação de que estes seriam os últimos meses que passaria solteira havia colocado um sorriso em seu rosto que não desvaneceria. À medida que avançou sem pedalar em Abelard Road e viu todas as luzes apagadas no número vinte e sete, a vida pareceu bastante boa. Neve normalmente saía aos sábados à noite, mesmo se somente para ir ao cinema, mas seus amigos que tinham um relacionamento estavam tendo encontros românticos e todas suas amigas solteiras haviam, com toda razão, decidido que sair no dia de São Valentim e ter que abrir caminho através de casais beijeiros era uma receita para ataques de raiva e pensamentos suicidas.

Neve estava feliz em ficar, porque parecia que Charlotte tinha enchido o saco de Douglas para que a levasse para sair e festejar a absoluta farsa que era seu casamento, o que significava que Neve podia subir correndo as escadas com seus sapatos postos e pisar tão forte quanto quisesse. Até mesmo, escutar Rádio Four e fazer ruído com os utensílios enquanto fazia o jantar. Desceu da bicicleta para destravar a porta e viu uma sombria figura sentada nos degraus da sua porta.

Celia e Yuri estavam na noite "*Que Se Foda São Valentim e o Cavalo no qual Montava*" no Dalston, assim Neve pegou as chaves, que poderia usar como uma arma. Então a figura ficou de pé e o abajur do outro lado da rua revelou quem era seu suposto atacante.

- O que está fazendo aqui? - gritou para Max.

- Recebi sua carta e tive a intuição de que estaria sozinha em casa num sábado de noite - explicou Max enquanto Neve se mantinha metade dentro, metade fora da porta. - Quero falar com você.

- Não há nada para falar. - Insistiu Neve, com seus dedos bem apertados no chaveiro, enquanto ignorava a indireta sobre seu suposto sábado à noite de celibato. Falei tudo o que tinha para dizer. - Pedi desculpas!

- Bem, sim, você fez. No meio me catalogou como uma espécie de prostituto. Olha, não estou aqui para ter uma discussão. Apenas quero... Falar. - Finalizou Max, como se não fosse a palavra adequada, mas sim a única na qual poderia pensar.

- Não acho que temos algo para falar. - Então, a chuva continuou caindo, densa, rápida e gotejando o pescoço de Neve. - olha, não é conveniente. Estava na academia, vim de bicicleta para casa e estou ensopando-me...

-Posso entrar enquanto toma banho e se troca. - disse Max com facilidade. Neve olhou para ele com desconfiança. Não havia maneira dele entrar em seu apartamento e sentar na sala enquanto ela estivesse nua no banheiro. Não, a menos que ele pensasse que, apesar de tudo o que havia dito na carta, ela queria outra tentativa. - Não, não pode. - vaiou em um escandalizado sussurro. - A última vez já não foi o ruim o suficiente?

- Acredite em mim, ainda tenho pesadelos sobre isso. - Devolveu Max. Apenas quero conversar. Olha, o que me diz do bar da esquina?

- O que há com ele?

- Vejo você ali em, digamos, meia hora? - Max deu um passo para fora do alpendre e Neve não teve mais opção que afastar a sua bicicleta para trás, assim ele poderia sair do edifício.

- Tem um guarda-chuva, não é? - Neve escutou a si mesma perguntar. - Poderia te emprestar... - Oh Max estava abrindo um enorme guarda-chuva de golfe, que aparentava ter começado sua vida no Four Seasons de Beverly Hills.

- Então isso significa que te verei em trinta minutos? - Ele estava agora no mesmo nível que ela, sua bicicleta entre eles agia como uma barreira.

- Bem, suponho. -disse Neve, sem graça. - Embora não posso imaginar sobre o que temos que falar.

- Legal. - disse Max. - Terei um vinho branco esperando por você.

- Não estou bêbada. - Neve disse enquanto ele saía. - Nunca outra vez!

Neve queria se encontrar com Max no Hat and Fan tanto quanto queria uma pausa da academia. Mas tinha visto o olhar de resolução em seus olhos enquanto passava e, simplesmente, podia imaginá-lo retornando a casa e apoiando-se na companhia até que ela o deixasse entrar.

Enquanto tomava um rápido e superficial banho, Neve não podia pensar em nenhuma razão lógica de porquê Max queria falar com ela sobre a carta. Além disso, uma coisa era ser honesto e real em uma carta e outra era ser em pessoa, era algo inteiramente diferente. Secou rapidamente o cabelo com uma toalha devido a que iria se molhar novamente e colocou um sutiã, calcinha e soquetes de lã, inspecionando suas opções de vestuário. Não ia se produzir outra vez, apenas daria ao Max a ideia errada não era como se ele parecesse ter algumas lembranças agradáveis do tempo que passaram juntos. Ainda assim, ela tinha seu orgulho e não ia aparecer de moletom e com má atitude.

Neve colocou seus jeans Gap Longa & Magra, que não fizeram nada para deter que ela fosse Curta & Gorda, continuando, depois de algumas breves vacilações, ela deslizou em uma túnica de corte império cor cinza, que terminava na metade da coxa e cobria uma multidão de pecados ou pelo menos cobria seus quadris.

Um rápido olhar ao relógio e Neve se deu conta de que tinha dez minutos para se apresentar no bar. Recolheu o cabelo em um rabo-de-cavalo, colocou seu confiável Black Honey Clinique Almost Lipstick nos lábios e as falsas Uggs Primark, embora Celia tivesse tentando fazer prometer que nunca deixaria a casa as usando.

A chuva tinha cessado, então, com suas luvas e gorro, Neve correu ao longo

da rua e um minuto antes que a meia hora acabasse, empurrou a porta do Hat and Fan.

Normalmente, Neve odiava ir a bares por conta própria, mas o Hat and Fan era como sua segunda casa, seu segundo lar, ainda quando não tinha posto um pé nele por quase três anos. Estava encantada em ver que ainda era a loja esquecida pelo aburguesamento. Ainda havia cavalos de bronze montados atrás do bar, junto com pacotes de torresmos, uma verdadeiramente horrível reprodução do Monarch of the Glen pendurando sobre as chamas simuladas da falsa lareira, e do outro lado do bar, ficava a sala "*aconchegante*", e todo mundo ainda a chamava assim.

Ida e Jake estavam sentados em sua mesa de sempre no pequeno canto junto à porta, com suas respectivas garrafas, taças e limão e, enquanto Neve entrava no calor do bar, sobre um tapete padrão Paisley que não tinha sido tirado para não expor as pranchas de madeira debaixo dele, cada cabeça virou para olhá-la.

Era esse tipo de bar.

- Neevy, minha querida! - Chiou Bridie, a proprietária. - Olha para esta garota, está desaparecendo.

- Não realmente. - disse Neve, removendo o gorro e oscilando por volta dos irmãos O'Leary que estavam sempre sentados no bar.

-Não sobrou nada em você. - insistiu Bridie. - Mal teria reconhecido se não te conhecesse melhor que a minha própria carne e sangue.

Bridie a tinha reconhecido bem quando Neve tropeçou com ela na Tesco, na semana anterior, então Neve apenas sorriu vagamente e olhou ao redor procurando Max.

- Ele está na "*aconchegante*". - disse um dos irmãos O'Leary, Neve nunca tinha certeza de quem era quem. - O cara jovem que veio mais cedo.

Neve sorriu. Max não seria capaz de comprar uma bolsa de batatas fritas sem uma feroz interrogação e a sugestão de que seria muito mais feliz no Old Dairy na esquina, onde tem toda essa cerveja importada.

Abriu a congelada porta de vidro que levava até a sala pouco carregada que sempre cheirava a naftalina, e ali estava ele; sentado em um dos sofás de couro sintético falso e parecendo como se desejasse ter outro lugar para estar.

Capítulo Sete

- Você foi o único que queria conhecer isto. - disse Neve, enquanto os lábios de Max contorciam em saudação.

- Você poderia ter falado que este é o seu bar de costume.

- Não realmente, mas este era o antigo Pub do meu avô, então meio que me criei aqui - disse Neve, olhando ao redor com um meio sorriso ao recordar dos almoços de domingo na longa mesa do bar principal e de pé sobre os pés do seu avô Fred, enquanto ele dançava ao redor, com os velhos discos de Frank Sinatra da avó.

- Você se sente em casa.

- Enquanto eu for a proprietária, esta será sempre sua casa disse Bridie, de forma trabalhada em excesso. - Dê-me seu casaco, amor, e me diga o que quer para beber.

- Posso tomar uma xícara de chá? - pediu Neve enquanto entregava seu casaco para Bridie.

- Posso te fazer um prato de sanduíches ou, que tal um prato de uma boa sopa? Tenho um pouco de Oxtail⁽¹⁷⁾ caseiro acima.

- Somente o chá está bom, obrigada. - disse Neve, sentando-se no sofá que estava disposto em ângulo reto ao de Max. Bridie lançou para Max um olhar que fervia de suspeita.

- E o seu namorado vai querer algo mais?

Max parecia bastante inofensivo em calças jeans e um suéter de lã listrado, na realidade, não tinha feito nada para merecer tal aberta hostilidade, a não ser apenas ter um pênis e conhecer Neve por seu nome era crime suficiente.

- Ele não é meu namorado. - disse Neve, delicadamente, com um sorriso de desculpas para Max, por isso conseguiu uma sobranceira levantada, - este é Max. Trabalha com Celia.

Enquanto o rosto de Bridie contorcia como se alguém tivesse pisado em cocô de cachorro e tivesse deixado rastro através dos tapetes, internamente, Neve batia a mão na testa. Celia era o joio do trigo do Clã Slater com sua roupa extravagante, suas amigas fantoches e a forma em que fugiu para Nova Iorque depois de seus níveis-A e "*quebrando o coração de sua pobre mãe*", como Bridie estava sofrendo. Neve não se lembrava da ruptura do coração de sua mãe. Ficou realmente chateada quando Celia tinha aterrissado sem ter sido convidada às portas da tia Catalina em Nova Jersey, mas isso era passado.

- Bem, eu pegarei uma xícara de chá para você, então, - disse Bridie, com uma mão na pequena porta. - Apenas grite se precisar de algo. - Ela deixou a porta entreaberta, muito melhor, para escutar os gritos dolorosos de Neve se Max fosse vencido pela luxúria e se aproveitasse dela ali mesmo.

- Então, promete que não haverá uma procissão de tochas para me levar à fogueira? - perguntou Max, esvaziando o conteúdo do seu copo de cerveja.

- Acho que sua execução será através de forças. - disse Neve com calma, porque estava em seu próprio terreno, por assim dizer, e se sentia um pouco menos em desvantagem.

- Então, você tem senso de humor? - Max deu de ombros. - Estava começando a me perguntar isso. E, apenas com isso, Neve se sentiu desconfortável e inquieta novamente.

- Olha, a respeito daquela noite. Sinto muito, - começou vacilante, - Tentei explicar na carta. Não entendo por que tem que me perseguir para discutir tudo novamente.

- Ninguém nunca havia me enviado uma carta pedindo desculpas depois de uma aventura de uma noite.

-Não foi uma aventura de uma noite. -Interrompeu-o Neve em um sussurro feroz.

-Realmente não. -Sem dúvida teria que haver uma verdadeira penetração prolongada para que pudesse ser qualificada como uma aventura de uma noite? - De certa forma foi. - respondeu Max, sussurrando, e Neve agradeceu por ele ter percebido que todos os ouvidos do bar principal se esforçavam em sua direção. - De qualquer maneira, fiquei assustado e logo me preocupei de que estivesse ainda mais assustada e queria me assegurar de que estava bem. - Não era absolutamente o que Neve esteve esperando e então pôde relaxar um pouco. Ou, pelo menos, inspirar e expirar.

- E então, você está? - perguntou Max, chegando cautelosamente até seu braço, para empurrar, como se temesse que pudesse quebrar se a tocasse ou, mais provavelmente, que gritaria para pedir ajuda.

- E se eu estiver bem? - Neve considerou a pergunta, mas o rubor em suas bochechas respondeu por ela. - Acho que sim, além de me perguntar se é possível morrer de vergonha.

- Vê? Isso é o que me assustou. - Max se moveu para a direita do canto do seu sofá, assim estava tão perto de Neve quanto podia, enquanto mantinha uma distância segura entre eles. - O sexo não é nada pelo que se envergonhar. Não é grande coisa.

- Mas é uma grande coisa. - disse Neve, fazendo uma pausa enquanto a

magnitude do ato voltava a atingi-la. - Ou deveria ser. É apenas a coisa mais íntima que pode fazer com alguém. E eu estava muito bêbada e fui direto para o sexo, sem nenhum tipo de pensamento. Passei mais tempo debatendo se eu deveria comprar um par de sapatos.

As sobrançelas de Max se ergueram mais e mais alto, enquanto Neve pronunciava seu discurso, e justo quando abriu a boca para defender a causa do amor livre e fácil, Bridie estava de volta com uma bandeja onde trazia um litro de cerveja, uma fumegante xícara de chá e um prato de sanduíches.

- Agora, eu sei que você disse que não tinha fome, mas parece como se não tivesse uma comida decente nas últimas semanas. - insistiu Bridie com força, apesar de Neve saber que se alguma vez sobrevivesse a um acidente de avião tinha suficientes reservas de gordura para um período de mais ou menos um mês se não encontrasse nozes e bagos. - Queijo e pepinos japoneses. Você gostava de queijo e dos picles.

Neve sentiu suas narinas se contraírem, enquanto Bridie cerimoniosamente colocava os sanduíches na frente dela. Não importa o queijo e os pepinos japoneses, podia cheirar a manteiga. Espessa, manteiga cremosa, salgada.

Max estava falando com Bridie, que estava dialogando, sob o marcado ambiente hostil, enquanto sorria e dizia que não parecia o suficientemente adulta para dirigir seu próprio pub, mas tudo o que Neve podia ouvir era a corrida em sua cabeça enquanto olhava o prato de sanduíches. Tinha que haver pelo menos mil e quinhentas calorias ali. Isso são duas horas completas na academia fazendo exercício cardiovascular de alto impacto. Mas, Deus, essa manteiga...

Neve piscou lentamente e afastou o olhar da bandeja enquanto a voz de Bridie se tornava mais nítida.

- Desculpe? - Disse Neve. - Você disse algo?

- Estava me perguntando, sua mãe está em Yorkshire ou na Espanha neste momento? - Os olhos de Bridie brilharam com curiosidade.

- Estão em Yorkshire. - admitiu Neve, sabendo que sua mãe estaria recebendo uma ligação dentro de uma hora para informá-la que sua filha mais velha estava em público com um homem, cujas intenções eram, até agora, não declaradas.

- Realmente deveria dar um anel para ela. - disse Bridie, era previsível, já que praticamente correu para a porta. - O Assassinato de Midsomer^[18] está a ponto de começar, então é melhor manter esta porta fechada. Não quero incomodar.

Neve teve visões de Bridie pondo a sua mãe no viva-voz do telefone para que Ida e Jack, e até mesmo os taciturnos O'Learys pudessem entrar no coro.

- Meu pai convenceu a minha mãe a voltar para Yorkshire depois que minha avó morreu - disse para Max, que provavelmente não tinha o menor interesse,

mas se ela usava sua boca para falar, então não poderia usá-la para comer sanduíches que tinham sido generosamente recheados com manteiga, queijo cheddar gratinado e o caseiro pepino japonês de Bridie, o que tende a tomar a camada superior de pele da sua boca, de uma maneira muito boa. - Mas eles compraram um lugar também na Espanha, em Costa Del Sol, onde passam a metade do ano. Deus, você tem que comer isto.

Mesmo deixando as pontas dos dedos no prato, para poder empurrá-lo para Max, fez com que sua determinação enfraquecesse. Visualizar seu número 38 pela rua, num apertado vestido preto, não estava tendo o efeito de costume.

- Eu já comi alguma coisa. Protestou Max. - Basta deixá-los.

- Não posso! Você passou dez minutos com Bridie, por isso deve saber que ela vai estar sobre mim até que coma isso... E eu não como coisas como esta. - Neve olhou a seu redor, grosseiramente, por um cesto de lixo à mão ou uma janela que, de fato, pudesse se abrir, enquanto que Max a olhava como se estivesse com baba escorrendo pela boca. Sentia-se como se suas glândulas salivais estivessem trabalhando horas extras.

- Porque não pega um só? - sugeriu Max razoavelmente, como se estivesse falando com uma pessoa razoável, com uma atitude razoável com respeito à alimentação.

- Só um? - disse Neve com incredulidade. - Você diria para um viciado em drogas que tivesse apenas uma dose de crack?

- É um sanduíche de queijo, não um narcótico classe A. - Max continuou sentado no sofá, apesar de Neve meio esperar que ele corresse para a porta agora. Preferia reencenar cada momento terrível da sua noite juntos, do que ele ser testemunha de um dos seus ataques de loucura com a comida.

- Somente tem que envolvê-los em guardanapo, colocar na bolsa e jogá-los no lixo quando for. - Neve olhou para a mochila de Max, bordada com o logo Marc Jacobs, que estava apoiada no pé da mesa.

- Você não pode colocá-los na bolsa? Por favor. - Podia sentir as primeiras batidas de advertências em seus canais lacrimais. - Eu imploro, Max.

Dizer seu nome melancolicamente funcionou como um passe de mágica, porque Max estava cuidadosamente envolvendo os sanduíches nos guardanapos vermelhos proporcionados por Bridie.

Fazia com relutância, mas estava fazendo, isso era o que importava. - Espero que estes não derramem molho de pepino japonês no meu carregador de telefone. - reclamou.

Somente quando os sanduíches estavam escondidos e Max havia guardado a bolsa atrás do sofá para que Neve não tivesse que olhá-la quando se inclinasse, procurando a xícara de chá com uma mão tremente.

-Desculpe. - murmurou ela. - Fico bem se sei com antecedência que haverá alimentos que não posso comer, mas quando sou pega de surpresa... - Ela ficou triste, porque ninguém realmente entendia que a comida não era apenas o combustível ou que não havia nada de errado em um pouco do que imaginava; cada comida, cada bocado era uma batalha, uma guerra que nunca iria acabar.

- Você disse na carta... - Max começou, mas parou quando seus olhos perderam-se nela.

- Você parecia bem para mim e vi o suficiente de você naquela noite...

- Só viu o que eu queria que visse. - confessou Neve, recordando a forma em que ela manteve os braços grudados nos lados do corpo, nem mesmo havia deslizado um pouco.

- Acho que vi um pouco mais que isso, quando estava debaixo dos lençóis. - disse Max desta forma lenta e divertida que deveria deixar todo cabelo e cada pelo do corpo arrepiado. Em vez disso, Neve sentiu um calafrio pequeno correndo através dela, que não tinha nada a ver com as réplicas dos sanduíches de queijo e mais a ver com a forma em que a voz de Max caiu tão baixo, como se a lembrança de estar entre suas estrondosas coxas fosse agradável.

- Estávamos no escuro e você estava bêbado. - insistiu Neve. Ela engoliu em seco, porque isto nunca era fácil de dizer, mesmo se tivesse sido capaz de escrever na carta.

- Meu corpo... Se eu tivesse esse peso toda à vida, meu corpo seria diferente. Mas pesava muito mais que isto e é possível notar.

- Então você perdeu uns quilos. - Max deu de ombros novamente. - Vocês, mulheres. Todas tão obcecadas com o peso, e realmente, a menos que tenha obesidade mórbida, não há nada para se preocupar. Os outros sempre pensam que pesa mais que você.

Em algum momento, tão rápido quanto ela viu Max sentado em sua porta, Neve soube que eles teriam essa conversa. Pelo menos isso seria uma coisa da qual estaria a salvo com William, porque ele a tinha conhecido naquele tempo. De qualquer maneira, depois desta noite, era quase cem por cento certeza de que não voltaria a ver Max novamente, por isso poderia ser sincera de uma vez por todas.

- Eu sempre soube exatamente quanto peso, - disse ela, com a esperança de que Gustav não houvesse colocado uma escuta nela. - E tinha obesidade mórbida.

- Oh, por favor... - Max estava pronto para começar a zombar, mas Neve já estava esperando por isso, razão pela qual tinha pegado a foto que ficava geralmente na porta da geladeira e a colocou na bolsa, então retirou da bolsa, de repente, e colocou sobre a mesa.

- Obesidade mórbida. - repetiu. - Eu pesava 162 quilos. Isso é mais que apenas *'alguns quilos'*. Eu diria que era de um tamanho 60, porque esse era o maior tamanho que Evans fazia. Mas até mesmo isso era pouco. Max ficou olhando a foto com uma expressão de horror.

- Droga! Essa não é você. - suspirou. - Não pode ser.

A foto tinha sido tirada no jantar de Natal familiar há quatro anos. Neve tinha sido pega de surpresa, porque normalmente corria, ou se balançava, para longe da lente da câmera. Mas, nesta ocasião, Celia tinha conseguido encaixá-la justo quando estava manobrando um espetinho de salsicha envolvida com bacon para a boca, a mandíbula bem aberta para receber a oferta, a câmera tinha captado realmente a glória dos seus vários queixos. O resto dela não estava muito bem; uma montanha vestida de preto, de carne amorfa, com um rosto redondo, pálido, situado instavelmente na parte superior da mesma.

Neve não teve que olhar para a imagem na mesa, porque a via pelo menos cinco vezes ao dia, quando estava fazendo leite desnatado ou tirando folhas verdes e essas coisas da geladeira. Talvez tenha sido a familiaridade que tinha diminuído o nível do choque, em vez da garota que estava acostumada a ser.

- Sou eu. - disse simplesmente, porque estava acostumada à incredulidade das pessoas quando viam essa imagem. Até mesmo Celia, que tinha tirado a maldita coisa. - Não era tão gorda. - ela sempre insistia. - É apenas um ângulo ruim.

- Agora que viu, entende por que sou como sou? - perguntou em voz baixa Neve.

- Uau. - disse Max. Olhou para Neve sentada ali, apesar de que sua túnica cinza, era tão corpo esculpido. - É metade da mulher que estava acostumada a ser, literalmente. - Neve nunca se cansaria do olhar que Max estava dando para ela, o olhar que ela tinha recebido de tantas outras pessoas que não a tinham visto desde sua transformação. Era um olhar de estupefação boba, geralmente seguido de um rápido *"Não acredito!"*.

-Menos da metade. - disse com ares de arrogância, mas tinha ganhado o direito de ser presunçosa. - Perdi duas Kylie Minogue inteiras. - Em seguida, sua expressão se tornou séria. - Então, pode ver, por isso nunca tive um namorado ou estive em um relacionamento. - Max empurrou a foto para longe como se não pudesse suportar vê-la por mais tempo.

- Mas um montão de go... pessoas maiores, têm relacionamentos.

- Você pode falar a palavra com G, não me incomoda. - disse Neve, dobrando as pernas debaixo dela porque agora podia fazer isso. E cruzá-las também, se quisesse. - Sei que existem muitas pessoas gordas em relacionamentos saudáveis e felizes, mas eu não era uma delas. Quero dizer, eu tinha amigos, mas me sentia muito mal pela forma em que estava, então comia para ficar feliz e isso me tornava maior, o que me deixava mais miserável. Não

estava exatamente com humor adequado para tentar encontrar um namorado. Tinha certeza de que a maioria dos homens odiaria a forma que eu era.

- Mas esse cara, William, não te odiava?

Neve balançou a cabeça.

- Não, não me odiava. Não, absolutamente.

Max apoiou os cotovelos sobre os joelhos e ficou olhando serenamente para Neve.

- E ele sente o mesmo por você? - Seu olhar sem pestanejar, era como o soro da verdade.

- Bem, acredito que sim. - Endireitou os ombros, obrigando-se a olhar Max diretamente nos olhos. - O coração sabe, não é o que dizem?

- Se ele te amar, então não deveria importar seu tamanho ou a experiência que possa ou não ter. disse Max em voz baixa. - Não, se realmente te amar.

- Não é só isso. - Neve fechou os olhos por um momento. - Ele me perguntará se estive saindo com alguém e eu teria que responder que não, e saberá que não estive envolvida com ninguém quando estava em Oxford, e aquela noite que tivemos... Se tivesse ocorrido a mesma coisa com o William, estragaria tudo e eu iria querer morrer. - Parecia tão bobo e melodramático quando disse em voz alta, mas Max só assentiu.

- Olha, você deveria ter me falado que era sua primeira vez. - comentou alegremente. - Poderíamos ter levado mais lento, muito mais lento. Garanto a você que teria sido um bom momento.

- OH, Meu Deus. - disse Neve fracamente, porque o sexo não era algo que se discute em um tom jovial ou em um lugar público ou com alguém que não era Celia e, mesmo assim, estava sob pressão extrema.

- Não, sério. - insistiu Max, a dúvida mortificada de Neve passou à incredulidade. - Não há ponto em ser modesto a respeito, eu sou muito bom no sexo. Sou fantástico nas preliminares, nunca têm que me pedir para atender uma mulher... De fato, eu adoro, sobretudo quando...

- Por favor, pelo amor de Deus, pare. - implorou Neve. - Pare de falar sobre isso.

- Você, realmente, está muito reprimida. Nem sequer pode falar sobre isso, não é? - Max franziu o cenho. - Olha, naquela noite, você disse que havia ensinado tudo o que a Celia sabe e acredite em mim, ela sabe muito, e que.... - Neve levou a mão ao coração que batia descontroladamente.

- OH, doce Jesus, você dormiu com a minha irmã mais nova!

- Mas é claro que não. - disse Max, indignado, e Neve queria bater nele, porque apesar do enorme alívio por não ter compartilhado a cama de Celia, não havia necessidade de que parecesse tão ofendido. Celia era a presa. - Nunca durmo com as mulheres da Skirt, bem, além das internas e também as dispensei ultimamente, mas já trabalhei com a sua irmã e ela não é uma flor pouco tímida, então pensei que eram farinha do mesmo saco. Você praticamente me arrastou para o quarto.

Apesar do lugar estar quente o suficiente para Neve estar com o rosto vermelho e cozinhando lentamente na sua túnica de lã cinza, ela estremeceu.

- Olha, já falei o que sentia na carta, então por que me submeter a este post mortem^{19}?

-Deve ter parecido muito triste, - porque Max se moveu desconfortável no sofá.

- Eu realmente queria ter certeza de que você estava bem disse. - Que não continua se culpando pelo o que aconteceu.

- Bem, eu estava até que você apareceu na porta da minha casa e agora voltei a me castigar. - suspirou. Max se inclinou para frente, para poder ter as suaves mãos de Neve ao alcance. Neve desejava afastá-las, mas Max estalou a língua quando sentiu a vibração dos seus dedos.

- Olha, Neve, você é uma garota bonita, inteligente e que não deve passar a noite de São Valentim sentada em um bar de merda. Sem ofensas.

- Não ofendeu. - disse Neve, já que a única razão pela qual amava o Hat and Fan era por causa das lembranças, não pelo verdadeiro cheiro do bar. - Mas você também está passando a noite de São Valentim em um bar de merda.

- Sim, mas tinha outros três lugares para estar depois desse, Max a informou arrogantemente. - Não ia passar o resto da noite em casa sozinho.

Neve tentou afastar as mãos das dele, mas Max se negou a deixá-la ir.

- Deixe de ser tão mal-humorada – disse -, estou aqui para ajudar.

- Eu não preciso da sua ajuda!

- Isso é o que vai acontecer. - disse Max, como se ela não tivesse falado. - Vamos retornar para o seu apartamento, para que você possa colocar algo que seja muito menos, bem, como um saco, e iremos à cidade para que você possa conseguir sexo. O que acha disso? - Neve pensava muito sobre isso, mas não pôde conseguir qualquer palavra enquanto tossia e cuspiu.

- Não quero conseguir sexo. - disse ela finalmente. - Nunca fiz. Não faz muito tempo. Há outras etapas.

- Se eu fosse você esqueceria das outras etapas agora e apenas tiraria a foda

do caminho. - Max aconselhou, como se fosse uma espécie de perito em foder, o que na realidade, era verdade. - Pense nisso como se fosse igual a tirar um Band-Aid muito rápido, não faz mal, e uma vez que tiver o sexo fora do caminho, então pode seguir adiante com as outras coisas.

- Eu não quero tirar o sexo do caminho. - vaiou Neve. - De fato, eu acredito que o sexo está completamente fora da agenda por hora.

- Então, você vai esperar esse cara, William, fazer as honras? - Max esclareceu, enquanto distraidamente acariciava o pulso direito de Neve, onde pulsava com força. O movimento era como um mantra, calmante e reconfortante, Neve quis inclusive pegar sua xícara de chá fria e jogá-la no rosto dele. - Está se guardando para ele, porque é o seu único e verdadeiro amor? Cristo, é muita pressão para que alguém esteja à altura. - Max tinha razão, era irritante. Mas se o encontro sexual estagnado havia ensinado algo a Neve, era que ela não estava pronta para o sexo.

- Preciso de experiência em relacionamentos, não experiência em sexo. - disse.

- Vamos, levarei você ao Black. Sempre estive cheio de tipos literários e vou encontrar um cara tio que deixe de dar nos livros e, então, né... Bem, dê à você. - Neve conseguiu afastar as mãos.

- Urgh, isso é nojento! - Ela apontou com um dedo trêmulo para Max, que sorriu. - Rude. - Você é nojento! Não é divertido ter vinte e cinco anos e não ter ideia de como tudo isto está destinado a funcionar. Não há forma terrestre em que alguém como você poderia entender como aterrorizar e confundir o sexo e as relações e encontros quando nunca tem feito nada disso. - Ela estava a ponto de chorar, tão perto que tinha que respirar forte antes de continuar. - Perdi muito tempo neste ciclo de gordura e ódio comigo mesma, e agora não há tempo e parece uma tarefa impossível o sair e tentar conhecer alguém e paquerar com eles e que riam de suas piadas. - Ela deu de ombros. - Então, o quê? Começa a sair e é todo esse clichê, e deixar passar dois dias antes de ligar para eles e que poderia se prolongar por semanas e semanas. Quero pular diretamente para os três meses de relação.

Não estava compartilhando tanto, como discursar, mas Max parecia estar pendurado em cada palavra e Neve viu que havia uma parte amassada do Bond Basildon em sua mão que parecia horrivelmente familiar.

- O que é uma relação panqueca? - Perguntou, riscando uma linha em particular com a ponta do dedo.

- É tão bobo. Só esta analogia de tortura...

- Eu adoro analogias de tortura. É meu tipo preferido. - Era difícil saber quando Max estava zombando dela.

- Bem, quando se faz panquecas, a primeira coisa você sabe, mas basicamente está provando a consistência da massa e nunca tem a forma certa ou a espessura para jogá-la fora. - Max a olhou confuso.

- Nunca ouvi falar disso. - Franziu o cenho. - Então, quando faz panquecas, joga a primeira panqueca fora?

- Bom, eu não como mais panquecas, e quando estava acostumada a fazer, sempre comia a primeira - recordou Neve secamente. - E a segunda e a terceira e o que vinha depois desta, até que não sobrasse nada. Mas geralmente as pessoas que não são compulsivas com a comida jogam a primeira fora. Eu quero um relacionamento assim.

- Portanto, uma relação que será boa o suficiente para acrescentar alguma coisa às outras relações, mas não boa o bastante para ser realmente séria, para que depois você possa dispensar o pobre homem, quando este outro cara voltar de onde esteve - resumiu Max, então esboçou um sorriso enquanto agarrava sua garrafa de vidro.

- Parece terrível e desumano quando colocado dessa maneira. - protestou Neve. - É somente um pouco de diversão, nada sério, e sem rancores, quando chegar o momento de seguir por diferentes caminhos.

- E o que há para o homem nesta relação panqueca? Você sabe que pretende colocar suas coisas em ordem ou pretende na realidade fingir e...

- Pare! Por favor, pare. - Neve pegou sua xícara de chá, mas a porcelana estava fria. Teve a tentação de gritar para Bridie colocar água para ferver, porque então ela faria bagunça e isto faria com que Max deixasse de falar, mas pelo som das altas vozes no bar, Assassinos do Midsomer tinha chegado a um momento particularmente emocionante e Neve não tinha coragem de incomodá-la. - Obviamente não considere todas as falhas do plano, mas Celia diz que noventa e nove por cento dos homens têm fobia de compromisso e uma aventura de três meses, sem compromisso é um assunto que podem lidar.

- Não acredito que um caso sem condições é algo com que você possa lidar, entretanto. Não no momento de qualquer maneira. - apontou Max, e de repente Neve se sentiu nua e vulnerável, como na outra noite. - Debaixo de toda essa roupa sem charme e desalinhada, a percepção de Max era afiada. - Então, no que implica este falso relacionamento?

Neve não ia dizer uma palavra mais sobre o tema. Realmente não faria. Exceto que sua mente já estava indo para esse lugar feliz, onde não haveria *"longos passeios de domingo à tarde"*, embora estivesse chovendo, porque é estimulante caminhar sob a chuva com alguém mais, em lugar de fazer por sua própria conta. E logo, quando chegasse em casa se secasse, haveria chá e torradas e um filme em preto e branco na BBC 2 com Bette Davis. Ou talvez não houvesse, mas não importava, porque então poderiam fazer juntos palavra

cruzada. Mas se o tempo estava seco, então poderiam dar uma volta e visitar as casas do National Trust.

- Realmente tenho que participar do National Trust. - ouviu-se dizer em sonhos. Então Neve piscou e voltou para a terra em que Max a estava olhando como se tivesse estado falando mandarim.

- Sério? - disse. - É isso o que acontece no relacionamento?

- Bem, tenho certeza de que você sabe mais de relacionamentos do que eu. - disse Neve, sua coluna um pouco rígida de tentar olhar com mais um pouco de controle. Max fez uma careta.

- Você sabe como Mariah Carey não faz as etapas? - Neve negou com a cabeça, mas Max não parecia ter percebido. - Bom, eu não tenho relacionamentos. Então não posso ver o ponto de estar com uma mulher, e não ter permissão para ter relações sexuais com ninguém mais. Sou muito jovem e bonito para esse tipo de compromisso.

- É absolutamente incrível. - disse Neve, mas era impossível não se divertir e, talvez, invejá-lo um pouco. A vida deve ser tão fácil quando a via como Max.

- Olha, eu não espero que você entenda, mas só quero ter uma ideia a respeito dos tipos de relacionamento e ver em que áreas tenho que melhorar. - Isso soava melhor, mais formal.

- Já vejo. - O rosto de Max era muito sério, mas seus olhos brilhavam com diversão.

- E tem alguns candidatos na fila?

- Bem, não. Estou mais, na etapa de planejamento. - Neve olhou para Max com um fixo olhar severo. - Tudo isso do domingo à tarde vou fazer com o William, são as outras coisas que tenho que praticar. - como saber o que dizer e fazer quando saio em encontros e bom, eu nunca compartilhei a cama com um homem, e como negociar quem dorme em que lado e quando apagar a luz e quem vai ficar com o travesseiro irregular. Neve não sabia por que continuava falando e falando. Porque quanto mais falava, e quanto mais tentava justificar suas difusas ideias sobre relacionamentos para Max, mais imprecisa e fora do seu alcance se tornava.

- Então, posso colocar meu nome na lista? Tem uma lista? - perguntou Max, afastando o copo vazio e buscando sorte na porta como se esperasse que Bridie fosse se materializar com outro copo de Stella.

- Que lista? Não tenho uma lista! Não está me levando a sério. - Neve percebeu que sua túnica cinza subiu e mostrava suas estendidas coxas, então a arrumou. - Acaba de dizer que não tem relacionamentos.

- Não tenho, mas você fez parecer divertido, e se não quiser ter relações sexuais, então não ficará chateada se me divertir em outro lugar. - Baixou os cílios. - Tenho minhas necessidades. Neve não sabia por que ele se incomodou em tentar despertar seus pensamentos mais sombrios, os lugares mais secretos de sua psique. De fato, ela nem sequer sabia por que tinha ido até o bar para sofrer este abuso emocional quando poderia estar no seu sofá com uma agradável xícara de sopa caseira de verduras e a nova edição do London Review dos Livros. Ela ficou de pé e estendeu a mão na direção de Max.

- Foi bom ver você novamente, mas agora tenho que ir.

- Oh, não seja assim. - Max pegou sua mão, mas só pôde roçar nos nódulos. - Tem que realmente deixar de tornar tudo tão pessoal. Deve ser exaustivo.

- Adeus. - disse Neve, bruscamente, afastando as mãos das garras de Max e pegando a bolsa, casaco, cachecol, gorro e luvas, e desejando que não fosse inverno, já que era impossível fazer uma escapada rápida quando tinha tanta coisa para o frio para colocar em primeiro lugar. - Diga para Bridie colocar suas bebidas na conta Slater. - acrescentou, porque Deus não queira que Max pense mal dela. Ou ainda mais mal dela.

- Então você não gostaria que nos encontrássemos novamente? Max persistia, apesar de Neve não saber o porquê, porque pensava que ela havia deixado sua posição muito clara. - Trocar histórias de guerra?

- Não tenho nenhuma história de guerra. - disse Neve, e nesse momento sentiu que nunca as teria. Que cada noite passaria se arrastando no apartamento em meias três-quartos com a televisão tão baixa que mal podia ouvir, assim no final não teria outra opção que escapar às páginas dos livros, onde havia outras garotas caindo dentro e fora do amor, mas ela não. Nunca ela. Ficou olhando as pontas das falsas botas Ugg com uma repentina derrota e cansaço.

- Se você não tem nenhuma história de guerra, pelo menos não tem nenhuma ferida de guerra -disse Max, em voz tão baixa que Neve teve que esforçar seus ouvidos para captar as palavras. - Pegue meu número.

Era impossível falar na cara de alguém que não queria voltar a vê-lo, porque tudo o que dizia se esfregava em carne viva, como se tivessem sugado sua alma como uma gigantesca esponja. Era muito mais fácil entregar sem forças seu telefone e ver como Max escrevia seu número, apesar de Neve prometer para si mesma se desfazer dele assim que chegasse em casa.

Capítulo Oito

Na segunda-feira de manhã, depois da segunda noite de insônia, meditando sobre a conversa que teve com Max no Hat and Fan, Neve descia as escadas com pés descalços e um coração pesado. Ainda estava mentalmente recriminando-se pelo quanto havia compartilhado, e tinha previsto passar a maior parte do dia tentando organizar seus confusos pensamentos a respeito das aventuras inspiradas pelo coração e relacionamentos sem compromisso. Então ela avistou o envelope azul do correio que a esperava sobre o tapete da entrada.

Neve o pegou com um grito emocionado, todos os pensamentos a respeito de Max imediatamente esquecidos, apenas o fato de ter quarenta minutos para ir de bicicleta para Holborn e se encontrar com Phillip para o café da manhã, antes de ir para o trabalho, sentou pesadamente no último degrau e o rasgou até abrir. Teve que se conformar em ter que acariciá-lo contra sua bochecha e imaginar que podia sentir o toque imaginário da mão de William enquanto ele escrevia seu nome e endereço com aquela bonita e ondulante caligrafia, até ver o sorriso distraído em seu rosto no espelho do corredor.

No entanto, era difícil se concentrar na última tese relacionada com a angústia de Philip, quando o envelope queimava fazendo um buraco em sua carteira. Philip era um estudante maduro, que tinha sido despedido do trabalho, divorciado e saído do armário, tudo isso num período de seis meses. Isso tinha acontecido há quatro anos e Neve não tinha certeza que Phillip havia superado todo o choque. Era um homem ansioso - de uns quarenta anos - que teve que se mudar de uma casa com quatro quartos em Chiswick para um lugarzinho em Ealing⁶ (Chiswick e Ealing, áreas suburbanas no Oeste de Londres), e que tinha abraçado a academia junto com um livreiro antiquado chamado Clive, embora nenhum dos dois proporcionasse muita alegria.

- ... E agora diz que devemos ser livres para dormir com outras pessoas. - disse a Neve, mal-humorado, enquanto esperava que seu mingau esfriasse.

- Então, vocês vão terminar? - como sempre, Neve resistiu à tentação de dizer ao Philip que estaria muito melhor sem Clive, que havia tentado meter a língua até a garganta de Gustav depois de cinco minutos de ter sido apresentado a ele na comemoração do aniversário de Neve no ano passado. Não era somente que Philip tivesse um gosto horrível para homens, também havia sua ex-mulher, que vivia atualmente na casa de quatro dormitórios em Chiswick com seu namorado de vinte e três anos de idade, esbanjando o que restava do dinheiro de indenização de Phillip. Foi muito, muito, muito ruim na escolha dos seus companheiros.

-Não, aparentemente, vamos ter um relacionamento aberto. - exalou Philip, com os olhos suspeitosamente avermelhados, como se ele apenas tivesse deixado

de chorar justo antes de descer do metrô em Holborn. - Não posso acreditar que possuo quarenta e cinco anos e ainda tenho que passar por toda esta tempestade e ímpeto. Não sabe a sorte que tem de estar solteira e sem amarras. - Estar sozinho não parecia estar *'sem amarras'*, era muito desconfortável.

- Bem, realmente acho que estou quase pronta para começar a namorar. - aventurou Neve porque Philip era um bom candidato para testar a ideia. Ou talvez não, porque ele a olhava com horror indistigável, as sobranceiras erguidas, sobressaindo-se por cima dos óculos meia-lua.

- Está? - Philip perguntou. - Sério? Neve bebeu um apressado gole do leite desnatado que queimou sua língua, mas era melhor que ter que defender sua decisão de começar a sair para Philip que mostrava zero fôlego.

- Tenho que começar cedo ou tarde. Não quero terminar como a Nossa Senhora da Santíssima Trindade. - Philip estremeceu.

- Ninguém quer terminar dessa maneira. Então, como você vai colocar o dedo nas agitadas águas do romance? - Esse era o problema. Olhar estranhos com atenção não tinha funcionado muito bem.

- Li alguma coisa, a respeito de encontros rápidos na Skirt.

- Neve! Não pode! Comerão você viva. - exclamou Philip. - Seria como jogar um paraplégico cristão aos leões.

- Poderia ser um pouco mais de ajuda. - reclamou Neve. - falo para você que estou a ponto de começar a namorar e tenho alguma experiência com o sexo oposto, já sabe. - O que era verdade, porque agora quase havia tido relações sexuais duas vezes, sabia um montão sobre homens heterossexuais como seu irmão e seu pai, e conhecia superficialmente o Aziz da loja de conveniência durante toda a noite, Dave da loja de móveis de segunda mão, que sempre a chamava quando uma estante nova chegava, e o senhor Freemont na LLA, embora Neve não tinha certeza de contá-lo como homem heterossexual. Não gostava de pensar que tinha genitais de qualquer tipo.

- É obvio que tem, disse Philip brandamente. - Bom, o que acha do Adrian, o assistente de gerência de Clive? - Adrian era um jovem esbelto que Neve lembrava de Oxford. Até mesmo quando não estava languidamente descansando e fugindo do trabalho, parecia como se tivesse.

- Adrian é gay.

- Não, não é. - Philip apertou os dentes. - Pode ser que você tenha alguma experiência com o sexo oposto, mas seu radar gay é um pouco instável.

- Chama-se Gaydar, Philip. - disse Neve suavemente. Philip era um homem gay terrível. Desde que se tinha aterrissado na educação superior, tratou de vestir-se para a ocasião com calças de veludo e casacos tweed, mas Neve sempre

teve a impressão de que ansiava retornar ao seu traje cinza listrado. - De qualquer maneira, acho que tem que falar para Clive que não quer estar em qualquer outra coisa que não seja um relacionamento sério. - acrescentou, ansiosa para trazer a conversa novamente para o amor da vida de Philip, em lugar da sua própria falta de um.

- Mas até mesmo um relacionamento aberto é melhor que ficar sem ele. disse Philip em voz baixa, como se estivesse falando consigo mesmo em vez de com Neve. Deu um sorriso corajoso, mas aguçado. - Tenha certeza de que realmente quer um relacionamento. Aqui há dragões...

Mas não haveria dragões. Haveria só diversão e travessuras e seu coração seria um lugar seguro até que William voltasse para reclamá-lo. Ou talvez fosse mais importante trabalhar na redução do seu tamanho no lugar das suas habilidades de relacionamento. Neve deu um evasivo: "*Hmmm*", e na verdade foi um alívio quando Philip decidiu o que fazer com suas coisas pessoais e que poderiam começar a trabalhar. Tirou um folder da sua pasta de couro e Neve gaguejou em seu café.

- Meu Deus, isso é um montão de papel. - disse em tom acusador. - Quanto escreveu da tese da última vez que nos vimos? - Quando não estava ocupado, longe do Arquivo, Philip estava escrevendo sua tese de doutorado sobre o poeta Stephen Spender. Neve, por seus pecados, tinha concordado em ajudá-lo.

- Estou perto de trinta mil palavras no segundo projeto. - disse

Philip com orgulho. - Mas ainda faltam quilômetros para percorrer.

- Tudo bem, entregue-me. - Suspirou, estendendo a mão e mentalmente se preparando para trinta mil palavras de um dos seus poetas menos preferidos. Philip estalou a língua e sacudiu sua cabeça.

- Você sabe o acordo, Neevy. Eu te mostro o meu, se me mostrar o seu. - Neve colocou a pasta mais para baixo da cadeira.

- Mas você escreveu mais dez mil palavras e eu tenho escrito muito, mas muito menos que isso.

- Até onde você chegou? - Perguntou Phillip, empurrando os óculos do nariz para poder vê-la melhor. - Lucy em Oxford e conheceu Charles Holden, embora pense que ele é um porco absoluto no momento. - revelou Neve. - É estranho, realmente, quando você e eu sabemos que conhecê-lo a levou por um caminho que mudou sua vida para sempre, mas ela sequer conhece a si mesma neste momento.

Por favor, somente renda-se e me dê, disse Phillip. Quero saber o que aconteceu com o pai antes de ir para Oxford. Deixa de guardar isso.

Neve, a contra gosto, colocou a mão sob a cadeira e pegou o material. Quando as doze caixas de cartão contendo romances fracassados e muitos,

muitos pequenos poetas, a vida de um muito, muito pequeno poeta, Lucy Keener e as obras tinham chegado ao Arquivo, Neve tinha deixado acumulando pó em sua mesa durante semanas. Havia tanto dele e não pôde encontrar nenhum detalhe sobre Lucy Keener ou seus escritos na base de dados de autores mortos, por isso não tinha muita esperança de que descobrisse um dos grandes escritores desconhecidos do século XX. Depois, numa tarde sem fitas para transcrever, tinha começado a folhear *Dancing*, o romance autobiográfico de Lucy, em *Edge of the World*, dos seus anos de trabalho na Segunda guerra mundial no Ministério da Informação. E isso foi tudo Neve havia se apaixonado, da mesma maneira como tinha feito quando abriu *Orgulho e Preconceito* na biblioteca local num sábado pela manhã, quando tinha doze anos, ou na época que ela viu pela primeira vez o filme de Katharine Hepburn, ou quando William tinha batido em sua porta no Somerville College e se apresentado como seu conselheiro estudantil.

Tinha passado o resto da semana devorando cada página amarelada em caixas de arquivo. Tinha lido poemas, cartas e jornais e, além disso, apaixonou-se por Lucy, uma garota também da classe operária do Leeds, que tinha ganhado uma bolsa em Oxford, apesar da oposição do seu pai tirano. Em Oxford, tinha conhecido ao Muito Honorável Charles Holden, cuja família possuía grandes extensões em Gloucestershire^[20] e uma mansão em Mayfair. A aventura amorosa de Lucy com Charles sobreviveria à guerra, seu casamento com a segunda filha de um Visconde, até mesmo Charles desertando na Rússia no...

Neve! Estou esperando. - Phillip lembrou. Neve escavou em uma pasta que continha dez páginas com espaço simples: capítulo cinco da biografia que havia começado a escrever a respeito de Lucy Keener. Ela nem sequer sabia por que estava chateada, porque o senhor Freemont se negou a ver qualquer mérito literário nos escritos de Lucy, quando Neve tinha ido até ele com seu descobrimento.

Deu uma rápida olhada em uma página do *Dancing on the Edge of the World* com seus acusadores olhos.

- Bom, é fácil ver por que não encontrou uma editora. - tinha anunciado. - Isto é muito vulgar. Pequenas ideias de uma mulher com uma visão pequena do mundo, é realmente necessário passar uma página inteira se certificando sobre o chapéu que planeja comprar? Envie para o mesmo lugar de onde veio.

Mas Neve não fez. Ela argumentou seu caso, havia surpreendido o senhor Freemont, porque geralmente Neve fazia o que ele dizia, sem qualquer impertinência, mesmo assim se recusou a ceder. Quando Neve tinha distribuído uma cópia do *Dancing on the Edge of the World*^[21] para os outros funcionários e todos adoraram, ele a tinha ameaçado com uma advertência por escrito por insubordinação grave, por isso Neve e Chloe tinham feito as malas, pegado o carro do namorado de Chloe e transportado as caixas para o lugar de descanso de Neve. Isso foi depois de ter passado uma semana inteira às escondidas explorando até o último pedaço de papel, para ter certeza de que não houvesse

uma cópia de segurança, por medo de que Celia deixasse uma vela perfumada queimando novamente e a Rua 27 em Abelardo estalasse em chamas.

Assim, Neve começou a escrever a biografia, porque estava zangada com o senhor Freemont e a rebelião silenciosa era o único tipo de rebelião que ela conhecia. Também quis exercitar seus músculos de escrita, que tinham ficado ociosos desde que tinha terminado o mestrado. Principalmente, não poderia ofuscar a vida triste e bonita de Lucy em doze caixas de papelão e simplesmente deixá-la lá sem ler e desconhecida.

Apesar de trabalhar em tempo integral e castigar-se com um programa de ginástica, Neve ainda tinha uma quantidade alarmante de tempo de inatividade. Utilizou este para organizar, pesquisar e escrever sobre a vida de Lucy, confiando cada novo capítulo a Phillip, que depois passou para Chloe, e a seguinte da lista foi Rose, antes de retornar para Neve com um monte de notas de rodapé em tinta vermelha.

Olhou ansiosamente por cima da mesa para Phillip, que já estava dando uma olhada na primeira página do seu novo capítulo.

- Não leia agora. - repreendeu-o. - Não quando estou sentada aqui.

- Desculpe. Isso é tão grosseiro. - murmurou Phillip, ainda lendo, inclusive enquanto deslizava a folha novamente em sua pasta de plástico. Com um suspiro, escondeu-o na maleta e se fixou em Neve com o que ele considerava ser um sorriso ganhador.

- Então, você pode me devolver o projeto em uma semana? - Neve o olhou fixamente, sem piscar, nem sequer a mais leve piscada dos seus músculos faciais. Phillip se contorceu.

- Duas semanas?

- Em três então. - decidiu Neve.

- Tudo bem, três. - concordou Phillip com relutância.

- E, por favor, não escreva nele. Sua letra é ilegível.

Meia hora mais tarde, Neve estava sentada atrás da mesa da recepção da Sala de Leitura do Arquivo. Deveria estar escrevendo registros com sua letra ilegível, mas estava lendo a carta de William em vez disso. Então leu nas entrelinhas a carta de William, em busca de significados ocultos na forma em que William salpicava seus "i" (houve um na segunda linha do terceiro parágrafo que parecia um pouco com um coração), passou pela *T* e virou para o "*e*". Isso levava muito tempo.

Neve se obrigou a desacelerar e saborear cada palavra. William começou com um relatório meteorológico e um pedido de uma grande caixa de sachês de Chá Rede Label do Sainsbury e uma caixa de bolachas de água do Carr. Ela leu isso de forma superficial, impacientemente, querendo chegar nas coisas boas.

Foi tão maravilhoso falar com você na semana passada. O som da sua voz sempre me faz sentir nostálgico pelas longas tardes de Oxford, onde sentávamos ao lado do rio. Se bem me lembro, o sol sempre tinha aquele suave brilho dourado, mas talvez possa não ser o caso? Porque eu também lembro de muita chuva, de você me dando de presente um conjunto de recipientes Tupperware^[22] e falando sobre os livros que mais amávamos. Você lembra da feroz discussão que tivemos sobre Jane Austen, em comparação com as Brontë? Acredito que foi a única vez que te vi realmente zangada. "Se você mexe com a Srta. Austen, mexe comigo", parece que lembro de você grunhindo.

Sempre é ensolarado na Califórnia ou grande parte da mesma. Mas não há rios e neve para sentar e conversar sobre literatura, filosofia ou qualquer outra coisa que tem minha imaginação.

Neve teve que parar nesse momento para suspirar com entusiasmo. Houve momentos de dúvida, é claro que houve, quando temia estar diante dele e desmoronar em uma queda espetacular quando William retornasse. Mas ele não escreveria coisas como essas se não se sentisse assim: a sensação de um puxão no peito, como se seu coração estivesse em constante esforço na direção de William.

O Oceano Atlântico será condenado. Lembro-me de todas aquelas longas tardes junto ao rio, porque minha atual geração estudantes universitários sentiriam uma enorme pressão para nomear sequer um romance da Srta. Austen ou da Srta. Brontë, sem falar em analisá-los. Uma das garotas do meu grupo de tutoria do segundo ano interpretou Lydia Bennet em uma grande adaptação de Hollywood de Orgulho e Preconceito ambientada em Nova Iorque. (De fato, Posso escutar sua súbita e rápida respiração!) Ela é o suficientemente agradável, bastante, inclusive, se você gostar desse tipo de coisas. Mas também é tão idiota quanto uma caixa de pedras e, aparentemente, suas frequentes aparições no campus tem mais haver com seu agente de marketing, do que ela como estudiosa, enquanto que a universidade fica feliz com a publicidade que recebe. Também tenho duas modelos na minha classe do primeiro ano, o decano me pediu para fazer vista grossa quando precisarem estender o curso, já que estão desfilando de biquínis ou voando à Nova Iorque para castings. Sim, Oxford parece outra vida.

Neve afastou a carta com horror. Atrizes de Hollywood? Modelos? Ela esteve preocupada o suficiente com as peles bronzeadas das loiras garotas da Califórnia, mas uma atriz? Modelos? Comeriam William de colher. Ele tinha traços perfeitos, patricios, como se acabasse de sair a um passeio fora de um campo de cricket e um elegante ar abstraído igual a Hugh Grant. E William não era um monge. Bem, ele não era um Casanova absolutamente como Max, mas já teve um montão de namoradas em Oxford. Magras, pequenas ervas daninhas que cultivavam uma elegância boêmia por meio da Topshop^[23] e liam um monte de Rilke^[24]. Provavelmente haveria garotas assim na UCLA também, mas se chamariam Tiffany, Brittany e Courtney em vez de Sophie, Maca e Tamara.

William esteve na Califórnia por três anos e, embora só tivesse encontros casuais, teve relações sexuais com pelo menos quinze mulheres. Cinco mulheres ao ano, na realidade, parecia uma estimativa muito conservadora. Considerando que, em três anos, o único homem que realmente havia tocado Neve foi Gustav, quando estava ajudando-a a alongar os músculos depois de fazer exercício. Além de um assalto quase sexual com Max. Não foi o suficientemente, não ia ser boa o

suficiente. William tinha um passado sexual, enquanto que havia garotas de dezesseis anos, que tinham mais experiência que Neve.

Olhou através da sala de leitura para ver os visitantes mais regulares do Arquivo, minha Nossa Senhora, era como olhar o seu futuro.

Neve dobrou a carta de William e a colocou novamente no envelope para que o conteúdo não a atormentasse mais. Não havia tempo para distorcer, adiar as coisas, e continuar incrementando um plano vago para trabalhar numa maneira de trazer sua forma de paquera para à luz. Tinha que fazer algo agora. E esse algo era encontrar um homem, qualquer homem...

Capítulo Nove

Para a segunda-feira seguinte, Neve ainda não havia encontrado um homem, mas teve cinco encontros agendados para a mesma semana e tinha desenvolvido um horror de revirar estômago que tinha acabado completamente com o seu apetite, o que foi mais que inesperado.

Havia decidido esconder de Celia a sua decisão de ter encontros, porque sua irmã ficaria incentivando-a a se envolver com modelos masculinos e forçando a entrar em roupas que não queria usar. Em vez disso, colocou-se à mercê de Chloe.

Superficialmente, não tinham muito em comum. Chloe era genial e Neve não. Chloe não era excelente no estilo de moda vanguarda, como Celia, mas do tipo genial despreocupada que somente era adquirida quando se havia passado anos de formação viajando em kombis pela Europa com seus pais hippies. Falava cinco línguas, tinha conseguido honras em dobro em Cambridge^[25], embora tivesse somente começado a escola regular no ano anterior para obter seu GCSE^[26], fazia lindas bolsas de antigos véus de seda e vendia na Etsy²⁷, mas também tocava baixo em uma banda chamada The Fuck Puppets e podia beber um litro de cerveja em onze segundos. Neve havia tomado seu tempo.

Talvez fosse por sua louca infância transitória, mas havia um lado da Chloe que era profundamente convencional. Neve frequentemente pensava que esse era o lado de Chloe com o qual estava conectada. Exatamente as quatro e trinta, cada tarde, discutiam o que iriam jantar essa noite; compartilhavam seu amor pelos romances de Georgette Heyer e o ódio pelo senhor Freemont.

Chloe na verdade não tinha encontros porque esteve saindo com a mesma pessoa (agora um muito qualificado Contador Público) desde que tinha quinze anos, mas tinha muitos amigos que saíam e sempre estava no telefone com eles, lamentando por encontros ruins e oferecendo bons conselhos sobre relacionamentos, então Neve esperou até que o senhor Freemont saiu para se reunir com o Conselho na quinta-feira passada e deslizou para o seu pequeno escritório na parte de trás.

- Pode vir até aqui para ver uma coisa? - implorou.

Chloe tinha ido, resmungando, porque pensou que Neve ia dar uma olhada nas sombrias referências literárias em grandes dicionários empoeirados, retirados poeirentos, mas em vez disso foi recebida pelo perfil de encontros de Neve no match.com^[27].

- Preciso que você leia isso e me diga se sairia comigo. - Neve disse nervosamente. Se fosse homem.

Ficou de pé ali, esperando ansiosamente, enquanto Chloe se sentava e

começava a ler. De vez em quando havia um gemido reprimido, ou um: - Cristo, Neve, sério?...

É tão ruim assim? - perguntou, quando Chloe declarou que havia terminado.

- É pior que isso. Você nunca irá conseguir um encontro com esse perfil disse Chloe, convincentemente, porque sua aparência angelical mascarava um interior de aço. Tinha cachos loiros, olhos azuis Wedgwood^{28} e um rosto aparentemente recatado que até mesmo o senhor Freemont nunca dizia para voltar, embora chegasse no trabalho na maioria dos dias usando jeans e sapatilhas e insistia em que uma hora de almoço era uma ofensa a seus direitos civis.

Precisa tirar todas as palavras de mais de duas sílabas.

- Todas elas? Mas "arquivista" tem mais de três sílabas.

Chloe tinha olhado para Neve como se ela tivesse acabado de admitir ser a serial killer britânica mais bem sucedida.

- Você não pode dizer que é uma arquivista. Tem que dizer que trabalha em uma editora e OH Meu Deus! *"Eu gosto de longas caminhadas e sempre sonhei visitando a Biblioteca Pública de New York, mas não entendo todo o fascínio com os mochileiros. Caminhar através do Hindu Kush³⁰ seria meu próprio nono círculo pessoal"*.

Sério?

- O quê? O quê?

Chloe deu tapinhas no seu ombro gentilmente.

- De verdade, eles não vão entender a referência a Dante.

- Então devo mudar a...?

- *"Eu gosto de viajar e de longas caminhadas"*. - Chloe disse firmemente, os dedos já se posicionando sobre o teclado. Esta lista de autores preferidos também tem que sair. Nem sequer eu ouvi falar sobre a metade deles. Trocar *"realmente não escuto música"* para *"eu tenho um gosto eclético para música"*, e *"um par de quilos extra"* por *"curvilínea"*.

Mas isso não é propaganda enganosa? Neve ficou nervosa quando Chloe começou a apagar grandes quantidades de texto.

Oh, não se preocupe. Todo mundo mente nessas coisas. - garantiu Chloe. - É um pequeno cartão de apresentação; apenas quando você se encontrar com eles é que saberão se tem potencial.

- Como vou me encontrar com qualquer um deles se estão mentindo e eu estou mentindo e não sei se temos alguma coisa em comum? - Neve tinha tentado acotovelar Chloe para que renunciasse o controle do teclado, mas ela se recusava a mover-se.

- Eles enviam uma mensagem e depois você vai se encontrar com eles disse, dedos voando sobre as teclas enquanto descrevia a personalidade de Neve como "*borbulhante e extrovertida*". - Eu te conheço mocinha. Passará semanas trocando mensagens prolixas sobre cinema francês e nunca conhecerá nenhum.

- Eu não faria isso! - Neve tinha ofegado sem muita indignação, porque isso era precisamente o que faria.

Honestamente, querida, minha vizinha encontra todos os namorados pela internet e é tudo sobre números. - Chloe havia dito. - Quantidade, não qualidade. A única maneira de eliminar os noventa e nove por cento que são fenômenos da natureza, é conhecê-los pessoalmente.

A Neve não havia gostado dessas probabilidades. Gostou ainda menos, quando Chloe tinha chamado Rose, a chefe do escritório, por apoio moral e ambas concordaram e apagaram a foto em preto e branco de perfil que ela tinha usado. Levaram-na para fazer compras na hora do almoço e a intimidaram para que comprasse um sutiã Push Up e uma blusa decotada que realmente não podia pagar, para que pudessem tirar novas fotos com a câmera do telefone de Rose.

- Peitos e dentes. - Chloe tinha continuado cantando enquanto Neve praticava nos lábios o que esperava ser um amigável e acolhedor sorriso.

Apesar das suas sérias dúvidas, o perfil idiota e a foto com a tática do decote rendeu trinta respostas até a manhã seguinte. Rose e Chloe tinham cortado os que estavam fora da disputa e ficaram de pé sobre Neve enquanto ela enviava melosas mensagens para a curta lista. Agora, era segunda-feira à tarde e ela estava arrumando-se para se encontrar com Tom, um engenheiro da computação que gostava de artes marciais, cinema asiático e de graphic novels.

Neve também tinha uma lista de sim e não, da vizinha de Chloe:

1. Não dê seu sobrenome, número de telefone ou e-mail;
 2. Deixe Chloe saber onde se encontrará com ele e envie uma mensagem quando estive a caminho de casa, assim ela saberá que você não foi drogada com Roofie⁽²⁹⁾ e sequestrada;
 3. Não fale de dietas, perda de peso ou seu louco esquema de ginástica;
 4. Faça muitas perguntas e tente parecer interessada quando ele responder, até mesmo se for mais aborrecido que quando se suja de lama;
 5. Ofereça para dividir a conta, mas não pressione muito;
 6. Não se entregue. Beijo na boca é aceitável, mas de língua somente se um segundo encontro foi marcado;
 7. Observe todas as saídas quando entrar, assim poderá fazer uma rápida escapada enquanto ele está no banheiro;
 8. Tente se divertir um pouco.
- Neve pensou que nunca esteve tão apavorada enquanto caminhava

lentamente por High Holborn, para se encontrar com Tom fora da estação de metrô. Podia sentir gotas de suor surgindo em sua testa, embora fosse o Fevereiro mais frio em trinta anos, e tinha certeza de que quando abrisse a boca, não seria capaz de falar. Até mesmo respirar era um calvário.

É apenas um encontro. - continuava dizendo a si mesma enquanto alcançava os semáforos na frente da estação e esquadrihava a multidão em busca de Tom. Ele parecia bastante bonito na foto um rosto jovem sorrindo timidamente para o mundo - e sua pontuação tinha sido absolutamente perfeita nas duas mensagens que tinha enviado para ela, mas Neve não podia ver ninguém jovem e tímido fora da estação, apenas um fluxo de passageiros se esquivando dos desafortunados homens brandindo cópias gratuitas do *"Evening Standard"*.

De algum jeito, seus pés a levaram ao outro lado do caminho para que pudesse ficar de pé fora da estação e observar ansiosamente o mar de rostos.

- É você, Neve? - disse uma voz atrás dela, e se virou para ver um envelhecido gótico que não era nem juvenil nem tímido, julgando pela rápida, mas abrangente olhada que deu nele.

Tom estava mais perto dos quarenta que dos trinta que afirmava ter, e Neve suspeitava que o mais perto que esteve de artes marciais e cinema asiático era olhando filmes de Kung fu.

Uma vez que encontraram uma mesa de canto em um pub que fedia a gordura de batatas fritas, zangado ele disse para Neve que não parecia nada com a foto do perfil, e enquanto ela ainda estava pensando, *"o sujo falando do mal lavado"*^[30]. Tom começou a falar por horas sobre algo chamado Linux enquanto olhava fixamente para seus peitos até que parou para ir ao bar e Neve saiu pela porta lateral sem duvidar um segundo.

Enquanto caminhava pelo Gray's Inn Road para pegar sua bicicleta, Neve se sentia estranhamente eufórica. Ela tinha feito isso! Realmente teve um encontro. Seu primeiro encontro. E sim, tinha sido horrível e assustador, mas nada podia ser tão ruim quanto a primeira incursão no desconhecido. Agora sabia o que esperar o menos possível e possivelmente no segundo ou terceiro encontro, poderia até mesmo ter a oportunidade de falar sobre si mesma por alguns minutos. Neste momento, Neve não via a hora de chegar em casa e confessar tudo para Celia, porque estava começando a entender o que a vizinha de Chloe queria dizer quando falou que o interrogatório era geralmente mais divertido que o próprio encontro.

Na terça-feira teve algumas bebidas com um DJ, que deixou bem claro que Neve não era nem um pouco maravilhosa.

("Você nunca ouviu falar de David Toop? Tem que estar brincando!").

Na noite da quarta-feira foi para um encontro com um corretor imobiliário. Neve teve sérias dúvidas sobre isso mesmo quando Chloe havia insistido que deveria existir simpáticos agentes imobiliários. Tinha resultado que David não era um deles. Suas mãos tinham roçado o decote de Neve quando galantemente

a ajudou a tirar o casaco, e somente teve tempo de tomar um gole do vinho branco antes dele perguntar:

Vamos ter sexo mais tarde? Se não for assim, então isto é um completo desperdício do meu tempo.

Na quinta-feira, Neve estava seriamente desfalecendo e não estava de humor para o seu encontro com Adrian, mas Philip tinha passado por grandes problemas para arranjar, provocando a ira de Clive, que pensava que seu pessoal era sua propriedade pessoal. Com zero entusiasmo, partiu para encontrar-se com Adrian do lado de fora do Foyles na rua Charing Croos.

Seu coração estava em algum lugar perto dos joelhos, mas quando Neve viu Adrian esperando por ela, com uma expressão zangada em seu bonito rosto, caiu até os tornozelos.

- Eu sou gay. - explodiu, assim que ela esteve ao alcance da voz.

- Oh! Como eu já sabia isso. - disse Neve, e quando tentou um sorriso hesitante, Adrian sorriu de volta. Era realmente muito bonito. Mas não tão bonito quando a olhou adequadamente e seus olhos saltaram com espanto.

- Neve de Oxford? - questionou. - Demônios! Você fez uma dessas reduções gástricas?

- Fiz da maneira antiga - disse, falhando em esconder o tom presunçoso. Dieta, exercício, sangue, suor e lágrimas. - Apesar de ser um longo caminho a percorrer.

Adrian deu um olhar avaliador, como se estivesse por enviá-la ao mercado.

- Luzes maravilhosas. - parou e Neve pôde vê-lo chegar a uma decisão. Vamos beber alguma coisa. Você não se importa de ir onde há alguma beleza para os olhos, não é?

Foi a maior diversão que Neve teve em toda a semana. Passaram um tempo muito agradável reclamando sobre o vil e traidor Clive, e como Adrian teve que parecer heterossexual no trabalho já que era a única maneira de deter seus lascivos avanços.

- Embora siga me dizendo que a primeira vez que eu experimentar um pênis, nunca me arrependerei. - Ele confessou para Neve, que chiou em horror.

Adrian até mesmo prometeu pensar em amigos heterossexuais, solteiros, para sair com ela e a noite chegou ao fim quando o barman com o qual Adrian esteve paquerando toda a tarde, terminou o turno.

E na sexta-feira teve Edward, sobre o qual Neve teve um bom pressentimento. Havia enviado para ela doze mensagens nos últimos dias, elogiando sua inteligência, a maneira de escrever, sua beleza, e era um enorme alívio se corresponder com alguém que sabia o que era um Poeta Laureado.

Edward era mais baixo do que ela esperava, mas, nesta altura do campeonato,

Neve estava acrescentando cinco anos à idade dos seus encontros e tirando cinco centímetros, e ele estava até mesmo mais nervoso que ela, o que era uma linda mudança. Ele estava suando copiosamente, uma vez que estiveram sentados em um pequeno pub em Law courts, balançava-se de um lado para o outro, mas escutava atentamente enquanto Neve descrevia seu dia de trabalho.

- E você? - perguntou Neve, quando disse tudo o que tinha para dizer sobre patrimônio literário de um pequeno poeta. - Disse que foi escritor?

Verdade, Edward havia dito que era escritor, mas sua escrita consistia, principalmente, em posts em blog sobre o assassinato de Kennedy. Enquanto falava, ficou cada vez mais nervoso até que finalmente admitiu que há três meses teve um ataque psicótico e atualmente estava morando com os pais e trabalhando temporariamente nos dias que podia sair da cama.

Pelo menos tinham muito sobre o que falar, pensou Neve, enquanto tentava conduzir a conversa para longe de Virginia Woolf, Sylvia Plath e outros famosos suicidas. Max, em quem ela estava tentando firmemente não pensar, havia perguntado em que ela contribuiria no seu primeiro relacionamento, além de uma estratégia de saída, mas enquanto, pacientemente, respondia às perguntas de Edward sob uma análise freudiana, Neve percebeu que se saísse com ele, provavelmente isso seria capaz de ter alguns efeitos positivos em sua vida. Além disso, ele a estava olhando com algo parecido com reverência enquanto ela descrevia as diferenças entre psicanálise e psicoterapia. Nunca ninguém havia olhado para ela assim.

Não era tão feio, pensou Neve, enquanto Edward caminhava com ela até o metrô e na Tesco para que ela pudesse comprar leite desnatado, antes de voltar de bicicleta para casa. Rose do trabalho diria que ele estava "*precisando de reparações*" e se ele se desfizesse do rabo-de-cavalo e deixasse de suar tanto, poderia ser bastante atraente, e não era como se ela estivesse dando a Angelina Jolie muitas noites de insônia. Além disso, sair com Edward significaria que não teria que caminhar "*pelo corredor da morte*" com o coração acelerado e um sabor metálico na boca para sair em mais possíveis encontros.

- Então, Neve, achei você maravilhosa. - Edward suspirou, enquanto estavam de pé do lado de fora do Tesco. - Gostaria de me ver novamente?

- Isso seria adorável. - disse Neve decididamente, e estava se perguntando se agora que um segundo encontro foi marcado, seria correto dar o número de telefone para Edward, quando ele elevou a mão para apoiar em sua bochecha.

Foi o prelúdio de um beijo que nunca ocorreu, porque um toque da úmida mão quente de Edward em seu rosto deixou Neve tremendo violentamente. Sentiu como se sua pele estivesse tentando sair dos ossos, porque embora sua cabeça tivesse tomado uma decisão razoável, racional, seu coração pensava de outra maneira e seu corpo sentia absolutamente, inequivocamente rejeição. Ambos continuaram mesmo assim. Edward deu a Neve seu número de telefone,

ela prometeu que ligaria, e embora tivesse um pequeno momento de vergonha quando chegou em casa e descobriu que Edward já tinha enviado três mensagens para dizer que era bonita e que não podia esperar para vê-la outra vez, seu corpo estremeceu novamente com as palavras *“Tenha um ótimo fim de semana, querida”*. Como poderia sair com alguém quando tinha espasmos de desgosto só porque tinha tratando-a carinhosamente? Não podia.

Não houve encontros no sábado, porque Celia, Rose, Chloe e a vizinha de Chloe, todas haviam decretado que qualquer espécie de encontro online num sábado à noite era triste, perdedor e desesperador, fazendo de Neve uma triste, perdedora e desesperada, por associação. Além disso, Rose estava empenhada em arrastar Neve para um clube de salsa em Charing Cross Road.

Rose era uma espécie de enigma para Neve. Estava em seus quarenta, tinha trabalhado nos Arquivos desde que tinha dezoito e nunca se casou, porque tinha passado a maior parte de sua vida adulta cuidando da mãe que tinha esclerose múltipla. Sua mãe tinha morrido há cinco anos e agora a vida social de Rose, que rivalizava com a de Celia, girava em torno de encontrar e capturar jovens homens sul-americanos, para em seguida, desprezá-los algumas semanas mais tarde quando se aborrecia.

Era estranho, porque Rose parecia exatamente como uma mulher de quarenta anos que havia passado os melhores anos da vida cuidando de um parente mais velho. Era alta e peituda com um olhar determinado no rosto, o que era muito prático, quando o senhor Freemont estava sendo insuportável, e no trabalho ela preferia terninho sob medida e sapatos apropriados.

Mas no sábado de noite, estava transformada em uma sexy gatinha de meia idade, em um vestido vermelho brilhante que mostrava mais decote do que Neve pensava ser apropriado para uma mulher da idade de Rose. Seu tímido cabelo castanho tinha sido convertido em uma massa de cachos e estava usando saltos plataforma e um sorriso selvagem. Neve estava usando um vestido cruzado preto, um casaco preto e sapato baixo, embora Rose a tenha forçado a tirar o casaco antes da aula de salsa.

Você tem que mostrar um pouco de pele. - olhando para seu próprio peito com satisfação tenho um pouco de brilho corporal na bolsa. Realmente leva os olhos aos seios.

Neve não queria os olhos de ninguém em seus seios, que estavam pesados depois de uma hora de aula de salsa uma experiência que tinha confirmado todas as suas piores suspeitas de que não tinha ritmo. Enquanto todos iam para esquerda, ela ia para direita, e só podia mover os quadris de um lado para o outro, em vez de girar, rebolando e mexer como todos os outros.

- Você está indo muito bem. - Rose disse enquanto fazia mambo, passando Neve para os braços de uma máquina de lavar pratos chilena chamada Esteban que parecia com um jovem Antonio Bandieras. Neve tinha sido deixada para pisar nos dedos dos pés de Jorge, que era muito doce sobre isso, mas assim que a

aula acabou e os bailarinos mais experientes começaram a chegar, beijou Neve na mão, desculpou-se e foi embora.

Depois de mais algumas danças, Neve foi deixada de fora correu um boato de que ela era uma pisa-pés. Estava aliviada de descansar seus dolorosos pés e lentamente beber um refrigerante com limão enquanto observava os funcionários do Croydon e os motoristas de mini-táxis de Edmonton deslizarem pela pista como se tivessem sangue latino fluindo nas veias. Todos estavam tendo um bom momento, porque era sábado à noite e por umas curtas horas, os julgamentos e decepções da semana passada eram esquecidos. O sábado à noite era sobre beber, dançar, paquerar e sacudir o corpo, sem importar o que aconteceu de segunda à sexta-feira.

Neve se sentou ali em seu preto básico e se perguntou o que tinha de errado com ela. Era como se, uma vez que os quilos começaram a desaparecer, tivessem levado o sentimento de diversão com eles. Tinha sido feliz indo a clubes noturnos com seus amigos quando estava em Oxford e podia focar em ter um bom momento (tomando conta dos casacos de todos e das bolsas enquanto eles estavam dançando) porque não tinha que se preocupar com tentar ser atraente. Agora queria desesperadamente ser atraente, mas ainda estava se preocupando com o divertido casaco de pele com padrão de leopardo e a bolsa combinando, enquanto ela praticava um energético mambo. Estes eram os pensamentos errados para se ter às onze e meia de um sábado à noite, sentada no canto escuro de um agitado clube, enquanto os outros giravam e gritavam a seu redor.

Neve esperou outros cinco minutos para que o senso de diversão se fizesse presente, depois foi encontrar Rose para dizer que tinha que ir embora para pegar o último metrô.

Enquanto o metrô saía da estação, Neve teve que apertar os músculos do rosto, em um esforço para deixar de olhar e moer seu rosto, em um esforço para deixar de olhar e ranger os dentes, porque a mulher sentada na frente dela estava parecendo bastante preocupada.

Mas, realmente, os hábitos dos modernos encontros eram horríveis e completamente injustos.

Não deveria ser sobre números e perfis cuidadosamente redigidos e mensagens escritas especificamente para vender uma versão de si mesmo que não se assemelhava remotamente à coisa real.

Até mesmo, as aventuras casuais, sem amarras deveriam ser sobre romance, sobre conectar-se com alguém, sobre olhos se encontrando em meio à multidões, um sorriso compartilhado através de um clube escuro. Mas, à exceção do pobre e desventurado Edward, não havia um só homem dos quais conheceu essa semana que parecesse estar procurando à garota que fizesse seu coração acelerar. Somente procuravam uma garota que fosse agradável à vista, com um pouco de inteligência em seu lobo frontal e que abaixasse a calcinha em troca de uma taça de vinho branco.

Tudo o que Neve precisava era um homem bastante normal para ter uma relação bastante normal com ele, e só tinha conhecido um deles nas últimas semanas.

Neve pegou o telefone logo que saiu da estação Finsbury Park. Iria fazer aqui e agora, antes sequer começar a caminhar para casa, porque sabia que nesses quinze minutos começaria a pensar em todas as razões pelas quais não deveria e depois decidiria dormir. Em seguida, pela manhã, teria um grande número de obstáculos e contratempos que teria previsto, depois o empurraria para o poeirento canto da sua mente onde colocava todas as coisas com as quais não queria lutar. Esse poeirento canto já estava prestes a estourar.

Sim, iria fazer agora, porque ainda não tinha apagado o número de Max do telefone. Como de costume, seu subconsciente estava muito mais adiantado que sua regular e idiota consciência.

Max respondeu no terceiro toque, o que era bom, porque Neve tinha o sentimento que teria se acovardado no quinto.

- Olá? - disse com receio, como se não gostasse de ter um número desconhecido piscando em sua tela.

- Max? É Neve. - Virou para poder se aconchegar contra o mapa subterrâneo de Londres, justo como tinha ficado naquela noite quando ele a beijou, e se esforçou para seguir em frente. - Você pode falar?

- O quê? Quem? Não posso ouvir. - gritou Max sobre o que soava como o ruído do desfile do Mardi Gras. - Espera!

Neve esperou, contando silenciosamente em sua cabeça enquanto fazia um trato consigo mesma de que desistiria se chegasse ao número cinquenta.

- Desculpe, quem é? - Max perguntou quando ela somente tinha chegado a trinta e sete.

- É Neve - disse novamente. - Desculpa por ligar para você tão tarde num sábado à noite.

- Ah, a noite mal começou. Max disse devagar. - Então, como diabos está?

- Oh, estou bem. Absolutamente bem. - Neve se deu conta de que não sabia o que dizer. *Parabéns! Você foi o escolhido para a posição de namorado.* Provavelmente não era a maneira correta de continuar. - Como você está?

- Estou bem também disse Max. - Então... O que é?

Você apenas tem que construir uma frase de umas dez palavras, Neve disse para si mesma.

- Estava me perguntando se você gostaria de ter um encontro. Comigo - acrescentou, no caso de não ter deixado claro o suficiente para Max. - Se estiver livre. Na próxima semana ou algo assim.

Capítulo Dez

Doze horas depois, Neve estava caminhando por Crouch Hill até Crouch End Broadway, porque Max estava lá tendo um café da manhã-almoço no Italian Food Hall e ela recebeu um convite aberto para juntar-se a ele depois de ter se lamentado por sua total falta de capacidade para pensar em um horário, um lugar e um dia para o encontro.

Estava nervosa, isso era um fato, mas não estava sofrendo um tsunami de terror, como esteve antes dos seus outros encontros. Pelo menos com Max sabia o que esperar. O que mais poderia? Com alguém tão volúvel como ele, e era apenas um encontro. Ela era uma veterana em *"somente um encontro"* para o momento e depois de ter tirado isso do caminho, poderia obter algumas azeitonas orgânicas do Waitrose e bisbilhotar nas prateleiras da livraria Oxfam e na papelaria, Neve disse para si mesma enquanto partia para o Italian Food Hall precisamente às 11:55 h.

Neve olhou pela janela, tentando ver mais além da delicatessen, para a área do jardim na parte de trás. O ar úmido havia formado gotículas na janela, tornando difícil a visualização, então Neve não teve mais opção que entrar e vagar entre as mesas e cabines até que encontrasse Max - isso, se ele realmente aparecesse e não só estivesse pregando uma peça nela.

Houve um momento de hesitação antes de Neve partir decididamente para a entrada, em seguida, ela parou. De um lado do edifício havia uma área de descanso coberta, completamente deserta com exceção de uma solitária figura, que levantou o olhar do jornal e a cumprimentou com um aceno.

Neve o cumprimentou de volta e agora estava empenhada em deslizar pelo estreito corredor entre mesas vazias, enquanto Max ficava de pé para poder se inclinar e beijá-la na bochecha, quando Neve o alcançou. Neve chocou o nariz com o queixo de Max, quando tentou devolver o carinho, enquanto que Max estava apontando para sua outra bochecha. Sempre esquecia que Celia e seus amigos davam um beijo duplo e agora ela estava nervosa, enquanto se sentava e armava um escândalo com suas bolsas.

- Então, você e eu em um encontro de verdade, quem teria adivinhado? - disse Max suavemente.

Neve sorriu vagamente, em resposta, enquanto observava Max deslizar seu BlackBerry e um iPhone no bolso. Era a primeira vez que Neve o via a luz do dia ou o que se passava por um tipo nublado de luz do dia, e havia algo decididamente exótico sobre ele.

Possivelmente era a forma das maçãs do resto ou a pele cor de mel. Seu cabelo era tão escuro que era quase preto e tinha alguma química para tirar os cachos. Ela havia esquecido o quão bonito era. Tinha esquecido quão arrumado

era, apenas seus avermelhados olhos inchados faziam com que Neve se sentisse um pouco intimidada.

Antes que Max a apanhasse olhando-o, Neve pegou o laminado menu, o qual era difícil de ver quando estava usando luvas de lã. Estava para perguntar por que estavam sentados do lado de fora, quando ocorreu que provavelmente Max não queria que o vissem com ela em um lugar público lotado.

- Pronto para pedir? - perguntou Max, e Neve notou que havia uma garçonete do lado.

Pediu um bule de chá e ia enviar a garçonete para longe com seu estômago reclamando em advertência. Normalmente nunca teria sonhado em comer em um encontro ou na frente de ninguém que não fosse da família, mas Max a observando comer ovos mexidos em uma torrada de granola não se comparava absolutamente ao seu primeiro encontro meio nu.

A garçonete foi embora muito rápido para o gosto de Neve, então, ali estava apenas Max a olhando fixamente e não havia dito uma palavra desde que sentou.

- Você teve uma boa semana? - perguntou timidamente, seriamente consciente de quão entrecortada e aguda sua voz soou e como não queria tirar seu estúpido gorro de lã com protetores de ouvido, porque sabia que estava com o cabelo realmente bagunçado.

Max assentiu.

- Foi um pouco como um pesadelo, se você quer saber - ele espetou. - Tentando finalizar a capa de agosto. Se tem coisa pior que lidar com talentos, é lidar com agentes, gerentes e publicitários.

Um completo pesadelo.

Neve assentiu no que esperava ser uma maneira simpática. Tinha entendido a essência geral da conversa, Max teve uma semana difícil, mas evitava as especificações.

- Talento? É como se chama alguém da indústria de entretenimento?

- Não. - Max disse lentamente e quase condescendente. - É como descrevo uma celebridade quando não posso dizer o nome porque tive que assinar um acordo de confidencialidade.

- Oh. Certo. - Neve sentia como se tivesse sido injustamente punida por não conhecer os mecanismos da indústria do entretenimento, mas pela forma que Max fez uma careta como se as nuvens momentaneamente se afastassem para permitir a passagem de um fino raio de luz, suspeitava que ele tinha uma ressaca e decidiu não tomar como algo pessoal. - Por que estão trabalhando na capa de Agosto quando é apenas início de Março?

- Celia não te explicou sobre os prazos de entrega? - Neve sacudiu a cabeça e Max grunhiu dramaticamente. - Bem, lembre-me de explicar da próxima vez que

eu ver você. É realmente difícil explicar essas coisas para civis.

Pelo menos estava aprendendo um pouco do vocabulário de moda nos meios de comunicação. As celebridades eram chamadas

"*Talento*" e os pobres mortais como Neve eram conhecidos como "*Civis*".

- Certamente lembrarei. - Neve disse, reluzente, cruzando os braços porque estava chateada e congelando, definitivamente, mas seria condenada se deixasse Max saber disso. - Boba eu de pensar que trabalhar em uma revista de moda era glamoroso.

- É glamoroso. - explodiu Max. - E a Skirt não é uma revista de moda. Na realidade é uma revista de estilo de vida de luxo. - parou enquanto a garçonete retornava com um bule para Neve e o expresso triplo dele. - Obrigado, querida. Vou precisar de outro desse em uns dez minutos.

Neve tirou uma de suas luvas relutantemente para poder se servir de uma xícara de chá e esperou que Max perguntasse como tinha sido sua semana, mas estava muito ocupado bebendo o café em um rápido gole.

- Então, que coisas glamorosas você tem feito esta semana? - persistiu ela e nem sequer se importava, mas escutar a boca de Max sobre um montão de celebridades insossas tinha que ser melhor que se sentar ali em um tenso e ressentido silêncio. Não podia acreditar que ele concordou em sair com ela, e tinha passado por todos os problemas para realmente se apresentar, quando tinha zero interesse em ter uma conversa educada.

- O de sempre. Almoços, projeções, pós-shows... OH, e fui na abertura do novo restaurante de Jamie Oliver - disse Max com um entusiasmo definitivamente maior do que ele tinha mostrado até agora. Nigella e Sophie estavam lá, a mesma Sophie Dahl me desafiou a roubar o sal e a pimenta, mas essa não foi a melhor coisa que aconteceu neste fim de semana.

Soava muito espetacular para Neve, que tinha muito tempo para Sophie Dahl e sua luta com o peso, embora estava surpresa dela ter encorajado Max a cometer pequenos furtos. - Não foi?

- Nem de perto. - disse Max, descansando os cotovelos na mesa e dando um rápido e perverso sorriso. - Meu editor me comprou um Mini Cooper, embora Mandy enviou o dela de volta, porque queria que pintassem de rosa e colocassem uma capota.

- Isso seria um carro? - perguntou Neve, porque queria ter certeza de que não era mais um obscuro jargão do meio.

- Sim. "Penalties and Prada" foi a ficção mais vendida o ano passado na Tesco e recentemente alcançamos a marca de 250 mil cópias vendidas. - Sorriu para si mesmo.

- Claro, isso não inclui as vendas internacionais.

- 250 mil cópias? - perguntou Neve espantada, e se deixou transparecer não pôde evitar.

- Por que está enrugando o rosto como se estivesse de pé na direção do vento de um cano de esgoto?

- Bom, é ótimo que tenha um carro novo e, bom, pelo menos quer dizer que as pessoas estão comprando livros, suponho. - Neve parou, mas depois não pôde evitar dar rédea a essas revoltantes palavras que precisavam ser ditas em voz alta. - No entanto acho que tudo está errado na indústria da publicidade, pois um quarto de milhão de pessoas tenham comprado e lido um livro de sexo e compras que nem sequer foi escrito por uma dessas namoradas de jogadores de futebol e, ainda sim, a maioria dos títulos na lista do Prêmio Orange, que é um prêmio para escritoras, não vendem sequer dez mil cópias. Não é justo.

- Bom, provavelmente é porque são um lixo e são sobre quão chato é ser uma mulher oprimida em um burka^[31] no Irã ou são desses valiosos livros sobre uma jovem garota que faz as pazes com sua crescente sexualidade em uma zona rural em algum momento do passado, quando tudo que havia era livros com temas rurais e nada de televisão. - Max criticou de volta.

Neve engasgou com o chá. Realmente se afogou tanto com ele, que teve que cuspir gotas deste no guardanapo.

- Diga-me três livros que estiveram na lista para o prêmio do ano passado? - vaiou para ele e nem sequer teve que Max responder, porque seria uma espera malditamente longa.

-Você não pode. Suponho que nem sequer pode nomear a ganhadora.

- Sim, bem, você leu pelo menos um dos meus livros?

- Quer dizer um dos livros de Mandy McDonald's, não é? - Neve o corrigiu.

- É Mandy McIntyre, querida, o que saberia se tivesse lido algo que foi impresso neste século.

Neve tinha lido muitos livros escritos no século atual, embora no momento estava em apuros para pensar em pelo menos um.

- Pelo menos leio livros. - zombou, e pensou que provavelmente foi a primeira vez que havia zombado de alguém, mas, sério, Max era a pessoa mais desagradável que já havia conhecido - tão presunçoso e obcecado com o insignificante e o superficial.

- É, provavelmente, porque trabalha em alguma velha livraria empoeirada, cheia de lésbicas velhas com Cardigans abotoados até o pescoço, enquanto leem romances de Agatha Christie e olham lascivamente para a sua bunda quando pedem para você pegar os livros das prateleiras superiores. - Max anunciou ferozmente enquanto Neve gotejava chá sobre o guardanapo novamente.

- É um arquivo literário e não há nada errado em usar cardigã. - gritou, embora não fosse nem o lugar nem o momento, mas Neve nunca se sentia vestida adequadamente sem um cardigã, e sim, geralmente abotoava tudo porque tendia a sentir frio. - E não há nada errado em ser lésbica, a menos que você seja um completo homofóbico.

- Como se atreve? - ofegou Max. Realmente parecia zangado, embora soou como se estivesse aumentando gradualmente a indignação para o engraçado. - Não sou homofóbico. Quase todos meus amigos homens são gays e eu amo Lady Gaga.

Neve bufou em brincadeira e teria se levantado, saindo zangada para Waitrose, e possivelmente, e até mesmo, xingando baixinho, mas a garçonete estava retornando com uma bandeja cheia.

Ela foi recompensada com um sorriso devastador de Max, que a fez piscar os olhos e empurrar os seios até o rosto enquanto colocava o café da manhã inglês completo, uma cesta de bolos e uma cafeteira na frente dele. Um pensamento tardio quase derrubou o prato de Neve.

- Querida, você é um salva-vidas. - disse Max, enquanto jogava ketchup sobre os ovos. - Honestamente, continue fazendo malcriação assim e teremos que tornar as coisas oficiais.

A garçonete riu, embora Max não tentou soar sincero, Neve pensou para si mesma, zangada, enquanto puxava sua outra luva para poder comer a torrada e ovos com garfo e faca. Tinha sido educada apropriadamente, diferentemente de Max, que estava colocando Baked Beans em um pedaço de torrada.

Era difícil manter o controle dos talheres, quando seus dedos se tornavam azuis.

- De qualquer maneira, porque estamos do lado de fora? - perguntou.

Para sua surpresa, Max sorriu vagamente e apontou para debaixo da mesa.

- Trouxe meu parceiro para o caso das coisas ficarem melosas, mas não deveria ter me preocupado, porque as coisas estão indo maravilhosamente bem.

- Você trouxe seu o quê? - Neve afastou sua cadeira para poder olhar sob a mesa. Aconchegado em torno da perna da cadeira de Max, estava um robusto cão marrom, que parecia com um Rottweiler ou um Mastiff ou alguma outra espécie de cão diabólico que o Daily Mail sempre estava tentando proibir. Neve deu ao cão e ao arnês que estava usando um olhar desconfiado, mas não tinha que se preocupar. O cão olhou para cima, chamou a atenção de Neve e depois se aconchegou ainda mais sob a cadeira, com as patas dianteiras sobre os olhos. Era incrivelmente lindo, mas também um golpe para o ego de Neve.

- Acho que ele não gostou de mim. - disse ela.

- Keith não gosta de nada.

- O nome de seu cão é Keith? Esse não é um nome de cão.

Max deu de ombros.

- É o único nome ao que responde. - Tentei outros nomes nobres e duros como Troy e Cassius, mas ele não entendia. Realmente você sente muito frio aqui fora? Deveria ter falado alguma coisa.

Neve balançou a cabeça.

- Ficarei bem enquanto esquentar minhas mãos no bule por alguns minutos. - disse, porque não havia muito mais que pudesse dizer. Supunha-se que eles teriam um café da manhã-almoço, juntos, e se Max havia trazido seu cão, então teriam que almoçar ao ar livre.

- Tento passar muito tempo com Keith no fim de semana. Tenho um passeador de cão, mas Keith fica sozinho durante a semana e tem sérios problemas de abandono.

- Tem? - Neve arriscou outro olhar para Keith, que ainda estava fazendo a coisa de *'não vejo nada'*.

- Bom, ele era um cão guia... - Max parou. - Tem certeza de que quer ouvir isso?

- Claro que sim. Sempre quis um cachorrinho quando era pequena, mas Celia tinha asma, então eu tinha um peixe dourado. Os peixes dourados são animais de estimação muito chatos- acrescentou Neve, enquanto pensava em todos os peixes que teve e nas muitas vezes que tinha descido as escadas de manhã, para encontrar seus inchados corpos, com barrigas brancas, flutuando na água.

- Eu não tive um animal de estimação. - disse Max. - Embora uma vez roubei o porquinho da índia do meu amigo e levei para casa, o que não deu muito certo com minha mãe. Pensou que tínhamos ratos.

Neve sorriu e Max sorriu de volta e foi um alívio não ficar provocando um ao outro, - Neve deixou de brincar com o açucareiro ou de pretender ler o menu ou até mesmo de calcular quanto tempo passaria antes de poder partir.

- Então, você ia me dizer sobre a raiz do problema de abandono de Keith. - disse Neve.

- Não acha que ficará paranoico se falarmos dele?

- Paranoia está muito abaixo na lista de distúrbios emocionais, acho que ficaremos bem - disse Max com um sorriso, recostando-se na cadeira. - Então, há alguns anos atrás, minha banda larga estava com problemas e tive que arranjar um técnico...

Neve tinha terminado seus ovos mexidos e torrada e estava na segunda xícara de chá no momento que Max havia finalizado a dilaceradora história dos

primeiros anos de Keith. Ele havia seguido o técnico até o apartamento de Max. Max tinha assumido que Keith pertencia ao técnico e era um pouco cara de pau por levar seu cachorro no atendimento a domicílio, mas o técnico havia encontrado Keith nos degraus e pensou que era o cão de Max.

- Acho que ele pertencia a alguém que saiu de férias e não podia se dar ao luxo de deixá-lo em uma creche canina, assim apenas o abandonaram e esperaram que ele estivesse lá quando retornassem. - disse Max, alcançando abaixo para acariciar Keith. - Estava um pouco machucado, como se tivesse se envolvido em muitas brigas, e quando o levei ao abrigo de animais, descobriram umas antigas feridas e cicatrizes como se seus donos não o tivesse tratado muito bem.

- Então não o deixou no abrigo? - perguntou Neve.

- Oh, sim deixei. - assegurou Max. - Mas retornei por ele cinco minutos depois. Tinha uma doença de pele e se agachava e latia quando alguém, exceto eu, aproximava-se e não conseguia imaginar alguém o adotando em breve, então o tirei dali.

Neve podia sentir sua boca formando um beicinho

- Ah, pobre Keith. - choramingou ela. - Pobre cachorrinho.

Era uma voz que as outras mulheres reservavam para bebês e gatinhos, mas Neve ainda não tinha visto um bebê que não parecesse com um zangado e careca homem mais velho, e desde que tinha sido mordida pelo gato da sua vizinha quando tinha seis e teve que receber uma vacina rábica, tornou-se uma amante de cães. Quando sua mãe a tinha encurralado para que fosse ao Goddess Workshop para aumentar sua autoestima, ali tinha dado uma grande quantidade de pulos procurando seu lugar feliz. Resultou seu lugar feliz ser um grupo de alegres cachorrinhos lavradores agitados e, embora não fosse um bebê chorão, um particular comovente episódio de "Its me or the Dog" podia deixá-la em pedaços.

- Keith vive no luxo agora. - disse Max, asperamente, seus olhos estreitando-se, como se estivesse tentando reprimir um sorriso. - É um mimado.

Neve sentiu que era justo revir sua opinião sobre Max. Não podia ser tão irresponsável e superficial, se realmente se comprometia com outro ser vivo, que obviamente o adorava se os ásperos ruídos abaixo da mesa eram uma indicação.

- Ele merece ser mimado. - insistiu Neve, e depois estava colocando a cabeça sob a mesa para poder falar com essa voz doentia novamente. - Você precisa de um montão de TLC ^[32] não é? Sim, você merece.

Keith levantou a cabeça, e justo quando Neve esperava que mostrasse os dentes ou se afastasse para mais longe debaixo da cadeira de Max, saiu pelo outro lado, cautelosamente se aproximou dela, da mão estendida, e a cheirou.

- Não acredito. - murmurou Max, quando viu o que estava acontecendo.

- Ele sabe que sou uma amiga. - disse Neve, esfregando suavemente a palma da mão contra a cabeça de Keith. - É um menino adorável, não é?

- Você tem alguns petiscos de fígado escondidos na manga?

Neve balançou a cabeça.

- Normalmente não carrego petiscos de fígado no caso de provavelmente cruzar com algum cão assustado de quem queira ser amiga.

- Keith geralmente odeia estranhos. - Max franziu o cenho, enquanto observava Keith fuçar a mão de Neve. - Você deveria se sentir honrada.

Considerando tudo, era um bom momento para seu desastroso encontro terminar, Neve decidiu enquanto puxava a carteira da bolsa e tentava chamar a atenção da garçonete.

- Bom, isto foi, humm... Interessante, mas acredito...

Max estendeu a mão sobre a mesa para alcançá-la e evitar que abrisse a carteira

- Eu cuido disso. - disse firmemente. Seus dedos estavam surpreendentemente quentes contra sua pele gelada. - Você está congelando!

- Na verdade, estou bem disse. - Neve enquanto tentava não tremer, mas menos a ver com o frio, que com o polegar de Max acariciando o lugar sensível no interior do pulso onde as veias se cruzavam como linhas de um mapa de tubulações. - De qualquer maneira, realmente devo ir.

- Bom, antes que vá, provavelmente deveríamos decidir o que vamos fazer no nosso próximo encontro. - disse Max. - Há um desfile e uma sessão de cinema no V&A que parece muito boa.

- Próximo encontro? Não estamos saindo. - murmurou Neve. - Por que pensaria isso?

- Bem, tecnicamente tivemos três encontros até agora, então acredito que estamos tendo uma dessas relações das quais é especialista. E sim, você ligou e me chamou para sair, então por que está tão surpresa? O que pensou que estávamos fazendo?

Era uma pergunta muito boa e uma que Neve não podia nem sequer começar a responder.

- Não sei. Não tenho certeza... - Tentou novamente. - De verdade, por que você estaria interessado nesse tipo de coisa com alguém como eu? É por ser novidade?

- Algo do tipo, sim. - admitiu Max. Ele fez um beicinho lentamente. - Posso

sentir que você não gosta tanto de mim e é a única pessoa que conheço que não pensa que sou um perito com experiência infinita - incitou Neve com uma piscada ultrajante. - No final será impossível resistir.

Neve não tinha coragem para dizer a Max que provavelmente gostaria muito mais se não sáísse com esses disparates arrogantes. Obviamente seu rosto a delatou, porque Max deixou de sustentar sua mão para então mover um dedo para ela em advertência.

- Você vai ver. É como da vez que todos disseram que não havia maneira de conseguir a Madonna para a capa da Skirt, mas passei um ano cortejando seu empresário e, depois, quando a entrevista foi acordada, todos disseram que ela seria muito difícil e teríamos sorte de ter dez minutos. Max sorriu triunfante. - A entrevista durou duas horas e depois fizemos a festa. Se Madonna me ama, então você também amará.

Foi a primeira e única vez que Neve tinha sido comparada à Madonna. Parecia estranhamente insultante. Ergueu suas sobrancelhas.

- Max, não é que eu não goste de você, tudo bem, eu não gosto, mas não consigo te ver nesse tipo de relação.

Max agitou a mão na frente do rosto como se estivesse esmagando uma mosca.

- Olha, fazer sex tapes com aberrações de circo e upar no Youtube, ou o que quer que seja, eu já fiz. Ao menos duas vezes. Ter um relacionamento e nem sequer um sexual é politicamente correto, é praticamente perverso.

Agora Neve se sentia definitivamente insultada.

- Bom, fico feliz de estar à disposição. - espetou.

- Agora não fique toda irritadinha. - Max balançou o dedo outra vez. - Sejamos realistas, sou a melhor oferta que terá quando se refere a namorados de teste. Pelo menos não sou um corretor imobiliário e não tenho nenhuma tendência suicida. De verdade, sua irmã realmente precisava lembrar que a voz dela alcançava de um lado a outro do escritório.

Ia matar Celia.

- Então, tive alguns encontros ruins, mas somente tenho que continuar me empenhando e conseguirei, eventualmente, ter um ótimo encontro. - disse Neve, na defensiva.

- Empenhando-se? Ter encontros não deveria ser um calvário. - Max pressionou seus livros. - Tem vinte e cinco, não é? É a pessoa mais velha de vinte e cinco anos que já conheci.

- Não posso evitar o fato de ser madura para minha idade. Apesar de Neve preferir pensar que apenas tinha uma alma muito velha. Talvez eu devesse ter

passado alguns anos me embebedando e tendo sexo casual, mas não fiz.

- Olha, você tem absoluta certeza de que esse Billy Bloke é seu verdadeiro amor? — Perguntou Max, como se toda a ideia sobre William e ter sequer um amor verdadeiro não era para ser levada a sério.

Neve imediatamente se arrepiou.

O nome dele é William. - lembrou com frieza a Max. - E sim, sim, ele é, e não tem que ser tão sarcástico sobre isso.

Max deu de ombros.

- Somente estou dizendo que antes de fincar raízes com William, ou qualquer que seja seu nome, deveria se divertir um pouco, e eu sou um deus me divertindo. - Max estava realmente falando sério, embora fosse a coisa mais ridícula que Neve houvesse escutado alguém dizer. Mais uma vez, o objetivo de todos esses terríveis encontros tinha sido injetar um pouco de diversão e romance na sua vida, e ambos, diversão e romance, tinham sido gravemente escassos. Às vezes, Neve pensava que a diversão deveria vir com sinalização, um plano de ação e diagramas em conjunto.

- Bem, quando você coloca dessa maneira, suponho que posso ter um pouco de diversão. - Neve disse alegremente. Alegremente era o que ela estava buscando, mas a execução foi mais sombria que determinada, quando algo muito importante veio à tona. - Mas preciso que você prometa que definitivamente não teremos sexo.

- Nada de sexo a menos que implore por isso. - Max sorriu ante o azedo olhar no rosto de Neve. - E não usarei língua quando estivermos nos beijando. A menos que você use primeiro. Havia muitas coisas questionáveis a respeito dessa afirmação que Neve nem sequer sabia por onde começar, mas enquanto estavam estabelecendo algumas regras...

- Não acho que devemos ir juntos. - espetou. - Não? - Perguntou Max ligeiramente.

Bem, é que apenas precisamos de alguma espécie de aviso de que isso é um relacionamento teste e não um propriamente dito. Então, se por algum milagre, estivéssemos indo realmente bem e eu segurasse sua mão, você teria que me parar e lembrar que não ficamos de mãos dadas, porque não somos um casal. - Neve gaguejou, enquanto Max apenas ficava sentado ali e a olhava como se estivesse tendo um ataque psicótico. - Não percebe? Não dar as mãos seria como uma palavra de segurança.

- O que você sabe sobre palavras de segurança? Max arrastou muito lento, e antes que Neve pudesse se ofender, porque ser inexperiente não significava estar completamente desinformada, ele deu de ombros novamente e disse: - Tudo bem. Nada de sexo. Não dar as mãos e levaremos as coisas entre sexo e dar as mãos em consideração, tudo bem?

Neve assentiu.

- Deveríamos ter outro encontro igual a esse?

Max a olhou com a expressão em branco.

- Suponho que sim. - de repente ele colocou a cabeça entre as mãos e bocejou. - Sinto muito, não sei onde Maria está com o meu outro expresso. Ainda não dormir e acho que o resto do meu estímulo acaba de ir embora.

Era hora de ter um pouco de controle novamente. Neve colocou sua carteira de volta na bolsa e ficou de pé.

Bem, estou contente de termos tudo esclarecido - disse de forma oficial. - Geralmente estou disponível nas tardes de segunda-feira, quinta-feira e sexta-feira então, hum... Liguei para você.

-Ou eu liguei para você. - ofereceu Max, mas sua voz era tão tranquila e suas pálpebras estavam fechando, como se não descansar sua cabeça na mesa estivesse roubando toda sua energia e adormeceria ali mesmo.

- Certo, bem, fico feliz de que tudo isso esteja resolvido então. - Antes da despedida se tornar dolorosamente longa, Neve agachou para acariciar Keith, sorriu firmemente para Max e se afastou.

PARTE DOIS

Pouca a pouca

Capítulo Onze

Neve tinha pensado que os encontros seriam noite após noite no bar, tendo conversas forçadas, enquanto escutavam as histórias dos outros que se encontravam atrás, mas não foi assim absolutamente. Ou os encontros apenas com Max não eram assim.

Max tinha uma agenda social tão completa e variada que os encontros duplicaram pelos compromissos de trabalho que ele simplesmente só tinha que comparecer. No decorrer de três semanas, tinha levado Neve para uma corrida de cães, para o lançamento do álbum de uma banda, em que todos tinham penteado MopTop^{33} e sotaque Mockney^{34}.

Na espetacular primeira noite, estiveram na festa de uma exposição fotográfica no V&A^{35}, com garçons que passavam constantemente levando bandejas carregadas de champanhe e canapés. Estiveram na abertura de uma loja, que oferecia bailarinos burlescos, um mágico e uma sacola de presentes repleta de cosméticos de primeira qualidade, vale-spa e um conjunto de pijamas de cachemira, que Neve deu de presente a uma agradecida Chloe. Houve *première* de filmes, Coquetéis e Shows de bandas ao vivo e Neve foi a cada um acompanhada de Max e não menos de vinte dos seus amigos mais próximos.

Ela nunca tinha se sentido tão sobrecarregada neste novo e estranho mundo dos eventos de imprensa, pós-festas e as festas depois das pós-festas e, embora dificilmente pudesse admitir para si mesma, tinha encontrado alívio no fato de Max manter o braço em torno dos ombros dela na maior parte do tempo. Primeiro eles percorriam o ambiente o que geralmente levava em torno de uma hora para fazer o circuito completo, devido a que logo que davam o primeiro passo topavam com algum conhecido de Max e havia uma enxurrada de beijos ao ar, abraços e cumprimentos sem fôlego.

Não havia nenhuma razão terrena para que os publicitários ou jornalistas, modelos, atrizes ou estrelas de reality shows, fizessem algo mais que sorrir vagamente em direção a Neve, exceto quando Max a puxava, de onde ela se escondia atrás dele, para dizer:

- Esta é minha grande amiga, Neve. - Então continuava a apresentação adicionando:

- Neve justamente me dizia que estava pensando em ter aulas burlesque^{36}, ou dizia: - Ajude-me aqui. Neve insiste que o filme foi um pouco abaixo do esperado para Tarantino.

Quando, geralmente, ela não estava dizendo tal coisa, mas isso fazia com que a conversa começasse; uma conversa da qual era parte, o que era uma novidade depois de todos esses anos de estar sentada em um canto, enquanto suas mais magras, bonitas e menos tímidas amigas estavam conversando e tomando

bebidas compradas para elas.

Depois de percorrer o lugar, sentarem-se e em cinco minutos se encontrariam rodeados por todos os lados e Neve se sentaria ali com o confortável peso do braço de Max ainda ao seu redor e sorriria, assentiria e murmuraria:

- Sério? Bom nunca soube. - Enquanto a conversa fluía em torno dela. Não importava, realmente, que nunca participasse ou que não conhecesse as pessoas que falavam, porque nenhum realmente estava escutando a alguém mais. Era uma competição para ver quem falava mais alto, para ver quem dizia as coisas mais impactantes, gabar-se de seus últimos trabalhos, promoções e, no centro de tudo isso, o sol, ao redor do qual todos giravam como satélites, era Max.

O charme de Max era tão óbvio para qualquer um, uma evidente mistura de paquera e adulação, com sutis nuances que Neve ainda não havia reparado. Que somente por baixar a voz e olhar para alguém fixamente, sem piscar, Max parecia exercer algum tipo de submissão sexual sobre as pessoas, seja homens ou mulheres; homossexuais ou heterossexuais, isso não importava, em seguida, tocava-os, apanhava uma mecha de cabelo atrás de uma orelha, colocava um dedo na alça de um vestido que tinha escorregado de um ombro bronzeado e o colocava novamente no lugar e, de repente, tinha uma vítima voluntária mais que disposta a fazer algo para agradá-lo.

Neve viu um garoto (embora realmente desejou não ter visto) desses modelos de Celia, baixar as calças para mostrar a todo mundo os resultados da sua depilação com cera. Depois Max tinha dito arrastando as palavras.

- Não posso acreditar que você teve culhões para fazer, não quando chorou como um bebê quando fez uma pequena tatuagem.

Tudo o que Neve podia fazer era permanecer em guarda, pronta para correr, gritando pela noite a fora, no caso de Max dirigir toda a força da sua atenção para ela. Porém, além do braço rodeando o ombro dela e as carícias constantes, ele tinha decidido usar seu poder para um bem maior.

O momento em que Neve finalmente notou, foi justo quando começou a se divertir, foi em torno de duas semanas da sua relação panqueca. Estiveram presentes no lançamento de um aplicativo para iPhone (um conceito que Neve tinha dificuldade para processar) e tinha passado os últimos dez minutos falando com uma atriz que Neve vagamente reconheceu de uma dramatização da BBC do *The Mill on the Floss*⁽³⁷⁾. Ela era o rosto oficial do aplicativo (novamente Neve estava tendo imensas dificuldades para entender como um aplicativo de iPhone poderia ter um rosto oficial) e estava desesperada para ser fotografada para Skirt. Sabia disto porque a outra mulher que estava com ela mencionava cada vez que abria a boca.

- Estou fazendo testes para um papel no novo filme de Sam Mendes, e realmente me ajudaria, Maxie. - Fez um beicinho. Parecia até mesmo mais bonita com este gesto do que quando jogava a cabeça para trás e ria a cada uma das

coisas que Max dizia. E se você precisar de outra vertente da moda, um amigo e eu estamos pensando em começar uma pequena linha de acessórios.

- Bem, eu adoraria, mas estamos trabalhando o tema Agosto, assim provavelmente não seria de muita ajuda com o Sam. - Max refletiu, sem fazer mais que acarícia-la. - Não me interprete mal, você é bonita, mas preciso de alguém um pouco mais que bonita para convencer o meu Editor.

A mulher umedeceu os lábios e olhou de maneira significativa para Max.

- Ficaria muito agradecida.

- Ah, isso é o que todas dizem. - Max puxou brandamente uma mecha do cabelo de Neve. - O que você acha?

Neve olhou duvidosamente para Max, o que sabia ela a respeito dos critérios de escolha das celebridades para as sessões fotográficas da Skirt? Especialmente atrizes que não pensavam que houvesse algo moralmente errado em se atirar para um homem que estava abraçando outra mulher.

- Gostei de você no The Mill on the Floss. - disse diplomaticamente - mas não entendo todo este assunto de aplicativos eletrônicos, como funcionam e como vão colocá-lo em prática num iPhone.

- Você não tem um iPhone? - sussurrou a atriz, com os olhos abertos com espanto. - Oh meu Deus. Espere aqui.

- Eu vou ser expulsa por não ter um iPhone não é? - perguntou Neve para Max, que olhou para o teto e suspirou porque sabia que não estava brincando.

Mas a atriz retornou em dois minutos com um publicitário que deu de presente a Neve uma caixa dourada com uma grande cerimônia, e quando ela olhou dentro, havia um negro e brilhante iPhone. Com o aplicativo já instalado.

Neve mal tinha balbuciado seu agradecimento antes que a atriz virasse para Max.

- Então?

Max a fez esperar por uns vinte segundos.

- Bem, verei o que posso fazer.

Foi então quando Neve entendeu que seu encanto e suas conexões eram moeda corrente para Max - ele não podia ter um sem o outro. Logo teve outra revelação surpreendente: Max era sua moeda corrente. Não importava que seus trajes de festa consistissem em uma variedade de vestidos pretos, sem forma, que eram apenas muito grandes para ela, mas não tão grandes para que Neve sentisse que merecesse comprar um pouco de roupa, ou que tivesse uma completa falta de habilidades sociais. Ela tinha Max.

Depois disso, Neve deixou de estar horrorizada e começou a se divertir. Era como encontrar-se no meio de um romance de Evelyn Waugh^[38], mas situado

em Londres do século XXI, onde os mais importantes teriam difundido que Neve era um encanto e sua nova melhor amiga, apenas por conseguir tampões para alguém ou deixar que um dos amigos de Max tivesse a última das camisinhas da sacola de presentes, porque, certamente, ela não ia precisar. E todos retornavam de suas frequentes viagens ao banheiro com um firme e brilhante olhar e conversavam mais dispostos e mais animados. No princípio, Neve pensou que as constantes idas ao banheiro eram por todas as bebidas grátis que consumiam, até que ela esperou na fila do banheiro feminino com uma de suas novas melhores amigas que perguntou se queria uma linha para ficar alta.

- Uma linha do quê? - Neve perguntou sem pensar, porque tinha tão pouca experiência neste campo que nunca tinha esperado conhecer alguém que se relacionasse com drogas, e muito menos que as oferecesse.

- Merda, desculpe. - Max disse algo sobre você ter estado na reabilitação por anos. Deus, isso deve ser chato.

- Foi muito pesado. - Concordeu Neve e não podia sequer invocar a menor explosão de indignação pela maneira em que Max havia explicado os seus hábitos abstêmios sem que envergonhassem a qualquer um deles.

Os amigos de Max pensavam que ela tinha um passado interessante e Max não sofreu a humilhação de ter uma namorada que somente bebia uma taça de vinho branco antes de trocar por limonada. Era ganha-ganha.

Por volta da meia-noite, Neve sempre partia e Max sempre se oferecia para pagar um táxi, antes de caminhar com ela até a estação do metrô.

- Ainda está se divertindo? - perguntou.

Neve elogiaria a sacola de presentes, os canapés, ou o ator com quem havia falado e que tinha feito uma temporada com a Royal Shakespeare Company^{39} e Max negaria com a cabeça e suspiraria.

- Se pensar que isso é divertido, então não está se divertindo ainda. - disse antes de continuar com a seguinte pergunta. - Mas agora tem que admitir que sou a pessoa mais encantadora e simpática que já conheceu, certo?

- Estou começando a acreditar. - disse Neve, o que era verdade até que ele abria a boca e as típicas insinuações lisonjeiras saíam.

Nas últimas três semanas, ela o tinha visto mais de dez vezes e não o conhecia muito mais que quando começaram a sair. Não sabia onde cresceu (embora tivesse um sutil sotaque do Norte) ou o que o assustava. Não sabia onde se hospedava na Europa ou seus pensamentos sobre o Fair Trade^{40}. Tudo o que ela conhecia de Max era quase nada.

- Você está linda, estamos na lista querida, meu bem, vamos à pós-festa e é claro, Ainda está se divertindo? - Isso não era suficiente para forjar uma amizade, muito menos um relacionamento a longo prazo. Mas Neve dificilmente poderia

dizer isso para Max.

Então ele suspiraria outra vez, em seguida, daria um rápido beijo no canto da boca, dizendo que escreveria *"os detalhes do nosso divertidíssimo próximo encontro"* e retornaria à festa para encontrar uma garota com quem passar o resto da noite.

Neve se perguntava frequentemente o que aconteceria se de repente declarasse que se divertiu com um D maiúsculo e que Max era seu novo melhor amigo. Decidiu que seu relacionamento panqueca poderia chegar ao fim rapidamente, porque já não seria uma provocação, ou, que Max passaria para seguinte fase do plano, o qual consistia em Neve implorando, porque estava desesperada para conhecer a sensação do seu corpo quente, apertado contra a pele nua dela. O que nunca, jamais, iria acontecer.

Considerando tudo, sair com Max era melhor do que Neve havia esperado até a noite em que brigou com Celia. Era noite de quinta-feira e tinham assistido ao lançamento de uma campanha publicitária de... Bom, não tinha certeza, mas entendeu que era algo relacionado a uma linha de roupa da rua principal e alguns novos designs em ascensão. Ela estava sentada em outra área VIP, sobre outro sofá de veludo vermelho.

Max havia desaparecido, momentaneamente, para descobrir por que as bebidas grátis não estavam fluindo como água de torneira e Neve tinha encontrado na realidade alguém interessante com quem falar um homem de meia idade - que edita a seção de estilo de vida de um jornal de domingo e tinha conhecido Max desde que tinha dezesseis anos, quando veio de Manchester para Londres por uma experiência de duas semanas de trabalho em uma revista para adolescentes.

Jeremy tinha sido o editor da revista para adolescentes e não tinha pensado muito de Max quando chegou recém-saído do trem e cheio de entusiasmo juvenil.

- Ele ficou no caminho de todo mundo. - recordou. - E se havia modelos que vinham para o casting, ele ruborizava e deixava escapar um risinho bobo.

- Sério? - Neve estava agarrando-se a cada palavra.

- Não podia esperar para que comesçassem as duas semanas. - disse Jeremy. - Logo chegou o fatídico dia em que o Editor de Funções foi fulminado por um sanduíche de camarão pouco confiável, minutos antes de fazer uma entrevista com um grupo de meninos terríveis... Como se chamavam? Não importa. De qualquer maneira, Max se aproximou do set e conseguiu uma confissão do cantante líder que estava fodendo todas e cada uma das bailarinas do show quando não estava ingerindo cinco comprimidos de ecstasy por noite.

- OH, meu Deus! E depois o que aconteceu?

- Bem, deram o emprego para Max, obviamente. Jeremy sorriu fracamente. - E uma lenda nasceu. Até mesmo dei para ele sua própria coluna de intrigas, que

chamamos de Mad Max. O engraçado foi que, tão logo seu contrato foi assinado, não havia mais caras avermelhadas com sorrisinhos bobos.

Neve estava praticamente sentada no colo de Jeremy agora.

- Você acredita que Max poderia ter alterado o sanduíche de camarão?

- Bom, eu não apostaria meu dinheiro, mas...

Neve não chegou para ouvir as teorias de Jeremy sobre o sanduíche de camarão de aparência duvidosa, porque de repente foi puxada para fora do assento, por uma mão forte e determinada, que pertencia a sua furiosa irmã mais nova.

Neevy, o que diabos está fazendo aqui? - exigiu, empurrando Neve através da sala para um canto afastado. - Por que estava incomodando Jeremy Hancock? O que está acontecendo?

- Não estava incomodando-o. - Neve assegurou zangada. - Estávamos tendo uma conversa agradável sobre a oportunidade na Rádio Four esta semana e depois falamos de Max.

Pensou que era uma maneira muito inteligente de conduzir a inevitável conversa que iriam ter, mas Celia explodiu novamente.

- Por que estavam falando de Max? O que você estava fazendo na sala VIP tão acolhedora quando Grace e eu tivemos que esperar uma hora para entrar, porque a presunçosa garota da entrada não entendia a letra da outra garota presunçosa da entrada?

- Sinto muito por isso. - disse Neve docemente, mas o rosto de Celia estava todo enrugado e com uma expressão insondável. - E estávamos falando de Max, porque bom, é...

Eu estou aqui com ele. Com Max. Estivemos nos encontrando um pouco.

- Max! Max! OH, Meu Deus, Tem que estar brincando!

- Não blasfeme. - Neve advertiu, apesar de que isso levaria Celia à fúria defensiva.

- Por quê? Por que está saindo com ele? Como aconteceu isso? Por que não me disse antes? - Exigiu Celia, seu rosto ficando tão vermelho quanto o seu cabelo e Neve teve que pegar as mãos de Celia e acariciar brandamente porque isso sempre a acalmava, enquanto improvisou uma história a respeito de topar com Max na Tesco e sair para tomar alguma bebida com ele e uma coisa levou a outra.

- Não sabe como é ele disse. - Celia, misteriosamente, quando Neve terminou a história. - Isso aconteceu, uma vez, na cobertura de um lançamento, a atriz foi despedida, então Max a levou para o banheiro e ficaram lá em torno de uma hora e quando ela saiu era toda uma hipócrita cortesia entre ambos e continuou

testando ele, inclusive quando...

- Não quero ouvir! - disse categoricamente Neve. - Sei que Max tem um passado, mas nós não estamos tão sério. É apenas um relacionamento teste. É como fingir sair para estar pronta quando estiver em um relacionamento.

- Para que conste, Neevy, sempre pensei que era uma ideia tola, mas nunca disse nada, porque tinha certeza de que não teria coragem para fazer.

- Bom, isso não é justo.

- E agora está fingindo sair com Max? Você está fodidamente louca? E os outros homens com quem saiu? Tendências Suicidas não parecia tão ruim. - disse Celia, empurrando Neve contra a parede para colocar uma mão de cada lado da sua cabeça. - Seu problema é que é muito exigente. Facilmente poderia ter dado a alguns desses homens outra oportunidade, porque certamente, Max vai quebrar seu coração te usando apenas para passar o tempo.

Isso é o que ele faz.

- Ele não vai quebrar meu coração. - Disse Neve, empurrando Celia para longe. - Meu coração pertence ao William, por isso não há maneira de Max ter algum efeito sobre mim. E, francamente, este é o porquê de não ter contado para você. Não é da sua conta, então pare de dizer coisas a respeito do que não sabe.

Celia tirou os braços e bateu numa parte mais afastada da parede com muito mau humor.

- Se você continuar vendo este... Perverso^[41], então falarei para mamãe!

- Nem sequer tente, porque há coisas que eu poderia falar para mamãe a respeito de você que fariam o cérebro sair pelas orelhas. - Explodiu Neve, mesmo quando estava disposta a se afastar.

- Ah sim, como o quê?

- Como que você e Yuri fumam maconha e sai e embriaga-se o tempo todo, e isso porque ainda não cheguei ao assunto da sua vida sexual, já que levaria pelo menos uma semana para acalmar a mamãe dos detalhes sórdidos. Neve estava suficientemente pronta para começar a recordar alguns desses detalhes para Celia se por acaso ela os tinha esquecido, como por exemplo a vez que ela levou um cara para cama e despertou na manhã seguinte encontrando uma mãe furiosa, ameaçando chamar a polícia porque uma estranha mulher tinha seduzido seu filho de apenas quinze anos de idade. Mas foi interrompida por uma tosse bem a tempo e deu a volta para ver o Max de pé ali.

- Continue, querida. - disse ele suavemente. - Tive todo tipo de horríveis visões de alguém colocando Roofies^[42] em seu refrigerante de limão. Retorne à mesa, porque Jeremy quer dizer, sem equívocos, que eu não tive nada a ver com o sanduíche de camarão.

Faça alguma coisa para machucar a minha irmã e não me importa quão alto na fama esteja, matarei você. - grunhiu Celia, ficando na ponta dos pés para estar à altura de Max. - Juro.

- Celia! Posso me cuidar sozinha. - disse furiosamente Neve, enquanto tentava arrastá-la para longe, mas Max só sorriu e beijou a testa franzida de Celia.

- Prometo que quando sua irmã tiver acabado de quebrar meu coração, você pode ficar com o que restar de mim. - disse, pondo um braço em torno da sua cintura.

Celia bufou e Neve podia vê-la, abrindo a boca para soltar um pouco de veneno, o que nunca aconteceu, porque os dedos de Max deslizaram através das costelas dela e começou a rir em vez disso.

- Não faça isso - disse. - lutando em vão para se libertar. - Sabe que tenho cócegas.

Max estendeu a outra mão para Neve.

- Vamos, Neve. Meu representante vai adorar o fato de eu ter uma irmã Slater em cada braço.

Neve não teve escolha em se transformar na outra fatia de pão de um sanduíche de Max. Sorriu fracamente para Celia, que se aproveitou do fato, mas estar sendo recebido por alguém do outro lado da sala e sussurrou para Neve:

- Você e eu não terminamos de falar sobre isto.

Capítulo Doze

Celia continuou chateada por vários dias.

- Não posso acreditar que você vai sair num sábado à noite. - gemeu em posição fetal sobre a cama de Neve. - Ela não estava somente de mau humor por causa das cólicas menstruais, também se queixava por perder Yuri, que tinha decidido sair com o designer gráfico com quem dormia pelos últimos cinco sábados consecutivos. - Todo mundo tem alguma coisa para fazer esta noite, menos eu.

- Você tem o que fazer. - assinalou Neve enquanto colocava rímel nos cílios. Falou que iria para uma reunião no Soho, em seguida, Grace levaria você para um bar karaokê e mesmo com cólicas depois disso, irá para outra festa.

Celia fulminou as costas de Neve.

- Quis dizer que todo mundo sairia com seus respectivos namorados, exceto eu. - Até mesmo você!

- Você sabe que ficará bem assim que se encontrar com seus amigos e ingerir um par de bebidas. - murmurou Neve, enquanto habilmente recolhia o cabelo em um coque e começava a colocar os grampos.

- Deixe algumas mechas soltas, assim não parecerá tão virginal. - ordenou Celia na sua posição fetal. A menos que tenha alguma coisa para me dizer.

Se eu estivesse fazendo algo com Max, o que não estou e nunca estarei, até mesmo se acontecesse, então você seria a última pessoa para quem eu diria. Na verdade, seria a quarta pessoa. -- modificou Neve.

- Depois de mamãe, papai e Douglas? Muito obrigado! Celia deu a Neve um olhar sério. - Está fazendo alguma coisa com ele, sei disso. Você está usando uma saia até o joelho. Não passando do joelho, mas justamente no joelho, e posso ver um pouco de decote.

Conheço os sinais.

Neve se voltou ao espelho para um último olhar avaliador. Parecia tão estupidamente aborrecida com um vestido preto e sem forma que decidiu expandir seus gostos e usar uma saia solta com bordados de flores na bainha e um casaco preto sobre uma blusa de renda. No mesmo momento, ocorreu a Neve usar as meias vermelhas que sua mãe havia comprado, mas logo recordou que suas pernas pareceriam tão grandes como as de um homem, então decidiu usar meias pretas e opacas.

- Mas estou bem, não é? Não pareço... Mais gorda, ou muito velha.

-Você está bonita. - insistiu Celia veementemente. - Não sabe a sorte que tem

de ter uma cintura. Eu pareço uma fodida vara de pescar.

- Não é verdade!

- Bom, não parece mais gorda. Absolutamente. - Celia parecia a ponto de chorar e estava mais pálida que o normal, o que era um sinal seguro de que seu período demoraria pelo menos um dia a mais para desaparecer.

- Por que não fica em casa esta noite? - perguntou Neve gentilmente.

- Não posso ficar aqui num sábado à noite! - Celia soou quase à beira das lágrimas enquanto se contorcia na cama. - Olhe para mim, posso me levantar. Caminharei até a estação contigo, mas se você colocar sapatos de salto baixo em vez de altos, baterei em você.

Caminharam de mãos dadas pelo Stroud Green Road, Celia arrastando os pés a cada passo que dava.

- Sabe, não há nada sério entre Max e eu, Seels. Estou apaixonada pelo William e Max pensa que sou uma distração divertida. Sou um passatempo para ele - disse Neve cuidadosamente.

- Max adora jogar replicou Celia. Sei que todos brincamos sobre ser um mulherengo e tudo mais, no entanto, é muito difícil resistir quando ele usa o charme.

- Mas eu posso ver através desse encanto. Por favor, dê um pouco de crédito ao meu bom senso. - Neve pôs uma mão sobre o braço de Celia enquanto seguia ao seu lado. Sei que em algumas semanas, Max estará tão aborrecido que muito gentil e brandamente me dispensará, e está tudo bem. Não temos nada em comum, e embora pense que possivelmente ele poderia ter alguma coisa oculta, agora não tenho mais certeza.

Então, termine com ele agora mesmo em vez de deixa-lo te arrastar para todos os lugares. - exigiu Celia. - Você odeia festas. Fez uma pausa e olhou para Neve com perspicácia. - O estranho é que na quinta-feira não parecia que estivesse sofrendo uma agonia.

Antes de eu começar a gritar com você, parecia estar se divertindo. - Quero dizer, o que aconteceu?

- Você não entenderia. - murmurou Neve, começado a caminhar novamente.

- Tente.

- Lembra do Danny McGee da escola? - perguntou Neve, embora fosse uma pergunta retórica, todo mundo tinha conhecido e amado Danny McGee. Inclusive apesar do irmão mais velho de Neve e Celia terem sido considerado como um *'quebra corações'*, comparado ao Danny e seus sonhadores olhos azuis, seu sorriso travesso e a forma adorável em que segurava o charuto entre o polegar e o indicador, Douglas poderia muito bem ter sido Quasimodo^[43].

Quando Neve tinha quatorze, uma garota um ano mais velha tentou cometer suicídio com uma lâmina de barbear, porque Danny a tinha "*dispensado*" depois de dois encontros.

Celia suspirou com entusiasmo.

- Danny McGee. Beije sua foto do anuário todas as noites durando um ano antes de superá-lo. O que tem ele?

Neve tinha ouvido que ele estava na prisão por roubo, mas esse não era o tema.

- Bem, lembra daquelas duas semanas quando o Sr. Kent fez com que Danny e eu trabalhássemos juntos em um projeto de inglês?

- Não foi um trabalho em conjunto, você fez tudo.

- E por duas semanas todos me incomodavam, zombavam de mim ou colocavam-me feios apelidos apenas porque Danny parou para falar comigo na escola. - disse Neve, com os olhos um pouco marejados, embora Danny só estava querendo saber se Neve tinha dominado a arte de copiar sua letra.

- Deus, eu também fiz isso? Estava tão ciumenta e ele nunca voltou para nossa casa. - disse Celia com amargura, como se ainda estivesse zangada por isso. - Então, o que isso tem a ver com você, Max e festas?

- Bem, mamãe sempre me obrigou a ir nesses terríveis bailes escolares sem importar o quanto eu chorava ou fingia ter meningite bacteriana e passei todo o tempo do baile me escondendo nos banheiros de Charlotte e suas amigas até que chegasse a hora de papai me buscar. - Neve tragou saliva, porque mesmo depois de todo este tempo ainda doía lembrar desses momentos. - Sentava ali durante horas e imaginava o que seria entrar no baile com Danny e como todo mundo pensaria que eu era espetacular e viriam falar comigo e ser meus melhores amigos. Quando vou a uma festa com Max, é tudo o que sempre quis quando estava na escola, e só desejo que Charlotte estivesse ali para me ver. Então deixe de ficar incomodada com isso, Seels, porque estar com Max compensa um pouco, um pouquinho da miséria que foi a minha adolescência.

Neve não queria chorar porque seu rímel escorreria, mas Celia não teve tal cuidado. Limpou os olhos com a manga da sua jaqueta antes de dar em Neve um forte abraço.

- É impossível ficar chateada com você quando me diz essas coisas. - queixou-se. - Tudo bem, tem minha bênção para seguir em frente com esse estúpido acordo com Max.

- Obrigada. - disse Neve. - Realmente não durará muito, porque isto de sair para festas é um trabalho muito árduo e não tive tempo de ler um livro nas últimas semanas. William e eu estávamos falando que nunca lemos *Tristram Shandy*^[44] e combinamos de ler dois capítulos por dia, para em seguida, comparar

opiniões através de e-mails e ele está muitos mais capítulos à frente.

Celia deu um pequeno apertão na mão de Neve.

- Se isso é tudo o que você e William podem fazer, então Max parece ter muito mais material para namorado. Pelo menos ele sabe como fazer você passar um bom momento!

- Há tantas coisas erradas nessa declaração que eu nem mesmo sei por onde começar disse. - disse Neve bufando. Tinham chegado à estação agora, Neve olhou para o relógio e viu Celia procurando o cartão do metrô nos bolsos e dentro dos compartimentos da bolsa, até que levantou a mão com um ar de triunfo.

- Será melhor que vá. - disse. - A que horas se encontrará com Max?

- Às cinco e meia. - disse Neve, olhando o relógio. Mas ele sempre atrasa dez minutos.

- E você não tem nenhuma reclamação sobre isso? - perguntou Celia sarcasticamente.

- Entendo que deve haver certo grau de comprometimento envolvido em uma relação. Acho que não vou reclamar por pequenas coisas, como chegar tarde alguns minutos, então ele não pode se opor numa noite quando eu levar meia hora para escolher o que jantarei, para logo retornar o que pedi porque está coberto de creme de leite e manteiga. - Neve beliscou o braço de Celia, que reclamou fortemente e devolveu o gesto, embora estivesse usando um casaco de pele e não pôde ter sentido nada.

- Não sorria!

- Você é tão adorável. - Sussurrou Celia, afastando-se da mão de Neve, que estava preparada para outro ataque. - Já vou. Agora, cuide-se e não faça nada que eu não faria!

Neve tentou não demonstrar emoção em seu rosto, isso fez Celia sorrir ainda mais, enquanto se aproximava da entrada da estação, parando para olhar Neve novamente e depois desaparecer.

Eram cinco e quarenta e bem a tempo, viu Max correndo debaixo da ponte. Neve descruzou os braços para assim não parecer impaciente enquanto Max a reconhecia e começava a correr para ela.

- Olá, meu bem. - ofegou Max, quando chegou ao lado de Neve. Beijou-a na bochecha, logo na outra, o frio rosto contra o seu. - Desculpe o atraso. Juro, acho que o tempo acelera no segundo que saio do departamento.

- Celia acabou de ir. - disse Neve, baixando o olhar porque os primeiros cinco minutos ainda se sentia incômoda e levava tempo para relaxar. Quando Max chegava, Neve voltava a ser atingida pelo quanto ele era atraente. Logo

depois de relaxar, estando perto dele, tentava parar a voz em sua cabeça que queria saber o que diabos ele fazia com ela.

Uma vez que recuperou a compostura para olhá-lo, Neve notou que Max usava jeans e um casaco de gola alta que parecia muito velho, embora Neve soubesse que quando o tirasse teria uma etiqueta Marc Jacobs ou Prada. Ele também a olhava de cima abaixo, um leve sorriso se formando no rosto. Logo, puxou-a pelo braço e começou a arrastá-la na direção da entrada da estação.

Neve não se moveu.

- Onde acha que vamos?

- Você disse que iria me levar para o boliche. - disse Max, envolvendo os dedos em torno do pulso de Neve para puxá-la brandamente. - Temos que pegar o metrô.

Depois do drama que tinha ocorrido na noite da quinta-feira,

Neve pensou que Max tinha cancelado seus encontros. Não teve que se preocupar muito com o que vestir de acordo com o lugar ou hora.

Então quando Max revelou que não tinha nenhum evento social na agenda para o sábado, Neve assumiu. Apesar de ter sugerido que tivessem uma noite livre para que assim ela pudesse ler Tristram Shandy, Max pareceu horrorizado.

- Não fiquei em casa um sábado à noite desde que tenho doze anos e não vou começar agora. - disse apavorado, ainda mais assustado do que Celia ficou e por uma vez seu descontentamento foi engraçado. - Chamarei algumas pessoas. Tem que haver uma festa em algum lugar.

- Vamos ao boliche de tarde e depois iremos jantar. - disse Neve firmemente, porque ambas as atividades eram razoavelmente baratas e ela não tinha pagado por outra semana. Naquele momento, ficou surpresa de Max ter aceitado facilmente, mas agora que observava o rosto confuso, ela notou que tinham ideias diferentes sobre ir ao boliche.

- Não precisamos ir de metrô. - disse, apontando um grande edifício vermelho e cinza cruzando a rua. - Há um grande lugar para jogar a apenas cinco segundos de distância.

Max olhou o descolorido exterior do edifício com o cenho franzido.

- Mas achei que iríamos para o Boliches Bloomsbury ou algum lugar central, não...

- Não a um feio lugar sem elegância, modernidade, ou um serviço de garçonetes em minúsculos vestidos de 1950.

- Verá que é muito bom quando entrar. - disse Neve fracamente. - Olha, pensei que poderíamos fazer algo local, pela primeira vez.

- Não terão música infantil tocando por toda parte ou crianças correndo e tentando tomar o lugar das pessoas para poderem jogar boliche? - perguntou Max.

Tem certeza de que nunca esteve lá?

- Sim, mas parece muito com um lugar em Didsbury⁽⁴⁵⁾ onde tive uma festa de aniversário quando criança - disse Max. Ele respirou fundo. - Tudo bem, vamos fazer isso. Posso te conquistar com gente comum.

Max aceitou a ideia do boliche melhor do que Neve ousou esperar. Ele fez uma fingida careta de dor quando entraram e viram os grupos de crianças correndo por toda parte, gritando e sorrindo. Também revirou os olhos quando Neve insistiu para o rapaz responsável pelo aluguel dos sapatos colocasse desodorante várias vezes no seu par. Mas tudo estava bem, porque Neve sentia que estava em seu próprio terreno.

O boliche era uma tradição de aniversário, uma tradição para festejar boas notas, e até mesmo uma estranha tradição quando sua mãe gritava:

- Cristo, Barry, estas crianças estão me deixando loucas, tire-os de casa.

Neve sabia como introduzir os nomes no placar eletrônico apesar das chaves terem sido removidas. Sabia que não deviam escolher a pista mais à esquerda porque a madeira estava um pouco deformada e as bolas sempre desviavam para à direita, e sabia que sempre era melhor começar com uma bola verde para logo passar à bola laranja, quando queria derrubar os últimos pinos que ficavam de pé.

Sim, estava preocupada de como pareceria sua bunda enquanto corria, mas Max estava muito mais preocupado em alcançar seu ritmo do que quão grande a bunda dela estava parecendo, ou como os sapatos faziam com que suas pernas parecessem mais curtas e rechonchudas que o normal.

- Não podemos arrumar umas bolas melhores? - perguntou ele melancolicamente, enquanto sua bola desviava completamente. - Como a deles apontou para a pista vizinha.

- Estão com as bolas mais leves porque são crianças. - assinalou Neve e Max fez uma careta, provavelmente se tivessem um tipo diferente de relacionamento, ela teria se aproximado e beijado seu rosto.

Em vez disso, Neve deliberadamente lançou perfeitamente duas bolas para os pinos, porque seu lado competitivo de natureza era outro compromisso que não estava disposta a deter. Ganhou as duas jogadas com facilidade, apesar de Max ter feito um strike no fim, mas na pista do lado de um grupo de adolescentes.

Simplesmente não pôde resistir provocá-los.

- Bom, realmente arrasou. - anunciou, quando estavam fora. - Mas você... Tem bons movimentos.

- Se isso faz você se sentir melhor, quebrei três unhas. - disse Neve,

levantando uma mão enluvada.

- Eu poderia beijá-las se quiser. - Max falou lentamente e isso era um excelente aviso de que esta noite eram apenas ele e ela não sabia muito bem como lidar com a paquera quando não tinham pelo menos dez de seus amigos como acompanhantes.

- Talvez mais tarde. Se você se comportar bem. - acrescentou, no que esperava ser uma forma de paquera, mas soou muito forçado para seu gosto. - Muito, mas muito bem.

- E se me comporto mal? Max continuou e quando Neve o olhou de esguelha, ela soube que ele estava brincando.

Então, não haverá sobremesa para você. - Puxou Max pela manga, já que iriam atravessar a rua. - O que seria uma pena, pois no lugar aonde vou te levar fazem um grande tiramisú.

- Então não vamos a um Gastropub⁽⁴⁶⁾?

- As pessoas comuns não vão para Gastropubs. - disse Neve. - Vão para lugares como este.

Ela parou do lado de fora de um grande restaurante italiano que sempre atendia a toda família Slater depois das excursões de boliches. Max olhou para o interior com certo receio, enquanto um garçom passava sustentando um bolo de aniversário com velas acesas.

- Parece agradável. - disse corajosamente. - Não estaria tão cheio se a comida fosse terrível, não é?

Neve não teve a oportunidade de elogiar as virtudes do fogão a lenha, já que a porta foi aberta e o proprietário, um pequeno homem com um sorriso de orelha a orelha, puxou-a para seus braços.

- Senhorita Neevy. disse, afastando-se de Neve para assim poder vê-la melhor. - Há muito tempo não vinha. Vieram por um pouco de massa, não é?

- Só um pouquinho de massa. - retrucou Neve. - Podia ouvir Max sorrir bobamente atrás dela enquanto Marco indicava o interior com um gesto.

- A melhor mesa da casa para a Senhorita Neevy. — gritou para ninguém em particular. - Se tratá-la mal farei meus garotos colocarem você para fora e cortá-lo em pedacinhos. - Disparou com um lado da boca para Max, enquanto eram conduzidos para mesa junto da janela.

- Sou muito amável com ela. - protestou Max, em seguida, para a mortificação de Neve, ele e Marco tiveram um confronto a respeito de quem puxaria a cadeira.

Max ganhou essa batalha, mas Marco fez um grande espetáculo para

desdobrar um guardanapo branco como a neve e colocá-lo reverentemente na saia de Neve.

- Trarei uma garrafa de vinho, cortesia da casa. - insistiu, ignorando os frenéticos gestos de Neve. - Como estão Barry e Margaret? Estão bem, não é?

- Desculpe. - disse para Max, quando Marco finalmente os deixou logo depois de se informar sobre a saúde de todo o Clã Slater e perguntar a Neve como estava indo "*o trabalho na biblioteca*". - Não esperava que Marco ameaçasse você.

- Bem, é melhor você sorrir e gostar de tudo o que eu falar. Não quero ser cortado em pequenos pedaços. - jogou Max de volta, enquanto olhava em torno do ambiente. - O que diz nas costas da camisa da garçonete?

- "O melhor lugar de comida Stuff para seu paladar."^[47] - Neve tentou arduamente não sorrir. Max era especialista em inaugurar lugares com classe, beijar modelos no ar e comer canapés feitos com crème fraiche. Este realmente não era seu ambiente. -Você odiou, não é? - perguntou, entre gargalhadas.

- Não passo todo meu tempo comendo Mahi-mahi em restaurantes minimalistas do Soho. Posso beber cerveja e comer pizza. — Max abriu o menu. - Você tem todo Finsbury Park comendo na sua mão, não é?

- Finsbury Park até a morte. - disse Neve tão solenemente quanto pôde quando sentiu que outra rodada de risos poderia ocorrer.

- Seu rímel escorreu. - apontou Max, alcançando-a ao outro lado da mesa para esfregar o polegar contra a bochecha. Neve estava acostumada ao braço ao redor dos ombros e ao casto beijo de boa noite, mas este era toda uma nova área de contato, especialmente agora que ele havia se livrado das obscenidades de rua. Max ainda estava esfregando sua bochecha.

- Eu gosto desse seu lado que estou vendo esta noite.

- E que lado é esse? - perguntou Neve. Queria apoiar na mão de Max e de repente desejou que significasse algo real, porque era muito bonito ser tocada como se fosse algo precioso, mas se obrigou a ficar quieta.

- Rosto rosado e sorridente, faz com que seus olhos pareçam muito azuis. - disse Max, como se não estivesse apenas dizendo uma coisa banal, mas sim era a pura verdade de Deus. Logo afastou a mão. - Agora o que devo pedir para comer? Pizza ou massa?

- Bem, a pizza é boa. - disse Neve, que ainda podia sentir o toque dos dedos de Max na pele.

- Quer dividir um pouco de pão de cebola para começar?

- Max! Preciso dizer algo. - Neve deixou escapar.

Ele levantou o olhar com surpresa pelo seu poderoso tom.

- O quê?

Neve reorganizou seu talher e ajustou a posição dos potes de sal e pimenta.

- Isto é realmente um grande assunto para mim, jantar com você porquê... Bom, tenho sérios problemas com comida. - Sentou-se reclinada e esperou... Não tinha certeza do que exatamente, mas tinha uma imagem na cabeça de Max jogando o guardanapo com desgosto e saindo, absurdamente impressionado por sua confissão.

- E como isso faz você diferente de noventa e nove por cento das outras mulheres? -perguntou, inclinando o queixo pelo que parecia mais um desafio que uma pergunta.

- Apenas estou avisando, porque isso leva anos para organizar e às vezes devo devolver a comida se não seguem minhas precisas instruções. Neve mordeu o lábio. - Celia diz que sou uma dor na bunda quando saímos para jantar.

Max deu de ombros.

- Saio para almoçar diariamente com gente que trabalha com entretenimento ou moda e são muito especiais. Às vezes inclusive trazem sua própria comida e pedem ao chef para esquentá-las. Sinceramente, já vi problemas alimentares e aposto que o seu não chega nem perto.

Isto não fez Neve se sentir melhor. Fez com que ela se sentisse ainda pior, já que as pessoas das quais Max estava falando era provavelmente tamanho zero e pagaram milhões de libras para manter sua aparência, enquanto ela nem sequer seria capaz de colocar o dedo gordo em nada de tamanho zero.

- Bem, isso me faz sentir uma aberração. - admitiu lentamente. - Como se não devesse fazer tanto escândalo por ser do tamanho que sou. As pessoas provavelmente pensam que vou para casa e me encho de bolo.

Era impossível ler a expressão de Max; suas feições estavam completamente em branco. - Tenho certeza de que ninguém pensa isso. - disse finalmente, com um olhar que estava à beira da exasperação. - Você apenas imagina que elas fazem.

- Estraguei tudo, não é? Fui a Garota Estranha com Problemas Alimentares e agora você está como, *"Deus, simplesmente faça com que cale a boca, porque ela arruinou meu apetite e só quero jantar e logo me afastar o mais rápido possível"*.

- Minha voz interior não soa nem um pouco assim. - disse Max enquanto escolhia um pacote de palitos. - Agora, mude de assunto ou enfiarei um desses no meu olho.

Neve abriu e fechou a boca algumas vezes mais, como um peixe dourado demente. Então, entrecerrou os olhos porque Max tinha aquela inclinação

desafiante no queixo outra vez, como se pensasse que não pudesse desafiá-lo.

- Bem, bem, - disse. - Trouxe Celia aqui no aniversário dela do ano passado, e houve um mal-entendido com o bolo, então pedi para as garçonetes improvisarem.

Max estava servindo a ambos uma taça de vinho e Neve parou para dizer que parasse já que bem poderia devorar alguns pacotes de açúcar. Então pensou melhor, arrebatou a taça que ele estava sustentando e bebeu uns revigorantes goles.

- Só para você saber, Marco tinha a noite livre, esse é um fato muito importante. - disse, retomando o fio novamente. - Então, tínhamos terminado o prato principal e dei o sinal, e todas as luzes se apagaram e todas as garçonetes vieram para nossa mesa, cantando "*Feliz aniversário*" e sustentando alguma coisa atrás do menu.

- E tinham colocado uma vela no Tiramisú? - Max interrompeu. - Sempre fazem isso neste tipo de lugares. Neve o olhou em silêncio.

- Passou longe. Tiraram o menu e ali, no prato, havia dois profiteroles e uma banana com um morango colocado na ponta em forma de... - Baixou sua voz. - Tinha a forma de um Paul!

Max acabava de tomar um gole de vinho, que procedeu a cuspir na camisa.

- Acaba de dizer o que acho que acaba de dizer?

Disse pau. - repetiu Neve, as gargalhadas voltando para outra rodada. E todas as garçonetes cantaram "*Morde! Morde! Morde!*" até que Celia agachou e mordeu o morango da banana.

- Ela ficou envergonhada?

- Sim, claro! Adorou absolutamente! Eu estava envergonhada; todas as amigas delas pensaram que tinha sido minha ideia. -Neve sorriu, enquanto recordava o olhar de horrorizado prazer no rosto de Celia quando sua sobremesa de aniversário tinha sido revelada, logo olhou para Max que estava limpando a mancha de vinho da camisa com um guardanapo e começou a rir novamente. - Espero que a mudança de tema tenha sido satisfatória.

- Minha parte favorita foi quando disse "*pau*" - Max sorriu. - Nunca pensei que ouviria essa palavra dos seus lábios.

- Digo todo tipo de coisas grosseiras uma vez que a pessoa me conhece. - disse Neve, mesmo que realmente não fosse assim tão desinibida. - Mas eu não gosto de falar muitos palavrões porque penso que demonstra uma falta de imaginação. Somente espere até me ouvir dizer a palavra com F... sua cabeça irá explodir.

- Não serei capaz de dormir nesta noite porque estarei muito ocupado

imaginando todas as variadas razões do porque poderia te escutar dizer "Foder" - disse Max, com a voz em seu mais apaixonado tom, sua perna esfregando contra a de Neve debaixo da mesa.

- Sim, vejo um banho gelado em algum futuro próximo.

A reação imediata de Neve foi esquentar, ficar nervosa e negar que a possibilidade jamais ocorresse. Bebeu outro gole de vinho e deu continuidade à sua segunda reação.

- Para sua informação, agora que mencionou, posso pensar em algumas razões pelas quais eu falaria. - disse asperamente, movendo a perna para trás para poder chutar a canela de Max, apenas forte o suficiente para que ele se engasgasse com o palito.

- Touché. - disse suavemente e quando sorriu para Neve foi tão verdadeiro, provavelmente, até mesmo um pouquinho tímido devido à forma em que ela o venceu em seu próprio jogo, que não pôde evitar sorrir para ele de volta. E, simplesmente assim, estavam em um lugar feliz onde Max não estava tentando ser desafiador, sedutor ou de apanhá-la com a guarda baixa e Neve pôde relaxar.

Estavam ainda nesse lugar feliz quando Neve pediu três solitários raviólis de espinafre e ricotta como entrada, pediu peixe espada grelhado sem batatas para o prato principal e devolveu a salada devido ter um pingo de azeite de oliva, que ela não havia pedido e nem um traço de vinagre balsâmico como foi solicitado.

Foram a falta de carboidratos e a taça e meia de vinho branco que fizeram Neve tropeçar quando deixaram o restaurante. O braço de Max esteve envolvido em torno da sua cintura no mesmo instante.

- Não estou acostumada a usar saltos. - gemeu. - Doem e são símbolos patriarcais desenvolvidos para paralisar as mulheres e impedi-las de fazer grandes progressos na vida.

Então porque está usado? - perguntou Max. Ainda tinha o braço em torno da cintura dela, apesar de já poder caminhar agora que a vertigem havia passado. Andar com um passo instável, mas capaz de fazer sem ajuda.

- Bom, são muito bonitos e fazem meus tornozelos parecerem mais finos. - disse Neve, aconchegando-se em Max porque havia um vento feroz que açoitava pela rua.

- Você não tem tolerância para o álcool. - disse Max. - É um encontro barato, pois quase não dá despesa. - De fato, tinham dividido a conta. Neve havia insistido que o convite tinha sido dela, mas Max havia insistido que comeu e bebeu o dobro e ainda estava levando as sobras com ele.

Chegaram na entrada do jardim muito cedo para o gosto de Neve, já que Max ia partir e ela já estava tremendo de frio sem o quente corpo junto ao dela.

- Quer entrar para tomar um café? - perguntou. - E quando digo café, quero

dizer apenas café. - Desta vez foi Max quem duvidou.

- Eu realmente deveria ir para casa por causa do Keith. - disse eventualmente.
- Ele precisa de um último passeio.

Neve imediatamente ficou desconfiada. O pobre Keith parecia se virar muito bem quando Max saía até tarde em busca de companhia feminina. - Se eu tivesse convidado para um “café” fez aspas no ar em torno da palavra -, sua resposta ainda seria não?

Uau! Você está cheia de surpresas esta noite, não é meu bem? - disse Max, com os olhos refletindo o brilho da luz da rua. Sustentou-a pelo queixo, para poder dar um ligeiro beijo na boca.

Neve estava esperando seu obrigatório contratual, superficial beijo, mas Max roçou os lábios com delicados e suaves beijos como o bater de asas de uma borboleta, que pareciam uma coisa quente. Em seguida, mudou para um beijo mais longo e profundo e justo quando Neve se inclinou para capturar sua boca, porque como poderia não fazer, ele deu um passo atrás.

- Bom, eu realmente deveria ir. - disse amavelmente, como se isso fosse o suficiente de provocação. - Ligarei em breve.

Nem sequer esperou por uma resposta, mas sim se afastou com pressa, enquanto Neve ficava lá em pé e chocada.

- Droga. - murmurou, enquanto destrancava a porta e pisava forte pelo caminho. Não estava preparada para o fato do relacionamento deles tomar esse rumo, mas Max disse muito especificamente que haveria beijos. Talvez ele não quisesse beijá-la apropriadamente devido a não achá-la atraente. E qual era o ponto de estar em um falso relacionamento se seu falso namorado não te acha atraente? Não hav...

- Neve! Espere!

Ela virou para ver Max vindo pelo caminho, com o rosto ligeiramente vermelho e ofegando.

O que quer? - perguntou ela com cautela, porque acabava de fazer um convincente argumento em sua cabeça para terminar isto.

Talvez Max estivesse pensando o mesmo.

- Esqueci de perguntar, você se divertiu esta noite?

Ele era impossível e estava começando a parecer um pouco...

Cativante.

- Quase. - disse Neve sinceramente.

Max assentiu.

- E você está pronta para admitir que sou a pessoa mais simpática e

encantadora que já conheceu?

- Nunca! Direi a palavra com F antes de dizer isso. - disse Neve, bastante segura de que Max não se ofenderia. Bom, nem tanto.

Ele parou na parte inferior dos quatro degraus que conduziam à porta principal, mas não foi mais longe.

- Eu realmente estou indo para casa agora, o que significa que não passarei a maior parte da amanhã dormindo pela ressaca, por isso estarei livre na parte da tarde se você quiser se encontrar comigo.

Neve ficou no degrau.

- Há algum almoço ou inauguração para acontecer?

Não, nada disso. Olha, por que não dá uma passadinha na minha casa? prepararei o jantar. - Max já estava se afastando como se não houvesse nada adverso ou incomum na sua sugestão. - Vejo você às cinco.

Havia muitas boas razões para Neve não aparecer na porta de Max como um cordeiro em sacrifício, mas tudo o que veio com tão pouco tempo foi:

- Mas não tenho seu endereço.

- Terá que fazer melhor que isso. - disse Max, com esse desdenhoso pequeno sorriso que Neve odiava. - Enviarei por e-mail, até mesmo anexarei um mapa do Google.

- Não tenho certeza, estou muito ocupada amanhã. - Neve pressagiou, o que não era uma mentira, embora todos os seus compromissos sociais terminariam às quatro com muita margem.

- Oh, certo, então se não estivesse "ocupada" - Max zombou com suas próprias aspas ao ar sua resposta ainda seria não? Você é quem me convidou para entrar por um café faz dez minutos.

- Mas de fato eu me referia a uma xícara de café!

- Sim e eu realmente quero dizer jantar. - Max deu um olhar orgulhoso, que Neve reconheceu instantaneamente, devido a geralmente vê-lo refletido quando se olhava no espelho. - Eu tenho um pouco de autocontrole e tenho bastante certeza de que você pode permanecer sozinha na minha casa por três horas ou mais, sem que eu cometa todo tipo de atos depravados com o seu não disposto corpo.

Quando ele disse aquilo, Neve ficou chocada. Max fez parecer como se ela acreditasse que era tão arrebatadora, que ele não seria capaz de resistir. Também estava começando a se perguntar quão não disposto realmente seu corpo estava, quando ela estava desejando algo mais apaixonado no que dizia respeito ao beijo de boa noite.

- Desculpe Max. - disse em tom arrependido. - Eu adoraria jantar.

Max não parecia nada convencido pela desculpa e Neve ficou de pé na porta, sentindo-se um pouco instável e vulnerável agora que não tinha autoridade moral. Então viu os ombros dele relaxarem e um sorriso perverso dominar o rosto.

- Bem, verei você amanhã então. E, enquanto lembrar da sua palavra de segurança, tudo ficará bem.

Capítulo Treze

Tinha sido um dia inesperadamente encantador. Neve tinha ido dormir às onze em ponto e acordou oito horas depois, pelo precoce sol da primavera esquentando o caminho através de suas cortinas. Ela foi envolvida pelo Tristram Shandy, em seguida, passou uma hora no telefone com Philip para ver se havia entendido uma palavra sobre isso e conseguir algumas notas para quando falasse com o William mais tarde essa noite.

Então, quando correu de bicicleta até Kenwood para se encontrar com Gustav e segui-lo quando corresse em torno do Hampstead, em preparação para a meia maratona que iria participar nessa semana, Neve estava pronta para ir para casa e pegar o seguinte capítulo de sua biografia de Lucy Keener, quando Chloe ligou e a convidou para almoçar, já que tinha ficado na casa de uma amiga em Muswell Hill, depois de uma festança.

Neve sempre sentia como se fosse um prazer ver Chloe fora do trabalho, prova de que eram verdadeiras amigas e não somente unidas por uma mútua antipatia pelo senhor Freemont e suas referências cruzadas.

Também era um verdadeiro prazer poder falar sobre Max com alguém que não fosse Celia.

Bem, ele é muito lindo. - respondeu Chloe quando Neve mostrou uma foto que ele tinha insistido tirar em seu novo iPhone. - Você quer olhar homens bonitos, Neevy. Ele sabe que não têm que fazer muito esforço.

- Ele realmente está tentando muito mais do que pensa. - disse Neve, surpresa quando pensou a respeito de quão bom Max foi na noite de ontem. Tinha mantido os comentários lascivos ao mínimo, e tinha sido muito bom com o boliche e a pizza barata. - É estranho. Sei que ele pensa que sou um pouco estranha porque sou a única mulher que conheceu, que é imune aos seus encantos, mas ele não tentou nada. - ela mordeu o lábio. - Provavelmente é porque não gosta de mim.

Chloe deu a Neve um olhar de sofrimento.

- Tenho uma ressaca animal, então não tenho a energia para tentar te convencer de que é bonita. - Voltou a estudar a foto de Max, em seguida, começou a passar as fotos dos melhores amigos. - Homens como estes, não fazem o que não querem. Comparado com o tipo comum de garotas, você deve parecer como um sopro de ar fresco. Aposto que ele não pode esperar para corromper você.

- Na verdade não é assim. - protestou Neve. - Ele quase não me beijou e nós concordamos que beijos eram permitidos.

- Defina quase não beijar. - exigiu Chloe, e Neve foi forçada a descrever os

beijos medíocres que ocorreram na noite passada e como pensou que finalmente progrediram quando Max parou.

- É estranho querer que Max me beije quando estou apaixonada por William?
- perguntou preocupada. - William também está na sua zona de beijo-permitido?
- Até mesmo com uma ressaca insuportável, Chloe não tinha perdido a capacidade de arquear a sobranceira. - Não? Bom, então siga em frente. Não tem sentido ter um namorado imaginário e permanecer livre de beijos-permitidos. Provavelmente ele está esperando que você dê algum sinal de que pode ofender suas sensibilidades virginais se realmente tomar a iniciativa.

- Cale a boca. - disse Neve sem nenhum tipo de rancor, porque a lembrança de Max quando realmente estava indo por isso, a fazia sentir um pouco tonta.

- Quando saí pela primeira vez com Andrew, muito, muito tempo atrás, passávamos horas beijando na cama com a porta aberta, portanto sua mãe podia escutar qualquer coisa que estivesse sendo baixada ou desabotoada, até mesmo o barulho dos copos de Ribena. - suspirou Chloe com nostalgia. - Sério, isso é muito estranho. Ainda mais estranho é o fato de poder ouvir o barulho do gás dos copos de refrigerante. - olhou por cima da cabeça de Neve. - Acho que aquele cara está tentando chamar sua atenção.

Neve olhou ao redor, abrindo os olhos com espanto, quando viu Douglas na parte de trás caminhando em direção à sua mesa com os lábios apertados.

Charlotte usava um moletom cinza-pérola Juicy Couture dentro das botas (não tinha imitação para ela) e a impressão que dava era a de uma nuvem de tormenta se aproximando de Neve, se você gosta de nuvens de tormenta, usar acessórios com grande quantidade de falsas joias de ouro, e cílios postiços...

- Você se incomoda se sentarmos aqui? - perguntou Douglas, sentando-se. - É só para aguardarmos meia hora para outra mesa.

Charlotte foi obrigada a sentar-se do lado de Neve, que tentava mover a cadeira para o mais longe possível, enquanto que Douglas se apresentava para Chloe, que disse poder ver a semelhança familiar, o que era uma mentira, porque tanto Douglas quanto Celia, foram favorecidos com o lado celta da família, que foi escolhido como o símbolo do clã Slater.

Neve engoliu o resto do chá de hortelã enquanto Chloe e Douglas conversavam alegremente sobre os benefícios medicinais de uma fritada em uma ressaca, até mesmo Charlotte respondeu com um comentário totalmente estúpido a respeito de como ela não podia suportar tomates fritos.

- Temos que ir agora. - disse Neve, fazendo gestos para sair, pegando a bolsa e o casaco do respaldo da cadeira sem tocar nem uma vez em Charlotte.

- Pensei que ela era uma cadela. - assinalou Chloe, enquanto caminhavam, retornando, ao longo do Muswell Hill Broadway. - Mal-humorada como um cervo, mas ela não tem nada parecido com uma Medusa. Foi um pouco

anticlímax.

- Da próxima vez que ela gritar comigo, vou ter certeza de gravar no celular. - Neve se incomodou, seu bom humor completamente desaparecendo, especialmente quando se deu de conta de que era muito tarde para voltar para a casa e trocar de roupa para se apresentar na frente da porta de Max.

Não tinha escolha, a não ser aparecer com o que estava vestido: jeans, uma blusa térmica de manga longa, um vestido de verão amassado por cima dela e uma de suas jaquetas onipresentes, seu cabelo para trás era um acréscimo para mantê-lo longe do rosto enquanto estivesse na bicicleta, e seu gasto par de Converse. Não ajudou muito o fato da sua mãe ligar enquanto Neve estava na adega, tentando encontrar uma decente garrafa de vinho tinto por menos de cinco dólares.

Dez minutos depois, Neve estava na porta de uma grande casa vitoriana em uma ampla avenida, bordeada de árvores, por trás do Crouch End Broadway e tentando encerrar a ligação da mãe. Margaret Slater supostamente ligava porque tinha lido um artigo no Sunday Mirror sobre os hábitos de beber e queria saber a quantidade que Celia consumia em uma semana, mas agora estava dando um sermão à Neve porque tinha falado com Douglas *"e ele falou que você nem sequer disse olá"*.

-Ela não disse olá primeiro. - disse Neve indignada. - Não posso acreditar que você esteja me repreendendo por isso. - Sobre tudo porque sua mãe não conhecia nem a metade dela, ou até mesmo, uma quarta parte de como Charlotte a incomodou durante a escola. E certamente não ia admitir dez anos depois, que ainda deixava que Charlotte fizesse o que quisesse. - Não é como se fosse pagar para ser membro do seu clube de fãs.

-Bom, ainda penso que Douglas precipitou as coisas, mas o que está feito está feito e quando eles tiverem filhos...

- Ela está grávida? disse Neve com horror. - OH Deus, não!

- Bom, não ainda, mas eles estão casados por quase três anos e ela não vai permanecer sempre jovem.

Charlotte era somente cinco meses mais velha que Neve, mas esse não parecia ser o melhor momento para trazer isso à tona, não quando ela estava contemplando a terrível ideia do que poderia ser uma réplica genética de Charlotte vagando pelo mundo em pouco tempo.

- Podemos não falar disto, mãe? Estou na casa de um amigo. - disse Neve, quando de repente a porta da frente se abriu para revelar Max em jeans, uma camisa e uma expressão divertida.

- Vi você caminhando pela rua faz cinco minutos. - disse ele.

Neve apontou o telefone e pronunciou as palavras *"minha mãe."*

- Só estou dizendo, Neevy, sei que ela pode ser muito difícil e sei que houve todo esse problema quando estava na escola, mas tem que viver com isso e seria muito mais fácil se você deixar essas coisas para trás.

- Mas porque deveria ser eu a que tem que...

- Depende de você tomar uma atitude, porque sua mãe, bom, sabe que eu não gosto de falar mal das pessoas, mas essa família, eles são tão comuns como lama. Sempre diz que seu pai mora no exterior, mas não me surpreenderia se estivesse na prisão.

- Pensarei nisso. Murmurou Neve, quando Max levantou a bicicleta e colocou para dentro. - Você poderia deixar isso pra lá, por favor?

Foram outros três longuíssimos minutos antes que sua mãe desligasse e Neve se sentiu cansada e terrivelmente envergonhada porque Max esteve ali, de pé, escutando sua conversa.

- Mãe? Mãe, realmente tenho que desligar agora.

- Desculpe por isso. - disse ela, e mais porque precisava confortar depois de tudo o que disse Chloe. Neve esperou até Max fechar a porta atrás dela, em seguida, se esticou para roçar os lábios contra a bochecha dele e dar um rápido e estranho abraço. - Trouxe vinho - acrescentou, entregando a garrafa.

- Pobre Neevy. - sussurrou Max. - Estava sendo repreendida?

- Não. Bom, algo assim, entre uma palestra sobre os perigos do consumo excessivo de bebida. - Neve franziu o cenho enquanto tentava mover os dedos pelo cabelo e lembrava que não teve tempo de soltar o rabo-de-cavalo. - Tudo bem se minha bicicleta ficar aí?

Max tinha colocado a bicicleta na parede do saguão, e como havia cinco campainhas no corredor, era lógico pensar que ao menos um dos outros residentes protestaria por sua presença.

Provavelmente não tanto quanto Charlotte, mas ainda assim.

- Oh, tudo bem. - garantiu Max. Fez um gesto para as escadas. - Segundo andar. Venha, Keith esteve fora toda à tarde.

Ela seguiu Max até as escadas, fascinada pela vista de suas longas e magras pernas e a pequena faixa de pele exposta entre a camisa e o jeans, quando chegaram ao andar de cima e abriram a porta. Então, ele foi empurrado bruscamente para o lado, quando Keith correu pelo corredor para cumprimentá-los, rondando Neve em círculos algumas vezes, para em seguida subir as escadas pintadas de azul e olhar com expectativa.

- Acho que Keith quer dar uma caminhada. - disse Max, ajudando Neve a tirar o casaco.

- Volto em um minuto.

As escadas levavam até um estreito corredor, que se abria para uma enorme sala de estar. Neve ficou ali parada por um momento e olhou ao redor enquanto se orientava. Levou um tempo para se acostumar aos brilhantes azulejos azuis, então ela desviou o olhar para os quadros na brilhante parede branca; Marilyn Monroe de Andy Warhol, estava pendurado sobre a lareira e na parede de frente, devolvia o olhar, sua Majestade a Rainha, com Never Mind the Bollocks Here's the Sex Pistols estampado no rosto.

Havia um sofá de couro preto e poltronas, uma mesa de vidro, um interessante estudo de arte que parecia uma cadeia de ADN de dupla hélice, seis colunas montadas em diferentes partes ao longo das paredes, uma grande TV e um monte de dispositivos eletrônicos abaixo.

Ela estava no domínio de um moderno solteiro.

Onde ela tinha livros, livros e mais livros, as prateleiras de Max tinham um registro de discos de vinil e CDs. Havia um monte de revistas perfeitamente catalogadas e apenas uma prateleira era a exceção, a qual Neve se dirigiu. Não tinha esperado compartilhar seu gosto pela literatura com Max - não havia muitos vendedores no EBay com clássicos exemplares Virango, mas ficou assombrada ao descobrir que não eram livros. Bem, havia livros na mesa de centro de vidro com nomes de designs de moda e fotógrafos, mas sem romances, com exceção de alguns horríveis livros de bolso. Com um pouco de medo, Neve agarrou um deles da prateleira: Goals and Gucci de Mandy McIntyre. Não era esse o nome do mascote de Max WAG? Neve deu um pequeno gritinho de excitação e abriu o livro...

Era um bom dia para fazer compras, Brandy Ballantyne pensou para si mesma enquanto pegava as chaves do seu Golfe GTI e...

A mão de Max bateu na página.

- Não, não, se quer ler isto, faça no seu tempo. Não vou ter você aí parada rindo da minha maneira de escrever.

Neve tratou de agarrar-se ao livro quando Max gentilmente, mas com firmeza, afastou seus dedos.

- Eu não faria isso.

- Você vai odiar. - disse Max, colocando os três livros no lugar mais alto da prateleira assim Neve não podia alcança-los sem uma escada. Mas se quiser, depois do jantar, acendo as luzes um pouco e leio para você algo pervertido.

Neve prometeu a si mesma que a primeira coisa que faria amanhã seria comprar os três livros no Amazon, assim ela podia ver como as coisas sujas de Max eram diferentes das partes românticas dos romances da sua avó, que foram escondidos em uma caixa de plástico debaixo da sua cama. À tenra idade de treze anos tinha sido surpreendida ao ver quão sujos eram, mas então, ela tinha lido

todos e cada um deles pelo menos duas vezes, nem sequer Celia sabia sobre isso.

- Vamos tirar umas as partes pervertidas. - disse ela, enquanto caminhava através da sala para o suporte da chaminé, com Max agarrado ao seus calcanhares, enquanto ela olhava as fotos emolduradas em preto e branco.

OH! Estava Max com Sarah Jessica Parker. E também Max beijando a bochecha de Lady Gaga e também abraçando Kate Moss.

- Quem é? - perguntou Neve, pegando uma foto colorida, que mostrava Max com um casal de meia idade e duas meninas loiras em seus vinte anos, e todo mundo usava orgulhosamente Snuggies^[48] e chapéu de papel, sentados em um comprido sofá com papel de presente por todo lado. - São seus pais? Não sabia que tinha irmãs.

- Deus, deveria ter feito uma verificação antes que viesse. - disse Max, pegando a foto e colocando outra vez no suporte da chaminé. - Não, não é minha família. Eu apenas os vejo nos feriados.

Neve tratou de olhar por cima do ombro para Max.

- Sério, quem são?

- São os McIntyre, que você conheceria se tivesse lido algum jornal sensacionalista.

- Você não passa o natal com sua família? - aventurou-se timidamente, porque apesar de Max ter tido um assento na primeira fila para escutar a sua mãe repreendendo-a (e provavelmente tinha ouvido cada palavra, porque sua mãe era incapaz de falar em voz baixa), ele tinha as narinas expandidas e as sobrancelhas franzidas, o que geralmente davam a impressão de que Neve estava indo para algum lugar onde ele não queria que fosse.

- Você acha que sou um bastardo? - Nem sequer esperou que Neve negasse que nunca pensou uma coisa tão abominável, mas só dirigiu um rápido sorriso de cumplicidade. - Bom, tecnicamente sou. Nunca conheci meu pai, minha mãe morreu num acidente, então invado o jantar de Natal de alguém.

- OH Max. Sinto por sua mamãe. - Neve deu um passo vacilante para à frente com a vaga ideia de que Max necessitasse outro desajeitado abraço, mas ele cruzou os braços.

- Não é grande coisa, Neevy. Aconteceu anos atrás, os amigos são minha nova família, blah blah blah. - Inclinou a cabeça. - Está com fome?

Ela sempre estava faminta.

- O que está fazendo?

Max parecia mais nervoso que quando eles tinham discutido da sua falta de família.

- Por que não me diz o que pode comer ou não?

- Na verdade é domingo na dieta, não treino e posso comer carboidratos depois das seis. - Havia mais sobre esse dia do que apenas isso, mas eles estavam indo tão bem.

- Então, se faço uma batata ao forno com carne e salada está bom? - perguntou Max em dúvida.

- Se a batata tiver a casca crocante não seria bom, mas se estiver normal tudo bem.

Neve fechou os olhos ao pensar nisso e quando voltou a abri-los, Max estava dando um olhar que ela imaginava ser um reflexo perfeito de suas próprias características.

- Desculpe, estou muito entusiasmada com a ideia da minha batata semanal.

- Você é uma garota estranha. - disse Max, como se fosse uma coisa boa. - Agora que bisbilhotou em todos os meus pertences pessoais, é o momento para que você me veja escravizado no fogão.

Capítulo Quatorze

Neve se sentou em um tamborete na cozinha vermelha e verde do Max e o observou preparando de comer. Embora, observar se converteu em fiscalizar, enquanto instruía como preparar os filetes à churrasqueira, em lugar de cozinhá-los em um frigideira com manteiga. E o dizia que o vinagre balsâmico era muito melhor em uma salada que o azeite de oliva, e também como podiam as batatas assadas seguir rangentes depois de ser cozinhadas no micro-ondas?

Uma vez que Max esteve seguindo suas precisas instruções, Neve se permitiu sentar-se novamente e simplesmente olhar, enquanto ele picava tomates e lavava a alface e girava os filetes com um pequeno sorriso em seu rosto. Tinha posto seu iPod em uma base com alto-falantes e se movia ao redor da cozinha ao ritmo da música, olhando de vez em quando a Neve, que estava sentada com suas pernas elevadas do chão para evitar que Keith a sujasse com a baba que caía de sua boca e tentasse limpar-se com seu jeans.

Tinha estado muita preocupada sobre estar sozinha com Max em seu apartamento, mas em realidade ele parecia menos atemorizante em sua casa, que quando estava rodeado de uma multidão de pessoas em uma local VIP. Neve sempre pensou que Max era alguém cômodo rodeado de luxos, mas observando-o agora, com uma faca na mão sobre a tábua de cortar, sentiu como se visse um pouco do verdadeiro Max que se escondia debaixo do glamour e as bebidas grátis e os beijos ao ar, isto era algo que nem sequer tinha notado que existia.

Comeram em uma pequena mesa na cozinha. Max acendeu diminutas velas porque disse que não queria que Neve visse o desastre que fez com a salada, mas enquanto começaram a comer, chocaram seus joelhos por debaixo da mesa. A pouca luz das velas, mais a salada e a carne às cinco e meia da tarde do domingo fazia uma romântica comida para um casal. Bom, isso sim fora o fato de que Max tirar Keith da cozinha para o corredor porque ele saltava para Neve e se aferrava a sua perna.

Neve tratou de evitar deixar sair um suspiro de alívio quando comeu a última parte de sua muito rangente batata, e então se tornou para trás com um suspiro de satisfação e aplaudiu seu estômago.

- O remorso desta batata me acompanhará até o seguinte domingo.

- Não é nada. - insistiu Max, mas parecia adulado enquanto limpava o último do suco de sua carne com uma parte de pão. - Esta é uma de minhas especialidades. Mas meu favorito é o curry verde de frango. Qual é seu favorito?

- Provavelmente o pescado ao vapor. - Neve fez uma careta ao pensar na comida que teria que jantar amanhã de noite para compensar os excessos deste dia. - Posso fazer assados e guisados, mas nada extravagante. Não foi até que

parti de casa quando notei que o molho bolonhesa comprada no supermercado não poderia ser tudo o que soubesse cozinhar.

- A única lição de cozinha que recebi da minha mamãe foi *"Há uma sopa instantânea ali, coloque água e está preparado"*. - disse Max à ligeira, e Neve sorriu, mas resistiu adicionar algo mais. Não quando estavam acontecendo um momento tão agradável.

- Minha mamãe é uma terrível cozinheira, acredito que uma sopa instantânea tivesse sido preferível a seu tradicional guisado de salsichas.

- Por favor, você nunca comeu uma sopa instantânea. - Max apartou sua cadeira para assim poder começar a limpar a mesa. - Não, você se senta ali. É minha convidada - disse quando Neve tomou a saladeira.

Sentia-se bem ali, sentada com os dois botões superiores de seu vestido desabotoados e sua cara avermelhada pelo vinho e porque Max tinha aceso a calefação, quando entregou uma colher e sentiu seus dedos frios.

Max estava pinçando na geladeira. Quando se endireitou, escondia algo detrás de suas costas.

- Agora sei que provavelmente não comerá pudim, mas isto não pode terminar sem uma sobremesa.

- O que é?

- Algo que preparei cedo. - disse enquanto procurava em um armário. Tirou algo que parecia um recipiente térmico com uma pequena boquilha, o qual não deu a Neve uma pista. Max tinha uma grande quantidade de eletrodomésticos em sua cozinha.

- O que é, e o que vai fazer com isso? - perguntou, enquanto Max o deixava sobre a mesa.

- Espera e verá. - sentenciou, acariciando seu ombro enquanto passava a procurar a sobremesa que acabava de descer do congelador. - Creme catalana. - anunciou pomposamente, pondo duas pequenas panelas em frente dela e as orvalhando com açúcar moreia.

Neve baixou o olhar com interesse não dissimulado. Embora preferisse as sobremesas a base de chocolate, as regras de sua dieta para no domingo permitia ao menos provar três boas colheradas, já que tinha pedalado algumas milhas cedo esse dia e ainda teria que pedalar de volta para casa...

- O que vai fazer? - gritou quando Max tomou esse recipiente térmico de alumínio e uma chama saiu da boquilha.

- Só observa... É a coisa mais genial. - Max agarrou sua sobremesa e aproximou a chama ao açúcar sobre o creme catalana até que está se voltou caramelo. - Dê um momento para que esfrie e logo tomaremos um bocado ao

mesmo tempo.

- OH, Meu Deus. - murmurou Neve enquanto Max fazia o mesmo truque a sua própria sobremesa. - Tome cuidado com essa coisa!

Max apagou a chama que derretia o açúcar e se sentou.

- Sei que não poderá resistir, isso é parte de meu truque. - sorriu. Terminei nossa sobremesa com meu maçarico! Tem que admitir, isso foi genial.

- Foi muito genial, embora temi por minhas pestanas. - Neve tocou com sua colher a capa de açúcar para comprovar sua dureza e todo o tempo que ela esteve se queixando com a Chloe sobre o Max e seus nefastos jogos que supostamente jogava, ele esteve preparando creme catalana.

Porque, o importante não era Max medindo cuidadosamente o açúcar e separando as gemas dos ovos, era Max pensando nela. Era Max tratando de impressioná-la.

E que foi toda essa coisa que fez Max com o fogo? Esse era o equivalente metrossexual de caçar um animal selvagem, logo arrastá-lo de retorno a sua cova para ter a aprovação de sua fêmea.

Isto não era creme catalana. Não absolutamente. Era Max tratando de seduzi-la. Por que não simplesmente a seduzia mais facilmente?

Neve esteve longe de sua cadeira, e antes que Max sequer tivesse tempo de levantar o olhar, ela estava em seu colo, enchendo seu rosto de beijos.

Max tratou de falar, mas não havia nada que pudesse dizer e que Neve queria ouvir, não quando queria beijá-lo e ele resistia. Sua boca apenas se movia contra a sua, com as mãos sobre seus ombros para mantê-la a distância e deixar Neve pressionando-se contra ele, desejando algo mais forte, mais feroz e mais apaixonado.

- Deus, por que não me beija bem? - perguntou ela, apartando-se e levantando-se para poder pôr suas mãos nos quadris. Além disso, estar em seu colo perto dessa mesa era um inferno para seus joelhos.

- Porque não quero que tenha um ataque de pânico a meio caminho. - Max a olhou, sem um rastro de brincadeira em seu rosto. - É melhor que esteja segura de que é isto o que quer.

- Tampouco estamos fazendo algo muito profundo depois de tudo. - espetou Neve. - Deus, isto é um desastre. Não encaixamos juntos. Nunca sei se está brincando ou não, e você nem sequer sabe se quero ser beijada, realmente beijada, e se não querer fazê-lo é...

Sua gagueira se deteve abruptamente quando Max ficou de pé e beijou as palavras em sua boca.

Beijos apropriados que fizeram que seus doloridos joelhos se dobrassem um pouco.

Neve recordou a primeira noite no sofá, porque esses beijos eram muito quentes, mas não eram os mesmos, devido a que, está vez, quando Max tocou seu seio foi ela mesma quem pôs as mãos dele ali.

Estes não eram beijos que conduziam ao sexo, ela tinha posto seus sentimentos perfeitamente claros, eram só beijos. O qual estava bem com ela.

Afastaram-se só quando Keith ladrou e rebuscou na porta da cozinha fechada. Chegou correndo à habitação e logo se deteve e os olhou com desconfiança, inclinando a cabeça.

Depois de alimentá-lo, reuniram-se de novo no sofá, onde Max deu de comer exatamente três colheradas de creme catalana e logo se beijaram outra vez.

Os primeiros beijos foram um pouco desesperados, mas agora eram lentos e profundos, e às vezes eles nem sequer se beijavam, só ficavam no sofá abraçados. Logo Max se pôde deslocar um pouco, por isso pôde desfazer o terceiro botão do vestido de Neve para revelar um pouco mais do colete, e ela vagamente tinha percorrido com seu dedo a parte inferior do braço dele e logo se beijaram outra vez. Apesar de que a sala de estar, era grafite de azul e branco, Neve se sentiu como se estivesse envolta em uma cálida vermelha luz.

- Sou muito pesada para você? - murmurou em um dos momentos de não-beijar.

- Pela quinta vez, não. - disse Max, alisando o cabelo dela para trás, para poder beijar a ponta de seu nariz. Olhou por cima da cabeça dela. - Está ficando tarde. Ficarás se prometer não rasgar suas roupas?

Neve estirou seu pescoço para ver o relógio na chaminé. Era quase dez. William havia dito que chamaria as nove.

- Devo ir - disse com pouco entusiasmo. A ideia de deixar a calidez do Max não era muito atrativa. Tampouco era ir casa com a fria bicicleta e por um momento pensou em ficar e seguir beijando Max um pouco mais, mas logo pensou no William no outro extremo do telefone.

O prazer de sua voz quando diz olá e a forma gutural quando ri, se Neve diz algo remotamente divertido e a forma em que podia falar e falar horas e... Falar com o William no telefone era melhor que ficar beijando ao Max e algo mais. O qual não era pelas habilidades de beijar do Max, na experiência limitada de Neve, Max parecia ser um perito beijador, mas em uma competência entre beijar ao Max e falar com o William, William sempre levava a vitória.

- Só para dormir. - esclareceu Max, sentando-se com um pequeno gemido e balançando as largas pernas até o chão. - Não disse que precisava praticar em dormir com alguém. Não?

- Disse. - disse Neve, lentamente. Agora não estava segura sobre isso, havia momentos quando eles se beijavam que tinha tido o desejo de arrancar suas muitas capas de roupa, atirar longe a camiseta de Max e fazer mais que beijar-se.

O que aconteceria se ela sentisse o impulso outra vez quando estivessem na cama juntos? E não estava segura de como sentir-se a respeito de compartilhar a cama de Max, quando ele tinha deixado perfeitamente claro que ia dormir com outras mulheres quando eles estivessem saindo. Outra baforada do perfume de alguém no travesseiro poderia arruinar tudo.

- Compartilha a cama com mulheres e não, hmmm, você sabe, tido relações sexuais com elas?

Max pensou um pouco.

- Bom, não, mas estou disposto a tentá-lo com você.

- Não é que não queira dormir com você, mas nós só estivemos fazendo a coisa de beijar e tenho que ir para casa porque há coisas que tenho que fazer. Não havia ponto em mentir sobre isso, Max sabia que William era a única razão porque estavam fazendo isto, mas Neve se assegurou de estar sentada no lado direito no outro lado do sofá antes de dizer. - Na verdade, William ira me ligar hoje.

- Bem, vá para casa e sussurre coisas doces no telefone para William - disse Max arrastando as palavras. - Não durma comigo, você é que perde isso.

- Bom, não é como se dormir comigo fosse ser algo emocionante, quando estou segura de que faz todo tipo de coisas muito mais emocionantes quando está na cama com outras mulheres. - Neve podia começar a imaginar os luxuosos jogos sexuais que Max fazia com as outras mulheres, tinham que ser muito mais emocionantes e exóticos que beijar uma garota com um vestido termal, mas sua espinha dorsal estava em uma reta linha tensa como se ele não estivesse muito contente a respeito de Neve conduzindo sua bicicleta na noite. Provavelmente não estava acostumado a ser rechaçado.

E não é como se fosse para casa para dormir com o William, embora seria difícil de fazer já que está na Califórnia e eu não.

Neve deixou de falar porque estava divagando e também porque não gostava de pensar no William dessa maneira, seu vínculo era muito mais espiritual que isso.

- Não fodo com uma mulher diferente cada noite. - resmungou Max. - Ou todas as noites, para o caso. Tenho um pouco de controle sobre meu pau.

Neve fez uma careta pela linguagem suja do Max.

- Sei, sei. - disse com pressa, apesar de que não conhecia algo semelhante. Eles tinham estado passando um bom momento, por não falar dos beijos, e agora tudo ia muito mal e ela não sabia por que ou como fazer um bom ambiente outra vez.

- Bom, melhor ir. - disse Max, parando-se e estirando-se. E assim Neve pensou que toda a situação e sua relação imaginária irretocavelmente se rompia,

estendeu a mão para poder tirá-la do sofá.

- Vamos tomar um vale para dormir juntos.

- Talvez o próximo domingo, você e Keith podem vir à minha casa e lhes preparo o jantar. - Sugeriu Neve tentativamente, já quando encontrou seus sapatos. - Não sou uma grande cozinheira e não haverá nenhum maçarico envolto... Possivelmente logo podemos passar a noite, uma vez que tivesse tempo para me acostumar, se ainda quiser.

- Ainda quero. - disse Max lentamente. - Estou em tudo isso de expandir seus conhecimentos de relações, sempre e quando prometer nunca chamá-lo de festa de pijamas outra vez.

-Suponho que o faz parecer um pouco adolescente. - Neve se deteve e deu um olhar e um sorriso tremente. - Assim estamos bem? Ainda está bem fazendo toda esta coisa de relação?

Max sorriu de volta.

- Uma relação de panqueca. Francamente, eu não gostaria de outro tipo.

Capítulo Quinze

Ser adequadamente beijada e o estar em uma relação inapropriada, pôs a Neve em tal estado de ânimo alegre nos dias seguintes, que não importou quando Charlotte começou a golpear no teto como se tivesse um sexto sentido para essas coisas, e sabia o momento exato em que Neve tinha se despedido da Microsoft Word para trabalhar no próximo capítulo de sua biografia do Lucy Keener. Ou que William odiava ao Tristram Shandy também, mas ainda insistiu em que terminassem de lê-lo.

- Mas Neve, não se pode iniciar um livro e deixá-lo a meio caminho ele havia dito implacavelmente. - É quase tão mau como dobrar a esquina da página, em lugar de utilizar um marcador.

Tampouco importou que Gustav estivesse de muito mau humor, porque tinha machucado um músculo da coxa e teve que ter uma semana de descanso do treinamento de sua meia maratona. Tinha decidido usar o tempo para dar uma conferência a Neve sobre os perigos das relações panqueca.

- Pensei que estava se guardando para o William, seu único e verdadeiro amor. - disse com amargura, enquanto Neve soprou e soprou sobre um colchonete de ginásio, enquanto trabalhava a base de seus músculos. - Não mostra nenhum compromisso com suas metas românticas. Espero que não vá tomar a mesma atitude caprichosa que seus objetivos de fitness.

- Isto demonstra um compromisso total com minhas metas românticas. - ofegou Neve, parando seus abdominais, só para começar de novo quando Gustav apontou com um dedo em direção de seu abombado abdômen. - Sair com o Max é como seu treinamento para a maratona. William é minha meta.

Isso fez que Gustav inclusive grunhisse mais. Tinha que ir procurar uma bolsa de gelo para sua coxa lesada e, quando voltou, fez Neve passar dez minutos estendida no chão acostumado a fazendo patadas de tesoura. Entretanto, as patadas de tesoura não a destruíram, mas sim acabaram de construir o músculo, o qual queimou a graxa para bem.

O bom estado de ânimo de Neve nem sequer se quebrou, inclusive pela estranha atmosfera no trabalho. Cada vez que ia à cozinha, Chloe e Rose já estavam ali, tendo uma conversa intensa, em voz baixa, que se detinha imediatamente quando Neve lhes perguntava se a cafeteira estava em uso.

O encontro anual da Junta de Síndicos era iminente, o que sempre pôs a todos nervosos, já que seus pensamentos se dirigiram primeiro à falta de financiamento, e logo aos recortes salariais, as semanas de quatro dias e inclusive demissões. Neve estava segura de que não chegaria a isso, já que os recursos sempre se apresentavam na décima primeira hora e, pela primeira vez, em sua

vida, ela não ia preocupar-se com as coisas que não podia controlar.

O que importava era que as coisas com Max foram sem problemas e, se podia ter êxito em uma relação falsa, então uma relação real com William seria pão comido, um passeio pelo parque, como cair de um tronco.

Neve nunca o admitiria ao Max, porque ele nunca deixaria de cantar sobre isso, mas estava sem dúvida divertindo-se.

Embora, a dois dias do próximo domingo pela tarde, Neve se sentia menos divertida e mais esgotada. Tinha uma panela de carne a fogo lento, uma máscara para reduzir os poros de seu rosto, que estava fazendo que picasse a pele e, apesar de que tinha trocado em meados da semana as folhas, lençóis de sua cama, intercambiando raminhos de flores por uma banda de doces, que era a mais varonil roupa de cama que pudesse encontrar em seu armário. Então procurou na gaveta por um pijama adequado para dormir. Nunca se tinha dado conta quantos desalinhados pijamas tinha acumulado. Neve sequer imaginava chamar Celia para perguntar se os lunares eram mais sexy que o tartã^[49], mas Celia estava provavelmente ainda na cama e, inclusive se ela as arrumava para responder o telefone, queria saber exatamente por que Neve estava tendo uma crise de roupa de noite e essa era uma conversa que Neve não queria ter.

Houve um som de timbre precisamente as três, enquanto Neve estava secando com fúria o pó em seu rosto. A máscara pode ter minimizado seus poros, mas tinha deixado o resto de sua cara vermelha e manchada e, enquanto ia nas pontas dos pés pelas escadas a grande velocidade para abrir a porta, deu-se conta de que estava vestida ainda com seus jeans estritamente *"ao redor da casa"* com os joelhos frouxos e estirados na cintura em lugar de seus jeans *"quase pode caminhar neles."* Era muito tarde para voltar atrás e trocar—se.

Neve tomou uma profunda e centrada respiração, logo abriu a porta com um sorriso fixo, que se converteu em um sorriso de puro deleite quando Keith saltou a lamber suas mãos e mover seu rabo curto e grosso.

- Olá, meu menino precioso. - cacarejou Neve, tendo suas patas dianteiras em suas mãos para que pudessem dar um pouco mais de dois passos.

- E olá para você também. - disse Max, dando um passo além deles e fechando a porta com o pé, já que estava carregando duas bolsas de viagem, uma bolsa de transporte, um buquê de flores e uma cama de cão.

- Assim, você e Keith estão ficando definitivamente outra vez, então? - Neve soltou as patas do Keith, para poder avaliar a enorme quantidade de coisas que Max considerava essencial para ficar e dormir.

Apesar de que tinha passado a maior parte da manhã com pânico sobre a roupa de cama e a roupa de dormir, havia meio esperado que Max tivesse uma boa razão de por que não podia passar a noite.

- Pensei que Keith podia atuar como acompanhante, mas seus requisitos para

uma estadia de uma noite rivalizam com qualquer celebridade de Hollywood. - queixou-se Max, enquanto começava a subir as escadas. - Cão, cama, manta, uma seleção de seus brinquedos favoritos e só bebe e come de seus próprios pratos. Inclusive tive que trazer um pouco de patê de salmão defumado para disfarçar o sabor de seus comprimidos antiparasitários e vitaminas.

- É um cão de muito alta manutenção. - disse Neve ao Keith, quem estava realizando um progresso muito lento ao subir a escada e logo detendo-se olhando a seu redor para assegurar-se de que Neve e Max foram detrás dele.

- Tenho alguns petiscos doces de cão.

- Por favor, não fale com ele com essa voz horripilante. É um cão, não um menino de cinco anos com dificuldades de aprendizagem.

- Não há prostre para você, senhor. - espetou Neve, chocando-se com o Max com seu quadril, quando chegou a seu destino. Esperou que ele recuperasse a cama do cão, que tinha deixado ao chão, e logo fez um gesto para a porta aberta. - Só tem que ir, já sabe onde está tudo.

Estremeceu-se ante a lembrança dessa noite horrível, bêbada; mas de novo, se não tivesse sido por essa terrível noite, bêbada, logo Max não deixaria suas malas no chão para poder tomá-la em seus braços.

- Ouça. - sussurrou, beijando a marca avermelhada de pele que cruzava sua bochecha esquerda.

- Ouça você mesmo. - disse Neve. Continuando, beijavam-se em seu pequeno corredor, com a porta totalmente aberta e Keith golpeando sua cabeça contra suas panturrilhas.

Foi absolutamente perfeito; ou foi até que Neve escutou um tamborilar forte, seguido por uma porta que deve ter estalado sobre suas dobradiças e o ruído, ruído, ruído surdo de passos. Keith começou a ladrar e perseguir em círculos, enquanto Neve tratou de escapar dos braços do Max porquê...

- Foda-se! Que está acontecendo aí acima?

Charlotte ainda estava na metade de aterrissagem entre os dois novelo, com o pé em alto para completar a ascensão, quando se deteve e olhou, de boca aberta.

Neve podia sentir seu coração pulsando e seu rosto aceso, por isso seria impossível dizer onde começava o rubor e onde terminava a zona dolorida.

Deu um passo para trás e tropeçou com o Alex, enquanto que ela mesma quis manter a calma. Tinha retrocedido e tinha um cão de aspecto feroz, quem esmagou as orelhas e grunhiu quando Charlotte decidiu subir outro degrau.

Charlotte se apressou e retrocedeu à segurança da planta baixa.

- Poderiam diminuir o barulho? - perguntou cortesmente, como se a bruxa gritando trinta segundos atrás tivesse sido só uma alucinação. - Estou com dor

de cabeça.

- Sinto muito. - ronronou Max, tirando as mãos dos ombros de Neve para que pudesse apresentar-se e dar a Charlotte uma boa reprimenda, porque era o que os namorados faziam quando conheciam nêmeses de suas noivas. - Keith, deixa isso! - Keith deixou escapar uma corrente de latidos desafiantes, e logo se escapuliu detrás das pernas do Max. Sinto muito repetiu Max. - culpa é minha. Não acredito que nos tenham apresentado. Sou um amigo especial de Neve e não posso acreditar que ela se esqueceu de me dizer que há outra formosa irmã Slater caminhando pela terra.

Neve cogitou empurrar a cabeça de Max, mas se conformou com umas palavras de maldição em silêncio enquanto olhava a suas costas.

Charlotte jogou o cabelo para trás e emitiu um som horrível, meio risada e meio sorriso bobo.

- Eu só sou uma Slater pelo matrimônio. - disse com cumplicidade, como confessando um crime terrível. Deu a Max um olhar largo com os olhos entrecerrados, como se ele fosse um enorme diamante bruto e estava tratando de calcular tantos quilates valia a pena. - Sou Charlotte, a cunhada de Neve. Era, provavelmente, a primeira vez que Charlotte tinha admitido que estavam tenuemente relacionadas. Neve tremeu de ira. Charlotte tinha decidido, obviamente, que Max era heterossexual, bonito e perdido por Neve porque agitou seu comprido, brilhante e estúpido cabelo fora de seu rosto outra vez. Logo tirou seu peito em seu estúpido chándal^[50] Juicy Couture^[51]. Celia e Yuri tinham tentado uma vez adivinhar quantas objetos do Juicy Couture possuía Charlotte, mas o tinham abandonado uma vez que tinham chegado a cifras de dois dígitos.

- Por que sempre são as mais formosas as que foram tomadas? - suspirou Max pelo menos me diga que seu casamento está perdido e há uma possibilidade de que possa te recuperar nos braços de outro homem.

- OH, há muitas possibilidades. - disse Charlotte, olhando a Neve, razão pela qual ela provavelmente deixou de rir, seu sorriso tolo e de tirar seus peitos, e soava mais como a mesma de sempre. Logo Keith lançou outro olhar inquieto, apesar de que estava deitado no tapete de Neve e arranhando a orelha. - É isso um Rottweiler?^[52]

- Não, não é. - disse Neve, indignada. - É um Staffordshire Bull Terrier^[53].

Neve saltou à luta recordando a Charlotte por que estava ali, em primeiro lugar.

- Bom, só trate de não golpear muito. Honestamente, é como ter um elefante vivendo por cima de mim.

E com essa frase de despedida, Charlotte voltou para sua guarida, balançando os quadris mais que necessário.

- Nunca disse nada a respeito de uma cunhada. - lembrou Max, e Neve se deu conta de que estava tão tensa que se sentia como se seus ossos fossem se romper em pedaços. Ela é muito linda uma vez que desconsidere o bronzado alaranjado e as extensões de cabelo.

- OH, eu posso pensar em algumas outras formas para descrevê-la disse Neve amargamente, fechando a porta. - Sei que se sente obrigado a paquerar com qualquer pessoa e algo que se cruze em seu caminho, mas eu gostaria que às vezes pudesse ser um pouco mais exigente.

- OH, Neevy, assim paquera. É o que faço. Não me diga que está com ciúmes - disse Max brincando. - Está bem, conversar com sua cunhada era um pouco estranho, mas eu só estava tendo um pouco de diversão.

- Você não ouviu gritar? - perguntou Neve ao Max. - Se tivesse o poder para conter seu encanto durante cinco segundos, eu poderia ter ocorrido com e certamente, eu não gosto dela. - Pela expressão de perplexidade no rosto do Max, era evidente que estava muito conectado com o encanto em qualquer circunstância.

- Bom, sim. - murmurou. - Supus que estava em um mau momento. Faz muito isso?

- Ela esteve fazendo-o sempre. - disse Neve, enquanto caminhava para a cozinha. Eu estava na escola com ela e ela fez a vida um inferno todos os dias durante cinco anos. Vou pôr o bule ao fogo, quer um gole?

- Café, por favor. - Max se sentou em uma cadeira e recolheu Keith. - O que ela te fez?

Neve não respondeu a princípio. Estava pondo cuidadosamente frescos grãos de café na cafeteira que tinha comprado em honra à visita de Max. Normalmente se fazia com um frasco de Kenco⁽⁵⁴⁾, mas Max preferia pequenas xícaras de café expresso.

- Neve? O que ela te fez? - perguntou Max amavelmente.

- O que ela não fez. - disse Neve com amargura, pronta para lançar-se em um relatório a respeito das vezes em que Charlotte e seus companheiros a tinham seguido da escola até sua casa, chamando seu nome e jogando pedras, e quando tinha chegado finalmente à segurança de sua casa, a parte de atrás de sua jaqueta estava salpicada sempre com emplastros de betume de saliva.

Houve tempos em que a tinham esquecido nas duchas da escola, até que Neve tinha convencido a sua mãe de escrever uma nota desculpando a dos jogos. Inclusive houve um momento em que Charlotte se aproximou de Neve no refeitório escolar, vertendo uma lata inteira da Coca-Cola Light por cima de seu almoço e dizendo—: *Se trocasse sua Coca-Cola de graxa por isso, talvez não seria como uma cerda.* Neve tinha passado a maioria dos domingos de noite vomitando e

chorando ao pensar em ir à escola na manhã seguinte e as novas torturas que Charlotte tinha imaginado para a semana.

Mas agora não ia chorar, porque já tinha perdido muitas lágrimas por cauda de Charlotte em sua vida.

-Ela tinha este apelido para mim. - disse finalmente. - Acredito que é, provavelmente, o único flash de gênio que Charlotte teve. Estava acostumada a me chamar "*Pesada*." Então, todo mundo na escola começou a me chamar assim. Inclusive uma vez a senhorita Harris, nossa professora dos jogos, disse-o, embora ela fingiu não havê-lo feito.

- Te chamavam assim por... por... A forma em que te via, O...? - Max estava pisando cuidadosamente, tratando de abrir-se caminho através de um campo minado com as palavras e realmente não havia forma fácil de dizê-lo, assim Neve o fez por ele.

- Eu era gorda ou mais gorda. - disse sem rodeios. - E a beleza disse era que significava muitas coisas para muita gente. Como, que eu estava tão gorda que fazia que a pessoa quisesse estar doente ou que eu deveria me adoecer em lugar de digerir grandes quantidades de mantimentos, ou eu estava tão gorda que soprava quando caminhava, ou estava tão gorda que teria que me fazer o grande membro final de uma equipe de tira e afrouxa. Faz sua escolha.

- Mas você já não é a mesma pessoa. - disse Max. - Assim por que ainda a deixa chegar até você?

- Não sei. - Neve empurrou para baixo a cafeteira. - Ela sempre acerta para me fazer sentir como se eu tivesse quinze anos, e não importa a quantidade de peso que perdesse, a sujeira ainda estava à espreita, justo debaixo da superfície e Charlotte sempre faz sua ascensão ao topo.

Pôs uma taça de café em frente a Max e permitiu que pusesse no Keith no chão para que ele pudesse tomar sua mão e fazer patrões na palma com o polegar, inclusive embora ela não quisesse ser tocada.

- Prometo que nunca mais vou paquerar com ela de novo. - disse com seriedade.

- Deus, deve ter sido um choque quando começou a sair com seu irmão.

- Eu estava na universidade e minha mãe não me disse isso, porque pensou que isso não duraria. As namoradas do Douglas não ficavam muito tempo, mas Charlotte... Deus, ela ficou. - Podia recordar voltar para casa depois das finais e se chocar com a Charlotte saindo escondido da casa de Douglas, ao mesmo tempo que Neve se dirigia à cozinha para tomar um aperitivo. Nenhuma das duas havia dito uma palavra, apesar de Neve ainda sentir a sacudida repugnante que seu coração tinha dado.

Logo, houve outras coisas do que preocupar-se, e quando Douglas e

Charlotte foram para Las Vegas e se casaram, Neve tinha estado simplesmente esperando a lutar com o fato de que seu verdugo adolescente vivia um piso debaixo dela e compartilhava seu sobrenome.

Max não disse nada, não fazia mais que acariciar sua mão e, quando Neve fez um movimento para puxar de sua mão, negou-se a deixá-la ir.

- Nunca vamos nos converter nas melhores amigas. - disse Neve - mas aceitei suas desculpas, salvo que ela nunca disse nem uma vez: sinto muito. Nem sequer insinuou nada que se aproxime do sinto, e suas táticas poderiam ter sido um pouco mais psicológicas, mas ela ainda está me torturando e a deixo porque sou débil e inútil e...

- Bobagem - disse Max. - Não seria minha namorada panqueca se fosse uma perdedora.

Ela não queria, mas Neve sorriu.

- Como diz? Acredito que encontrará que eu era a criadora de todo o conceito de relação panqueca. Deixa de me incomodar.

- Como sabe sequer o que significa "*incomodar*"? - perguntou Max. - Se me disser que fuma porros^[55], todo meu sistema de crenças paralisará.

-Eu poderia fumar maconha por tudo o que sabe. - Só que nunca o tinha feito, não na universidade e, certamente agora não, porque ela tinha visto Celia e Yuri arrasar através de seu refrigerador quando tiveram um ataque de fome e isso era algo que Neve e seus quadris podiam prescindir.

- Mas não o faz? - Max dirigiu um olhar lamentoso, franziu o cenho com consternação.

-Não o faço. - confirmou Neve. - Só leio um montão. - E não era como se o encontro desagradável com a Charlotte, ou a posterior queda emocional, tivesse sido esquecido, mas Neve se transladou do passado, porque Max tinha destreza e a levou longe das rochas. Desejava saber como o fazia, assim seria muito útil a próxima vez que Celia estivesse tendo uma crise existencial ou Philip estivesse tendo problemas de relação.

Antes que devolvesse sua atenção a sua panela de carne de cabeça de gado, a qual tinha sido descuidada pela emoção, Neve deixou um beijo impulsivo na parte superior da cabeça do Max, só para dizer obrigado. Logo esperou que ele tivesse deixado de olhá-la com surpresa, para limpar às escondidas seus lábios da sujeira de seu cabelo.

Neve esteve um pouco apagada durante o jantar e Max estava atipicamente amável, elogiando a carne na panela, elogiando sua audácia na eleição de erva-doce, e pedindo um segundo, que Neve se perguntou se se tratava de algum novo jogo dos seus.

Inclusive insistiu em ajudar a limpar a mesa e lavar os pratos e a beijou cada

vez que entregou um prato ou uma tigela para secar.

- O que quer fazer agora? - perguntou Max depois de que a última colher tinha sido guardada. - Pensei que podíamos escrever outra sessão no sofá.

- Bom, o sofá se apresenta muito no alto de meus planos para a noite, esteve de acordo Neve. - Vou te iniciar nos rituais de Deleite de Domingo.

Max levantou as sobrancelhas.

- Pensei que Deleite de Domingo era sobre comer carboidratos complexos depois das seis.

- É muito mais que isso. - suspirou Neve. - Se entrar na sala de estar, há um armário debaixo da prateleira ao lado de meu escritório. Porque você é o convidado, poderá escolher.

Neve esperou até que o ouviu avaliando antes de começar a recolher seus fornecimentos. Quando entrou na sala de estar, Max estava de joelhos e rebuscando em sua coleção de DVDs.

- Acredito que você tem todas as comédias românticas existentes. Inclusive tem cinema mudo! acrescentou, agitando uma cópia do My Best Girl, feito em 1927 e protagonizada pela Mary Pickford, como prova.

- É um clássico. - disse Neve brandamente, colocando a bandeja carregada que havia trazido na mesa de café.

- Eu não vejo nada com a Meg Ryan. - A voz do Max era apagada, enquanto colocava a mão no último rincão do armário e passou o dedo pelos lombos. Está bem, gosta de Katharine Hepburn e Cary Grant no Bringing Up Baby?

- Sempre. - Neve se aconchegou no sofá e conteve o fôlego enquanto Max fechava a bandeja do reprodutor do DVD e se voltava. Ficou olhando o conteúdo da bandeja e logo para ela, que encolheu de ombros. É Deleite de Domingo. disse, a modo de explicação.

- Acredito que eu gosto disso. - disse Max, sentando-se a seu lado. - É me permitido pôr os pés sobre a mesa de café?

- Só se tirar os sapatos em primeiro lugar. Além disso, tenho plena jurisdição sobre o controle remoto e não me importa se falas durante o filme, mas não quero nenhum comentário a respeito do que estou comendo ou como estou comendo. - finalizou Neve em sua mais estrita voz.

Max se serviu uma taça de vinho da garrafa que Neve havia trazido, mas não tocou nada na bandeja.

- Como vai comer?

- Isso é o que eu disse - Neve esclareceu, entregando uma enorme bolsa de sanduíches e uma barra do Snickers. - Essa é a sua. - Aziz, na loja de

conveniência, tinha assegurado que eram sanduíches muito masculinos e, como um bônus adicional, não gostava de nenhum dos dois, assim não se veria tentada a roubar algum.

- Obrigado, mas tenho tudo isto e você só tem um tubo de Smarties^{56} e uma bolsa da Hula Hoops⁵⁹ - protestou Max, enquanto Neve punha os Smarties em uma pequena taça de porcelana.

- Não ouviste a parte onde disse que não se devia fazer comentários sobre minhas opções de sanduíches? - Neve rasgou a bolsa da Hula Hoops e os derramou em um prato um pouco maior que o de porcelana.

Max não disse nenhuma palavra, apesar de que terminou seus sanduíches e Snickers em quinze minutos, enquanto que a uma hora no filme, Neve ainda estava delicadamente abrindo passando através dos conteúdos das tigelas de porcelana.

Ela sempre iniciava com os Hula Hoops, deixando que eles se sentissem rangentes em sua boca, e só quando estavam a ponto de perder seu rangido tinha que começar a mascar. Então, quando Neve estava na metade da porção de batata, transladou-se aos Smarties.

Aqueles os comia de acordo à cor. Marrom, verde, azul, arroxeados, rosa, vermelho, amarelo e os laranjas para o final, porque tinha seu próprio sabor único. Ela tomava um Smartie em sua boca e sugava o tempo suficiente para desfazer o doce, mas deixando intacto o centro de chocolate. Então, ela chupava o chocolate até que não ficava nada.

Quando estava a meio caminho dos Smarties, na brecha entre o púrpura e o rosa, Neve deixou de comer sanduíches durante dez minutos, só para demonstrar que podia. Tinha contado o tempo em seu relógio e, quando os dez minutos passaram, tomava um Smartie cor rosa em sua boca.

Depois de que os Smarties terminaram, foi de novo pelos Hula Hoops. Todo o processo durou pelo menos pouco mais de uma hora. De qualquer maneira, os créditos estavam rodando enquanto Neve terminava de esmagar o último Hula Hoop, com os olhos fechados enquanto saboreava a salgada batata que teria que durar toda a semana.

Quando abriu os olhos, encontrou a Max olhando-a como se fosse uma peça de um quebra-cabeças que não acabava de encaixar.

- Não pode dizer nada - advertiu. - Essa era a regra.

- Eu não vou dizer nada. Além disso, não há palavras. - Neve estava a ponto de ficar na defensiva e arrepiou-se toda, quando viu a maneira com que Max estava olhando-a, apesar de que acabava de tomar uma hora para comer um tubo de Smarties e uma bolsa da Hula Hoops e levava seus *"jeans de casa."*

- Por que você está me olhando assim? - perguntou ela, porque não tinha feito absolutamente nada para justificar o brilho especulativo nos olhos de Max

ou a forma de manter sua língua umedecendo o lábio inferior. - Posso fazer café?

- Não estou de humor para café. - disse Max, puxando Neve mais perto antes que ela se desse conta do que estava acontecendo.

- Você, vem aqui.

Assim estavam se beijando. Beijando-se sem pensar, por isso todas as vozes da cabeça de Neve estavam tranquilas e, quando Max desabotoou cada botão de seu vestido, não se importou, porque ele beijou cada centímetro de pele que descobriu.

A camisa do Max saiu e também a camiseta que levava debaixo, de modo que Neve, brandamente, podia arrastar seus dedos através da penugem de pelo que desapareceu debaixo de seu cinto e, embora jogasse com a fivela de seu cinto porque gostava da forma que Max continha a respiração cada vez que o fazia, suas mãos não se apartaram mais.

As mãos dele sim o fizeram. Acariciou a curva de seus quadris cobertas de mezlilla e, quando estavam deitados frente a frente no sofá, Max levantou a perna de Neve, por isso se enganchou a ele e seus corpos foram pressionados juntos. Neve não sabia de onde vinha à necessidade de moer, oscilar e pressionar contra Max, mas se sentia tão bem de um modo exasperava, frustrava, que deu nisso.

-Temos que parar agora. - sussurrou Max de repente com urgência em seu ouvido.

- Alto! Neve, momentaneamente, deixou de beijar a apertada mandíbula de Max. Ele estava duro contra seu ventre.

-Deter um minuto ou deter-se por completo? - perguntou ela. Sua voz soava grossa e pesada, provavelmente porque seu cérebro, seu sangue e seus membros se sentiam muito grossos e pesados.

Max retrocedeu dois centímetros.

- A menos que esteja preparada, pelo menos para a terceira base, temos que parar porque tenho que... Já sabe, deixar que meu fluxo sanguíneo se dirija em direção a minha cabeça.

Neve realmente não queria parar, mas só podia beijar, com sua parte superior desabotoada e com a ereção de seu parceiro empurrando em seu contrário, antes que o beijo se convertesse em outra coisa. Alisou o cabelo de Max e, quando ele apertou os dentes, fez uma nota mental para procurar no Google ereção não aliviada + dor.

Deslizou-se do sofá, com cuidado de não tocar em Max, porque cada vez que o fazia, suas fossas nasais se expandiam. Max rodou sobre suas costas e, agora que o beijo tinha terminado e o estado de ânimo foi trocando, de pé ali com sua parte superior desabotoada e a cintura de sua calça até a metade dos quadris parecia importar um pouco. Neve deu a volta e rapidamente se fechou.

Max se sentou muito lentamente, como se estivesse recuperando-se de uma cirurgia maior.

- Tenho que levar o Keith para seu último passeio. Posso pegar suas chaves?

Max coxeou até o corredor. Keith, estava rígido por dormir tanto tempo sob o escritório de Neve, coxeou depois dele. Neve procurou seu jogo extra de chaves de uma gaveta da cozinha e os deixou cair na mão estendida do Max.

Era um momento decisivo em sua divertida relação, mas Neve tinha outras coisas em sua mente.

Se eu estivesse disposta a ter relações sexuais, que não estou, mas se estivesse, você gostaria? Comigo?

- Isto não é só uma reação involuntária que recebo por comer muitos sanduíches - disse Max de mau humor, inclinando-se para engancha a correia do Keith. - É obvio que quero fazer algo mais que te dar uns beijos, mas você está se reservando para seu único e verdadeiro amor, e estou tratando de demonstrar que sou mais que um brinquedo sexual.

- Não diga isso. - disse Neve, reflexivamente, porque ela nunca, nunca ia foder com alguém. "*Fazer o amor*" soava muito melhor, poético, inclusive. - Eu só estava comprovando.

- Eu diria que sinto por me romper, mas como você é em parte responsável por minha agonia atual, não vou fazer. - Tendo em conta que estava falando de sua ereção, era um pouco doce que Max parecesse um menino carrancudo que tinha sido simplesmente atirado para fora por atirar pedras. - Te vejo em uns quinze minutos - acrescentou, com um menos petulância.

Capítulo Dezesseis

Tão logo como escutou a porta da rua se fechar, Neve ficou em ação a toda velocidade. Embora estivesse perfeitamente limpa, teve a ducha mais rápida de todo o mundo enquanto esperava que o bule fervesse. Encheu sua garrafa de água quente enquanto bebia enxágue bucal. Arrastou sua roupa de dormir sobre seu ainda úmido corpo e rapidamente orvalhou sua cama com um aromatizem de lavanda enquanto empurrava a garrafa de água quente sob os cobertores. Logo foi pela pilha de livros sobre sua escrivaninha, sem piedade descartou algo que pudesse parecer com uma novela de romance ao olho sem educação.

Neve passou seus últimos cinco minutos ajudando ao creme de noite para que se absorvesse mais rapidamente enquanto tratava de arrumar seu cabelo em um rabo-de-cavalo despenteado. Ouviu uma chave girar na fechadura justo quando decidiu que estava satisfeita com o intento número nove e deu a si mesma uma rápida olhada no espelho do banheiro; seu creme de noite se absorveu, dando um aspecto úmido, e as mechas sedosas de cabelo escuro emolduravam um rosto que haveria visto muito melhor se não estivesse mordendo seu lábio inferior.

Apressou-se a sair para o corredor para saudar os convidados. Max dava a impressão de estar de melhor humor; estava sorrindo por alguma coisa e o sorriso se fez maior assim que captou o olhar de Neve.

Vê-te tão doce - disse e soou suspeitosamente rouco como se fora Keith quem o houvesse dito. - Não, não o faço - protestou Neve. Doce não era o que tinha estado procurando. Atirou dos borde dos punhos de encaixe de sua camiseta térmica de manga larga, logo se agachou para acariciar Keith. - Onde vai dormir Keith? Conosco?

- Na sala. Não tem permissão para dormir no quarto. Passará toda a noite tratando de meter-se na cama.

- Mas o que tem de mau nisso? - Neve tinha estado esperando dormir com o Keith sobre a cama, preferentemente em seus pés, já que tinha muito frio pelas noites.

Max sacudiu a cabeça.

- Passei muito tempo estabelecendo alguns limites. Não desfarei toda minha boa obra.

Viu como Max instalava ao Keith em sua cama de cão com uma manta esfarrapada sobre ele e um boneco de pelúcia puído metido entre suas patas dianteiras. Logo colocou a terrina de água e um dispositivo de luz de noite porque Keith não gostava da escuridão, e Neve começou a perguntar-se onde estavam os limites do Keith.

- Vou para cama - disse, quando se fez óbvia a intenção do Max de ficar com

Keith até que este estivesse dormido.

Neve tinha passado cinco minutos com um espelho de mão para julgar seu melhor ângulo quando estava deitada e outros dez minutos de leitura antes que Max fizesse sua aparição.

Então dorme no lado direito - comentou, como se, se tratasse de uma pergunta que tinha estado incomodando-o durante muito tempo. - Eu durmo no lado esquerdo, assim que funciona.

Normalmente, dormia no centro da cama, mas isso parecia uma coisa de solteirona para admiti-lo, por isso Neve deixou o livro e cavou os travesseiros a seu lado assim estariam opticamente inchados para Max. Poderia culpá-la por um montão de coisas, pensou, mas era uma anfitriã muito atenta.

Max se sentou na borda da cama e ricocheteou de forma experimental.

- Colchão firme - remarcou. - Eu gosto de uma cama em que não tenha que afundar.

Neve em realidade podia sentir sua pressão arterial começar a elevar-se. Dormir com Max em sua roupa de cama tinha parecido uma boa ideia em teoria, mas a realidade atual do Max em seu quarto de novo se sentia ameaçador e emocionante, tudo ao mesmo tempo. Não ajudou que ele estivesse falando em voz baixa, sua sugeriu que tinha um sorriso malicioso em seu rosto que saía a reluzir cada vez que entrava no modo sedutor, quando estava em uma casa com ela.

Max foi desabotoando-se suas botas Doc Marten e Neve tomou rapidamente o livro outra vez. Tudo isto era território novo para ela, mas tratou de ignorá-lo com uma facilidade que realmente não sentia.

O que está lendo? - Max tirou as meias três-quartos e moveu os largos dedos dos pés. Tinha os pés bonitos para um homem, ao menos não eram muito peludos.

Neve levantou sua cópia da Rebecca do Daphne Du Maurier assim Max podia ler o título, logo fez um gesto cuidadosamente para a editada pilha de livros sobre sua mesinha de noite.

- É bem-vindo a pedir um emprestado.

Com a camisa meio desabotoada, Max se inclinou sobre a cama, cravando inadvertidamente Neve no colchão, enquanto observava a pilha.

- OH, sempre quis ler este - disse, quando Neve tratou de olhar por cima de seu ombro.

Como alguma vez tem lido O guardião entre o ceiteio? queria gritar, mas se conformou com um simples:

- Acredito que esse realmente você gostará.

Neve desejava que Max terminasse de despir-se e meter-se na cama para que

pudessem negociar o seguinte passo de sua relação, mas em seu lugar estava procurando dúvida com sua cópia do Mansfield Park. O qual era mau porquê...

- Se não leu nenhum do Jane Austen, não comece com esse – disse - Fanny Price não funciona tão bem como heroína moderna como Elizabeth Bennet o faz.

Max deixou o livro rapidamente, como se estivesse coberto de algo tóxico.

- Bom, talvez vou tratar com ‘O guardião entre o centeio’ e trabalharei minha relação com Jane Austen. Moveu-se para trás, assim Neve já não tinha um peso morto em suas pernas, e golpeou o livro contra a palma de sua mão.

- Prometo que não vai enrugando o lombo.

- É óbvio, O guardião entre o centeio é a novela mais conhecida do Salinger, mas pessoalmente prefiro sua história sobre a família Glass. - Neve ouviu a si mesma dizer na arrogante voz que jamais tinha conseguido, como se sua boca estivesse repleta de ameixas. - Acredito que Franny e Zooey têm a vantagem sobre Levantem, carpinteiros, a viga do tejado^[57], mas é muito difícil avaliar a obra do Salinger como um todo, quando sua maioria se compõe de novelas e contos curtos.

- Correto. Assegurar-me-ei de recordar isso - murmurou Max, e logo deixou de falar porque estava tirando a camisa e a camiseta em um só movimento, por isso ver os ondulados músculos das costas era muito mais interessante que J.D Salinger.

Max era magro, sem ser esguio, seus músculos definidos sem avultados como os do Gustav... De tal maneira que Neve sempre se perguntou se ele poderia arrebentar as estreitas camisetas de lycra que favoreciam. Ela sustentou seu livro em sua cara e apareceu pela parte superior enquanto Max começava com a fivela do cinto, flexionando seus bíceps enquanto liberava o couro de sua calça jeans.

Neve tragou saliva.

- A gente poderia argumentar que os únicos textos disponíveis que temos do Salinger são tecnicamente juvenis, e que sua reclusão posterior foi um intento de criar sua própria lenda em lugar de admitir que não podia cumprir com a promessa de seu trabalho anterior. - Simplesmente não podia deixar de falar. Neve deu um pulo ao escutar sua voz ficar alta e mais alta, mas não havia nada que pudesse fazer a respeito.

- Não tem precedentes. Depois de tudo, Rimbaud abandonou todos seus esforços literários para o momento em que ele tinha vinte e um anos.

Max dirigiu um sorriso lento e preguiçoso.

- Neevy?

- O quê?

- Não tenho nem ideia do que está falando – informou Max amavelmente. - Não há necessidade de estar nervosa. Só vamos dormir na mesma cama. Pensa em mim como um desajeitado urso de pelúcia.

Isso foi em realidade um bom conselho, ou teria sido se o som do zíper do Max indo para baixo não tivesse descarrilado completamente. Golpeou-a o ridículo que era tudo isto. Havia um homem despindo-se em seu quarto rosa para garotas, não fazendo o menos feminino ou menos rosa pelo fato de que houvesse um homem despindo-se nele.

- Trouxe um pijama? - grasnou, enquanto Max tirava o jeans e ficava em sua boxer, arranhando des preocupadamente o peito.

- Nunca usei. - assegurou, e Neve soube com certeza que se ele queria dormir nu ao seu lado, então ela pediria que dormisse, contudo posto.

Não estava preparada para um nu frontal inteiro e, às vezes acreditava que nunca estaria. Tinha sido o único membro vestido de uma família nua e tinha sido terrível. Quando era uma menina, a tarde das sextas-feiras tinham sido particularmente angustiantes. Logo que seu pai chegava do trabalho, era enviada por cinco porções de merluza e batatas fritas. Para quando retornava, seu pai estava sentado na cozinha em seus Paisley E—fronts⁽⁵⁸⁾ bebendo cerveja da garrafa. Neve nem sequer possuía um traje de banho até que teve cinco anos e tinha feito um motim em uma praia do Margate até que seu pai tinha sido enviado ao Woolworth para comprar um biquíni da Barbie, apesar de realmente preferir um de uma só peça.

Ao longo de toda sua infância, Neve tinha desejado que sua mãe tivesse sido como as outras mães católicas de seus companheiros da Escola Dominical. O tipo de mães que prometiam enxofre e fogo se suas filhas se atreviam a levar saias por cima do joelho ou se pintavam as unhas dos pés. Mas não, ela tinha uma mãe católica que dizia coisas como: - É obvio, se tudo o que Deus criou é formoso e Deus criou o corpo, então, seu corpo é formoso.

Mas Neve tinha sabia que seu corpo não era formoso. À idade de cinco anos, podia dizer que seu corpo era mais redondo e mais rechonchudo que os corpos de suas amigas. Tinha uma barriga proeminente e as coxas pareciam como se tivessem bandas elásticas escavando neles quando se sentava.

- Muito bem, esta é sua segunda advertência de cinco segundo - anunciou Max. Neve o olhou tremulamente, enquanto ficava parado sobre ela. Era melhor manter-se olhando para cima, para seu rosto, e não em nenhum outro lugar, embora ao menos tinha mantido sua boxer. Estou a ponto de entrar em sua cama.

As mantas foram jogadas para trás e Neve se obrigou a permanecer completamente imóvel enquanto Max se meteu na cama junto a ela e deu um pequeno suspiro ditoso como relacionado a sua postura no colchão paedie e os travesseiros de espuma com memória⁽⁵⁹⁾. Lentamente se estirou, logo franziu o

cenho.

- É isso uma garrafa de água quente?

- Sim, sim é - disse Neve a toda pressa, enganchando-a entre seus pés e arrastando-a a seu lado. Max apoiou os travesseiros detrás de sua cabeça para poder sentar-se e examinar seu lugar de descanso para a noite.

- Não te parece que está um pouco quente debaixo de todas estas mantas? Levantou o edredom para poder confirmar que havia um cobertor por debaixo dele. - É quase o começo oficial do Verão Britânico.

Neve levantou a si mesma de sua posição reclinada.

- Mas ainda tenho não tenho calefação e realmente sinto frio.

- Não há nenhum frio que sentir - disse Max. - Vamos nos desfazer da colcha de cima.

Neve decidiu que era tempo de ação, não palavras. Inclusive pensou que havia resolvido que não haveria nenhum tipo de tato, alcançou a parte posterior do pescoço do Max com uma de suas mãos geladas.

- Merda! Não faça isso! - gritou Max, e Neve retirou a mão e a colocou sob o edredom e a colcha, que iria ficar exatamente onde estava. Deus, não pensei que podia ser tão má.

- Não seja um bebê - disse Neve, chegando até Max para poder dar um beijo na bochecha e tirar o agulhão de suas palavras. Ele fez um grande show de pestanejo, como se previsse que seus lábios estariam à mesma temperatura baixo zero que suas mãos.

- Hey! Mantém seu lado da cama - disse ele, aconchegando-se sob as mantas. Não vou ser capaz de dormir se estou preocupando com o fato de que vai saltar sobre meus ossos.

Neve tinha estado pensando exatamente o mesmo, mas quando

Max o disse em voz alta, não pôde evitar sentir-se um pouco rechaçada. É obvio, não queria saltar sobre seus ossos, mas queria que ele o quisesse, com a única exceção de quando estivessem totalmente vestidos e não juntos na cama. Apesar de sua reputação de mulherengo, Max parecia notavelmente focado em só dormir juntos. Tinha estado o suficientemente feliz para dar um beijo, mas talvez só imaginava de uma maneira adorável ou talvez era realmente malote nos beijos e não tinha o coração para dizer, O... Não! Não ia pensar em mais hipóteses ou estaria tão estressada que não seria capaz de dormir.

- Bem, bem, não há beijo. - Neve deu a volta em seu lado, assegurando-se de que houvesse ao menos um metro entre eles. - Boa noite. - Apagou a luz, sem nem sequer perguntar ao Max se estava preparado para dormir, mas era sua cama, assim eram suas regras.

Ficaram em silêncio por um momento. Neve se concentrou em não exalar muito alto, no caso de Max pensar que era uma corvina. Seu ataque de ressentimento a tinha empurrado até a borda do colchão, por isso se fazia algum movimento brusco, ia terminar no chão, e haveria uma brecha com correntes de ar porque Max tinha um extremo da manta e ela tinha o outro, e basicamente dormir com outra pessoa era horrível e Neve estava começando a entender por que algumas pessoas casadas dormiam em camas separadas, ou inclusive em quartos separados.

- Está de mau humor? - perguntou Max de repente.

- Não - disse mal-humorada. - É só que está monopolizando as mantas e há este oco e...

Neve estava esperando que Max renunciasse a seu direito à colcha, mas se deslizou na cama e pôs um braço ao redor dela. Era como estar envolta por uma gigantesca garrafa de água quente.

- Sei que cancelei o beijo, mas ainda podemos nos abraçar - sussurrou ao ouvido, que fez cócegas porque tinha chegado a essa etapa onde tudo a irritava. Seu braço se moveu mais baixo e ela se apartou alarmada.

- Não toque meu estômago! É a única parte de mim que eu não gosto que toque - corrigiu-se a um menor volume perfurador de ouvido.

- Está bem, precisa relaxar porque não vai conseguir dormir e eu tampouco posso quando você está enviando sinais de angústia - disse Max, movendo seu braço assim não se pressionava contra seu ventre, a não ser mais acima, escovando a parte inferior de seus seios, mas não era como se ela pudesse queixar-se agora que tinha jogado a carta da barriga. - Só pense que sou Celia.

- Você não fala tanto como Celia - ofereceu Neve. - E ela é muito mais ossuda que você, sempre me empurrando com os cotovelos.

- Ao menos isso é algo. - O polegar de Max estava acariciando ritmicamente uma pequena porção de pele em seu braço pela manga de sua camiseta térmica e se sentia bastante bem, quase reconfortante. Neve fechou os olhos e se concentrou em respirar pelo nariz e exalar pela boca. Mas não muito alto.

Foi o calor o que despertou a Neve. Ficou ali para escutar uma segunda vez os assobios e rangidos, mas foi incapaz de localizá-los, então se sentou e apartou as mantas em um movimento torpe, e se deu conta de que a casa estava em chamas!

O calor quase se impulsionou por suas costas quando abriu a porta do quarto. Neve abriu passo através da fumaça espessa que apanhou em sua garganta, e entrou no vestibulo onde brilhantes chama alaranjadas lambiam as paredes e queimavam os móveis. Felizmente, havia um caminho espaçoso para seu escritório e ela tomou.

Sua mente estava correndo sobre duas vias. Sabia que tinha que chamar os bombeiros, mas neste momento salvar a biografia do Lucy Keener era muito mais importante. Está bem, não havia muito de uma biografia para salvar, mas Neve seguia ligando seu computador e pinçando nas gavetas por um disco e, OH! Ali estava Como Escrever Um Livro Em Quinze Minutos Todos Os Dias, que ela o tinha tirado do Phillips...A mataria se ficasse feito cinzas.

As chamas estavam se introduzindo cada vez mais perto e Neve dançou no mesmo lugar já que a madeira, sob seus pés descalços, era extremamente quente. Seus olhos choravam, estava tossindo e afogando-se e seu fodido computador estava demorando muito em ligar. Finalmente, ali estava seu protetor de tela da Virginia Woolf. Neve escavou pelo disco, com todos os dedos e polegares enquanto tratava de abrir a bandeja do disco.

- Por que incomodar-se em fazer isso? - disse uma voz em seu ouvido, e se voltou para ver Max justo detrás dela. - Sabe que não tem nada aí que valha a pena salvar.

- Tenho cinco capítulos e meio e notas. - disse Neve, e começou a arrastar os arquivos para o disco. Não acha que deveria estar fazendo algo útil, como chamar o 999 ou estar tratando de quebrar e liberar uma janela?

- Bom, faria-o, mas tenho uma festa de apresentação muito importante para assistir -disse Max despreocupadamente justo enquanto que, ENGANO NO DISCO!, brilhava na tela.

- Maldita seja!

- Desejará estar no inferno, Neve, se algum de meus moletons Juicy Couture se queimar! - Agora, Charlotte estava parada ali, mãos nos quadris, gritando. - Isto é tudo por sua culpa! porque decidiu assar um bolo no meio da noite porque não podia estar uma hora sem preencher sua boca.

- Não o fiz. - protestou Neve, vendo gavetas abertas para encontrar outro disco. - Não fui eu, deve ser uma falha elétrica.

- Isto é tão Neve, não te parece? - Charlotte se desvaneceu em uma nuvem de fumaça, para ser substituído pela Chloe e Rose falando em sussurros insinuantes.

- Já sabe, ela sempre acende as três barras da calefação em seu escritório.

- Tem razão. Alguém deveria dizer para o Sr. Freemont que está esbanjando nossos recursos em sua própria comodidade pessoal e causando um risco de incêndio.

- Mas meu aquecedor tem um adesivo nele que diz que foi comprovado como seguro. - protestou Neve, já estava arraigada através de uma pilha de envelopes por um disco em branco difícil de alcançar.

- Disse que necessitava substituir as baterias no detector de fumaça cada seis

meses. - Genial, agora seu pai estava ali para dar um mau momento... E em seus Paisley E—fronts também.

Pensei que estava destinada a ser a inteligente.

- Gente! Não estão ajudando. Ou fazem seu caminho de saída ou me ajudam a encontrar um disco, mas realmente, não posso tratar as constantes críticas neste momento.

Houve um grande estrondo e uma de suas estantes deu uma investida sob as chamas e Neve cobriu se com as mãos, sua expressão de horror. Todos seus esgotados Clássicos Modernos Virago se foram!

- Pobre Neve. - disse uma voz muito mais simpática e olhou para cima para ver William de pé ali, com um suave e cálido sorriso que sempre tinha para ela. - Espero que minha cópia de Escritura e Diferença não esteja naquela prateleira, porque nunca poderia amar a alguém que tratou aos livros de uma forma tão irresponsável.

Em especial os livros que estavam em empréstimo.

- Mas não é minha culpa. Não iniciei o fogo. - Estavam agora só

Neve e William, e a biografia estava ainda entupida em seu computador e as chamas quase os envolvia, mas isso não era importante. - Ouça, William, notou algo diferente em mim?

William olhou através da fumaça.

- É difícil de dizer. Mudou seu cabelo?

- Bom, deixei crescer minha franja... Não! Que mais é diferente em mim?

- Suponho que perdeste um pouco de peso, e não antes do tempo, mas ainda está muito gorda para mim, Neve. Nunca poderia amar a alguém que não é um tamanho 38. - disse William com tristeza, logo se tornou envolto em fumaça o fogo desapareceu da vista de Neve. Deixou que o disco que acabava de encontrar caísse ao chão, e realmente, qual era o ponto de tratar de salvar a biografia O...?

Espera! William estava na Califórnia, por isso não havia maneira de repentinamente acabasse de aparecer em seu apartamento. Como poderia ter ido de todos os modos? E em seu fundo de tela havia uma imagem de dois cachorrinhos Schnauzer vestindo camisetas, não Virginia Woolf.

Pela segunda vez, Neve despertou. Adequadamente despertou e está vez o apartamento não estava em chamas. Mas podia ver porquê seu subconsciente poderia ter pensado assim, sentia-se como se estivesse sendo fervida de dentro para fora.

As pontas de seu rabo-de-cavalo estavam pegadas sem arte à parte de atrás de seu pescoço e sua pele estava empapada em suor.

Neve não acreditava que alguma vez tivesse estado assim tão quente, nem sequer quando o ar condicionado estava quebrado no ginásio e tinha sido incapaz de agarrar um ventilador portátil e estava no nível dez da queima de graxa no programa da máquina elíptica.

Na realidade, não era de sentir saudades que tivesse quente demais já que estava compartilhando sua cama com o Max. Sempre estava quente ao tato, se, se aconchegava - e roncando fortemente - debaixo de seu peso, durante um inverno, com o edredom nórdico e a água quente acrescentada à mescla, ele estava emitindo suficientes raios termonucleares para lançar uma arma de destruição maciça.

- OH, Deus, me solte! - vaiou Neve, empurrando o braço de Max fora dela. Nem sequer se moveu, simplesmente grunhiu e se deu a volta, deixando as mantas feitas um molho entre eles. Com um grunhido de irritação, Neve se sentou assim poderia tirar suas meias três-quartos. Logo, enterrou-se sob os lençóis para alcançar a garrafa de água quente, a que atirou ao chão, junto com a colcha de cima. Sentia-se menos como estar em um edifício em chamas e mais como embalagem de um navio que faz água.

Neve se deixou cair de novo, sem cobertores, e tratou de conseguir um pouco de calma interior, até que sentiu que sua pele se voltava úmida com frio. Ficou a manta ao redor dela e fechou os olhos, apesar de que tinha o impulso irracional de comprovar a habitação só para assegurar-se de que não estava em chamas. Mas isso era estúpido, porque sem dúvida tinha apagado o forno depois do jantar. A menos, pensou que tinha apagado o forno. Ficou ali durante um longo momento escutando Max soprar como um porco alimentando-se de uma trufa, mas sempre e quando ela tivesse o edredom a seu redor e a colcha entre eles, então não teria que sofrer o calor do corpo todo-poderoso.

Começou a ficar adormecida, e estava nesse suave e pacífico lugar entre adormecida e não adormecida-de-todo, quando um pesado braço serpenteou sob o edredom e uma mão ardente sujeitou seu seio.

- O que acontece com você? - Neve se lançou usando os cotovelos e os braços e as pernas para empurrar Max a seu lado da cama. Foi do mesmo modo que utilizou para o levantamento de pesos. - Me solte!

Na penumbra, viu os olhos do Max piscar abertos, logo os fechou de novo e voltou a dormir. Nunca ia voltar a dormir, Neve sabia que era um fato. Mas se saísse da cama, estava admitindo a derrota. Estava admitindo que não era capaz de - ou estar pronta para - dormir com alguém mais, e dormir com outra pessoa era um requisito prévio para uma relação. Ia permanecer aí, inclusive se isso significava não dormir durante toda a noite.

Meia hora mais tarde, Neve estava recitando em silêncio a maior quantidade do T.S Eliot, A Terra Baldia que podia recordar, Max se deu a volta, se curvou a si mesmo contra seu lado e começou a respirar ar quente em seu pescoço.

- Max? Pode se mover? - sussurrou, e quando não houve resposta, nem sequer uma pausa nas úmidas exalações golpeando seu pescoço, Neve o apartou com os quadris em um esforço para jogá-lo.

Esta vez ela obteve uma reação imediata. Max pressionou sua pélvis contra seu traseiro e Neve pôde sentir seu pênis endurecendo-se, qual foi uma sensação interessante, mas não era realmente o ponto agora.

- Max! - repetiu com mais alto e mais irritada. - Você é muito pesado. Por favor, chega mais pra lá.

Neve ficou ali por alguns momentos suarentos tratando de pensar em coisas interessantes sobre tempestades de neve, tormentas de neve e como realmente seu congelador precisava descongelar-se, mas não estava funcionando, não quando podia sentir um fio de suor correr por seu decote. Estava debatendo os prós e os contra de beliscar Max no braço, talvez inclusive usando as unhas, quando ouviu um zumbido.

Antes que inclusive tivesse a oportunidade de descobrir que era ou de onde vinha, Max estava rodando fora dela com um grunhido enfático. Neve deu um agradecido suspiro de alívio e estirou suas pernas estendidas com câibras, só para dar-se conta de que o zumbido se estava voltando cada vez mais forte, Max se sentou e se inclinou para recolher seu BlackBerry de suas calças jeans. Neve não sabia quem devia estar mais irritado, ela com quem quer que tivesse a ousadia de estar chamando às pessoas passada a meia-noite de um domingo, ou Max, que dormia sem importar os empurrões e súplicas, mas que despertava em um nano segundo com o trilar distante de seu BlackBerry.

Estava tendo uma discussão tensa e acalorada com alguém em um tom monótono, que era totalmente desnecessário já que estava acordada e provavelmente seguisse assim por algum tempo.

Neve se sentou e acendeu a luz da mesinha assim Max seria capaz de obter o efeito completo de seu cenho mais feroz. Parece que não se incomodou por isso. Claro, fez uma careta de desculpa, mas logo voltou para sua conversa em voz baixa.

- Está tudo bem, Max. - vaiou Neve, apesar de realmente, mas realmente não estar. Estou levantada. - Estou acordada. Poderia também deixar de sussurrar.

- Realmente sinto por isso - sussurrou, sua mão sobre o microfone do telefone, estive tratando de dar procuração deste publicitário por semanas.

Neve decidiu que uns extravagantes olhos em branco eram suficiente resposta, mas Max já se volteou. Foram ter umas palavras sérias uma vez que Max estivesse fora do telefone com a agente da Jennifer Aniston ou quem quer que fosse.

-Bom, sim, posso assinar algo que diz que não perguntamos a respeito do Brad ou Angelina - estava dizendo Max, e os olhos de Neve se abriram como

pratos quando se deu conta de que não estava tão longe da verdade. Imagine!

Realmente era uma pessoa da imprensa de uma famosa estrela de Hollywood chamando o Max enquanto ele estava em seu humilde departamento do Finsbury Park.

- Sim, entendo que estou pedindo um dia de toda sua vida, mas sei que estaria muito contente com a sessão de fotografia. Armani está dando quantos vestidos não se emprestaram a ninguém mais e... Não, isso é absolutamente correto. Sim, me chame de volta em dez minutos.

Não tinha sentido dar a Max um mau momento quando a pessoa que estava ao outro lado do telefone estava dando um momento muito mais difícil.

- Não vou gritar. - disse Neve, quando Max terminou a chamada e se volveu para ela com um olhar cauteloso. - Bom, em minha cabeça estou gritando, mas tenho entendido que não é sua culpa e você tem que atender a chamada.

- Sinto muito - disse Max rapidamente. - Sei que realmente não estou aqui tratando com a paz no Meio Oriente, mas quanto à pessoa que acabo de falar está preocupado, e assegurar-se de que seu cliente se mantenha feliz é muito mais importante que isso.

Pôs a cabeça entre as mãos. - Deus, realmente odeio esse publicitário.

Neve esfregou as costas de Max e esperou que pensasse que se tratavam de detalhes de conforto e não toques de uma garota que ia saltar sobre seus ossos.

- Estou segura de que tudo vai se resolver - disse, embora não estava segura de que o faria, mas pareceu o correto para dizer. A suave pele das costas de Max estava ainda candente.

- Para trocar o tema por completo, quando dormiste com outras garotas, qualquer delas mencionou que há algo seriamente mal com seu termostato interno? - aventurou, porque agora era um momento tão bom como qualquer outro para abordar este tema.

- O que elas disseram sobre meu o quê? - Max já não tinha a cabeça entre as mãos, mas estava olhando para Neve como se tivesse confessado urinar na cama.

- Está realmente quente. Como, a temperatura quente - esclareceu quando Max sorriu como se tivesse sido um julgamento sobre seu atrativo sexual. - E quando vai dormir, fica mais e mais quente e você se pendurou de mim, e me sinto como se tivessem me cozido viva, como uma lagosta.

- Está me acusando de ser um abrasador? - perguntou Max, cruzando os braços.

- Não, não te estou acusando e essa não era a parte em que eu queria que te centrasse -disse Neve. Alargou a mão para tocar o braço de Max. - Poderia... Não

sei, há algo que possa fazer...?

- Me fazer um pouco menos quente? Em realidade não é algo no que tenha muito controle, mas você pode ter menos roupa na cama. - Max assentiu para a camiseta térmica de manga larga de Neve. - Talvez usar mangas curtas e se tirar as meias três-quartos.

- Já perdi as meias três-quartos e a garrafa de água quente e o edredom: se perder algo mais, então irei congelar - protestou Neve e se encontraram em um ponto morto.

De todos os problemas que Neve tinha imaginado que teriam entre eles, a incompatibilidade de temperaturas corporais não tinha sido um deles. Assim também foi que ela não tinha começado com outro mau hábito noturno do Max de senti-la em seu sonho.

- Podemos dormir com um travesseiro entre nós.

- Isso vai contra todo o propósito de dormir juntos.

- Bom, não estou fazendo muito mais para dormir quando está na mesma cama que eu. - Neve levantou as mãos. - Não posso ver um caminho, além disto.

Max se salvou de ter que responder quando seu BlackBerry soou. Ele a olhou sem poder fazer nada.

- Tenho que atender isto.

Sei, disse Neve, já saindo na metade da cama. - Não estou zangada com você, realmente não estou, mas vou dormir no sofá.

Capítulo Dezessete

Resultou que o sonho de Neve foi profético. Ao dia seguinte, quando ligou seu computador havia um e-mail de seu pai (Continua a fuga da ducha?) e uma mensagem imperiosa da Junta do Arquivo de Administração, recordando a Neve que a Junta Geral de Acionistas era na semana seguinte e sua assistência obrigatória.

E porque a má sorte vem pelo menos de três em três, também havia uma carta de William na porta, a qual usualmente era causa de uma jubilosa celebração, exceto que omitiu as agradáveis palavras por umas muito bruscas três frases.

Tenho que ser breve já que tenho uma reunião em meia hora. Enviou as bolachas Carr e bolsitas de chá vermelho do Label Sainsbury, como solicite isso previamente? Estaria muito agradecido se o fizesse o quanto antes possível.

Não havia nem sequer uma menção a última carta que Neve enviou, a qual tomou horas para escrever, tinha comparado cuidadosamente sua amizade à relação entre a literatura teórica do Lou Andreas-Salomé e o poeta Rainer Maria Rilke, com encontros.

Pôs a Neve de tão mau humor que respondeu ao Sr. Freemont quando arreganhou por voltar do almoço tarde, já que tinha tido que fazer fila para comprar as bolachas e bolsinhas de chá que William queria mais que a vida, certamente mais do que a amava.

Responder ao Sr. Freemont não era um bom movimento tático quando a Junta estava tão perto, não havia recursos entrando nem figuras literárias importantes que tivessem a decência de morrer recentemente. Neve não tinha nada que arquivar ou transcrever, o qual normalmente seria todo o incentivo que necessitava para passar um par de prazenteiras horas na Biblioteca Britânica, mas tinha o horrível pressentimento de que seu nome estava no topo da lista dos empregados a serem despedidos. O que outra razão haveria para que Chloe e Rose a evitassem? Inclusive Philip se uniu à conspiração, e cada vez que Neve se encontrava com eles, cochichavam na cozinha ou no escritório de Rose, começavam imediatamente a falar não necessariamente alto a respeito de quem iria fazer o chá ou o fedor ímpio que Nossa Senhora da Muito santo Hankie deixou nos asseios das damas.

Neve aproveitou o tempo de inatividade para trabalhar em sua biografia do Lucy Keener, pelo menos parecia trabalhar quando o Sr. Freemont fez seu percurso usual pelos escritórios, mas no interior, ela estava em tortura.

Sua mãe não ajudou absolutamente com os problemas relacionados com o trabalho de Neve. - Não sei porque segue trabalhando nessa biblioteca, pagam uma miséria criticou quando Neve tentou falar com ela sobre isso. - Havia

pensado em algo mais que o Serviço Civil? Devo buscá-lo no Google para você?

Inclusive uma inesperada chamada Telefônica de William para agradecer pela rapidez de entrega das bolsinhas de chá e bolachas não levantaram o ânimo de Neve.

No geral, podia falar com William a respeito dos problemas de trabalho e nenhuma só vez a chamava de bibliotecária, mas esta vez se encontrava menos simpático.

- Está sendo desperdiçada aí - disse sem rodeios, depois que Neve passou vinte minutos detalhando sua última teoria de conspiração, que Chloe e Rose organizavam um golpe de estado, acabaria com o Sr. Freemont, instalariam a Chloe como Arquivista Chefe, tirariam Neve por baixar à Biblioteca Britânica e dividiriam seu salário entre as duas.

- Era um bom trabalho do meio tempo enquanto estudava para sua mestría, mas não é uma carreira.

- Mas eu gosto de trabalhar lá - protestou Neve. - Ou eu gostava, antes de ser vítima da ambição de Chloe. - Este é um sinal de que deve fazer um doutorado. Logo pode começar a ensinar em seu segundo ano, e uma vez que tenha terminado sua tese, será uma candidata forte para ser professora em uma universidade de renome. Nós dois sabemos que o fará cedo ou tarde, Neve, assim por que não fazê-lo antes?

Neve não sabia nada. Não queria ensinar e, preferia que cortassem os braços, pernas antes de ser professora, não podia pensar em nada que a fizesse sentir-se menos inútil que passar cinco anos escrevendo uma tese sobre... Deus, nem sequer queria pensar sobre escrever uma tese de nada.

- Por favor, William, não me pressione - declarou Neve. - Acha que eu deveria enviar meu currículo à Casa do Senado e à Biblioteca Britânica? Mas a coisa é, sei que Rose é muito estrita com o Staff de Administração de ambos os lugares.

- Não pode se render tão facilmente - insistiu William, com um toque de exasperação que Neve nunca tinha escutado nele antes, apesar de que se exasperava por como ela soava lamentosa. Uma coisa é conseguir por sua conta um doutorado, mas não pode deixá-lo sem uma briga. Não se renda. Não é uma qualidade atrativa.

Em um giro inesperado de ironia, Max havia dito quase as mesmas palavras quando despertou na segunda-feira depois do domingo, a noite anterior. Quando disse que não repetiriam seu desastroso intento de dormir juntos, disse —: *Ninguém gosta de alguém que se rende, Neve. Não é como se eu tivesse dormido muito tampouco, contigo dando voltas e suspirando a cada cinco minutos, mas estou disposto a aguentá-lo.*

Neve pôde só ofegar silenciosamente ante a injustiça de tudo e se irritava por

isso uma semana mais tarde, quando tentou de novo. Ao menos esta vez, não tinham chamadas de publicitários e abandonou a ideia da colcha e a garrafa de água quente, e usou uma camiseta de manga curta. Sem êxito. Aos dez minutos de apagar a luz, Max estava profundamente dormido, roncando e fazendo uma muito boa imitação de um polvo sexy, um polvo muito amoroso, que continuava empurrando-a contra sua ereção.

A diferença de Neve, Max despertou de um estado de ânimo alegre e inclusive ficou para o café da manhã, embora na segunda-feira passada se foi dez minutos logo depois de despertar. De todas as maneiras, o bom humor de Max não durou muito. Seu lábio superior se curvo, até que teve a mesma forma que a banana que Neve deu, junto com um bolo de muesli sem açúcar e leite de soja.

- Este é o café da manhã? - perguntou incrédulo. - Posso preparar torradas?

- Bom, este é seu café da manhã. - Corrigiu-o Neve. - Sempre trabalho com o estômago vazio as segundas-feiras de manhã e não tenho pão em casa. Sinto muito.

Neve não sabia que fosse possível comer muesli ressentidamente, mas Max conseguiu. Não queria começar a nova semana com uma nota tão amarga, apesar de que o pensamento da reunião do Conselho de Administração da tarde de quarta-feira formou um nó no estômago. A qual era outra boa razão para não tomar o café da manhã; não estava segura de ser capaz de manter nada.

- Na realidade, este muesli não está tão mal, - anunciou Max repentinamente. Sempre e quando me assegurar de que há ao menos duas passas em cada colherada. - E posso tomar café, não?

Não me privaria de café.

Três taças depois, Max retornou seu usual estado alegre e preparado para ir. Neve caminhou com ele e Keith até o corredor, sua mente já estava em seu treinamento e o que diria a Rose e Chloe, e inclusive Phillip, se é que encontrava algumas reserva de coragem e os confrontaria sobre sua campanha de sussurros. Era claramente evidente que os três planejavam lançá-la sob um ônibus para manter seus próprios trabalhos. Depois de tudo, tinha passado um tempo desde que Rose a encontrou enviando uma carta pessoal na correspondência e... - e possivelmente durante a semana não é uma boa ideia, mas deveríamos ter outra oportunidade no domingo seguinte.

Neve notou que Max falava sobre algo importante, julgando por sua expressão séria. Inclusive Keith a observava solenemente.

- Uma oportunidade do quê?

- Dormir juntos! - Max empurrou seu braço. - Se não podemos dormir juntos sem que vá na metade da noite, então esta relação está condenada ao fracasso.

- É uma relação panqueca. - recordou Neve.

- O que seja! Sabe o que é para mim compartilhar a cama com uma mulher com a qual não tive relações sexuais? E me levantar às seis e meia sem uma palavra de queixa?

Deu uma cotovelada em se braço e lançou esse sorriso pícaro que derrete a todas.

- Acredito que cresci como pessoa. - Só seria um lucro se eu fosse sua namorada de verdade e se você na realidade quisesse ter sexo comigo - disse Neve. - Mas não sou e não o fez.

- Cristo! Não se pode ter as duas coisas, Neve! Sei que está se guardando para esse tipo, William, e sou a quem permite alguns beijos e andar a provas antes de ter que parar. - Max franziu o cenho. - E começa a soar como uma namorada de verdade. Tem a parte irritado à perfeição.

- Não dormi. - grunhiu Neve, e notou que nenhuma vez tinha grunhido a ninguém antes. - Tem uma ideia de quão difícil é ir treinar duas horas sem dormir?

- Não sei, nem me importa.

Ambos deixaram de caminhar, muito melhor que ficar quietos e olhar um ao outro. Neve não sabia quanto tempo permaneceu ali, mas ao final deu um pequeno suspiro, derrotada.

- Não tenho tempo para isto. Gustav ficará furioso se chegar tarde.

Ela esperava que Max espetasse algo.

- Como é! - Em vez disso, ele tomou seu queixo em uma mão. - Você está bem? - Quis saber. - Há algo te incomodando, além de nosso fracasso de dormimos juntos?

Neve não havia dito para Max sobre a Junta Geral, nem de seus medos de ser despedida por má conduta. Nunca perguntava sobre o trabalho e já tinha dado perseverança de que o Arquivo era onde só usavam antiquados trajes antiquados, e que estava muito longe de seu mundo de festas e celebridades má monopolizadas. E certamente não podia dizer que ela e William tiveram sua primeira discussão.

- Não é nada. Só coisas aborrecidas do trabalho. Diria isso, mas te deixaria em estado catatônico - murmurou ela, voltando a cabeça para que Max tivesse que deixar cair a mão imediatamente. - Tenho que ir. Te ligo durante a semana.

Logo se afastou, porque Gustav realmente estaria furioso com ela se não se punha a correr.

Quando estava aponto de cruzar a rua, um impulso fez que Neve se girasse, embora só fosse para ver Max e Keith caminhar na direção oposta. Mas Max ainda se encontrava onde ela o deixou, e quando apanhou o olhar de Neve, em

vez de levantar sua mão e saudá-la como uma pessoa normal, Max fico ali, olhando-a de maneira que Neve não teve outra opção que começar a caminhar de novo, suas bochechas vermelho fogo, como se tivesse sido pilhada fazendo algo completamente horrível.

Era o tipo de situação que gostaria de falar com a Chloe e pedir seu conselho, o qual já não era uma opção.

Quando chegou em casa do trabalho essa tarde, encontrou uma nota de Charlotte metido debaixo de sua porta. *“Quando vai fazer algo com sua bicicleta. Tira de meu caminho. Não direi isso outra vez!!!!!!!!!!!!!!”*

Por um breve momento, um leve sorriso apareceu no rosto de Neve e por um momento até mais breve, contemplou bater na porta do Charlotte para pedir conselhos de relações, embora só fosse para que a cabeça de Charlotte pudesse explorar.

De todas as maneiras, inclusive se Charlotte não fosse Charlotte, com pura maldade correndo através de suas veias em vez de sangue, era dificilmente uma perita em relações. Ultimamente, ela e Douglas têm a mesma briga uma e outra e outra vez.

- Fecha a fodida boca!

- Não, você fecha a fodida boca!

Sempre estava Celia, mas se Neve dava a entender que nem tudo ia bem no paraíso das panquecas, Celia saíria com cinquenta diferentes variações de *"disse isso"* e estaria incrivelmente petulante a respeito. Assim quando Neve foi com Celia e Yuri a noite antes da Junta Geral para empacotar a mala de Celia porque ela voaria para Berlim por um caso de moda do Skirt, decidiu ficar calada.

Não foi difícil. Celia estava mais interessada em quantas opções de vestuário necessitava para cinco dias, e enquanto Neve diligentemente pregava roupa e se assegurava de que todas as garrafas e frascos de cosméticos estivessem bem fechadas, Celia revisava em seu iPhone o clima em Berlim, então teve que chamar Grace para averiguar quantos vestuários tinha que empacotar, e tudo o que ficava para Neve era fazer bola das meias de Celia e as pôr em seus sapatos, quando finalmente Celia se dignou a falar com ela.

- Assim, bom, queria te perguntar se está planejando deixar Max no próximo par de dias? - perguntou esperançosa. A cabeça de Neve disparou de sua contemplação silenciosa à mala da Celia. - Por quê? Ele falou algo?

Celia não notou a tensão de Neve, enquanto ela estava de pé no espelho com calças estreitas e uma blusa ajustada, com uma sandália plataforma em um pé e uma bota na outra.

- Atrevo-me a arriscar e usar uma sapatilhas abertas. -, refletiu, antes de voltar-se para Neve. - É que seu aniversário é este fim de semana e Grace diz que se vocês seguem saindo de mentira, deveria colaborar com mais dinheiro para o

presente do Departamento de moda. Continuará saindo com ele?

Quanto ao que Neve sabia, ainda saíam, mas Max nem sequer havia dito que era seu aniversário, possivelmente ele não imaginava que seguiriam saindo de mentirinha por muito tempo.

- Suponho. - que sim, disse sem muito entusiasmo.

- De acordo. Pode me emprestar cinquenta libras, então?

Neve jogou um par de meias três-quartos em bola em Celia, mais errou por uns bons poucos metros.

- Não, não posso! São três dias antes que me paguem e estou em banca rota. - e agora tinha que comprar um presente de aniversário para Max, também.

- Mas são três dias antes que paguem o meu também, e ganho menos dinheiro que você - assinalou Celia.

Era difícil de acreditar, quando Neve ganhava quatorze mil ao ano menos impostos, antes que Celia encontrasse realmente um trabalho que pagasse menos.

- Mas não tem que pagar renda, nem hipoteca.

- Bom, você tampouco - fungou Celia. - Vamos, não seja miserável.

- Não estou sendo miserável - disse Neve, indignada. -Teria um montão de dinheiro se não o desperdiçasse em botas e jeans que ficam curtos.

- Chamam-se calças curtas, avó.

- Bom, eu estou pagando dois empréstimos estudantis e cotas ao ginásio e honorários ao Gustav... E tem uma ideia de quanto custa uma semana de frutas e vegetais orgânicos?

- Inquiriu Neve. - Não te vou emprestar mais dinheiro. Nunca, nunca me paga.

Era um ponto justo, porque segundo os cálculos de Neve, Celia devia mais de mil libras, mas era algo que nenhuma das duas mencionava. Além de agora, porque Neve se encontrava de mau humor e Celia era a única pessoa com a qual se atrevia a tirá-lo.

- Que insolente. - Celia chutou sua bota e ficou com uma perna em seu salto plataforma, mas as acertou para emitir grandes quantidades de desgosto. - Se não for emprestar dinheiro, então seria de grande ajuda expulsará o Max, assim só terei que pôr vinte libras.

Neve não tinha considerado, mas deixar Max poderia ser uma solução a muitos de seus problemas que atualmente a afundavam.

- Bom, pensarei. - disse e nem sequer tratou de ser graciosa, mas Celia sorriu

e fingiu consultar o calendário em seu telefone.

- Uuhu, Neevy! Disse que sairia com ele por dois meses e ainda tem quatro semanas.

- Deu a sua irmã um olhar severo. - Sabe o que dizem das pessoas que abandonam, não?

Capítulo Dezoito

Rose tinha pedido sanduíches do Pret Ao Manger para a Junta Geral Anual. Estavam colocados em bandejas na sala de (o Arquivo foi fechado aos visitantes em honra a tão leitura auspiciosa ocasião), junto com uma bandeja de fruta de aspecto enrugado.

Neve se deteve na porta e olhou os sanduíches com consternação - Rose sabia que só podia comer carboidratos. Sabia, e era evidente que não se importava, porque já pensava em Neve como uma ex-colega.

- Não fique aí parada, Neevy. - grunhiu Chloe detrás dela. - Se mexe!

Os cinco Diretores sempre se sentavam no lado da janela da larga mesa que se estendia ao longo da habitação, e o pessoal do arquivo se abarrotava com o passar do outro extremo. Mas não era tão simples como isso, porque ninguém queria ficar perto do Sr. Freemont. Não só por seu mau humor, mas também porque tinha sérios problemas de aroma, o qual não era de sentir saudades quando usou o mesmo par de calça cinza, camisa cinza e jaqueta de ponto marrom todos os dias durante os três anos que Neve tinha trabalhado no Arquivo. Poderia ser um dia chuvoso, brilhante, haver uma onda de calor, e inclusive nevar, mas o Sr. Freemont nunca deixava de trabalhar e tampouco tirava o traje a julgar pelo fedor que emanava.

Assim escolher um assento na Junta Geral Anual, ou em qualquer reunião que o Sr. Freemont assistia, era como um jogo de cadeiras musicais. O resto do pessoal se empurrava, de lado e, no caso de Chloe, esforçava-se por assegurar uma cadeira o mais longe possível do Sr. Freemont. Neste momento, balançava seu peso de um pé a outro pela área de recepção, esperava que o Sr. Freemont entrasse na sala e tomasse seu assento. Às cinco com um minuto exatamente, ele irrompeu na sala, detendo-se com cada pessoa, momento cheio de suspense, e logo caminhou intencionalmente para a uma cadeira na metade da mesa exatamente - mas não se sentou.

- Não fiquem aí parados - Exigiu em tom lamentoso a seu pessoal. - Sentem-se!

Ninguém se moveu, além de Neve, que deu um tímido passo para frente.

- Não faça isso Neve - sussurrou Phillip em seu ouvido, mas não fez caso porque estava zangada com ele, e avançou pouco a pouco por diante do pessoal até galopar para o outro extremo da mesa quando o Sr. Freemont se sentou exatamente no mesmo nível que a bandeja de sanduíches, que foram colocados à esquerda do centro, tal como o fazia cada ano.

Neve se permitiu um leve sorriso de triunfo quando Rose foi empurrada quase voando por um das estudantes de doutorado e perdeu segundos preciosos,

assim ela não teve mais remédio que sentar-se ao lado do Sr. Freemont, com a cara para o outro lado e gotejando ódio absoluto por todos seus poros.

Depois de quinze minutos de bate-papo desconexo e comendo sanduíches que resultaram deliciosos porque o Sr. Freemont não os havia mexido com seus dedos fedorentos (era uma certeza absoluta e inequívoca de que não lavava as mãos depois de fazer xixi), os cinco Diretores desfilaram.

Ali estava o velho que ficava dormido nos primeiros cinco minutos. Detrás dele se encontrava professor de História Medieval da Universidade College London, que sempre queria saber por que não se arquivou qualquer material escrito antes da década de 1700. Neve não gostava da mulher despenteada do Conselho das Artes, mas tampouco gostava de Jacob Morrison, super-agente literário, com seus trajes caros, ar de superioridade e a forma que sempre olhava através dela. Fechando o desfile estava a presidenta da Junta, Harriet Fitzwilliam-White, cujo pai tinha baseado o Arquivo e, em geral, considerado pelo pessoal como mentalmente não competente, o suficiente para proteger seu legado. O ano passado, Neve pensou que ela e Rose poderiam chegar aos tapas sobre o espinhosos tema da atualização do Windows98.

Era impossível que Neve se afundasse em sua cadeira de respaldo duro como todos outros quando a reunião começou. Ela se sentia muito ansiosa para desabar-se e foi repassando mentalmente o apaixonado discurso que daria em defesa de sua ética de trabalho quando chegasse o momento. O momento demorou muito em surgir. Em seu lugar, passaram uma hora de conversa sobre a última Junta Geral Anual, antes de passar a outros pontos da agenda.

Foi igual como sempre foi. A única boa notícia foi que tinham assegurado um financiamento de um par de pequenos legados e uma subvenção de um montão de livros-de-amor fazem bem, mas não pareceu muito financiamento. Certamente, não o suficiente para manter quatro membros de tempo completo, uma variedade de tempo parcial e mantê-los com notas Post-it e bolsinhas de chá. Não é que ninguém parecesse especialmente preocupado, embora fosse difícil de dizer. Quando Nevar escaneou os rostos reunidos se encontrou com olhadas perdidas.

O Sr. Freemont foi o único empregado do Arquivo que realmente falou, e explicou pedantemente seus critérios de seleção das últimas aquisições, e expôs a possibilidade de contar com um procedimento de seleção mais estrito para permitir o acesso ao Arquivo. Sentou-se com muita segurança desde que ele apanhou a Nossa Senhora da Muito santo do Lenço fazendo estalar uma hortelã em sua boca enquanto estava na sala de leitura. - ... Apesar de que eu gostaria de chamar sua atenção sobre a pouca atenção que põe em Recepção, o regulamento estabelece claramente que toda comida e bebida está estritamente proibida.

Neve começava a sentir-se menos ansiosa e mais como em realidade pudesse morrer de aborrecimento. Ela afogou um bocejo e chamou a atenção da Mary Vickers do Conselho das Artes, que sorria.

- Bom, isso certamente deu a todos, algo em que pensar, George - disse Jacob Morrison de repente, interrompendo o Sr.

Freemont na metade da oração. - vamos passar a qual outro assunto agora?

- Eu não terminei o senhor Freemont - lhes recordou. - Também queria falar sobre o bengaleiro em...

- Por favor, George, eu gostaria de sair daqui algum momento antes da meia-noite - disse Mary Vickers, com um ligeiro sorriso compungido, como se estivesse fascinada pela conversa, mas tivesse outro compromisso muito importante.

O Sr. Freemont se acomodou em sua cadeira com um ofendido bufo e Neve se segurou a borda da mesa porque *Qualquer Outro Assunto* podia significar algo. Talvez, Rose também tenha descoberto que às vezes enviava fax para sua mãe na Espanha, quando não havia ninguém por perto, e isso era provavelmente um motivo de demissão imediata.

- Assim, Qualquer Outro Assunto? - Harriet Fitzwilliam-White olhou ao redor da mesa sem muito entusiasmo.

- Sim. A Rose e eu gostaríamos de falar de algo -disse Chloe, em realidade atrevendo-se a ficar de pé. - Temos uma proposta para tomar o Arquivo no século XXI e atrair novas fontes de ganhos, também.

- Pensei que tínhamos falado disto, Chloe – espetou o Sr. Freemont, orvalhando miolos de pão em cima da mesa porque comia o último sanduiche de camarão. - E deixei meus pensamentos perfeitamente claro.

- Sim, é certo. - disse Chloe, olhando diretamente para Jacob Morrison enquanto falava, e Neve se deu conta de que Chloe levava um lápis de lábios muito mais escuro do que normalmente usava, e um inteligente vestido cinza e uma jaqueta com pinças que a faziam parecer muito melhor que com suas usuais calças e pulôver.

- Mas possivelmente fui eu quem não foi muito clara, já que não pareceu entender o conceito de incorporar em nossas fontes ganhos próprios, e demonstrar que não somos dependente de doações.

- Isso é certamente algo que eu gostaria de ouvir- disse Jacob Morrison, descansando de novo em sua cadeira. - Quem não ama uma nova fonte de ganhos?

- Não tomará muito tempo - disse Rose secamente. - Fiz uma apresentação no PowerPoint.

Houve um leve murmúrio elevando-se. Neve ainda não estava completamente emocionada, já que tinha a horrível sensação de que uma maneira de conseguir uma nova fonte de ganhos era desfazer-se dela com seu salário anual de quatorze

mil e trezentos e quarenta e sete libras (antes de impostos) para assegurar parte da recopilação literária quente. Ela tampouco sabia que o Arquivo possuía uma equipe que era capaz de produzir uma apresentação no PowerPoint sem que se apagasse.

Todos os outros pareciam muito mais entusiasmados quando Chloe começou a falar e Rose pulsou botões em um velho computador portátil. Seu plano era começar a digitalização do Arquivo e a introdução das cotas de abono, assim como unir-se com outros arquivos literários e bibliotecas acadêmicas para criar uma base de dados dos escritos de personalidades já mortas.

Ao parecer, havia todo tipo de organizações fazendo fila para financiar um projeto tão inovador. Em realidade, isto parecia capaz de realizar-se, apesar de que Neve podia ver uma grande quantidade de trabalho extra em seu futuro, se é que conseguia manter seu trabalho.

Talvez queressem contratar um menino gênio dos computadores, pensou, enquanto olhava a mesa e viu como a cabeça do Sr. Freemont se afundava mais e mais na derrota, o qual fazia que as três gordurentas mechas de cabelo que se penteava por cima de sua cabeça calva fossem ainda mais proeminente.

Não podia deixar de sentir lástima por ele, e não pela primeira vez tampouco. Sim, cheirava fatal e era grosseiro, resmungão e também misógino, já que sempre tenta rechaçar qualquer nova aquisição de mulheres escritoras, mas Neve sabia o que era não encaixar. Duvidava de que o Sr. Freemont tivesse se encaixado em qualquer lugar de sua vida, por isso não era de sentir saudades que tivesse dado as costas à higiene pessoal e boas habilidades sociais.

Chloe e Rose tinham terminado sua apresentação e compartilharam um pequeno sorriso satisfeito acima de todo mundo, exceto a Neve e o Sr. Freemont, lançaram perguntas, o qual era absolutamente desconhecido em uma Junta Geral Anual. Pelo geral, só fala quando é necessário e passa o resto do tempo evitando o contato visual.

Jacob Morrison tirou seu BlackBerry e anotou uma reunião com Chloe, Rose e Harriet Fitzwilliam-White para discutir o assunto. Chloe estava radiante, Rose tranquila por sua vitória e o Sr. Freemont abria a boca, só para fechá-la de novo, quando se deu conta de que a digitalização do Arquivo ia ocorrer gostasse ou não. Neve viu Phillip dar um polegar para cima, e a luz se fez finalmente.

Neve se removeu em sua cadeira, disposta a que a reunião terminasse agora, para que pudesse retornar à segurança do escritório no porão e evitar ao Sr. Freemont, preferivelmente pelo resto do ano, porque estaria em um estado de ânimo asqueroso depois disto.

- Há outra coisa que queríamos discutir - anunciou Rose, uma vez que o rebuliço se acalmou. - Trata-se de Neve. Todos se voltaram a olhá-la, incluído o velho Sr. Granville, que não tinha podido dormir com toda a emoção.

Neve sentia um rubor ardente nas bochechas, era estranho que o resto deles

se tornaram frios como o gelo. - Olhe, se trata-se dessa carta - tropeçou-se, a coisa é que... havia uma fila na agência de correios e...

- Trata-se de Neve - repetiu Rose, olhando a Neve em silêncio -, e uma mulher chamada Lucy Keener, que morreu um par de anos atrás. Nunca teve nada publicado...

- Em realidade, ela tinha dois poemas o Tempo e Maré - interrompeu Neve, e logo guardou silêncio quando Alicia, um dos trabalhadores a tempo parcial se sentou a seu lado e deu um beliscão de advertência na coxa.

- O qual é provavelmente porquê o Sr. Freemont não sentia que ela tivesse um lugar para seu patrimônio literário no Arquivo - Rose seguiu sem problemas, como se Neve não tivesse falado. - Embora, isto é perfeitamente compreensível, pensamos que a decisão deve ser reconsiderada.

- É algo que todos sentimos muito fortemente, graças a Neve, que defendeu incansavelmente a Lucy Keener - disse Philip, logo que Rose chegou ao final de sua oração, e Neve se perguntou se realmente tinham ensaiado isto, porque, quando Chloe começou a falar do muito que todos tinham querido ler Dançando na Borda do Mundo, deu a impressão de que era algo muito gentil.

Ela se sentou ali em um silêncio congelado e, um por um, os outros membros do pessoal intervieram pelo amor de Lucy. Não sabia se estava zangada com eles porque planejaram defendê-la a suas costas ou levantar-se para poder abraçar a todos e cada um deles. Ela nunca teria tido coragem de advogar pelo caso de Lucy ante a Administração.

- E Neve inclusive começou a escrever uma biografia do Lucy Keener - terminou Phillip com orgulho. - Tem-na, Neevy?

- Bom, eu não o chamaria uma biografia - murmurou, a cabeça inclinada para poder olhar o rastro de miolos de pão do Sr. Freemont. - Começou como uma cronologia da vida de Lucy, enquanto tratava de reunir sua correspondência e seus jornais e em certa forma, bom... Isso foi o que ocorreu. - Ela franziu o cenho e chegou até ponto morto e agonizante.

Houve um silêncio, alguém tossiu e Neve levantou a vista para ver a Mary Vickers dando um sorriso alentador e inclusive tinha toda a atenção do Jacob Morrison, que não eram necessariamente uma coisa boa.

- Assim, Neve, pode nos contar um pouco a respeito de os do Lucy Keener? - perguntou.

Ela balbuciou uns quantos primeiros fatos cronológicos a respeito de Lucy, logo se deteve. Isto não era difícil, não pediam encontrar a raiz quadrada de algo, e ela o devia a si mesma e Deus, devia a Lucy Keener por sobre tudo, não arruinaria isto. E depois Neve pensou que o resto foi fácil.

Neve não sabia quanto tempo falou, embora em um momento, os

trabalhadores se foram e Rose se levantou para acender as luzes, mas eventualmente quando pôde ouvir que sua voz foi voltando-se rouca, tentou contê-lo.

- ... e ela se envergonhava do Charles por trair a seu país e trabalhar para a KGB, mas também se sentia em parte responsável porque tinha introduzido ao Socialismo. Quando ele deixou a sua esposa e sua família e fugiu para a Rússia, ela foi com ele... Era a única maneira de estarem juntos. Mas estava horrorizada pelo que viu ali e retornou a Inglaterra dois anos mais tarde para encontrar a si mesmo por completo condenada ao ostracismo, não só por desertar, mas também porque fugiu com um homem casado, um membro do Establishment que se converteu em traidor, e o destruiu. Não escreveu nada durante trinta anos, logo começou de novo. Seus últimos poemas e contos, são só... Bom, são uma espécie de rompe corações.

Houve outro silêncio, quando Neve se deteve e tragou forte porque não tinha pensado que ficaria tão emocional com um nó na garganta falando de Lucy. Sorriu fracamente e esperou que alguém dissesse algo.

- Esta Lucy Keener, certamente parece ter tido um grande efeito sobre você - Disse Harriet Fitzwilliam-White. Era a primeira vez que dirigia a palavra. - Posso recordar quando Charles Holden desertou; os documentos deixaram entrever que poderia haver uma mulher envolta, mas nunca a nomeou.

- Bom, a família da Laura Holden, a esposa do Charles, estiveram muito bem conectados e trataram de manter os detalhes o mais longe possível da imprensa - explicou Neve. - Já era bastante mau que Charles fosse um traidor, sem ser um adúltero também.

- Provavelmente, deveria ler esta novela então - disse Jacob Morrison, embora não soou excessivamente interessado ante a possibilidade.

- Não pode O Sr. Freemont tinha permanecido em silêncio todo este tempo, embora periodicamente sua língua deslizava fora de sua boca para que pudesse molhar os lábios secos. - Neve está sobre estritas instruções de enviar todo o referente ao Lucy Keener ao advogado que administra seus bens.

George, acredito que é bastante óbvio que tudo referente a Lucy Keener não foi enviado a nenhuma parte - disse Mary Vickers brandamente. Ela parecia muito divertida por tudo. É muito emocionante. Talvez a Sra. Slater tem descoberto uma nova estrela literária.

- Assim, Neve, tem uma cópia desta novela? - perguntou Jacob Morrison, e pela vida dela, Neve não sabia se ter todos os papéis de Lucy era algo bom ou uma possibilidade de ser despedida. Lançou um olhar suplicante ao Chloe.

- Têm guardado fora daqui. - disse Chloe, soou muito melhor que admitir que se encontrava em uma caixa no quarto de hóspedes de Neve. - Também querará ver os primeiros capítulos da biografia que Neevy tem escrito.

- Ao invés disso, por que simplesmente não me dá uma sinopse? Não mais de duas páginas - sugeriu Jacob, alcançando o bolso interior de sua jaqueta para extrair um cartão de visita. - Pode enviar uma cópia do manuscrito a este endereço?

Neve se estirou para pegar o cartão e agradeceu e sorriu e assentiu, mas sabia que Jacob só tinha pedido que escrevesse uma sinopse só por ser cortês, em grande parte da mesma maneira que provavelmente só leria a primeira página de Dançando na Borda do Mundo e decidiu que não tinha mérito literário. Ele era um super—agente com um par de ganhadores do Prêmio Man Booker em sua lista de clientes e pelo menos três novelistas de compra que sempre estavam nas listas dos mais vendidos. Não queria - conseguir - a novela e Neve quase não queria enviar o manuscrito, porque se sentia muito protetora de Lucy - essa tinha que ser a razão pela qual o universo (ou um advogado de Lucy) tinha crêdulo seu patrimônio literário a Neve.

A reunião terminou finalmente. Neve era dolorosamente consciente dos olhos entrecerrados o Sr. Freemont descansando pela primeira vez nela, e logo em Chloe e Harriet Fitzwilliam-White deu os agradecimentos a todos por assistir, como se tivessem tido alguma outra opção. Logo, os Conselheiros foram levantando-se, Jacob Morrison deslizou a Chloe outra de seus cartões, enquanto caminhava junto a ela.

Chloe, Rose, o Sr. Freemont e Neve se sentaram ali, escutando o som de cinco pares de pés partindo sobre o chão no vestíbulo. O Sr. Freemont esperou até que ouviu fechar a porta detrás deles, logo se voltou para Neve, seu queixo débil oscilando com fúria.

- Bom, eu nunca esperei isso de você, Srta. Slater - vaiou, Neve se encolheu em sua cadeira. Havia sabido que teria que suportar o peso da ira do Sr. Freemont. Ele não se atreveria a começar com Rose ou Chloe, porque nem sequer pretendiam respeitar sua autoridade. - Eu expressamente ordenei devolver esses papéis. O que tem feito... Bom, é um roubo.

- OH, não, não é, George. - replicou Rose, e Chloe aproveitou a distração para escapar da habitação. - Não é nada como roubo. É uma lástima que dedique menos tempo escrevendo a respeito de meu uso excessivo das notas Post—it e passes mais tempo pensando em maneiras de gerar novos negócios.

Não estamos aqui para gerar novos negócios, estamos para proteger o patrimônio literário - espetou o Sr. Freemont de volta. Uma vez que começaram este tema em particular, estariam falando-o durante horas, por isso Neve se sentiu perfeitamente justificada por saltar e correr para a porta com um murmurado - sinto muito - que jogou por cima do ombro.

- Quero falar você! - gritou com fúria a Chloe, quem corria pelas escadas que conduziam ao porão. - Pare aí mesmo!

Chloe não se deteve, mas sim esperou Neve na parte inferior dos degraus, as

mãos nos quadris e uma expressão inocente em seu rosto.

- Tudo está bem Neevy - disse ela com recato. - Não há necessidade de me agradecer.

- Devo te agradecer por me tomar completamente por surpresa? - Protestou Neve. - Uma advertência teria sido agradável. - Bom, olhe, eu não pensei nisso, mas Rose e Phillip disseram que você fingiria que estaria de acordo com isto, logo teria um ataque de pânico cinco minutos antes de entrar na reunião e se acovardaria - revelou Chloe.

- Eu não faria isso - disse Neve, franzindo o cenho enquanto pensava nisso. - Exceto, faria-o totalmente.

- Não contar foi um ato de bondade - Chloe entrelaçou seu braço com o de Neve. - E tudo saiu bem ao final, não?

Não acredito que Jacob Morrison vá gostar da escritura do Lucy. Quase não há sexo na novela. - Além disso, há um pouco no beco durante o blecaute. - Recordou Chloe ao entrar na cozinha, já que não fazia falta dizer que ambas precisavam de uma xícara de chá revigorante. - Isso foi seriamente quente, sem nem sequer mencionar partes específicas do corpo. De todos os modos, ele é só um agente...

- Um super agente!

- Sim, mas se ele não conseguir, então alguém mais o fará. - Chloe encheu a chaleira. - E esse alguém mais vai querer te representar também, como biógrafa oficial da Lucy Keener. - Eu não sou uma oficial de nada. Honestamente, eu só comecei a escrever só para ver se podia. - Neve negou com a cabeça. - Eu sozinha... Não se trata de mim, Lucy merece ser publicado.

- Então, o que perdi? - perguntou Phillip da porta, porque se tinha largado da reunião com o resto do pessoal uma hora antes que de terminou.

Como Neve se fazia encarregada de preparar o chá, Chloe começou a informar sobre os detalhes de como Rose enfrentou com as bochechas rosadas e irritada o Sr. Freemont. - Esse homem pequeno e horrível - disse a ninguém em particular - Quando irá fazer o favor de fazer uma aposentadoria antecipada?

Era uma pergunta retórica que surgia ao menos uma vez ao dia, assim que ninguém se incomodou em responder. Além disso, Neve tinha uma pergunta própria.

Assim, por que não me disse da digitalização do Arquivo? Você fez uma apresentação no PowerPoint - acrescentou em tom acusador. - Eu poderia ter ajudado.

Phillip pôs seu braço sobre seus rígidos ombros.

- Duas palavras: Santa Secreto!

Neve escorreu de debaixo do braço do Phillip, porque os três estavam rindo. Dela, não com ela. Porque não havia nada sobre o assunto do Santa Secreto do ano passado que Neve o encontrasse remotamente divertido.

- Não quis dizer a Alicia que você foi sua Santa Secreto, mas ela sabia que eu sabia e ela não parava de me dar a lata a respeito. E logo me disse que conseguiria que Chloe me tirasse a informação... - Neve colocou as mãos em seu cabelo, desfazendo-se dos grampos que seguravam o coque. - Nada disso foi minha culpa. Foi culpa de todo mundo por me dizer a quem devia dar de presente. Rompi-me sob a pressão.

- É por isso que não te disse sobre a Operação Digital - disse Rose. Trinta minutos e teria confessado tudo ao Freemont. - Não trinta minutos - queixou-se Neve.

Você talvez não tivesse trabalhado por um dia reconheceu Chloe. Vamos, Neevy, não dissemos isso por seu próprio bem.

- Foi horrível. Sabia que algo passava e pensei que fossem dizer aos Conselheiros que me despedissem para economizar um pouco de dinheiro admitiu Neve, e enquanto se ouviu dizer as palavras em voz alta, notou o muito pouco provável que o cenário poderia ter sido. Phillip negou com a cabeça.

- Por que pensaria algo como isso?

- Sim, por que o faria? - Chloe fez uma careta daninha. -Estou realmente ofendida que pensasse isto. Você é uma de minhas melhores amigas, Neve!

Neve se retorcia impotente.

- Sinto muito, mas todo o cochicho nas esquinas tirou o pior de mim. Sou muito propensa à paranoia, quando as pessoas não fazem contato visual comigo.

Rose estava sem dúvida fazendo contato visual com Neve, o contato visual que transmitia decepção e incredulidade.

- Acredito que é hora que vá a outra Oficina da Deusa, porque o primeiro, obviamente, não conta. Chloe tinha outras ideias.

- Sabe o quê? - disse, deixando sua xícara no corredor. - O chá não fará efeito. Vamos para um bar.

Capítulo Dezenove

Uma hora depois que chegou a casa, Neve estava completamente vestida no banheiro, com um computador portátil nos joelhos e uma toalha de cunha debaixo da porta, assim Charlotte não seria capaz de ouvi-la quando começasse a escrever sua sinopse.

E apesar de Neve não queria má sorte a si mesmo, ia muito bem. Tinha escrito seu nome e o título de trabalho da biografia: Dançando na Borda do Mundo, sem deter-se. Inclusive tinha obtido um parágrafo completo que explicava o por que ela escrevia uma biografia sobre uma mulher que ninguém tinha ouvido falar, e agora olhava uma greta no teto e tentava decidir se Jacob Morrison precisava saber o nome da escola de gramática que Lucy tinha frequentado.

Neve olhou os jornais de Lucy cuidadosamente empilhados em seu tamborete de banho, e esperava que a inspiração desse um salto e tomasse pela garganta, quando soou o telefone. Agarrou-o e respondeu no curto prazo de dois toques, porque era justo o tipo de ruído que estava acostumado a enfurecer a Charlotte.

- Olá? —Sussurrou.

- Carinha de anjo, é Max. Como está?

Agora que a Junta tinha terminado e Neve se sentia mais em controle neste aspecto de sua vida, também se sentia melhor equipada para fazer frente a Max. Não estava segura se tinha as guelras para expulsá-lo, mas não ia aguentar nenhuma tolice tampouco. Ou pelo menos, ia tentar ser dura com ele.

- Estou bem - disse em voz baixa. - E você como está?

- Muito melhor ao escutar sua voz, preciosa. - A voz de Max soava como se tivesse sido azeitada e Neve o conhecia o suficientemente bem para saber que quando ele falava assim meloso só podia significar uma coisa.

- Se quiser um favor, então simplesmente me pergunte isso e se for algo que quer que faça, então o farei. Disse.

Neve escutou Max tragar saliva.

- OH, assim agora não estou autorizado a te fazer cumprimentos, é isso?

Ela não tinha a energia para isto, não depois de um dia tão emocionalmente exaustivo e duas taças do Pinot Grigio, queria ir ao grão.

- Max, não quero brigar, mas há algo que necessita de mim?

Max fez uma pausa e Neve jurou a si mesmo que se as seguintes palavras que saíssem de sua boca fossem o indício de uma briga, mandaria ao diabo sua relação panqueca. Realmente o faria. Ou enviaria um e-mail uma vez que

desligassem.

- Bom, sim, há um pequeno favor, que quero te pedir - disse

Max, finalmente, e apesar de sua declaração anterior, Neve esteve imediatamente suspeita. Agora que Max o tinha cuspidido, recordou que quando as pessoas queria um favor dela, pelo geral envolvia a Celia pedindo empréstimos ou Rose tentando compartilhar seu trabalho.

- Está bem, peça-o já - disse, tratando de parecer entusiasta.

- Minha babá acaba de ligar e não pode cuidar do Keith quando eu estiver em Los Angeles, porque diz que Keith aterroriza a seu Cocker Spaniel, embora acredite que é ao reverso - mencionou Max com indignação. - Cristo, o cão se chama Luis. Automaticamente te faz querer que aterrorizem. E sim, Keith ladra para outros cães, mas é um latido nervoso e ele nunca...

- Quer que fique com o Keith? - Interrompeu com impaciência Neve. - Eu adoraria!

- Derek diz que o levaria para caminhar durante o dia, mas eu teria que dar a chave e sei que é muito pedir...

- Max, não há problema. Eu adoraria ter ao pequeno cachorrinho como companheiro de piso. - Está usando a voz arrepiante de novo - Max recordou com severidade. - Olhe, está segura de que não se importa?

- Não, absolutamente - Neve assegurou. - Keith inclusive poderia manter a raia de Charlotte. Não acredito que ela possa distinguir de um latido nervoso a um latido que diz: *"Se não deixar de gritar com Neve, vou desfazer sua jugular."*

- Keith jamais arrancaria a jugular de ninguém.

- É obvio que não, mas Charlotte não sabe isso. E pode vir no domingo com você e posso leva-lo para correr comigo. Não posso pô-lo em canis durante uma semana, teria um ataque de nervos. - Bom, não tem que fazê-lo -disse Neve. - Honestamente, deve ter sabido que eu diria que sim.

- Sério? Depois do ocorrido na segunda-feira, pensei que tivesse dito que eu ir a merda.

Neve escutou um ruído pela planta baixa e ficou imóvel por um segundo. A porta principal se fechou de repente e conteve o fôlego, mas o som dos passos era mais débil, em lugar de chegar a um crescendo à medida que se aproximava de sua casa. Apesar disso, baixou a voz: - Eu não fiz isso, e não uso essa palavra.

- Bom, pode ter dito vai a merda muito educadamente - riu Max. - Por que segue sussurrando? Está com alguém?

- Estou em casa - disse Neve, ainda em voz baixa. - Acredito que Charlotte acaba de sair, mas ela e Douglas estiveram discutindo toda a semana, o que a faz

realmente suscetível aos ruídos, assim estou fazendo um trabalho no banheiro. Desta maneira, só me ouve, se ela for tomar banho.

- Carinho, isto não é maneira de viver - disse Max com suavidade. - Não pode deixar que te afete.

A forma que Max a chamou "*carinho*", não foi em sua habitual maneira descuidada, quase zombadora, foi como se a palavra encapsulasse exatamente como se sentia por ela, fez que doesse a garganta.

-Sei. É só que agora estamos apanhados neste ciclo e não sei como rompê-lo.

- É como você e eu e essas brigas estúpidas que seguimos tendo, não? - disse Max, e era a última coisa que Neve esperava que dissesse. - Olhe, Neevy, digo de verdade, a maior parte da vida é uma merda e não se deve leva-la tão a sério. - No telefone, com a acústica realmente boa de seu banheiro de azulejos, todas as palavras, os sons e respirações eram amplificadas, por isso Neve podia ouvir a reticência em sua voz. - É só que parecia muito triste na manhã da segunda-feira. Como se se sentisse completamente derrotada. Estou te fazendo tão infeliz?

Neve sacudiu a cabeça com incredulidade.

- Não. Não! Quero dizer, o dormir juntos não me entristeceu e todo este experimento de encontros é muito mais difícil do que pensei que seria, não é por isso que estive decaída na segunda-feira. - Fez uma pausa. - Houve um problema no trabalho, mas tudo está melhor agora.

- Que tipo de problema? - Perguntou Max.

- É muito amável de sua parte perguntar, e o aprecio, mas ambos sabemos que meu trabalho não é o tema mais interessante da conversa.

- Neve, está me matando um pouco - queixou-se Max -, Por favor, me diga o que vai mal no Arquivo? - Max estava fazendo um esforço, apesar de Neve já haver dito que estaria feliz de ficar com seu cão, e ele não tinha chamado "*a biblioteca*" ao Arquivo, por fim Neve decidiu tomar sua palavra.

- Bom, tivemos nossa reunião anual do Patronato. - Começou vacilante, mas logo relaxou e disse tudo a respeito das conversas em voz baixa que tinha mantido sobre uma separação, intrigas e as suspeitas que correram de forma selvagem. Contou sobre o golpe de estado na Junta Geral. Inclusive falou da biografia e a forma que a desconcertava a ideia de escrever uma sinopse de duas páginas.

- Não o entendo - disse ao fim. - Já tenho escrito seis capítulos e agora tenho um bloqueio de escritor. O que é pior! Tenho uma paralisia do escritor e nem sequer acredito que Jacob Morrison vá gostar da novela de Lucy, e muito menos meus intentos aficionados em uma biografia, mas pelo menos vou tentar. OH, meu Deus, não estou segura de poder fazer isto.

Max não disse que não pudesse, apesar de todas as provas que diziam o

contrário. E não trato de dar um "*Se jogue mais, ganhe garota*" como palavras de ânimo. Ele simplesmente disse -: Por que não me disse nada disto?

- Não sei. - admitiu Neve. - Não tenho um trabalho muito interessante e você pensa que o Arquivo está povoado por lésbicas que usam suéteres de ponto.

- Não posso decidir se tiver uma má opinião de mim ou uma má opinião de ti mesma. - Max suspirou. - Não acabo de te dizer que a maioria das coisas que saem de minha boca é uma merda absoluta?

- Sinto muito. - sussurrou Neve. - Gostaria que não fosse assim. Sei que é tedioso e aborrecido. - Você não é aborrecida, Neevy - disse Max, como se o dissesse a sério. - A sinopse é algo completamente duro de escrever. Odeio. Só começa a escrever, até que pense que pode tentá-lo de novo, não se fixe nela durante ao menos vinte e quatro horas, continuando, começa a editar.

- OH! Estava acostumada a fazer isso quando escrevia ensaios em Oxford - disse Neve.

- Isso é uma grande ajuda. Obrigada.

Mas Max não tinha terminado.

- Pode me contar estas coisas, já sabe. Eu conto minhas coisas.

Neve fechou os olhos e quando os abriu, decidiu que se Max ia ser tão próximo, então talvez poderia ser muito.

- Max, ambos sabemos que há um montão de coisas que não me diz. Como por exemplo, não me disse que seu aniversário é no sábado. Tive que saber pela Celia.

Max fez um ruído depreciativo.

- Odeio meu aniversário.

- Então, qual é o plano para a noite de sábado? - insistiu Neve.

Não se zangue comigo.

No momento em que disse isso, Neve pôde sentir seus pelos arrepiando-se de ponta a ponta.

-Por que me zangaria você? - Perguntou ela, entrecerrando os olhos. - O que tem feito?

- No próximo sábado eu... Que é isto... Mandy reservou uma mesa no Ivy para mim e para ela e nossos respectivos agentes, para que possamos falar sobre o próximo livro. —Fez uma pausa. - Sinto muito, planejaram faz muito tempo.

Neve se horrorizou.

- Mas é um dia especial! - Exclamou. - Terá que fazer algo que não seja uma reunião de negócios disfarçados de um jantar de aniversário.

- Bom, logo vai arrastar-me para um clubes e não é meu aniversário real até no domingo, mas tenho que voar para Los Angeles ao dia seguinte...

- Poderíamos ir ao boliche. Celia e eu sempre jogamos boliches em nossos aniversários.

- Por favor, Deus, não. Alguma vez mais - disse Max fracamente. - esqueceu o muito que resto nos boliches?

- Mas se quer fazer algo comigo no dia de seu aniversário... - Neve deixou de falar ao dar-se conta de quão presunçosa estava sendo. - Sei que tem que te levantar cedo na segunda-feira, mas tem que vir na minha casa para deixar Keith e eu... Eu poderia cozinhar sua comida favorita, o que quiser, sempre e quando não implicar fazer a massa a partir de zero. Inclusive cozinhar algo com manteiga e creme e manteiga de porco.

- Posso ter frango assado com batatas assadas, e pode fazer pudins do Yorkshire? - A voz do Max soava melancólica. - eu gostaria disso.

- É obvio que posso. Tenho sangue do Yorkshire correndo por minhas veias - declarou Neve, embora estava bastante segura de que ela nem sequer tinha um tigela. - E pode escolher o DVD e não tem por que ser um filme para garotas. Honestamente, vou ver um filme da máfia ou um pouco muito violento tipo Quentín Tarantino que está cheio de referências de cultura popular que de maneira nenhuma vou entender.

- Chegamos a um acordo, então - disse Max, e Neve estava segura de que ele sorria. Ela também estava segura de que era hora de desligar.

- Bom, suponho que...

- Neevy? Não sei se mencionei, mas Mandy vai se casar no Manchester em um par de semanas e acredito que deveria vir comigo. Trata-se de tomar livre vários dias, de quinta-feira à segunda-feira, assim não sei se seria um problema pedir esses dias em seu trabalho. - Ouviu-o tragar. - O que você acha?

- Com quem vai casar-se?

OH! Trata-se de um jogador de futebol. Esse tal Darren. - Como não sabe estas coisas? Perguntou Max em uma voz exasperada. - Os Jornais?

- Não tenho que fazê-lo disse - Neve à defensiva. - Minha área de especialização é a literatura britânica de entre guerras, e os jornais estão cheios de coisas deprimentes sobre a economia e o terrorismo que não preciso saber. Por que é em um fim de semana?

- Vão se casar no sábado, depois de todos os convidados tenham renunciado a trazer câmaras e telefones, já que venderam os direitos para a revista Voila, mas há uma festa na noite da quinta-feira e Mandy é muito agradável e sua família

foram muito bons comigo e quero que os conheça.

- Como o quê? Como sua namorada? - disse Neve. - Não vão acreditar que sou sua namorada.

- Por que não? - Exigiu Max.

- Por minha aparência e assim, por minha forma de vestir e porque não tenho muito do que falar que não seja a literatura britânica de entre guerras.

- Pensei que eu era o que falava de lixo absoluto- disse. - Max muito brevemente, vai vir à bodas comigo? - posso pensar? - Não, tem que decidir aqui e agora - insistiu Max.

- Isso não é justo!

- Se te der tempo para pensar, encontrará uma centena de razões pouco convincentes pelas quais não poderia ir. E nunca se sabe, Neve, se vier, é possível que se divirta. Supunha-se que se divertiria mais, recorda? - Funcionou igual como quando Max dava esse olhar perspicaz, e com seu tom mais lúdico foi impossível tomá-lo a mau, o qual era uma lástima, porque umas bodas WAG seria puro inferno.

- Parece recordar que passei um bom momento em 2005. - Esperava que brincar durante está tensa negociação pudesse fazer Max abrandar-se.

- O que é de pior poderia acontecer? - Exigiu. - Tem a oportunidade de beber champanhe grátis e se misturar com alguns jogadores de futebol de primeira divisão e suas esposas e noivas. Isso não é tão ruim.

- O que de pior pode acontecer é que vou andar por aí com você e todos pensaram que estou mal vestida, sem brilho, e gorda. - Era a persistente e constante voz em seu ouvido, e Neve não podia acreditar que disse essas palavras em voz alta, a pesar do gemido de Max -, por exemplo...

- Tem a autoestima mais baixa que qualquer pessoa que tenha conhecido. - disse Max em voz baixa. - Vai ser um fim de semana divertido, muito interessante e passará setenta e duas horas se burlando de tudo e de todos à vista. É muito difícil burlar-se quando se está sozinho. - Isso soava como divertido. Mais ou menos.

- Realmente significa muito para você que eu esteja aí, para ser sua companhia de brincadeiras?

Não te pediria isso se fosse o contrário. Poderia ter convidado uma garota no Skirt ou, já sabe, escolher alguém em um clube do Manchester na sexta-feira de noite - revelou Max, e Neve sentiu algo que poderia ter sido seu coração desabando-se. - Mas não quero fazer isso. Não só porque estou farto de fazê-lo, mas sim porque quero ir com você. - O órgão interno não especificado voltou para o lugar de descanso apropriado.

- Mas não tenho nada para usar! - Max se pôs a rir.

- Realmente começa a soar como uma namorada normal. Usa esse vestido que tinha na primeira noite que nos conhecemos.

- Mas é preto. Não é errado vestir preto em um casamento?

Não é que ela tivesse aceitado ir.

- Será um tema em branco e preto, provavelmente para que Mandy possa destacar em um vestido de noiva de cor rosa ou de estampado de leopardo. Ela ama vestir manchas -murmurou Max. - E a festa será no Malmaison e vou conduzir até ali, assim que te trarei até sua porta...

- Está bem, pode parar de tratar de me convence - suspirou Neve. - Mais não vou preto.

- Bom, está bem, então. Na verdade, pensei que seria mais duro te convencer - disse Max com outro sorriso. - Portanto, estamos combinados, então?

Neve murmurou estar de acordo e olhou friamente para seu laptop, uma vez que desligou o telefone.

- E vamos tentar pela última vez dormir juntos no domingo e se ainda não poder relaxar, desistimos. - O alívio que Neve sentiu quase rivalizava com o alívio daquela tarde, quando se deu conta que seus amigos gostavam dela, e que ainda tinha um trabalho.

- Bom, ao menos somos muito bons na parte de beijar - disse ela. - Acredito que me acostumei a isso.

- Iremos pouco a pouco - disse Max. - E lembre-se, pode me contar sobre algo que esteja te incomodando e sempre e quando não se tratar do conteúdo de carboidratos em tudo o que estou comendo, não haverá julgamento.

- Bom, vale o mesmo para você - respondeu Neve, sua voz se cambaleou um pouco, porque ela se comoveu. - Inclusive coisas do trabalho. Bom, em especial coisas do trabalho porque sou um terceiro imparcial.

Fez-se silêncio, mas não era incômodo. Parecia que Neve era acusada de algo profundo e significativo, mas não sabia exatamente o que era até que Max disse - Acredito que estamos tendo um momento, não?

- Totalmente. -concordou. Então, viu um livro dentre os espalhados no piso que era a resposta a todos seus problemas. - Sinto muito, Max, mas acredito que o momento terminou. Acabo de encontrar minha inspiração.

- Bom, acredito que se chamam momentos porque não duram muito tempo. Volte para o trabalho e nos vemos no domingo.

Neve terminou a chamada e agarrou o livro que tinha visto, e logo voltou a abrir seu laptop e começou a escrever. Ao passar da semana, Neve sentiu um

vago descontentamento, como se estivesse esquecido de desligar o forno ou tivesse perdido as chaves. Trabalho, exercícios, trabalho e logo voltou a trabalhar na sinopse - em lugar de sentir-se como se tivesse uma rotina segura, começou a parecer como se Neve estivesse estancada, imóvel em lugar de avançar. O único ponto brilhante foi o envio de um livro e uma cópia de seu resumo (depois de ter sido passada por Chloe, Rose e Phillips) frente a Jacob Morrison. Neve entregou o pacote a um empregado de agência de correios, prometeu-se que uma vez que o perdesse de vista, ia fazer o possível para assegurar-se de que estivesse fora de sua mente.

- Então, pensou em Max, - Era sábado de noite e tinham passados os sábados juntos, tinha sido assim durante as últimas semanas, mas quando terminou seu treinamento da tarde com Gustav e disse que não tinha nenhum plano, convidou-a para jantar com ele e seu namorado Harry, que era uma pessoa agradável.

Não só era uma novidade ver o Gustav em roupa casual, mesmo ele se vestindo de preto, ele adorava ao Harry. Gustav disse a Neve o quanto era óbvio que ela calculava mentalmente quantas calorias havia em cada bocado de comida que comia.

Mas melhor de sair com o Gustav e Harry foi que Harry sempre embebedava Gustav (O que não era difícil, já que ele tinha menos tolerância para o álcool que Neve) e Gustav era muito risonho em estado de embriaguez. E quando o pudim do Harry chegou com três colheres, Gustav abraçava a Neve e não deixava de toca-la de uma maneira paternal, apesar de Neve dizer não.

- Se eu não fosse homossexual, te amaria mais do que já faço,

Neve - disse, acariciando seu pescoço. - Lembra-me a minha mãe.

- OH, carinho, deve te sentir muito orgulhosa. - disse Harry entre gargalhadas, enquanto Neve tentava assegurar-se de que

Gustav não babasse em seu vestido, que só devia ser lavado a seco.

- Gustav, se não parar vou comer todo o chocolate do bolo de Harry - disse Neve em advertência, mas Gustav só soprou com alegria.

- Sempre cheira bem - comentou. - Inclusive quando está muito suada.

Acredito que é hora de leva-lo para casa disse Harry, e Gustav sorriu para Neve.

- Eu adoro Harry, e também - confidenciou. - Ele tem um pênis enorme.

Neve seguia rindo enquanto ajudava Gustav na parte traseira de um táxi.

- Vou lembrar desta conversa e relembra-la toda vez que você me torturar - disse para Gustav enquanto se recostava no assento e lançou beijos até que o táxi se afastou.

Ela ficou de pé no centro do Old Compton Street, às nove da noite do sábado, e embora sabia que Charlotte estava em Brighton em uma despedida de solteira, Neve não tinha vontade de voltar para casa.

Se tivesse com Max, haveria meia dúzia de lugares para ir ou coisas para ver, mas Max não tinha o monopólio em sua diversão, decidiu Neve enquanto descia a escada rolante na estação de metrô do Leicester Square e em um movimento audaz se dirigiu à plataforma sul. A banda da Chloe, As Bonecos Fuck, estavam tocando no Brixton, e embora Neve tentasse evitar os violões chillonas e o sul de Londres a todo custo, poderia ir ali por um par de horas.

- OH, Meu Deus, o que fez que decidisse passar o controle de fronteiras? - perguntou Chloe com aspereza, quando viu Neve entrando na fila para entrar, logo deu um abraço repentino e feroz. - Me deixe pôr seu nome na lista de convidados.

Foi o estímulo de decidir ir de um momento para o outro, o que deu uma emoção vertiginosa a Neve por sua própria ousadia, que a fez desfrutar do resto da noite, apesar da música ser muito alta e alguém derramou sua taça sobre ela. O público era uma estranha mescla de meninos e jovens universitários, e Neve não só se aferrou a seus colegas do Arquivo como tinha planejado, mas tropeçou com um par de gente que conhecia de Oxford e conseguiu ter uma conversa com um homem que conheceu na Biblioteca Britânica, que também estava obcecado com Nossa Senhora da muito santo Hankie, que fez aparições ali. Inclusive esteve interessada em ir tomar um café da próxima vez que seus caminhos se cruzassem na Sala de Leitura de Humanidades. Foi um bom dia porque mal tinha fôlego para acompanhar Max, mas ainda assim, pôs um pequeno sorriso de orgulho em seu rosto, a qual ainda estava ali quando chegou em casa às duas e meia da manhã.

Capítulo Vinte

Neve não sorria quando abriu a porta na tarde seguinte e encontrou com Max apoiado contra a parede. Os olhos inchados, o rosto pálido e sem barbear.

- Está atrasado duas horas e está horrível - disse Neve, e se agachou para acariciar Keith.

- Sinto-me muito mal - queixou-se Max. Tenho uma ressaca monumental de merda e me pareceu que o ar fresco poderia me fazer sentir melhor, mas na realidade me deu vontade de morrer.

- Não tenho nenhuma simpatia por você. É totalmente auto infligido - Neve se colocou a um lado para deixar entrar cambaleando pela porta. - O Frango irá demorar acrescentou ligeiramente, Neve pensou.... a única razão pela qual o frango demorou para ir para o forno se devia ao fato que passou duas horas fazendo pudins Yorkshire a partir do zero e também que William enviou um e-mail inesperadamente do Rhode Island, onde pedia conselhos pois necessitava de sua ajuda em algumas entrevistas.

- Não estou seguro de poder comer nada neste momento. - disse Max, que desabou no último degrau. - Quando vou aprender a não mesclar a uva e o grão?

Todo o bom trabalho de sua última conversa telefônica foi rapidamente descartado, pensou Neve enquanto reprimiu um comentário molesto.

- Poderia ser capaz de ingerir uma pequena xicara de café - disse Max lastimosamente, justo quando a porta do piso de baixo se abria e Celia apareceu com a cabeça pelo oco.

- Baixem a voz espetou. - Estou com dor de cabeça, e não quero escutar brigas de namorados.

- Nós não somos. - Neve o golpeou nas costas. - E não se pode ter dor de cabeça devido a um voo de duas horas de Berlim?

- Na realidade, pode sim. - Celia cheirou o ar. - Hmmm, algo cheira bem. É frango? há suficiente para mim?

- Não - disse Max das escadas, enquanto levantava a cabeça para dar um olhar turvo a Celia. - É minha comida especial de aniversário. Não há presentes, não há admissão.

- Vai deixar que ele fale comigo assim? - Exigiu Celia. - Pode me trazer um prato quando estiver pronto? Um montão de batatas e... foda-se! que bicho é esse e por que está grunhindo? - Keith tinha se escondido detrás de Max, mas agora levantava seu focinho para ver de onde vinha o ruído. Já que provinha de

uma garota alta com o cabelo pegajoso e de pele branca fantasmal, tratava-se de uma reação perfeitamente normal elevar as orelhas e grunhir.

- É Keith, o cachorro de Max - explicou Neve, correndo para o mascote Keith, que inclusive mostrou os dentes para ela. - Ele está grunhindo porque sentiu o ambiente hostil. Ele tem mais medo de você que você dele.

- A gente sempre diz isso dos cães, justo antes que mordam e encaixem suas presas em seu braço - insistiu Celia, afastando-se um pouco de Keith, que se negou a deixar de grunhir. - ou voltar para a cama. Pode me enviar uma mensagem quando estiver a ponto de descer com meu jantar.

Neve e Max se estremeceram quando Celia fechou a porta.

- Pode subir as escadas? - perguntou Neve com aspereza, quando Max saiu. - Ou posso te arranjar uma manta e um par de travesseiros?

- Vou estar bem. - disse Max com bravura. - Só preciso descansar.

Era o aniversário de Max e ele tinha o todo o direito de passá-lo com uma ressaca, mas Neve tinha planejado todos os tipos de comidas para ele e gastou a metade de seu orçamento semanal no processo, por isso se sentia muito prejudicada, tudo o que queria fazer era jogar-se no sofá quando chegasse.

- Café - murmurou. - Preciso de café.

Neve levou um tempo fazendo o café, sobretudo porque tinha outro e-mail de William esperando por ela. É um anjo e um salva-vidas, leu enquanto esperava que o bule fervesse. Não sei o que faria sem você e espero nunca estar em condições de averiguá-lo.

William era na realidade um prêmio entre os homens, em comparação com Max, que tinha conseguido a difícil tarefa de rodar sobre suas costas enquanto ela saía da sala, e agora tinha os sapatos descansando sobre sua almofada favorita.

- Tem força para servir seu café ou precisar que eu faça por você? - Perguntou Neve mal-humorada enquanto punha a cafeteira e uma xícara sobre a mesa.

Max se sentou e se passou uma mão pelo cabelo despenteado.

- Não permite você ser insolente comigo hoje, não quando nem sequer chegou a dizer feliz aniversário. - Neve recapitulou imediatamente.

- Sinto muito. Feliz aniversário. - Aproximou-se de Max. - Quer um paracetamol?

- Pelo contrário, quero meu primeiro beijo do meu aniversário - disse Max, puxando Neve para seu colo para poder beijá-la profundamente, deslizando a língua em sua boca, com uma mão acariciando seu seio, com o polegar roçando seu mamilo, que alcançou seu ponto máximo, obediente à ordem de Max.

O antigo sofá rangeu em protesto enquanto Max recostou Neve para baixo, deixando-a esmagada entre as almofadas e seu corpo quente, duro.

- Tenho que pôr as batatas no forno - disse sem fôlego, depois do que se sentia como horas de beijos longos e doces. Max tinha desabotoado seu suéter lentamente, de modo que pôs a boca em seus seios através de seu vestido, e agora o material se aferrava umidamente a ela e seus seios se sentiam inchados e cheios. - Ainda precisa do paracetamol? - Max sorria e se via tão elegante e sexy a uns centímetros do rosto de Neve, quase não podia acreditar que o teria e o manteria pelas próximas semanas.

- Resulta que seus beijos curaram minha ressaca, Neevy. Ela ruborizou e seu sorriso se fez amplo, mais perverso, da forma que sempre fazia.

- Portanto, isso é um não, então? - perguntou, empurrando no peito para apartá-lo. - Irei pôr as batatas no forno. - Entretanto, outro correio e-mail de William chegou e Neve sentiu uma pontada de vergonha familiar. Estava William, o proprietário único e verdadeiro de seu coração, e também Max, quem seria o primeiro em admitir que ela não era firme ou confiável para tomar uma decisão em um bom momento. Eles tinham dois lugares diferentes em sua vida, mas parecia errôneo e inadequado por completo seguir aturdida e dolorida pelos beijos do Max, enquanto que rapidamente respondia à mensagem do William e perguntou se tinha escutado na rádio o podcast da Christina Rossetti.

Max estava dormindo no sofá, Keith estava recostado no chão perto das janelas, por isso Neve poderia continuar cortando as verduras e reviver a lembrança quente de todos e cada um dos beijos de Max. Logo, quando começou a sentir-se culpada, tratou de recordar cada palavra da chamada telefônica de William com ela.

Depois de enviar uma mensagem para Celia para dizer que levaria o jantar em dez minutos, Neve foi para a sala para despertar Max. Tinha estado pensando nele enquanto tirava as costelas do forno com sua mão enluvada, mas ele se via tão doce e indefeso, pela primeira vez, que se encontrou inclinando-se para dar um suave beijo na boca.

No momento em que abriu seus olhos cansados, ela estava de pé na porta.

- O jantar estará pronto em cinco minutos. - disse, enquanto soava um imperioso golpe na porta. - Essa é provavelmente Celia procurando o jantar.

Era Celia, e de pé detrás dela estava Douglas, que trazia uma bolsa do Tesco.

- Ande depressa e nos deixe entrar - disse Celia, tratando de irromper e passar ao lado de Neve, que se manteve firme. - Tenho tanta fome que poderia comer um cavalo.

- Está bem, irmãzinha? - grunhiu Douglas, Celia deu um poderoso empurrão em Neve, que não teve mais remedeio que colocar-se a um lado e deixá-los entrar.

- Ouça, Neve, diga para sua irmã que vá a merda - disse Max ao aparecer, e sua pequena sala de repente se encheu com três pessoas muito altas e um cão robusto que se mantinha farejando todo o mundo.

- Sou Douglas, o irmão mais velho de Neve. - disse Douglas, ignorando por completo Neve. - Suponho que você é o namorado e dono desse cão do demônio.

Max não disse nada a princípio, e estaria em seu direito como presumido namorado e proprietário do cão do demônio o de botar Douglas para correr do apartamento... O perfeito aniversário que Neve tinha planejado saiu de controle por completo.

Neve deixou escapar o suspiro que estava contendo, Max sorriu e estendeu a mão para Douglas, ele não teve mais remédio que estreitá-la.

- Sou Max, esse é Keith, mas estou seguro de Celia já disse. - Neve não acreditava alguma vez ter fulminado com o olhar a Celia como o estava fazendo nesse momento.

- Te disse que te levaria um prato. Qual parte não entendeu?

- Bom, sim, mas Max me disse que se não tinha presentes então não podia tomar o chá...

- Isso não era exatamente o que disse!

- E então me encontrei com Douglas, e Charlotte se foi, estive atormentada pelo aroma do frango durante a última hora - balbuciou Celia.

- Vamos, Neve, faz séculos que não temos um jantar em família - disse Douglas. - E lhes trouxemos presentes.

- É melhor que sejam presentes fantásticos - queixou-se Neve, dirigindo seus irmãos à cozinha. Ela agarrou o braço de Max quando passou a seu lado. - Lamento muito isto - sussurrou ao ouvido. - Darei comida e os colocarei para correr daqui.

- É genial. Posso surrupiar as histórias mais embaraçosas de quando era pequena - disse Max, esfregando seus lábios contra sua bochecha. - E me darão presentes, sendo assim, tudo está bem.

Mas não foi tudo bem, foi muito, muito mal, pensou Neve enquanto tratava de dar os últimos toques à comida com todos dentro de sua cozinha. Max teve que prender Keith na sala porque não parava de grunhir e Douglas teve que ir à sua casa buscar outra cadeira, a qual Neve queria desinfetar com seu gel antibactericida, já que provavelmente tinha bactérias de Charlotte por toda parte, mas finalmente, os três estiveram sentados cotovelo a cotovelo, joelho com joelho em torno de sua pequena mesa.

Neve pôs o frango sobre a mesa, ficou ali com os braços cruzados.

- Deem os presentes para Max e então lhes darei de comer - ordenou.

A bolsa do Tesco foi entregue e Max tirou duas garrafas de vinho, que Neve sabia que eram de uma promoção de duas por cinco libras e um par de meias três-quartos do Homero Simpson.

- Meu Deus, não tem vergonha?

- Olhe, eram às quatro da tarde do domingo, por isso nossas opções de compra foram muito limitadas. - Celia levantou as mãos defendendo-se. - Mantimentos. Agora, Por favor?

- Bem, bem - suspirou Neve, recolhendo a faca do pão, que ia ter que usá-la como uma faca de trinchar. - Mas estou realmente irritada com vocês dois. Nem sequer continuou sua repreensão... Ia ter que sacrificar suas batatas assadas por um bem maior, e ainda haveria o suficiente para uma segunda porção. Além disso, tinha gasto mais no frango orgânico do que geralmente se paga por um par de sapatos.

Neve se deixou cair em sua cadeira, tinha um irmão a cada lado e Max sentado frente a ela, e começou a repartir as verduras, fazendo caso omissos dos protestos da Celia de que ela era alérgica ao brócolis e as cenouras.

Não era o jantar de domingo que Neve tinha planejado, e não se incomodou em acender as velas que tinha comprado e a condenada garrafa de champanha que estava esfriando na geladeira. Tudo tinha sido arruinado.

Neve cortava uma cenoura com seu garfo e fingia escutar Celia falar sobre uma artista de tatuagem que tinha conhecido em Berlim, mas sobre tudo tratou de espiar na conversa entre Max e Douglas em caso de que Douglas começasse a questionar as intenções de Max para sua irmã. Neve pensou que isso era pouco provável. Douglas nunca se preocupava com o que ela fizesse ou deixasse de fazer.

Foi incrível ver Douglas sentado em sua mesa para comer em sua velha baixela, porque no geral raramente passava da sala e perguntava:

- Está bem, irmãzinha? - E partia do apartamento antes que ela pudesse responder. Quando Neve pensou nisso, recordou que a única conversa séria que tinham tido foi quando voltou de Las

Vegas, depois de se casar com Charlotte ante um imitador do Elvis.

- Maldita seja, tudo isso aconteceu faz anos. - Tinha gritado Douglas logo depois de Neve ter passado dez minutos divagando e explicando como doía que ele decidisse fazer Charlotte de sua esposa. - Seu problema é que se fixa muito nas coisas. Quer deixar os livros de vez em quando e sair da casa?

Mas para Douglas foi bastante fácil dizê-lo. Sempre tinha sido muito popular, sempre feliz, sorridente e muito bonito desde que era pequeno, as pessoas sempre diziam para sua mãe na rua sobre seus rasgos angélicos. Características

das quais Celia se burlava, mas ela mataria para ter suas maçãs do rosto e ele tinha o nariz e o queixo dos Slater. Também tinha herdado a altura do lado de sua mãe e seu cabelo era um castanho avermelhado que ninguém poderia jamais livrar-se com piadas de cenouras. Inclusive se o fizessem, Douglas teria rido e se unido às brincadeiras porque ele era assim, pensou Neve. Pelo lado positivo, nunca, nunca, nunca disse nada depreciativo sobre seu peso, e quando eram pequenos e seu pai gritava, e ela chorava - porque seu pai tinha um mau gênio e sempre tinha sido uma chorona-, Douglas sempre roubava para ela chocolates da caixa de bolachas para levantar o ânimo. Além disso, não poderia ser fácil estar casado com Charlotte e ser responsável pelo escritório de Londres do Slater & Filhos, Construtores Gerais. Segundo seu pai, que havia dito a sua mãe, que o havia dito a Celia que não pôde esperar para contar para Neve, Douglas fez uma grande confusão no trabalho e pediu ao tio George que fiscalizasse as coisas.

Na realidade não era tão mau, decidiu Neve. E como se Douglas pudesse ler sua mente, deixou de dar suas predições para Arsenal na temporada, para poder olhá-la e dar sua aprovação.

- Fantástica comida. Suponho que você menino tampouco está mal.

- Bom, eu gosto disse brandamente, - e Max sorriu como se fora uma brincadeira privada e só eles entendessem esta última frase.

- Está muito calada. - disse a ela. - Você está bem?

- OH, Neve não tem oportunidade de falar quando está comigo e Douglas - disse Celia.

- É ainda pior quando mamãe também está aqui, a mulher não para de falar. Papai diz que precisa de tampões para os ouvidos quando estão os três juntos.

- Sim, mas papai pode passar dias sem dizer mais de dez palavras. Lembra quando fomos ao Morecambe? - perguntou

Douglas para Celia.

Ela pôs os olhos em branco.

- Deus, sim! Sigo pensando que deveríamos havê-lo denunciado.

- O que aconteceu quando foram ao Morecambe? - perguntou Max, e foi o turno de Neve de pôr os olhos em branco.

É uma dessas histórias que são realmente aborrecidas a menos que esteja ali. E na realidade, eu estive e não foi tão divertido.

- Sim, isso é porque papai permitiu que você ficasse no carro - recordou Douglas, voltando-se para Max. - Então, fomos de férias ao Morecambe, todos juntos no Ford Mondeo, todos estávamos muito emocionados. Neve se sentou entre a Seels e eu, ao redor de cinquenta livros...

- Ela estava profundamente envolta em sua fase de Chale School nesse momento...

- Celia e eu estávamos fazendo coisas de meninos nesse momento, como jogar, contar todos os carros brancos e pretos e...

- Vocês começaram a brigar no momento em que subiram ao carro - disse Neve, interrompendo a pequena viagem pelas lembranças, já que havia muitos detalhes que tinham sido passado por cima. - E mamãe seguia dando-se volta cada a cinco segundo para gritar: *Se não se pararem neste momento, vou aí e a lbes dou uns tapas em...*

- ... *suas malditas cabeças* disseram - os três ao unísono.

E o que estava fazendo enquanto tudo isto acontecia? - perguntou Max, empurrando o pé de Neve com o seu.

- Estava tratando de ler Eustacia Goes to the Chale School apesar de Celia ficar esfregando na minha cara sua Barbie balé.

Celia tratou de parecer arrependida enquanto roía um osso de frango.

- Em minha defesa, tinha só seis anos, mas de todos os modos, papai estava tão farto conosco que parou em uma estação de serviço...

- Apesar que tinha tido que parar em cada estação de serviço porque logo que mamãe entrou no carro e o motor arrancou, sentiu sua bexiga encher - explicou Douglas, - apesar de que Neve estava segura que sua mãe não queria que essa informação fosse revelada em reuniões familiares, ou em qualquer outro momento. - Assim Seels e eu saímos do carro porque algo era melhor que seguir dentro, mas Neve não se moveu já que estava muito concentrada em Chale School, e quando voltamos para o carro já não estava ali! O que pensa disso?

- Um, não sei - disse Max. - Deram um passeio por aí quando saíram da estação de serviço?

- Nem sequer! - Choramingou Celia. - Papai só partiu sem nós. Tivemos que esperar durante uma hora e como foi na era pré-histórica antes do telefone celular não podíamos chamá-los, assim minha mãe esteve a ponto de chamar o 911 de um telefone público porque pensava que tínhamos sido sequestrados, quando meu pai voltou nos disse que não nos deixaria subir de novo, não até que prometésemos ficar calados.

- Exceto que só foram vinte minutos - disse Neve. - No máximo meia hora. E ele só dirigiu até o outro lado da estação.

Não posso acreditar que deixou que papai partisse dessa forma - disse Douglas, porque embora tinham acontecido dezessete anos atrás ainda não havia esquecido.

- Mas não me dei conta que vocês não estavam ali - explicou Neve por enésima vez.

- Nesse momento, cheguei ao capítulo em que se viram apanhados em uma tempestade de neve e tiveram que ficar em um refúgio na montanha, era fascinante.

- Diga para o Max o que você e papai fizeram quando por fim tirou seu nariz de Chalé School - ordenou Celia e Neve pensou que ela exagerava com na sua indignação, mas Max sorria, observando a cada um deles, à medida que falavam.

- Comemos ovos, batatas fritas e frijoles, compramos para depois um cornetto e papai leu o jornal enquanto eu lia meu livro, nenhum dos dois nós dissemos nenhuma bendita palavra - recordou Neve com gosto. — Bons tempos, meus amigos, bons tempos!

- Enquanto que nós tivemos que nos conformar com uns sanduíches de queijo e pepino japonês - disse Douglas. - E quando retornamos para o carro, acredito que nos arrumamos para permanecer em silêncio, mmm, como cinco minutos.

- Não, foram como dois minutos - disse secamente Neve. Ela olhou os restos de frango, se tivesse um pouco de sorte poderia fazer sopa com os ossos. - Todos terminaram?

Havia pratos vazios por toda parte, à exceção de Max que tinha uma muito solitária batata assada e rangente. Que Celia já queria alcançar.

- Se não vai comer isso, posso? - perguntou - já com seu garfo preparado.

- Não - disse Max, golpeando sua mão enquanto ela fazia uma tentativa de tomá-la. - É da Neve. Neve pôde ver Douglas e Celia trocando olhadas e piscadas quando Max entregou seu tesouro, assim fechou os olhos para desfrutar de seu pequeno momento de felicidade e carboidratos sem que eles o arruinassem.

- Obrigada, disse ela, quando terminou. Havia bolo, e não poderia ser compartilhado entre os três, mas para sua surpresa, Neve se deu conta que não queria mandar embora Douglas e Celia ainda. Embora doesse admiti-lo, tinha sido bonito ter um jantar familiar e Max não teria aberto a segunda garrafa de vinho se quisesse que se fossem.

- Então, tenho uma pergunta que quero fazer sobre sua irmã - anunciou como se fosse um perito em desenvolver a garrafa. Havia um brilho em seus olhos que Neve não confiava para nada, mas estava segura que não podia haver nada muito embaraçoso. Tinha levado uma vida irrepreensível.

- Sobre o quê? - quis saber Douglas, ligeiramente irritado, como se tivesse que defender a honra de Neve, o que era doce e muito inesperado.

Sobre, alguma vez ouviram ela falar a palavra com M? Como ela a chama -

explicou Max, enquanto Celia soltava uma gargalhada.

- Nem sequer se atreve a dizer essa palavra.

- OH, basta! - Neve tentou golpear Max com sua luva de cozinha, mas estava muito longe. - Te falei isso, eu não gosto de amaldiçoar.

- É verdade, realmente não amaldiçoa muito. - disse Celia, negando com a cabeça como se não pudesse entender por que alguém tem problema com os insultos frequentes. - Eu marco no calendário se ela disser "*Maldição*".

-Não sou tão má!

- Exceto naquela ocasião, é obvio. - Douglas se inclinou para trás em sua cadeira e sorriu com ar de suficiência.

- Que ocasião? - perguntou Neve zangada enquanto tratava de dar a Max um olhar que disse, *Pode acreditar isto?* Embora pela expressão ansiosa sobre seu rosto, ele queria acreditá-lo mais que nada.

- Aquela vez que retornou de Oxford e trabalhava todas essas horas em um ensaio e me despertou com seus gritos: *Que se foda!*

Maldito computador de merda!

Celia se sentou com as costas reta e sem fôlego.

Tinha me esquecido disso! O dia que Neve amaldiçoou, vai fazer um dia festivo.

- O que se supunha que eu fizesse? O computador acabava de morrer e eu não tinha respaldado nenhum. - Neve cobriu o rosto avermelhado.

- Existiam circunstâncias atenuantes.

- Nenhum de vocês gravou isso, verdade?

- Não haverá presente de aniversário... grunhiu em advertência, embora Max estivesse muito ocupado agarrando seu flanco pela risada para fazer caso.

- Não há fita - disse Celia com tristeza. - Apesar da lembrança seguir viva em nossos corações. Houve muitos mais "*maldições*" depois desse primeiro estalo. Mamãe fez todo o possível para conseguir que o Pai Slattery fizesse um exorcismo, porque pensava que Neve estivesse possuída.

- Não posso acreditar que tenha me escondido isto todo este tempo - disse Max entre risadas. Todos os ângulos agudos de seu rosto se suavizaram e se via pelo menos dez anos mais jovem.

Vamos, Neve, só diga. Diga a palavra com o M. É meu aniversário!

Neve enrugou a cara como se estivesse pensando seriamente nas consequências de deixar cair a M bomba, enquanto que os três se viam em expectativa.

- Nunca vai acontecer - disse ao fim. - Amaldiçoar não é algo maduro, nem inteligente e não vou ceder ante a pressão de grupo.

OH, você sempre faz isso. - Celia saltou para pretender estrangulá-la, enquanto que Neve tentou golpeá-la longe até que o falso estrangulamento se converteu em um abraço.

- Menos mal que te quero, pequena fenômeno que não diz insultos. - Celia apoiou o queixo na parte superior da cabeça de Neve e olhou para Max. - Assim, o que tem você, moço do aniversário? Tem alguma história infantil embaraçosa para compartilhar?

- Nenhuma que vá dizer-lhes - disse Max, empurrando seu prato. - Sou filho único assim não há testemunhas disse, olhou para Neve, Celia, e logo para, Douglas, um olhar longo e duro. - É genial que os três sejam tão unidos.

- Estas duas são unha e carne, mas não há maneira que eu goste de sair com minhas irmãzinhas. - Anunciou Douglas alegremente. - E vocês duas não estavam acostumadas a ser tão unidas até que Celia se largou em Nova Iorque.

- Certo - concedeu Celia, - deixando Neve ir para que pudesse começar a limpar a mesa.

- Mas estava tão irritada e zangada quando fui, e Neve tinha estado em Oxford durante três anos, assim sentia que não a conhecia tão bem, mas então... Lembra dos e-mails Neevy? Foi tão doce, e logo voou para Nova Iorque e nos divertimos muito nesta semana. Era óbvio que existia uma história de fundo, mas Max não disparou perguntas. Simplesmente esperou até que Celia retornou da pia, inclinou a cabeça e se limitou a dizer com uma voz que era tão cálida como o mel sob o sol.

- Nova Iorque?

Neve entendia por que Max entrevistava celebridades para viver. A inclinação de cabeça e a voz suave era uma combinação letal para querer se sentar o mais perto possível a esse olhar compassivo e de alívio. Bom, o teria feito se Neve não tivesse tratado de reprimir todas as lembranças dolorosas do que tinha feito Celia na estrada ao largar-se em Nova Iorque. Mas Celia não era feita de matéria dura.

Neve terminou de limpar a mesa, fez a penetrada, colocou os pratos e fez o café. Celia e Douglas ainda compartilhavam as intimidades da última comida do domingo que tinham tido em família. Tinha sido um magnífico dia dourado, as portas francesas estavam totalmente abertas o que causava uma ligeira brisa na sala de jantar. Também significa estar felizes para celebrar o primeiro dia de Neve em Oxford, os resultados de Celia no Nível-A, Douglas fazendo-se responsável da empresa familiar e os três meninos Slater dando grandes passos para o mundo.

Exceto também tinha sido a semana em que Celia tinha fracassado

espetacularmente em todos seus níveis. A, porque em lugar de estudar tinha estado saindo às escondidas de casa para encontrar-se com suas amigas e conversar com os meninos.

Douglas tinha estragado um grande contrato da municipalidade local e foi detido por estar em estado de embriaguez e alteração da ordem pública quando tinha ido afogar suas mágoas. Assim que a comida do domingo, onde seus pais planejavam fazer o grande anúncio de que seus três filhos adultos e responsáveis receberiam um apartamento cada um na casa de sua avó enquanto seus pais se revezavam antecipadamente, dividindo seu tempo entre o Yorkshire e o novo lugar que tinham comprado na Málaga, tinham chegado ao final de uma semana de discussões, lágrimas e portadas.

Neve tinha passado a maior parte da semana em seu quarto relendo todas as novelas de Jane Austen uma alegria ler por prazer, tinha terminado, chorando porque William partiu para Califórnia no dia anterior e comendo pacotes de chocolate submerso no sorvete de baunilha. Mas ela tinha tido um assento de primeira fila na mesa da sala de jantar quando seu pai se cambaleou para trás e para frente caindo ébrio.

Sua mãe nem sequer tinha tido tempo para terminar de servir um cordeiro cozido antes que ele tivesse caído sobre Celia e Douglas.

- Vocês dois me dão asco. - Gritou, a cara vermelha de ira e o álcool enquanto seguia golpeando a faca elétrica de trincar na mesa para marcar seu ponto. - Se fosse por mim te cortaria uma orelha. - Douglas tinha gritado de volta, Celia tinha chorado, sua mãe tinha levado dizendo:

- Barry, é suficiente! Barry, poderia parar! - E Neve havia ficado ali sentada esperando a discussão acabar para ela poder ir para seu quarto, e desaparecer, ir para um mundo onde nunca existissem gritos, só os comentários mordazes dos aficionados.

- Foi horrível - disse Celia. - Mas isso é o que acontece com papai. É tão tranquilo e logo os goles lhes sobem à cabeça e explode. Depois ficou muito arrependido, enviou um enorme buquê de flores para a casa da tia Catherine em Nova Pulôver. Deve ter custado uma fortuna. Douglas retomou o fio.

- Sim, ele dormiu fora, então me levou em um botequim para me dizer que sentia muito e me deu um discurso sobre aceitar responsabilidades. Preferia-o mais quando estava gritando. E você? - perguntou Max para Neve, que estava sentada em silêncio, com as mãos sustentando uma xícara de chá de hortelã. - Escapou de toda a ira paterna?

- Mais ou menos. Bom, não, não realmente - disse em voz baixa Neve.

- Pelo menos, não gritava com você - disse Douglas, como se isso o tivesse feito melhor. Não sabia. Fez-se pior.

Devido a Neve ter estado sentada ali, aclimando-se, logo distraíndo-se e talvez

inclusive tenha estado sentindo-se um pouco superior, já que tinham outorgado um lugar principal e tinha sido aceita em seu curso de mestrado com o financiamento da Academia Britânica. Esses foram lucros dos quais qualquer pai estaria orgulhoso.

Sim, definitivamente tinha estado sentindo-se um pouco superior e logo liberada já que seu pai deixou de gritar, afundou-se em sua cadeira e pôs uma mão na testa, e..

- Ele me disse "*Quanto a você, não suporto te ver. Está comendo até a morte*". - Quando seu pai falou, as palavras tinham sido respaldada por uma ira plaina, resignada, o que era muito mais aterrador que algo que houvesse dito a Celia e Douglas e depois de anos de prática, Neve podia repetir as palavras sem nenhuma emoção perfeitamente com a cara em branco. Max, entretanto, conseguiu olhá-la indignado e horrorizado, simpático por sua parte.

Não deveria haver dito isso. Não tinha nenhum direito...

Ele tinha todo o direito replicou Neve bruscamente. Era a verdade, fez-me um favor. Sim, doeu-me e sim, foi uma surpresa, mas foi uma surpresa que eu necessitava. Assim aqui estou um pouco mais forte que aos doze.

- Sério? Não parece que pesasse muito - disse Douglas, ganhando uma bofetada de Celia e sua irritação. - Não diga a Charlotte o muito que pesei - disse Neve.

- Bom, ela não sabe, papai fez um favor. Fez-nos um favor a todos nós. Neevy já não é mais obesa, Seels encontrou a sua ética de trabalho e me fez honesto para o Charlie.

- Necessita-se mais que isso para fazer que uma mulher seja honesta - murmurou Celia obscuramente, talvez os comentários sarcásticos e a coleta de crostas antigas que ficaram para sanar era só uma parte importante de ter um jantar familiar, todas as risadas mais as longas viagens à praia. Virou-se para Max, quem não tinha tirado os olhos de Neve, embora ela tenha se negado a olhá-lo.

- Apesar do que Neve pudesse dizer, meu pai não é tão mau.

- Sei que pode ser difícil para você entender, mas com Neve temos muitas coisas sobre as quais falar que não incluía a família - disse Max e Neve ainda não entendia como podia dizer algo tão molesto e fazê-lo em um tom ligeiro e brincalhão de modo que não se ofendesse. Celia certamente não o fez. Só assentiu com a cabeça e disse:

- Bom, Neve não gosta de falar disso porque então teríamos que admitir que ela não falou com meu pai desde o ocorrido.

- Isso não é verdade! - disse Neve, desenroscando as mãos de sua xícara, assim podia as colocar sobre a mesa. - Nos falamos. Vejo ele e mamãe quando vêm à cidade. Honestamente, as coisas saem bem às vezes. - Não fala com ele

insistiu Celia. - Mamãe diz que ele te envia e-mails sempre;

- Só para perguntar se há algo para arrumar, o qual não há.

- E sempre a chama no seu celular, em lugar do telefone de casa porque é papai quem sempre atende o telefone.

- Sim, tudo o que estava acostumado a dizer era: "*von passar a sua mamãe*" disse Neve furiosamente. -Não é que não fale com ele. Sempre pode me ligar, mas não o faz, e inclusive se o fizer, logo não diz nada de todos os modos.

- O que seja. - Celia arrastou as palavras, recostando-se em sua cadeira, para que pudesse cobrir o esplendor de Neve com o seu. - Ambos são tão teimosos. Isso é o que diz mamãe. Sim, são. - Concordeu Douglas, e se Neve fosse tão teimosa como papai, o qual era, então Douglas e Celia eram igual a sua mãe e nunca deixavam de falar de coisas que era melhor não dizer.

Houve um tenso enfrentamento quando os três se sentaram com os olhos entrecerrados e os braços cruzados até que Max tossiu. - Bom, suponho que há alguns benefícios em ser filho único.

- Sinto muito, amigo. - Douglas deu uns tapinhas nas costas de Max. - As irmãs! Pior que ter uma esposa.

- Como está nossa querida Charlotte? - perguntou Celia com doçura, lançou então um olhar da forma em que haveria dito seu habitual "*maldita seja, se cale*", "*Não, maldito, se cale você*". Recordou a um par de noites atrás, quando Yuri tinha aberto a porta de seu piso para gritar pelas escadas, "*por que vocês dois não se calam?*"

- Charlie não é tão má. - disse Douglas com firmeza, mas sem muita convicção, e quando Celia abriu a boca para contradizer essa afirmação, arrastou a cadeira para trás e se levantou.

- Bom, isto foi genial, mas provavelmente devo ir...

Neve ficou de pé também, assim Douglas poderia dar um torpe abraço.

- Diria que obrigada por vir, mas não recordo em realidade ter convidado.

Douglas se limitou a sorrir.

- Grande jantar, Neevy. Devemos fazer isto de novo em algum momento. Talvez você e Max, Charlie e eu...

Celia fez um grande espetáculo de asfixia em seu último sorvo de café.

- Sabe que a querida e doce Charlotte aterroriza completamente Neve. - balbuciou, mas Douglas já estava caminhando fora da cozinha, dizendo:

- Vamos, Seels, vou deixar que me leve ao bar e me compre uma bebida.

Queixando-se, Celia também ficou de pé.

- Os deixaremos a sós, apaixonados, assim podem fazer o que for que fazem

quando estão sozinhos - disse com uma piscada teatral que fez Max rir e Neve se apressou para a porta principal.

- Realmente é uma abusada. - disse Neve com uma mão nas costas de Celia para mantê-la em movimento para frente. Abriu a porta e empurrou Celia através dela. - Falo com você amanhã. - Podemos fazer algo amanhã de noite, só nós duas? Inclusive se for só um de seus maus haddock ao vapor e combos de arroz com um DVD? - Declarou Celia.

Nunca tem tempo para mim! Isso não era completamente certo, mas Neve estava muito feliz de fazer planos.

- Sempre e quando te der conta que eu vou te dar uma conferência pelo menos durante dez minutos sobre as coisas que podemos dizer em nossas conversas e as coisas que não poderá dizer.

- Conto com isso. - Celia sorriu. Volta para o Max e faça umas tortinhas. - Celia desceu as escadas e Neve fechou a porta e caminhou lentamente para a cozinha para falar um pouco mais sobre as coisas das quais realmente não queria falar.

Capítulo Vinte e Um

Max ainda se encontrava sentado na cozinha e, enquanto Neve caminhou junto a ele com um débil sorriso para finalizar a última compensação, agarrou-a ao redor de sua cintura e a puxou para seu colo.

- Está louco? Sou muito pesada. - insistiu Neve enquanto tratava de libertar-se.

- Não seja ridícula - disse Max, levantando-a e estirando suas pernas para que Neve pudesse descansar seus pés no chão e aliviar a pressão em seus fêmur.

- Me olhe, Neve. Por favor. - Sem querer, levantou sua cabeça e então estiveram nariz com nariz.

- O quê?

- Obrigado por meu precioso jantar de aniversário - disse em uma perfeita voz séria e Neve não podia ver o risco de diversão em seus olhos.

- Não foi perfeito - queixou-se, agachando sua cabeça outra vez. - Celia e Douglas arruinaram tudo, e tive que comprar pudins no Yorkshire porque minha massa para bolo seguia crua. Foi um jantar de aniversário horroroso.

- Deus, não seja tão pessimista - disse Max abruptamente.

Posso me levantar de seu colo agora, porque não acredito que seja muito cômodo para nenhum dos dois?

- Não - disse Max, e pôs uma mão em sua bochecha para sustentá-la enquanto a beijava o tempo suficiente para que Neve começasse felizmente a beijar de volta, mas não o suficiente antes que ele a apartasse e Neve suspirasse um pouco.

- Prometeu presentes antes que nos invadissem, recordou.

- Sim! Deus, sente-se como fez dias atrás. - Neve saltou fora do colo de Max, aliviada de que não começasse imediatamente a massagear suas pernas como se tratasse de fazer voltar a circulação, e tirou uma bolsa de presente com desenhos de estrelas de atrás do cesto de papéis da cozinha. - Feliz aniversário - disse, empurrando para Max.

Max tomou a bolsa, tirou cada pacote e os amontoou na mesa, e leu seu primeiro cartão, onde só desejava feliz aniversário e um X de beijos ao final.

Então, abriu o pacote maior enquanto Neve se encontrava ocupada no mostrador da cozinha preparando a seguinte parte de sua surpresa de aniversário, uma vez que sua atenção se centrava em outra parte.

- Sabe, realmente queria conseguir O Guardião do Centeio e queria ler estes outros, - disse Max, golpeando brandamente outros três livros do J.D. Salinger com um dedo. - O que deveria abrir depois?

- O pequeno murmurou - Neve sobre seu ombro, e quando a cabeça do Max se inclinou sobre o menor dos presentes, ela aproveitou a oportunidade para tirar um par de pacotes de debaixo do armário.

- Estive pensando em ter um destes por anos! - exclamou Max quando tirou um pequeno aparelho que podia passar de um iPod a um gravador de voz. Neve olhou para Max para assegurar-se de que se via realmente emocionado e não fingia seu entusiasmo, já que começou a desembulhar o último presente e descobriu uma pequena xícara de café com uma foto de Keith impressa nela. - OH, isto é para morrer de rir.

- Tinha algumas fotos dele em meu telefone, coloquei em um disco e as levei a este lugar de fotos... Realmente você gostou, Max?

- Eu adorei - tudo, disse levantando a xícara de café e sustentando-a para olhar melhor. - Nunca sei o que comprar para outra pessoa, porque o melhor presente que alguém poderia me dar é um livro - explicou Neve, retorcendo-as mãos com nervosismo. - Posso trocar tudo se você não gostar, à exceção da xícara, temo.

- Neve! Eu disse que gostei e é verdade. Podemos deixar de lado a autocrítica pelo resto da noite? - Não pelo resto da noite. Posso fazê-lo perto de meia hora, logo a força dos hábitos retorna - admitiu Neve. - Então, trouxe um DVD?

- Sim, pensei que poderia desfrutar vendo minha coleção do Bruce Lee.

Bruce Lee? - Neve sabia perfeitamente bem quem era Bruce Lee, e ter que ver filmes de kung-fu pelas próximas horas realmente ultrapassava a paciência de aniversário. - Uma coleção? Quantos filmes são?

- Pode relaxar. Deixei-as em casa. - Max ficou de pé e Neve se plantou firmemente na frente do balcão, braços estendidos para assim poder esconder toda evidência da seguinte coisa na agenda de seu aniversário. - O que tem detrás de você?

Neve alargou sua perna até o joelho do Max para tratar de mantê-lo longe.

- Nem um passo ou arruinará a surpresa - ordenou. - Vá para à sala e coloque um DVD, estarei ali em dez minutos.

Max tratou de olhar por cima do ombro.

- Esta surpresa é melhor que um cesto?

- Esse é meu cesto!

- Mas não come pão, Neve. - disse Max, e deu um passo para frente e Neve

teve que esticar sua perna, e graças a Deus, deu-se por vencido. - Bem, bem, eu vou!

Doze minutos mais tarde, Neve deu uma cotovelada para abrir a porta à sala com seu dedo do pé, enquanto tinha uma garrafa de champanha e uma caixa de doces debaixo de um braço, e em suas mãos sustentava um pequeno bolo de chocolate com uma triste vela e taças.

Poderia cantar "*feliz aniversário*", mas não canto bem. - disse, colocando cuidadosamente seu intento de bolo na mesa de café em frente a Max. - Ainda não soprou a vela nem pediu um desejo.

- Como fez um bolo de chocolate em dez minutos e por que está em uma taça? - Max olhou com receio a humilde oferta de Neve. - É comestível?

- É totalmente comestível - disse Neve, sentando-se a seu lado. - Tenho a receita da Rose do trabalho. Fazem-no em uma taça no micro-ondas. Diz que é perfeitamente comestível. Vamos, apague a vela.

Max fechou seus olhos e soprou a vela, e ficou imóvel, suas pálpebras baixas por um momento como se não estivesse desperdiçando seu desejo com uma petição frívola, como que o Manchester United ganhasse a Liga Premier, mas queria um desejo importante.

- Não quer saber o que desejei? - perguntou a Neve, quando abriu seus olhos.

- Não se fará realidade se me disser isso - disse ela rapidamente, tratando de tirar a cortiça da garrafa de champanha. - Então, o que quer ver?

- Pensei que poderíamos nos divertir com um jogo - disse, sustentando uma familiar caixa verde escuro. Encontrei isto na prateleira inferior de sua estante de DVD... Se não inclinar sua taça, o champanha não terá espuma.

Neve terminou derramando a champanha cara que conseguiu com desconto na loja e esperou que Max bebesse toda sua taça em dois grandes goles.

- Isso é, possivelmente estranho de acreditar, mas posso ser muito competitiva e tenho um amplo vocabulário já que passei muito tempo sem vida social e leio muito... E bom, se jogar Scrabble comigo, vou chutar seu traseiro.

Max estava a ponto de comer seu primeiro bocado de bolo, mas se deteve com a colher a meio caminho a sua boca.

- Vai chutar meu traseiro?

- Até que se volte preto e azul, e não seja capaz de se sentar durante uma semana. - Soou muito arrogante. - Na realidade, mamãe só me deixou jogar até que tive treze anos, depois de conseguir uma alta pontuação, e também joguei quando me encontrava em Oxford, costumava jogar junto a dois meninos com post-gradus em Linguística.

- Bom, minha pequena namorada panqueca, joguei Scrabble contra Carol

Vorderman e chutei seu traseiro porque Scrabble não tem nada que ver com vocabulário; trata-se de lógica e táticas - informou Max com altivez, tomando um grande bocado do bolo.

Por um momento, Neve esperou que a torta tivesse sabor ruim enquanto analisava o discurso sarcástico de Max, mas ele passou a língua pela parte de atrás da colher, pensativo. - Isto é surpreendentemente delicioso, quer um pouco?

- Acredito que vou passar.

- Bom, não conseguirá ganhar no Scrabble tão facilmente. - Max se recostou contra as almofadas, embalou a tigela em seu peito, e apoiou seus pés sobre a mesa de café assim podia estender a caixa do Scrabble para Neve. - Vamos, começar. A menos que tenha muito medo.

- Max, tenho todas as palavras monossílabas memorizadas e, quanto a Carol Vorderman... Bom, poderá ser boa em matemática, mas nunca leu dicionários, assim não me surpreende que a vencesse no Scrabble.

- Menos conversa e mais ação. - Max golpeou os nódulos brandamente contra a cabeça de Neve, pondo-a furiosa. - Irei lembra-la disso quando te fizer comer cada palavra e irei porque você acreditava ser muito boa.

- Sim, isso nunca acontecerá. - Neve arrebatou a caixa e virtualmente arrancou a tampa, e golpeou o jogo contra a mesa de café.

- Não pode ser tão boa no Scrabble, se mantiver seus jogos esquecidos. - Notou Max, desafiando-a. Neve sabia que só fazia isso para incomodá-la, mas Deus, funcionava.

- Joga, Menino Panqueca - grunhiu, lançando uma letra para Max, o qual o fez rir. - E não ache que te deixarei ganhar porque é seu aniversário.

Esta foi a ocasião que Neve mais desfrutou de jogar Scrabble. Inclusive, poderia ser o jogo mais divertido que já jogou. Por cada palavra de alta pontuação que ela tentava utilizar, Max punha três diferentes palavras e alcançava sua pontuação.

Cada vez que tratava de zangar-se ou usar uma frase como, "*Está contra o espírito do jogo*", Max detinha suas queixa com um beijo, enquanto dizia. É domingo e só comeste uma batata assada. Quando o jogo esteve fechado e beberam todo o champanha, ele começou a dar um lento e devastador beijo entre cada rodada.

Ao final, Neve foi a ganhadora. Conseguiu muitos pontos utilizando o "q" e Max só inventou palavras, conseguindo que ela se burlasse dele por atrever-se a desafiá-la.

Logo, foi seu turno de beijar o rosto mal-humorado de Max até que se entrelaçaram no sofá. As mãos de Max desapareceram debaixo de seu suéter e vestido, e Neve esteve feliz de enredar seus dedos ao redor da fivela do cinto do

Max, mas estava tão duro e ela tão curiosa que lentamente desabotoou seu cinto para assim poder deslizar sua mão dentro de seu jeans e explorar sua longa longitude através de sua cueca.

Ainda se sentia estranha ao tocar uma ereção, mas era uma coisa estranha tão boa como os dedos do Max deslizando no seu sutiã para assim poder roçar seus mamilos com sua língua e dentes, e também beijar um ponto de pulso em seu pescoço. E logo, ter uma barreira de tecido entre seu membro e seus dedos não era tranquilizador, a não ser irritante. Neve sob sua mão e por um momento surpreendeu o quente, suave e palpitante que era em sua mão, até que Max se separou dela.

- Não faça isso. - Ofegou, sua cabeça arremessou para trás, seus olhos fechados, e Neve pensou que ele nunca se viu tão formoso como o fazia nesse momento; com a suave luz proveniente do abajur, com os planos de seu peito descoberto e as tensas linhas de seu rosto com um brilho fantasmagórico. - Hora de parar.

Neve não queria deter-se, já que se encontrava um pouco bêbada pelo champanha, o chocolate e sua vitória do Scrabble. Tinha uma estranha e imperiosa necessidade de arrancar a roupa, sem importar suas imperfeições e rogar para Max terminar o que começaram.

Em seu lugar, recostou-se sobre o sofá e tratou de recuperar o fôlego enquanto Max subia o zíper de seu casaco até seu queixo, assim não se veria tentado de luxúria por cada centímetro de sua pele.

- Vou passear com Keith - anunciou Max necessariamente, porque sempre tem que passear com Keith quando as coisas ficavam quentes e pesadas entre eles. Era parte da rotina do domingo à noite.

Neve se encontrava sentada na cama com seus dentes escovados, rabo-de-cavalo e com uma absoluta certeza de que ia ser outra noite sem dormir, enquanto Max tirava seus jeans e se metia sob seu edredom.

- Está gelado aqui - queixou-se, monopolizando uma grande quantidade da manta, a qual Neve tentou apoderar-se de novo. - A calefação está danificada?

- Não, mas desliguei o radiador e tive as janelas abertas todo o dia, não há garrafas de água quente e estou usando meu pijama do verão. - Neve se aconchegou mais perto dele. No momento em que queira começar a fazer uma boa imitação de uma explosão termonuclear estará bom pra mim.

- Se afasta de mim - disse Max, empurrando-a para o outro lado do colchão. É como compartilhar a cama com um bloco de gelo.

- Bom, é mais frio para você que para mim. - Neve-se aconchegou sob o edredom, muito friorenta para inclusive ler um livro, já que suporia expor a seus braços. Só tinha que pensar em coisas quentes em seu lugar.

Dez minutos depois, ainda se congelava e seguia acordada. Tão acordada que cada vez que fechava seus olhos, abriam-se por vontade própria. Neve pensou que Max poderia estar dormindo porque ficou muito quieto e tranquilo, apesar de não o suficientemente profundo para começar a roncar, quando de repente rodou e teve cada deliciosa polegada dele acariciando-se contra ela.

- Suponho que pode pôr seus pés sobre mim se quiser. - Neve imediatamente pressionou a planta de seus pés contra seu corpo com um suspiro de alívio.

- Assim está melhor. - Max pressionou um beijo em seu ombro, seus braços apertados embora tensos ao redor dela como se estivesse preocupado de que pudesse romper-se em pedacinhos. Pode me dizer se estou ultrapassando a linha, mas não deveria deixar que esta coisa com seu pai se prolongue.

Ela tinha estado aliviada de que Max não mencionasse nada relacionado a seu papai depois da saída de Celia, porque, muito profundamente, Neve sabia que era verdade, não havia falando com seu pai. Ou melhor, não se falavam em sua maneira habitual passiva agressiva.

- Sei - disse brandamente, esperando que fosse suficiente para satisfazer Max e terminar a conversa. - O que disse foi injusto e doloroso, entendo-o, mas vai chegar o momento em que será muito tarde para emendar as coisas com ele porque já não estará ali. - Max beijou seu ombro de novo quase como se soubesse que Neve se debatia com a maneira mais rápida de fugir da conversa, inclusive se isso significasse sair da cama. - Então, o que disse e como o disse já não serão importantes. O que será importante serão as coisas que nunca chegou a dizer.

Ela não queria escapar mais, mas se deu volta para poder abraçar Max em lugar de ser abraçada. Neve se retorceu em seus braços até que pôde riscar padrões em seu rosto na escuridão com seus dedos.

- Se sua mãe ainda estivesse perto, o que você gostaria de dizer? - sussurrou, e se sentia como a coisa mais valente que jamais tinha feito, esperando que fosse o suficientemente digna para Max permitisse compartilhar algo de sua dor.

Não respondeu a princípio, mas suavizaram as rugas de preocupação que tinham aparecido em seu rosto.

- Não sei... Provavelmente não diria que a odeio nem que a amo, só faria uma xícara de chá e perguntaria como foi seu dia e o que pensava sobre o episódio de ontem à noite do Coronation Street⁽⁶⁰⁾. - Fez um pequeno ruído confuso e por um momento o coração de Neve se abateu, ele apoiou a testa sobre seu ombro. - Suponho que as coisas que sempre damos por certo, que não te dá conta, são as que mais se sente falta. - Neve abraçou com força o corpo rígido do Max.

- É bom sentir saudades, sabe?

- Sempre andava tão zangada. Zangada com meu pai por andar curvado. Revoltada comigo porque tinha a fantasia de que teria uma vida incrível e satisfatória, se não tivesse tido que carregar um menino. - Max esfregou os olhos e tragou fortemente. - Não era tão ruim quando minha avó seguia viva, mas depois que morreu, minha mãe ficou, inclusive, muito mais deprimida. Mudarme para Londres, quando tinha dezesseis, foi a melhor coisa que me aconteceu. Mas se tivesse sabido que só restavam dois anos, teria ficado. Devia ter estado ali para ela.

- Mas não podia saber isso, Max, e em algum nível, devia ter tido um pouco de paz sabendo que foi independente e podia cuidar de você mesmo. - Neve não sabia o que mais dizer para fazê-lo sentir-se bem, assim o beijou.

Foi um beijo torpe e golpeou seu nariz, mas isso fez que Max sorrisse contra seus lábios e Neve pôde sentir a tensão deixando lentamente seu corpo como o ar escapando de uma picada.

- Então, só digo, que deve se reconciliar com seu pai - disse Max. - Porque não quero que tenha que viver com este tipo de arrependimento. É uma dor no traseiro.

- Bom, falarei com minha mãe - decidiu Neve, porque havia benefícios em ter uma mãe que queria saber os assuntos de outros. - Vamos medir o terreno. Tratou de encolher os ombros, o qual era surpreendentemente difícil quanto está aconchegado com alguém.

- O chato é que estou feliz de que o dissesse. Precisava escutá-lo, mas desejou que não tivesse sido ele.

Ela se voltou porque agora era o turno do Max de abraçá-la. Nem sequer brigou com ele por pôr uma mão sobre seu ventre.

- Para mim soou como se você e seu pai estivessem acostumados a ser próximos. - Comentou ele. - E tinham sido. Tinha compartilhado... O silêncio e tinha sido de ouro.

- Quando me encontrava em Oxford, visitava-me e me levava para almoçar disse Neve vacilante. - Íamos a um restaurante no rio e eu lia uma novela e meu papai lia algum Manual de Usuário e não falávamos uma palavra, mas estávamos tranquilos ali juntos. Foi o único momento em que alguma vez me senti cômoda sendo simplesmente eu, como se me amasse e não me julgasse, assim quando disse o que disse e a maneira como o fez, senti-me traída.

Max não tratou de beijar e afastar a ferida ou abraçá-la com mais força, mas seguia acariciando seu ventre em círculos lentos e concêntricos. Ficaram ali em silêncio até que ele esclareceu a garganta.

- Quando estou entrevistando alguém e me calo, pelo geral respiro a seguir falando.

Neve afogou uma risada.

- Sinto muito, terminei com meus significantes problemas paternos por agora.

- Só você pode usar essas grandes e verbosas palavras neste momento da noite. - grunhiu Max, movendo-se ligeiramente com o fim de que Neve pudesse pôr seus pés de novo sobre sua pele. - Deus, todas estas confissões realmente me esgotaram.

- A mim também. Deveríamos dormir - murmurou Neve. Devia estar exausta porque tinha tido um dia do demônio, mas a mão do Max deslizou por debaixo de sua blusa e podia sentir a calidez de sua palma na carne nua de seu estômago. Todas essas urgências de antes, simplesmente se tinham adormecido e agora despertavam, suplicando para fazer algo. Algo similar a arquear-se contra Max ou desenganchar seu sutiã para que dissimuladamente pudesse roçar seus peitos contra seu braço.

- Sim, dormir. - Max arrastou as palavras, como se ele já estivesse na metade do caminho e não se deu conta de que o polegar se enredou na cintura de pijama.

Se sentia frio antes, agora Neve ardia. Fechou seus olhos, mas isso fez que a urgência se voltasse pior, como se seus sentidos se intensificaram e tudo o que tinha eram as terminações nervosas debaixo da mão de Max.

Neve podia ter gritado em frustração quando a mão do Max se moveu para cima em vez de baixo, mas pareceu bem porque a pontas de seus dedos roçaram a parte inferior de seu seio. Respirou com força.

- Sinto muito. - murmurou sonolento, como se nem sequer estivesse ciente do que fazia, quando Neve queria que ele soubesse exatamente o que fazia, e o estava fazendo mais e mais difícil e só..... - Por que dorme com sutiã?

- Tirarei. - disse Neve rapidamente, procurando com uma mão para liberar o broche. - E não passa nada... Com o que fazia. Quero dizer, pode seguir fazendo-o se o desejar. Não me importa.

- Fazendo o quê?

Neve conseguiu tirar as alças do sutiã por seus braços, logo tirou o sutiã por uma das mangas da camiseta. - Tocava-me aqui - disse, e colocou a mão do Max no seio nu, porque a urgência ganhou de longe à tímida modéstia. Sem competência. Max tratou de afastar sua mão, mas o roce de sua palma contra seu mamilo ardente era o único incentivo que Neve precisou para manter um férreo controle sobre seu pulso.

- Pensei que tínhamos concordado não fazer isto - disse Max, e sua voz não soou espessa com o sono, mas sim mais como se estivesse tenso por apertar sua mandíbula para deter seus dentes de tremer.

- Não, dissemos que não íamos ter sexo, mas não quero isso, quero que me toque explicou Neve, empurrando-se na mão imóvel de Max no caso de que necessitasse uma demonstração prática também. - E estou muito tensa e sei que não vou poder dormir.

- Portanto, estou realizando um serviço público?

- Serviço pessoal - corrigiu Neve, e pôde deixar ir o pulso de Max porque sua mão já se movia agora, pressionando, cada toque de seus dedos a tinham arqueado contra ele, assim Neve não esteve tão impressionada quando sentiu seu pênis endurecendo-se contra ela. - Algo mais que queira que toque? - A voz de Max se espessou de novo, não pelo cansaço, mas sim por outra coisa.

Neve nem sequer teve que pensar.

- Aqui - disse, tomando a mão de Max de novo para poder deslizá-la debaixo de seu ventre e, não havia ponto em prolongar sua agonia, debaixo de seu pijama.

Esta vez, ela deixou livre seu pulso porque Max já saboreava sua vagina, provando quão molhada se encontrava com a ponta de um dedo, logo o deslizou em seu interior para poder empurrá-lo levemente, enquanto ela se pressionava contra ele em um prazer chocado.

- Você gosta? - perguntou com voz rouca. - Você gosta disso?

-Sim! - ofegou Neve, estirando-se torpemente para tratar de tocá-lo. Esteve surpreendida de encontrar-se com a pele nua e o osso de seu quadril e seus nódulos se mantinham roçando seu pênis até que Max puxou sua calça de pijama até os joelhos e começaram a mover-se juntos.

Max encontrou a combinação perfeita de seu polegar roçando contra seus clitoris, seus dedos movendo-se dentro dela e Neve podia escutar o que sua outra mão fazia atrás dela. Nunca tinha escutado esses sons suaves de tamborilar antes, mas sabia instintivamente o que significava e não surpreendeu quando de repente Max gemeu e sentiu algo quente e úmido golpear a parte baixa de suas costas.

Devia ter sido asqueroso, mas Neve se concentrou mais em envolver sua mão ao redor do pulso do Max para chegar ao clímax, que não era capaz de pensar em algo mais. Seus ofegos sem ar soavam ensurdecedores enquanto Neve fechava fortemente os olhos e sentia como se estivesse em queda livre através do tempo e o espaço, até que, nessa fração de segundo, antes de cair ao chão, Max se encontrava ali para agarrá-la.

Depois, quando se limpavam inutilmente um ao outro com lenços e ficaram medianamente decentes, Neve se deixou aconchegar de novo nos braços de Max. Não ser capaz de dormir era dos pontos mais discutíveis, pensou, enquanto se sentia ir à deriva.

- Irá entrar em pânico? - perguntou Max de repente.

Era difícil falar quando Neve sentia como se xarope corresse por suas veias até seu cérebro. - Não neste momento - bocejou. - Provavelmente pela manhã.

- Algumas vezes me preocupa que sigo enfocando em gratificações sexuais, nunca serei capaz de manter uma relação. É isso o que mi... Um de meus amigos segue me dizendo - admitiu Max. - O que pensa disso?

Neve tratou de dar ao assunto a séria consideração que merecia. Logo, rendeu-se.

- Acredito que precisa encontrar novos amigos.

Capítulo Vinte e Dois

Na manhã seguinte, a metade da cama do lado de Max se encontrava vazia, mas o cobertor se apertou ao redor de Neve. Ela deu um passeio com Keith e arrumava sua bolsa de ginástica, quando recebeu uma mensagem de texto do Max.

**Obrigado por minhas formosas surpresas de aniversário. Especialmente a última. Já enlouqueceu? **

Ele queria saber, como se Neve enlouquecendo fosse sua única resposta racional ao que tinha acontecido na noite anterior.

Para falar a verdade, sentia-se um pouco alucinada e um pouco envergonhada também. Ou na realidade muito envergonhada, mas Deus, tinha vinte e cinco anos e resultou que tinha necessidades que já não podiam ser satisfeitas por sua própria mão nem por uma leitura maneta do Delta de Vênus do Anaís Nin.

Mais ou menos.

Escreveu em resposta, e quando ia apertar enviar, decidiu que se Max fazia alusão ao que ela pensava, então precisaria deixar seus sentimentos claros.

Mas quero fazê-lo de novo e a próxima vez, quero devolver o favor.

Não estava segura de que horas era o voo do Max, mas depois de noventa minutos de cardio e pesos, havia outro texto dele.

Não posso esperar, garota má. Dá um beijo no Keith por mim e um para você também.

Max tinha deixado comida para cachorro com cheiro ruim para uma semana e duas páginas de instruções. Neve tinha esperado conselhos sobre passeios, antiparasitários e o número telefônico de emergências do veterinário, mas resultou que Max tinha uma visão muito pobre de suas habilidades de babá de cachorro:

- NÃO o deixe em seu quarto.
- Também é necessário dizer que NÃO vai dormir em sua cama.
- NÃO o deixe no banheiro. Vai tratar de beber da água do vaso.
- NÃO o alimente na mesa. Come comida de cão não comida humana.
- E NÃO dê chocolate. Falo sério. O chocolate humano pode adoecer muito os cachorros. Em seu lugar, deixei uma bolsa de fígado.
- Não gosta de homens maiores, especialmente se forem fortes ou andarilhos.
- Não gosta de globos, bolsas ou cometas.
- Evite também crianças pequenos.

• Uma criança pequena que tenta voar em um cometa, enquanto sustenta um globo e uma bolsa em sua outra mão seria quase acabar com ele.

No momento que Neve foi para à cama essa noite, Keith tinha ficado no banheiro enquanto ela tomava uma ducha (e tratou de entrar no cubículo para beber a água), porque tinha ladrado e escavava na porta com tanta força, que temia por sua pintura.

Ele também tinha tido um pedaço de badejo ao vapor de seu prato porque não tinha sido capaz de comer o jantar sem seu nariz entre uma perna e sua pata empurrando sua perna até que o alimentou.

Neve tinha suspeitado secretamente que não teria tantos problemas emocionais se Max se recusava a mimá-lo, mas resultou que ela era a mais suave dos suaves toques, não pôde exercer nenhum tipo de disciplina ou dizer Não, Keith, tem que dormir na sala. Em uma voz autoritária.

Tinha durado cinco minutos, até que o som de Keith gemendo e uivando, e geralmente dando a impressão de que era torturado, tinha-a obrigado a ir recolher sua cama e seus brinquedos junto a sua tigela de água. Mas se tinha que dormir em seu quarto, então poderia fazê-lo em sua própria cama, raciocinou Neve, e se deparou com os olhos fixos de Keith. Cada vez que tirou o olhar dele e tratou de ler, este se lançava fora de sua cama e começava a avançar para ela.

Volta para a cesta, menino mau - dizia e ele se escapulia, o olhar baixo, só para ser dada de presente pelo menceio alegre de sua curta história, como se fora o melhor jogo do mundo. Era inevitável, logo que Neve apagou a luz, produziu-se um som de unhas no chão de madeira, logo, um peso morto caiu sobre seus pés.

- Cão malvado, - mas ambos poderiam dizer que seu coração não estava nela. Além disso, se Keith ficar na parte inferior da cama, poderia-se dobrar como uma garrafa de água quente.

Embora Keith tivesse outras ideias. Arrastou-se na cama sobre seu ventre, como se estivesse sendo sigiloso, e se instalou junto a Neve, golpeando suas patas contra suas costas, até que foi empurrada sobre a direita e pôde colocar a cabeça em seu travesseiro e ofegar fôlego quente de cão contra seu rosto.

- Celia tinha razão - queixou-se Neve. - É um cão do demônio.

Celia não tinha trocado sua opinião de Keith quando veio a noite seguinte por comida Chinesa e apoio fraternal. - Não posso acreditar que o deixou dormir em sua cama! - exclamou com um olhar horrorizado para Keith, que observava todos seus movimentos enquanto ela escondia o frango e os caju em sua boca. - Poderia ter te atacado com ferocidade em seu sono, e é asqueroso e anti-higiênico.

- Li em alguma parte que a saliva de cão é mais limpa que a dos seres humanos - respondeu Neve, sentindo o golpe de uma pata contra sua perna estando de acordo. Ficou ali até que deu de comer a metade de sua bola de massa vegetal ao vapor. O único alimento que Keith não queria comer era o aipo. - Seels, dê um pouco de seu cilindro de ovo e terá um amigo para toda a

vida.

- Não vou dar um de meus malditos cilindros de ovo. - Keith voltou seus olhos implorantes para ela até que partiu um pela metade e cautelosamente deu de comer. - Pensei que tinha um de meus dedos - disse com surpresa, e Neve sorriu enquanto Celia acariciou a cabeça do Keith para dar o resto de seu cilindro de ovo.

No momento que Celia comeu sua sopa wonton, frango agridoce, arroz com ovo frito, camarão-rosa Foo Yung e cilindros de ovo com a ajuda de Keith, os dois foram convertendo-se em bons amigos.

- Se ele estiver doente. Ele não é tão mau para ser um sarnento, pulguento, vira-lata que, provavelmente, maltrata crianças pequenas quando ninguém olha - sussurrou Celia arranhando Keith debaixo do queixo. Parecia que a voz arrepiante foi enterrada profundamente. - Portanto, me conte a respeito dos domingos e eu te contarei sobre a Yuri e o estúpido desenhista gráfico, e sigo dizendo que não vai durar uma semana mais. Agora acredito que é hora de que nos queixemos de Charlotte.

- Não vou me rebaixar a este nível - disse Neve hipocritamente, enquanto esperava a chaleira ferver e orvalhou Fairy Liquid sobre os restos de arroz com ovo frito de Celia para não ter a tentação de comê-lo mais tarde.

Sim, sempre diz isso, mas sempre o faz. Celia sorriu. - Por onde começar? Tem um novo moletom Juicy Couture, azul pó. Pergunto-me, quanto custou ao Douglas?

- Ela trabalha, provavelmente, pagou por si mesma. - disse Neve, voltando-se para sentar e tomando um sorvo de chá de hortelã. - Quanto acha que pagam por acumular bofetadas no rosto de suas vítimas relutantes? - burlou-se Celia, porque apesar de odiar Charlotte por muitas razões válidas, a maior parte de seu desprezo se dirigia à eleição da carreira de Charlotte, que em grande parte consistia em estar parada detrás de um mostrador de maquiagem, tratando de interessar aos compradores nas novas cores da primavera. - Nem sequer trabalha em um lugar com onda como Selfridges. Trabalha em uma enorme filial do Boots, e esses objetos não são trocas.

- São moletons! Quanto podem custar?

Celia deu a Neve um olhar compassivo. - Cem libras pelo casaco com capuz e umas noventa pelas calças.

- Duzentas libras por um moletom? - Neve quase se engasgou com sua indignação. Isso é uma vergonha! É tão típico dela, pagar pelo privilégio de ter a palavra suculenta rabiscada sobre seu traseiro.

- Aí tem! Sabia que não poderia aguentar muito mais. Agora, o que pensa sobre sua última briga? Ouviu como Douglas a chamou?

Neve não sabia, e antes que Celia pudesse dizer todos os detalhes, seu telefone soou. Não há nada incomum nisso, mas a forma como seu estômago deu uma volta quando agarrou o telefone da base, porque pensava que poderia ser Max, era um território novo.

- Espera um momento - disse para Celia, e respondeu a chamada. - Olá?

É Neve? Neve do Max? - perguntou uma moça com um acento cantarin do Manchester.

- É, sim, sou Neve - replicou.

- Genial! Sou Mandy. Ele me contou tudo sobre você. Bom, não queria, mas o ameacei baixando meio ponto percentual de seus lucros de direitos de autor, e isso funcionou como um encantamento. Assim, como está?

- Estou bem - disse Neve cuidadosamente. Não tinha nem ideia de quem era a mulher, mas parecia conhecer muito bem Max. - Sinto muito, Mandy...?

- Mandy McIntyre. Max disse que não se encontravam muito bem em sua relação atual. E quando perguntei por que, disse que recentemente tinha saído de um convento, não se encontrava pronta para tomar Ordens Sagradas, mas pensei que tirava sarro.

Porque normalmente o faz.

OH Deus, essa Mandy!

OH, sim, olá. Sinto muito, não estava recordando seu nome- disse Neve, atirando um olhar angustiado para Celia e pronunciando "*Mandy McIntyre*", enquanto assinalou seu telefone. - Não estive em um convento, só não vejo muita televisão nem leio revista.

Celia se posicionou virtualmente em seu colo, com o rosto apertado contra Neve, enquanto tratava de escutar.

- O que está dizendo? - disse entre dentes.

- O que faz se não ver televisão? - Era o que dizia Mandy. - Tivemos um corte de energia semana passada e a Sky box não gravou Glee, eu pensei que ia morrer. De todos os modos, provavelmente se perguntará por que estou te ligando, embora seja agradável nos conhecer, não é assim?

- Muito agradável. - disse Neve, dando uma cotovelada em Celia que a empurrava tão forte que se encontrava em perigo de cair da cadeira. - Felicitações pelas bodas. Deve estar muito emocionada.

- É um pesadelo total, se quer saber - suspirou Mandy. - Mas não é por isso que estou ligando. Agora, Max te falou sobre o código de vestimenta, que é branco e preto? Isto é preto ou branco, mas também pode ser preto e branco. Por exemplo, poderia usar um vestido branco, se tivesse um padrão floral negro.

Celia se queixou como se estivesse dolorida, depois se encheu tanto de sua mão como pudesse entrar em sua boca para s. - murmurou Neve. - Um, está bem? - Mandy parecia ser o tipo de pessoa que não gostava de ser apanhada por surpresa.

- Preto está bem, e irá precisar também de um vestido sexy para sexta-feira, quando vamos ter uma noite só de garotas. Essa é a outra razão pela qual estou te ligando.

- OH, estou segura de que não é certo - disse com um sorriso tolo, e Celia fez um gesto para fazer saber que Neve que não se impressionou muito pelos intentos pouco convincentes de sua irmã na conversa. Mas não estou certa da hora que iremos chegar, temo que seja muito tarde para sair na noite de sexta-feira. - Ou melhor, ia assegurar de não estar disponível para uma noite de garotas com a Mandy e suas amigas. Ela parecia da comédia de ouro, mas suas amigas WAG? Seria como sair com um bando de Charlottes.

- Bom, já disse para o Max que têm que chegar na quinta-feira e isso é uma ordem de Mandy McIntyre, - disse Mandy, sem um ápice de ironia. - Assim, precisa conseguir um vestido exuberante porque iremos para a discotecas na cidade e vamos ter um dia de spa antes disso, então não se preocupe se não haver oportunidade de tomar sol antes de sair de Londres. Eles fazem bronzeados terríveis de todos os modos. Fui a um lugar no Mayfair e saí de cor bege. Pode ter o que quiser no spa, sempre e quando não for um facial profundo, porque não quero que ninguém apareça manchado nas fotos de minhas bodas.

- Isso é muito amável de sua parte, mas...

- Neve, está a ponto de me dizer não?

- Bom, é só que...

Porque a palavra "*não*" não está em meu vocabulário, junto com as palavras "*não posso*" e "*Vitória Beckham*". Portanto, embora haja dito que não, eu não o entenderia, e não se preocupe pelos gastos. É um presente de promoção porque já tenho feito uma sessão de fotos pré-casamento no Spa da Voila, e uma das outras garotas teve que abandonar. Verá, a melhor amiga de minha irmã Kelly, Shelly, ia sair com um dos companheiros de equipe do Darren até que a pilharam com alguém do Chelsea e ela se inteirou e vendeu sua história assim que disse ao Kelly: *Não me importa se for sua melhor amiga...*

Neve apartou o telefone apesar de que ainda podia ouvir Mandy explicando felizmente o que havia dito ao Kelly sobre o Shelly.

- Vou matar o Max - disse para Celia, que foi batendo suas mãos e seu rosto retorcendo-se em uma careta terrível quando tratou de conter sua alegria.

Necessito que firme um acordo de confidencialidade para que não conte aos jornais nada sobre o que aconteça durante o fim de semana. - Mandy fez uma

pausa, porque seu tanque de oxigênio tinha que estar esgotando-se. - Provavelmente deveria havê-lo enviado por fax antes de chamar, mas tem uma voz muito agradável e estou segura de que não iria aos jornais. Sou realmente boa julgando caráter sobre estas coisas. Nunca gostei de Shelly, seus olhos estão muito juntos.

Mandy ficou no telefone por outros dez, muito compridos minutos e logo teve que chamar de volta porque se esqueceu de conseguir o número do fax de Neve. Quando finalmente desligou o telefone e permaneceu em silêncio esta vez, Neve se derrubou sobre a mesa.

- OH, meu Deus! Vou ser uma honorária WAG por todo um fim de semana.

-Vão te comer viva - anunciou Celia com satisfação sombria. - Não posso acreditar que não me disse nada sobre estas bodas. Sou histérica! E, mais importante ainda, o que vai levar?

- Esse vestido preto vintage que usei na festa do Skirt, o qual só entra se ponho body por baixo. Murmurou Neve.

- OH, você já perdeu muito mais peso.

- Não. Perdi dois quilogramas e apenas dois centímetros de meus quadris - disse Neve, tratando resistir aos intentos de Celia de atira-la de seus pés. - Agora, agora, as palavras "*não posso*" não estão no vocabulário da Mandy - brincou Celia introduzindo uma mão na axila de Neve e conduzindo-a a levantar-se. - Deve ter algo meio sexy em seu guarda-roupa. Vamos dar uma olhada.

Celia era outra pessoa que nunca tinha ouvido a palavra "*não*", pensou Neve, enquanto foi arrastada a seu quarto, e logo a fez parar em frente a seu guarda-roupa, onde Celia saqueou os conteúdos e contribuiu com comentários.

- Cinco vestidos cruzados! Cinco! Por que precisa de cinco? - Celia os jogou sobre a cama, como se não pudesse suportar vê-los nunca mais.

Bom, a gente tem mangas largas, e a gente tem mangas de quimono, e a gente tem um cós de raso na cintura, e...

- Como conseguiu um rasgão tão grande nisto? - Celia já tinha avançado e foi elevando o vestido vintage negro que Neve tinha usado a primeira vez que conheceu Max, levou-o para sua casa e tinha feito um enorme buraco puído no vestido na pressa para perder sua virgindade adequadamente.

Neve ficou olhando o vestido e piscou rapidamente.

- Bom - disse lentamente - suponho que devo ter enganchado em algo?

- Está me perguntando ou está me dizendo? - exigiu Celia com severidade. - Max não arrancou isso em um arrebatamento de paixão?

- Não! Deus, por que diz essas coisas? - Neve arrancou o vestido das mãos de Celia, rasgando-o ainda mais no processo. -

Só se concentre no problema em questão. Isto pode ser consertado?

- Não, rasgou justo em frente da saia - disse Celia a contra gosto. - Arruinou algo vintage. Há uma palavra para gente como você.

Se houvesse, então Neve não se importava saber qual era. Fez um gesto para seu escasso vestuário.

- Por favor, poderia ter foco? Na sua opinião profissional, há algo aqui que seja remotamente apropriado para uma bodas ou uma noite na cidade com um grupo de garotas que estão realmente no falso bronzado?

Celia se deixou cair sobre a cama e pôs seus braços detrás de sua cabeça.

- Esta tua relação panqueca... Quero dizer, pensei que tinha terminado com ele para este momento. Supunha-se que seria por um par de meses e não soava como se fosse tão feliz com isto a semana passada. Mas logo, quando fomos jantar no domingo, foi muito doce com ele como se queria sê-lo e não só fazê-lo para acumular alguns pontos na relação.

Neve suspirou e se sentou na cama porque Celia soava muito agressiva, e ficou claro que o trabalho do guarda-roupa de sua irmã estava muito abaixo em sua lista de prioridades imediatas. Além disso, Celia tinha golpeado, sem saber, a uma verdade incômoda; fazia uns dias que o pensamento de romper com Max tinha parecido a resposta a vários problemas, ou pelo menos o problema de não poder dormir juntos, mas agora tudo tinha mudado. Não podia dizer para Celia por que tudo tinha mudado. Não importa quantas vezes o explicasse a outros, o acerto sempre soava estranho e cruel. Mas quando Neve não o explicava e tão somente era como era, começava a sentir-se natural. Como se estivesse exatamente onde tinha que estar, que era com Max.

- Bom, ele cresceu comigo nos últimos dias - admitiu. - E sim, suponho que, de certo modo, é algo assim como converter-se em uma relação apropriada, embora com o entendimento de que não vai durar além de certo ponto.

Ainda não estou convencida - decidiu Celia, sentada e envolvendo seus braços ao redor de seus joelhos. - Sei que vai encontrar um menino e não há maneira no inferno de que poderia alguma vez ser O eleito, mas ainda assim termina fodendo com ele por um tempo. Entretanto, estar com alguém que tem conhecimento que você está apaixonada por outro... Max sabe um pouco o William?

- É obvio que sim - disse Neve de mau humor, porque, realmente, que tipo de garota pensava Celia que ela era?

- Bom, sei por que está com a relação panqueca, mas Max o ele ganha com isto? Além do prazer de sua encantadora companhia, que não tem preço - adicionou Celia rapidamente, quando viu o brilho nos olhos de sua irmã. Essa era uma pergunta que Neve não tinha uma resposta adequada ainda, por isso tratou de fazer caso omissa des preocupadamente.

- Não sei. Teria que perguntar para ele.

- Sim, como se ele fosse me dizer isso. - Celia se arrastou fora da cama para poder estudar o lamentável estado do guarda-roupa de Neve. - Não há nada aqui com o que possa trabalhar.

-Não acha que possa usar um de meus vestidos cruzados se acrescentasse alguns acessórios? - sugeriu Neve.

- Não, a menos que seja um vestido cruzado do Diane von Furstenbergen com uma impressão gráfica de moda, então não. Não tem nada remotamente sexy para usar na discotecas tampouco. Não acredito que nenhuma de suas roupas sejam consideradas sexy inclusive quando usadas no ônibus. Celia colocou as mãos nos quadris. - Vamos ter que ir às compras.

- Tudo menos isso. - Neve fez um gesto de horror, como se Celia tivesse perguntado se podia tirar todas as unhas dos seus pés uma a uma. De fato, isso seria preferível. Estou completamente quebrada e me prometi não comprar roupa nova até que atingisse minha meta de peso.

- Mas carinho, você vai a umas bodas WAG, precisa de um vestido novo. - Celia bateu no ombro de Neve. - Só para fazer sua miséria cem vezes pior, mamãe estará aqui para o fim de semana e me disse que fosse as compras com ela no sábado. Salvo que pensa que vamos à rua Oxford, mas na realidade vou ao West Field, tem muita mais onda. Vai ter que vir também. Não posso permitir que compre dois vestidos de moda sem supervisão.

- Não vou às compras com mamãe e não há nada que possa dizer que me faça mudar de opinião. - Neve levantou o queixo desafiante.

- Bom. a) Vou dizer para mamãe que você se negou a ir às compras com ela e deixarei que te desgaste com chamadas telefônicas a cada hora exigindo saber como poderia ter criado uma filha sem coração que não quer passar um tempo de qualidade, criando laços afetivos, com a mulher que quase morreu dando-a a luz. Também, devo te advertir que ela vai passar, pelo menos, um quarto de hora te recordando que a parteira não tinha visto nunca a um bebê com uma cabeça tão grande. E b) Grace me empresta seus cartões de desconto, assim vou conseguir entre vinte a quarenta por cento de desconto em todas as lojas que vamos. - Celia sorriu beatificamente. - Mas é sua decisão, então está bem.

- Te disse ultimamente o muito que te odeio? - Todo o tempo, e o mesmo para você - respondeu Celia, deixando-se cair sobre a cama para pôr um braço nos ombros cansados de Neve. - Agora bem, se tivermos que passar um dia com mamãe, então precisamos falar sobre todas as coisas que absolutamente não se falam em sua presença.

Capítulo Vinte e Três

Neve sabia que tinha perdido quase seis quilogramas. Que seus quadris tinham reduzido de 154 centímetros a 109 centímetros.

Seus sutiãs agora eram 34DD e não 52GG. Objetivamente, sabia.

Mas, subjetivamente, quando ia às compras e ia provar a roupa em um provador iluminado e podia ver toda sua carne branca e branda exposta, ainda se sentia como uma Gorda de Morte, e sabia que se parecia com uma, também.

Pior ainda, comprar roupa com sua mãe dava a Neve uma terrível sensação de déjà vu de quando foram comprar um novo uniforme escolar. Para o momento em que tinha quatorze anos, Neve era muito grande para entrar na saia de tamanho maior do Marks & Spencer⁽⁶¹⁾ e teve que conformar-se com uma de cor marinha de tamanho muito maior. Logo, estava o ano em que tinha arreventado a jaqueta escolar e sua mãe conseguiu a permissão para que sua amiga Agnes fizesse uma em tecido troca poli que não se assimilava em nada às demais jaquetas. Charlotte quase tinha explorado com pesar quando Neve se apresentou na escola usando o melhor esforço de Agnes, com as costuras franzidas e dava descargas elétricas no laboratório de Física.

Neve se sentou nos bancos do provador e tratou de afastar o olhar de seu reflexo, porque, realmente, alguém se via bem sob as luzes fluorescentes quando levava o sutiã e a calcinha mais robustas que o dinheiro pode comprar? E o que tomava tanto tempo de Celia? Neve tinha pensado que Celia e sua mãe se encontravam na mesma página que ela, na página onde tinha uma foto de si mesmo levando um lindo vestido negro. Mas Celia tinha decidido que ia acossá-la para que comprasse um traje de calça preta de vestir *"com uma jaqueta no estilo smoking. Verá-se como Marlene Dietrich."*

Neve a tinha cuidado porque a única coisa que a faria parecer como essa senhora era uma cirurgia plástica radical, uma lipoaspiração e um par de genes diferentes, sua mãe tinha acrescentado seus dois peniques.

- Nunca vi você com um par de calças pretas. - Tinha dito a Neve. - E vão resultar úteis para entrevistas de trabalho e aparições ante os tribunais. Ah, e também para os funerais.

- Aqui - disse a voz de Celia atrás da cortina do cubículo, pois Neve a tinha treinado o suficiente para saber que não tinha permitido entrar em lugares sagrados sem sua permissão. - Prove estes.

Dois trajes de calças pretas foram empurrados através da brecha na cortina, já que se tratava de uma cadeia de luxo, esta tinha delírios de grandeza, as cortinas eram de cretone ondulante.

- Celia, poderia só me trazer alguns vestidos pretos? - disse

Neve, mas simplesmente houve silêncio. Sem muito entusiasmo, Neve pendurou os trajés. Celia havia trazido um de tamanho quatorze, ela não sabia, mas provaria o de tamanho dezesseis primeiro só para fazê-lo voluntariamente, e quando a calça se entupisse em seus quadris, insistiria que seguissem adiante com os vestidos pretos.

A calça deslizou facilmente, e Neve pôde inclusive fechá-la, mas eram folgadas na cintura e eram muito estreita sobre seus quadris e coxas. Neve tomou a jaqueta do cabide e a pôs sobre seu sutiã, só para satisfazer sua curiosidade. A jaqueta, pelo menos, ficava; podia abotoar todos os botões, mas...

- Como vai aí? - O tom estridente de sua mãe viajou através da cortina, e para horror de Neve, esta deu alguns passos para o provador. - Vamos dar uma olhada.

- As calças não ficaram bem - bem Neve, envolvendo seus braços ao redor de sua cintura defensivamente. - A jaqueta está bem, suponho.

- Deixe-me ver. - Sua mãe obrigou Neve a baixar seus braços e logo teve a ousadia de colocar a mão na cintura das calças. - Estes são muito grandes para você.

- São muito pequenos. Estão obstinando a minha traseira e coxas.

- Tolices. São muito grandes e a jaqueta se embolsa sobre seus peitos.

- Mamãe! Solte-me! - Neve tratou de afastar as mãos de sua mãe, as quais se encontrava ocupadas desabotoando a jaqueta.

- Eu dei a luz este corpo e não foi fácil, me acredite, e somos todas mulheres. Não há nada do que envergonhar-se. - Sua mãe tinha conseguido desfazer-se da jaqueta.

- OH, tem muito menos busto do que tinha pensado.

- O que te falei? - Agora Celia retirava a cortina para que pudesse olhar a Margaret Slater com horror. - Não entre no provador sem ter sido convidada. Não ofereça sua opinião, a menos que Neve pergunte por ela e, definitivamente, não tocar. Tira suas mãos dela!

- Sério, nunca tinha ouvido isso - queixou-se a senhora Slater, vendo sua filha maior. - Não tem nada do que se envergonhar, Neevy. Quase não fica nada de você.

- Fica muito de mim. - espetou Neve, fechando a jaqueta novamente e oferecendo-se para a inspeção da Celia.

- Precisa de uma tamanho menor. - disse sua irmã. - Tudo é muito grande.

- Estou falando comigo mesma? Sim, as calças são muito grandes na cintura, mas são muito pequenos em meu desconunal traseiro.

- Por favor, só ponha o tamanho quatorze para que possamos comparar e contrastar porque estou perdendo minha vontade de viver aqui - pediu Celia.

- Está bem, que seja. - Neve pegou o outro traje, depois olhou para sua mãe e irmã através do espelho. Se Margaret Slater não tivesse uns bons vinte e cinco anos sobre sua filha menor, poderiam ter sido confundidas como gêmeas. Mesma altura, mesma figura, mesmo olhar de indignação em seus rostos, embora a senhora Slater tinha começado a preferir as tonalidades mais claras do gráfico de cor de Clairol^[62], uma vez que o vermelho aceso de seu cabelo havia começando a desvanecer-se.

Não quero uma plateia, muito obrigada.

- Bom, já estamos aqui - disse sua mãe, deixando cair no banco acolchoado. - Senhor, meus pés estão me matando. Agora, estas bodas, sabemos quem vão se casar?

Neve agarrou o outro traje e lançou um olhar de desespero para

Celia porque quando tinham elaborado sua lista de Coisas Que Não Se Discutirão na Frente da Mamãe, também tinham feito um pacto para proporcionar uma distração se sua mãe não deixasse o tema por vencido. Não deixar um pouco de lado é a razão de ser da Margaret Slater.

- Já disse, mamãe, é um amigo de um amigo de Neve que não conhece - disse Celia rapidamente. - De todos os modos, te disse que Douglas e Charlotte estão discutindo todo o tempo?

Parece que teremos o primeiro divórcio na família em pouco tempo.

- Mmmmm. Quando penso em todas as garotas formosas que cortejou e se casou com ela. - A senhora Slater franziu os lábios e olhou para o céu. Realmente deveria pedir a Padre Slattery que se deixe cair sobre eles. Mas, vamos, não é católica, verdade?

- Não, mamãe - disse Celia piedosamente, embora ela não tinha ido a missa em anos, e talvez tomaria todo um dia no confessionário, uma semana de Ave Marias e realizar os Fatos de Contrição antes de ser absolvida por todos seus pecados.

- Isso acontece quando se casam fora de fé.

Sobre todas estas distrações foi uma segura, uma ganhadora garantida para que Neve pudesse trocar de traje com a certeza que sua mãe se encontrava ocupada protestando sobre todos que eram responsáveis pelas terríveis agressões com arma branca até os da gripe suína.

Neve puxou a calça e subiu até a metade da coxa onde se negariam a subir. Exceto que havia mais que suficiente lugar para puxar, o qual era inútil já que não seria capaz de abotoá-los.

- Celia, não acha que devia ter pego tamanho dezesseis - disse Neve, quando deslizou o zíper até acima. - Quero dizer, ainda são muito grandes na cintura e muito apertados nas coxas. Mas a jaqueta parece menor. É a jaqueta muito pequena?

- Me deixe ver - disse Celia, e depois em uma total violação da regra de não tocar, colocou uma mão detrás da cintura de Neve para poder ver a etiqueta. - Não, é tamanho quatorze. E não são muito apertados; devem cair da parte larga da perna, o que estão fazendo, até ajustar-se em seu estômago. - voltou-se para Neve para poder puxar e ajustar a jaqueta. — a de tamanho dezesseis era muito quadrada. Vê como estes envolvem na cintura.

- Mas não posso estar em um par de calças de tamanho quatorze. Meus quadris medem 109 centímetros. O tamanho quatorze é para 106 centímetros. - Neve sacudiu a cabeça. - Está certa que não está muito justo?

- É obvio que não - disse a Sra. Slater, tirando Celia do caminho para poder auscultar e cravar Neve também. - Tem uma figura adequada, minha menina. Não como Celia, que está como um pau. São muito compridas, mas nada que uns sapatos de salto médio não possam arrumar.

- Pau? Recebi minha falta de curvas por parte de você, mamãe - sussurrou Celia. - E não vai comprar qualquer calçado sem mim. Mas acredito que está pronta para um salto de sete centímetros.

- Não posso acreditar que esteja em uma calça de tamanho quatorze - murmurou Neve surpreendida, estirando o pescoço para ver como se via seu traseiro. Sinceramente, não podia dizer se o traje se via bem nela ou não. Tudo o que sabia era que se tratava de um tamanho quatorze e isso significava que tinha que tê-lo. - O que deveria pôr debaixo da jaqueta?

- Já sabe, a maioria das mulheres não levam nada debaixo da jaqueta, mas sei que não é como a maioria das mulheres - disse Celia rapidamente quando os olhos de Neve se abriram com horror.

- Deixei uns objetos fora.

Havia uma blusa de gaze desenhos de flor de cereja e com a cintura e punhos franzidos que Neve amou, um vestido que Celia tinha selecionado no caso de Neve se negar às calças. Era feito de rosa cor ostra com uma capa de encaixe negro e tinha um pescoço tipo xale, mangas de medida curta, cintura rodeada e uma saia rodada. O vestido era a coisa mais linda e Neve agora estava na dúvida, já que serviria igualmente bem, assim como o traje de calça para as bodas. Ainda melhor, tinha deixado sua mãe sem palavras.

- OH, Neevy - suspirou porque o mutismo só tinha durado um minuto. - Você está Linda. Na verdade tem o busto bonito.

- Poderia usar este vestido para ir a discotecas? - perguntou para Celia com

esperança.

- Só se o clube é da década de 1940 - disse Celia exasperada. Depois baixou sua voz. - É bonito, mas não é estilo WAG e obterá mais usos do traje de calça. Além disso, escolhi algo para a discoteca e quero que prove isso com a mente aberta, sei que pode ser difícil para você.

- Por quê? - perguntou Neve com suspeita. - O que tem de mau?

- Nada! - disse Celia, colocando um braço através da cortina. Só não é seu estilo habitual. - Tenho estilo clássico - disse Neve, embora sabia que realmente não tinha muito estilo absolutamente. Por seus quadris, coxas, ventre e a parte superior de seus braços, declarou-se sua roupa um êxito. Mas podia ter uma mente aberta; tinha comprovado o traje de calça? - OH, meu Deus, não me porei isso! De maneira nenhuma. Tem lentejoulas por todos os lados.

O vestido que Celia segurava era curto e de lentejoulas de prata. A única coisa favorável eram as mangas largas, única razão pela qual Neve deixou que sua mãe e Celia a convencessem a provar.

Neve olhou seu reflexo no espelho, mas tudo o que podia ver era brilhos diante de seus olhos pelas lentejoulas e suas pernas carnudas.

- É muito curto. Não tenho nada para pôr com ele e só se vê estúpido e ridículo e pouco favorecedor. Não!

- É um fodido vestido de linha A. É o corte mais favorecedor do mundo e pode usar com calças justas...

- Calças justas? - repetiu Neve. - Eu não uso calças justas.

- Tem vinte e cinco anos - acrescentou a Sra. Slater. - É um vestido bonito para discoteca e deixa muito pouco para a imaginação. Algumas destas garotas, poderiam muito bem sair fora de casa em roupa de baixo.

Neve se olhou no espelho novamente. Parecia ruborizada de irritação e, quando seus olhos se dirigiram para baixo, seu corpo coberto de lentejoulas não combinava com seu rosto ansioso. E Santo Deus, suas pernas se viam enormes.

- Vejo-me horrível disse.

Isso devia ter sido tudo, exceto Celia explorou, embora Neve pensou que não se tratava sobre ela, a não ser ante a exposição prolongada com sua mãe.

- Por que não pode ver o que nós vemos quando olhamos para você? desabafou, apertando suas mãos nos ombros de Neve de modo que estivesse frente ao espelho.

- Esta formosa e sexy! Ou assim seria se apagasse essa expressão azeda. Cristo, Neve!

- Agora bem, não há necessidade de tomar o nome de Deus em vão...

- O vestido é tamanho quatorze! É tamanho quatorze. Em nenhum lance de imaginação te vê gorda, a não ser que estivesse provando coisas da Chanel e, francamente, nesse mundo o tamanho seis é obesa.

- Não está ajudando, Celia. - Neve apertou os dentes. Era só um vestido de lentejoulas e não podia entender por que sua irmã se comportava como se fosse uma coisa de vida ou morte. - Olhe, comprarei algo com poucas lentejoulas para ir a discoteca.

Celia cruzou os braços e ficou diante da cortina.

- Levará esse vestido.

- Celia, sou uma mulher adulta e muito capaz de tomar minhas próprias decisões, assim pode ficar com esta cara de brava pelo tempo que queira, não servirá de nada.

- Vou comprar esse vestido para você insistiu Celia agressivamente, como se pegar Neve e dar umas boas bofetadas.

Era hora de tirar a artilharia pesada.

- Mamãe! Diga! A senhora Slater ficou de pé.

- Celia, não comprará esse vestido para você. Eu comprarei os dois vestidos e o traje. Agora, onde vamos conseguir os sapatos dos quais falava?

Celia geralmente podia ser intimidada por uma voz dura e um olhar, mas não era mais que uma cópia de segunda. A Sra. Slater era a que mandava, quem se negou a escutar as súplicas de Neve sobre por que não queria o vestido de lentejoulas e que podia comprar o traje de calça agora e o outro vestido em seu cartão de crédito.

- Vai deixar-me comprá-los para você e sem me importar que você não goste gritou a senhora Slater ao chegar no caixa. - Agora, me espere fora porque não é tão velha para não que te ponha sobre meu joelho e dê algum sentido dentro de você.

Neve se sentia mortificada. Igual Celia, quem tinha estado a ponto de dizer algo, fechou a boca com um estalo audível.

- Obrigado, mamãe - disse Neve bobamente quando a senhora Slater saiu com uma bolsa de cartão. - Realmente aprecio seu gesto.

- Bem, não posso recordar a última vez que fui às compras contigo, Neevy, e é um prazer não ter que ir ao Evans. Agora, os sapatos.

Encontraram o par perfeito de sapatos de camurça preto no Office não com uma, mas sim com duas correias e um salto bastante sólido já que Neve decidiu que provavelmente seria capaz de caminhar neles.

- Assim, terminamos? - perguntou impaciente, depois de pegar a bolsa.

Deveríamos ir tomar um café?

- Preciso ir ao Marks e comprar algumas toalhas. Não têm toalhas muito suaves no Continent e este pode ser um centro comercial luxuoso, mas lhes pergunto: Como podem ter um centro comercial no centro de Londres sem um John Lewis⁽⁶³⁾? - A Sra. Slater sacudiu a cabeça.

- Eu digo que vamos as toalhas e depois a tomar uma bebida. - disse Neve com firmeza. - Choe do trabalho, me disse que há uma bonita loja de café no balcão.

- Enquanto houver algum lugar para sentar-se. Não desejaria meus joanetes nem a meu pior inimigo. - A senhora Slater ajustou a correia de sua bolsa em seu ombro. - Qual é o caminho para o Marks? Celia sorriu vitoriosamente.

- Podemos ir ao Topshop porque não me comprou um presente e a nova coleção da Kate Moss acaba de chegar.

- Não irei comprar um presente. - A senhora Slater disse bruscamente. - Não fui às compras com Neve desde que saiu da escola e ela nunca me chama para me dizer que a eletricidade está a ponto de ser suspensa porque você e a pequena senhora não podem pagar a fatura. E Neve nunca me chama para me dizer que não tem dinheiro em seu cartão Oyster e não pode chegar ao trabalho. Acredito que tiveste muito de seu pai e de mim ao longo dos anos.

- Mamãe, Celia não ganha muito dinheiro - disse Neve, pondo uma mão sobre cada um de seus ombros, já que ambas se lançavam olhadas assassinas e não queria que chegassem aos tapas no centro do Westfield. - Os trabalhos de moda são muito mal pagos.

- Realmente são - exclamou Celia. - E Londres é a cidade mais cara do mundo. Além de Tóquio. - Mas você não tem que pagar aluguel ou hipoteca todo mês - disse a Sra. Slater zangada. -Esse foi o ponto de te dar um apartamento. E se não é você, é Douglas pedindo uma esmola. Mas, vamos, Neve me liga? Não. E sabe por quê?

- Porque nunca sai e vive de pescados ao vapor e arroz integral disse -Celia mal-humorada. - Sem ofender, Neevy.

- Bem, estou ofendida.

- A razão pela qual Neve nunca pede dinheiro é porque tem um orçamento mensal e se apegar a ele apesar de recebe uma miséria dessa biblioteca e se graduou com honras de primeira classe de Oxford!

- Isto é uma indireta porque alguma vez obtive um título?

Jesus, quando vai deixar ir?

- Tivesse podido retomar seus níveis A, mas desapareceu em Nova Iorque

sem deixar sequer uma nota...

Neve se sentou no banco mais próximo. Celia e sua mãe estariam discutindo por horas agora que tinham começado. Tirou seu celular de sua bolsa para ver suas mensagens e como tinha esperado, havia uma mensagem de Max; converteram-se em um fato diário.

Não posso deixar de pensar nas grosserias que quero fazer contigo. Como está Keith? Como você está? Como está Lucy? Max

É obvio, Neve respondeu, porque as mensagens coquetes não eram seu forte.

Keith está bem, envia-te seu amor. Lucy também está bem. Espero que os publicitários de Los Angeles estejam se comportando. Neve

Apesar de não ter ouvido nada de Jacob Morrison, Neve seguia trabalhando na biografia de Lucy. Durante a semana passada, converteu-se em um hábito escrever pelo menos quinhentas palavras durante a noite. Neve tinha posto sua nova ética de ter Keith vivendo com ela, já que quando Charlotte tinha subido para gritar com Neve, Keith fazia uma boa imitação de um cão a ponto de atacar.

- Não me importa como era a vida quando tinha minha idade! Arrumado a que a gente se casava tão jovem só para poder ter relações sexuais.

A discussão ainda seguia em pé. Neve correu ao final do banco para que as pessoas que observava discretamente não se dessem conta que estava relacionada com as duas ruivas, com a cara vermelha de irritação que gritavam uma à outra.

- É melhor se casar jovem que passar todas as noites de cama em cama tirando a calcinha a esquerda, direita e centro. Só estou dizendo, Celia, um par de noites não fazem bem ao mundo. Com todo o sexo pré-matrimonial, não é de se sentir saudades por que você tem tão mau gênio. Nunca temos que nos preocupar com Neve.

Sempre foi uma garota boa.

Neve realmente desejava que sua mãe a deixasse fora disto. Celia obviamente se sentia igual, porque seu rosto chegou ao cenit da vermelhidão quando assinalou com seu punho para sua irmã.

- Ela tem um namorado - gritou. - A quem está usando para praticar relações sexuais porque está apaixonada por outro alguém. Sinto muito, mamãe, mas sua garota boa se tornou malote.

- Você sua pequena víbora - disse Neve, sua voz sinistramente baixa, enquanto sua mãe ficava sem fala pela segunda vez esse dia.

- Como é. Celia arrastou as palavras, mas Neve se deu conta de que se arrependia de seu arrebatamento verbal já que a palavra favorita da Celia carecia de seu garbo habitual.

- Hei terminando com a relação mãe/filha!

Celia se dispersou como uma adolescente dando pisadas fortes. Neve ficou

com sua mãe, que a olhava como se de repente tivesse começado a mostrar signos de estigmas.

- Não é tão mau como Celia o fez parecer - disse Neve fracamente. - Não te falei sobre ele porquê...

- Toalhas. Marks & Spencers - disse sua mãe, como se isso fosse a única coisa em que podia concentrar-se porque enfocar-se na vida sexual de Neve daria uma dor de cabeça.

Sua mãe manteve um fluxo constante de conversa até chegar ao Marks, fazendo uma breve pausa para comprar dois jogos de toalhas em uma cor pêssego que complementaríamos os tons outonais no banheiro de convidados da vila na Espanha, logo falou todo o caminho de volta ao Finsbury Park.

Neve já sabia tudo a respeito dos níveis de colesterol de seu pai ("muito mais baixo desde que se fez cargo da cozinha, embora siga pensando que não pode ter um molho sem um pouco de manteiga e creme nela"), o sofrimento silencioso de sua tia Catalina, em Nova Pulôver, que era uma pulseira de sua Síndrome de Intestino Irritável e a vista esquemática de sua mãe sobre o que fez durante todo o dia.

- Esta biblioteca teus DVDs? - perguntou, enquanto abria a porta de sua antiga casa, que tinha sido convertida em dois pisos. Seus pais tinham alugado o andar de baixo a uma família de Testemunhas de Jeová, e embora sua mãe tivesse muito que dizer a respeito das pessoas que colocavam seu nariz nas transfusões de sangue, ao parecer, era muito bons arrendatários que sempre pagam o aluguel em dia.

- Você sabe, Neevy, és muito qualificada para dirigir às pessoas aos livros de maior impressão. Pensou em te converter em uma professora?

- Não é esse tipo de biblioteca, mamãe - disse Neve, seguindo a sua mãe pelas escadas. Tinham tido esta conversa em inumeráveis ocasiões, mas tanto como sua mãe sabia, as bibliotecas eram onde ia pegar novelas românticas, que custavam nove dólares. - É um arquivo literário. E não quero ensinar. - Seria um verdadeiro inferno ter que sentar-se em uma sala cheia de adolescentes arrogantes, que prefeririam enviar mensagens de texto a outros adolescentes arrogantes que respeitar a autoridade de Neve e escutar o que tinha para dizer a respeito da novela post-moderna.

- Bom, é importante o ter em conta - disse a senhora Slater, enquanto tirava os sapatos.

-OH, Neve, você poderia arrumar um trabalho em uma escola privada agradável. Isso seria encantador. Têm um nível muito alto, não há moletons com capuz...

- Vou pôr a chaleira no fogo, de acordo? - interrompeu Neve rapidamente.

Estas pequenas palavras de ânimo também a faziam dolorosamente consciente do enorme abismo entre sua realidade atual e as expectativas de sua mãe.

Tomaram chá na sala de estar, que tinha sido a moradia de seus pais. Igual à casa na vila espanhola, encontrava-se decorada nos tons outonais favoritos de sua mãe: tapetes de cor avermelhada, sofá e poltronas de veludo marrom e um par de brilhantes cortinas de cor laranja que feriam os olhos de Neve, se as olhava por muito tempo.

- Certeza que não quer uma bolacha? - perguntou sua mãe de novo. - Uma só não vai doer. Vamos, se atreva. Estas eram suas favoritas, cheias de chocolate que Neve estava acostumada a devorar por pacotes, mas negou com a cabeça e voltou a picar a barra de proteína que tinha encontrado no fundo de sua bolsa.

A Sra. Slater olhou alocadamente ao redor da residência e Neve sabia que procurava desesperadamente algo para dizer para não ter que falar de suas aventuras sexuais. Não é que isso fosse algo que queria conversar com sua mãe, maldita Celia.

- Te dito sobre a SII⁽⁶⁴⁾ da Tia Catherine?

- Mamãe, vamos terminar com isto - interrompeu Neve com calma, embora se sentisse claramente não-calma. - Estou vendo alguém e é muito agradável, mas não é sério, motivo pelo qual nunca falei sobre ele.

- E por que não é sério? - exigiu sua mãe, pequenas manchas de cor apareceram ao longo de suas maçãs do rosto. - É uma garota bonita. Ele deveria estar loucamente apaixonado por você. Neve não sabia quem era esta formosa garota muito inteligente da qual sua mãe falava, mas desejava ser mais como ela.

Não está apaixonado por mim e eu não estou apaixonada por ele. É por isso que não é sério, porque, bom, estou apaixonada por outra pessoa. Pelo William - acrescentou imprudentemente, Neve se deu conta com uma pequena pontada de culpa que não tinha pensado em William o dia todo. O qual era estranho e mau, quando não fazia muito tempo, era seu primeiro pensamento quando saía da cama e, antes que pudesse escovar os dentes, ia nas pontas dos pés pelas escadas para ver se havia um envelope de correio esperando por ela.

Sua mãe, entretanto, não pareceu ter perdido tempo pensando no William.

- Quem é William? É um de seus amigos da biblioteca?

- É um arquivo... William! William de Oxford, que me devolveu um trabalho naquele momento que eu tinha deixado meu ensaio esquecido e ficou para tomar o chá.

- A Sra. Slater ainda, obviamente, deslocava-se através dos bancos de sua memória. - E veio depois do Natal em meu segundo ano, fez um sanduíche de peru e te levou um brandy no dia da graduação, quando disse que se sentia realmente nervosa, porque nenhuma das outras mães levava um chapéu e você

necessitava algo para acalmar seus nervos.

- OH, esse William!

- Por que o falou assim? - Neve deixou a xícara. - Sempre foi perfeitamente agradável com você.

Bom, sim. Sim, foi. Tinha maneiras encantadoras. - Sua mãe fez uma pausa com delicadeza, o qual era muito distinto dela. - Não te parece, bom, que está um pouco fora de sua liga?

- O que se supõe que significa isso? Faz cinco minutos me dizia que era formosa. Sim, sei que William é muito bonito, mas nos conectamos em um nível muito mais profundo que a mera estética.

- Não comece a usar essas palavras compridas comigo. - Sua mãe olhava ao redor da sala, como se quisesse que trocasse os hábitos de toda uma vida e selecionasse suas palavras com mais cuidado. - É uma garota muito bonita, Neve, mas os homens como esse não vão para mulheres como você. E não tem nada que ver com a aparência, trata-se de onde vem. - Eu venho do Finsbury Park, William se criou no Fulham, o que tem isso há ver com o preço do leite?

- É elegante e você não. Sei que fala muita bem e não sei como, tendo em conta que seu pai soa como se criado em uma mina de carvão, mas é da classe trabalhadora e esse William... Bom, que fazem seus pais para ganhar a vida?

Neve teve vontades de dizer para sua mãe que ser dono de duas casas em Londres, uma casa de campo no Yorkshire e um chalé na Espanha significava que seus pais se encontravam agora firmemente arraigados na classe média, gostassem ou não, mas sabia que sua mãe acabaria de contra-atacar com a greve dos mineiros, a fome e não se envergonhar de suas raízes.

Seu pai é um advogado admitiu - Neve, embora não ia se prolongar com maior profundidade e revelar que ele estava realmente em controle de qualidade.

- E sua mãe é médica.

- Bom, aí o tem então. E certo que ele foi para uma escola particular de luxo e comia queijo depois de seu chá em lugar de uma sobremesa como gente normal. - Sua mãe sorriu. - Nunca vai funcionar.

- Bom, eu não como sobremesa - Recordou Neve calmamente. - Assim estou segura que William e eu ficaremos bem.

- Se você e esse William vão estar bem, então, por que anda por aí com outro homem? Qual é seu nome de todas as maneiras?

Isso parecia ser o momento da guilhotina, Neve explicou, apesar de que sua mãe sabia muito bem que ela não tinha nenhuma experiência em relações.

- Só quero que as coisas com o William sejam perfeitas e assim sair com o

Max é como a revisão antes de um exame importante.

- Você... Realmente... Que diabos? - Sua mãe abriu e fechou a boca, seus olhos piscavam de lado a lado. - Ainda não tem um pingão de sentido comum? Nunca escutei semelhante disparate. As relações não são algo que pode preparar e não há tal coisa como um perfeito. São um montão de trabalho duro - disse a senhora Slater sem rodeios.

O primeiro ano que seu pai e eu nos casamos, não fizemos nada a não ser discutir. Inclusive atirei o prato da manteiga nele uma vez.

A menção de seu pai deu outra pontada dolorosa a Neve enquanto recordava o que tinha pautado para o próximo debate.

- Sei que é um trabalho duro - chiou. - Mas a maioria das garotas da minha idade têm muita mais experiência em como fazer que tenham êxito.

- Não pensei que te interessava esse tipo de coisas. - disse sua mãe. - Todos pensamos que tinha deixado depois de sua tia- avó Sinead.

Neve se horrorizou.

- Ela é uma monja, enquanto eu era enormemente gorda. Giz e queso⁽⁶⁵⁾. Nada em comum com a tia Sinead absolutamente, embora seja uma senhora muito agradável.

-Era realmente horrível e malvada, e Celia sempre disse que seria muito menos horrível e malvada se alguma vez tinha um bom pó e um par de taças de Jack Daniel.

- Só espero que esteja sendo precavida. - Sua mãe fez uma careta quando disse a palavra. No departamento do quarto.

- Isso não é nada pelo que deva se preocupar, mamãe - disse Neve rapidamente.

Sei que os meninos pensam que sou antiquada, mas não quer atirar o presente mais precioso que pode dar a um homem, idealmente a seu marido, porque está sendo pressionada por este Max ou inclusive esse William. Uma vez que o der de presente, não se pode recuperar.

Inclusive, faz um ano, quando ainda era de tamanho vinte e desesperada sobre que jamais voltaria a ver uma etiqueta de tamanho dezoito na parte posterior de sua roupa, Neve teria estado de acordo com sua mãe. Mas quanto mais se movia para o tamanho do mítico dez e a realidade de estar em uma relação, seu dom precioso se sentia como um obstáculo mais do qual tinha que desfazer-se. Além disso, a maioria dos homens que conhecia prefeririam ter um iPad ou um televisão de plasma que o precioso dom de sua virgindade.

- Já sei, mamãe -disse, perguntando-se como diabos ia trocar de tema.

- Assim não faça nada com este Max do que pode chegar a se lamentar mais

tarde -insistiu sua mãe.

- Não é realmente a respeito do Max - disse Neve, já que não o era. Na maior parte clínica e calculada de sua relação panqueca, ele era só um meio para um fim. E o final era....

- É a respeito de William. Eu... Bom, amo-o, e me sinto como se parte de mim faltasse enquanto não esteja aqui. E quando retornar, tudo vai mudar. Tudo vai estar melhor.

Ele comentou sobre o peso. - Sua mãe recordou com uma voz forte para que coincidissem com o olhar penetrante que dava.

- Não estão as coisas já melhores?

- É obvio que sim, mas será ainda melhor quando for um tamanho dez, e logo William e eu estaremos juntos e tudo será perfeito. - Neve tinha esta imagem na cabeça agora de um campo verde salpicado de flores silvestres, os restos de um piquenique estendido em um tapete e William com uma camisa branca, seu cabelo loiro caindo em seus olhos enquanto jazia na erva, com um murmúrio suave e relaxante enquanto falava. Ela se encontrava em algum lugar da cena em um bonito vestido do verão tamanho dez, mas embora tentasse, Neve não podia imaginar isso, por isso se centrou no William e sorriu quando disse para sua mãe. William é minha alma gêmea.

- Honestamente, Neevy, sonhas como uma adolescente doente de amor. Não devia ter deixado você ler muito e te fazer pegar mais ar afresco quando era pequena. - Sua mãe nem sequer tratou de fazer que soasse como uma brincadeira. - Só espero que saibas o que está fazendo.

- Faça-o - disse Neve, e o fazia, até que tinha que explicar suas ações às pessoas que não era ela nem Max e então tudo parecia vago e indefinido. Olhe de todos os modos, isso não é realmente o que importa. Queria falar sobre papai.

Chegou-se a algo quando trocou de sobre sua não-relação com seu pai foi um alívio bem-vindo. Embora sua mãe não parecia pensar assim.

E o que quer falar sobre ele?

- Bom, Seels e Douglas têm está louca ideia de que não falo com papai porque estou zangada com ele. A respeito do que disse. Já sabe, nesse momento.

Não podia dizer frases completas, mas sua mãe assentiu com a cabeça como se compreendesse e não estivesse tão surpresa que Neve falasse disso.

- Está zangada com ele? - Havia algo a dizer sobre a forma como Margaret Slater não se incomodou com as sutilezas e só foi direto ao assunto.

- Acredito que estava - disse Neve lentamente. - Em um primeiro momento. Pensei que me odiava. Isso me deu asco. Tragou saliva, as lágrimas não tão longe de novo.

- Seu pai te adora, sempre o tem feito, sempre - disse sua mãe contundentemente. - Entre você e eu, você é sua favorita e se sente destruído pelo que disse naquele dia. Ele desejaria nunca havê-lo dito.

- Mas disse e nunca tratou que falar comigo sobre o tema ou dizer que o sente, porque se houvesse... - Neve teve que deter-se porque sua voz se espessava.

- OH, vem aqui, menina tola! - A Sra. Slater deu uns tapinhas no sofá a seu lado, e com vinte e cinco era muito velha para aconchegar-se contra sua mãe, mas Neve se levantou de sua cadeira para poder aconchegar-se junto a sua mãe e descansar a cabeça sobre seu muito ossudo ombro. Sabe o velho e teimoso que é seu pai e é fato que você seja exatamente igual. Não pode falar de seus sentimentos, no melhor dos casos, não importa sair com uma desculpa. Trata de mostrar de outra maneira.

- Com mais me perguntando se necessitar algo, algum piso para arrumar?

- Neve sorveu, limpando o nariz com o dorso da mão.

- Lembra-se dessa cauda horrível que tivemos no caminho de volta do Brent Cross naquele então dia? Disse que estava indo pelo caminho errado, mas não quis me escutar, OH não, e terminamos em um trânsito terrível no Neasden e ele se encontrava muito ocupado gritando para eu prestar atenção ao que fazia...

- E se foi à parte de trás do carro, que pertencia a um policial fora de serviço. O que tem isso que ver?

- Nunca recebi uma desculpa, mas me deu uma nova cozinha uns meses mais tarde. Recordou com carinho sua mãe. Eu tinha estado pedindo por anos.

- Ele poderia estar arrependido, mas ainda pensou, ainda disse. *"Eu não me atrevo a te olhar."* - Neve queria falar, mas se afogou quando sua mãe a fez calar e acariciou o cabelo até que estava sob controle e lutou por sentar-se direita.

- Sente-se melhor agora? - perguntou a senhora Slater, massageando as costas de Neve. Encontrava-se bêbado, zangou-se com a Celia e Douglas, mas não com você, Neevy. E nunca devia ter falado assim, mas ele estava preocupado por você, ambos estávamos, deveríamos ter te chamado e falado com você a respeito de... Bom, talvez baixar alguns gramas. Você fez esse horrível som sibilante quando subia as escadas.

- Essa é a coisa, mamãe. Ele tinha que dizê-lo e eu tinha que escutar a respeito de perder muito mais que umas gramas, mas, ainda assim, doeu de verdade.

- Nunca conheceu sua avó porque morreu antes que houvesse sequer sido pensada, mas ela era uma senhora muito grande. Sua mãe mordeu seu lábio, e logo decidiu seguir lutando. - Outra coisa que seu pai não gosta de falar, mas

acredito que é necessário escutar isto. Tinha problemas de coração e contraiu diabetes...

- Não pode contrair diabetes, mamãe - corrigiu Neve porque não podia evitá-lo quando se produzia um uso incorreto de um verbo.

- Bom, ela teve diabetes e não ia mudar sua dieta, finalmente perdeu a vista de um olho e tinha terríveis problemas com seus dentes e os pés. Dois de seus dedos dos pés tiveram que ser amputados. Logo morreu de um ataque do coração quando tinha cinquenta e um anos com três filhos menores de dezoito sozinhos para cuidar de si mesmos. Essa não é idade para morrer, Neevy. E sua tia Susan, bom, vai da mesma maneira. O lado de seu pai da família, tende a engordar.

Neve ficou horrorizado quando Gustav insistiu que fosse ao médico antes de começar seu programa de condicionamento físico, e seus níveis de açúcar tinham estado em cifras de dois dígitos altas, embora agora nunca mais tenha se desviado de um muito respeitável quatro ponto oito. Sim, se ela tivesse conhecido a diabetes tipo dois durante seus anos estando gorda.

- Estou desagradavelmente magra agora, mamãe - assegurou Neve. - Quero dizer, sei que estou ainda com um pouco de sobrepeso, mas estou sã realmente, e tudo está funcionando como deveria ser. Não há sibilos a menos que Gustav me fizesse fazer serie sem interrupções. - Bom, não sei o que são as serie, mas seu pai está muito orgulhoso de você, nós dois estamos. Frequentemente diz que é a viva imagem de sua mãe quando era mais jovem. No Natal passado, disse que era como ver um fantasma entrando pela porta principal. - Deu uns tapinhas no braço de Neve. - Isto significaria um mundo para ele se deixasse entrar em sua vida. O há de mau em deixá-lo reparar uma tibia que goteja ou algo assim?

- Bom, vou pensar nisso. - Neve pôs sua cabeça sobre o ombro de sua mãe. Obrigada por me dizer sobre a avó Slater. Pelo menos agora sei das origens de papai.

- Seu pai diz que falo muito, embora não é fácil estar casada com um homem que pode passar horas sem dizer nada, mas " vou pôr água para ferver, mascote?"

- Mas não o teria de nenhuma outra maneira, verdade? - perguntou Neve com curiosidade.

Sua mãe fez uma careta e tomou muito tempo para ter uma resposta a gosto de Neve. - Bom, não me importaria se viesse um pouco mais como Pierce Brosnan, mas não o fará soprou ela, e então não disse mais nada porque estava muito ocupada rindo como uma hiena.

Capítulo Vinte e Quatro

Havia uma carta do Will esperando Neve no dia que Max retornaria de LA.

Pelo geral, a vista desse envelope azul pálido dava a Neve um sério caso de felicidade, mas essa manhã deu de presente uma desagradável surpresa, como se alguém tivesse posto excremento de cão na rolha. Neve o pegou e o meteu no bolso e não foi a não ser até a hora do almoço que por fim teve o valor suficiente para lê-la.

E, de algum jeito, desejou não havê-lo feito, porque era o tipo de carta que ela sempre tinha sonhado que William enviaria.

Querida Neve,

Queria te telefonar. Devia te ligar, mas às vezes é muito mais fácil pôr meus sentimentos e pensamentos no papel, porque quando trato de dizê-los em voz alta, minhas palavras são torpes e inadequadas.

Dei-me conta que te tratei terrivelmente nestas últimas semanas. Minha cabeça dói de vergonha e te ofereço a mais abjeta das desculpas pelo indesculpável aborrecimento em minha última carta. Embora quando te digo carta, refiro-me em realidade a minha petição de bolsinhas de chá e bolachas. Tudo o que posso dizer em minha defesa é que tinha tido um dia horrível que terminou em uma discussão com um professor sobre uma nota ao pé de página que faltava, o que significava que seria miserável em frente do Dean. Tudo isto e além me encontrava sob uma abstinência do Sainsbury's Rede Label^[66]. Mas na realidade, essa é uma explicação em lugar de uma desculpa. Depois teve a infame chamada Telefônica onde devia eu deveria ter te devotado compaixão e compreensão em lugar de te intimidar sobre seu futuro no Arquivo. Só desejo, Neve, que pudesse ver quão especial é. Seus amigos são afortunados de te ter em suas vidas, como eu o sou, e me entristece quando não pode ver seu grande potencial. Sei que obterá coisas importantes em sua vida, mas isso também o tem que saber.

Ah, sim, há muitas coisas mais pelas que tenho que me desculpar, não? Como ter arruinado a tranquilidade de seu domingo com minhas petições de ajuda para a investigação. E por ignorar completamente a carta que me enviou comparando nossa conexão mental com o Lou Andreas—Salomé e Rilke^[67]. Depois de ter lido sua carta apropriadamente, com uma taça do Shiraz e com um fervente desejo de que estivesse sentada ao meu lado, para assim debater os pontos mais finos de seu argumento, dei-me conta de que é minha alma gêmea intelectual.

Tenho bons amigos em LA, gente que significa muito para mim, mas com você, Neve, às vezes me sento como se estivéssemos compartilhando o mesmo cérebro, a menos que falemos da senhorita Austen, é óbvio! Nunca conheci a uma mulher com uma mente tão inquisitiva e uma imaginação viva e elegante. Ah, os lugares aonde chegará...

Deveria estar de volta em Blighty^[68] em meados de julho, e estou morrendo por ver-te. Tenho tanto que compartilhar contigo que acredito terá que cancelar uma quinzena inteira de seu horário (asseguro-te que não comeci a utilizar essa palavra na mesma forma que meus

colegas americanos), para que possamos voltar a nos reencontrar. Apesar de que sinto que te conheço profundamente. Que estranho que os anos e o oceano entre nós tenha nos aproximado mais. Tenho que ir. Hei-te dito que alguns expatriados e eu começamos uma equipe de Críquete? Temo que esteja tarde para a prática.

Com muito amor, William

PD: Lamento me interpor (uma vez mais!), mas poderia procurar as entrevistas anexas da próxima vez que for na Biblioteca Britânica e me enviar isso por fax? O número está no final da página.

Neve baixou a carta e suspirou profundamente. Com William tão longe e com Max de repente à frente de sua vida, permitiu-se desviar-se.

William era o prêmio de ouro, tão brilhante e a seu alcance, tão perto que podia tocá-lo. Tinham sido as horríveis palavras de seu pai para impulsioná-la a tomar os primeiros passos cambaleantes em sua viagem para perder peso, mas de alguma maneira entre a volta do William, sua transformação se converteu em mais sobre ele. Não se tratava que sua perda de peso fizesse cair de joelhos ao William a seus pés e dizer: "*Deus, meu, Neery, quando chegou a ser tão formosa?*", era mais sobre converter-se tipo de mulher que queria ser. A classe de mulher que merecia um ouro e um brilhante, porque, maldita seja, tinha trabalhado tão duro e durante tanto tempo que merecia sua recompensa.

Mas, quando começaria a sentir-se como a garota de ouro? Seria o dia em que facilmente subiria o zíper de um vestido de tamanho dez ou seria quando William retornasse e tudo estivesse em seu lugar? Tinha pouco menos de três meses antes que ele estivesse de volta em sua vida e não só uma voz no telefone ou em uma ondulante caligrafia no papel, e Neve não se sentia como se estivesse preparada. Deus, seu corpo certamente não, e ainda se sentia torpe e tímida como tinha estado quando viu William de pé na plataforma da estação de trens enquanto se despedia da janela do trem.

Razão pela qual de ter o Max. Ele devia ser o guru dos bons momentos; trazendo diversão a sua vida e prepará-la para uma relação real. Mas ainda tinham muito terreno para cobrir e nem sequer tinham dormido juntos ainda. Indeadamente, a mente de Neve se voltou para a escuridão de seu quarto e a lembrança das mãos de Max sobre ela... Em seu... E o nó em seu estômago formado com um prazer profundo e escuro que nunca antes havia sentido. Tinha que aprender a ser mais como Max, Neve decidiu enquanto se exercitava em sua casa. Max não se fixava no aspecto de sua relação falsa e não tinha nenhum problema de estar com Neve e ver outras mulheres. Ele provavelmente se deitou com uma mulher diferente cada noite que tinha estado fora, e ela duvidava que estivesse tendo remorsos sobre isso. O fato de que Max despertasse fortes paixões nela não significava nada; tinha estado virtualmente celibatária toda sua vida, era compreensível sentir todos estes novos sentimentos confusos aos quais não sabia como enfrentar.

O que sim sabia, Neve pensou, enquanto rapidamente trocou em calça jeans e uma camiseta com estampa de um tulipa ao estilo Art Nouveau que Celia havia dito estava na moda, era que ela tinha que relaxar-se. Tudo o que Max e ela significavam um para o outro era algo sem compromisso, uma aventura cheia de diversão, da qual ambos caminhariam sem olhar atrás e sem arrependimentos e recriminações, mas o que tinha com o William sim era real. Era o que seu coração desejava.

Logo, Neve escutou dois pequenos timbres da porta e seu estômago se contraiu de novo. Assim que abriu a porta, Keith freneticamente passou entre suas pernas e desceu pela escada com uma série de agudos latidos, como se instintivamente soubesse quem tinha chegado. Depois correu até o final do corredor, ladrando, até que Neve abriu a porta principal.

Neve logo que teve tempo de registrar Max ali de pé com um sorriso que fazia seu rosto inteiro iluminar-se, porque tratava de deter Keith pela correia, mas ele se lançou pela porta para correr pelo caminho, retornar de novo à porta e voltar a correr. Fez isso várias vezes, até que finalmente no último salto à porta, e saltou sobre Max, suas patas dianteiras sobre sua jaqueta de couro, sua língua lambendo freneticamente as mãos de Max. Neve nunca tinha visto algo assim.

- Olá, moço, senti saudades de seu velho? perguntou Max roucamente, ficando de cócoras para que Keith pudesse lambe seu rosto com sua língua grande e rosada. Logo levantou sua vista para Neve, quem tratava de não chorar.
- Olá, anjo, você também senti saudades?

- Olá! Sim! Alegro-me de ver você - disse Neve, tratando de injetar enormes quantidades de alegria em sua voz. Em seus ouvidos, soava desenquadrada. - Meu deus, se bronzeou. - A pele de Max se aprofundou a uma cor caramelo e se via totalmente apetecível. Ali, de cócoras em sua calça jeans e seu pulôver a raia.

Keith tinha se acalmado o suficiente para que Max ficasse de pé.

- Fazia muito calor em LA - disse Max. Bom, quando não me congelava o traseiro em edifícios com ar condicionado. E todo mundo parecia tão bronzeado e musculoso que tenho que começar a correr outra vez agora que o clima está melhorando.

- Bom, poderíamos correr juntos - sugeriu Neve alegremente. Não tinha deixado de sorrir e suas bochechas começavam a doer, e tratando de manter certa distância emocional era difícil quando Max se encontrava de pé junto à sua porta, fazendo dar-se conta do muito que tinha sentido saudades. E mais, esqueceu-se de quão bonito era, e quando sorriu, tudo o que queria fazer era devolver o sorriso. As coisas de Keith estão prontas. Ela entrou, esperando Max para que a seguisse, mas ele ficou em seu lugar.

- Neve? Tenho que te dizer algo. - Isso soava sinistro e o sorriso estúpido que adornava seu rosto se esfumou imediatamente.

- Ah, sim?

Pelo menos agora Max tinha cruzado a soleira e não pensava entregar as más notícias na porta. Mas sim soava como se fosse romper com ela agora mesmo, o que parecia bem. De fato, faria as coisas muito mais fáceis, Neve tratou de convencer a si mesma enquanto que Max se sentou nas escadas e deu uns tapinhas no espaço vazio junto a ele. Neve se sentou e olhou para Max com ansiedade.

- O que acontece?

- Nada – assegurou Max rapidamente, e tragou como se estivesse nervoso. - Está de acordo com o que aconteceu na noite antes da viagem?

Ela podia sentir suas bochechas ruborizar-se porque uma coisa era discuti-lo em um texto outra era falar disso...

- Bom, sim. Quero dizer, foi divertido, não? - Neve ainda podia sentir o eco da necessidade, o qual se arranhou em pequenos gritos fortes de dor, enquanto os dedos de Max se retorciam e giravam em seu interior, a palma de sua mão acariciando seus clitóris.

Divertido não fazia justiça a esse sentimento. - Huum, você não está de acordo com isso?

- OH, sim. Max arrastou as palavras. - Pôs-me duro cada vez que pensei nisso, e estive pensando muito nisso. Neve se levou as mãos nas bochechas, as quais se sentiam como se estivessem em chamas. Se estava a ponto de terminarem, então Max o faria de uma maneira muito peculiar. - Assim, um, é isso o que queria me dizer?

Max colocou sua mão sobre seu joelho. Neve ficou olhando seus largos dedos apoiados sobre a mezcilla azul escura de seu jeans.

- É só que se formos fazer isso, então não vou dormir com outras mulheres. Parece grosseiro, não acha? - A declaração de Max a fez sentir sua complicada relação ainda mais complicada, mas Neve quase chorava de alívio.

- Bem, bom, bem. Se isso for o que quer. - Aplaudiu sua mão nervosamente. - Estou bem com que faça isso, ou variações sobre isso, mas nós concordamos que não vamos ter relações sexuais, verdade? Porque se precisa ter sexo, então totalmente o entenderei se deseja seguir com outras mulheres.

Max suspirou. Logo sorriu. Depois suspirou de novo.

- Sabe quantos homens adorariam escutar isso de suas namoradas?

- As namoradas panquecas - recordou Neve.

- Que seja. - A mão de Max lenta e deliberadamente se deslizou de seu joelho para sua perna. - Há centenas de maneiras diferentes que podemos satisfazer um

ao outro sem sexo pleno.

- Não centenas, verdade? - Neve franziu o cenho e deu uma cotovelada em Max nas costelas porque ele nem sequer tratou de ocultar o fato de que ria dela. - Quatro ou cinco sem dúvida alguma, mas o resto são só variações do tema.

- Assim, estamos de acordo? Um montão de momentos sensuais, mas não poderemos de verdade?

- E não nos daremos as mãos - interveio Neve porque, agora que pensava nisso, comprometendo-se a não tomar a mão de Max tinha sido uma de seus melhores ideias.

Durante as últimas semanas, tinha havido numerosas oportunidades nas quais Neve teria podido tomar a mão do Max, mas sempre iriam ter "*momentos sensuais*," teria que se conter mais como forma de aviso de que isto não era para sempre. Não se encontrava apaixonada pelo Max e, Deus sabe, ele tampouco dela, julgando pela expressão de exasperação em seu rosto nesse momento.

- Portanto, está de acordo em que te manuseie, mas não posso segurar sua mão? - esclareceu com profunda e pesada ironia

- Sim, e quando o diz dessa maneira soa ridículo. - Neve o fulminou com o olhar. - Não me levante as sobranceiras. Está bem, soa ridículo, mas preciso ter limites. Os limites são coisas muito boas; sem eles só haveria caos, incerteza e confusão.

- Sua cabeça deve doer com pensamentos desnecessários - disse Max, ficando de pé.

- Te ajudaria, mas não quero que pense que estou tratando de sustentar sua mão.

Neve se levantou e começou a subir as escadas.

- Não fique zangado comigo, Max.

- Não estou - disse Max, mas Neve pareceu subir as escadas em um silêncio tenso.

- Só preciso pôr as latas de comida de Keith na bolsa - disse Neve, uma vez que entraram em seu apartamento. - Não levará mais de um segundo.

- Então, não nos daremos a mão...

- Disse isso...

- Sei que não tenho permissão para segurar sua mão, mais ainda tenho permitido fazer isto? - exigiu Max e, quando Neve ia perguntar do que se tratava, apoiou-a contra a parede, pôs suas mãos ao redor de seus pulsos, e a beijou. Neve puxou de suas mãos, não porque era quase igual a tomar as mãos, mas sim

porque logo que Max mordeu seu lábio inferior, ela queria envolver seus braços ao redor dele e devolver o beijo.

- Agora, dirá que senti minha falta ou isso também é contra as regras? - perguntou Max deixando de beijar-lá, enquanto Keith ladrava furiosamente porque, se alguém deveria ter a atenção de Max, era ele.

- Lamento - disse Neve. - É obvio que senti saudades, e quer... Quer ficar e tomar um chá ou tem ao menos três lançamentos de produtos ou uma abertura a que tem que assistir de noite? - Não sei. Depende do que fará.

- Tenho dois files de salmão e... OH, já vejo! - Neve fez uma careta. - Bem, certamente não sinto falta de que te burle de mim. Vem para a cozinha, porei o bule no fogo.

Neve esteve a ponto de tomar sua mão, mas se conteve, fazendo uma pausa notável, porque tomar a mão de alguém depois de beijar-se durante dez minutos era um gesto automático e o qual acabava de demonstrar que era uma linha que não se devia cruzar.

- Pensa muito - disse Max, enquanto via Neve adicionar uma colherada de café na cafeteira. - Não vou deixar por sua conta uma vez mais, tem muito tempo para pensar e não conduz a nada bom. - O que vai fazer na próxima vez que for para LA?

- Terei que te levar comigo - disse Max, porque era uma brincadeira. Tinha que ser uma brincadeira.

- Não acredito que eu seja uma garota de LA - disse Neve também rapidamente, porque se pensasse nisso poderia tomá-lo incontáveis. - Mas quero saber tudo. Como foi?

Falaram durante horas. Durante o café, durante o jantar e logo sobre o vinho tinto que Max comprou quando levou Keith para dar seu passeio habitual.

Max era tão bom descrevendo imagens com suas palavras, que Neve se encontrava ali com ele enquanto conduzia pelo Sunset Alameda, o caminho bordado de palmeiras, logo estacionando no caminho de Pólo Lounge, onde seu carro foi tomado pelo valete, que levava uma camisa pólo de cor rosa. Ela podia imaginar o estúdio fotográfico minimalista no qual tinha esperado por cinco horas para que uma atriz chegasse à seção fotográfica, e podia ver a expressão obsequiosa na cara de seu publicitário enquanto descaradamente mentia para Max a respeito das razões de seu cliente para não apresentar-se. Não havia maneira de que sua semana se comparasse com a dele, mas Neve contou sobre a expedição no Westfield e a chorona da Celia, só para aparecer umas horas mais tarde carregada de presentes e uma desculpa. Neve inclusive falou sobre sua conversa de coração pra coração com sua mãe e mostrou a mensagem de texto que seu pai tinha enviado mais tarde essa noite.

- Jennifer Aniston tem um novo filme. - Leu Max em voz alta. Talvez poderíamos vê-la quando estiver em Londres? É isso um código secreto?

- É o código secreto para, "*Sei que o sente e eu também o sinto*". Neve sorriu ante o olhar perplexo na cara do Max. - Meu pai ama Jennifer Aniston. Refiro-me a que realmente a ama. Celia e eu compramos as dez temporadas completas de Friends para seu aniversário número cinquenta, e estamos seguras de que o vimos limpar uma lágrima quando o abriu.

Max deu uns tapinhas nos pés de Neve, os quais se encontravam sobre seu colo.

- Então, funcionou?

Neve assentiu e estendeu uma mão para seu telefone, para que pudesse procurar entre suas mensagens.

- Enviou-me uma mensagem mais tarde. Eu adoraria. Revisaremos o anúncio de cinema. O melhor, Papai. - Neve se encolheu ante o olhar do Max. - Olhe, vamos ver o filme, depois falaremos sobre as atuações de Aniston dignas de um Oscar e falaremos mal de Angelina Jolie por ser uma destruidora familiar e tudo estará bem.

- É assim fácil? perguntou Max.

- É o quero que seja. É meu pai e não posso trocar sua forma de ser, minha única opção é aceitá-lo com todos seus defeitos. Isso é o que é o amor, não?

- Isso me disseram. - Max de repente sorriu com malícia. - Para que saiba, se tivermos uma discussão e você for muito covarde para pedir desculpas, me envie uma mensagem de texto e me pergunte se quero ir ver o novo filme da Angelina Jolie, porque ela para mim nunca será uma destruidora de lares.

Neve agarrou uma almofada e a arrojou.

- Estamos a favor de Aniston em minha família.

- Repete isso e não te darei seus presentes. - Max beliscou o dedo gordo do pé e o sustentou com força enquanto Neve tentava retirar seu pé. Tenho uma bolsa cheia de presentes, mas poderia deixar para fora de Oxfam⁽⁶⁹⁾ amanhã.

-Trouxe presente pra mim? Mas falta muito para meu aniversário.

- São para te agradecer por cuidar de Keith e pensei que geralmente, quando os namorados viajam, voltam com presentes para suas namoradas. Inclusive namoradas panquecas. Isso não é cruzar as linhas, certo?

Não era. Especialmente quando Max tirava uma caixa de cartão elegante com fita de seda de um lado do sofá.

- Não me incomodo de cuidar de Keith - disse Neve, encolhendo-se ligeiramente porque Keith a tinha tido envolta ao redor de sua pata durante toda

a semana. Max sustentou a bolsa e a sacudiu brandamente fazendo que esta fizesse um rangido prometedor. - Bom, se você insistir. Neve abriu a bolsa, olhou dentro e tirou uma caixa grande.

- Fone de ouvido com redução de ruído; eliminam o ruído de fundo quando estou escutando meu iPod? - perguntou ela, tirando um enorme par de fones que pareciam rosquinhas unidas a uma banda de cabelo.

- Bom, podem, mas anulam todo tipo de ruído de fundo, inclusive se não estiver escutando seu iPod, por isso não terá que se sentar na banheira nunca mais.

- Mas meus dedos farão ruído enquanto escrevo e Charlotte golpeará o teto com seu pau da vassoura. Max sorriu.

- Sim, mas com estes meninos maus em sua cabeça, não a escutará.

- Como pode ser isso possível? - Neve levantou os fones. - Assim, posso usá-los na cama e afogarão o som de seus roncos?

- Eu não rouco! - vaiou Max.

- Bem, faz-o quando dorme de barriga para cima - disse Neve enquanto Max sacudia sua cabeça em sinal de protesto. - Acredito que é o melhor presente que alguma vez me deram. Ainda melhor que quando me deram o Oxford English Dictionary quando fiz doze anos. - Não vai abrir o resto de seus presentes? - Os olhos de Max estavam entre fechados, como se o dar presentes fosse tedioso, mas quando Neve voltou sua atenção à bolsa, sentou-se e inclinou para frente para não perder sua reação.

Houve um estojo de veludo cor verde musgo para manter suas peças do Scrabble seguras, uma caixa de chocolates baixos em carboidratos e sem açúcar, e logo, no fundo, havia um pacote plano envolto em capas e capas de papel suave.

Neve sentiu Max esticar-se repentinamente quando começou a retirar com delicadeza a etiqueta de cor ouro que selava o pacote.

Havia tantas capas de papel de seda, cada uma de um tom pálido, desde rosa, amarelo, lilás e verde, Neve sentiu como se estivesse jogando uma versão elegante de Passa o Pacote, mas quando a última peça de papel foi retirada, não havia nenhum brinquedo surpresa, só três peças de roupa perfeitamente dobradas que se sentiam suaves e frágeis como a seda sob seus dedos.

- Pensei que poderia solucionar o problema da roupa de dormir. - disse Max com uma voz estranhamente tensa. - Você gostou?

Neve sustentou uma camisola em uma cor escura que não era nem rosa nem lavanda, mas que provavelmente tinha um nome antigo, algo como Cinzas de Rosas, encaixe delicados em cor negra foram costurados no sutiã e a prega. Havia outros dois descansando sobre o ninho de papel; o outro era vermelho, o

qual se encontrava a quilômetros de distância de ser desagradável e horripilante da roupa interior de nylon, o outro era um azul escuro, ambos adornados com teias de aranhas de encaixe preto. De fato, camisola era uma palavra muito prosaica para eles; Neve tinha vontades de chamá-los de algo francês como peignoir ou negligée.

- São uma preciosidade - suspirou com reverência. Realmente o eram, mas não havia maneira de que ajustassem.

- Uma das assistentes era aproximadamente do mesmo tamanho que você, bom, talvez um pouco maior, e viu suas fotografias em meu celular. - Max tragou nervosamente enquanto Neve o olhava com cepticismo, porque as lojas de luxo chamadas, ela olhou o logotipo na etiqueta de ouro, Boudoir, não tinham assistentes de vendas de seu mesmo tamanho ou um pouco maiores. - Você gostou, ou não?

- É obvio que sim, são lindas, preciosas. - Neve foi capaz de dizer sinceramente, porque inclusive se não ajustavam, bem poderia as emoldurar e as pendurar na parede de seu quarto. - Não tinha que comprar presentes, eu gostei de ter um companheiro de quatro patas.

- Sei que pode ser uma dor no traseiro e me senti culpado deixando todas essas instruções, para ele ficar feliz. - Max olhou para Keith, que se encontrava estendido no chão frente a eles, lambendo entusiasmadamente sua entre perna.

Neve empurrou a bolsa de presentes e mordeu o lábio.

- Max, não mereço nenhum presente. Fui um terrível cão-babá. Keith não respeitou minha autoridade em absoluto! - Max não pareceu surpreso quando Neve começou a explicar como tinha deixado de obedecer sua lista. Neve se deu conta que ele tratava de não rir como se tivesse suscitado desde o princípio que ela se renderia imediatamente sob a pressão de uma pata empurrando sua perna ou a choramingação noturna. Ele só pareceu chateado quando Nevar confessou que Celia havia trazido uma gama de trajes de cão dos escritórios do Skirt, vestiram-no e logo tiraram fotos.

- Cristo, Neve - espetou. - Obrigado por sua violação.

- Mas ele adorou - protestou ela. - Na noite seguinte me trouxe uma das minhas camisetas em sua boca, como se quisesse fazer de novo.

Decidiu, em reflexão, que era melhor não dizer ao Max que um dos vestuários tinha sido um tutú e essa mesma noite, Celia e ela tinham permitido que Keith se sentasse em uma cadeira da cozinha para poder comer sua carne picada recém preparada.

Também decidiu que, para alguém que se interessava tanto nos limites e as linhas que não deviam ser cruzadas, não era muito boa em cumprir.

- Menos mal que convenci ao cuidador de cães que fique com Keith da

próxima vez quando estivermos viajando disse Max - Pelo menos ele não vestirá Keith.

Não havia desculpa a respeito, mas Neve pendurou a cabeça.

- Nunca voltarei a fazer - prometeu. - E obrigada pelos presentes, a menos que queira levá-los de volta.

- Bom, o faria, mas essas cores não me favorecem - disse Max com solenidade - por que não prova um enquanto levo Keith para seu passeio noturno e, se eu gostar do que vejo, então poderia ser persuadido a não doar seus presentes ao Oxfam amanhã.

Neve podia sentir o pânico tomar parte dela enquanto Max se levantou e deu uma empurrão em Keith brandamente com o pé.

- Pode ser que não me sirvam - disse nervosamente, mas Max já tinha abandonado a sala e não pôde ouvir. Na realidade, era sua primeira noite em meados de semana, mas Neve não tinha tempo de preocupar-se com seu significado. Tomou banho rapidamente, colocou um dos suaves sutiãs para dormir já que seus peitos eram muito grandes para estar sem restrições, e olhou a bata de cor azul com um pouco de medo. Tinha uma etiqueta de tamanho M cuidadosamente costurada na costura lateral e embora o tentasse, ainda se sentia como uma G ou EG, inclusive em um mau dia.

- OH, bom, aqui vai absolutamente nada - murmurou para seu interior e a pôs com cuidado sobre a cabeça porque não queria romper o tecido fino como papel. Logo, contraiu seu estômago tanto como pôde, como se isso fosse ajudar, e deixou a seda cair. Entupiu-se em seus quadris, mas um suave puxão foi tudo o que necessitou para que o material estivesse flutuando ao redor de suas coxas e ela levasse posta uma bata de tamanho média.

A bata era de um corte império e caía em graciosas dobras por debaixo de seus peitos, deslizando-se amorosamente por cima de seus joelhos. Sim, ela ainda tinha braços flácidos e suas panturrilhas seguiam robustas e musculares, mas o efeito em geral era...

- Sexy disse uma voz detrás dela. - Você está incrivelmente sexy, Neevy. Sabia que ficaria perfeito. - Como sabia quando eu não estava segura até que provei isso? perguntou Neve.

- Bom, não me ver, mas me permite tocar, não? - Quando Neve se recostou para trás, podia sentir a parede sólida de seu peito contra suas costas enquanto suas mãos se deslizaram para sua cintura, depois para seus peitos.

Neve viu a garota no espelho inclinar sua cabeça complacentemente para trás para que Max beijasse seu pescoço enquanto esfregava seus mamilos com os polegares de suas mãos, os quais ficaram repentinamente duros.

Eles se viam... Não, ela se via sexy pela primeira vez em sua vida. Deu-se a

volta dentro do círculo de seus braços, levantou-se nas pontas dos pés e depositou beijos ferozes contra sua boca.

- Obrigada por meus presentes - murmurou contra seus lábios. Não só se via sexy, também se sentia sexy com Max detrás dela. Era seu turno de tocar, retirando a camiseta fora de seu caminho para que suas mãos pudessem deslizar-se por sua pele quente e seca e o escasso cabelo, ela seguiu baixando e baixando. Max conteve o fôlego, o que permitiu que Neve deslizasse suas mãos dentro de sua calça jeans e senti-lo ficar cada vez mais duro enquanto riscava o contorno de seu pênis.

- Quer seu presente agora?

Era uma linha piegas, mas Max não se burlou, porque ele empurrava contra suas mãos, seus joelhos golpeando contra os dela.

- Sim- sussurrou contra seu pescoço, - Sim.

E era o momento perfeito para tomar sua mão e levá-lo a cama. Por um momento, Neve se perguntou se devia fazer uma subcláusula ante a regra de sustentar mãos, mas isso teria arruinado o momento. Empurrando-o para trás funcionava igualmente.

Max deixou que o empurrasse para a cama, seus olhos ardendo ante a luz brilhante do abajur, Neve se sentou sobre ele, com cuidado de sustentar seu peso sobre seus joelhos e suas mãos enquanto se inclinou para beijá-lo; pequenas dentadas em seus lábios, passando sua língua sobre eles, mas logo retrocedendo cada vez que Max tratava de beijá-la.

- O que aconteceu com você esta noite? - perguntou, quando Neve o devorou pelo pescoço para poder retirar a camiseta sobre sua cabeça.

- Acredito que esta bata tem poderes mágicos - disse Neve com um sorriso, ela sim se sentia diferente. Via-se sexy; ele o havia dito duas vezes e ela também se sentia assim. Não parecia importar sua falta de experiência já que seu sangue fervia por suas veias e cada centímetro de sua pele se sentia em chamas, e havia um batimento do coração em seus clitoris, o que a fazia atuar instintivamente. - Agora, sei que disse que te tenho um presente, mas tenho que abri-lo. Está de acordo com isso?

Max assentiu com a cabeça.

- Parece-me muito bem.

- Pensei que diria isso. - Inclusive sua voz soava diferente, um pouco escura, desesperada enquanto se ocupava de tirar o cinto de Max com dedos que não vacilaram.

O pênis do Max ficou duro e úmido na ponta, estendido contra seu estômago. Neve passou seu dedo pela grande veia que corria por debaixo dele.

Dói quando está assim? Max fechou os olhos.

- Sim. Mais ou menos. Mas é uma dor estúpida.

Neve se encontrava ali para tirá-lo de sua agonia. Apoderou-se de seu pênis em um agarre firme e moveu sua mão para cima e para baixo, medindo o bem que o fazia ante a maneira com que Max jogou sua cabeça para trás e se arqueava na cama.

- Há algo particular que você goste?

Não pensou que Max a tinha ouvido até que seus olhos se abriram de repente.

- Me dê a mão - exigiu com voz rouca e quando Neve o fez, tomou seu pulso, levou a mão à boca e passou a língua pela palma de sua mão. A fez estremecer. E quando deslizou sua língua entre seus dedos, ela ficou sobre uma de suas coxas para assim poder roçar-se contra ele. - Agora me aperte mais forte - disse Max, pondo sua mão de volta sobre seu pênis, cobrindo seus dedos com os dela e apertando. - Agora pode fazê-lo mais forte e rápido. Ambos trabalharam juntos e, quando ele retirou sua mão, líquido pré ejaculatório deslizava por seus dedos, Neve se inclinou para frente e o levou a boca. Ela nem sequer tentou fazer algo elegante; só apertou seus lábios ao seu redor e continuou sugando ao longo de seu pênis.

As mãos do Max se enredaram em seu cabelo como se ele não soubesse se puxava dela mais perto ou mais longe e dizia seu nome uma e outra vez, até que disse.

Vou gozar. - Como se fosse uma advertência.

Neve cavou suas bochechas e isso foi tudo o que tomou.

Foi como tragar uma bafurada de água quando nadava. Exceto que a água tinha um pouco de sal, um pouco amarga, mas não tão ruim que quisesse vomitar. Plantou um último beijo na ponta semidura do pênis de Max, logo se sentou sobre seus calcanhares e passou o dorso da mão na boca.

- Você está bem?

Max não disse nada, só estirou os braços por cima de sua cabeça para que Neve pudesse observar a frenética queda e ascensão de seu peito.

- Onde aprendeu a fazer isso? - perguntou finalmente. Com o que parecia um esforço, conseguiu levantar a cabeça. - Você não esteve praticando com outra pessoa não né?

- Dificilmente. - soprou Neve. - Fiz o que sempre faço quando necessito informação.

- Tirou um livro sobre técnica de sexo oral na Biblioteca Britânica? Não deveriam ter livros como esses lá! - Não estava segura se devia estar procurando em Ciências Sociais ou Humanidades. Foi vergonhoso, deixe te dizer.

- Neve, por favor. Você acaba de me deixar gozar em sua boca e neste

momento eu sequer me lembro de meu nome. Não posso dizer se está brincando.

Busquei no Google - suspirou Neve. Arrastou-se até a cama e se aconchegou ao lado de Max, alisou seu cabelo úmido e o beijou na orelha, ao lado de seu pescoço. - Ainda está de jeans. Encontrava-se em torno de seus joelhos porque não tinha havido tempo para tirá-los e também as meias três-quartos e os sapatos esportivo. Neve se moveu ao pé da cama e retirou os tão ofensivos elementos e depois beijou o corpo de Max, rodeando sua língua ao redor de cada mamilo, mas ele não se moveu e quando ela se deitou junto a ele uma vez mais, viu seus olhos fechados.

- Max? Está dormido?

Não houve resposta e, enquanto Neve se alegrou de ser um grande aprendiz na arte oral graças ao artigo em La Guia de um Menino Gay que tinha encontrado, esperava que Max encontrasse sua segunda rodada. Porque o artigo não dizia nada a respeito de quão excitante era dar, não só receber, e ela agora se encontrava molhada e com vontades. Também contemplava seriamente a possibilidade de tomar o assunto em suas próprias mãos. Será que Max iria querer observar? Ela deixaria?

- Nunca tinha visto ninguém ver-se tão agradado de si mesmo. - Max encontrou energia para abrir um olho.

- Bom, eu não diria que fui agradada exatamente - disse Neve significativamente, olhando-o por debaixo de suas pestanas e com a esperança de que captaria a indireta.

- Presumidos, então? - sugeriu Max adormecido.

Acredito que foi um primeiro esforço respeitável. - Neve se aconchegou mais perto, para assim poder enganchar uma de suas pernas por cima da dele e deslizar sua mão por seu peito casualmente, como se fosse uma simples, carinhosa carícia que levou seus dedos até seu pênis, a qual parecia tão adormecido como o resto dele.

Entretanto, não fazia nenhum mal em tentá-lo, Neve pensou e o levantou brandamente com a ponta de seu dedo indicador para ver se tinha um pouco de vida nele.

- Deus, não! - Max fez uma careta. - Tem uma ideia de quão sensível é um pau depois de que um homem ejacula?

Neve afastou sua mão. - Sinto muito Eu só estava... Queria... - deixou-se cair de novo em seu lado da cama. - Não importa.

- Queria o quê?

- Nada - disse Neve com firmeza, porque no momento em que Max dormisse ela iria para banho com sua taça de La Pérola. - Vai dormir.

Max deixou escapar um grunhido feliz e se acomodou para baixo. Ficou adormecido em um instante, Neve se deu conta porque havia um constante subir e descer de seu peito. Ela se sentou e pôs seus pés ao bordo da cama, mas antes que seus pés tocassem o chão, o braço de Max se envolveu ao redor de sua cintura e puxou ela para trás.

Aonde você acha que vai? - perguntou com uma voz que não soava no mais mínimo sonolenta.

- Ao banheiro... O que está fazendo? - Neve gritou quando Max deu a volta e sujeitou seus braços por cima de sua cabeça.

- Revanche - respondeu brevemente, liberando seus pulsos já que ambos sabiam exatamente onde ele os queria. - É hora que tome o seu.

Tudo o que precisou foi uma mão cálida deslizando-se para sua coxa e um beijo ardente pressionando contra a pele que Max acabava de descobrir para ter Neve no momento. No momento em que ela queria retorcer-se e arquear-se ante o toque dos hábeis dedos e boca de Max.

- Alguma possibilidade de que pudesse tirar isto? - perguntou ele, quando se recostou sobre seu estômago em meio de suas pernas e puxou a bata.

- De maneira nenhuma - murmurou Neve, estirando-se para apagar a luz da mesinha de noite.

- Não posso ver o que estou fazendo. - protestou Max, seu fôlego sobre os lábios úmidos de sua vagina. E quando Neve deixou escapar um gemido impaciente, sua língua se lançou a provar o polido pegajoso.

- OH, bom. Suponho que terei que sentir meu caminho.

PARTE TRÊS

Alguns do seu amor

Capítulo Vinte e Cinco

Neve dormiu toda a noite com o braço de Max apertado ao redor dela, e não foi muito quente ou muito frio. Foi perfeito. Simplesmente perfeito. Não tinha dormido tão bem em meses. Só abriu os olhos quando sentiu Max rodear e beijar a parte de atrás de seu pescoço. - Que horas são? - murmurou.

- Quase sete - disse Max. - Tenho que passear com Keith e tenho duas peças de cópia por arquivar antes de irmos ao Manchester na quinta-feira. Tenho que me levantar.

Neve se sentia tão cômoda que segurou seu braço por cima do seu quando Max tratou de afrouxar seu apertão na cintura.

- Não vá. Keith te fará saber quando quiser sair. É melhor que o alarme de um relógio.

- Deveria... bom, suponho que dez minutos não fará muita diferença.

O sol entrava por uma fresta nas cortinas e Neve sentia como se todo o quarto estivesse banhado em luz e isso era um precursor de que ia ser um dia glorioso, embora tivesse que passar a maior parte do mesmo em um porão sem janelas, transcrevendo fitas de um morto acadêmico que tinha tido um emprego suplementar em estudos botânicos.

Max passou os dedos por seu cabelo. Podia senti-lo como atirava dos fios, mantendo-o em alto para à luz.

- Tem fios de castanho avermelhado em seu cabelo. Nunca me dei conta disso antes. Quanto tempo temos? - Disse que estávamos bem pelo menos durante outros dez minutos.

- Não, referia-me: quanto tempo antes que o Sr. Califórnia não esteja já em Califórnia?

Neve se deu a volta devido a esta mudança repentina de tema pois sentia como o tipo de coisa que se deve discutir cara a cara.

- Seu nome é William - disse em voz baixa. - E em sua última carta, referiu-se a julho. Em meados de julho.

- Estamos em meados de abril agora - disse Max, enquanto Neve acariciava a pequena sarda que se achava assentada no alto da maçã de seu rosto.

- Então será três meses e quero tirar o máximo proveito deles. Promete-me que deixará de ser obcecada a respeito do que significa tudo isto e simplesmente, já sabe, viver o momento?

Viver no momento era algo que Neve tinha evitado sempre de longe, em grande parte da mesma maneira que evitava as calças e coisas fritas, mas se

encontrou assentindo.

- Eu gostaria disso. Embora mesmo assim não vou segurar sua mão.

Max sorria tão docemente que Neve poderia ter conseguido que subisse o açúcar só pela curva de seus lábios.

- Não esperaria nada menos - disse, avançando pouco a pouco, apesar de que se encontravam quase nariz com nariz. - Que tal se o selamos com um beijo em seu lugar?

- Me deixe escovar os dentes - começou a protestar Neve. - Embora suponha que o não escovar os dentes cai na categoria de "*viver o momento*".

- Sou capaz de dirigir um pouco da "*boca matutina*" - disse Max, ainda sorrindo enquanto a beijava. Neve pensava que os beijos de sonho, suaves, e matutinos poderiam transformar-se em um pouco mais urgente à medida que seus corpos se esticavam um para o outro e as mãos começaram a explorar, até que algo escavou na porta do quarto, seguido de um gemido lastimo e urgente.

Com uma jaqueta por cima de sua camisola, Neve viu Max e Keith sair. Apesar do sol, ainda havia uma aderência no ar e ficou na porta tratando de não tremer à medida que eles se arrumavam para o passeio ao Manchester.

- Te busco às onze em ponto da manhã da quinta-feira depois de ter deixado Keith no canil - disse Max. - Bill e Jean vão estar reunidos no coquetel do hotel às oito. Deve nos dar tempo suficiente para chegar e nos arrumar. Está bem?

Neve não sabia se seu guarda-roupa limitado pudesse aproximar-se dos coquetéis da noite de quinta-feira também, mas assentiu.

- Suponho que isto é um adeus e até quinta-feira então?

Max sorriu com tristeza.

- Passemos até na quinta-feira, quando terei seis mil palavras de cópia por escrito e apresentado. - Seus ombros caíram. - Será melhor que compre quantidades industriais de café no caminho a casa.

- Consigo aguentar com uma grande quantidade de chá de hortelã quando estou trabalhando em meus capítulos da Lucy - disse Neve. - Quero dizer, nem sequer está na mesma linha, mas bom, tenho uma ideia muito vaga pelo que está passando.

- Sabe, já que ambos somos autores, vou te dar permissão para ler minhas novelas WAG se me deixa dar uma olhada na biografia em que está trabalhando - ofereceu Max casualmente. Neve mordeu o lábio.

- Não sei. Não estou segura que o que tenho escrito seja apto para o consumo público, mas talvez deveria ler suas novelas antes de quinta-feira. Assim como investigar, para saber o que posso esperar antes das bodas.

- Vai ficar tudo bem, Neevy. Todo mundo estará tão surpreso de que vá com uma boa garota que diz, por favor, e obrigada, que vão cair sobre você com gritos de agradecimento. - Continuo pensando que vou passar pelo Waterstone no caminho para o trabalho e comprar seus livros - decidiu Neve. - Só para que possa recolher alguns conselhos. - Não, definitivamente proíbo - disse Max. - Não vou mostrar o meu, se não me mostrar o seu. - Neve sorriu.

- Assim não foi como funcionava ontem de noite. - E então não sorria porque teve que tomar um momento para recordar como Max tinha trabalhado a cega para fazê-la rogar e suplicar e gemer. - Não troque de assunto - disse Max, inclusive quando se atreveu a levantar sua mão e esfregar seu polegar sobre seu mamilo enquanto Neve se retorcia longe dele, porque se encontravam em sua porta, em plena luz do dia!? - Vai dar sua palavra de que não os lerá?

- Mas te incomodou muito quando disse que não os tinha lido!

- Isso foi antes que realmente chagássemos a nos conhecer e não quero perder esse pingo de respeito que tem por mim por ler meus parvos escritos fantasmas - disse Max e isso era uma tolice, uma coisa Max por dizer enquanto Neve tomava seu rosto como um prelúdio a dar um último beijo, quando houve um latido e uma tosse aguda detrás Max e Neve abriu os olhos para ver Gustav ali de pé, seu rosto impassível. A cara de Gustav era geralmente impassível, assim que isso não significava nada, mas Neve poderia dizer pela especial rigidez de sua mandíbula pronunciada que se sentia menos que feliz.

- Está pronta para correr umas voltas ao redor do parque antes do trabalho? - perguntou com voz apagada, embora fosse bastante claro dado o estado atual de Neve em roupa de casa (sempre estava acostumado a permanecer em um estado de roupa de casa, mas não como este), que não o estava.

Max fez uma careta para Neve antes que se desse a volta para sustentar em alto uma mão para Gustav e acalmar ao Keith com a outra, porque puxava a correia e grunhia. Parecia que os treinadores pessoais da Áustria em lycra preta da cabeça aos pés eram outra das coisas que fazia que puxasse sua correia.

- Sou Max - disse casualmente. - O namorado de Neve. Você deve ser Gustav.

- Sim, suponho que deva ser - disse Gustav nesse mesmo tom uniforme, mas ao menos estreitou a mão que Max oferecia.

Neve poderia dizer pelo olhar de dor na cara de Max que Gustav tinha seus dedos de escritor insignificante em um triturante apertão. Ela olhou para Gustav, que devolveu o olhar, mas liberou Max, que correu pelo atalho do jardim com um adeus apressado e um patético gesto na mão quase quebrada.

- Por que está tão zangado comigo? Sabe que estive vendo alguém - ofegou Neve uma hora mais tarde, enquanto Gustav a tinha fazendo flexões no Finsbury

Park em si. Flexões bem feitas, não flexões de garotas, na grama, apesar de se queixar de ter se encontrado urina de cachorro e coisas piores.

- Disse que era casual. Que ele era como um panqu... e deixa de arquear as costas, disse Gustav com amargura. - Nunca disse que dormia com ele.

Neve estava segura de ter feito vinte flexões, agora e suas costas a matavam.

- Por favor, Gustav. Abdominais, exercícios laterais, algo... Não posso fazer nada mais.

- Abdominais, então. Faz dois meses e jamais te escutaria dizer "*não posso*" e nunca te teria esquecido uma sessão.

- Pelo geral nunca me obriga a fazer flexões de verdade - disse

Neve com os dentes apertados quando começou seus abdominais. - Olhe, estou comprometida com isto. Sabe que estou. Tenho que reduzir os últimos dois tamanhos em três meses.

- É fácil dizer isso, mas vejo acontecer todo o tempo. Meus clientes criam vínculos - Gustav frisa sua boca ao redor da palavra como se fora de um sabor amargo, e começam a descuidar de seu estado físico. Saem a comidas a luz de vela todo o tempo e sobem de peso. Esse namorado teu se vê muito fora de estado. Vai ser uma má influência sobre você. - Hei te disse um milhão de vezes, Max não é realmente um namorado de verdade e honestamente, Gustav, acha que cheguei tão longe só para voltar a cair em velhos hábitos? - insistiu Neve sem fôlego, porque além de umas quantas taças de vinho, não tinha desviado de sua dieta. - De todos os modos, Max vai começar a correr de novo agora que o clima está esquentando. Foi uma das piores coisas que poderia ter dito, a falta de admitir que tinha estado bebendo a manteiga de porco líquida. Gustav tinha muito que dizer a respeito dos corredores de bom tempo, e quando Neve disse que ela não seria capaz de fazer sua sessão do sábado porque ia sair, pensou que sua mandíbula se romperia, apertava-a com tanta força.

- Mas nunca perde uma sessão de sábado - espetou Gustav. - É nosso tempo especial. Sempre penso em coisas novas e emocionantes para nós.

O fazia, embora Neve nunca classificaria aos exercícios com servidores de sinos de água ou cordas para saltar como emocionante.

- Não é que seus outros clientes tendem a saltar da sessão estranha devido a seus compromissos pessoais?

- Você não é como meus outros clientes - disse Gustav, e Neve sabia que o dizia a sério como um completo, mas depois de ter visto alguns dos outros clientes de Gustav, todos bem-sucedidos, encantadores, do tipo de voos especiais, suspeitava que provavelmente tinham que cancelar as sessões de treinamento pessoal devido a que tinham que voar para um fim de semana de esqui no Gstaad ou por quinze dias no St. Barts.

Enquanto que Neve não viajava de avião a nenhum lado porque era séria, previsível e, até que Max tivesse aparecido, em realidade não tinha muito no sentido de uma vida social.

Celia também parecia um pouco molestada que Neve sáísse com seu audaz plano para sair da área metropolitana de Londres durante o fim de semana.

- Mas, e se tiver algum tipo de emergência este fim de semana e eu precise de você, e você não está aqui? - exigiu, quando subiu as escadas na noite seguinte para pedir emprestado um pouco de leite e encontrou Neve provando a calça de seu traje para assegurar-se de que seus quadris não se alargaram desde que o comprou.

- Pode-me chamar por telefone - sugeriu Neve enquanto se girava ao redor para ver como se via seu traseiro no espelho e viu a cara de dor da Celia - Seels, sabia que ia a esta estúpida bodas WAG porque estava comigo quando chegou a convocação de Mandy McIntyre e sei que não esqueceste nem um segundo insuportável de nossa viagem de compras por trajes de bodas. Celia se sentou na cama de Neve e de fato, agitou suas pernas em frustração.

- Sim, mas nunca pensei que realmente fosse seguir adiante com isso. - Cruzou os braços e olhou fixamente o teto. - Aposto todo meu dinheiro que na manhã da quinta-feira, trocará de opinião. - Não, não o farei! - disse Neve, apesar de que tinha de certo modo a esperança de que o noivo de Mandy poderia ser um desses jogadores de futebol que não podia ter suas calças postas e se veria exposto pela imprensa sensacionalista como um inseto e que as bodas seriam cancelada, mas não houve sorte.

Sua única outra esperança era que ela ou Max surgissem com algo repulsivo e intestinal como o Novo vírus, mas cada vez que tinha falado com ele por telefone, toda sua habitual frescura estudada e despreocupação tinha desaparecido enquanto balbuciava a respeito de procurar seu traje Pour Homme Dior da tinturaria e perguntando se Neve tinha preferências por que iriam ouvir música no carro.

Não, não podia fingir quando Max se via tão entusiasmado com a festa. Não só porque ia estar repleto de celebridades, mas sim porque parecia ser um membro honorário da festa de bodas. Mandy e Darren haviam inclusive pedido que os ajudasse a escrever seus votos, e Mandy também tinha feito que Max carregasse seu iPod com clássicos do soul do norte porque não confiava no DJ que tinha reservado para a recepção. Para alguém que não acreditava nas relações, Max parecia muito emocionado de ver Mandy e Darren condicionando sua fidelidade.

- Embora não acredito que vou falar de "*condicionando sua fidelidade*" nos votos - havia dito a Neve. - Não é a palavra fidelidade algo que os porcos comem?

Não era só a ideia de aparecer com Max e com os McIntyre e os conseguintes WAG que a manteve perguntando-se que demônios passava com ela que a tinha

em tal estado de pânico. Não, também enlouquecia a respeito de que os estragos das bodas poderiam romper com sua rotina. E se não podia resolvê-lo pelos quatro dias inteiros que estariam no Manchester? E se o hotel não tinha muelles sem açúcar em seu menu de café da manhã a não ser os regulares que estão cheios por completo de açúcar, e se não podia dormir sem seu velho travesseiro de espuma? Estas eram coisas tolas pelas quais estava entrando em pânico, Neve sabia, mas era uma criatura de hábitos e esse hábito ficou a prova pelas bodas. Foi quase.... até ter recebido um e-mail de Jacob Morrison esperando por ela quando foi chegou do trabalho na manhã da quarta-feira. Pelo menos seria algo diferente do que preocupar—se.

Estimada Neve.

Lamento ter demorado tanto para entrar em contato com contigo. Li "Dancing on the Edge of the World" ontem de noite; na realidade fiquei até as três, porque não podia deixar de ler. Acredito que tem algo muito especial aqui. Eu adoro a voz de Lucy, seu humor sério e a forma em que pode escrever com uma profundidade de sentimentos sem ter que desviar-se no sentimentalismo. Poderia chamar a meu assistente e fazer acertos para os contos e poemas de Lucy? Também tenho lido sua sinopse e eu gostaria de ver o que tem escrito até agora.

Meus melhores desejos. Jacob.

Era impossível dizer se tinha gostado da sinopse ou não. Neve se atrevia a esperar que o fato de Jacob pedir para ver o que tinha escrito fosse uma boa coisa. Ou, só queria confirmar suas suspeitas de que não podia confiar em sua oratória.

Neve abandonou por completo qualquer pensamento a respeito da transcrição, mas cada vez que o Sr. Freemont aparecia a cabeça pela porta de seu escritório e a via trabalhando de forma diligente, dava um sorriso tenso (ainda se encontrava ressentido pelo golpe desde a Junta Geral) e a deixava sozinha para tratar de polvilhar um pouco de pó mágico em sua prosa.

Neve passou o resto do dia e uma boa parte da noite, também, empurrando e empurrando a seus seis capítulos e meio, só interrompida pelos e-mails regulares do Chloe que se manteve enviando histórias sensacionalistas cada vez mais absurdas sobre as bodas, embora Neve duvidava de que Sua Majestade a Rainha tenha concedido realmente permissão para Mandy McIntyre ter cisnes nadando em lagos de lírios especialmente construídos no centro da pista de baile na recepção.

O mensageiro chegou às dez da manhã da quinta-feira para recolher duas malas Jiffy carregadas enquanto que Neve seguia sem tomar banho e em pijama. Não tinha tido tempo nem para ir ao New Look na hora do almoço para encontrar um vestido adequado para assistir ao bar com os WAG, por isso Neve não teve mais remédio que colocar o vestido de lentejoulas prateado em sua bolsa de fim de semana. Era isso ou um de seus vestidos antiquados preto, e

Celia tinha deixado perfeitamente claro sua opinião a respeito deles. Além disso, já eram 11:20 e Max se apoiava na porta. Neve decidiu que ia provar o horror de lentejoulas de novo uma vez que tivesse comprado algumas calças justas que dão forma ao corpo para ver se era tão mau como o recordava.

- Isso me recorda, acha que vamos ter tempo para ir a um Marks & Spencer, quando chegarmos ao Manchester? - perguntou para Max quando este se deslizou no assento do condutor do brilhante Mini Cooper vermelho que tinham dado graças ao fato de ser editor.

- Podemos - prometeu Max. Dirigiu um olhar de soslaio. - Vê-te um pouco aterrorizada. Não vai se jogar do carro se parar em um semáforo vermelho, vai?

Neve assentiu com a cabeça.

- Penso nisso. - Com a pressa por fazer todo o possível pela Lucy, não tinha tido tempo de ter mais ataque de pânico a respeito das bodas, mas agora Neve se encontrava livre de trabalhar em si mesmo até um estado de histeria sobre os dias de spa e discotecas com a Mandy e suas amigas WAG com quem não tem nada em comum; e se os trajes no SPA não ficavam, e...?

- Ficar-te muito pálida - notou Max. - Não ficas doente quando viaja? - Não é isso disse Neve, baixando a janela para tomar ar fresco. - Simplesmente não quero te constranger.

- Como, isso não vai acontecer, sempre e quando não disser a ninguém que seu irmão apoia o Arsenal. Isso é um sorriso?

- Poderia ser - concedeu Neve, e deixou que sua mão descansasse sobre o joelho de Max por um momento porque sentia saudades de tocá-lo. O qual era ridículo, porque só o tinha visto três dias antes. Talvez fosse porque sempre tinha calcado qualquer desejo sexual que tivesse, e agora seu corpo queria recuperar o tempo perdido. E algo mais.

Max olhou para baixo para sua mão, ainda no joelho.

- Vim com uma canção que está absolutamente garantido que vão desfazer seus nervos anunciou - com orgulho - Quer ouvi-la?

- Não sabia que podia cantar.

- Bom, não posso, mas acredito que isso só se acrescentará a minha apresentação. Está pronta para isto?

Não houve tempo suficiente no mundo para preparar a Neve para a versão de Max fora de sintonia de "It's a Nice Day for a Wag Wedding". Sua ruidosa voz fora de tom, era quase tão mau como sua alta e aguda voz, porque depois de que tivesse deixado de rir, Neve não pôde resistir a unir-se.

No momento em que passavam Birmingham, encontravam-se animados e ao azar adicionando a palavra WAG a qualquer canção que lhes ocorresse, quando

Neve se inspirou de repente e começou a gorjear: *"Com sua bolsa Fendi/És minha maravilhosa WAG"*.

Max teve que cortar através de duas linhas de tráfico, deter-se na borda, descansar a cabeça sobre o volante e tratar de manter-se sob controle antes que estrelasse o automóvel. Seus ombros se sacudiam violentamente, enquanto tratava de controlar as risadas. Cada vez que se detinha, Neve pensaria em outra linha para torturá-lo com: *"E toda a roupa que temos que usar são muito contra o vento/ E se não nos bronzearmos muito seríamos lírios branco"*.

- Não mais - rogou, com a voz rouca da risada, à medida que punha em marcha o motor.

Chegaram ao Manchester justo depois das quatro, deixando o bom tempo detrás deles, enquanto se uniam a M6. Malmaison Manchester é um elegante edifício de tijolo vermelho; à volta da esquina de um imenso Marks & Spencer, notou Neve com satisfação. Uma vez que tinham desafiado aos paparazzi que já espreitavam no exterior, muito para a incredulidade de Neve, logo tiveram suas reservas, convite da bodas e suas identificações aprovadas em dois controles de segurança diferentes. Só então lhes permitiu aproximar-se do mostrador da recepção. Outro guarda de segurança os acompanhou até o elevador e, finalmente, Max e Neve chegaram a sua suíte júnior. O enorme espaço era elegante e moderno, tudo de um branco afresco com toques de cor azul gelo e papel pintado a raias, Max já tinha aberto seu laptop e ligava o acesso wi-fi, enquanto Neve foi no banheiro preto e dourado, e contemplou com profunda admiração a enorme ducha e a banheira afundada, o qual era a última palavra em decadência.

- Isto é incrível - disse Neve, enquanto caminhava de volta para a suíte. - Nunca estive em nenhum lugar como este. De fato, acredito que nunca me hospedei em um bom hotel antes. Mas isto é só uma suíte júnior.

- Não é tão incrível - protestou Max. - E o que quer dizer com que não estiveste alguma vez em um hotel antes?

- Bom, ficava em hotelarias quando saímos de férias quando eu era pequena, e quando fui a Nova Iorque, dormi no sofá da Celia.

- E quando saia de férias? perguntou Max.

- Bom, por alguma razão passar duas semanas em uma praia do Corfú nunca me atraiu.

- Não sou fanático das férias tampouco. - Não são muito divertidas quando vive por sua conta e logo sai de férias por sua conta e termina indo para bares de cruzeiro para encontrar alguém... - Max chegou a uma abrupta pausa quando se deu conta que se dirigia firmemente para a porta marcada TMI. - Talvez poderíamos escapulir em uma semana de férias entre agora e julho?

- Sempre quis ir à França - espetou Neve, seu coração palpitava emocionado. Em todo seu estresse sobre o fim de semana patrocinado pelo WAG, não tinha havido um momento de angústia dedicado por ter que passar três noites em uma suíte de hotel com Max. Pelo contrário, Neve inclusive tinha tentado à primeira, uma depilação com cera muito aficionado meia hora antes que Max tivesse chegado para busca-la. Ela sorriu para Max, que devolveu o sorriso. - Neste momento, entretanto, realmente quero ir ao Marks & Spencer. Max olhou a hora.

- São as 4:30 agora, então poderíamos ter um almoço muito tarde ou um jantar cedo, mas ainda temos um par de horas para matar antes dos coquetéis. - Adotou uma postura pensativa, com o dedo da mão apoiado no queixo. - O que você gostaria de fazer nesta grande suíte, com uma cama grande e cômoda na mesma?

- Preciso tomar um banho e lavar o cabelo - disse Neve inocentemente, enquanto deslizava de sua jaqueta. - E isso me leva uma eternidade, dez minutos pelo menos, para fazer minha maquiagem. Isso ainda nos deixa uma hora sem nada que fazer.

- Uma hora e meia - decidiu Max, enquanto apressava Neve fora da suíte. Não podemos aparecer às oito horas exatamente. Isso são noventa minutos, Neve.

Neve esperou até que as portas do elevador se encontravam a ponto de abrir antes que se dirigisse a Max - Sempre poderia te dar outro presente se o desejar. Só para matar o tempo.

Capítulo Vinte e Seis

No fim, Neve só teve tempo para um rápido xampu a seco e cinco minutos para a maquiagem. No momento em que deslizou entre as cobertas da cômoda cama grande, e se chocou com Max, que já se encontrava quente e duro, o tempo parecia ir mais devagar, e logo, rápido, e não foi até que esteve tendo seu segundo orgasmo que passou a observar o relógio e descobrir que já eram as oito em ponto.

- Nós estamos elegantemente atrasados - disse Max, enquanto girava a parte superior traseira de sua máscara. - Estamos simplesmente atrasados.

Max encolheu de ombros.

- Valeu a pena. Na próxima vez vou te convencer a tirar sua bata em algum momento.

- Boa sorte com isso - disse Neve com asperzeza, porque sim, tinha percorrido um comprido caminho, mas deixar cair essa última barreira... Não acreditava que alguma vez seria tão valente. Deu um passo atrás para olhar-se no espelho, inclinando-se para trás e diante de modo que a saia de seu vestido de encaixe negro e cetim revoassem ao seu redor.

Suas novas sandálias pretas de três polegadas Mary-Janes já faziam com que seus dedos dos pés quisessem aconchega-se e morrer, mas combinadas com meias opacas pretas, faziam que suas pernas se versessem mais longas e mais magras, e o vestido dava a Neve um decote decente e uma cintura menor. Mas foi algo mais que o reflexo agradável que Neve viu no espelho, era Max sentado na cama, olhando-a a si mesmo ver-se, com nada mais que apreciação, seus olhos atrasando-se em seus seios.

- Você está linda - disse em voz baixa, à medida que desciam no elevador ao bar.

Neve roubou um último olhar dela apressadamente de cima abaixo nas paredes de espelhos do elevador e nervosamente deu uns tapinhas a um fio solto de cabelo.

- Tenho que encontrar algo que fazer com meu cabelo rebelde que não seja um rabo-de-cavalo ou um coque desordenado. - murmurou. - Mas graças a você - adicionou, quando viu um brilho de irritação na cara de Max, porque a única coisa com a qual não tinha nenhuma paciência era com seu autodesprezo. - Você se vê bastante bem você mesmo, mas continuo pensando que deveria ter vestido as calças do traje, assim como a jaqueta. E talvez uns sapatos que não fossem feitos por Converse.

Max olhou a seu Levis e sapatos esportivos.

- Mas estas são minhas calças boas e meus menos desgastados Converse - protestou. E protestou ainda mais quando Neve tirou seu pente da bolsa e puxou ele através de seu cabelo. - Para alguém que não ia tomar minha mão, está agarrando meu braço firmemente - sussurrou uma vez que tinham dado seu nome a outra pessoa da segurança e caminhavam para o bar.

Neve logo que podia escutá-lo por cima dos batimentos de seu coração e o murmúrio de conversas e as risadas que se faziam mais e mais fortes à medida que se aproximavam das portas abertas ao final do corredor. A Neve dava uma vaga impressão de um bordel muito exclusivo; luzes vermelhas desciam do teto e iluminavam as mesas pequenas e poltronas de couro decoradas com enormes pregos de metal que se estendiam em um arco suave ao redor da enorme sala.

- Agarrar seu braço firmemente não é nem por um pinga igual a tomar sua mão - sussurrou Neve de volta, sua voz aguda e alta, e se encontravam cada vez mais perto agora e queria cravar seus calcanhares, ou melhor ainda, dar a volta e correr de volta para à segurança de sua suíte júnior. Em troca, inclinou-se contra Max, tratando de extrair algo de sua calma, e pôr um pé diante do outro, até que estivessem no bar e abrindo-se passo entre a multidão.

As caras eram um borrão e em tudo o que Neve podia centrar-se era na manga de lã negra de sua jaqueta, enquanto seguia com um apertão de morte no Max. Tratou de encolher-se para passar pelo estreito atalho entre a multidão de pessoas, cabeça baixa, e só quando se encontrou olhando a um par de mocasines com borlas de cor rosa e unhas polidas aparecidas de um par de sandálias douradas de dedos abertos que se deu conta de que tinham chegado a seu fim.

- Neve, eu quero que conheça o Bill e Jean, os pais da Mandy, está é Neve, mi... namorada. - Escutou dizer Max e sua mão cobria a sua, a que ainda seguia em seu braço pelo que se obrigou a olhar para cima.

- É um grande prazer conhecê-los - disse de forma automática, tal e como seus pais tinham inculcado de uma idade cedo, e sorriu fracamente para eles.

Bill tinha cabelo branco como a neve penteado para trás, a partir de um rosto bronzeado e atirava do pescoço de sua camisa de vestir de cor rosa com uma mão enquanto que os grossos dedos de sua outra mão se apertavam em torno de uma delicada taça alargada de champanha. Parecia como se estaria mais cômodo com jeans e uma camiseta com uma lata de cerveja para segurar.

- Bem, Max nos há dito tudo a respeito de você, mas nunca mencionou quão formosa é. Olhe essa pele - disse Jean, e de fato levantou uma mão e beliscou a bochecha de Neve, justo como a avó Annie estava acostumada a fazer, embora a avó Annie nunca teria saído com um traje de calça branca e uma camiseta de lentejoulas negra, a diferença da Jean McIntyre com seu cabelo comprido loiro e lábios de cor rosa brilhante, o qual se estendia em um sorriso cálida e acolhedor. - Suave como o traseiro de um bebê, também tem título de Oxford, Bill.

- Sem dúvida, uma garota inteligente como você poderia conseguir algo melhor que este pequeno bruto - disse Bill, com um gesto em direção a Max, seu peito como um barril sacudindo-se com a risada.

Logo, passou um braço ao redor de Max para poder alvoroçar o cabelo, enquanto que Max se retorcia e punha os olhos em branco. - Este moço é o filho que nunca tive e que nunca quis. Espero que não vá partir seu coração.

- Bom, vou tratar de não fazê-lo - disse Neve sem poder fazer nada, e ambos não deixavam de sorrir de modo que lhes devolveu o sorriso e se cambaleou os miolos para algo mais que dizer.

- Assim, Bill o pai de Neve também está no setor da construção - disse Max, uma vez que o deixou ir, e quando Bill imediatamente começou a disparar perguntas a ela, Neve disparou para Max um olhar de agradecimento.

Depois de que tinham discutido o impacto da crise de crédito se entraram nas novas construções, Neve mencionou que seu pai era dono de um pátio de construtores no Sheffield e resultou que a irmã de Jean vive no Brincliffe, justo na rua da prima de Neve, Linda, e dez minutos tinham passado.

Neve ainda se sentia nervosa. Seus dedos tamborilavam contra o braço de Max, mas já não a paralisava pelo medo, quando Jean de repente abriu a boca e disse - Será melhor ir procurar a nossa Mandy. Morre por te conhecer. Você fica aqui, Max, e conte para o Bill a respeito de quando conheceu essa Paris Hilton. - Neve foi capaz de soltar o braço de Max e deixar que Jean a guiasse através da multidão.

Foi um processo muito lento porque cada vez que davam um passo, Jean a apresentava a alguém que Neve vagamente reconhecia da Coronation Street ou dos velhos tema do Now and OK! Que tinha tirado de Rose para que pudesse suportar em seus WAG.

- Isto é tão amável de sua parte - disse a Jean, ao chegar à parte de atrás da sala e as pessoas começava a diluir-se. - Quero dizer, tomar o tempo para me apresentar a todo mundo quando deve ter a tanta gente com quem falar.

Jean acariciou a mão.

- Não se preocupe por isso, pequena. Sabia que se sentia aterrorizada logo que cravei os olhos em você. Entre você e eu, daria meu braço direito por estar de volta em casa com uma boa taça xícara de chá e uma caixa de massa de açúcar fantástica. Agora, aonde se terá metido essa garota?

Não encontraram Mandy McIntyre porque ela as encontrou. Em um momento Neve olhava boquiaberta olhando a um homem do outro lado da sala que se parecia muito com Thierry Henry (e nem sequer ela sabia quem era), ao seguinte houve um ensurdecedor chiado e alguém lançava seus braços ao redor dela.

- Neve? É a Neve do Max, não é?

Neve não podia nem confirmar nem negar isto enquanto sua boca se apertava contra o pescoço de Mandy e quase era asfixiada ao inalar grandes baforadas do Envy do Gucci.

- Mandy! Deixa ir a pobre moça. Está a asfixiando.

Neve foi por duas mãos quando Mandy, disse.

- Então, vamos te dar um bom olhar.

Tudo o que Neve podia ver era pele bronzeada, muito bronzeada, cabelo loiro, muito loiro e curto, um vestido apertado branco, o mais apertado do mundo, até que seus olhos chegaram à cara de Mandy. Uma vez que superava o bronzeado e os reflexos e o vestido justo, inclusive as lentes de contato azuis brilhantes, Mandy McIntyre era o que sua mãe chamava de aspecto caseiro. Seus olhos com máscara incrustada eram pequenos e tinha o nariz chato e um lábio superior magro, mas havia algo tão inofensivo e viável sobre a maneira em que se via, que Neve entendeu totalmente por que ganhou milhões de libras ao fazer propagandas nas cadeias de supermercados, protagonizando vídeos de exercícios, emprestando seu nome a uma ampla gama de produtos para o lar de bronzeado e pretendendo escrever livros a respeito de uma ordinária garota que vive em um mundo extraordinário.

- Sabia que Max iria depois de uma garota boêmia. É tão artística e fresca - declarou Mandy tão sinceramente que inclusive Neve esteve convencida por alguns poucos segundos felizes. - Eu adoraria dirigir isso das meias opacas, mas acredito que, bom, qual é o ponto de conseguir um falso queimado? Logo me passo toda a noite congelando meu traseiro. E essa era a outra coisa que tinha feito Mandy McIntyre uma multimilionária: dentro dos cinco minutos de ter sido introduzida, oito de cada dez pessoas pensavam que era a pessoa mais agradável que jamais tinham conhecido.

Neve não foi à exceção. Pela segunda vez essa noite tirou da mão com alguém que não era Max e deixou que Mandy a levará ao redor do bar como um pequeno cachorrinho mulherengo para ser aplaudida e acariciada. De fato, conheceu o Shih Tzu de Mandy, Gucci, que se encontrava detido pelo noivo de Mandy. Darren Stretton era desajeitado, de língua atada, e não tinha muito que dizer a alguém cujo pé direito estava assegurado por dois milhões de dólares. Neve conseguiu estabelecer que ele se encontrava *"na lua a respeito de casar-se com nossa Mandy."* Ele e Mandy compartilharam um olhar largo e carinhoso, que foi interrompida pela chegada dos companheiros de equipe do Darren, quem estreitou a mão de Neve educadamente e não pareceram que incomodasse que pudesse gaguejar através das apresentações. Sendo assim as coisas, desejou, como nunca havia desejado algo, que Douglas, Celia e especialmente Charlotte estivessem aqui para vê-la rodeada por todos os lados por onze homens vestidos com trajes de desenhista escuros e toneladas de cara colônia.

- Vê? - dizia. - Há algo genial em mim, depois de tudo.

Exceto, que Neve não estava sendo genial. Mas sim atuava tolamente e ruborizando-se como uma menina de doze anos no concerto dos Jonas Brothers e foi um alívio quando Mandy tomou sua mão e a arrastou para conhecer sua avó e sua tia avó e Wendy, que estava acostumado a viver do lado antes de que os McIntyre se mudassem ao Alderley Edge.

Neve tratou com cortesia defender-se contra as acusações de que tudo em Londres era terrivelmente caro, o que servia aos corretos londrinos por ser tão presunçosos, quando Mandy tomou sua mão de novo.

Quero que Neve conheça as garotas - explicou ela, atirando de uma agradecida Neve a distância. - Sinto muito. Minha avó só seguirá tão longe para o sul até o Centro de Trafford, e então geme e geme sobre o estado dos asseios. Agora, vamos procurar as garotas e nem sequer tomaste um gole. Deve haver um pouco de champanha rodando por aí, mas tenho que perguntar para alguém quantas calorias há em um copo.

- Setenta e cinco - disse Neve, sem nem sequer ter que pensar nisso.

Meu Deus, é tão inteligente - cantarolou Mandy, levando Neve para uma zona de estar levantada na parte posterior do bar. - Aqui estão as garotas. Neve, esta é minha irmã, Kelly, e minha melhor amiga, Tasha, e minha outra melhor amiga, Chelsy, e Emma, que também é minha melhor amiga e Lauren, que é minha melhor amiga e meu assistente pessoal. Esta é Neve... Neve do Max.

As cinco melhores amigas de Mandy se encontravam dispostas em um sofá de couro preto e duas poltronas. Viam Neve de cima para baixo, com caras que não eram totalmente antipáticas, mas tampouco exatamente bem-vinda. Neve sabia que todos seus piores temores se confirmaram: Kelly, Tasha, Chelsy, Emma e Lauren foram cortadas exatamente do mesmo tecido que Charlotte.

Eram todas bronzeadas com cabelos longos, com reflexos, super brilhante, e a única coisa mais pequena que suas saias eram as bolsas pequenina empunhadas adornadas com dourados suportes e logotipos que inclusive Neve podia reconhecer: Gucci, Louis Vuitton e sim, Fendi, exceto não parecia tão gracioso agora, estando de pé diante delas levando um fofo vestido grande que era mais para a mãe da noiva que dá pretensiosa e genial namorada do fantasma escritor da Noiva.

- Vou pôr um pouco de champanha. Vamos, moças, aproximem-se - exigiu Mandy e Kelly, Tasha e Chelsy (ou era Emma?) moveram-se a contra gosto para que assim houvesse um pequeno espaço no sofá, que não ia acomodar as quarenta e três polegadas dos quadris de Neve. - Está bem - murmurou ela, posando-se incômoda no braço do sofá e com a esperança de que não estivesse colocando sua parte inferior na cara de alguém. - Posso me sentar aqui. - Assim, você e Max, então? - perguntou Kelly, tornando-se seu comprido cabelo com mechas longe de sua cara. Neve contou ao menos cinco tons diferentes em seus

reflexos e se maravilhou com o nível absoluto de asseio exibido. Deve tomar horas para preparar—se. - Quanto tempo estão saindo?

Saindo era o mesmo que ter encontros? Neve não estava segura.

- Bom, estivemo-nos vendo um pouco mais de dois meses.

- O quê? Fala mais alta. Para que possa te ouvir.

Neve se repetiu a um volume que tinha que qualificar como um grito e as cinco assentiram com a cabeça e consultaram entre si.

- Quando Max começou a sair com o Shelly então? Não faz tanto tempo, verdade?

- Bom, foi depois do Ricky, mas antes do Bryan. E ela estava com o Ricky no Natal, mas Bryan a levou a Seychelles para o Dia de São Valentin, assim deve ter sido em janeiro. Todas se voltaram para Neve, que não teve mais remedeio que sentar-se ali com o rosto em branco enquanto consideravam oportuno discutir exatamente quando Max tinha estado tendo relações sexuais com outra garota que não era ela.

- Podem dizer o que quiserem de Shelly, mas é realmente formosa e sempre se atrai aos homens mais aptos - falou Kelly em defesa de seu amiga carente moralmente que tinha sido expulsa da festa de bodas por foder o sujeito errado de jogador de futebol, e logo vender sua história aos tabloides. - Sempre pensei que ela e Max formavam um casal perfeitos juntos. - Deu outro olhar examinando Neve, que raiava na incredulidade. - Como você e Max se conheceram de conta?

- Através de minha irmã - cuspiu Neve, aceitando uma taça de champanha de Mandy, que com sorte tinha chegado em sua defesa.

- Neve é a garota mais inteligente que conheci - informou Mandy a suas amigas, que parecia singularmente nada impressionadas. - Tem um título de Oxford e Max diz que tem mais livros que qualquer pessoa que conheceu e sabia quantas calorias há em uma taça de champanha sem ter que olhar primeiro em seu iPhone.

Este último ponto foi recebido com murmúrios de aprovação quando Mandy seguiu adiante. - Têm que ser muito boa com Neve porque não conhece ninguém exceto Max - anunciou, desabando-se na brecha entre sua irmã e Tasha. - Assim, Neve, o que vai fazer amanhã pela manhã? reparando-me mentalmente para a possibilidade de ter que passar uma tarde em um spa com suas amigas, queria dizer Neve, mas só sacudiu suas mãos e derramou champanha na parte dianteira de seu vestido.

- Um, não sei. Max disse algo sobre...

- Vai ter uma reunião com meu agente a respeito de nosso próximo livro -

disse Mandy com doçura. - Então, vai vir a nossa última sessão de acampamento de treinamento para noivas. Vamos fazer nos terrenos do Country Clube, onde está o spa e é onde vamos ter a recepção. É incrivelmente maravilhoso. Tinha muita vontade de me casar em um castelo, mas não podemos encontrar um bom que estivesse perto do Manchester e me sentia destruída, mas logo meu papai disse...

- Mandy! Estivemos fazendo o acampamento de treinamento para noivas há meses. Ela provavelmente não será capaz de manter-se em dia conosco interrompeu Chelsy. - Realmente quer ir a uma velocidade média para o último acampamento de treinamento quando ainda tem que perder outros dois quilogramas antes do sábado?

Mandy mordeu o lábio e Neve podia ver sua vacilação. Sua boa vontade inata ficou a prova pelas exigências de encaixar em um vestido de noiva de desenhista.

- Está bem. - disse Neve rapidamente. - Simplesmente posso fazer meu treinamento habitual na academia do hotel.

- Exercita-te? - Esculpida as sobrancelhas de Kelly desapareceram entre sua franja. - Sério?

- Bom, sim, um par de vezes na semana, mas não em grupo, com um treinador, e não...

- Isso é perfeito então - suspirou Mandy com alívio. - Neve pode fazer o acampamento de treinamento para noivas e estar conosco todo o dia. - ficou de pé. - Tenho que ir resgatar Darren. Acredito que Gucci está sendo traumatizado por todo o ruído.

Neve a viu afastar-se com consternação. Estirou o pescoço para ver se podia localizar Max na multidão e se perguntava se agora seria um bom momento para fazer sua desculpa quando Lauren deu uns golpezinhas no joelho.

- Preciso falar com você a respeito de seus tratamentos de spa - disse ela bruscamente, enquanto sustentava seu iPhone. - Posso te colocar para uma limpeza de cutis, depilar as pernas, mas a depiladora tem uma meia hora extra grátis, assim ela disse que também faria a linha do biquíni.

- OH, isso é muito agradável, mas...

- Mas tenho que comprovar se desejas uma pedicure de luxo ou uma medi-pedi?

- Lauren olhou espectadora a Neve.

- Uma o que, o que é uma medi-pedi?

- Não sabe o que é uma medi-pedi?

As cinco se viam horrorizadas. Indignadas, inclusive, como se não houvesse

nenhuma razão para ser dono de uma grande quantidade de livros se nem sequer sabe o que é uma Medi-pedi.

- Uma pedicure de luxo vai estar bem - disse Neve inexpressivamente, e isso era uma tolice e exagerava porque tinha tido um tratamento muito pior de muitas garotas mais vis que estas, mas podia sentir seu lábio inferior tremer e tinha que deixar de piscar, porque a próxima vez que piscasse, sabia que as primeiras lágrimas começariam a correr por seu rosto. - Depois seguiremos de novo para a cidade para arrumar nossos cabelos e rostos, mas não têm tempo para nos fazer nada mais que uma lavagem e secagem e...

- Isso está bem. Tenho que ir agora e encontrar Max. - Neve já ficava de pé, quase caindo dos saltos no processo. - Foi muito agradável conhecer todas. - Não esperou para escutar o que tinham que dizer sobre isso, mas sim tropeçou pelas três etapas e freneticamente escaneou o lugar a procura de Max.

Ele se encontrava justo onde o tinha deixado, de pé no bar, e só ver seu fácil sorriso encantador, enquanto falava com alguém era como voltar para casa a um piso quente depois de caminhar através de uma tormenta de neve.

Neve começou a abrir caminho entre a multidão, toda pronta para lançar uma diatribe a respeito de quão vil foram as amigas de Mandy e ela não ia, repito, não ia fazer acampamento de treinamento ou ir ao Spa com elas. Se Max tinha que encontrar um médico que escrevesse uma nota de repouso por enfermidade, então que assim seja. Mas à medida que se aproximava de Max, inclusive com os cotovelos quando em realidade tinha que fazê-lo, Neve viu que ele seguia falando com o Bill e Jean. Jean tinha o braço envolto através do Max, com a cabeça inclinada para captar cada uma de suas últimas palavras. Logo, quando chegou ao final de seu discurso, Bill deu uma palmada nas costas, talvez um pouco duro, porque Max se balançou sobre os calcanhares, mas rompeu um pouco o coração a Neve.

Provavelmente estava sendo muito caprichosa, isso é o que sua mãe dizia, mas vendo o de fora para dentro, ocorreu que Bill e Jean eram em realidade os pais honoríficos de Max, ou o mais perto que tinha. Isto não era só um evento de trabalho para ele. Tinha sido convidado por pessoas que se preocupavam com ele e não queria que dissessem: *"Foi agradável ver o Max, mas essa mal-humorada namorada dele foi uma verdadeira dor de cabeça"* quando se fossem na manhã da segunda-feira.

Não havia nada a fazer que aguentar-se passar o dia de amanhã, ainda se isso a matasse; não subestimaria a essas garotas horríveis de pôr algo tóxico em sua cera quente. O que foi o que aqueles publicitários assustados de Los Angeles disseram para Max quando pediu um tempo livre com seus clientes famosos? Foi um dia fora de toda sua vida.

Max olhou por cima, apanhou seu olhar e a saudou. Ele disse algo para Bill e Jean, que sorriu, e não houve nada mais que fazer que pegar um sorriso em seu rosto e caminhar para eles.

Capítulo Vinte e Sete

- Você tem exatamente o mesmo olhar que tem Keith quando o levo ao veterinário - falou Max quando o empurrei em frente do Country Clube Alderley Edge, o qual era um horrível edifício Vitoriano que parecia como uma muito florida casa de gengibre. - Pensei que ele gostava de fazer exercício.

- Faça-o - disse Neve, tratando de mascarar o mal-estar que sentia quando Max desligava o motor. Rogava para que algo acontecesse no carro ou algo ao longo da A34; não o suficientemente mau para que alguém ficasse fatalmente ferido, mas ela teria estado perfeitamente feliz com uma perna quebrada. - Estou bem. Só estou cansada.

- Ah, assim que isso é o esteve te incomodando - disse Max conscientemente enquanto dava uma cotovelada. -

Compensarei isso esta noite, prometo.

- Me compensar, o quê? Não é isso - suspirou, enquanto finalmente amanhecia.

A noite anterior, ela deixou Max no bar para que tivesse *"um mais para o caminho."* - Não espero isso toda noite. Tinham sido outras duas horas antes que finalmente tropeçasse de volta a seu quarto e despertá-la por esta cansado. Logo, se cambaleio sobre a cama e tratou de começar algo, o qual obviamente não tinha intenção de terminar porque se encontrava tão bêbado que não podia nem sequer tirar sua própria roupa. Neve o empurrou fora da cama, despiu-o e o ajudou a escovar os dentes, logo deixou o resto a ele mesmo. Ele terminou passando a noite no sofá, porque não conseguiu voltar para a cama.

- O que é o que acontece então? - perguntou Max, e uma mão no queixo de Neve fez que volteasse sua cabeça para ele. - Do que está assustada?

- Não estou assustada com nada - declarou com voz tremente.

- Já não pode tirar essa merda comigo nunca mais. Conheço você melhor, agora... - disse Max, com uma acidez em sua voz. - Sei que as companheiras de Mandy são, bom, são um pouco... Você não tem muito em comum com elas, mas depois de que tivessem tido sua mandíbula em bolsas de desenho e bronzeados falsos por um par de horas, poderia as haver entretido lhes dizendo que namorado genial sou.

- Acredito que estão nesse tema - disse Neve mordazmente, e não tinha querido ter uma briga com Max, mas as boas intenções da noite anterior se desgastaram. - Penso que sua amiga, Shelly, golpeou o mais destacado para eles.

- É isso do que se trata tudo isto? Nunca saí com Shelly.

- Isso eu sei. - Condescendência gotejava de cada sílaba. Neve passou a noite anterior pensando na famosa Shelly. Ela só tinha um punhado de feitos para seguir; dormiu com Max além de dois jogadores de futebol de primeira divisão, era realmente formosa de acordo ao Kelly McIntyre, e era uma garota que não tinha problema compartilhando detalhes de sua vida sexual com os leitores dos tabloides de domingo.

Era uma muito entristecedora avaliação de caráter, mas Neve se encontrava pronta para saltar adiante para encher os espaços em branco. Shelly obviamente estava aderida ao estereótipo WAG e tinha longas pernas, grandes seios, tinha brilhante cabelo loiro e pele laranja melhor visualizada em pequenos vestidos e saltos Hoochie Mama.

Ou seja, era o polo oposto de Neve, o qual era suficientemente humilhante, mas não tão humilhante como ter que saber por essas garotas horríveis que Max tinha dormido com a Shelly.

- Se Shelly for o tipo de mulher que prefere, então não tem na verdade muito sentido que qualquer de nós continue com esta "*pequena charada*" - disse para Max friamente. - Odeio ter que pensar que todo o tempo que estive comigo, desejava que estivesse com outra garota quem...

- Tem um nervo de merda! - Neve nunca tinha escutado Max tão zangado e realmente não gostava. Ele se voltou para ela. Sua cara parecia apertada e rígida, seus olhos ardendo com repentina fúria.

- Todo o ponto de "*esta pequena charada*" é porque está apaixonada por algum menino em outra parte do mundo, no caso de ter esquecido. Assim, se eu não trazer seu futuro, então porque no inferno está trazendo meu passado? Por quê?

- Bom, porque... Devia ter me advertido que tinha dormido com as amigas de Mandy - se gabava Neve, porque quando tinha decidido escolher uma briga, tinha imaginado uma briga de um lado, quando tivesse a oportunidade de tirar toda sua frustração, enquanto Max só se sentava aí e tomava. Embora agora ele a olhava e podia sentir sua irritação agitando o ar, e deveria ter sabido que não se sentaria aí submissamente e tomaria algo.

- Foi mortificante.

- Sim, quase tão mortificante como saber que cada um daqueles movimentos que aprendeu na internet estavam sendo perfeitamente classificadas e catalogados em sua cabeça para o momento em que possa usá-los com o Sr. Califórnia, sejam perfeitos. - Max se inclinou para ela. Neve se fez para trás em alarme, mas só abriu a porta. - Vai.

- Você não está atualmente na posição de tomar a superioridade moral aqui...

- Ia te dizer que me chamasse quando quisesse ir embora, ainda que fosse

decidir que uma era suficiente, mas sabe o que, doce coração? Pode chamar um maldito táxi.

Neve soltou seu cinto com dedos trementes e saiu a toda pressa do carro.

- Não teria que trazer seu passado se tivesse sido um pouco mais seletivo com as pessoas com as quais tinha sexo - Gritou, antes de bater à porta tão forte que podia sentir a reverberação todo o caminho para seu braço.

Max arrancou o automóvel e girou em um rápido, fechado círculo roçando e pegando a Neve na cara antes que pudesse retroceder. As engrenagens rangeram, logo tomou grande velocidade varrendo o caminho da entrada, cambaleando-se à esquerda para dar lugar ao monovolumen.

Brigar com Max não fez Neve se sentir melhor. Sentia-se insegura, ressentida e aterrorizada, e meio esperava que Max voltasse, dissesse que se entrasse no carro, conduzissem até a estação e a metesse no primeiro trem de volta para Londres.

Mas não voltou e as pessoas do monovolumen chegaram e se detiveram a seu lado, comporta se deslizaram e suas companheiras para o dia emergiram, cada uma delas usando um moletom de veludo rosa. Enquanto Chelsy subia fora do automóvel, Neve viu Equipe McIntyre escrito no reverso de seu moletom com capuz em diamantes e esperava que não fosse forçada dentro do sangrento moletom rosa da maldita Shelly.

Chelsy, Kelly, Lauren, Emma e Tasha, todas assentiram friamente a Neve enquanto se alinhavam, como um pequeno comitê de recepção para Mandy, que era a última a desembarcar. Mandy ao menos parecia satisfeita de vê-la ali enquanto saltava fora do carro. - Neve! Estou tão agradecida que pôde vir! - Seu cabelo se encontrava em dois rabos-de cavalo que se balançavam enquanto falava, o qual distraía muito.

- Era Max? Passou por nós pelo caminho, e logo agora antes de minhas bodas também.

- Está atrasado para uma entrevista na cidade - mentiu Neve, sua voz aguda com ansiedade.

- OH, teria que ter vindo conosco - disse Mandy, tomando seu braço no de Neve enquanto começavam a caminhar para a entrada. - Tivemos que buscar Chelsy e Tasha do Malmaison ninguém falou ontem à noite?

Elas não o fizeram e poderiam ter salvado Neve de brigar com Max a favor de ser tratada com frieza pela multidão de trajes rosas. Não podia dizer qual poderia ser menos mau. Deixaram suas bolsas no guarda-roupa, logo Neve viu como todas tiravam bolsas de maquiagem de desenhista de bolsas de viagem e começaram a retocar o bronzeador, rímel e gloss. Só como era brutal um campo de treinamento nupcial se podia fazer algo sem manchar sua maquiagem ou seu cabelo se frisava se perguntava Neve, enquanto começava seus estiramentos de

aquecimento. Sempre terminava uma sessão de exercícios com seu cabelo e sua pele empapada em suor.

- Quanto tempo faz exercício? - perguntou a Mandy enquanto deixavam o guarda-roupa e caminhavam através de um set de portas francesas para uma grama verde, que parecia como se fora usado, mas para jogo suave de cróquet que um campo de treinamento.

- Até três horas - disse Mandy com alegria. - Mas tomamos montões de descanso e a última hora é Pilates. Pilates muito gentil. - Olhava para Neve de cima abaixo, mas por uma vez Neve não conhecia o medo. Às vezes pensava que gostaria de viver com roupa de exercício, era cômoda e tinha um alto conteúdo de lycra e sempre se sentia agradavelmente contida. Inclusive seus seios se comportavam quando eram encerrados em um sutiã esportivo e estavam na parte superior sob uma magra canção de manga larga. Seu conjunto, inclusive, teve a aprovação de Mandy porque ela assentia felizmente. - Não tinha que trazer sua própria toalha ou água, Jacqui os dá.

Justo quando Neve ia perguntar quem era Jacqui (Quantos assistentes pessoais Mandy tinha?), as portas francesas se abriram e uma pequena, atleticamente construída mulher com um cabelo loiro platino e agressiva cara trotava, seguida por uma fileira de empregados do Country Clube carregando equipamento de ginástica e uma gigante geladeira portátil.

- Bem, senhoras, em linha e comecem a estirar-se - gritou.

As WAG rapidamente ficaram em uma linha e Neve encontrou a si mesma ao lado de Kelly, que já dobrava sua cintura com entusiasmo. Neve tratou de fazer o que todas as outras faziam quase ao mesmo tempo, embora as WAG se moviam *em "passo, toque, braço dobrado,"* enquanto ela seguia com *"passo, toque,"* Jacqui trotou perto e ficou olhando fixamente para Neve enquanto dava um passo e tocava e rodava seus braços.

- Não está usando rosa disse acusadoramente. - Quem é você?

- OH, esta é Neve e por dentro está usando rosa - disse Mandy amavelmente.

- Está aqui pela Shelly e está bem, faz exercício todo o tempo. Inclusive seu namorado diz que o faz.

Neve tratou de sorrir, mas Jacqui se encontrava impassível.

- Trata de manter - ladrrou. - É a última sessão do campo de treinamento, não posso ter atrasados. - Na realidade, em, sabe, provavelmente deveria sustentar suas costas - balbuciou Neve. - Vou dar algumas voltas enquanto você, quer, que o faça.

Então, sem esperar a permissão para ir-se, separou sob a grama bem cuidada como se os cães do inferno estivessem pisando os calcanhares. Quando alcançou o final da grama, seguiu um caminho de cascalho com um trote suave assim podia tomar os ondulantes campos a seu redor e olhar à pequena

extravagante construção em uma pequena ilha no meio do lago. O ar era fresco e limpo e pela primeira vez no dia, seu estômago não se sentia como se fosse pacote em grandes, retorcidos nós.

Gradualmente incrementou sua velocidade e deixou sua mente em branco assim podia sentir seus pulmões queimando-se e a dor em suas coxas para poder empurrar a si mesma mais e mais forte. Cada vez sentia como se não pudesse seguir adiante porque sentia que suas pernas poderiam paralisar, convocava outro jorro de energia e forçava a si mesma a fazer outra carreira ao redor do lago. Era celestial não pensar, só sentir.

- Devagar, devagar - disse uma voz e Neve se deu conta que Jacqui caiu no piso a seu lado. - Uma volta mais e quero que caminhe o quarto último.

- Bem - ofegou Neve, e diminuiu sua velocidade até parar. - Sinto muito... Por sair correndo... Estava acostumada a fazer exercício...

- Muito mais forte que esse montão de bundas frouxas disse Jacqui com um sorriso. Mandy - é uma boa garota, mas todas elas são malditamente inúteis. Vamos. Baixa a velocidade, garota. Neve se deteve e se inclinou com as mãos em seus joelhos enquanto tratava de sustentar o fôlego. Jacqui correu de volta aonde as WAG se encontravam em um montão de rosa bolo, enquanto Neve estirava seus tendões, então se reuniu com elas. Neve se emparelhou com a Chelsy, o qual não encheu seu coração de alegria. A julgar pelo olhar infeliz na cara de Chelsy, sentia-se da mesma maneira. Debaixo de sua espessa maquiagem, o qual era decididamente manchado agora, a outra garota parecia verde enquanto se parava oposta à outra e começavam a passar uma bola de exercícios.

Principalmente Neve sustentava a bola de exercícios porque cada vez que tratava de dar ao Chelsy, assustava-se, suas mãos estavam em guarda de qualquer possível tipo de passagem de ação. - Me dê um minuto. - Seguiu ofegando, até que se inclinou e começou a secar-se. Você está bem? - perguntou Neve amavelmente, porque outro ser humano tinha dor e não podia ficar de braços cruzados, mesmo se esse outro ser humano tinha sido pouco hospitalar e hostil. Cautelosamente, esfregou as costas de Chelsy. - Acho que vou vomitar e tenho uma terrível pontada.

- Lado direito ou esquerdo? - perguntou Neve.

- Direito. - Bem, precisa levantar seu braço esquerdo no ar e te apoiar em mim com seu braço direito, tão forte quanto possa ordenou - enquanto ajudava a Chelsy ficar em uma posição vertical.

- Mais forte que isso. Sou muito sólida, posso te segurar.

Chelsy se endireitou.

- Acredito minha ressaca o está chutando - suspirou conspirativamente com um ansioso sorriso a Jacqui que gritava para Emma por recusar-se a tomar a bola

de exercício em caso de quebra suas unhas postiças. - Golpeei-me a noite anterior.

Por um momento Neve sentiu como se tivesse uma pontada também porque sentiu uma espetada aguda em seu intestino enquanto se perguntava se Chelsy tinha recebido golpes do Max. - Mandy pensou que fui para casa a meia-noite, mas fui às escondidas com o Billy, meu estilista, e terminei tomando mojitos em um clube em Canal Street até às três da manhã. - Chelsy se inclinou outra vez. - Desejaria não ter mencionado os mojitos. A punhalada de dor desapareceu de repente como tinha chegado assim Neve foi ao refrigerador e agarrou uma garrafa de água para o Chelsy.

- Não tome de vez, só pequenos goles - disse, desenroscando a tampa e dando a garrafa para a outra garota.

No momento que Chelsy se sentiu melhor para passar a bola de exercícios, o treinamento quase terminava. Só ficavam cinco minutos para esfriar-se, então Neve se surpreendeu de ver as WAG convergir sobre o Jacqui para abraçá-la e agradecê-la por "*ser uma absoluta mare{70}*".

Depois disso, levaram-nas ao salão de baile para fazer Pilates em um piso elástico que chiava abaixo de Neve cada vez que trocava de posição. Usualmente, adorava fazer Pilates, mas ficava difícil concentrar-se em seus músculos principais e sua respiração quando sua mente se encontrava em outras coisas.

Houve um coletivo suspiro de alívio quando a classe terminou, e enquanto as outras garotas se reuniam ao redor do instrutor, uma serena mulher de voz suave que, entretanto governava a casa com uma firmeza de aço que não tolerava choringações e queixa, Neve se lançou para as portas. Apurou-se pelas escadas, tomou um mau giro sob uma cabana de corredores, mas por fim encontrou o guarda-roupa. Seguiu pinçando em sua bolsa de ginásio por seu telefone, quando outras garotas entraram.

Nenhuma delas parecia arrumada. A maquiagem tinha sido suada, o veludo rosa parecia decididamente sujo, e cada brilhante fio de cabelo tinha sido amarrado para atrás; o efeito em geral era menos ameaçador que antes. Chelsy sorria e Neve tocou gentilmente no braço.

- Obrigada por cuidar de mim - disse, enquanto abria seu próprio armário. - Vamos para a sauna agora, antes de tomar uma ducha. Para suar todas estas toxinas.

- OH, irei tomar só uma ducha - resmungou Neve, evitando seus olhos enquanto os trajes começaram a desprezar-se. Nunca se trocou na academia, ou tomou banho, ou fez algo que poderia significar que outra mulher no vestiário pudesse ver seu corpo todo estriado e volumoso. Aí não havia nenhuma maneira que fosse se despir em frente de seis estranhas que realmente não gostava tanto.

Podia tomar banho enquanto elas estavam na sauna, então por seus jeans e sua túnica antes que terminassem de ensaboar-se e enxaguar-se. Neve se sentou

em um dos bancos acolchoados que se alinhavam no quarto e estudou seu telefone atentamente, ainda quando sabia que não havia mensagens ou chamadas perdidas do Max.

- Vamos, Neve, todas somos garotas unidas - chamou Emma do outro lado do vestuário. - Se uma gorda como eu não importa despir-se, você não tem de que preocupar-se.

- Sim, minha celulite esteve na capa do Heat - disse Mandy felizmente, girando para olhar a parte de atrás de suas coxas nos espelhos. - Acha que tenho menos celulite que a semana passada?

- Chama a isso celulite? Parece que minha bunda está de fato de pele de laranja!

Neve olhou a suas treinadoras e deixou que os defeitos de seu corpo rivalizassem sobre ela. Tinha escutado esse bate-papo incontável vezes para contar, de outras mulheres com corpos pelos quais ela mataria. Era só um exercício de união, da mesma maneira em que os homens falavam de futebol.

- Neve! Deixa esse moleton e vem pra sauna - demandou Emma.

Neve podia ver suas polidas unhas rosas dos pés em sua direção e tragou forte.

- Na verdade. Estou bem - disse com uma careta, enquanto viu dois pares mais de pés nus vindo e teve a três WAG paradas diretamente em frente e teve uma horrível lembrança das duchas depois das classes de Educação Física. Arrastou-se no quarto de vapor, enquanto alguém mais escondia suas roupas. Só sabia.

Mas Mandy não ia deixar fazer isso, deu-se conta, enquanto murmurava algo a respeito de sua planejadora de bodas, ficou uma bata e desapareceu fora pela porta.

Assim que a deixou se encontrava resolutamente no piso rodeada por todos os lados.

- Olhe, sei que estivemos te dando um mau momento, mas não conhecemos.

- Disse Tasha, plantando-se junto a Neve. Ela, ao menos, seguia estando completamente vestida. - E a coisa é que Mandy é nossa amiga.

- Sei isso - disse Neve calmamente, por que pensavam isso? O que ela tinha um elaborado esquema em mente para afastar Mandy delas? - Ela foi realmente agradável comigo, mas... - Mandy é realmente amável - concordou Tasha. - Poderia haver-se convertido em uma presunçosa vaca com todas as coisas que passaram nestes últimos três anos, mas segue sendo a mesma velha Mands.

E as pessoas tratam de tomar vantagem dela e somos suas amigas assim temos que nos assegurar que isso não aconteça.

- Mas eu nunca faria isso! - ofegou, a indignação fez seu olhar subir assim que tudo o que podia ver era carne bronzeada e mamilos. - Sou uma boa pessoa. Ou ao menos trato de sê-lo.

- Sim, bom, você parece ser do bem - disse Kelly, e havia um murmúrio de acordo enquanto Neve pensava que tinha passado alguma prova que não se deu conta que tomava. - Mas se tiver uma câmara escondida e você e sua melhor amiga está no escritório do mundo do espetáculo do News of the World^[71].

- Um de meus melhores amigos é um gay de uns quarenta e tantos que está escrevendo seu doutorado no Stephen Spender - protestou Neve. - Minha irmã trabalha no Skirt, mas não está interessada em outra coisa que na moda.

- OH! Ela consegue roupa grátis? - perguntou Lauren.

- Na verdade não, mas às vezes faz as coisas se perderem nas sessões de fotografia e não as devolve. - Neve forçou seus ombros por debaixo de suas orelhas. Olhem, estou segura que não pode haver muita diversão tendo uma nova pessoa imposta a vocês quando é o dia antes do casamento de sua melhor amiga e só querem relaxar e ter seu Spa Day^[72]. Entendo isso e vou ter uma ducha e então tomarei um táxi para voltar para o hotel.

- Não seja tola - falou Tasha. - Vamos e para a sauna e nos conte quais celebridades sua irmã conheceu. Não posso insistir Neve sombriamente, e ia lhes contar.

- Olhem, estava acostumada a ser muito grande. Muito, muito grande e sigo sendo grande e eu não gosto...

- Que tão grande é? - demandou Emma corajosamente. - Porque não pode ser maior que eu.

Neve pestanejou para esclarecer sua visão e então olhou para Emma, que se tinha despojado de sua tanga e sutiã e era perto de dois tamanhos a menos que Neve.

- Estava pesando 160 kg - admitiu - E você é mais alta e magra que eu e estou muito, muito mais gorda que todas vocês.

- Vá - soprou Emma - Fez um bypass gástrico ou uma redução gástrica?

- OH, não tive nenhum. Só, você sabe, comi menos e fiz mais exercício.

- Assim, quanto perdeu exatamente?

- Quanto tempo tomou?

- Fui ao Atkins para me desfazer do peso do bebê depois de que tivesse Keiran e me pus constipada. Quantos carboidratos baixaram?

As perguntas voavam grossas e rápidas e Neve começou olhando mais à frente

do falso bronzeado e desde as Manicuras até cesárea de Lauren, desequilibrado os seios da Emma e Kelly assinalo as estrias em suas coxas e Tasha disse que pessoas vinha a ela na rua e perguntavam se era anoréxica.

Cada uma tinha algo que odiavam a respeito de seus corpos. Neve não estava segura se isso a fazia sentir-se melhor ou pior, mas ficou de pé e começou a tirar suas roupas embora sentia como se estivesse a ponto de saltar de uma aeronave sem paraquedas. Ou inundar-se em águas infestadas de tubarões. Ou está nua em uma batalha. Seguiu sem ir nua para a sauna, mas podia comprometer-se e envolver uma toalha ao redor de si mesma ou algo. Quando finalmente baixou suas calcinhas e seu sutiã e freneticamente arrebatou uma toalha da pilha cuidadosamente dobrada em uma prateleira, Kelly disse, Não sei do que é do que te está queixando. Você está ótima para mim. Menos mal que a champanha deve chegar logo. Realmente precisa relaxar.

Era uma lástima que os vários copos de champanha que tinha bebido durante o curso da tarde não subministrassem Neve a necessária quantidade de coragem que necessitava para enfrentar Max depois de sua representação de uma lavadeira do Billingsgate essa manhã. Também a fez tratar duramente com a chave que abria a porta.

Neve esperava que pudesse entrar furtivamente no quarto, então poderia só olhar Max com sua expressão mais culpado (ela tinha uma grande autoridade que era embutida com a essência mesma da culpabilidade), assim Max poderia instantaneamente perdoá-la, assim não teria que gaguejar através de uma miserável desculpa. Esse era o plano. Mas depois de procurar provas com a chave e sacudir a manga, a porta de repente se abriu.

Levantou o olhar, esperando ver o Max parado, mas simplesmente tinha deixado a porta entreaberta. Neve sabia que ele seguia zangado com ela porque seu telefone se encontrava desligado e cada vez que tinha chamado para desculpar-se simplesmente ia direto para a caixa postal, mas não imaginava que seguiria assim zangado. A única pessoa que sabia que podia suportar um rancor assim de grande era, bom... Ela mesma.

Neve deu um passo através da porta, mentalmente preparando a si mesmo para o frio olhar na cara de Max e os comentários mordazes que tinha todo o dia trabalhando, mas ele se encontrava sentado com suas costas para ela no pequeno escritório entre a cama e a janela, seus dedos voando pelo teclado de seu laptop.

Ao menos, poderia obter uma desculpa sem interrupções da galeria, pensou com tristeza.

- Sinto muito - disse, porque era o melhor lugar para começar. - Lamento se fui uma bruxa contigo esta manhã e tinha razão, tinha medo de passar o dia com as amigas de Mandy porque foram muito hostis ontem à noite e descarreguei em você. E atualmente, elas são realmente boas comigo. Bom, não no começo, mas eventualmente nos unimos e demos conta que temos muito em comum, mas não o teria pensado alguma vez, verdade?

Seguia sem haver resposta de Max, mas parou de teclar, o qual tinha que ser um bom sinal. Francamente, Neve tomara suas vitórias onde pudesse.

- Olhe, sinto pelo que disse sobre a Shellya - aproximou-se de Max. - Sei que não tenho direito de fazer julgamentos a respeito das pessoas com as que estive antes de mim, mas poderia ter me dado pistas sobre ela, Max. Devia saber que alguém poderia mencionar que estiveram juntos. Isso era pelo que me sentia zangada. - Fez um gesto em sua cara que era dificilmente parte da desculpa. - Bom, além disso, me zanguei porque me senti ciumenta e sei que é ridículo porque não mencionamos que tivéssemos algum tipo de relação, mas quando penso a respeito das garotas com as que estive antes de mim, em como se veem, sei que não estou à sua altura.

Neve colocou suas mãos sobre os ombros de Max e ele estremeceu por um segundo. Ela tratou de comunicar tudo o que sentia através das pontas de seus dedos, e quando isso não parecia funcionar, Neve começou a amassar os nós de tensão que encontrava. Ali havia um, justo debaixo do pescoço de Max, esse era absolutamente grande.

Inclinou-se, assim podia respirar sobre seu ouvido, sua voz baixa e urgente.

- Você sabe que quando estou contigo, não estou pensando no William. Bom, quase nunca. E as coisas que fizemos, que fiz, poderia nunca as fazer porque as fiz com você assim eu poderia... Poderia... Afiar minha técnica. Isso foi realmente baixo Max. - Aí não havia muito que dizer, especialmente enquanto Max dava seu tratamento de silêncio. Era muito melhor estar de mau humor que ela. Neve sempre se derrubava logo que Celia escapava. - Sinto muito - disse com a apropriada quantidade de convicção. - Deus, por que segue zangado comigo? - perguntou lastimosamente, endireitando-se e tomando as mãos de Max, porque ela acalmada não tinha nenhum efeito. - Tratei de me desculpar, que mais posso dizer?

Estava a ponto de renunciar e esconder-se no banheiro até que fosse tempo de ir-se com as garotas, quando Max esclareceu sua garganta.

- Você disse que queria terminar - recordou com uma voz que não era tão gelada como esperava. - Não, disse que não havia nenhum ponto em seguir com isto se... Se não era o tipo de garota com a que queria estar, e já te hei dito porque disse isso. Mas se quer deixá-lo, então só me diga isso. - Declarou Neve, mas Max se retirou outra vez a seu silêncio. Não fez tanto como mover um músculo.

- Deus, é malditamente impossível às vezes.

Quando ia girar em torno de si mesma para preparar-se para a mais majestosa festa de sua vida, Max passou o braço ao redor de sua cintura e agora era seu turno de atirar de uma rígida Neve, resistindo a ter seu corpo mais perto.

- Não quero que termine disse - com suficiente sinceridade para que quase

acreditasse. E então, beijou a parte traseira de seu braço, que era a única parte dela aonde podia pôr sua boca. - Eu sinto muito também. Devia ter te falado sobre a Shelly, mas é um ponto um pouco doloroso na realidade.

- Por que é um ponto doloroso? - perguntou Neve, e se retorceu um pouco no agarre de Max só para deixar saber que tinha que fazer melhor que isso.

- Não quero falar disso. É passado. Estou me movendo para frente - disse Max mecanicamente, como se tivesse aprendido as palavras de cor. - Estou aqui com você e isso é tudo o que importa. Não o que fiz meses com outra garota ou sua partida por volta do entardecer com Sr. Califórnia no tempo de umas poucas semanas. Mas aqui mesmo, neste momento. Neve enrolou uma mecha do pegajoso cabelo de Max ao redor de seu dedo. - Não é que isto vai terminar e no dia seguinte estarei com o William.

A verdade era que não sabia como ia ser, porque sempre saltava a logística e ia direito para o final feliz.

- E espero, que aconteça o que acontecer, sigamos sendo amigos. Eu gosto de te ter em minha vida, além de quando está dando uma ducha gelada.

Max puxou Neve para mais perto, volteou-a, assim podia descansar a cabeça em seu peito. - Foi realmente mau? Vou tratar de te esquentar - disse, e era como se tratasse de desviar uma honesta, mas dolorosa discussão por uma mais sexy, mas ainda através de duas capas de roupa, Neve podia sentir seu fôlego na pele e seus seios se sentiam mais cheios e pesados assim queria pressioná-los contra a boca de Max para que tirasse a dor. Em lugar disso, deixou rodear tudo ao seu redor e ela beijou o topo de sua cabeça, e quando ele tratou de empurrá-la a seu colo, adivinhou que eram outra vez amigos.

- Você sabe, vivo com medo de romper suas pernas quando trata de me fazer isso - disse, retorcendo-se livre de seus braços, assim podia ficar na borda da mesa.

- Assim, o que estiveste fazendo todo o dia?

- OH, fiz algo escrito - disse Max, inclinando-se e olhando para Neve corretamente pela primeira vez desde que caminhou através da porta.

- Jesus Cristo, Neevy, esta genial!

Neve recordou agora que não se parecia remotamente à garota que ele tinha visto essa manhã com seu cabelo raspado atrás e uma expressão mal-humorada em sua cara. Depois da sessão da Spa Day pareceu, tinham-na conduzido a um ostentoso salão Manchester para ter seu cabelo e maquiagem preparada para essa tarde.

- Sério? - perguntou. - Elas trataram de me pôr bronzeador, o qual resisti, mas me pergunto se isso não seria muito.

- Não, é o suficiente - disse Max, seu olhar foi para o rosto de Neve enquanto revolveu suas pestanas a ele. Quando tratou com os olhos, terminou parecendo como se não tivesse dormido em um mês, mas o maquiador teve que mostrar como fazê-lo corretamente e fez uma centena de tons mais profundos que seu usual bálsamo labial rosa, assim tinha uns brilhantes lábios vermelhos que fizeram querer fazer panelas, ainda quando sabia que não havia muito com o que fazer panelas.

Tratou de inclinar-se assim podia ver seu reflexo no espelho oposto.

- Nem sequer pareço como eu - disse, porque seria realmente arrogante dizer ao Max que atualmente amava sua encarnação presente que era toda olhos, bochechas e lábios.

- Sim, é. Só parece uma realmente de alta manutenção versão de ti. Max a olhou. - Seu cabelo é tão grande.

- Sei! - Neve assentiu felizmente. O estilista não queria secar, muito menos escovar o que ele chamava "*cabelo virgem*", mas tinha que deixar sua usual escova de cabelo de pony por um recorte de espuma de sua cabeça e pôr seu cabelo sobre este assim podia ser mais esponjoso. Neve esperava que fosse mais Audrey Hepburn em Tomando o café da manhã no Tyffany's que Amy Winehouse.

Acredito que é ao menos cinco centímetros mais alto.

- Ao menos. - Max se ecoou. - Assim, teve um lindo dia ao final?

Neve não estava segura se tinham falado corretamente as coisas, mas era um alívio ver essa fria expressão na cara do Max substituída por seu usual sorriso fácil e escutá-lo rir enquanto contava sobre fazer exercício com as WAG e Mandy fazendo seu planador de bodas se despiu e viesse na sauna assim podia suar as toxinas e bloquear o final da configuração de assentos.

- E então, finalmente me disseram o que é um medi-pedi - disse

Neve, dobrando-se para baixo para começar a desenredar seu tênis. - Um podólogo qualificado apareceu com esta coisa como um descascador de batatas e tirou toda a pele dura de meus pés como se fossem duas partes enormes de queijo parmesão.

- Que nojo.

- Foi - concordou Neve, tirando as meias três-quartos e quase caindo da mesa no processo. - Mas sente como suaves estão meus pés.

Agitou seu pé em frente o rosto de Max enquanto ele se tornava para trás embora seus pés estavam fragrantes e suaves como a seda como o estavam acostumados a estar.

Max não olhava seus pés, mas seu rosto outra vez. Está bêbada?

- É obvio que não - esquivou-se Neve, por que não se encontrava bêbada.

Além disso, agora a rixa terminou e eram amigos outra vez e o puro alívio a fazia sentir enjoada.

- Só tive um pouco de champanha. - Tratou de sustentar seu polegar e seu dedo indicador para ilustrar a pouca quantidade de champanha que tinha tomado, o qual não era tanto em relação ao que tinham tomado as outras, e tinha alguns crutones com sua salada de frango no almoço para limpar o álcool, mas agora tinha dificuldade em fazer que seu polegar e dedo indicador fizessem o que queria.

- O que estas garotas fizeram? - Max sacudiu sua cabeça. - Você está bêbada.

- Talvez só um pouco mais alegre - decidiu Neve, agarrando o braço de Max assim não podia cair da mesa. - Mas só vou beber spritzers esta noite e Mandy quer que todos estejam na cama às onze assim não teremos ressacas amanhã. Foi detalhada na orientação.

- Deveria comer algo antes de ir - disse Max firmemente. - Um pouco de carboidratos para te dar um pouco de lastro.

Neve deu um olhar ao relógio na mesinha de noite.

- Não tenho tempo. - Max seguiu seus passos enquanto foi desde armário ao banheiro.

- Não vai ficar aqui trancado a noite escrevendo, vai?

- Não, vou me encontrar com o Bill para um drink assim podemos trabalhar no discurso pai-filha. - disse Max, olhando o vestido que Neve tinha na mão.

- Não se supõe que tem um zíper com o que poderia precisar uma mão? - perguntou com um olhar lascivo.

- Não, só vai sobre minha cabeça assim.... - Neve pôs suas mãos em sua cintura e tratou de parecer dura. - Não vai fazer nada que poderia manchar minha maquiagem ou estragar meu cabelo - disse, fechando a porta do banheiro.

Cuidadosamente, conseguiu colocar o vestido sem dismantelar seu penteado quando escutou um golpe na porta da suíte, então o som de chiados e risada.

Neve fechou sua Mary Janes de sete centímetros, que pareciam menos cômodos dos que elas levavam, e era só perto de um passo atrás, olhou a si mesma no espelho e decidiu que esse vestido prata com lentejoulas não era seu, quando a porta se abriu atrás em suas dobradiças e o banheiro foi invadido por um insuficiente vestido, pernas nuas, cabelo reluzente, muito emocionada mulher.

- Correto, está bem. - disse Kelly. - Vamos. Temos uma limusine rosa nos esperando é uma zona de não estacionar atrás do hotel, porque a frente está cheio de paparazzi.

Neve teve que tirar a Tasha e Lauren assim podia ter um bom olhar de si mesma no espelho. - Estou bem? - Puxou o vestido. - Não pareço gorda?

- Você está linda - disse Emma enquanto se orvalhava generosamente com o Chanel Nº 19. - Perde as médias.

Neve podia perder seu 60, as bandagens ofuscavam as meias quando se encontravam em seus frite, mortas pernas.

- Não acredito. - disse. - Talvez deveria usar calças e um lindo Top. Minha irmã Celia diz...

Ninguém se interessou na opinião da Celia que saltos, calças e um Top podiam levar uma garota desde dia até a tarde e também em coquetéis.

Tasha tomou o braço de Neve e a tirou do banheiro.

Só pega seu telefone - ordenou.

- Bolsa.

- Não precisa uma bolsa - disse compassivamente Lauren. - O jantar está pago, a limo está paga, estamos em seis diferentes listas de convidados em bares, para que precisa de dinheiro? - Toma sua bolsa - disse, Max, tirando Emma do caminho. - E me liga se quiser sair cedo... Cristo, esse vestido é um pouco curto.

Neve olhou para suas pernas com desgosto.

- Minhas pernas parecem robustas com meias.

- É obvio que não - estalou Max, sua cara avermelhou quando Emma riu de seu superprotetor namorado. - Você está linda, e é por isso que estou preocupado.

- Aww, doce - sussurrou Tasha. - Não se preocupe, menino amante, a traremos a meia-noite. Ou ao redor da meia noite.

- Não, Mandy disse que retornaremos às onze - recordou-lhes Neve. - Foi realmente particular sobre isso. - Onze, doze, Qual é a diferença? - Emma arrastou as palavras, agarrando a mão de Neve e as empurrando para a porta. - Podem se mexer?

Enquanto era empurrada fora da porta, escutou o grito do Max.

- Quero-a de volta em uma só peça.

Houve uma risada dos assentos baratos.

- Uma peça nunca foi parte do trato.

Capítulo Vinte e Oito

Algo doente e peludo tinha entrado e saído de sua boca enquanto dormia. Essa era a única explicação possível que Neve tinha um sabor rançoso na boca e uma viscosa capa de massa em seus dentes e língua.

- Creio que estou morrendo - gemeu. O lamentável estado de sua boca era o de menos importante. Havia um tamborilar em sua cabeça, fazendo-se eco em seu turvo intestino, seus ossos doíam, seus órgãos vitais doíam, sua garganta doía e inclusive os folículos de seu cabelo doíam.

- Não está morrendo - disse uma voz em seu ouvido, que soava como unhas raspando uma piçarra, apesar da voz de Max ter saído quase em um sussurro.

- Está com ressaca.

Neve tinha tido ressacas antes e só a fazia sentir-se um pouco enjoada e de mau humor. Está se sentia como o filho bastardo da peste bubônica e o vírus do Ebola.

- Morrendo - repetiu e agora se deu conta de que se encontrava na cama, tinha sido uma cama muito cômoda a última vez que tinha dormido nela, mas agora sentia como se estivesse deitada sobre um montão de pedras, e apesar de que tinha a colcha e o braço de Max a seu redor, seguia sentindo-se fria e pegajosa. Neve tentou levantar a cabeça, mas seu olhar se chocou com o papel pintado a raíais e além de chamuscar suas retinas, fez que revolvesse o estômago.

- Doente. Estou doente.

- Carinho, não acredito - disse Max, acariciando a parte de atrás de seu pescoço com seus suaves dedos como plumas. - Vomitaste quase tudo o que comeu a última semana.

- Urgh... Tinha feito? A noite anterior era um grande oco vazio em sua memória.

- O que aconteceu? - Não sei o que aconteceu, mas recebi uma chamada telefônica do chefe de segurança do hotel às três da manhã me perguntando se poderia identificar uma louca delirante em um vestido prateado que não podia recordar o número de sua suíte, mas insistiu em que alguém chamado Max Panqueca dormia ali. Eles pensaram que poderia ser um truque do Sunday Mirror^[73], alguém pretendendo estar absolutamente drogada como uma maneira de entrar no hotel.

- OH, não...

- Sim, ao parecer, Ronaldo ficou em uma das suítes Penthouse e vi o Wayne e Coleen^[74] no bar ontem à noite. De todos os modos, à medida que se

cambaleava pelo corredor, disse-me com muito orgulho que tinha perdido seu telefone e só tinha comido duas partes do KFC e uma bolsa de batatas fritas.

- KFC? OH, Deus...!

- Mas eu não me preocuparia por isso, porque depois que tratou de me convencer de me pôr perverso contigo, começou a vomitar e não parou, por horas. Em um momento, pensei que você fosse dormir aconchegada ao redor do vaso.

- Meu Deus...

Os espaços em branco que Max enchia não foram uma surpresa total e Neve começava a ver uma apresentação de imagens: sendo seguida por flash, gritando para os paparazzi em qualquer lugar que estivessem, cordas de veludo sendo desabotoadas, um tutorial de Kelly e Mandy sobre a maneira de rebolar em lugar de caminhar, uma mesa cheia de copos vazios um punhado de desalinhadas sombrinhas de coquetel.

Houve um menino que não a deixava sozinha no Dry Bar até que Kelly mencionou que ele jogava para a equipe juvenil do Manchester United e só tinha quinze anos. Lembrou-se de Mandy indo às dez, acompanhada de dois guardacostas corpulentos, depois de fazer às garotas prometerem solenemente que deixariam o bar no que estivessem a mais demorar às onze. Obviamente, elas tinham estado ali, muito mais que passadas as onze porque Neve podia recordar claramente golpear a Canal Street, onde tinha cantado Não Leave Me This Way em um bar de karaokê com o Dolly Parton. Uma Dolly Parton de aspecto muito masculino e...

- Acredito que dancei sobre um cenário. Por que faria isso?

- Por favor, me diga que tiraram fotos. - A voz de Max borbulhava de risada logo que contida apesar de que não poderia ter sido muito mais divertido para ele, quando ela retornou em tal estado de embriaguez.

- Sinto muito, por te tirar da cama - murmurou Neve, com cuidado e lentamente rodando sobre suas costas, onde estava deitada. O movimento fez com que o quarto e seu estômago se cambaleassem alarmantemente.

- Não tinha me deitado, andava pelo quarto, me preocupando que tivesse morrido e estive jogada em uma sarjeta, quando não respondeu o telefone as primeiras dez vezes que te chame.

- OH, meu Deus. Mau álcool, mau. Muito, muito mau.

- É muito mau, mas acredito que vai viver para beber outra taça de champanha - disse Max, apoiando-se em um cotovelo para poder olhar para Neve que jazia com os olhos fechados. Provavelmente se sentirá melhor uma vez que tenha tomado uma ducha.

- Matara-me.

- Não, não o fará, sentira-se desta maneira durante os primeiros cinco minutos - disse Max, sentando-se, o que fez que a cama se movesse e Neve gemesse lastimosamente.

- Vou pedir serviço de limpeza para que enviem alguém para arrumar o banheiro e então terá que se levantar, porque odeio ter que dizer isso Neve, mas temos que ir ao casamento do ano em cinco horas.

Neve tratou de dizer para Max que não podia sair da cama, e muito menos parar-se sem ajuda em um futuro próximo, mas ele já se levantou. Ouviu-o falando ao telefone em voz baixa, enquanto se deixava entrar e sair do sono, agitada, inclusive quando apenas duas faxineiras chegaram e começaram a trabalhar no banheiro. Talvez fosse a vergonha o que a obrigou a dormir, quando ouviu um deles dizer, - vamos precisar de mais alvejante. Muito mais cloro.

A segunda vez que Neve abriu os olhos, deu-se conta de que não ia morrer. Não até que escovasse seus dentes, de todas as maneiras. Afastou as cobertas e tratou de transmitir uma mensagem a seu cérebro de que realmente queria mover as pernas.

- Ouça! O que está fazendo? Deixa eu ajudar. - Max se encontrava de pé na porta do banheiro e Neve só podia bocejar para ele com assombro.

- Está usando um terno - assinalou com seus afiados poderes de dedução, porque ele levava um terno preto, ajustado ao corpo, com uma camisa branca como a neve. Inclusive, seu cabelo tinha sido domesticado à submissão com o que parecia uma banheira completa de Brylcreem^[75]. Só os dedos dos pés de suas meias três quartos vermelhos se sobressaíam da parte inferior de sua calça e estavam contra a elegância geral de seu conjunto.

- Você está muito elegante. - Max colocou as mãos nos bolsos de sua calça. - Eu não gosto de terno. - Franziu o cenho. - Não porei minha gravata até que escute as primeiras notas da marcha nupcial. - aproximou-se da cama e brandamente aplacou a posição de pé de Neve. Cambaleou-se por um momento incerto, mas logo decidiu que podia seguir estando verticalmente, sempre e quando Max a segurasse com seu braço.

- Tenho que escovar os dentes - disse, enquanto começavam a caminhar muito devagar, perigosamente para o banheiro, passando por um montão de tecido, com lentejoulas de prata, enrugada no caminho.

Em algum momento durante as travessuras da noite anterior, Neve tinha se despido, ou tinha sido despida, até do sutiã e as calcinhas, mas ainda se sentia muito miserável para que importasse. Max não tinha estado tão traumatizado pela visão das coxas trementes de Neve, a flacidez e a pança que geralmente se mantém oculta a todos os homens, porque os faria sair correndo. De fato, era incrivelmente doce e paciente enquanto a levava com cuidado ao banheiro como

se fosse feita de cristal.

- O que precisa é uma muito boa fritura - disse a Neve, sorrindo enquanto ela fazia uma careta. - Mas vou pedir um pouco de chá e torradas para começar. Segue muito pálida.

Pálida era a maior subestimação de todos os tempos, decidiu Neve ao olhar-se no espelho enquanto escovava os dentes. Mechas de cabelo apareciam de sua cabeça como os tentáculos de Medusa e tinha os olhos manchados com delineador preto ao redor e caindo como uma corrente de fuligem por suas bochechas, onde se mesclava com os restos de seu batom vermelho.

Ver-se-ia e se sentiria muito melhor depois de uma ducha e de lavar o cabelo. Eliminando as manchas ao redor de seus olhos, onde exploraram os copos sanguíneos enquanto vomitava com tanta violência.

- As pessoas vão pensar que estive te golpeando - disse Max, quando Neve saiu do banheiro, envolta em um roupão branco e suave com uma toalha ao estilo turbante ao redor da cabeça. - Para o caso de você não ter me ouvido da primeira vez, quero que saiba que nunca, nunca beberei álcool de novo - suspirou Neve, servindo-se de uma xícara de chá, mas evitando as torradas que tinham vindo também, não se sentia pronta para coisas sólidas no momento. - Mas obrigada por cuidar de mim. - Sentou-se no sofá junto a Max e jogou outro pequeno olhar incrédulo. Sim, não era um DT. Levava um terno. - Estais muito lindo^[76].

- Lindo? - Max quase cuspiu um bocado de torrada com geleia. - É a única pessoa que conheço que usa palavras que só tenho lido nos livros.

Neve envolveu seus dedos ao redor da xícara e bebeu um sorvo de chá com cautela. O sabor era como o néctar dos deuses, e quando Max passou o braço ao seu redor ela se aconchegou contra ele, com a cabeça em seu ombro, decidiu que a ressaca não era terminal. Talvez pudesse conseguir passar o dia de maneira intacta e chegar inclusive a sorrir nas fotos.

- Quero que coma pelo menos um pedaço de torrada, logo terá que estampá-lo na pintura de guerra - murmurou Max como se pudesse ler seus pensamentos. - Não posso ver-te toda pálida e gasta nas fotos, Mandy vai te matar. E te quero lutando em forma com seus deveres de brincadeira. Inclusive tendo em conta o frágil estado de sua saúde, Neve esperava as bodas. Não só para olhar boquiaberta e sem vergonha alguma às celebridades que assistiriam, ou inclusive por passar o momento com sua turma de novas melhores amigas que tinham prometido mostrar todas as celebridades, mas sim, mais que tudo não podia esperar para passar o dia com Max. Ele se encontrava com o humor incrivelmente bom e quando Max estava assim, as brincadeiras eram para partir-se de rir, a piscada de seus olhos, era tão divertido estar com ele.

- É muito melhor se burlando que eu - disse Neve. Max baixou a cabeça em reconhecimento desse fato indiscutível.

- OH, não sei, Neevy, faz de uma agradável linha uma piada ácida. Agora bem, come um pedaço de torrada como uma menina boa. - Estava a meio caminho de um pedaço de pão torrado quando o telefone do Max soou.

- É Bill - disse, olhando à tela de chamada. - É provável que chame para perguntar se alguém viu a Kelly. Deus sabe a que horas chegou em sua casa ontem à noite. - A última lembrança que Neve tinha da Kelly era fazendo Slammers de Tequila⁽⁷⁷⁾ no karaokê bar, fez uma careta duvidosa, o que fez Max rir ao quando atendeu o telefone.

- Bill? Como está o pai da noiva esta manhã? - perguntou alegremente. - Precioso dia para uma WA... Bodas de branco. - Ainda seguia envolta nos braços do Max assim Neve pôde sentir o momento exato em que ficou tenso, antes que ele chegasse a dizer.

- OH, está bem. Sim, isso soa um pouco problemático.

Não querendo se intrometer, Neve se levantou e, mastigando com pouco entusiasmo sua torrada, começou a pegar suas roupas. Esperava que o KFC da noite anterior não tivesse ido diretamente a seus quadris.

- Não, está bem. É obvio que entendo - dizia Max com voz tensa, como se, fora o que fosse, não estivesse de tudo bem. - Bom, pode dizer a Mandy que deixe de chorar para começar. Não é o fim do mundo e vai ser destruída quando olhar as fotos dentro de vinte anos e tenha os olhos injetados em sangue. - Neve olhou para Max que se encontrava sentado curvado, com os cotovelos nos joelhos e um olhar triste em seu rosto. - Na verdade, Bill, está bem. Se te disser a verdade, Neve esteve doente toda a noite. Deve ter sido algo que comeu, e se encontrará provavelmente melhor passando o dia na cama.

Algo ruim tinha acontecido, apesar de que Neve se nublou nos detalhes. Por um momento se perguntou se algum - Mandy ou Darren - tinham cancelado o casamento, mas não podia ser não haviam fotos nas quais Mandy não se visse perfeita. Talvez houvesse mais pedidos da igreja O... OH Deus, ao feito de que tinha feito uma exposição de si mesmo ontem de noite e não a queriam em qualquer lugar perto da festa em caso de que ela comesse a dar ao Veuve Cliquot⁽⁷⁸⁾ de novo.

- Honestamente, Bill, você não tem que fazer isso. Está tudo bem. Desejo a Mandy todo o melhor e vou falar com ela quando retornar do St Barts, certo? - Neve debatia a possibilidade de colocar o traje de calça, quando Max desligou.

- Bom, não precisa preocupar-se por isso - disse. - De fato, se quer ir para a cama, então não te deterei.

- O que aconteceu? O casamento foi cancelado? Fiz algo tão terrível ontem à noite que não querem...?

- Você não é o problema, sou eu. - Max sorriu fracamente. - Não estou

autorizado a ir à bodas.

- Mas por quê? - Neve pendurou a bolsa com as roupa e se cambaleou para o sofá para poder tomar a mão de Max e... Max estalou a língua e se afastou.

- Não dar as mãos, lembra? - espetou, e sabia que se sentia irritado e zangado pela misteriosa chamada telefônica e se voltou contra ela porque era a única pessoa perto, mas mesmo assim, doía. Neve se sentou junto o Max com a esperança de que pudesse emitir raios de simpatia e apoio através de sua grossa bata de toalha de felpa.

- Por favor, me diga o que aconteceu.

- Bom, não se vende os direitos de seu compromisso, casamento e lua de mel por dois milhões de libras sem necessidade de assinar um contrato legal com um montão de cláusulas - explicou Max, recostando-se nas almofadas, como se estivesse totalmente gostoso com a situação. Poderia ter sido mais convincente se sua voz não fosse capturando cada palavra como se doesse a respiração. — Resulta que aos jornalistas que não estão empregados pela revista Voila é proibido assistir ao casamento...

- Mas vai como um amigo!

-Em qualquer qualidade já seja de amigo, profissional ou de outro modo - repetiu Max com voz átona. - O agente de Mandy teve que comprovar a lista de convidados com o jornalista da revista esta manhã e se desatou o inferno.

- Bom, é moralmente reprovável perder a entrega da decisão do livre acesso a todas as áreas em seu próprio casamento, de todos os modos - disse Neve zangada, porque apesar de que gostasse de Mandy, realmente o fazia, gostava de Max muito mais.

- Sem palavras longas, Neevy, não nestes momentos. - Max sorriu outra das desculpas parecida com um sorriso. Essa cadela. Fiz suas centenas de milhares de libras.

- Se eu fosse você, eu não gostaria de ter mais nada a ver com ela. É uma maneira horrível de se tratar a alguém.

- Sim, é, mas essa cadela me tem dado também dezenas de milhares de libras - disse Max com amargura. - Bom, ao menos não temos que passar séculos sentados em uma igreja com correntes de ar e logo comer um frango seco em molho de creme da recepção, enquanto Mandy posa para as câmaras.

- Sinto muito - ofereceu Neve. Parecia uma coisa inadequada para dizer quando Max se encontrava sentado ali, seu corpo ferido com tanta força que Neve se assustava de tocá-lo, e uma careta horrível em lugar de um sorriso em seu rosto.

- Sim, bom, todo este fim de semana foi um completo esbanjo de gasolina disse Max, ficando de pé. - Também poderíamos voltar para Londres. - Agarrou sua jaqueta de couro do encosto da cadeira. - Preciso clarear minhas ideias. Pode voltar para a cama, se quiser.

- Você está bem? - Foi uma pergunta tola. Neve soube logo que o havia falado. - Bom, é obvio que não está. Vi você com o Bill e Jean na quinta-feira de noite e me dei conta de que é mais que o escritor-fantasma de Mandy. É parte de família, Max, por isso...

- Não! Não sou parte da família - disse bruscamente, enquanto se dirigia para a porta. Claro, é divertido me ter ao redor, mas isso é parte do trabalho. - Tudo isto realmente se reduz a como útil posso ser para a marca McIntyre, e neste momento, não sou fodidamente útil absolutamente.

Fechou a porta detrás dele e por um momento de tensão, Neve pensou que o pedaço de torrada ia reaparecer, mas não o fez e se sentou no sofá tornando chorar.

Neve não era uma chorona, mas os excessos da noite anterior a tinham deixado sentindo-se tremente e frágil. Sobre tudo, chorava porque Max estava zangado e ferido, e isso o fazia sentir-se zangada e ferida, especialmente porque não sabia o que fazer para que se sentisse melhor. Inclusive se o fazia, não estava segura de que Max permitiria aproximar-se o suficiente para tentá-lo.

Se ela não tivesse perdido seu telefone, que provavelmente era usado para fazer uma chamada muito longa e muito cara a um número estrangeiro neste mesmo momento, sabia que haveria qualquer número de telefone das pessoas que poderia chamar que ofereceria toda classe de conselhos: Celia, sua mãe, Philip, Chloe, Rose, inclusive Gustav que, depois de dar uma conferência sobre as calorias ocultas no álcool, diria que corresse um grande trajeto, o que faria que se sentisse melhor. E sabia, como sabia as unidades de conteúdo em graxa, as calorias, e o número de hidratos de carbono que contêm mais de 400 tipos de mantimentos, e que se chamasse a seu pai, ele deixaria tudo para procurá-la e levá-la em casa.

Tinha a todas essas pessoas em sua vida e seguro, que Max conhecia centenas de amigos aís quais poderia chamar amigos, mas quando realmente chegou o momento, não tinha ninguém que realmente estivesse ali para ele quando se sentia ferido, a exceção de um Staffordshire Bull Terrier, com grandes problemas de limites. E a ela. Max merecia ter uma rede de apoio maior que uma garota e um cão.

Quando Max voltou quase duas horas mais tarde, os olhos de Neve se viam ainda mais inchados que a última vez que a tinha visto. Mas se encontrava pálida, serena e tinha lido a sua maneira o jornal the Guardian, CityLife, o pack de informação do hotel e a guia da área local, e tinha visto um antigo episódio de Veem jantar Comigo enquanto o esperava.

- Está vestida - disse Max, enquanto fechava a porta detrás dele. - Também fez às malas?

- Não. - Tinha um comprido discurso preparado, mas ver Max atravessando a porta com o mesmo olhar frio e distante em seu rosto, deixou claro que este não era o momento para os discursos longos. Em troca, Neve ficou de pé e se lançou para Max.

Imediatamente ficou rígido, retorcendo-se, enquanto rodeava com seus braços. - O que está fazendo?

- Cale a boca e me deixe te abraçar murmurou Neve, embora ela não o abraçava tanto, era como se o agarrasse.

- Não preciso ser abraçado - disse Max rígido. - Está sendo estúpida. - E para demonstrar a Neve até que ponto o era, manteve seus braços aos lados e uma expressão de grande sofrimento em seu rosto, enquanto acariciava as costas e beijava suas bochechas com os lábios. Era como abraçar uma viga de concreto e Neve se perguntou o que precisava fazer para ser aceita por Max, porque tinham acabado as ideias.

- Não sou sua namorada panqueca, sou sua amiga - disse ferozmente. - Vou cuidar de você, me preocupo com você e quero que seja feliz, que você goste ou não. Assim é melhor que se acostume a isto, certo?

Max franziu os lábios como se tivesse muito que dizer a respeito disso e que não seria nada bom. Logo, murmurou algo muito baixo para que Neve o ouvisse.

- O que foi isso?

- Pode me soltar? - perguntou Max, ainda rígido em seu abraço. Soou horrivelmente solene como se estivesse pedindo que fizesse algo mais que deixar cair seus braços.

Neve afrouxou seus braços, mas manteve suas mãos ao redor da cintura de Max, porque de repente pareceu terrivelmente importante manter um contato entre eles.

- O que acaba de dizer?

Max não olhou para Neve, mas sim fixou a vista em um ponto acima de sua cabeça.

- Disse que você não iria me querer como amigo, ou como qualquer outra coisa, se soubesse o que sou na realidade.

- Você é? - Perguntou Neve, embora temesse a resposta.

Max se separou dela, como se não suportasse seu toque. - Aproximou-se da janela.

- Estou fodido da cabeça - disse com dureza. - Tudo em minha vida está

fodido e a única razão pela que estou nesta falsa relação contigo é porque meu terapeuta pensou que seria uma boa ideia. A final, Neve tinha a explicação que tinha estado procurando, a razão qual alguém como Max quereria estar com alguém como ela, inclusive se era só fingido. Surpreendeu-se ao descobrir que não se sentia muito molesta, na realidade não parecia muito importante nesse momento.

Deixou-se cair na poltrona de couro em forma de cubo que tinha usado como tamborete. - O que te fez procurar um terapeuta?

- Porque há algo mal em mim - disse Max com uma voz distorcida porque tragava duro, mas ao menos falava, por isso Neve ficou no mesmo lugar. - Tenho este grande trabalho, uma boa casa, saio todas as noites para essas fantásticas festas, conheço a toda essas pessoas famosas, glamorosas e eles são meus melhores companheiros, mas me sinto vazio por dentro. Como se tudo isto significasse nada e nada fosse real.

Não havia nada que Neve podia dizer, assim só disse - Hmmm. - Para que Max se desse conta que o escutava. - E a razão pela qual estou ao seu redor é porque não posso suportar estar por minha conta. Meu terapeuta me diz que não me comprometo com nenhuma das mulheres com as que tenho uma aventura porque tenho medo de estabelecer uma relação séria, mas a coisa é que não sei como me relacionar seriamente com alguém. E só estou vendo meu terapeuta porque dormi com a Shelly. Mandy e Kelly se zangaram comigo e Bill me levou para um bate-papo como se fosse meu puto pai ou algo assim, disse-me que precisava resolver isto porque eu era melhor que isso.

- É - disse Neve brandamente, enquanto tratava de processar o furioso arrebatamento do Max. - Deitei-me com uma das internas do trabalho e não sabia que estava comprometida com o filho do MD⁽⁷⁹⁾ e quase perco meu trabalho, minha editora disse que se eu não procurasse ajuda, então teria que me despedir. Assim estou "em terapia" - Max seguia de costas para Neve, mas ela podia vê-lo tomando ar -, estou tentando eliminar minhas capas e chegar à pessoa real, mas eu não acredito que exista. Só sou aparência e nenhuma substância de merda.

- Vamos, sabe que isso não é certo. - Neve ficou de pé e inclusive se aproximou de Max um par de passos, mas podia ver seus ombros tremendo. Não soava como se estivesse chorando, mas sua voz soava como se estivesse perto de fazê-lo, e Neve sabia instintivamente que só aguentava porque ela se encontrava no outro lado do quarto.

- Olhe, conheço você e sou só temporária, mas quanto mais te conheço, mais eu gosto.

Max tossiu umidamente. - Diz isso porque é uma garota agradável e está tentando me fazer sentir melhor, dou-me conta, mas não somos reais. A única coisa real que tive eram os McIntyres e toda a ideia de que se preocupavam

comigo e que era o filho que nunca tiveram, mas isso era merda.

- Não. - disse Neve drasticamente, esquecendo suas dúvidas enquanto tropeçava para o Max. - Isso não é verdade. Passei toda a vida à margem, simplesmente observando outras pessoas. Sou uma perita observadora de gente, quando te vi com o Bill e Jean, era evidente que se preocupavam com você, e... Bom, eu também. Eu também me preocupo com você, Max.

Envolveu seus braços ao redor dele, apoiou sua cabeça contra sua omoplata e abraçou tão forte como pôde. Desta vez, Max não escapou nem se contorceu, mas sim pareceu relaxar-se contra ela.

- Nem sequer sei ao que se parece que se preocupem com você - murmurou ele.

- Sim, você sabe - disse Neve. - Uma vez que deixou de flertar e de paquerar, não foste outra coisa que amável e paciente comigo. Sei que não sou a pessoa mais fácil para ter ao redor, mas você aguentou e talvez porque seu terapeuta sugeriu que fizesse, mas está comprometido com nossa falsa relação e deveria estar orgulhoso disso.

Max acariciou as mãos de Neve que estavam cruzadas em seu estômago.

- Deveria estar orgulhoso por ter me preparado para uma relação falsa que irá durar dois meses com uma garota que está apaixonada por outra pessoa?

Era impossível sustentar uma conversa com Max de costas, por isso Neve girou a seu redor, ficando entre ele e a janela, olhando diretamente em seus olhos avermelhados. Ela tinha tido razão das lágrimas.

- Sim, estou apaixonada pelo William e sim, ele tem meu coração, mas não o tem tudo. - Levantou seu polegar e seu indicador. - Diria que há uma pequena parte de meu coração que pertence só a você.

- Diz por dizer - insistiu Max a contra gosto. - Internamente está furiosa porque não fui honesto com você desde o começo. E talvez se sentisse um pouco molestada, mas a verdade era melhor que a versão da verdade com que Neve tinha estado atormentando a si mesmo: que Max não a viu como nada mais que um desafio e uma vez que ela tenha caído por seus consideráveis encantos, seu trabalho teria terminado.

- Bom, deveria ter me dito isso, mas posso ver por que era difícil para você contar esse tipo de coisas a uma completa estranha. - encolheu- os ombros e sorriu. - Me alegro que tenha contado e você goste ou não, vou estar por aqui um pouco, assim somente temos que aguentar, de acordo? Max fez uma careta, mas logo, incrivelmente, apareceu a pequena luz de um sorriso. Talvez fosse o primo irmão de um sorriso, mas foi recebido como o primeiro raio de sol depois de semanas de chuva.

- Está bem - admitiu ele.

- Alegra-me ouvir isso. - E quando Neve o apertou mais, ele grunhiu em sinal de protesto, mas então, devolveu o abraço.

Max era bom abraçando. Neve sempre se sentia como uma coisa pequena e frágil quando envolvia seus braços ao redor dela.

A cabeça de Neve dizia que saísse logo que pudesse porque o peso da responsabilidade a pressionava, só podia cuidar de si mesma e nunca importou ninguém mais. Mas acabava de entregar para Max um pequeno pedaço de seu coração em voz alta, por isso ficou ali.

- Tenho um presente para você - disse Max, quando finalmente Neve a contra gosto deixou em liberdade. Tirou um objeto de aspecto familiar do bolso de sua jaqueta. Parece que o deixou na limusine.

- Pensei que nunca o veria de novo! - exclamou Neve, tomando o telefone e sustentando-o contra seu peito. Imediatamente, começou a ler suas mensagens de texto.

- Já sabe, a suíte está paga até segunda-feira pela manhã - disse Max casualmente enquanto Neve se sentia infeliz ao descobrir que fez uma foto de si mesma fazendo panelas e polindo-se no espelho do banheiro do clube e a tinha enviado a todos seus contatos, incluindo a seus pais e ao senhor Freemont, com a mensagem: **Pareço zorra ou o quê?**

- Você quer ficar?

- Ficar a onde? - murmurou Neve distraidamente, enquanto se perguntava se poderia suportar ler as mensagens de texto que tinha recebido por resposta.

- Em Manchester, o fim de semana, comigo - disse Max inseguro, enquanto olhava para os pés. - Deveríamos estar bem sempre e quando evitarmos Alderley Edge. Acredito que a revista Voila provavelmente pôs controles de estrada de todos os modos. Quero dizer, a menos que tenha jogado tudo a perder completamente pelo excesso de compartilhar e me comportar como um instrumento.

Neve deixou seu telefone porque se fossem ficar até segunda-feira, podia atrasar ter que se preocupar-se sobre sua mensagem de bêbada até então.

- Não seja tolo, não arruinaste nada e é uma suíte muito bonita, embora o papel de parede continua me dando vontades de vomitar.

- Então deveríamos sair? - Neve não sabia como fazer frente a esta versão vacilante de Max que ainda parecia triste, especialmente quando dava um olhar cansado e resignado. - Suponho que você gostaria de ir ao Old Trafford Centre e fazer algumas compras. - Deus, tudo menos isso! - depois da última expedição de compras do sábado passado, Neve estava totalmente fora das compras até que fosse hora de começar a pensar no Natal. - Estive lendo um guia do Grande Manchester e ao que parece há alguns lugares muito bonito. Não podemos ir a

alguma destes lugares? Por favor? Acredito que um comprido passeio iria clarear nossas cabeças.

Max não diria a Neve aonde iriam. Em seu lugar, subiu o zíper de seu moletom favorito de cor vermelha com capuz e se foram de carro pelo Manchester para o Ashton-under-Lyne. Tinha passado muito tempo desde que Neve tinha saído de Londres e se esqueceu que o norte de Watford Gap era como outro país. A paisagem era mais selvagem e mais escarpada que os campos e os jardins do sul da Inglaterra e inclusive os nomes dos lugares Rusholme, Cheadle Hulme, Wythenshawe soavam exóticos de uma maneira tipo escura de moinhos satânicos.

Max tinha estado tranquilo e discreto durante a maior parte do caminho, mas de repente sorriu enquanto estacionava no parque nacional do Daisy Nook.

- Suponho que nem a ressaca te desanimará a dar um comprido passeio com vistas para o rio? Um comprido passeio era justo o que necessitava e Neve esperava que Max também se beneficiasse das endorfinas. O centro do parque era no rio Medway que fluía por um boscoso cerque entre o Oldham e Ashton-under-Lyne. Detiveram-se no Centro para Visitantes para pegar um mapa e foram para o Aqueduto Waterhouse, assim poderiam tomar o caminho que se encontrava a vinte e cinco metros por cima do parque. Neve podia sentir os últimos restos da ressaca flutuando na brisa enquanto respirava o ar limpo e sabia que cada vez que cheirasse essa fragrância a carvão, sempre se lembraria deste fim de semana. Inclínaram-se sobre o muro para ver os meninos remando no rio por debaixo deles. Embora fosse um ensolarado dia de finais de abril, ainda havia um frio que permanecia sob a calidez do sol, certamente não era um tempo para remar, pensou Neve, mas a juventude de Grande Manchester evidentemente eram feitos de material resistente.

Logo falavam enquanto desceram pelo aqueduto e foram pelo caminho do canal. De vez em quando, seus braços se roçavam e Neve desejava nunca ter emitido um decreto contra dar as mãos. A fronteira imaginária que se violaria se dessem as mãos não parecia importar muito mais, mas ela se conteve pelo moletom de Max, que era suave, cálido e cheirava ao Brylcreem assim que se sentia como se estivesse sendo abraçada por ele, inclusive quando ia na frente para ver se havia uma cafeteria na próxima curva.

Depois de um par de horas, o céu se nublou e o sol desapareceu. As primeiras grandes gotas de chuva começaram a cair logo que Max mencionou retornar ao carro. Então, as primeiras grandes gotas se converteram de repente em uma colossal corrente, que lhes obrigou a refugiar-se sob o dossel de ramos.

-Só é uma ducha - disse Max esperançoso, tirando o capuz enquanto a chuva caía a seus pés. - Provavelmente.

A chuva agitou a terra, por isso tudo cheirava terroso e amadurecido, e não havia nenhum sinal de que alguma vez fosse parar. Neve tirou o mapa e deu uma olhada na penumbra.

- Você lembra exatamente onde estacionou o carro?

- Acredito que perto do Stannybrook Road? - Fez soar como uma pergunta em vez de como uma localização definida.

- Acha que deveríamos dar uma carreira para ele?

- Tem alguma ideia melhor?

Max não tinha, por isso à conta três Neve e Max começaram a correr. Era difícil ler o mapa sob um aguaceiro enquanto corriam a toda velocidade. Perderam-se duas vezes e voltaram para o lago do centro do parque, até que Max viu um pôster do Centro para os Visitantes e dali, correram até o carro, com os tênis empapados e cheios de barro.

- Posso sentir meu jeans fazer chaf cada vez que mudo de marcha - queixou-se Max enquanto avançava lentamente pela estrada principal. - E você está gotejando sobre meu carro.

- Você também está gotejando sobre seu carro assinalou - Neve, se agachando para tirar os tênis e as meias, para poder pôr os pés sobre o painel. - Sabe o que significa a palavra chuva?

- Que vamos morrer de pneumonia bronquial?

- O casamento... Ontem vi a marquise na entrada da universidade, e Mandy me mostrou o lugar aonde vão fazer as fotos. - Neve olhou para Max por debaixo de suas pestanas e sorriu. - Diria que está chuva é um castigo de Deus por te tratar tão mal, não acha?

Capítulo Vinte e Nove

Max começou a tirar a roupa molhada antes que Neve chegasse à porta da suíte aberta. Ela o deixou lutando por liberar-se do estrangulamento de algodão molhado enquanto corria para a privacidade do banheiro. Sabia que se fosse uma garota normal, permitira tomar uma ducha quente enquanto se inundava na banheira. Poderiam inclusive banhar-se juntos, mas não era uma garota normal e não podia culpar Max por golpear a porta do banheiro para perguntar quanto tempo mais ia demorar.

Eventualmente, saiu e permitiu tomar banho enquanto ela penteava seu cabelo úmido e passava hidratante em sua pele que ainda se sentia horrivelmente desidratada. Entretanto, ficou olhando o reflexo de Max no espelho enquanto saía da ducha e rapidamente se secava. Amava observar a flexão de seus bíceps enquanto esfregava seu cabelo com uma toalha, e suas largas pernas magras até subir a essas nádegas tensas e suas duas deliciosas covinhas. Esperava que ele se girasse para assim poder ter uma vista frontal completa também, quando notou que sua boca pendurava aberta e visualmente babava.

Max se girou então e a olhou nos olhos enquanto ela tomava um pouco de creme hidratante uma vez mais e passava uma enorme quantidade no rosto.

- Você realmente deu uma de vadia ontem à noite, comentou Max sobre a mensagem de texto - me marcou casualmente.

- Não, enviei isso para todo mundo!

- Ah! mas acredito que te vê muito mais linda agora, envolta em uma toalha com seu cabelo úmido e creme sobre seu rosto - continuou brandamente. - Se quiser passar o resto do fim de semana envolta em uma toalha, pra mim será ótimo.

- Não sou linda - soprou Neve, olhando criticamente as manchas escuras ao redor de seus olhos. - Está seriamente mal da vista, mas aprecio suas intenções.

- Sabe, acredito que está melhorando - refletiu Max, brincando com a borda de sua toalha e sorrindo quando Neve grasnou de indignação. - Você é linda, Neve, aceita isso.

Envolta em um roupão suave, Neve saiu do banheiro e se aproximou da enorme janela que abrangia toda a parede. Seguia chovendo, mas agora que tinha entrado, Neve podia apreciar como a chuva fazia as luzes se atenuassem na rua.

- Faço reservas para o restaurante do hotel ou quer ir a outro lugar? - perguntou Max, suas mãos ao redor de sua cintura. Era sábado de noite e tinham toda a cidade debaixo deles e...

- Umm, terei que me vestir e secar meu cabelo e sair de nossa suíte?

- Bom, não me importa se quer sair usando um roupão, mas muitos pensarão que não é a roupa mais adequada para ir a um restaurante. - Podemos ficar aqui e pedir serviço de quarto.

Neve se deu a volta.

Se importa? Ainda estou dolorida e tenho seis bolhas no pé culpa dos estúpidos sapatos. - Tinha uma larga lista de queixa, mas foram interrompidos pelo ruído ensurdecedor de seu estômago. Pareceu durar para sempre e soava muito parecido aos trovões no céu.

- Comi muito depois de ter feito birra, mas você comeu algo mais que a metade de uma torrada? - perguntou Max.

Neve negou com a cabeça. Acostumou-se a não escutar a seu corpo exigindo comida a cada hora, que não notou que tinha fome. Uma grande, forte e voraz fome. Se Max não a estivesse abraçando, provavelmente já tivesse cansado de joelhos e começado a roer as pernas da mesa.

- Quero carne - anunciou. - Um grande pedaço de carne que gotejei sangue sobre o prato. E uma salada, suponho.

- Supondo que vomitou tudo o que comeu ontem e o fato de estar nesse acampamento de casamento e a longa caminhada de hoje, a qual terminou com uma corrida de volta ao carro..... Bom, acredito que deve consumir ao menos cinco mil calorias e provavelmente terá que consumir mais carboidratos...

- Não seja uma dor na bunda, Max.

- Não seja uma queixosa, Neve.

Chegaram a um acordo. Max pediu um prato extragrande de batatas fritas e Neve comeria algumas, porque comer mantimentos de outra pessoa tinha a metade de calorias que sua comida regular.

E Max insistiu em que um roupão de banho estava muito bom para um jantar na suíte, Neve decidiu trocar-se e colocar algo um pouco menos cômodo, especialmente porque Max falava de seu decote cada vez que o cinto começava a afrouxar-se.

Ela colocou seus jeans de reposto e uma blusa que tinha planejado usar com seu traje para o casamento, quando escutou um golpe na porta, se apressou para sair do banheiro a tempo para ver dois garçons trazer um carrinho de comida com placas cobertas por metal em forma de cúpula como se via nos filmes.

Neve tratou de não se aproximar das placas e comer de um só bocado o filet de carne enquanto os garçons seguiam entrando com caixas de presente, cubos de gelo, um prato de morangos cobertos de chocolate e um enorme ramo de rosas e lírios.

- Sei que disse que queria serviço de quarto, mas isto não é um pouco exagerado? - Perguntou para Max.

- Mas eu só pedi o jantar e uma seleção do DVD - disse ele de volta. Então deu um pigarro na garganta. - Desculpe-me, mas acredito que houve um engano. Não pedi flores ou champanha ou essas caixas de... Coisas.

- Chegaram enquanto você se encontrava fora, senhor. - O mais velho do pessoal, julgando por sua idade e o corte de seu traje, entregou um envelope para Max. - Que tenham uma boa noite. - De quem é? - perguntou Neve, enquanto Max abria o envelope e lia o conteúdo. - O que diz?

Lê você mesma. - Max entregou o papel enrugado e Neve baixou o olhar aos garachos de ferro infantis.

Queridos Max e Neve,

Sinto-me tão mal por vocês não tomarem parte do grande dia do Dazza e meu. Desejaria nunca ter assinado esse estúpido contrato, mas dois milhões são dois milhões e prometi a minha canção de ninar que teria uma nova cozinha.

Desejei que estivessem aqui conosco e não posso acreditar que não poderão ver em meu vestido de bodas vermelho e meu vestido de estampa de leopardo para a recepção na tarde.

Mas ainda podem brindar por mim e Dazza, a menos que me odeiem totalmente.

Espero que não o façam.

Com muito amor,

Mandy (McIntyre - Mas não por muito tempo!)

Max abria as caixas e examinava seus novos produtos para a pele Clarins e seu novo relógio quando Neve disse que escolhesse um DVD enquanto ela levava as placas para à mesa de café, junto com uma garrafa de champanha que não ia ser completamente bebida.

Depois de comer a carne e salada e um par de fritas, Max se viu obrigado a golpear sua mão para que ele pudesse ter algumas também, Neve raciocinou que uma taça de champanha não a mataria. Além disso, seria mais fácil conversar com Max com um pouco de álcool dentro dela, especialmente quando ainda havia assuntos pendentes entre eles, já que tinha que dizer algo que ele não queria escutar.

- Bebe - ordenou enquanto encheu o copo de Max, e logo tomou com cuidado um sorvo de sua própria taça, em caso de o sabor provocasse uma sensação horrível e tivesse que ir a toda pressa ao banheiro. Não ocorreu. Na verdade, caiu bem.

- Assim, era uma nota da Mandy escrita à mão? - perguntou casualmente.

- Parecia como se ela tivesse escrito.

- Bom, os pequenos corações sobre os is são sua marca - disse Max, enquanto se levantava e começava a levar os pratos vazios para o carrinho. - Vou pôr isto fora na porta.

Sua resposta não foi exatamente alentadora, mas quando retornou e se sentou o suficientemente perto para que sua perna se pressionasse com a sua, Neve persistiu.

- Entendo porque está irritado com ela, mas acredito que é realmente doce que tenha tomado um tempo no dia de seu casamento para nos dar presentes.

Max levantou suas mãos em sinal de protesto.

Não é como se não tivesse uns segundos livres entre seu penteado e a recitação de seus votos.

- Bom, é certo, mas obviamente aconteceu um pouco de tempo pensando em quão irritado você está enquanto estar organizando os presentes, e te escreveu uma nota entre seu penteado e a prática de seus votos.

- Aonde exatamente quer ir com isto, Neve? - perguntou Max, com voz fria e acusadora, mas ele não estava tão irritado, pois não teria colocado uma mecha úmida de seu cabelo detrás de sua orelha.

- É só que, obviamente, ela se sente realmente mal porque você não está lá e você tem que ceder um pouco. - Neve cravou seu olhar mais intenso sobre seus olhos, quão única podia fazer que Celia obedecesse. - Deveria ligar para agradecer e a deixar saber que ainda são amigos. Isso te fará sentir muito melhor.

- Acredito que estará um pouco ocupada cortando o bolo e escutando ao Darren grunhir no discurso - disse Max mal-humorado e fazendo careta também. Era adorável.

- Bom, então deixe uma mensagem. - Neve o olhou sem pestanejar, até que Max se rendeu com um suspiro e tirou seu telefone.

- Uma perda de tempo - murmurou em voz baixa, mas marcou o número e parecia totalmente desconcertado quando alguém respondeu.

- Mandy? Por que diabos atendeu seu telefone? Sim? Bom, os discursos de bodas são aborrecidos, todos têm direito a esconder-se para fumar um cigarro.

Neve decidiu escapular e dar a Max um pouco de privacidade. Sentou-se no piso do banheiro e leu um capítulo do *Lavender Laughs in the Chale School*, quando Max apareceu sua cabeça pela porta.

- Está bem, já pode sair - disse, e o beicinho tinha sido substituído por um sorriso, o qual foi um alívio, embora a careta tinha sido linda. - Mandy e eu somos amigos de novo.

- Alegra-me ouvir isto. - disse Neve, e quando tratou de passar ao seu lado, ele a apertou contra a parede e cobriu seus pulsos por sobre sua cabeça em um gesto possessivo.

- Obrigado. - disse, e o selou com um comprido e lento beijo que fez Neve se alegrasse por decidir ficar dentro do quarto. - Não esquecerei isto, Neve. Nada disto.

- De nada - disse ela, e devolveu o beijo com tanto ardor que tomou um tempo notar que Max tratava de apartar-se.

- É muito cedo para isso - disse com voz rouca, pondo alguma distância entre eles. - Há várias coisas que podemos fazer esta noite para que eu não possa violar seu inocente corpo.

- Pensei que isto era totalmente mútuo. - Neve cruzou seus braços e tratou duramente de não fazer uma beicinho; Não há nenhuma possibilidade de que ela pareça tão linda como Max com seu lábio inferior se sobressaindo. - Quer ver outro DVD?

Max se encontrava de joelhos diante do armário e buscando sua mala de fim de semana. Não -, deve-me uma revanche - disse, e tirou uma pequena caixa verde que era muito familiar.

- Um, se está procurando em minha bagagem, então verá a mesma surpresa - disse Neve, e esperou até que ele tirou sua pequena caixa verde. - Não pode ser!

- Não posso acreditar que você trouxe seu Scrabble!

- Bom, você também!

- Sim, mas não traga uma enciclopédia também. Me perguntei porque sua bolsa era tão pesada.

Neve se deixou cair no sofá.

- Usemos meu jogo - decidiu. - Não quero ter surpresa porque você pôs peças extras para assim ganhar e se safar das minhas habilidades de vocabulário.

- É obvio, ainda sigo em um estado emocional delicado - disse Max, enquanto se sentava com as pernas cruzadas no chão do outro lado da mesa de café. - Posso confiar que não te aproveitará disso?

- Minha ressaca não desapareceu por completo - disse Neve, tirando as peças. - Assim digo que será um jogo bastante parecido.

Max esperou até que escolheram uma letra cada um para ver quem começava primeiro, e quando ele tirou uma A e Neve uma R, dirigiu um olhar médio presunçoso, meio feliz.

-OH, Neevy - disse com uma voz cantarina. — Fazemos isto um pouco mais interessante?

- Define interessante.

- Quem ganha dois de três. Se você ganhar um jogo, então o perdedor tem que pagar uma multa. Sua expressão era de completa alegria agora.

- Define multa.

Max sorriu de puro prazer próprio.

- O perdedor terá que fazer uma coisa que o ganhador peça que faça. Sem perguntas. Sem discussões. Sem queixa.

Os olhos de Neve se entrecerraram.

- De acordo, define uma coisa.

- Sabe a que me refiro. - Max colocou sua mão na bolsa de peças de jogo. - Uma coisa sexual. Algo que goste o ganhador.

Se Neve tivesse a habilidade de arquear uma sobrancelha, então, estaria fazendo justo agora.

- Alfred Mosher Butts deve estar rolando em sua tumba - disse e não sabia porque se sentia tão envergonhada de estar ansiosa por jogar Scrabble usando temas de sexo, mas Max seguia com o humor imprevisível e acreditava que isso conduziria a algo bom.

- Quem é Alfred Mosher Butts? Juro que está inventando tudo isto para me distrair, porque sabe que sou um jogador muito melhor que você. - Max formou uma palavra com um arrogante sorriso que fez com que Neve apertasse os punhos.

- É quem inventou Scrabble! - Neve logo que podia tomar suas próprias letras. - Me deixe te recordar que ganhei a última vez e provavelmente vou ganhar os seguintes três jogos e me pedirá clemência, assim lembra isso.

Max pôde arquear uma sobrancelha.

- Clemência? Se essa for uma ameaça, não está funcionando. De fato, estou perder os três jogos. - Deu a Neve um olhar travesso. - Será melhor que aceite o trato, Garota Panqueca, façamos oficial.

Neve estreitou a mão de Max com cada onça de força que tinha, a qual era muita, mas ele unicamente sorriu.

- Vai contra as regras exercer pressão sobre seu oponente.

Max não perdeu o primeiro jogo. Em troca, deixou Neve com muitas vocais enquanto ele formou palavras com q, z, j e x, obtendo em duas ocasiões ganhar pontos triplos.

Ele conseguiu a pontuação mais alta, enquanto ela conseguiu a pontuação mais baixa em todos seus jogos, essa foi toda a motivação que Neve necessitou

para concentrar-se no jogo.

Especialmente quando Max fez uma dança da vitória pelo quarto, inclusive quando disse que isso era extremamente humilhante.

Ela ganhou o segundo jogo por uma margem decente, e a meio caminho do terceiro jogo, quando Max se deu conta que perdia por quase cinquenta pontos, isto se converteu em uma batalha a morte. Ambos realmente tratavam de ganhar, mas o não reclamado orgasmo era um forte motivo para deixar de brincar e tocar um ao outro, deixaram de falar e estabeleceram um limite de tempo de três minutos em cada rodada.

Apesar de que Max usou seus habituais truques para formar palavras difíceis para ter pontos duplos e fechar o jogo, Neve sabia que ela ganharia. Perder não era uma opção.

Gostava de pensar que era boa pessoa quando ganhava, a diferença de algumas outras pessoas.

- Honestamente, Max, foi um jogo muito parecido - murmurou timidamente quando ganhou por cento e vinte e sete pontos. - Foi pura sorte.

- Nunca vi ninguém que obtenha tripla pontuação com uma palavra. - Max soava como se quisesse chorar. Suspirou. - De acordo, Como me quer?

Neve se tornou para trás e se estirou excitadamente.

- Bom, você ganhou o primeiro jogo. Escolhe primeiro - disse com magnanimidade. Ele passou a maior parte dos dois primeiros jogos falando de sexo oral para distraí-la, mas não incomodou a ideia. - Assim, o que pedirá?

Era curioso como Max podia alterar o estado de ânimo entre eles só movendo seus lábios. O humor brincalhão rapidamente se converteu em pesada tensão enquanto seus olhos se obscureceram e mordeu seu lábio inferior com seus dentes.

- Levanta. - disse, não havia rastro de áspera em sua voz. Em troca, era uma ordem que fez a respiração de Neve ficar presa em sua garganta enquanto obedecia.

Ficou ali de pé, balançando seus braços nervosamente, uma vez que Max se aproximava para a cama e se sentava.

- E agora o quê? - perguntou ela com voz rouca.

- Quero ver você nua. - E o disse vacilante, como se soubesse que pisava em um terreno perigoso. - Por favor, Neevy.

Neve fechou seus olhos.

- Não posso. - disse implorando. - Pede outra coisa, porque não ficarei bem e assim nenhum dos dois se divertirá muito.

- Mas quero que você... - Max negou com a cabeça. - Vem aqui, vem pra mim. - Estendeu seus braços. - Só vem aqui. Neve ficou entre as pernas de Max, inclusive deixou que suas mãos se apoiassem em seus quadris, mas sua expressão era decidida.

- Não me sinto cômoda ou relaxada quando estou nua - repetiu, sua voz tão baixa que Max teve que inclinar-se mais perto para escutá-la.

- Quero que esteja a vontade comigo - disse calmamente. - Quero que confie em mim como eu confiei coisas que não contei nunca a ninguém, e de todos os modos já vi quase cada parte de você. Possivelmente não tudo de uma vez, mas vi seu corpo.

- Mas é diferente quando está escuro e estamos na cama e, Max, não é só um pouco de celulite. Girou sua cabeça para assim não poder olhar para ele. - Não perde tantos quilos sem deixar um rastro. Tenho estrias e pele mole, e meu estômago parece um cartão enrugado. E me sinto assim também. -, sentiu-se o suficientemente valente para pegar seu rosto com suas mãos porque ele ainda a olhava tão docemente que pensou que podia começar chorar. - Sei que você não gosta que eu fale, mas estive com outras mulheres e posso garantir que de todas elas, tenho o pior corpo, o mais feio e...

- Shhh, shhh. - Max beijou suas mãos e não tratou de dizer elogios vazios que ela não queria escutar e que não acreditaria de todos os modos. - Passaram três meses, Neevy, e sempre cheira bem e é divertida e tenta cuidar de mim, e de verdade acha que vou levantar e ir embora e não voltar, porque você tem asas de bingo? Por favor, me dê um pouco de crédito.

Só disse "*Asas de bingo*" porque sabia que poderia fazê-la sorrir, e Neve o fez. Deixou desabotoar os botões de sua blusa, porque seu discurso o tinha creditou e queria acreditar. Mas quando seus dedos riscaram os sulcos franzidos e feios que se encontravam gravados em sua pele flácida, Neve estremeceu, e se Max não tivesse tido um braço ao redor de seus quadris, ancorando-a nesse lugar, ela teria se afastado.

- São repugnantes - cuspiu.

- São suas cicatrizes de guerra - disse Max, e nem sequer olhava seu desfigurado ventre, mas levantou seu olhar até seu rosto, para os olhos para assegurar-se de que não chorava.

Passaste por algo difícil e doloroso, e isso tem feito à garota que está na minha frente justo agora.

- Menos gorda...

- Bom, mas também é uma lutadora e nunca esqueça o que se sente estando do outro lado e sim, tem seus problemas, Neevy, mas eu também. - deteve-se e deixou suas mãos caírem, assim ela esteve ali de pé por sua própria vontade. -

Por que não pode ter um pouco de fé em mim? E quando o pôs assim, não pareceu haver nenhuma razão para envergonhar-se. Os dedos de Neve nunca se haviam sentido tão torpes enquanto desabotoava os dois últimos botões de sua blusa e logo deu um encolher de ombros e permitiu que o objeto caísse ao chão. Não pôde afastar o olhar de Max e ele a olhava justo nos olhos, sem desafiá-la ou desafiá-la, mas com um tipo de preocupação como se estivesse preocupado de que a pressionasse muito, muito longe.

- Está tudo bem - disse ela. Não vou a nenhuma parte, tampouco - disse levando suas mãos a suas costas para desabotoar seu sutiã e logo tirar. Não pensou que seus peitos fossem tão feios agora que eram mais firmes, já que tinha trabalhado o suficiente seus peitorais para que não caíssem até seu umbigo. Mas quando não estavam cobertos por sua roupa interior e elástico, dificilmente podiam ser descritos como firmes ou formosos, e pareceram felizes de ser liberados enquanto Neve abaixava sua mão até o botão e o zíper de seu jeans.

Trabalhou para que suas calças deslizassem por suas pernas, logo a chutou longe assim pôde ficar de pé ali com sua calcinha. Ontem, disse a si mesma firmemente, quase se despiu em frente de seis completas estranhas e Max não é um estranho. Ele conseguiu meter-se em sua mente e suas mãos e sua boca já haviam ido a lugares que tinha tratado de proteger. E na realidade, agora que já tinha visto seus seios, seu ventre e suas coxas, realmente não se sentia tão preocupada porque visse sua intimidade, especialmente enquanto ela tinha sofrido a grande angustia de ter usado um traje de banho no dia anterior.

- Me olhe - disse Max em voz baixa, e Neve notou que seu olhar tinha abaixado para olhar cegamente o esmalte vermelho nas unhas de seus pés. - Está quase terminando, Neve. Vamos, te tire sua calcinha, carinho. Tinha esperado que ele dissesse outro discurso de "*Te tire suas calcinhas*", mas nunca pensou que estaria rindo enquanto tirava sua calcinha preta de encaixe.

E então Neve estava nua, em frente de um membro do sexo oposto. Na frente de Max. Lutou por não tampar-se com seus braços para que pudesse ver tudo e ele já não olhava unicamente seu rosto; seus olhos viajavam pelo corpo que ela tratava duramente de não ocultar.

- E esta sou eu - disse Neve sem poder suportar mais o silêncio. -Eu te disse, podemos fingir que isto não aconteceu se ponho minha roupa novamente.

Max rodou tão forte seus olhos que Neve poderia jurar que suas pupilas desapareceram por completo.

- Algumas vezes realmente quero te bater - espetou, e antes que ela pudesse assinalar que não havia nada absolutamente gracioso na violência doméstica, as mãos de Max se posaram em seus quadris outra vez. - Em lugar disso, te beijarei disse - e se deixou cair para trás sobre a cama, e puxou Neve para assim cair sobre ele com um chiado assustado. Ele calou seu grito com um beijo enquanto Neve tratava de levantar-se, porque era muita pesada e se encontrava nua e toda

a coisa se sentia ridícula.

Neve não estava segura de quando sua luta se converteu em carícias e toques. Pode ter sido no momento em que começou a devolver o beijo de Max e rodaram pela cama. Isso era melhor. Muito melhor, já que podia levar suas mãos a seu cabelo e esfregar seu clitóris contra sua coxa, o tecido de sua calça era uma fonte de irritação e deleite.

- Tire a roupa - ordenou ela, quando se separaram procurando por ar. Quase não reconheceu sua própria voz, soava muito entrecortada e bordeando o maníaco.

- Ou prefere que eu te dispa?

Max se sentou de novo para puxar sua camisa e Neve quis chorar quando se afastou, para assim poder desfazer-se de seu jeans. Mas logo voltou a estar em cima dela e estiveram pele contra pele pela primeira vez; Tudo era carne quente deslizando uma contra outra. - Sinto-me tão bem - exclamou, com seus peitos apertando-se contra seu torso e abriu suas pernas para que Max pudesse posicionar-se entre elas, apertando seus dentes quando notou quão pronta já se encontrava. -Max? O que quer?

- Este é meu turno - disse, mas não era certo. Porque já tinha pedido que ela tirasse sua roupa e se despir em plena luz. - O que é o que você quer? Dedos ou língua ou ambos?

Neve não teve oportunidade de argumentar, porque ele já tinha dois dedos dentro dela e esfregava esse ponto que a fazia contrair-se ao redor dele e sentia como se todo bom sentido abandonava seu corpo.

- Me faça gozar - gritou, quando diminuiu o ritmo um pouco e não era capaz de pensar racionalmente de novo. - Não me importa como, só faz.

A fez vir com seus dedos e sua língua, e ainda seguia com seu clímax quando suas mãos tratavam de imobilizar seus quadris para mantê-la quieta enquanto se arqueava contra sua boca, até que ao final Neve esteve chutando, quase fora da cama, porque nunca havia sentido algo tão intenso antes.

Era como se o orgasmo tivesse feito um curto circuito na parte de seu cérebro que se ocupava da inibição, porque Neve não se importou de estar nua. Atraiu Max para seus braços para poder beijar sua mandíbula enquanto sentia suas pernas trementes, seu membro não poderia estar duro e úmido contra sua coxa se a encontrasse repulsiva.

Neve pôde provar a si mesma nos lábios de Max enquanto o beijava; lentos beijos se sentia como se estivesse movendo-se debaixo da água. Mas então, Max tomou seu seio e beliscou o mamilo entre seu polegar e o indicador, o qual fez que seu pênis se estremecesse e uma nova onda de excitação atravessasse sua frouxidão.

- Acredito que deveria pôr fim a sua agonia - murmurou, levando sua mão ao

redor de seu pênis. - O que foi o que disse? Dedos ou boca, ou ambos?

- Sabe o que me faz comigo quando diz coisas assim? - gemeu Max e Neve simplesmente sorriu porque podia ver exatamente o que fazia, podia senti-lo sob seus dedos.

- Bom, o que decide?

- Quer provar algo novo? - perguntou Max, afastando sua mão um pouco pegajosa.

-Mas podemos fazê-lo só um pouco. - O que quiser - disse Neve, porque logo que ele terminou seus olhos ficando em branco de prazer e seu coração pulsando furiosamente, faria algo que Max tivesse em mente. O que Max tinha em mente era uma tortura, pura e simples. Posicionou-se entre as pernas de Neve novamente e com muito cuidado, muito lentamente esfregou seu clitóris com a ponta de seu membro uma e outra vez.

Então, ela se moveu, por que não ia fazer? E logo Max se deteve, sua cabeça arremessou para trás, com uma careta em seu rosto e disse. - Tem que ficar totalmente quieta, Neevy, por que te juro, se perder a concentração um minuto...

Neve queria que ele perdesse o controle. Queria-o mais que tudo neste mundo, e quando ele começou a mover-se de novo, sempre a poucos centímetros da área escorregadia que realmente necessitava, Neve inclinou seus quadris e a ponta de seu pau se deslizou dentro dela um pequeno instante que foi suficiente para que começasse a criar um muito pequeno, muito insatisfatório orgasmo.

Max se retirou, voltou para trás e não sabia como podia controlar-se tanto, quando ela quão único queria era atá-lo ao colchão e cavalgá-lo até chegar à linha de meta. Lutou por levantar-se sobre seus cotovelos e apartar seu cabelo de seus olhos.

- Deve-me isto pelo sanguinário jogo do Scrabble - ofegou. - Sem perguntas, sem argumentos, sem queixa. - Mais tarde, estaria impressionada por seu bom vocabulário em condições extremas como estas, mas não agora. - Quero que faça amor comigo.

- Faremos amor, mas não tem que haver pênis...

- Não se atreva a usar a semântica em mim - argumentou Neve. - Ou usar desculpas pouco convincentes. Esta não é uma vingança por me despir, e tampouco é porque sinto pena por ti e não é por ele, é porque morrerei se não o fizer. Só quero que isto termine, preciso de você dentro de mim.

- Disse, desde o começo, que você não podia...

- Não podia!

- Está bem, que não teria relações sexuais. Essa foi sua única regra porquê...

Porque... -Max teria divulgado muito mais convincente se ainda pudesse recordar por que Neve tinha instigado a proibição de relações sexuais e se não estivesse apertando seu pau e olhando a vagina de Neve.

Ela abriu as pernas um pouco mais.

- De acordo, olhe, se for dar uma regra, então você pode escolher uma nova regra e compensá-lo. Isso é justo, não?

- Bom, não, não realmente. O que acontece se você muda...?

- Já não me preocupo mais com essa regra estúpida. Escolhe. Algo. Mais. - Não foi uma sugestão. Era uma ordem.

E dada a tensão sexual que impregnava o ar como o gelo seco e a forma em que ambos respiravam com dificuldade, Neve se sentiu mais que um pouco surpreendida quando Max deu um sorriso ardiloso e calculado. Como ainda ele era capaz, não só de pensamento racional, mas também pensamentos ardilosos e matreiros.

- Tem que me prometer que respeitará minha nova regra porque é completamente não-negociável. - Arrastou as palavras, inundando a cabeça para baixo para dar uma sucção no duro mamilo, logo retirando-se antes que Neve tivesse tempo para cavar a parte posterior de sua cabeça e manter sua boca ocupada.

- Prometo isso. - Ele ia insistir em que se dessem as mãos; sabia e não se importava.

- Não quero ouvir sair de sua boca nenhuma só palavra autocrítica nunca mais - disse redondamente, enquanto Neve deu um grunhido de surpresa. - Estou cansado de escutá-lo. Em qualquer outro momento, isso teria sido o sinal de Neve de dar rédea solta a toda uma corrente de palavras autodepreciativas, mas a mão de Max se encontrava entre suas pernas fazendo cantar a todas essas terminações nervosas de novo e ela se limitou a suspirar.

- Bem, que seja. Agora, vem aqui. - E o puxou para baixo, em cima dela.

Houve cinco minutos frenéticos de carícias e tatos, apesar de que não era como que qualquer um deles necessitava mais jogos prévios, e quando Max foi ao banheiro para conseguir uma camisinha, Neve foi com ele, pega a suas costas, com a mão envolta ao redor de seu pênis de novo, porque não podia suportar não tocá-lo.

Inclusive o som da rasgadura da lâmina pôs em marcha o calor e quando Max se embainhou, Neve estava pronta esperando. Ela se lançou para ele, terminando em seu colo, as pernas separadas a cada lado das suas, e se deteve com seu pênis situado contra seus clitoris e os lábios de Max cortaram um grunhido, porque o retorno do investimento era uma cadela. (*)

Logo, baixou-se a si mesma com muito cuidado a ponta do pênis de Max se

encontrava dentro dela e este era o lugar onde pelo geral era horrivelmente mau, mas está vez se sentiu tão bem e com cuidado Neve se deixou cair, até que teve todo o caminho em seu interior. Então, deteve-se.

Max levantou os quadris e os olhos de Neve se abriram de repente.

- Não se mexe - disse sem fôlego.

Ficou paralisada.

- OH, Meu Deus, estou te machucando?

Ela sacudiu a cabeça.

- Não. Simplesmente... Não quero apressar isto.

Neve inalou dentro e fora lentamente e essa era a mais estranha, a sensação mais estranha, mas podia sentir-se a si mesmo revoando ao redor de seu pênis, como se a seu corpo não incomodasse fazer um balanço da solenidade da ocasião, mas avançava sem ela.

- Está me matando - gemeu Max, com a cabeça apoiada em seu ombro.

- Pobre bebê. - Neve acariciou a parte de atrás de seu pescoço, e logo agarrou um punhado de seu cabelo quando ela mesma se levantou e logo se balançou de volta, porque não pôde evitá-lo. - Pode se mexer. Por favor. Agora.

- Maldito passageiro que dá ordens ao condutor - murmurou Max, com as mãos amortecendo as nádegas de Neve enquanto a pôs sobre suas costas. - Envolve suas pernas ao redor de mim. Mais forte que isso. Neve sempre tinha tido esta ideia vaga de que o sexo era uma experiência espiritual que evoca ondas rompendo nas praias e das flores que desdobram lentamente suas pétalas, mas a verdadeira realidade era muito mais visceral que isso.

Era como se cada um de seus cinco sentidos tivesse sido desenhado especificamente para o sexo. Tinha sabor de sal em sua boca enquanto mordeu o ombro de Max quando disse que fosse mais rápido e começou a empurrar mais e mais profundo que o que tinha antes. E se podia ouvir a cabeceira da cama golpeando contra a parede ao mesmo tempo com o batimento de seu coração.

Logo lá estava o aroma de sexo - almiscarado e amadurecido - e pôde ver as pequenas gotas de suor na testa de Max e o brilho no peito enquanto olhava para Neve sabia que devia fechar os olhos mas não o fez, não queria perder nenhuma coisa. Mas sobre tudo houve contato, movendo seus corpos lisos com avidez uns contra o outro e seu pau esfregando contra esse lugar profundo dentro dela que seus dedos conheciam tão bem, continuando, Max disse que o tocar-se, já que se encontrava perto e Neve infiltrou a mão entre eles e podia sentir onde se uniam, mas só por um momento porque queria que seus dedos pressionem e esfreguem e logo teve que fechar os olhos porque ia vir em branco-quentes rajadas de calor e luz e seu último pensamento consciente foi que tudo o que pensou que sabia, estava errado.

Então foi depois, muito depois. Tomaram banho juntos, apesar de que Neve tinha tido uma recaída de inibição, mas Max pôs a mão sobre sua boca quando tratou de dizer isso. Tinham refeito a cama porque o cobertor tinha sido jogado no chão e alguém tinha retirado o lençol da cama. Neve deslizou em sua camisola de seda vermelha, porque Roma não se construiu em um dia e não podia simplesmente deitar-se perigosamente na cama completamente nua, agora que todos seus impulsos tinham sido completamente saciados.

- E, Neevy? Está se divertindo? - perguntou Max com um sorriso, que rapidamente se converteu em um - Ai! Por que fez isso?

- Estou ofendida que inclusive precise perguntar - disse Neve, enquanto Max esfregava o braço onde ela tinha dado um beliscão.

- Suponho que estava bastante bem - disse Max, fazendo estalar um morango na boca de Neve. Eles estavam sobre a bandeja de morangos cobertos de chocolate; Max mordendo o chocolate e passando o morango para Neve quando acabava. - E tenho que dizer, Neevy, você tem algumas habilidades de loucos, e como um bônus adicional, não me perguntaste se te posso apresentar a um publicitário que conheça, ou criar uma pequena sessão de fotos com a Skirt. - Max se inclinou para trás sobre os cotovelos. E Comentou: uma vez, antes que mesmo que tivesse retirado meu pênis, a mulher me disse que tinha sido muito agradável, mas tinha que ir porque tinha deixado seu marido em casa como babá. As sobrancelhas de Neve se elevaram.

- Isso não é... Bom, - mordeu-se o lábio. - Acha que está menos assustado com compromisso agora? - Ela não sabia por que continha o fôlego enquanto esperava que Max respondesse, e parecia como uma estranha conversa que se tem depois do que acabaram de compartilhar, mas talvez ambos necessitassem de um aviso de que este não era esse tipo de acordo de sempre. Foi um tipo de acordo de oito semanas e contando.

Max encolheu os ombros.

- Não sei. Quero dizer, sim, estivemos saindo durante um par de meses, mas isto é sair com panquecas e estou bem com isso, porque sei que não vai conduzir a escolher os padrões da porcelana Chinesa e fazer planos para vivermos juntos, não?

Ela sabia, mas ainda sentia uma pontada de lamento por Max não estar em seu futuro apesar de que era seu primeiro amante, o primeiro homem em vê-la nua, o primeiro homem em dizer que era formosa quando se encontrava vestida ou despida ou tremendo da ferocidade da primeira vez que tinham feito amor. Que peculiar pudessem fazer amor, e logo nunca ver ou falar mais um ao outro de novo.

- Não, mas vamos ser amigos depois disto, não é? - empurrou Max com o dedo quando simplesmente grunhiu.

- Não vai de desfazer de mim tão facilmente. Sei onde você vive, Max.

- Vamos ver como se sente quando estiver deitada com o Sr. Califórnia - disse Max, sem olhar para Neve enquanto pegava o último morango.

- Vou me sentir da mesma maneira - disse Neve. - E não o chame assim.

- Sinto muito - disse Max, apesar de não soava no mínimo como arrependido. Ele sustentou o morango por cima de sua boca, assim Neve teria que levantar si mesma, uma mão sobre o ombro de Max para alcançá-la. O que significava que se encontrava de volta nos braços de Max antes que tivesse tido tempo de mastigar e engolir.

- O resplendor pós-orgasmo fica muito bem em você.

- Por resplendor pós-orgasmo, suponho que quer dizer com a cara vermelha e cheia de manchas... Ai! Por que diabos fez isso? - Neve cuspiu, esfregando a mancha em seu traseiro que Max acabava de golpear.

- Tive que fazê-lo. - Max beijou na comissura de sua boca. - Estava sendo autocrítica e temos um acordo sobre isso agora.

Neve suspirou.

- Se for bater cada vez que me esqueça, então vou ficar toda roxa e azul em uma hora.

- Só terá que te esforçar mais - disse Max sem compaixão, à mão deslizando-se para cima à taça de seu peito. - Porque tenho planos para as próximas horas que se estragariam se sua bunda estivesse muito dolorida para que possa te deitar.

Neve olhou para baixo. Logo, sua mão fez uma incursão rápida para assegurar-se de que não era só a forma em que o short do Max tinha rugas. - Outra vez?

Max já a baixava sobre a cama.

- Temos um montão de tempo perdido que compensar.

Capítulo Trinta

Para Neve parecia que o mundo se dividiu em dois. Por um lado, o mundo que tinha Max nele, onde parecia permanecer maior parte do tempo nua, mas Max também, assim funcionava bastante bem.

Também estava o outro mundo onde Neve tropeçava sempre cansada e piscando seus olhos devido à brilhante luz a que não se podia acostumar logo depois da primavera fria e cinza. Era como se estivesse caminhando adormecida; só se sentia real a moléstia entre suas pernas e seus lábios mordidos a beijos.

Quando não se encontrava com Max ou pensando nele, Neve se sentia contente de ter esperado até agora para ter sexo. Não só porque era o suficientemente maior para haver saltado todo esse manuseio e revolto de adolescentes que as outras garotas tinham passado até chegar ao bom, mas também porque nunca tinha imaginado que seria tão insaciável.

Na verdade, devia havê-lo sabido. Ela tinha sido o tipo de garota que nunca pôde comer só um biscoito de chocolate, não quando ainda havia outros vinte e nove no pacote. Quando pôde desfazer-se disso, recebia um assalto tão grande de endorfinas no exercício, que até os empregados do ginásio tinham planejado uma intervenção porque se encontrava em perigo de converter-se em vigorexia⁽⁸⁰⁾.

Assim era algo bom que não tivesse começado a ter sexo aos dezesseis como a maioria das garotas, já que de ser tão bom, Neve suspeitava que se rendeu com o CGES⁸⁴, nunca tinha se incomodado com os de ensino médio, e uma licenciatura só tivesse sido um obstáculo no caminho para seus orgasmos.

A única razão pela que saía da cama para ir trabalhar era porque, finalmente, o Sr. Freemont e Rose se uniram em sua desaprovação de ver Neve sentada em seu escritório de atrás sonhando acordada com um ausente olhar de sexo, e porque Max tinha que sair da cama. E a única razão pela que Max saía da cama era porque tinha um agente, e um editor de livros, e um editor de revista que o chamavam para gritar sobre todas as datas limites que perdeu.

- Acredito que decifrei porque sempre estamos fazendo como coelhos - havia dito a Neve uma manhã, quando tinham decidido ter tempo para uma rapidinha, inclusive quando Neve já tinha uma hora de atraso para ir ao trabalho. - Perdemos dois meses sem ter sexo e embora só tivéssemos sexo uma vez ao dia, esses seriam ao menos sessenta orgasmos que nós estaríamos perdendo. Temos bastante em que nos pôr em dia e não tivemos suficiente tempo para fazê-lo.

Neve ainda conseguia chegar a suas três sessões semanais com Gustav, já que ele a teria caçado se não chegava, mas mesmo assim, bocejava durante todo o processo e não tinha a mesma resistência que estava acostumada a ter.

- É esse menino - murmurava Gustav tristemente, quando Neve parava logo depois de cinco flexões. - Sabia que isto aconteceria.

Pela primeira vez em sua vida, Neve não tinha fome, assim na verdade não importava se seu regime de exercícios e treinamento decaía um pouco. Podia almoçar facilmente, mas tomar o café da manhã implicaria sair da cama meia hora antes e o jantar alguma vez parecia acontecer, já que logo que chegava em casa do trabalho, ou ia imediatamente para a casa de Max, ou ele estaria esperando-a em sua porta, e ambos só teriam tempo suficiente para dizer, "*Teve um bom dia?*", antes que comessem a se pegar e a se beijar, e os beijos já não eram suficientes.

Sairiam de debaixo dos lençóis ao redor das onze para passear com Keith, comprar pão e algo que pôr nele. Neve sobrevivia com uma dieta de sexo, café preto, espaguete em torradas, queijo em torradas, manteiga de amendoim em torradas, e tudo o que pudesse ser esparso, empilhado ou jogado sobre duas peças de pão ligeiramente torradas.

Tinham passado quatro semanas de estar unidos pelo quadril (e outros lugares mais prazerosos), até que tiveram que fazer o inimaginável e passar a noite separados. Max tinha uma reunião com um publicitário, depois um jantar de premiação e Neve tinha que ficar o dia com a roupa suja e passar tempo de qualidade com a Celia. Embora passar tempo de qualidade com a Celia implicava um bombardeio de perguntas que faziam com que a Inquisição Espanhola parecesse um suave alívio.

- O que está acontecendo? - perguntou Celia tão logo Neve abriu a porta. - Não te vejo a semanas e escutei Charlotte gritando sobre os barulhos que faziam sua cama contra a parede, e desde quando anda por aí de moletons esportivos, e tem trê, não, quatro, chupões? Como consegue ter um chupão justo em cima do joelho?

Neve sabia que devia fazer Celia se calar, mas quando abriu a boca, o que saiu foi um bocejo. Assim enquanto lavava brandamente à mão suas regatas de seda no banheiro, Celia tomou assento na bordada da banheira e a falou sobre quão estúpida era.

- O que você está pensando - criticou Celia enquanto comia um pacote de bolachas salgadas. - Você e Max obviamente estão transando. Pensei que já tinham feito, mas agora sei que não era assim, porque agora completamente e obviamente o estão fazendo. - Celia, alguma vez parou para tomar oxigênio? - perguntou Neve, enquanto pendurava sua regata azul escura sobre o varal que tinha em seu banheiro.

-O oxigeno está super valorizado – disse Celia não deu importância ao comentário, já que saíam do tema. - Isto é mais que só ambos aliviando tensões. Max já nem sequer paquera com as garotas lindas quando entra no escritório, e você sorri dessa maneira tola cada vez que digo seu nome. Ambos estão se

apaixonando. Assim, isto ainda segue sendo uma relação panqueca? Ou vão a sério um com o outro? Vai dizer ao Willy McWordy que é história? O que está acontecendo? Essa era uma pergunta muito boa: O que acontecia?

Neve não sabia porque não era algo do que ela e Max tinham falado. Falavam de quanto tempo ficava e quanto desse tempo podiam estar de forma horizontal. E murmuravam coisas contra a pele um do outro, mas não falavam do que faziam, e as consequências.

O que funcionava muito bem para Neve, já que tinha passado toda sua vida pontificando e fazendo hipótese, e isso não a levava muito longe.

Assim simplesmente se virou para Celia e deu um encolher de ombros.

- Não sei o que está acontecendo - murmurou. - Quer dizer, é como é.

Sempre e quando vivesse, Neve nunca esqueceria o olhar no rosto de Celia, justo antes de afogar-se com um pedaço de bolacha. Nem sequer havia tido esse olhar tão surpreendido aquela vez quando se inteirou que Charlotte tinha comprado a mesma bolsa de marca Chloe que ela tinha passado meses economizando para comprar.

- OH Por Deus, Neevy! - Você ofegou uma vez que retornou o poder da fala.

- Você se transformou em mim!

Neve tinha na ponta da língua assinalar o que se faria necessário para ela se convertesse em Celia, devia crescer uns dezoito centímetros e perder uns vinte quilos, mas podia imaginar a reação de Max, logo o furioso som de sua mão conectando com seu traseiro e tremeu, um tremor bastante bom, e sorriu.

- Isso significa que você está transformando em mim, Seels? - perguntou maquiavelicamente. - Tem lido algum livro bom ultimamente? E não, a última edição da Vogue não conta.

- Deixa de sorrir assim e não faça piadas da Vogue, está me assustando - gemeu Celia, mas parecia gostar da nova e relaxada Neve, embora incomodava bastante que a nova relaxada Neve não tivesse um refrigerador cheio e que não deixasse sair as informações sórdidas de sua vida amorosa.

- Mas é maior que um cesto? - Perguntou, logo depois do que pareciam ser horas de intenso exame. - Bom, obviamente não é maior que um cesto, mas é maior que uma barra de chocolates de tamanho King?

- Não lembro, não recordo quão grande é uma barra de chocolate de tamanho King - respondeu Neve, enquanto ouvia como a porta se abria e logo Max chamando-a.

- Carinho? Estou em casa. Vim logo depois dos discursos.

- Tem sua própria chave! - exclamou Celia, enquanto Neve saltava de sua

cadeira e corria pelo corredor.

- Não se incomodou em se vestir? - perguntou Max enquanto tirava sua jaqueta, a qual usava com jeans e uma camisa do Clash. - Bom, isso nos economizará um pouco de tempo.

Antes que Neve pudesse dizer que tinha uma muito inquisitiva irmã na casa, Max a segurou e beijou tão longo e forte que até esqueceu completamente que tinha uma irmã pequena.

- Ouçam, vocês dois, vão para um quarto. - disse a irmã detrás deles. - Pelas escadas, segunda porta à esquerda. Vou antes que me traumatizem por toda vida.

Neve sorriu vagamente para Celia da segurança que representavam os braços de Max, e ele murmurou algo que pôde ter sido um "*Olá*", ou um "*Adens*", ou inclusive um "*Não deixe que a porta te golpeie no traseiro quando sair.*"

Neve sentiu uma pontada de culpa ao empurrar Celia fora de seu segundo lar, mas não o suficiente para sentir-se tão mal. Estava bastante segura de que veria Celia cada dia pelo resto de sua vida, mas ter tempo de qualidade com Max, tempo de qualidade nus, era um muito escasso acontecimento.

Logo, maio trocou a junho, e sentia como se o tempo estivesse escorregando de seus dedos. Tudo o que ficava era mais ou menos um mês. Escassas semanas, se William retornasse quando disse que o faria, mas ele se converteu em uma figura imprecisa e longínqua em que Neve não podia enfocar-se, quando em quão único podia pensar era em Max. Tinha recebido duas cartas dele e incontáveis e-mails, e os tinha lido imediatamente, mas era mais pelo costume que pela emoção que provocavam as palavras de William e que saíam pelos poros, como acontecia normalmente. Tudo o que Neve sentiu foi um conflito horrível quando enviou um rápido e-mail para William, afirmando: estivemos muito ocupados no trabalho. Escreverei apropriadamente quando tiver a oportunidade.

Havia assuntos que tinha evitado falar com William, como sua perda de peso e suas aventuras, mas nunca tinha mentido antes, e embora não era algo do que estivesse orgulhosa, tinha sido necessário. William era sua figura dourada, e Max era o aqui e agora.

Assim quando Max se foi com apenas vinte e quatro horas de aviso para salvar uma sessão de capa para o Skirt, a qual rapidamente se converteu em um escândalo entre o estilista da celebridade, o fotógrafo da celebridade e a celebridade e seu publicitário, que tinham chamado Max às três da manhã para gritar, sentiu como se fosse o fim do mundo, embora sim pôde ter Keith como companheiro pelo resto da semana.

Neve não precisou de muita persuasão para sair cedo do trabalho e acompanhar Max ao Heathrow para que ambos pudessem apertar-se muito forte no Controle de Passaporte, como se ele se fosse para a guerra.

- Estarei de volta para o fim de semana. - disse Max, uma vez que chamaram

seu número de voo e foram forçados a deixar de beijar-se.

O rosto de Neve murchou. Era manhã de segunda-feira, e o sábado parecia como a anos luz de distância.

- Promete?

- Prometo. Embora tenha que fazer a sessão com a câmara do meu celular. - Max segurou sua bochecha. - Não será tão ruim. Você mesma disse que tinha milhões de coisas que fazer esta semana. - Essas seriam as coisas que deixei porque não queria fazer disse Neve. Endireitou o colar da camisa preta de Max. - Sinto que é bastante estranho te beijar com...

- ... A roupa posta?

- Ia dizer com toda esta gente ao redor, mas isso também funciona. - Neve sabia que devia deixar de tocar Max, mas não podia deter-se e tentou arrumar seu cabelo. Sobreviver os próximos cinco dias ia ser uma agonia. - O que achas de sexo por telefone?

- Estou de acordo com sexo por telefone - enfatizou Max. - Também sexo por e-mail, sexo por mensagem de textos e também estou desejando que seu laptop tivesse câmara como o meu. - Neve olhou para o painel de voos.

- Seu voo sai em trinta e cinco minutos. Deve ir.

Max se inclinou para outro beijo e, justo quando Neve decidiu que outros cinco minutos não fariam mal, ele a afastou.

- Você vai primeiro.

- Não, você primeiro - contra-atacou.

- Mas não posso ir a nenhum para lugar nenhum se só ficar ali, parecendo tão adorável.

- Mas se vai primeiro, terei ao menos outros dois minutos mais para te ver antes que desapareça de vista.

- Você só quer se deleitar vendo meu traseiro. - Max enrugou o nariz, logo seu olhar se suavizou. - Sério, vai você primeiro.

- Não, você. - Neve não sabia em que momento se converteu em uma dessas garotas tolas e sensíveis que estavam acostumados a irritá-la até mais não poder quando as escutava no ônibus, falando para seus namorados pelo telefone, "*Você desliga primeiro.*"

Ao menos, ela não soltava risadinhas tolas.

- Vou. - disse decisiva para Max. - Tenho uma enorme lista de coisas por fazer que preciso terminar sem alvoroçar o departamento e sem me distrair.

Max levou uma mão a seu coração e atuou como se estivesse ferido

mortalmente, mas logo escutaram que chamavam seu voo.

- De verdade devo ir. - disse ele seriamente. - Se perco o voo, estarei em busca de outro trabalho. Neve pensou em ter outro beijo, mas ao final a única maneira de ir seria caminhando sem olhar para trás.

Foi uma tortura retornar a sua velha e aborrecida rotina. Com oito horas para dormir na noite, duas horas na academia, tanto nas manhãs como nas tardes, três apropriadas refeição ao dia, mais dois carboidratos baixos em graxa, sanduíches de baixas calorias, chegar a tempo no trabalho e sentar-se na banheira com laptop sobre as pernas e os fones de ouvido que calavam todo todos os sons do lugar, já que Charlotte se inteirou que Neve já não entretinha ao cavalheiro que a visitava todo o tempo e tinha começado de novo com sua vassoura, mas agora em tempo extra.

Também significava que Neve tinha que lutar com sua enorme correspondência. Jacob Morrison tinha enviado um e-mail com convites para seu clube. Não tinha mencionado os seis capítulos e meio que tinha enviado, o que só significava que ia desiludi-la gentilmente. Ou pior, queria que entregasse tudo o que tivesse a ver com Lucy para que assim ele pudesse escrever as honras apropriadamente. Ou inclusive pior, odiava os poemas e histórias curtas de Lucy e queria lavar as mãos com respeito a ela. Também havia um e-mail de seu pai, que vinha à cidade no final do mês e queria comprar duas entradas para o novo filme do Jennifer Aniston.

Neve decidiu desfazer-se desses dois obstáculos em um só dia, para assim poder terminar com seis horas de levar um tsunami de extrema agitação em vez de estendê-lo durante toda a semana. Se os via ambas na quinta-feira, então poderia pensar e torturar-se com isso até a hora do almoço de sexta-feira, quando deixaria de pensar e começaria a emocionar-se, pois Max estava voltando para casa.

Também havia duas cartas de William dentro de uma gaveta.

Mas na manhã da quinta-feira, o qual tinha batizado como o dia DTA (*D por difícil, T por temível e A por abatido*), Neve se armou de força para as ler. Normalmente se comprometia a memorizar cada uma das sílabas, mas agora, enquanto rasgava o papel do correio, deu-se conta de que só os tinha folheado antes, e que podia recordar algo de seu conteúdo.

O pensamento de que estariam juntos tinha sido tão constante e reconfortante por estes três anos, que Neve se sentia aliviada de dar-se conta de que não estava pronta para dar-se por vencida ainda, finalmente deu às cartas de William a atenção que mereciam. O que tinha com Max era maravilhoso, mas nunca foi criado para durar; enquanto que o que ela e William compartilhavam era algo mais intenso e mais profundo que só atração sexual. Ele sustentava sua alma em suas mãos.

Queridíssima Neve,

Aqui na Califórnia é sempre é ensolarado e não pode imaginar o aborrecido e monótono que pode ser o implacável resplendor. Desejo os dias cinza e úmidos com chá, torradas e o jornal. Estranho caminhar na chuva e ver tudo ao meu redor verde, brilhante e perfeito com promessas. O sol inglês não é a mesma luz dourada no Vale de Napa ou o molesto calor em Los Anjos. É uma ilusão delicada e efêmera. Podes perceber minha nostalgia? Há muitas coisas que sentirei saudades e desejaria poder levar algumas delas em minha bagagem de mão, mas estou preparado para retornar a Londres e, sem importar o clima, quero caminhar com você pelo Rio Tâmesis e falar de nada e de tudo. Inclusive compartilhar um silêncio acompanhado contigo seria uma sorte. Em outra nota mais prosaica, poderia humildemente pedir mais bolsas de chá e uma barra de chocolate Cadbury's Dairy Milk? Todo meu amor, como sempre, William.

Neve suspirou ao abrir a segunda carta. As palavras de William já não eram a panaceia que estava acostumada a ser, mas eram como pequenas adagas enterrando-se em seu coração como se, de algum modo, soubesse que ela tinha feito espaço também para

Max ali.

Querida Neve,

Esqueceste-me? Sempre responde minhas cartas mais rápido do que teria acreditado possível, incluindo os caprichos dos correios, mas já passaram duas semanas e não tive nada seu em meu correio. Recebi seu e-mail dizendo o quanto ocupada que se encontrava no trabalho. Uma vez mais, pergunto-me se estar rodeada desses livros cheios de pó e se é a melhor maneira de usar seus dons acadêmicos, mas isso é algo que poderemos discutir quando retornar. Ainda desejo uma xícara de chá decente e um bom chocolate (embora um de meus mais queridos amigos me iniciou nas delícias refrescantes do sorvete de iogurte ou o "froyo" como nunca o chamarei) assim, quando tiver um tempo, pode me enviar um pouco, estarei eternamente em dívida. Não falta muito Neve, para que possamos compartilhar um bom chá em pessoa.

Com Amor, William.

Neve só tinha lido ambas as cartas duas vezes quando seu celular soou. Logo que viu o nome de Max na tela, seu coração se acelerou, justo como o fazia quando estava acostumado a ler as cartas do William.

Posso fazer amor loucamente com sua linha de telefone às 11 p.m., seu horário? Max X.

A diferença de qualquer correspondência de William, só tomou quinze palavras de Max para que seus seios se inchassem e para sentir esse ponto em meio de suas pernas pulsar de desejo. Os sentimentos que Max despertava nela eram emocionantes, mas só se tratava de sexo. Não era romance e, definitivamente, não era amor, assim não havia necessidade de sentir-se tão culpada ao responder para Max:

**Acredito que isso pode ser arrumado! Neve x **

Antes de ir se aprontar para sua entrevista com Jacob Morrison.

Capítulo Trinta e Um

Era muito difícil planejar a vestimenta adequada que usaria para ir ao chá da tarde para o rechaço de um super agente e depois ir ao cinema com seu afastado pai.

Neve queria ver-se legal e sob controle e esquecer todas as lembranças da suada e aturdida confusão no que tinha estado a última vez que tinha visto Jacob Morrison - ou seu pai. Depois de um falso começo com um vestido envolvente preto, decidiu-se por seu novo traje de calça e a blusa com estampa cereja dava a impressão adequada. Usualmente, vestia calças com largas remadoras ou túnica que cobriam a barriga e o traseiro, mas logo depois de virar-se daqui para lá no espelho do banheiro, devia admitir que nem a barriga nem o traseiro se viam o suficientemente ofensivos para ser cobertos. Também fosse a primeira vez que se vestia para um evento maior sem enviar fotos para Celia, por mensagens de texto, de suas opções de vestimenta, Neve se deu conta disso enquanto colocava cliques na cunha de espuma no cocuruto de sua cabeça e as arrumava para fazer uma rabo-de-cavalo, logo depois de só duas tentativas.

Logo ficou seus Converse, mas levava seus saltos de sete centímetros na bolsa, Neve passou no correio para enviar para William uma caixa do PG Tips, duas enormes caixas do Cadbury's Dairy Milk e uma rápida nota de desculpa pelo atraso e pela ausência de correspondência, e desculpas em geral. Neve se sentia tão culpada que não tinha tido tempo para ir ao Sainsbury's e comprar para William suas bolsas de chá preferidas Rede Label, que enviou o pacote com prioridade por uma soma que teria feito que seus olhos se fizessem água se não estivesse determinada a evitar que seu rímel se borrasse. Mas logo que empurrou o pacote para um empregado do correio, Neve sentiu que empurrava para longe William, para lutar com ele em uma data posterior e assim continuar seu caminho para sua reunião com Philip, com a consciência limpa e uma quantidade, de regular mediocridade, de mariposas em seu estômago.

Refugiaram-se no café cruzando a rua do clube de Jacob Morrison, cada um com uma xícara de gorduroso chá, assim Neve poderia escutar a última entrega dos problemas de relação de Philip, que era exatamente igual às entregas anteriores.

- ... Assim que ele se mudou com este pequeno juvenzinho que estou bastante seguro que tem o hábito da metanfetamina- terminou Philip ao final de um disperso monólogo listando os muitos enganos que Clive tinha cometido para com ele. Realmente acha que o amor pode tudo?

- Mas realmente o ama? - perguntou francamente Neve. - Quero dizer, conectam-se a um nível espiritual? Philip vacilou devido a que não havia absolutamente nada espiritual a respeito do Clive, além de seu consumo de

vodka.

- Bom, não mas...

- Tá mais e o sexo é absolutamente fenomenal? Como, quando o vê realmente não está escutando nada do que diz porque tudo o que pode pensar é quanto tempo passará antes que ambos estejam nus? Não pode comer ou dormir porque está pensando em sexo, e tudo o que ele tem que fazer é te enviar uma mensagem de texto e você está molha... Tem uma ereção.

- Deus, não. Não tivemos sexo em semanas. Clive diz que me vê mais como uma saída emocional que... - Os olhos do Philip piscaram rapidamente detrás de seus óculos.

- Acaba de dizer ereção sem sequer baixar sua voz?

- É uma palavra perfeitamente aceitável - disse Neve na defensiva. - Acredito que deveria ignorar meu vocabulário e se concentrar mais no conteúdo. Tomou um momento para criar coragem. Tem que deixá-lo.

- Deixá-lo? - repetiu Philip incrédulo. - Não posso simplesmente deixá-lo.

- Por que não pode? Não vivem juntos, não dependem um do outro e ele te faz completamente miserável. Eu diria que deixá-lo é sua única opção.

Philip olhava sua xícara de café.

- Ele pode ser muito amável e pormenorizado quando quer.

Neve se absteve de pedir para Philip que desse três exemplos de Clive sendo amável e/ou pormenorizado.

- Sei que é difícil sendo está sua primeira relação gay...

- Não sei por que de repente pensa que é perita em relações gays ou qualquer outro tipo de relação - disse Philip mal-humorado. Philip estando mal-humorado era todo um tema já que odiava confronto. Nem sequer podia olhar EastEnders porque toda a gritaria e as brigas, em redor do Albert Square, incomodavam-no muitíssimo. - Só estiveste em uma relação por questão de semanas.

- Meses de fato - disse Neve, tão mal-humorada como ele, até que recordou que devia conter-se. - Sei que não é uma relação real, mas, bom, estou feliz, e se posso me sentir assim em uma relação falsa então, você deveria te sentir assim em uma real.

Honestamente, Phil, estivemos tendo a mesma conversa sobre o Clive por três anos.

- A mesma conversa não. Há variações no tema.

- Mas as variações são que está te tratando ainda pior do que o fazia a última vez que falamos sobre ele. Prometa-me que ao menos vai pensar em dizer que o

largará. - Neve empurrou seu chá já que tinha um sabor rançoso. - Quero dizer, se nem sequer estão tendo sexo, então qual é o ponto?

- Bom, não há necessidade de perguntar se esse aspecto de sua falsa relação está indo bem - disse Philip com aspereza. Neve esperou que suas bochechas ardessem, e quando não o fizeram, decidiu que não havia machucado em um enigmático sorriso, embora se sentiu mais como sorriso de orelha a orelha.

- Não posso me queixar - disse. - Bom, tenho muitas queixas, mas elas têm mais a ver com o fato que irei me encontrar com Jacob Morrison em quinze minutos.

- Possivelmente ele queira te felicitar por seu brilhante estilo de prosa. - admitiu finalmente Philip, vencido e empurrando seu chá longe também. - Depois, prometerá que pode te dar um adiantamento de seis cifras.

- Dificilmente - disse Neve, mas se permitiu uns segundos para tratar de imaginar como seria se as palavras de Philip se fizessem realidade. Parecia tão inverossímil que se deu por vencida. - Nunca se sabe, Neevy. As pessoas têm agentes e obtêm entendimentos pelos livros. Não é completamente inaudito.

- Tudo o que realmente quero que me diga é que vai apresentar Dançando na Borda do Mundo aos editores. Logo, me dirá que embora desfrutou lendo minha lamentável tentativa de escrever uma biografia. Deus, nunca pedi a ele que o lesse disse Neve com mau humor. - E direi isso. Bem, não o farei, mas estarei pensando-o muito fortemente.

- Está sendo muito vulgar hoje, Neve. O que na terra aconteceu com você?

Desta vez o enigmático sorriso foi mais um sorriso satisfeito.

- Uma dama nunca beija e o conta. - Olhou o relógio na parede. - Suponho que será melhor que termine com isto. E ao menos pensará no que te disse? Merece estar com alguém que te faça feliz.

Neve pensou que ia tomar mais que um agitado bate-papo de ânimo para convencer a Philip de liberar-se de décadas sendo um felpudo. Era difícil mudar, mas não impossível, e se seguisse pressionando-o gentilmente na direção correta, então possivelmente ele se liberaria dos agarre malignos de Clive e enquanto isso, chutaria a sua malvada ex esposa à sarjeta também.

Ainda ria da sua imagem mental de um solteiro e seguro Philip dançando no pódio de um clube gay, rodeado de musculosos homens admiradores, enquanto ela caminhava para a sala do clube de Jacob Morrison, ao que parecia ser sua mesa habitual, escondida em um oco. Provavelmente preferiu essa mesa para que não haja muitas testemunhas quando reduzisse a uma infeliz aspirante escritora às lágrimas.

Jacob não tirou a vista de seu BlackBerry enquanto Neve se aproximava, mas dado que ele nunca aceitou sua existência voluntariamente, esperava isso.

Também se esqueceu de trocar-se seus sapatos, deu-se conta ao correr a cadeira para sentar-se, mas não era como se a havia convidado para discutir sua escolha de calçado.

Neve pediu uma xícara de chá a uma garçonete que passava, logo decidiu tomar o touro pelas chifres.

- Jacob? Desculpa, mas tenho outra reunião depois desta. - Soou melhor que dizer que ia ver uma comédia romântica com seu pai.

- OH, sinto muito. Acredito que passo mais tempo no Twitter que trabalhando - disse Jacob, ainda paralisado por seu BlackBerry e não soando irritado no mais mínimo que Neve tenha falado antes dele. - Como está? Tudo bem.

- Estou bem - disse cuidadosamente Neve, porque não estava segura se era uma pergunta capciosa e que Jacob a golpearia com um *"Como é possível que possa estar bem quando os capítulos que me enviou foram mau escritos, insuficientemente construídos e carentes de qualquer discernimento?"*

Mas não o fez. Desligou seu BlackBerry, levantou o olhar e sorriu, e Neve não pôde evitar destacar o óbvio.

- Não sabia que usava óculos.

Ele usava um par de grossos óculos preto de nerd que o faziam ver cem vezes menos intimidante que quando não há nada se interpondo entre ele e seu olhar penetrante. Jacob tocou o marco com um gesto nervoso e se via um pouco perplexo.

- Bom, uso lentes de contato quando vou ao Arquivo, embora irritem meus olhos - revelou. Ao menos isso explicava por que franzia tanto o cenho.

Neve tomou o chamariz.

- Por que não pode usar seus óculos no Arquivo?

Jacob Morrison, super agente literário, realmente se retorceu em sua cadeira. Se tirar o traje de desenho, o corte de cabelo estiloso e a linha da mandíbula cinzelada, via-se como um pequeno menino que tinha sido apanhado com suas - mãos na lata de doces.

Estava acostumado a trabalhar no Arquivo quando vim de Cambridge - disse finalmente. - George, o Sr. Freemont, sentava-se no escritório do lado e passava uma grande parte de cada dia falando da grossura de meus óculos. Isso era, quando não falava de minha pouca habilidade para catalogar e meu fracasso geral como ser humano.

- Assim que ele já era assim, Antes então? - perguntou Neve.

- Pior. Acredito que de fato se suavizou com a idade - disse Jacob com um sorriso. - Mas Rose estava acostumada a bater de frente para se defender E

houve um dia que fiz algo absolutamente inconcebível enquanto fazia uma xícara de chá, assim não foi tudo tão mau. - O que fez a seu chá?

Jacob sacudiu sua cabeça solenemente.

- Isso é um segredo me levarei para a tumba ou até que me deixe horivelmente bêbado.

Neve riu, e apesar de ter imaginado que a reunião inteira seria monossilábica, passou os seguintes dez minutos disparando perguntas para Jacob para poder assim saber todas as imundície do Sr. Freemont e contar para Chloe e Philip, porque Rose obviamente as tinha guardado para ela todo este tempo.

Eventualmente Jacob elevou suas mãos em protesto.

- Suficiente! Isso não foi para o que te convidei para tomar chá.

Quero falar sobre a Lucy Keener. Cada instinto que possuía Neve gritava para que se esticasse e entrasse em pânico, mas tratou de ignorá-los devido ao fato que se encontrava ali pela Lucy em primeiro lugar.

Todo o resto era só molho, embora Jacob odiasse absolutamente o que tinha escrito, esperava que o fizesse rápido e relativamente sem dor.

- Disse que você gostava de Dançando na Borda do Mundo. - perguntou nervosamente.

- Eu não gosto - disse Jacob, enquanto Neve franzia o cenho já que tinha enviado esse e-mail. - Eu adoro. E também a meu assistente, meu corretor e minha namorada que o leu de uma vez e chorou as últimas cinquenta páginas. Acredito que tem descoberto uma das grandes romancistas britânicas, Neve.

- Tenho? - Neve se permitiu relaxar-se um pouco. - E os poemas e histórias curtas? Você também gostou?

Jacob assentiu.

- Sim, muito. Embora os poemas e histórias curtas são mais difíceis de vender que as romances, mas cruzaremos essa ponte quando chegarmos lá.

Neve decidiu que o fato de Jacob haja dito "cruzaremos" em vez de "cruzarei" não significava nada importante.

- Assim apresentasse Dançando na Borda do Mundo aos editores, então? - Sorriu tristemente. - Sei que está fora de minhas mãos, mas me sinto muito protetora para Lucy.

Franziu o cenho através de seus óculos e Neve se fechou outra vez.

- Vamos ao grão, Neve?

Ela assentiu abatida.

- Os primeiros dois capítulos que enviou eram muito artificiais. Era tudo contar, não mostrar. Realmente queria dar sentido ao fundo de Lucy, onde foi à

escola, quem dirigia a loja da esquina, como se era seu quarto, os leitores precisam ter uma ideia de quem é Lucy para poder começar a se importarem.

Neve baixou a cabeça.

- OH, bem, bem...

- Mas logo agarra um ritmo perto da metade do capítulo três, quando sua irmã Dorothy sai de casa para casar-se, e realmente eu gostei como começou a construir a relação que Lucy tinha com seu pai - disse Jacob sorrindo -, acredito que está pronta para um bom começo.

- Estou? - Neve não pôde ocultar a surpresa em sua voz.

- Está, mas que não te suba à cabeça - disse Jacob bruscamente, mas com outro sorriso para tirar o remorso de suas palavras. - Agora, quero apresentar um pacote aos potenciais editores de Dançando na Borda do Mundo, junto com um manuscrito completo da biografia e uma coleção de seus melhores poemas e histórias curtas. Eu gostaria que trabalhássemos juntos nisso já que você tem um melhor entendimento do material.

- Pensei que possivelmente poderia dividir os poemas e histórias por décadas, para que funcione quase como uma autobiografia - disse Neve energicamente. - Sua escritura mudou muitíssimo se comparar suas histórias curtas escritas durante a guerra com os poemas que escreveu três anos depois de terminou e Charles Holden se casou. Embora supusesse que haveria um vazio cronológico quando...

- Neve, escutou o que disse? - pergunto Jacob, franzindo o cenho, apesar de que ela já se acostumava a isso. - Eu gostaria que você terminasse de escrever a biografia de Lucy para poder apresentar aos editores.

- Está seguro? Porque não uma escritora adequada. Quero dizer, tenho um par de coisas publicadas no Isis quando me encontrava em Oxford, mas isso na verdade não conta.

O que acontece se me der um branco? Se tiver um bloqueio de escritor? - Neve estava a ponto de passar uma mão pelo cabelo devido à agitação quando recordou que tinha uma cunha de espuma ali. Em troca, conformou-se espremendo suas mãos. - Um livro inteiro. Quantas páginas se supõe que deve ter, de todas as maneiras?

- Você precisa dar umas respirações profundas - aconselhou Jacob, chamando uma garçonete. - Pedirei um copo de água para que não comece a hiperventilar.

Esperou até que Neve se agarrou ao copo de água mineral para salvar sua vida, antes de continuar. Só pense em escrever este livro como se fosse a dissertação para seu MA, mas com menos teoria literária, disse Jacob.

Neve tinha chegado ao clube de Jacob esperando o pior, e agora que o pior

parecia ser que ela tinha uma representação literária e luz verde para terminar a biografia de Lucy, não sabia como reagir. Tomou respirações superficiais e tratou de abrir sua boca para dizer algo. Algo.

- Obrigada. - disse finalmente. - Obrigada. Não posso te dizer o quanto que significa para mim. - Bom, o que significa é que te pedi que escrevas um livro em seu tempo livre e sem pagamento. E uma vez que este fato, se passe, temos um trato, você nunca ganhará dinheiro por ele.

- Não me importa o dinheiro. - Neve respirou e era a absoluta verdade. Jacob Morrison tendo fé nela e sua escrita era mais que suficiente. Também era mais do que jamais esperou. - OH meu Deus, posso casualmente me referir a "meu agente" quando falar com as pessoas. - esperou já que Jacob a olhava como se estivesse louca. Sentia-se mais que desenquadrada. - Não é que o vá fazer, porque as pessoas pensaram que sou uma completa parva. - Realmente o farão - disse Jacob. - Irei a meu escritório para elaborar um contrato, mas devemos assiná-lo antes de começar a falar da logística?

Passaram uma feliz hora discutindo a grande quantidade de trabalho que Neve se comprometeu a fazer. Não só a escrita, mas também contatar à Associação de Ex-alunos de Oxford para ficar em contato com os contemporâneos de Lucy, e falar docemente com a mulher a cargo do arquivo pessoal da família Holden sobre deixar ter acesso a seus papéis particulares. Inclusive contatar ao Agregado Cultural da Embaixada da Rússia para jogar um pouco de luz aos dois anos que Lucy passou nesse país. Era intimidante, mas também muito, muito excitante.

Inclusive melhor, Jacob ia usar sua influência para conseguir para que Neve faltasse por uma semana de quatro dias no arquivo sem que descontasse de seu salário, dado que qualquer publicação sobre o trabalho de Lucy Keener beneficiaria ao ALL.

Justo quando tinha os olhos lagrimejando pela possibilidade de um filme biográfico de Lucy Keener com Kate Winslet no papel principal, Neve olhou para seu relógio. Não podia acreditar que tinha estado ali por duas horas.

- Querido, não tinha ideia de que fosse tão tarde - disse desculpando-se. - Tenho que estar no Camden às cinco. Jacob assentiu, mas já tirava seu BlackBerry.

- Meu assistente te mandará um e-mail - disse, enquanto Neve arrastava sua cadeira para trás. - E terei um grande prazer ao chamar George Freemont amanhã para dizer que terá que se arrumar sem você um dia à semana.

- Obrigada - disse Neve ardentemente, já que tinha estado temendo essa conversa em particular.

- Me acredite, será um prazer. - Quando Jacob riu e piscou um olho, Neve decidiu que era algo bom que seu coração já tivesse dono, porque ter um amor

com seu agente seria muito pouco profissional. Melhor correr, não queria chegar tarde.

Capítulo Trinta e Dois

Neve teria escrito na caminhada de meia hora do Bloomsbury a Camden preocupando-se com o reencontro com seu pai, mas passou os trinta minutos ao telefone com Phillip voltando-se cada vez mais nervoso enquanto ela visualizava porta detrás de porta fechando-se em sua cara, enquanto que os guardiões dos documentos privados da família e os arquivos literários se negavam a admiti-la. De fato, encontrava-se tão ocupada no pranto de Phillip, enquanto girava na autoestrada, que tomou um segundo para lembrar-se do por que estava ali. Embora chegasse dez minutos antes, porque sempre chegava dez minutos antes, seu pai já se encontrava de pé fora do cinema, dando um duro olhar para o homem sem teto que contava uma história um pouco triste com a esperança de ganhar algumas moedas. Neve se esquivou do carrinho de compras do homem sem teto, que estava cheio até a tampa, e parou a seu pai.

- Não vou dizer de novo. Sai daqui e consegue trabalho - dizia Barry Slater, quando viu Neve. - Aí está. Entremos, não quero perder as vinhetas.

Houve um breve abraço de narizes chocando e cotovelos golpeando-se, antes de entrassem. É obvio, seu pai já tinha comprado entradas e Neve foi enviada ao banheiro ("sua mãe sempre vai dez minutos durante o filme e passa o resto do tempo me fazendo perguntas"). Quando saiu, seu pai a esperava de pé com duas garrafas de água e uma pequena bacia de pipocas de milho.

- É salgado - disse, enquanto se dirigiam à sala um. - Pode comer? Está bem para meus níveis de colesterol?

- Vou pegar algumas, mas talvez não devesse comer coisas que têm muito sódio disse Neve, e se obrigou a olhá-lo nos olhos, sem os desviar no último momento. Via-se bem, bronzeado, sem as linhas gravadas em sua cara que tinha pensado que eram permanentes, e seu estômago era muito menos barrigudo do que tinha sido. - Mamãe disse que você estava tentando se encontrar, parece estar funcionando. - Seu pai acariciou a barriga.

- Sinto falta de minha cerveja - murmurou com voz rouca, por isso Neve supôs que tinham acabado de falar a respeito de seu colesterol, também sabia que uma vez que se sentasse, morreria por não abrir a boca.

Enquanto esperava que o filme começasse, Neve se perguntou o que fazia ali. Seu pai não parecia inclusive um pouco atormentado pela culpa pelas coisas que se haviam dito e pelas que não se havia dito. Talvez pensasse o mesmo sobre ela. Era difícil saber com o Barry Slater. Noventa minutos depois, Neve se encontrava com o humor muito melhor. O cabelo da Jennifer Aniston tinha sido super brilhante, sua co-estrela era bonito de uma maneira muito resistente, a melhor amiga obrigatória era excêntrica, a trama não era muito falo-central, e

tudo tinha terminado com um beijo no Central Park na primavera. Neve sabia que provavelmente deveria dedicar mais tempo para ir cinema da Europa do Este, mas realmente amava um bom filme para garotas.

- Gostou, papai? - perguntou ela, enquanto faziam seu caminho para fora do cinema, a mão de seu pai em seu cotovelo em caso de que não pudesse descer pelas escadas por sua conta. - Estava bom - disse. - Embora não sei o que Brad Pitt pensava. Imagina deixar a uma mulher assim. - Não acredito que chegamos a conhecer a verdadeira história - murmurou Neve porque não queria animar.

- O carro está estacionado na esquina. Pensei que poderíamos ir jantar no Marco - disse seu pai, e Neve se resignou a outras duas horas cheias de tensão.

Dirigiram-se ao Finsbury Park, em um silêncio interrompido só pelo selvagem e assassino caráter de Barry Slater frente a todos dos condutores na estrada. Também pôs em interdizendo a suas mães, enquanto que Neve apertava o pé em um pedal de freio imaginário.

Ela podia dizer o momento exato em que seu pai esteve depravado. Foi quando a porta do restaurante se abriu para deixar sair o sopro quente de alho e pão fresco e Marco, o dono, apressou-se a lhes dar boas-vindas em seu interior.

- Senhor Slater, passou muito tempo - exclamou, e logo ele e seu pai se abraçaram entre si com valentia nas costas e enquanto se abriam passo a uma mesa junto à janela, foram recebidos pelo senhor e a senhora Chatterjee que viviam ao lado, mas uma porta em frente da casa de seus pais.

O bom humor de seu pai não mostrou signos de diminuir, sobre tudo quando Neve disse que seu coração podia digerir uma pizza, desde que estivesse coberta de muito queijo, e uma vez que seus dedos se enrolaram ao redor de um copo de vinho tinto, Neve estava segura de que tudo ia ficar bem. Tinham tido um mau começo, mas era de esperar depois de três anos de não dizer muito um ao outro. Sorriu calidamente a seu pai enquanto tirava um cilindro de papel enrugado do bolso traseiro de suas calças.

- Trouxe algo para ler? - perguntou seu pai enquanto abria, o que é? Um computador.

Foi então que Neve soube que nada tinha mudado. Sentado ali, lendo como estavam acostumados a fazer não significava que tudo ia ficar bem. Significava que seu pai não tinha nada para dizer e Neve não tinha nem ideia do que dizer a ele. Rebuscou em sua bolsa e tirou Gay da China em Chale School^[81]. Se não podia ter comida reconfortante, então, teria uma leitura reconfortante em seu lugar. Nem sequer tinha terminado o primeiro parágrafo quando seu pai soltou um grunhido.

- Não continua lendo ainda esses sangrentos livros Chale School, verdade?

- Bom, relendo-os, mas...

- Lembra quando seu tio George encontrou com o conjunto completo de cinquenta livros de capa dura na casa de Lytham St.

Annes ...

- Neve teve que pará-lo aí.

- Tinha cinquenta e oito livros de capa dura.

- Passei toda a noite a recolhê-los, e quando abriu a caixa na manhã seguinte, começou a chorar o suficientemente forte para despertar aos mortos - recordou Barry Slater, como se a reação de Neve ainda preocupasse.

- Eram lágrimas de felicidade.

- Essa é razão suficiente para chorar sem fazê-lo quando está também feliz - disse, dando a Neve um olhar estranho.

- Suponho - murmurou Neve sem comprometer-se enquanto começava a ler de novo.

- Lembro-me da Eustacia vai a Chale School - anunciou seu pai com orgulho e Neve se viu obrigada a levantar sua cabeça outra vez.

- Como é possível que se lembre disso? Não os leu quando eu para à cama, verdade?

Supera-o - burlo-se Barry Slater. - Contou-me isso tudo nesse tempo quando fomos ao Morecambe, quando almoçamos juntos. Sua mãe ainda não me perdoou por isso.

- Para que saiba, tampouco tinham Seels e Douglas - disse Neve, e não teve que forçar um sorriso nesta ocasião, seu pai sorria também.

Assim, por que está lendo esses livros sangrentos uma vez mais quando tem uma licenciatura sangrenta em Oxford?

- Assim, Neve disse que tinha começado a relê-los em busca de consolo quando as coisas tinham sido muito exaustivas no trabalho. Então, falou da Junta Geral de Acionistas, e quando Marco chegou para recolher seus pratos do jantar, contava a respeito de sua nova atuação na escrita e seu agente recém adquirido.

- Estou tratando de não ter um completo ataque de pânico com isto - concluiu ela, enquanto seu pai pedia um café descafeinado e um chá de hortelã.

- Sempre tiveste um dom para contar histórias. Lembro quando ajudou Celia com sua tarefa de inglês, reescrevendo Romeo e Julieta e estabelecendo-a no Coronation Street, isso não fez nenhum bem.

- OH, não sei nada disso. Encantava trabalhar em moda.

Seu pai soprou porque no que a ele concernia, trabalhar na moda não era um

trabalho adequado e nunca o seria.

- Não pensei que teria um escritor na família. Sua avó estaria muito orgulhosa de você, Neevy.

- Sério? - perguntou ela, pisando com cuidado, já que sua trégua era tão nova, tão frágil, e seu pai nunca falava de sua mãe.

- Ela era uma mulher muito brilhante, mas seu pai, que seria seu bisavô, não acreditava que as meninas necessitassem de educação. Não a deixava ir para a escola secundária local, depois de seus 11-plus^[82]. Assim teve que deixar a escola quando tinha quinze anos para que pudesse começar a ajudar economicamente em casa. Ela sempre lamentou isso.

- Deve sentir muitas saudades. Quero dizer, morreu quando tinha dezoito anos e, bom, não posso imaginar o que faria se algo acontecesse com você ou a mamãe. Seu pai levantou as sobrancelhas. - Faria frente, carinho. - Neve respirou fundo.

- Olhe, papai, sinto a respeito do que...

- Estou orgulhoso de você. Pode ser que nem sempre o demonstre, mas você é a primeira Slater a ir à universidade, por não falar de Oxford, e não posso pretender dizer que sei exatamente o que faz na biblioteca, mas nunca te ocorra se dissuadir das oportunidades que apresentam no caminho. Pode fazer algo se fixar sua mente nisso, e não só estou falando sobre escrever um livro.

Ela se sentia agradecida de que isso fora tudo o que seu pai ia dizer a respeito de seu peso, porque na última hora, Neve podia sentir o ressentimento e a dor dos últimos três anos, pouco a pouco minguando, desvanecendo-se no fundo, embora não fossem totalmente exorcizados.

- Sabe, papai? Não importa quantas cartas tenha meu nome, sigo sendo eu. E nunca vou esquecer-me de onde venho.

- É um Slater até a medula - disse seu pai com orgulho. -

Desde aí tirou esse cérebro. Amo a sua mãe, mas sua família, encontrava-se na cauda da fila quando se repartia o sentido comum, toda a porção sangrem deles. - Uma vez que se esclareceu, de repente, era fácil saber o que terei que dizer.

- Pode vir a meu apartamento? O cabo está solto na gaveta dos talheres e a ducha está gotejando, inclusive quando a desligo.

Barry Slater nunca era mais feliz que quando podia realizar algumas reparações domésticas menores. Depois de que Neve tivesse trancado Keith em seu quarto, porque os homens de meia idade com caixas de ferramentas eram outra coisa que davam a ele um ataque de nervos. Seu pai também inclinou um quadro, ajustou a hora do relógio do micro ondas e se ofereceu para montar uma

prateleira na sala do corredor para sua bicicleta. - Seria tirá-la do caminho - comentou enquanto Neve mostrava.

Tiraria a bicicleta do caminho, mas faria também que Charlotte pensasse que Neve o tinha feito para seu benefício e isso nunca poderia acontecer.

- Não, está bem - disse Neve. - Realmente não incomoda ninguém.

Neve estava a ponto de abrir a porta quando seu pai pôs a mão no braço.

- Portanto, este tipo com o que sua mãe disse que saí... Espero que esteja te tratando bem. - O tipo em questão chamaria em meia hora e iriam falar sobre absoluto lixo pelo telefone. Neve se ruborizou.

- É obvio que o faz.

- Melhor que o faça. Não está certo fazer você cuidar desse cão.

Poderia voltar-se contra você a qualquer momento - murmurou Barry Slater, um complemento perfeito para a expressão de seu rosto, e igual a Neve se resignou a terminar sua reunião com uma nota amarga, abriu os braços para ela.

- Dê um abraço para seu velho, então? - Nunca há e nunca haveria ninguém que pudesse sustentar a Neve e fazê-la sentir tão segura e a salvo. Foi de boa vontade a seus braços e afundou o rosto em seu ombro para poder cheirar o amaciante de sua mãe e a serragem de onde tinha estado perfurando buracos na parede e esse outro aroma indefinível, indescritível que era seu pai.

- Bom, podemos soltar os braços ao redor de nós agora - disse seu pai com aspereza, e tratou de dar um passo atrás, mas Neve o sustentou mais perto, até depois de vários minutos, beijou-a na parte superior da cabeça e a deixou ir. - Será melhor que vá. Sua mãe acreditará que fui sequestrado.

Neve finalmente abriu a porta da rua, e igual a seu pai saiu, e disse talvez poderíamos ir ver um filme da Cameron Díaz a próxima vez?

- Ela não pode sustentar uma vela^[83] a Jennifer Aniston, mas eu gostaria de montão.

Capítulo Trinta e Três

Max voou de retornou a uma Londres que era tão ensolarado que inclusive as lojas muradas no Stroud Green Road pareciam bonitas com a luz refletindo-se em seus ralos metálicos. Neve quase podia pretender que também tinha estado em L.A, já que cada tarde, ela e Max jantavam no terraço dele, ou desciam pela desmantelada escada de incêndios que levava desde sua cozinha até o jardim. Neve preferia o terraço dele porque não havia nenhuma Charlotte tirando deliberadamente a roupa estendida ou fazendo comentários mordazes sobre Neve e a fragilidade dos seus móveis de jardim.

Neve se moveu pela semana, aturdida pela fadiga já que Max sofria de insônia e seguia despertando na metade da noite. Claro, uma vez que Max despertava, estava acordado e Neve despertaria ofegando porque fazia coisas deliciosas. Tampouco ajudava que ia para cama tarde e acordava cedo para reescrever o capítulo sete de sua biografia da Lucy Keener, depois de que Philip tivesse dado algumas críticas construtivas e Jacob Morrison tivesse dado um pouco de crítica que era tão brutal que deixou Neve torturada. Quando não se encontrava imersa no mundo de Lucy Keener, Neve se entupia no escritório dos Arquivos ou nos braços de Max. De qualquer maneira, não deixava muito tempo para dormir.

O brilho rosado que sempre tinha dado por sentado, agora era eclipsado pelas sombras sob seus olhos, e a única coisa que ajudava a Neve a passar através dos dias eram quantidades industriais de café.

- Não posso acreditar que ainda esteja na etapa de falta de sono de sua relação. - disse Chloe uma tarde de sexta-feira quando foi ao escritório para descobrir que Neve tinha cabeceado em meio de uma fita que transcrevia. - Não se acabou a novidade ainda?

- Se você tivesse que escutar a Lavinia Marjoribanks falar a respeito de como teria tido uma carreira literária mais bem-sucedida se não tivesse rechaçado os avanços de Veta SackvilleWest, também dormiria. - disse Neve enquanto bocejava.

- Isso soa bastante excitante: travessuras lésbicas com o Grupo Bloomsbury.

- Chloe se sentou na borda da mesa de Neve. - Limpou a terra na velha Virginia?

- Me acredite, esta mulher tem uma voz tão monótona que poderia fazer que um trio com o George Clooney e Clive Owen soe como a coisa mais aborrecida do mundo.

- Neve esfregou os olhos e afundou em sua mesa. - Acredito que vomitarei por excesso de cansaço.

- Pobre Neevy. Possivelmente poderia pedir a noite livre para seu namorado falso para que possa se pôr em dia com seu sono de beleza. - disse Chloe, enquanto começava a folhear através dos livros de Chalé School na mesa de Neve. - Minha mamãe nunca me deixava ler histórias de escola quando era menina. Dizia que eram completamente reacionárias e não tinham caracterização.

- Isso é uma generalização... E Max não é um namorado falso. É um namorado temporário, o que é totalmente diferente. - Neve estirou seus braços sobre sua cabeça. - Suponho que uma noite para mim não seria uma coisa tão ruim, e posso ver Max no sábado e no domingo.

- Para um namorado temporário, parece monopolizar todo seu tempo - murmurou Chloe distraidamente porque agora folheava através do The School at the Chalé. - Como é o sexo?

- Grandioso - disse Neve, porque era e se sentia muito exausta para proteger-se.

- Pessoalmente, se tivesse um namorado temporário com um trabalho glamoroso, que me servisse frequentemente e orgasticamente, estaria pensando em fazê-lo permanente - disse Chloe. - Digo, este outro tipo esteve longe por anos e tem uma importância desconhecida. Melhor louco conhecido.

Era o dilema que Neve seguia sem piedade forçando a voltar para o fundo de sua mente, cada vez que saía a superfície. Parecia como a coisa óbvia para fazer, até que recordava que Max não tinha relações reais e até se o fizesse, não queria passar o resto de sua vida imaginando William com as palavras E SE? Sobre sua cabeça com letras de seis metros de altura.

- Desejaria que os homens fossem como objetos da mesa de delicatessen e viessem com uma oferta de *"prove antes de comprar"* - murmurou. - Passei seis anos querendo que William fosse meu. Isso é quase um quarto de minha vida. Além disso, estou obtendo o melhor comportamento de Max porque sabe que é temporário.

- Suponho que está condenada se o faz e condenada se não. Odeio quando isso acontece disse - Chloe inutilmente. Dei um tapinha no ombro de Neve com o The School at the Chalé. - Ouça, posso tomar emprestado isto?

- Adiante. - murmurou Neve, procurando o telefone. - Vou ligar para Max. A este ritmo poderia ficar adormecida enquanto pedalo até em casa.

Max não se ofendeu de tudo quando Neve cancelou seus planos de passar a noite juntos.

- Graças a Deus. - Foram suas exatas palavras, nada aduladoras. - Estou tão feito pó, que não posso pensar corretamente. Passei a última meia hora procurando meu iPod até que o encontrei no refrigerador.

- Está seguro que está tudo bem? - perguntou Neve, porque queria que não estivesse tudo bem. Sim Max podia viver sem ela, ao menos por umas doze horas, então possivelmente era um sinal de que seu futuro deveria ter a Max.

- Claro que estou bem. - disse Max alegremente. - Entre você e eu, acredito que o Keith viria bem um tempo de união masculina.

Neve pensou sobre sua breve conversa todo o caminho para casa. Procurou duro por algum dobro significado nas palavras de Max que indicasse que secretamente estava magoado sem ela.

Embora tentasse tudo o que quisesse, não parecia haver nenhuma.

Enquanto encadeava sua bicicleta no vestíbulo, tirou seu telefone só em caso de que Max tivesse enviado uma mensagem de texto, mas só havia uma mensagem do Orange dizendo que sua fatura estava pronta para ser vista em linha. Neve seguia de pé no vestíbulo, observando esperançosamente a seu telefone quando a porta dianteira se abriu e ali se encontrava Charlotte.

Era muito tarde para correr escada acima, assim Neve decidiu por dar à cadeira da bicicleta uma palmada distraída e assentiu para sua cunhada.

- OH, olá.

- Bicicleta - espetou Charlotte, sua cara retorcida em sua careta usual. - Sua maldita bicicleta está ocupando todo o vestíbulo.

Neve agitou seus braços para mostrar que havia ao menos seis metros de vestíbulo entre sua bicicleta e a parede.

- Não, não está.

Era muito cedo para dizer quem se surpreendeu mais pela resposta, embora Charlotte replicou rápido como um raio.

- Sim, está, insistiu. - E deixou sua roupa no varal todo o dia de ontem. Não é um jardim privado, e não havia espaço para nada mais no varal porque sua roupa ocupa muito espaço. - Terminou com um olhar acusador aos quadris de Neve, em caso de que não tivesse entendido o ponto.

- Não era roupa, eram meus lençóis. - começou Neve. Depois se deteve, porque tentar raciocinar com Charlotte era como tentar apagar um incêndio florestal com um copo de água. - Olha, quer saber. Não tenho tempo para isto.

Charlotte ainda estava abrindo e fechando a boca quando Neve girou sobre seus calcanhares e partiu escada acima. Quando chegou ao seu andar, podia escutar Charlotte alcançar seu apartamento, depois fechar a porta detrás dela com um furioso golpe que fez vibrar a todo o edifício.

Neve meio que esperava que Charlotte começasse a martelar com sua vassoura, mas então, escutou Douglas chegar uns minutos mais tarde, assim pôde despir-se e cair na cama nos frescos lençóis limpo pelos quais Charlotte

tinha estado tão zangada. Depois de um capítulo do The New Mistrees at the Chale School, dormiu.

Um par de horas depois, Neve foi despertada pelo som de seu telefone. Ficou recostada por um segundo, desorientada porque ainda havia luz fora, depois alcançou seu telefone. - Não pode se arrumar isso sem mim por mais de duas horas? - perguntou, sentando-se para soar sedutora em lugar de afogada.

- Neve? - disse uma voz vagamente familiar, que não era a voz familiar que esperava ouvir. - É William.

Seu corpo foi de quente a frio em um instante. Embora se encontrasse sozinha em sua própria cama, Neve se sentia horrivelmente culpada. Se tivesse tido a um Max nu deitado a seu lado, possivelmente tivesse morrido de vergonha.

- Neve? É Neve Slater?

- Sim - admitiu cuidadosamente. - Não esperava uma ligação sua.

- Por um momento, pensei que tinha discado o número errado. - Pela primeira vez, a perfeita enunciação de William, perfeitamente adequado, um inglês da BBC fez que arroyos gelados de medo gotejassem pela coluna de Neve. - Como está?

- Estou bem. Só... Em... É uma surpresa ouvir você - improvisou rapidamente, saindo de um salto da cama para poder caminhar ansiosamente. Olhou a si mesmo no espelho. Tinha a cara enrugada do sono e seu cabelo me sobressaía em todas as direções.

- Sinto muito, Neve, apanhei-te em meio de algo?

Neve fez uma careta a seu reflexo porque William não podia nem sequer começar a apreciar a ironia do que havia dito.

- Não, claro que não. Só que pensei que íamos falar no domingo. Tudo está bem, não é assim? - Franziu o cenho. - Não está já de retorno a Inglaterra, esta? Porque pensei que falou para meados de julho e nem sequer é final de junho.

- De fato estou. Tive que voltar antes do que esperava, mas vou voar de retorno a L.A amanhã de manhã - disse William, enquanto Neve fechava os olhos e se golpeava contra a parede. Ele não podia retornar porque ela não era um tamanho dez e não se sentia pronta para terminar com Max e simplesmente não estava... Pronta. - Sei que é com pouca antecipação, mas está livre para sair para uns drinks?

- O quê... Agora? Esta noite?

- Sabe, sua voz soa diferente - disse William e Neve se perguntou se podia escutar a histeria elevando-se nela como a blis. - Quis mencionar isto por anos. Possivelmente não sussurrem como estava acostumado a sê-lo?

- OH, soa igual para mim. Bom, quero dizer alguma vez escuta sua própria voz corretamente, certo? A menos que escute sua voz na secretária eletrônica de alguém mais ou algo assim - balbuciou Neve. Golpeou a palma de sua mão contra sua testa com a vaga esperança de impor algo de sentido a si mesma. - Perdão, dizia? Quer te encontrar comigo para um drink agora. - Olhou de esguelha o relógio em sua mesa de cabeceira. Eram oito e trinta. Desesperadamente tentou pensar em uma boa desculpa que a tirasse da reunião com seu destino quando seu destino tinha aparecido semanas antes do previsto, mas sua mente se recusava a cooperar. Bom, suponho que poderia estar no povo para, digamos, as dez?

William fez um som de murmúrio, como sempre para quando pensava.

- Isso é tarde, não é? Eu só queria muito ver-te- acrescentou, e isso era o que Neve queria que dissesse, tinha-o imaginado dizendo-o incontáveis vezes em sua cabeça, mas não era suficiente para dissipar o pânico, o medo, e a sensação de que possivelmente vomitaria sobre todo o tapete de seu quarto. - Não quero só ter uma hora rápida contigo. Você se importaria muito se deixarmos até que volte definitivamente?

Neve se relaxou de alívio. Literalmente. Desabou no chão porque suas pernas não puderam sustentá-la mais tempo.

- Suponho que isso tem sentido, mas teria sido estupendo verte. - disse lentamente, e odiou a si mesma nesse momento como nunca tinha odiado a ninguém mais. Nem sequer a Charlotte - Falaremos no próximo domingo?

- Bom, essa é a coisa, verá, vou fazer uma pequena viagem literária de carro com, uh, um amigo do L.A, antes que deixe os

Estados Unidos. Um último hurra, por assim dizer, - disse William. Será bastante divertido. Obviamente começaremos pela Califórnia, e visitaremos a casa do John Steinbeck em Salinas e claro, a Biblioteca em Memória de Henry Miller no Big Sul. Meia hora mais tarde, William tinha atracado a seu eventual destino final, a Nova Inglaterra, onde estava *"muito excitado por ir ao Concord"*. Pode acreditar que Thoreau, Emerson, Hawthorne e Luisa Mai Alcott todos viveram lá?

- Soa grandioso. - disse Neve, e nisso ao menos podia ser honesta. Também podia permitir uma pequena fantasia de que alguma vez no futuro, quando Max fosse só um amigo, ou pior, uma lembrança dolorosa, William faria uma viagem de automóvel com Neve no assento do passageiro, lendo mapas e insistindo em que se desviassem pelo Amherst para que pudesse deixar algumas flores na tumba do Emily Dickinson. - Estou com ciúmes. Terá que me contar tudo, quando me ligar do caminho.

- Não falei? Não acredito que vá te ligar até que esteja de volta a Londres. - disse William rapidamente, quase evasivamente ao ouvido de Neve, mas isso era

porque possivelmente pela primeira vez, queria que ele tivesse alguns segredos, algumas faltas e assim não se sentiria tão mal. - Quero dizer, estarei no caminho e ficando em motéis horríveis e estarei com meu amigo, mas te enviarei postais. Muitos, muitos, postais.

- Postais, será fantástico. - Neve tragou em sua garganta. Bom, suponho que te verei logo. Fará, e te avisarei previamente em menos de vinte quatro horas a próxima vez. William riu e - Neve sinceramente esperou que estivesse brincando, porque necessitava ao menos um aviso de duas semanas para preparar-se mental e fisicamente. - Na verdade queria te ver, Neve, mas tudo foi tão rápido. Tive que viajar de volta ao Reino Unido com um aviso de quarenta e oito horas.

- Está tudo bem. - Neve tentou não suspirar de alívio outra vez. - Eu estive ocupada com o trabalho de todas as maneiras e estou escrevendo...

- Sim, sei, babando sobre seus autores mortos. De fato havia algo importante que queria te perguntar, mas pode esperar até que nos vejamos no pi... Cara a cara.

- Que classe de algo? - perguntou Neve. William era tão enigmático que de repente ficou toda intrigada e muito curiosa.

- É uma surpresa. Uma muito prazenteira surpresa. - disse William. Ela tinha esquecido quão cálida soava sua voz, quando falava com ele, sentia como se fosse a pessoa mais importante do mundo, ou em seu mundo. - Nunca o adivinhará, assim não o tente.

- Nem sequer uma pequena conjectura?

- Honestamente, é como uma bola curva poderia te dar milhares de conjecturas e ainda não estaria nem perto - disse William, depois riu e Neve sorriu também.

- Bola curva? Agora fala americano, William? - eu disse.

Ambos riam agora e era estúpido, a bola curva mais curva que nunca, mas possivelmente todas suas esperanças e seu duro trabalho tinha rendido fruto e William se sentia exatamente da mesma maneira que ela. E essa misteriosa pergunta era algo na linha de "*Neve, saíra comigo?*" exceto isso soava realmente adolescente e...

- Então, quando retornar de minha viagem de carro, é o primeiro em minha lista de coisas por fazer - dizia William realmente e Neve teve que arrebatar sua atenção de William de fantasiar que apareceria para seu primeiro encontro oficial com um enorme buque de rosas brancas. - Por volta da segunda semana de julho.

Isso era só em três semanas, e essas notícias destruíam completamente todos os pensamentos sobre primeiros encontros e delicados ramos de sua mente. Até se podia encontrar a um cirurgião que a arrumasse com uma redução de

estômago essa noite, não havia forma de que pudesse perder dois tamanhos de vestido e outros dez quilo em três semanas. - Está bem. - disse fracamente. - Isso será agradável.

- Não posso espera. - disse William entusiasmadamente. - passou muito tempo.

Neve murmurou um adeus, desejou a William uma boa viagem, e depois esperou ansiosamente pelo clique na linha e o silêncio que seguia. Depois, deixou-se cair na cama e se perguntou por que, quando se aproximava de ter o que queria, sentia-se como se estivesse perdendo tudo.

Para poder ter a William de novo em sua vida, teria que perder Max.

Não por outras três semanas, sussurrou uma voz dentro de sua cabeça, mas Neve se recusou a escutar a seu sussurro interior. Não podia largar de Max assim; não era justo. Tinha sido honesta com ele desde o começo e ia terminar com honestidade. Também ia fazer rapidamente, embora era a classe de garota que podia passar cinco minutos lentos e cuidadosamente.

Neve se dobrou fora da cama e sem pensar em trocar a calça do pijama e a camiseta com a que dormia quando Max não se encontrava ali, procurou um par de meias, colocou seus pés em suas sapatilhas e se dirigiu à porta.

Havia um calafrio no ar enquanto o sol lentamente desaparecia detrás de escuras, nuvens imprecisas, mas Neve nem sequer notou o arrepio que nascia em seus braços enquanto girava para o Stroud Green Road e começava a acelerar seu passo, até que correu acima pelo Crouch Hill a toda velocidade, embora antes só tinha mantido um suave trote. Para o momento em que chegou à rua de Max, Neve sabia que devia tentar diminuir o passo, mas seu cérebro não queria passar a mensagem a suas pernas. Saltou, realmente saltou, sobre a baixa parede do jardim, correu pelo caminho e quase bateu o nariz contra a porta de Max.

Procurou em seu bolso pelas chaves, porque Max tinha conseguido um jogo extra para ela, e então se deu conta que a calça do pijama não tinha bolso e tinha saído sem sequer trancar sua porta dianteira. Enquanto tocava a companhia, Neve esperou que Max tivesse seguido com seu plano de ter uma noite tranquila e não tivesse saído. Então, recordando a forma em que ele podia dormir como os mortos quando se sentia realmente cansado, manteve seu dedo na campanha até que ouviu o som de pés descendo pelas escadas.

- Isso foi rápido - disse Max, enquanto abria a porta. - Só te enviei a mensagem faz cinco minutos.

- Não recebi sua mensagem - ofegou Neve, dobrando-se, suas mãos sobre seus joelhos.

- Já! Sabia que iria ceder primeiro - alardeou Max, depois caminhou para a soleira com seus pés descalços e colocou uma mão nas costas de Neve. - Estás bem, carinho?

- Não - disse Neve, endireitando-se. Agora se encontrava de pé frente a ele, nada saía de sua boca, exceto por sua própria respiração andrajosa. Ele parecia tão fora de sua liga, ainda em sua camiseta e de cueca, o brilhante sorriso varreu seu rosto enquanto a olhava com preocupação. Essa era a coisa; Max não estava fora de sua liga, no momento era todo dela e Neve sabia que se equivocava e que o mau carma cairia sobre ela aos montes, mas tudo o que pôde dizer foi: - Me abraça?

Os braços de Max estiveram ao redor dela em um instante, de modo que pudesse beijar sua suarenta testa e tirasse fios de cabelo úmido de seu rosto.

- Pensei que tinha vindo porque não podia esperar pôr suas mãos em mim, mas algo está mau, não é assim?

Neve enterrou sua cabeça contra seu ombro e esperou que servisse como resposta. Max tentou outra vez.

- Neevy, teve outro encontro com a cunhada do inferno?

E o tinha tido, assim não era uma mentira.

- Sim, tive.

- Algo que possa beijar para que se sinta melhor?

Neve levantou sua cabeça para dar outro olhar aos formosos olhos marrons de Max, ao ângulo de sua maçã do rosto e seu nariz torcido porque não havia muito tempo de sobra para recordar os detalhes.

- Não realmente. Não deixou nenhum hematoma, além dos, digamos, metafóricos.

Inclusive o olhar atrevido que Max deu era bonito.

- Bom, poderia beijar seus hematomas metafóricos e outras partes que queira que beije. - Fez um gesto para a porta aberta. - Depois de você, carinho.

Capítulo Trinta e Quatro

Passaram o fim de semana inteiro na cama. Cada vez que Max se deslizava dentro dela, Neve envolvia seus braços e pernas ao redor dele com tanta força como podia, porque se aproximavam da última vez que fariam amor. Pelo tanto, cada vez se voltava mais frenética, mais apaixonada, embora Max não se incomodasse nem como o frenesi nem a paixão. No domingo à tarde, quando seu corpo lentamente se separou dela, os dois se encontravam cobertos de mordidas e hematomas enquanto se encontravam estendidos sobre sua cama desfeita.

- Preciso passear com Keith - disse Max, sem fazer nenhum movimento para levantar-se da cama. Em seu lugar, abraçou-se contra Neve, beijando a parte de atrás de seu pescoço, ela estremeceu, porque seu último encontro tinha sido tão intenso que bateu com o pé no copo de água da mesinha de cabeceira quando gozou. - Depois, vamos dormir por um total de dez horas.

- Disse o mesmo ontem à noite, também. - Neve colocou sua mão sobre a de Max, que descansava sobre seu ventre. - Logo, acordarei às duas da manhã com você me fazendo coisas muito grosseiras.

- Disse que era uma ótima maneira de despertar - lembro Max.

- Foi, mas só estou dizendo que não deveria dizer algo que não tem nenhuma intenção de cumprir - disse Neve com ironia, enquanto se dava a volta.

- Falo sério, Neve. Meu pau se declarou em greve. - Max pôs um pouco de espaço entre eles para poder olhar para baixo para seu pênis. - Acredito que está quebrado.

- Você gostaria que eu desse uma olhada mais de perto só para me assegurar? - perguntou Neve com um sorriso enquanto Max deixava escapar um gritinho com falso alarme. - Ou talvez não. - Deu ao pênis flácido de Max um tapinha carinhoso, e se deu conta de que sentiria falta do humor impertinente de Max quando se encontravam na cama, quase tanto como sentiria falta de ter relações sexuais com ele.

Claro que provavelmente teria relações sexuais com William, mas não podia imaginar muitas risadas; talvez algumas entrevistas de Shakespeare ou alguns dos poetas românticos, mas William nunca faria brincadeiras sobre seu pênis...

- Por que você está triste? - Quis saber Max. - É a ideia de uma proibição de dez horas de sexo? Cristo, és uma mulher insaciável.

Quando Max a olhava assim, ainda sexy, inclusive com seu pênis todo frouxo, Neve começava a considerar o impensável: passar pela porta marcada como B... A porta que não tinha William de pé, detrás dela. Tinha sido tão feliz nestas

últimas semanas de uma maneira que não tinha nada a ver entrando em um vestido de tamanho dez ou estar com William. Max tinha o dom de fazer que esses objetivos longínquos parecessem não ter importância, e se podia ser assim feliz com Max, por que romper o que não estava quebrado? E ele parecia feliz também...

- Só para que saiba minhas partes de garota fecharam suas portas por esta noite, também - disse Neve, rodando de barriga para baixo para poder descansar o queixo sobre as mãos. - Max, você gostaria de estar em uma relação? Acha que poderia ser o segundo panqueca de alguém, que não se despreza?

Max se apoiou sobre um cotovelo, por isso Neve tinha uma visão clara da indecisão que cruzou por seu rosto antes que formasse esse sorriso, que significava que ia evitar a pergunta com um pouco da evidente ironia de Max, porque isto afundava em muita profundidade, dirigindo-se a lugares aonde não queria ir.

- OH, Neevy - disse de brincadeira. - Há tantas mulheres no mundo que parece injusto para elas me atar a uma só garota. E não em um bondage⁽⁸⁴⁾ de forma divertida tampouco.

Não deveria ter esperado outra coisa. Apesar de Max ter sido absolutamente encantador estas últimas semanas, carinhoso, amável, nem sequer queria sair porque preferia ficar em casa - negou-se completamente a falar de sua crise no Manchester. Ou sobre estar em terapia. Ou se ainda se sentia vazio por dentro. Simplesmente retornou a seus habituais mecanismos de defesa, que eram os sorrisos, brincadeiras e os comentários irônicos.

- Mas digamos, por exemplo, que William não estivesse retornando. O que aconteceria conosco? - insistiu Neve.

- Não tem sentido pensar nisso - disse Max com tanta alegria que Neve passou da contemplação de um futuro com ele a querer golpeá-lo. - Vai voltar, certo?

- Sim, mas digamos que não fosse assim, hipoteticamente. Acha que você e eu poderíamos ter um futuro? - perguntou Neve. Max agora olhava para o teto assim não podia ver que ela cruzava os dedos.

- Olha, Neevy, prometo que ficarei um pouco deprimido quando tivermos que deixar tudo, mas vamos deixar tudo quando o Sr. Califórnia retornar e te levar com ele. De todos os modos, quando pensa bem, não temos nada em comum. É escalofriantemente inteligente, e a leitura rápida de capa a capa é mais meu estilo. Max inclinou a cabeça para poder olhá-la, e ainda tinha esse maldito sorriso em sua cara, como se não tivesse o coração destruído absolutamente pela perspectiva de estar sem Neve. O que aconteceu com o viver o momento?

- Não aconteceu nada - disse Neve rapidamente, porque queria o quanto antes trocar de tema horrível, melhor. - Só perguntei. - Baixou a cabeça para que

seu cabelo caísse sobre seu rosto e Max não fosse capaz de ver sua expressão, a qual estava segura era bastante abatida. - Vais passear com Keith ou é só uma promessa sem cumprir?

Max tirou as pernas pelo lado da cama e ficou de pé.

- Vou fazer algo para comermos primeiro. Torradas?

- Sim, por favor, disse Neve, esforçando-se para manter sua voz relaxada. Duas para mim. - Quatro para você - disse Max com firmeza. - Não tomamos o café da manhã.

- Divide a diferença e que sejam três - insistiu Neve. A crença de Max que seu corpo podia processar uma grande quantidade de carboidratos depois das 6 da tarde era uma coisa que Neve definitivamente não sentiria saudades. - Lubrificada com tão somente um pouco de contido desço em graxas.

- Esse substituto da manteiga tem sabor de abono - disse Max, enquanto dava uma palmada brincalhona no traseiro de Neve. - Vou fazer umas salsichas e acredito que há uma lata de aros de espaguete na despensa.

- Sem aros de espagete para mim - disse Neve, mas Max só agitou uma mão desdenhosamente enquanto saía do quarto.

Ao menos agora sabia que Max não queria ser o menino a longo prazo, pensou Neve. Isso significava que podia pôr toda sua atenção em William. Também significava que dizer a Max que tinham terminado não ia ser uma terrível experiência; mas sim tomaria com bom humor e em segredo, provavelmente, estaria um pouco aliviado de que podia ir dizer a seu terapeuta que podia ter uma relação se quisesse, mas que na realidade não o fazia. Era uma lástima, porque se pudesse abaixar um pouco a guarda e deixasse que uma garota afortunada entrasse em seu coração, seria um namorado maravilhoso.

Neve decidiu que tinha que contar para Max antes do próximo fim de semana, assim teria ao menos quinze dias para chorar apropriadamente pelo final de sua relação panqueca. Embora não estava segura que duas semanas fossem suficientes para livrar-se da pena e a tristeza que...

- Neevy! Pode programar o alarme para as oito? - gritou Max da cozinha. - Estou te fazendo uns ovos mexidos, também, de acordo?

Rodando os olhos, Neve agarrou o despertador e o pôs às seis e meia. Tinha uma sessão de treinamento pessoal com o Gustav à primeira hora. Tinha ligado para ele no dia anterior para cancelar sua sessão de sábado com uma desculpa apressada sobre um doloroso e agônico período menstrual. Gustav tinha sido verdadeiramente insistente em que o exercício era o melhor para um útero tendo câibras, como se sequer soubesse. Se não aparecia amanhã pela manhã, ou chegava inclusive cinco minutos tarde, Neve sabia que teria que fazer saltos de tesoura e coisas horríveis, com pesos russos durante duas horas seguidas.

Tivesse sido tentador passar os noventa minutos adicionais na cama, mas como se pudesse ler sua mente e saber que tinha maus pensamentos, Neve nem sequer teve a oportunidade de despertar Max com um beijo porque seu telefone soou com uma mensagem de texto do Gustav:

Por favor, não chegue tarde; seus problemas de garota devem estar melhor agora.

Gustav terminava com outro cliente, quando Neve saiu do vestiário. Saudou-o com a mão e deu um sorriso tenso em resposta, o que não pressagiava nada bom para as próximas duas horas de sua vida.

Acabava de começar com seus exercícios de aquecimento, quando Gustav se aproximou.

- Dez minutos na esteira tão rápido como pode - ordenou, Vou ajustar.

Neve fez uma careta nas costas de Gustav e chamou a atenção de seu cliente anterior, um homem de aspecto severo de quarenta e tantos anos a quem Gustav sempre apresentava como um brilhante exemplo de dedicação.

- Ainda não te tem feito usar os pesos nos tornozelos? - perguntou, enquanto Neve começava sua fuga com passo muito acelerado.

- Deus, não - disse, horrorizada.

- Fará. - Foi a triste resposta. - Está de mau humor hoje.

Isso foi tudo o que necessitou. Neve imediatamente aumentou a velocidade e quando Gustav retornou, gastou seus tênis a doze quilômetros por hora.

- Esperava que a estas alturas fosse a quinze por hora - queixou-se.

As seguintes duas horas foram tudo o que Neve tinha estado temendo. Imprensas de banco, peso morto, agachamento com uma ata de vinte quilo sobre seus ombros e terríveis flexões de braços, intercaladas com dez minutos de corrida de quinze quilômetros para manter seu ritmo cardíaco.

- Sua resistência não é o que estava acostumado a ser - disse Gustav enquanto Neve jazia ofegante em um colchonete. - De qualquer forma, agora é esse momento do mês.

- Já disse isso, no sábado foi meu momento do mês - ofegou Neve. - E já te disse que sinto ter tido que cancelar nossa sessão? Porque realmente e verdadeiramente o sinto.

- É possível que o tenha mencionado uma ou duas vezes - disse Gustav e não se suavizava no mais mínimo, apesar de que Neve tinha feito tudo o que disse sem discutir, pôr má cara ou os olhos em branco. - De fato, é a hora de revisar seu peso mensal.

As quatro partes de pão torrado (porque Max havia dito que sua torradeira não podia fazer frente a um número ímpar de fatias), embutidos, ovos mexidos, aros de espaguete e os tomates em conserva que tinha devorado ontem à noite se

sentia como um balão de chumbo no estômago de Neve enquanto seguia a Gustav dentro de seu pequeno escritório. Mas assim mesmo, só tinha comido uma porção de muesli no café da manhã de ontem, não tinha jantado nada a noite da sexta-feira e tudo o que tinha comido no sábado foi a metade de uma pizza e duas maçãs. Não esperava perder a metade de uma pedra, mas se conformaria com um quilo e pelo menos um par de centímetros de seu quadril. Então, teria três semanas, ou duas semanas e meia, para dedicar-se realmente à alimentação saudável. Renunciaria ao café e não viveria de outra coisa que não fossem verduras no vapor, se tinha que fazê-lo, prometeu Neve enquanto tirava seus tênis e se aproximava nervosamente da balança de alta tecnologia de Gustav.

A última vez que tinha sido pesada, o número mágico de Neve foi de 73 quilo, algo menos de cento e setenta libras. Neve fechou os olhos enquanto olhava o pequeno contador digital começar a fazer o seu. Não a machucaria cruzar os dedos detrás das costas e oferecer uma pequena oração à Deusa da Dieta.

Escutou Gustav dar um: "*hmmm*." Não era um muito alentador

"*hmmm*." Neve abriu um olho e ficou olhando a balança com horror.

- É só um buraco temporário na tela do radar - disse Gustav e sim, agora podia ser agradável com ela, porque o número demonstrou que tinha razão e Neve enganou.

Não só se enganou. Tinha dois quilos e meio a mais. Dois quilos e meio! Pela primeira vez em três anos, as cifras subiam, não baixavam. Tinha quebrado seu molho da dieta e agora seu metabolismo estaria ainda mais confundido e seu peso começaria a aumentar e nunca seria um tamanho dez e tinha fracassado e...

- Espera! - Neve saltou da balança. - Não estive bem esta manhã.

- Que não estiveste bem? - perguntou Gustav, e não tinha coração, porque já tirava a cinta métrica de sua gaveta.

Não, não estive bem - disse Neve, com o rosto em chamas. - Não estive aberta. Assim.... vou, Estou encharcada de suor e isso tem que ter feito minha roupa de ginástica pesar muito mais do que faria normalmente...

- Fique aí!

Neve ficou cravada no chão porque quando Gustav gritava assim, cada molécula que possuía tendia a obedecer. Envolveu a cinta ao redor das partes mais gordas e carnudas de seus quadris, mas não deixou ver o número, depois tomou a medida ao redor de seu abdômen, cintura e seus peitos.

- Bem, sua cintura e peito se mantiveram igual. - disse, e não foi necessário para ele soar tão surpreso. - Aumentaste uns centímetros nos quadris e o estômago.

Depois Gustav não disse nada. Não gritou nem reclamou. Ou, pior ainda, não disse que se sentia decepcionado, mas sim simplesmente pôs sua fita métrica de novo na gaveta, seus rasgos, como sempre, feitos de granito. Mas não havia necessidade de que dissesse algo, porque Neve se sentiu mais que feliz de encher o silêncio.

- Está bem, comi algumas coisas que não devia, admito-o, mas houveram dias em que não comi quase nada.

- O que acontece quando se pula as refeições? - perguntou Gustav com voz firme.

Meu corpo entra em modo de inanição e se aferra a minha graxa e não a deixa ir - respondeu Neve.

- E o que são estas coisas que não deveria ter estado comendo?

Neve desejou nunca haver dito isso, mas Gustav a teria obrigado a reconhecer a verdade eventualmente. Os quadris não mentiam.

- Pão - murmurou ela. - Um montão de pão, às vezes às duas da manhã, e aros de espaguete e... E... Pizza. - Neve se derrubou sobre a cadeira livre. - Não é justo! Outras garotas comem essas coisas, saltam as comidas e seu peso se mantém exatamente igual. Deveria ver o que Celia come e nunca come verduras a menos que as empurre por sua garganta.

- Você não é como as outras garotas - disse Gustav seriamente. - Não pode ter o peso que tiveste e esperar que seu metabolismo se corrija por si só depois de tantos anos de comer em excesso. —Deu um tapinha no joelho em uma maneira que não era tranquilizadora no mais mínimo. - Tudo ficará bem. Não culpo você.

- Bom, eu sim me culpo.

- Vi que isto acontece uma e outra vez quando meus clientes permitem que seus assuntos pessoais se interponham entre eles e seus objetivos de treinamento - disse Gustav, como Neve sabia o que faria cedo ou tarde. Inclinou-se para frente para poder falar em um sussurro, em caso de que alguém o escutasse romper o juramento de confidencialidade de treinador pessoal/haragán incompetente. - Olhe ao Vaughn...

Vaughn? perguntou Neve.

- Ele treina antes de você as segundas-feiras e quarta-feira - recordou Gustav com impaciência. - Além de você, era meu cliente mais obediente, depois se apaixonou por esta garota... - Gustav sacudiu a cabeça. - Ela é uma pessoa magra que come gordura. Sempre com os pudins, bolos e os pães-doces caseiros o faz engordar. Logo tiveram uma briga e não só perdeu peso; também perdeu tonos muscular.

- Não é culpa do Max - disse Neve, enquanto que sua mente recordava da noite anterior quando tinha pedido duas partes de pão torrado e Max havia trazido um prato cheio de comestíveis de alto conteúdo em gordura. E fez comer batatas fritas e crême brulee e beber muito, muito vinho, e uma vez inclusive tinha feito panquecas... Bom, não a tinha obrigado nem segurado com a boca aberta, mas tinha sido sempre muito persuasivo dizendo: *"Não te fará mal só por desta vez,"* e, *"É quase Domingo de Compartilhar,"* e inclusive, *"Para quando terminar com você, terá queimado facilmente um dia de calorias."* Max não era um alimentador, mas era um facilitador o que era quase igual de ruim.

- Ainda está comprometida a perder peso? - perguntou Gustav.

Neve ficou olhando com assombro. - É obvio que estou!

- Porque poderíamos trabalhar em um programa de manutenção em lugar de um regime para diminuir o peso - continuou Gustav.

Neve se mexeu sobre a cadeira em absoluta incredulidade.

- Estou perto dos 80 quilo. Ainda estou medicamente com sobrepeso. Quero-os fora! Quero que isto se vá! - beliscou uma de suas coxas para que Gustav pudesse ver os cilindros de gordura que nunca ia mudar a este ritmo.

- Estes dois quilo e meio, não são nada. Volta para sua dieta e para o plano de exercícios e puff! Foram-se dentro de quinze dias.

Neve pôs sua cabeça entre as mãos.

- William ira voltar de Londres em duas semanas e meia.

- William? Não posso levar um registro de todos seus homens. - disse Gustav estalando a língua. - Só há dois homens e definitivamente não posso ver Max nunca mais disse Neve devido a que os 75 quilo na balança do Gustav tinham tomado a decisão por ela.

- Antes de Max, estava William e o objetivo de entrar em um vestido de tamanho dez para o momento em que retornasse da Califórnia e, francamente, a única maneira que vou entrar em um tamanho dez é se me faço uma profunda lipoaspiração.

- Neve! - gemeu Gustav em sinal de protesto. - fui muito claro a respeito desde o começo. Faz isto por você, não por um homem. Qualquer homem decente deveria te amar por quem é, não, por quanto você pesa.

- Não estou fazendo isto por um homem - disse Neve, embora para seus ouvidos soava falso, porque conhecia homens decentes, e em lugar de amá-la em toda sua glória, sempre tinham ido pelas garotas boêmias e magras em Oxford, que escreviam realmente muito má poesias. E logo se encontrava Max, que teve sua seleção de modelos magras, e garotas formosas para ir a casa todas as noites, mas não tinha amado a Neve por quem era, ou pelo pouco que pesava, porque

não a amava de maneira nenhuma. Mas quando tirava William e Max da equação, então a verdade era que nunca poderia esperar que algum homem a amasse apesar de seu peso, quando não o fazia ela mesma.

- Não comecei isto pelo William, sabe, mas sim, sua volta coincide com uma necessidade desesperada para alcançar pelo menos 63 quilo na balança. Acha que posso pesar isso e ainda assim conseguir entrar em um tamanho dez?

Gustav não parecia muito convencido.

- Se este William, é o indicado, esperará e poderá te concentrar em sua dieta e exerci...

- Já aconteceram seis malditos anos! - Neve se deu conta que quase gritava e tratou de baixar a voz. - Me passe essa dieta que é dada para as pessoas realmente obesas que lhes fazerem antes de uma cirurgia para que não morram por complicações com a anestesia? Posso fazer essa durante umas poucas semanas?

- Não está escutando nenhuma só palavra do que estou te estou? - respondeu Gustav mordazmente. Estava, também, perigosamente perto de gritar. - Se você se atrever sequer a pensar em uma dieta da moda, laxantes ou uma intervenção cirúrgica, porque saberei, Neevy, então terá que procurar um novo treinador. - Não o faria!

- OH, sim eu farei. Te jogo daqui e direi a todos os outros instrutores pessoais no norte de Londres, para que não trabalhem com você. Tenho contatos! - acrescentou Gustav sombriamente e, normalmente Neve poria-se a rir e diria que soava um pouco muito "*Nazista*" para ser tomado a sério, mas se encontrava tão ocupada olhando-o fixamente, e odiando a Gustav, e ao Max, a seu metabolismo e sim, também a ela mesma, que se levantou, agarrou seus pestilento tênis do chão e saiu da sala.

Capítulo Trinta e Cinco

- Max, acabou. William voltará em duas semanas ou uma semana e meia e sabíamos que isto ia terminar cedo ou tarde. Além disso tem minha saúde, meu regime e meus exercícios meses atrás, inclusive se William não retornasse, tenho que terminar com você - disse Neve com severidade. Olhou para Celia. - Como que soa?

- Terrível! - exclamou Celia, enrugando o rosto em sinal de desaprovação. - Cristo, Neevy, deixa a menino com um pouco mais de cuidado.

- Romper com alguém é muito duro - murmurou Neve, afundando-se em sua velha cadeira giratória, a qual rangeu em sinal de protesto, porque pesava cinco quilos a mais e não podia suportar seu peso. - Posso escrever uma carta em seu lugar?

- Não! O que aconteceu?

- Sabe o que aconteceu.

Celia sabia porque cinco minutos depois de deixar o ginásio, Neve a chamou perto das lágrimas e cuspiendo fúria até que Celia prometeu que iria dar uma ida em seu serviço na hora do almoço, apesar de que sempre dizer que não gosta de estar rodeada de coisas de pessoas mortas.

Agora se encontrava sentada incomodamente em uma cadeira de respaldo, tratando de não respirar muito fundo, porque também insistiu que o porão cheirava a mofo, o qual não era certo, e se o senhor Freemont a escutasse, teria lavado suas mãos com sabão líquido. O mofo era o pior pesadelo de todo arquivista.

- Olhe, sei que está zangada com toda a coisa do peso - falou Celia as últimas duas palavras -, mas não pode expulsar Max assim da sua via. Tem que se acalmar. E deixa de ser tão mal! Estamos falando do Max.

- Sei exatamente de quem estamos falando e não diga seu nome assim, em tom de recriminação como se eu estivesse sendo completamente irracional. - Mas agora que o impacto do inesperado ganho peso foi estabilizado, o tom petulante de sua voz começava a soar um pouco excessivo aos ouvidos de Neve.

- Não foi tudo ruim. Parecia muito feliz e ele te deu sexo 24/7 e também, não é por fazer disto algo sobre mim, mas é um de meus superiores na Skirt. Vá como uma louca pra cima ele, e então uma palavra no ouvido da Grace e ela me colocara código de cor para o cabelo para os dias positivas dos próximos seis meses. Tem alguma ideia de quantas diapositivos de cabelo há no armário da moda?

Não mereço isso.

- Bom, suponho que não - concordou Neve lentamente. - Fez-me feliz, mas fiquei tão feliz que me fez baixar a guarda e agora olhe pra mim.

Abriu os braços assim Celia podia ter uma boa visão da difusão de seus quadris.

Celia estava examinando a pilha de papéis amarelos no escritório de Neve com uma careta de desgosto, mas agora deu as costas e se voltou para sua irmã.

- Ele sabia que Willy McWordy ia voltar, assim deixa-o passar, logo fale sobre quão bom foi, mas que ambos sabiam que isso não ia durar e que espera que ainda sejam amigos, bla, bla, bla. O que te parece?

- Eu realmente não quero fazer o bla, bla, bla, posso escrever isso? - perguntou Neve quando ela rabiscou o que Celia havia dito. Celia não respondeu, mas deu a Neve um olhar de sofrimento.

- De acordo, assim deixe Max gentilmente, mas o que vou fazer a respeito disto? -apontou para suas coxas, estava usando uma calça de algodão e forçando a forma da costura mais do que eles o faziam ontem.

- Como se sente a respeito da Hidroterapia do estômago?

- Realmente não tenho uma opinião - respondeu Neve, embora já houvesse pensado. Ter uma mangueira de borracha em seu traseiro era um pequeno preço a pagar se podia perder cinco quilos de uma só tacada. Não é que estaria sentada se tinha uma mangueira de borracha até o traseiro.

- E amas todos esses sucos crus, não? - continuou Celia. - Bom, suponho...

- Posso te ajudar com a perda de peso - disse Celia com orgulho. - Pode ir pelo Hardcore Cleanse de nosso editor de saúde.

Neve podia sentir a pequena chama de esperança começar a piscar, era isso ou o ruído de sua barriga porque tinha feito todo um treinamento com o estômago vazio. O que é um Hardcore Cleanse?

O Hardcore Cleanse era a última moda em dieta em Nova Iorque sendo provado em Londres. Usuários se inscreviam para tomar um suco a cada três dias assim podiam beber o suco no café da manhã, almoço e jantar, junto com o chá de ervas, verduras cruas e um estojo de primeiro socorros de suplementos vitamínicos.

- O publicitário diz que é bom para perder peso, desintoxicar e também se sentirá com energia e mentalmente alerta - explicou Celia. - Todo mundo no escritório quer, apesar de você tem que ter ao dia o cólon antes de começar e

assinar uma permissão médica.

Conseguir uma permissão médica não deveria ser difícil. Estes eram momentos de desespero.

- Por que ninguém em seu escritório fez ainda?

- Na realidade ninguém pode tomar o suco sem agitar-se - admitiu Celia pensativa.

- As três bebidas sabem são bastante rançosas. Inclusive cheirar o suco de laranja do almoço me fez vomitar.

- Eu farei! - disse Neve com entusiasmo, porque sempre tinha tido a constituição de ferro fundido. Sua mãe tinha feito, uma vez, uma panela com um pouco de frango dois dias passados da data de validade e Neve tinha sido a única que não tinha esperado pelas seguintes 24 horas, não vomitou e se fez caca. - Me inscreva, irmã!

- Só seria para reiniciar o metabolismo - advertiu Celia. - Inclusive o publicitário disse que deveria só fazê-lo por duas semanas no máximo, logo tem que começar com os sólidos.

- Bem! Liga para o seu editor de Saúde agora mesmo e me reserve a hidroterapia do cólon. - Esta tarde, se for possível.

Celia já tinha estava com o celular na mão.

- E promete que vai fazer agradável com o Max quando disser a história?

Neve se avivou com culpa.

- Essas coisas que disse antes? Não quis dizer isso. Sentia-me entupida. Foi tão doce comigo e eu... Ainda quero que seja parte de minha vida. Quero dizer, nós não estávamos ligados emocionalmente para que seu coração se rompa. Ainda podemos ser amigos, não é?

V Sim, acredito, é obvio que pode disse Celia com doçura. Ser amigo de seu ex, o que tem de mau nisso?

Era fácil recordar as coisas favoritas de Max. Neve vestia um vestido verde que ele disse fazia seus olhos mudassem de cor. Assava um frango, apesar de que ela não podia comer porque o publicitário do Hardcore Cleanse havia dito que podia só comer vegetais crus até que começasse a limpeza. Havia quatro garrafas de cerveja na geladeira, e quando Max e Keith entraram pela porta, Neve deslizou os grandes êxitos do The Clash⁽⁸⁵⁾ em seu reproduutor do CD.

- Aí está - disse ela agudamente quando caminhou para a sala.

- Aqui estou - adicionou Max com um sorriso e se inclinou para dar um beijo. Neve se agachou torpemente assim só seus lábios roçaram a bochecha, porque se sentia mal obtendo toda doçura quando sabia o que vinha.

- Você está bem? Parece um pouco nervosa. O tremor não só eram nervos. Neve não tinha comido nada durante todo o dia, exceto cenouras e o aroma do frango fazia com que toda a umidade em seu corpo chegasse a sua boca. Soube exatamente como Keith se sentiu sentado ali, sua língua pendurada com duas linhas de baba de sua boca.

- Estou bem - assegurou Neve com um sorriso tenso. Ficou olhando os dedos dos pés dele porque falar com Max não era algo que podia ensaiar mais. Não quando ele caminhava pelo corredor com suas largas, magras extremidades e doce aroma de cabelo limpo e seu gel de ducha com aroma de uva, olhando com adoração envolto em seu jeans e uma camiseta vermelha descolorida. - Fiz frango assado e há cerveja na geladeira.

- Deus, poderia me acostumar a este tipo de tratamento - disse Max, quando ela se voltou para a cozinha. Logo seus braços envolveram sua cintura para que pudesse fuçar em seu ouvido.

Assim, vamos ter um jantar apropriado em um momento apropriado por uma vez?

Neve ia mastigar algumas folhas e tratar de olhar ressentidamente. E assim foi, pôde sentir sua rigidez no braço de Max.

- Por favor, Max... Preciso ver o frango.

- Está tão tensa. Vou te fazer uma massagem nas suas costas logo prometeu Max, ainda com os braços ao redor dela assim tiveram que arrastar os pés para a cozinha. - OH, falei com a Mandy, diz olá.

Deixa de ser tão bom comigo, pensou Neve com desespero quando Max finalmente a deixou ir assim podia abrir a porta do forno. A terrível experiência que tinha por diante teria sido muito mais fácil se ele estivesse com outro estado de ânimo quando chegou. Ou se ela estivesse ainda em um molesto estado de ânimo com respeito às cinco libras que ele tinha ajudado a ganhar, mas... Não, não ia. Talvez tivesse sido uma má ideia alimentar Max antes que desse o discurso de "*sejamos amigos*". Apesar de que Neve esperava que ele ficasse um pouco devastado porque o que tinha começado como torpe e artificial se converteu em algo real, algo precioso para ela, ao menos.

Por que está comendo só folhas? perguntou Max de repente, e Neve elevou a vista de prato de folhas de rúcula e radicchio* para ver que Max já tinha devorado meio frango e agora dava toda sua atenção.

- Realmente não tenho fome murmurou ela, e era verdade. Seu estômago tinha passado a maior parte do dia protestando em voz alta ao novo regime, mas agora sentia como se ali houvesse um enorme nó obstruindo seus intestinos. - E decidi ir a uma desintoxicação. - Max suspirou.

- Por favor, não comece com essa merda outra vez. Acha que o fator

determinante de desintoxicação como autodesprezo, porque sim é assim, conheço bem, ficou olhando a palma da mão dele de maneira significativa e Neve começou a perguntar se, assim com boa comida, devia tratar de condenar ao homem com uma última queda. — Uma perna de frango ou uma surra. Você escolhe.

Comida ou sexo; isso era do que realmente se tratava. Ela podia colocar sua gorda cara com Max e nunca, nunca chegar a ter sexo com o William embora nunca tenha pensado em William no sentido puramente físico.

- Neevy o que vai ser? perguntou Max brincando, empurrando seu pé com o seu. - Abra a boca ou se inclina?

- Não! Max não quero nenhum frango, e se quer fazer isso... Precisamos conversar primeiro. ...

Isso soa a mau agouro. Max deixou a cerveja e cruzou os braços. Isto é a respeito de deixando a tampa da privada levantada?

Neve sacudiu a cabeça.

- Max, Max...

Fiz algo muito errado, não? Fiz xixi em cima do assento, logo não baixei a tampa? É por isso que continua dizendo meu nome de uma maneira triste?

- Não. Max... Neve olhou para o teto com atitude em súplica porque não conseguia passar de repetir seu nome. Começava a reconsiderar todo o cenário da carta.

- Quero que saiba que realmente me importa e que te considero como um de meus amigos mais próximos.

- Isso era melhor. Foi uma frase completa, inclusive se as palavras estiveram todas juntas, e Max não sorria agora; escutava com atenção, o que era bom. Mais ou menos.

- E espero que seja sempre um de meus melhores amigos. - Neve chegou a um ponto morto agora que tinha conseguido a parte do amigo em seu discurso fora do caminho. Outro olhar ao teto e uma respiração profunda. - William me ligou e irá voltar de Londres, hum, em só duas semanas, assim, sabe, acredito que deveríamos ser amigos agora.

Max não disse nada primeiro. Achava-se muito ocupado abrindo sua garrafa de cerveja.

- Assim, quando exatamente te ligou? perguntou com voz suave. - Que dia?

- Hum, sexta-feira, acredito.

- Na sexta-feira depois do fim de semana que passamos juntos?

Neve olhou a parte superior da cabeça do Max, a qual ainda continuava

abaixada em direção a sua cerveja.

- Sim. Ia contar, mas não...

- Assim que você e o Sr. Califórnia estão preparados para o rock and roll?

Era difícil tratar de entender como Max se sentia. Não quis olhar para Neve e sua voz carecia de expressão real.

Neve olhou para seu prato meio-comido de folhas, logo para Max e se perguntou se os dois eram realmente mutuamente exclusivos. Como reagiria ela se Max se jogasse a seus pés e suplicasse que ficasse com ele?

- Bom, diz que tem algo muito importante para me contar, mas não estou segura do que é - disse Neve cuidadosamente. - Assim, onde nos deixa isto? O que quer fazer?

- Então a comida de coelho é por ele? Tem que ser perfeita para o Sr. Califórnia? - perguntou Max.

- Ganhei um montão de peso o último mês - explicou Neve, tratando de não soar acusadora. - Assim, inclusive se William não retornasse, preciso me concentrar em minha saúde e no programa de exercícios.

- Bom, - isso é tudo disse Max, parando-se e colocando sua cerveja sobre a mesa com força desnecessária.

Isso é tudo? Neve também se levantou. - Como se sente a respeito?

- Eu não sinto nada de qualquer maneira. Max já se movia fora da cozinha e subia a meio voo das escadas para o banheiro, assim podia começar recolhendo a pequena pilha de meias que se converteram em um elemento permanente. - Pode pegar meu creme dental e minha navalha?

Pela primeira vez em muito tempo, Neve tinha medo de tocá-lo.

- O que está fazendo?

- O que parece que estou fazendo? exigiu Max quando colocou suas roupas em sua bolsa. - Pode ficar com esses livros do Salinger, como é. Não vou ler.

Mas eram um presente protestou Neve. Em todos os resultados possíveis que tinha imaginado, essa não tinha sido um deles. No pior dos casos, pensou que Max poderia sair furioso e ir caminhar com Keith. Logo voltaria meia hora depois, conversariam e estariam de acordo. De fato, todos os resultados por vir que Neve tinha previsto terminavam com eles como companheiros. Mas Max recolhendo suas coisas e roupa em sua bolsa de viagem Vivienne Westwood era horrível, irrevogável final. - Por favor. Podemos nos sentar e conversar?

- Não há nada de que falar. Max empurrou o ombro de Neve ao passar em seu caminho para o banheiro. - Era uma relação panqueca. Como constantemente me recordava, o primeiro panqueca se atira. - Vou estar fora de

sua vista em menos de dez minutos.

- Não tem que ser assim, disse Neve, de pé na porta do banheiro e olhando como Max agarrava seu kit de barbear e sua pasta de dente e seu gel de banho, porque a sua era rosa perfumada e muito de garota para que eles pudessem compartilhá-la. - Está obviamente chateado. Também estou.

- Não há nada para que nenhum de nós se incomode- disse Max com firmeza. - Já tem o que queria de nossa pequena aventura e agora está pronta para se mover em uma liga grande. Felicidades.

- Mas você parecia feliz que as coisas fossem assim recordou Neve para Max, bloqueando sua saída quando ele deu um passo adiante, porque não ia deixar ir assim. - Disse que não se encontrava preparado para uma relação real. Ainda se sente da mesma maneira?

Max a olhou, nada de brincadeiras ou suavidade em seus olhos.

- Nosso pequeno experimento demonstrou, uma vez mais, que não quero ou necessito uma relação. Estão completamente sobrevalorizadas. - Pôs os dedos de uma mão no ombro dela e aplicou muita pressão para conseguir que Neve se movesse fora de seu caminho. - Quero dizer, o que é o foddidamente bom a respeito de uma relação? - Ter que pensar em uma pessoa todo o tempo e tudo o que obtém é sexo regular. Realmente não vale a pena.

Você só está dizendo isso... - engasgou-se Neve quando Max se apressou para baixo das escadas e recolheu Keith que tinha saído da sala para ver o que era todo o alvoroço.

- Se William não retornasse, estaria perfeitamente feliz de seguir como estamos.

- OH, de verdade? falou Max, lutando por colocar Keith debaixo de seu braço enquanto tratava de colocar a bolsa de viagem debaixo de seu ombro e abrir a porta ao mesmo tempo. - Sim. Continua dizendo isso, preciosa, se te faz sentir melhor.

- Por que está sendo assim? O final de sua oração foi afogado pelo golpe da porta detrás dele. Neve se sentou no chão, os joelhos apertados contra seu corpo.

Não sabia quanto tempo levou sentada ali, mas quando as pernas começaram a sofrer câibras, pouco a pouco ficou de pé e caminhou através do lugar. Em dez minutos, Max tinha conseguido erradicar todos os sinais de que nunca tinha estado ali: sentado no sofá com os pés descansando sobre a mesa e negando-se a ceder o mando a distância, largado em uma das cadeiras de sua cozinha depois de beber uma pequena xícara de café, dormido em sua cama, com os braços apertados ao redor dela, tanto deles um pouco suarentos, quase sem fôlego de fazer amor.

Max se foi.

PARTE QUATRO

Eu apenas não sei o que fazer comigo mesma

Capítulo Trinta e Seis

Ter um tubo plástico inserido em seu traseiro para que aproximadamente quinze litros de água pudessem ser colocados e tirados de seu cólon realmente fez com que a mente de Neve se afastasse de Max afastando-se de sua vida na noite anterior.

A única emoção que Neve poderia lembrar era dolorosamente embaraçosa. Ou talvez era vergonha? Inclusive embora a área ofensiva se encontrava envolta em uma toalha branca esponjosa e a hidroterapeuta de cólon falou em um tom calmante enquanto dava uma massagem no abdômen, ambas sabiam que a razão era a água jorrando de sua parte inferior.

- Pode ser que sinta uma ligeira sensação de câibras durante as próximas duas horas mas isso é seu intestino que está se acomodando - disse, uma vez que a terapeuta tinha decidido que seu cólon se limpou o suficiente, e ela tinha de volta sua própria roupa.

-Leu a folha de informação?

Neve assentiu. Tinha dado um olhar superficial durante as horas de insônia que tinha passado cabisbaixa e chorando.

Bom, lembre-se de não pode beber álcool ou fazer qualquer esforço físico disse a terapeuta enquanto mostrava à porta do Primrose Hill, que não parecia o tipo de lugar onde se realizassem estas práticas nefastas.

Quando Neve saiu para o calor abafado de um dia de junho, não se tinha preparado para a onda de calor que a fez cambalear e se segurar no corrimão de ferro forjado para apoiar-se. Ficou ali parada, abrindo e fechando seus olhos porque as folhas das árvores parecia mais verdes e brilhantes, e sobre o estrondo do tráfego e o som de um piano tocando de uma janela aberta, Neve estava segura de que podia ouvir os motores do avião que via dando voltas no céu, o qual certamente, não tinha sido tão azul antes.

Quando deixou seu apartamento essa manhã, sentia-se vazia e com hematomas, mas agora se sentia perdida e depurada e, bom, possivelmente ainda um pouco golpeada, mas isso só era as sequelas da lavagem de estômago em lugar de angústia. Neve soltou o corrimão, surpreendida de que se balançasse ao caminhar e tivesse um renovado sentido de propósito.

Max tinha ido e isso sempre tinha sido parte do plano. E em vez de obcecar-se a respeito da maneira em que se foi, precisava recordar que ele teve que ir para que não houvesse nenhum obstáculo entre ela e William, além dos dez quilos que ainda tinha que perder. Neve acariciava seu estômago, que estava plano pela primeira vez em sua vida. Provavelmente já tinha perdido os dois quilo que tinha ganhado e ainda tinha duas lavagens de cólon reservadas como parte da limpeza; além disso, a terapeuta disse que algumas pessoas perdiam quase cinco quilo em

cada sessão.

Neve sentiu uma quebra de onda de alegria pura enquanto imaginava a si mesmo perdendo quinze quilo em duas semanas só por limpar seu cólon profundamente. Deu um enorme sorriso para uma senhora que se afastou torpemente dela, logo deu volta rapidamente à esquina e se dirigiu para onde tinha deixado sua bicicleta, para poder chegar em casa e esperar a entrega de seus sucos Hardcore Cleanse.

A água foi um tema recorrente durante a seguinte semana.

Neve teve que planejar seus dias atentamente para assegurar-se de que nunca estivesse a mais de dez minutos de um bebedouro. O Hardcore Cleanse fez exatamente o que dizia em sua sofisticada vasilha branca e negra. Ela bebia. Urinava. Bebia. Urinava. Usava dois cilindros papel Andrex Quilted Velvet cada dia.

Mas não foi só o urinar. A euforia que sentia agora era menos eufórica e mais maníaca. Felizmente, Cleanse coincidiu com a quinzena anual do senhor Freemont no Broadstairs. Isto era o sinal de Rose para embarcar em uma reorganização relâmpago e limpar a fundo os arquivos. Ela jurou que não tinha nada a ver dissipar o aroma corporal persistente do senhor Freemont e, sim com a oportunidade de atirar as pilhas amareladas, secas de papel, as quais ele dizia que eram de vital importância.

Normalmente, Neve iria em defesa contra o fato de atirar todos esses arquivos no cesto de papéis de reciclagem, mas agora, sentia-se feliz de utilizar parte de sua energia patrocinada pelo Cleanse em tirar continuamente caixas e limpar pisos e superfícies com água saponácea quente. Mas logo que inundou suas luvas de borracha no balde, teve que deter-se e correr para o banheiro. Sequer podia passar junto um lago ou um algum adorno ornamental com água sem que a poderosa sugestão trabalhasse sua magia em sua bexiga.

O outro benefício de que o senhor Freemont saísse de férias anuais era que tomava turnos para ter três horas de almoços descansos e uma tarde livre durante uma semana, assim Neve teve tempo suficiente para dar voltas ao redor dos tribunais e fazer flexões no escritório. Não se atrevia pôr um pé na academia quando estava o bastante segura de que Gustav tinha revogado sua filiação depois de que tinha enviado um e-mail sobre a ruptura formalmente de sua relação Treinador/cliente durante um de seus episódios mais maníacos.

Principalmente, Neve tentava manter-se ocupada para não sentir saudades de Max. Certamente, Max se arrumava muito bem sem ela e quando corria voltas, limpava pisos, contatava com antigos companheiros de Lucy Keener de Oxford e felizmente imaginava o momento quando William a visse pela primeira vez depois de três anos e murmurasse guturalmente *"Deus, Neve, Quando você ficou tão formosa?"*

O único momento que não se sentia bem era quando anoitecia, e antes da hora de tomar seu seguinte suco e não podia dormir porque ficava uma bola de

energia nervosa. Então, Neve não tinha nada mais que fazer, exceto sentir saudades de Max tanto que a falta dele era uma dor física, tangível.

Uma manhã quando Neve não pesquisava freneticamente Hardcore Cleanse + Efeitos Secundários, inclusive, encontrou-se a si mesma no Amazon comprando as novelas WAG de Max e Mandy e pagando taxa extra para que a entrega fosse no dia seguinte.

Devorou Gucci and Goals, em um só e comprido trago. Brandy Ballantyne não era ainda uma McIntyre Mandy sutilmente disfarçada. Ela era Mandy da parte superior de sua cabeça loira, exatamente a mesma sombra como o sorvete mais cremoso de baunilha, que Brandy não podia comer porque era intolerante à lactose, até as pontas de seus pés com pedicura francesa, que Brandy sabia era muito mais elegante que o vermelho de prostitutas preferido de suas amigas. Mas era a voz de Max que podia ouvir em cada linha, seu senso de humor sem uma gota de vodca brilhando enquanto Brandy se metia em toda classe de confusões divertidas, desde ser acusada falsamente de furtar um par de botas Gucci até correr pela quadra de esportes do Old Trafford durante o tempo extra perseguindo seu mascote pequinês, Tiffany, em sua busca de um namorado jogador de futebol.

Neve leu Pênaltis and Prada ao dia seguinte apesar de que tinha prometido a Rose que arrumaria uma pilha oscilantes de material de arquivo. Quando Brandy se casou com seu noivo dianteiro estrela, Damon, Neve encontrou a si mesma chorando, e Armani and AC Milan teve a Neve tão crispada que não estava segura de que pudesse terminar. Brandy começava a vida de casada na Itália depois do trato multimilionário de Damon, e para toda sua merda a respeito de não acreditar nas relações, Max escreveu sobre o amor como se fosse algo que tinha experimentado pessoalmente: Brandy esqueceu os cruéis comentários das outras WAGs quando se apresentou na zona VIP, em suas botas Stella McCartney com saltos de dezessete centímetros, porque ali se achava Damon, maior que em vida real e duas vezes mais bonito que nas grandes telas de televisão ao redor do estádio. O sol cintilando, fazendo ressaltar ainda mais seu cabelo e ele se despojou de sua camisa para poder alagar os músculos planos de seu peito na água e sorrir e voltar na direção da zona VIP, como se ele pudesse ver sua angústia e queria fazer saber que se encontrava a seu lado e sempre o estaria. Era seu homem e nada mais importava.

Infelizmente o próximo livro da série, Burberry and Bootees, não sairia a não ser até dentro de outro par de meses, assim Neve se viu obrigada a pedir emprestadas todas as publicações da Celia do Skirt para que pudesse ler tudo o que jamais tinha escrito Max. Sabia que se dirigia na via rápida para todo tipo de comportamento clichê de ruptura, como ligar no celular de Max e chamar do número fixo ao mesmo tempo só para poder ouvi-lo dizer alegremente, "*Não posso responder, sabe o que terá que fazer depois do beep*" ou dar uma caminhada com passo firme fora de seu apartamento. Tinha planejado usar este tempo fora antes que William voltasse e refletisse sobre sua ruptura, mas Neve nunca tinha

esperado cair tanto.

Sua cabeça tinha sabido que Max era só uma relação de treinamento, mas parecia como se seu coração nunca tivesse tido este conhecimento, coração estúpido. Ou talvez, era porque Max tinha sido seu primeiro namorado e se sentia como se tivesse sido rasgada em dois e tivesse colado as partes com fita adesiva. Se tivesse passado por isto na sua adolescência, então provavelmente estaria indiferente a eles a esta altura.

Como Yuri, que tinha saído com o desenhista gráfico durante dois meses e só esteve ligeiramente irritado de que ele tivesse sido tão decepcionante.

- Por que não está mais irritada? - exigiu Neve quando se sentaram no jardim dos fundos de uma abafada noite de Domingo, dez dias depois de seu Cleanse. - Quero dizer, você chorou ao menos uma vez, certo?

Yuri retirou a franja assimétrica de seus olhos.

- Não! Não desperdiçarei lágrimas com um idiota com ego enorme que não podia mantê-lo em sua calça durante três dias enquanto eu me encontrava em um festival de Skate no

Manchester.

- Não entendo como pode estar com alguém, compartilhar lindos e íntimos momentos com ele e logo não se importar um pouquinho que tenham terminado. Neve dirigiu um olhar agudo. - Deus, Yuri a Neve. - sério você tem coração?

- Está muito, muito insolente de novo - disse Yuri para Neve - Não posso evitar!

- Está bem disse - Celia da porta do pátio que levava diretamente da cozinha ao terraço do jardim. - Precisa de outro suco. Vai estar bem uma vez que tome, certo, Neev?

Neve assentiu com a cabeça e tratou de esboçar um sorriso débil, vacilante enquanto Celia se dirigia para ela com seu Evening Cleanse e um prato com quatro quartos de limão.

- Farei, mas isto não é só uma escases do Cleanse. Tenho verdadeiras razões para estar de mau humor.

- É obvio que sim. - riu Celia, e empurrou a garrafa do Cleanse para Neve. - Agora, pelo amor de Deus, bebe isto.

O suco verde da manhã não era tão ruim. Tinha um sabor fresco que se parecia um pouco com o detergente líquido que sua mãe tinha vertido na boca uma vez, depois de Neve ter posto em dúvida a existência de Deus. E ela na realidade tinha adquirido gosto pelo Cleanse do almoço, que era de cor laranja néon e sabor de cenouras e lentilhas. Só o último suco do dia que era um problema porque era um lodo marrom que...

- Deus, essa merda cheira a bongwater - anunciou Yuri, enrugando o nariz e deslizando pelo banco, de maneira que estivesse tão longe como fosse possível.

Neve levou a garrafa aos lábios e tratou de ignorar o aroma fétido. Realmente não havia maneira de fazer isto. Fechou os olhos, inclinou a cabeça para trás, apertou os orifícios nasais e tratou de verter o suco diretamente para sua garganta para que pudesse passar por cima suas papilas gustativas por completo. Logo que afastou a garrafa, Celia colocou um quarto de limão em sua mão para que Neve pudesse chupá-lo.

- Igual a um shot de tequila - disse Celia com orgulho.

- Brrr! - Neve negou com a cabeça e agitou seus braços, e uma vez que esteve segura de que o suco não ia a nenhuma parte, mais que a seu tubo digestivo, acalmou-se. Já não se sentia tão zangada. - Isso está melhor.

- Falando como alguém que come atum cru por diversão, isso é horrível - disse Yuri.

- Não se pode viver de três bebidas ao dia. Não é de sentir estranhar que esteja irritada todo o tempo, o açúcar em seu sangue deve estar em números negativos.

- Os sucos estão me dando uma ingestação diária de mil calorias e me permite comer duas porções pequenas de vegetais crus.

- Grande coisa. - Yuri olhou Neve de acima a baixo. - Você está mais magra. Quantos quilos perdeu? - Não sei. - respondeu Neve, porque assustava muito subir à balança e descobrir que a limpeza do cólon e o urinar constante tinham sido em vão. - Mas posso tirar meus jeans pisando na barra da calça.

- Talvez seja hora de investir em um novo par? - sugeriu Celia com entusiasmo. - Tenho um cartão de desconto para esta boutique jeans no Hoxton e você pode provar os jeans True Religion que quis durante anos, mas que não comprei porque meu traseiro é muito plano.

- Não vou comprar roupa até que seja tamanho dez disse Neve com firmeza. Estirou os braços sobre sua cabeça. - Quer que eu lave o piso da cozinha de novo? Ou poderia limpar seu banheiro, se preferir.

- Está de bom humor agora? - perguntou Yuri com astúcia.

Sem dúvida alguma.

- Por quê? O que quer?

- Uma festa de aniversário, no sábado, neste mesmo jardim - disse Yuri. - E não posso fazer nenhuma promessa de que vou limpar todo e abaixar a música as onze em ponto.

- Não me importa, mas Charlotte poderia ter algo a dizer a respeito - disse

Neve, dirigindo um olhar para as janelas do primeiro piso, apesar de que tinha ouvido Charlotte e Douglas saírem.

- Douglas está colocando-a em um avião para Ibiza neste momento - informou Celia com ar de superioridade - como se Charlotte e seus amigos precisassem acontecer uma semana fazendo-se ainda mais laranjas.

- Uma semana inteira? - Neve juntou as mãos em forma de oração. - Obrigada, Deus.

- Charlotte e sua vassoura tinham se encantado pena que Max já não estivesse lá para que pudessem recuperar o tempo perdido por dar golpes no teto cada cinco minutos.

- Pode convidar a alguns amigos se - ofereceu Yuri generosamente. - Mas ninguém de mais de trinta e cinco anos e sem dúvida não a Gustav.

- Que me ligou hoje revelou Celia. - E não, não disse nada sobre estar em um regime brutal de bebidas pestilentas e lavagens de estomago. Ai! Me lembrei, se incomoda se pedir para fazer palitos de queijo?

- Não, absolutamente. - Pela primeira vez em sua vida, nem sequer quando tinha tido a gripe porcina, Neve não tinha apetite. - Convidou alguém do escritório, Seels?

- Só os assistentes e quão internos realmente me agradam, e Gracie disse que podia vir, mas todos os outros se acham muito para vir a uma festa em um jardim ao norte de Londres.

- Convidou ele? - Inclusive com seu açúcar no sangue temporariamente restaurado, Neve não podia confiar em si mesma para dizer o nome dele, porque inclusive pensá-lo em sua cabeça era geral suficiente para que a escuridão caísse sobre ela.

- Depois do que te fez? É obvio que não! E não, não sei como ele está, porque está em Los Angeles, igual às últimas dez vezes que me perguntou - disse Celia. - Prometo que a festa será uma zona livre de Max.

O que era algo bom, embora o coração de Neve se negasse a aceitar que se animou um pouco ante a ideia de ver Max de novo. Talvez inclusive, cruzar com ele e tocar o braço, para que pudessem escapular-se à esquina tranquila do jardim que as rosas silvestres tratavam de colonizar, e falar as coisas, chegando a serem amigos outra vez.

- Pode convidar se quiser disse - Neve, e sabia que não parecia nem sequer um pouco casual, mas bem sim completamente desesperada. - Não me importo.

- Está morto para mim - espetou Celia. - Além de quando estou no trabalho e tenho que fazer o que diz porque tem "Editor" em seu posto. - Apertou o joelho Neve. Posso convidar Willy McWordy, se desejar.

- Ainda viajando e de verdade não quero que nosso encontro se realize quando há uma possibilidade de que um de seus amigos vomite nos jarros de plantas - disse Neve. - E inclusive não sou tamanho dez, assim ainda não posso vê-lo.

- Vai terminar com seu programa de desintoxicação de suicídio antes da festa? - Quis saber Yuri. - Porque te amo toneladas, mas não posso te ter olhando assassinarmente ao ponche de vodca. Celia olhou fixamente para Yuri, que encolheu os ombros.

Só digo. - Só tem três dias mais, não é?

- Bom, o publicitário me dará outras duas semanas de sucos com cinquenta por cento de desconto admitiu Neve e se preparou para o escândalo que Celia ia fazer.

Capítulo Trinta e Sete

Neve sempre tinha pensado em Celia como suave e maleável, mas ela demonstrou ser absolutamente rígida e inflexível durante a semana seguinte. Resistiu a todos os apelos de Neve sobre seu corpo, mesmo quando Neve dedicou uma tarde inteira arrastando a podadora ao redor do jardim, perto de amputar um par de dedos dos pés no processo, e recebeu 247 palitos de queijo recém assados na tarde do sábado, com uma cara em branco e um frio: - Obrigada.

- Fiz meu turno - disse Neve alegremente para demonstrar que não estava braba -, e antes de tomar banho, pensei em te ajudar em preparar o lugar para a festa.

- Não tem que fazer isso - disse Celia, sem muita convicção. A única vez que ela ou Yuri tinham os copos limpos era quando Neve se negava a escutar suas demandas de que o álcool esterilizava os gérmenes e os lavava ela mesma.

Trabalharam em silêncio, ou melhor Neve transportou os objetos frágeis, a roupa de desenho e acessórios para o quarto de Yuri, o qual tinha uma porta com fechadura, tirou cinco sacos de lixo, aspirou, organizou verduras e molhos em pratos de alumínio e se foi a uma loja para comprar mais lâmparinas.

Enquanto isso, Celia e Yuri tinham crises sobre o que vestir, até que era dezenove horas e ambas usavam a mesma roupa que vestiam no começo: Celia uma pólo e um short de cintura alta e suspensórios vermelhos, e Yuri modelava um macacão inteiriço em azul e branco que parecia um traje de banho Vitoriano.

Neve teve a precaução do olhar com uma expressão neutra em seu rosto. Talvez quando fosse tamanho dez, poderia começar a vestir-se mais extravagante, mas de algum jeito duvidava.

- Tudo está arrumado disse com a mesma voz brilhante que tinha utilizado durante toda a tarde. É exaustivo ter que manter o ânimo elevado. Só precisa dar o sinal.

- Obrigada, Neevy. É uma artista - disse Yuri, olhando maravilhada para a sala de estar. Não sabia que tinha um tapete sob todas essas revistas.

- Não foi nada - disse Neve, olhando para Celia. - Estou sempre disposta a ajudar.

-Celia suspirou e Neve se deu conta dos ombros cansados em derrota de sua irmã, não pôde manter o esforço de estar zangada com ela.

- Obrigada- disse ela. - De verdade, muito obrigada. Todo mundo estaria em velhas caixas enrugadas de pizza se não fosse por você.

Neve assentiu e Celia assentiu de volta, e nenhuma tinha que dizer nada mais para saber que Celia ainda seguia furiosa pelo Cleanse, mas que não se sentia mais furiosa com Neve, e ela entendia a diferença.

- Está bem. Vou subir e me trocar. - Neve fez uma pausa. - Blusa Cherry print, jeans escuros e saltos?

- Bailarinas - disse Celia com firmeza. - Esta é uma festa em casa, não em uma discoteca.

Às onze, os vizinhos, os Scoins, já tinham se queixado pelo ruído em três ocasiões e quatro membros de uma banda do Indie tinham aparecido, por isso a festa poderia ser considerada um sucesso.

Os amigos de Yuri e Celia eram um grupo intimidante de pessoas de moda e desenho, que tinha estranhos cortes de cabelo, roupa descuidada e gostavam de música que doía quando a escutava. Eram geniais com Neve, porque ser a irmã de Celia dava um passe automático, mas podia ver seus olhos deslizando longe dela depois de um par de minutos de conversa cortês. Sua blusa cherry—print, jeans (que agora eram largos e folgados como seus jeans de jornal) e Primark flip—flops simplesmente não eram suficientes.

Neve se sentou nas escadas com o Philip e Rose. Chloe e seu namorado fazia muito que tinham sido absorvidos pela multidão ruidosa do primeiro piso e desta maneira Neve podia evitar que qualquer pessoa tivesse acesso aos dois andares de superiores. Não se incomodou em especial sobre o piso do Douglas, sobre tudo porque sua contribuição para a festa foram quatro latas do Budweiser, mas não tinha ninguém fornicando em seu andar. Além disso, de seu ponto de vista, estando nas escadas podia correr até seu apartamento para usar o banheiro, quando a natureza chamasse. E o fez, com uma frequência alarmante.

- E desde quando disse ao Clive que não poderia ter sua presença tóxica em minha vida nunca mais, ele esteve absolutamente dedicado - dizia Philip com um sorriso afetuoso. — Realmente funcionou, Neve.

- Tem que tentar mantê-los interessados. - Rose falou, atirando os ombros para trás e ajustando o decote de seu vestido brilhante para mostrá-lo melhor. Um dos amigos skater de Yuri se mantinha vagando pela sala para trocar sorrisos persistentes com Rose, apesar de que tivesse pelo menos a metade de sua idade, e Neve tinha a sensação de que sua amiga não precisaria pegar o ônibus noturno de volta a Bayswater.

- Não te disse que te desfizesse dele para que tivesse uma desagradável surpresa e começasse a ser amável contigo. Disse porque é grosseiro, um sapo desprezível -recordou a Philip, zangada. Estava vencida depois de seu terceiro suco com essência de samambaias, mas tinha prometido a Yuri que o beberia o mais tarde possível para que ainda se encontrasse de humor uma vez que os pubs se esvasiassem e a festa começasse de verdade.

- Normalmente é um raio de sol nestes dias, Neevy - disse Rose. - Não se trata de seus sucos, trata-se de renunciar a comer carne. Nunca conheci um vegetariano feliz.

- Fui vegetariano por quinze anos - disse Philip mal-humorado e começaram a discutir sobre os prós e contra de uma dieta vegetariana como faziam uma vez por semana. Neve tinha ouvido tudo isto antes: Hitler era vegetariano e Philip não podia ser tão dedicado, porque tinha comido dois enrolados de porco na festa de Natal de três anos atrás.

Olhou seu relógio. Eram passadas as onze e realmente devia ter seu suco antes que golpeasse juntos as cabeças de seus colegas. Tinha uma mão sobre o ombro de Philip como um indício para ficar de pé quando Max entrou pela porta da frente que estava aberta.

Neve sentiu um rápido estremecimento de alegre, porque tinha passado quase duas semanas desde que o tinha visto pela última vez. Max parecia bronzeado de uma cor dourada que acentuou seus maçãs do rosto e fez seu cabelo alvoroçado parecer mais claro. Vestia seu melhor, os que ele chamou "*os melhores para o domingo*", que abraçavam suas pernas largas e uma camisa enrugada de tecido escocês azul e vermelho. E sorria, os olhos brilhantes, até que levantou a vista e viu Neve na parte superior das escadas, nem sentada nem de pé entre um ponto meio torpemente agachada.

Ela não sabia como Max podia fazê-lo, mas no momento que piscou, seu sorriso se reduziu e se burlava dela. Foi então, quando Neve se deu conta de que sustentava a mão de uma diminuta loira com tudo delicado, o suave delineado de suas sobrancelhas, seu nariz perfeito, de ponta inclinada e lábios que pareciam um fodido casulo de rosas. Lábios que sussurravam algo ao ouvido de Max, como ficou nas pontas dos pés pelo que Neve tinha uma clara visão de suas pernas perfeitas e nuas em shorts curtos e seus turgentes pequenos peitos tensos contra sua branca camiseta de alças.

Neve foi obrigada a reconhecer a dolorosa verdade de que embora tomasse o suco do Hardcore Cleanse até que o reinado chegue, nunca seria uma pequena do tipo fada combinada com o tipo de garota que os homens gostaria de proteger e cuidar, da forma que Max fazia; tinha seu braço ao redor da minúscula cintura dela, em caso de que uma forte brisa a tombasse.

Rose e Philip seguiam negociando os pontos crave do vegetarianismo, sem dar-se conta que o mundo de Neve parou. Max elevou suas sobrancelhas como saudação sem dizer nada. Não teria que dizer nada - seu presumido sorriso dizia tudo.

Logo, graças a Deus, Max e sua delicada ninfa se dirigiram ao andar da Celia e Yuri, e Neve esteve liberada de sua paralisia para subir correndo as escadas para seus sagrados aposentos. Não chorou, o que era um pequeno milagre. Mas sentia como se chorasse e nunca parasse.

- Não se atreva - disse em voz alta. - Max é livre para ver a pessoa que queira e você não tem direito de estar com ciúmes ou irritada porque ele não é o correto, e isso é pelo que o deixou ir. William é.

Dare a ela mesma um bate-papo crítico não fez muito bem, Neve podia sentir tremer seu lábio superior e a primeira lágrima começou a deslizar por sua face. A secou com força. Sem tratar de averiguar porque se sentia tão emocional. O suco melhoraria tudo.

Não o fez, principalmente porque se esqueceu de ter um quarto de limão à mão. Olhos chorosos, mas teve que deixá-lo devido a que as goladas pareciam ser para sempre. Não havia tempo para que cortasse um limão pela metade; engasgou-se com a fruta inteira e a mordeu com força.

De repente, golpeou o ridículo que se tornou sua vida quando se encontrava de pé em sua cozinha chupando um limão para que não vomitasse seu jantar, enquanto que abaixo, seu ex-namorado se atava em torno de uma garota que provavelmente pesava quarenta quilos molhada.

Que fazia aqui precisamente seu ex-namorado de todos os modos?

Em vez de voltar por onde tinha vindo e correr o risco de topiar com Max e sua nova garota, Neve abriu a porta da cozinha e correu pelas escadas desmanteladas de metal ao jardim, a ponto de romper o pescoço ao cair sobre os atados casais.

Era fácil encontrar Celia, era uma cabeça mais alta que todas as outras garotas e suas pernas brilhavam de branco espiritual na escuridão, iluminado pela velas que Neve tinha miserável de novo da loja de abarrote.

- Seels! - gritou Neve enquanto ainda havia meio jardim entre elas. A cabeça de Celia se voltou para ela. - Por que está aqui? - ofegou. Por que o convidou?

- Por que convidei a quem? - perguntou Celia.

- Max! Está aqui com uma garota magra que leva um par de short que são tão pequenos que só pode havê-los feito sobre sua calcinha.

Celia olhou seus próprio short, mas decidiu que não ia ali.

- Não o convidei, Neevy, juro isso - disse seriamente. - Como se atreve a penetrar em nossa festa? Quer que o mande embora?

Neve pensou ter que passar o resto da festa rondando em seu apartamento em lugar de arriscar-se a topiar com Max. Ou pior, ter que sair fora e mostrar que não se sentia irritada. Mas logo pensou em Celia indo trabalhar na segunda-feira e provavelmente obtendo um aviso prévio por expulsar o Editor chefe de sua casa.

- Bom, suponho que está bem, mas sintase livre de derramar algo acidentalmente sobre ele.

- Farei- murmurou Celia, passando uma mão por seu cabelo já revoltado.

Parecia preocupada e Neve queria perguntar se tudo ia ficar bem quando viu o Douglas de pé justo detrás dela, e por sua cara tensa e a distração da Celia, deu-se conta de que os tinha interrompido em meio de algo.

- O que está acontecendo?

- Nada - disse Douglas muito rápido. Já se movia longe de Celia, que moveu uma mão e agarrou por braço.

- Não tão rápido, idiota! - disse. - A que você fez, Neve?

Poderia ter feito qualquer de um grande número de coisas.

- O que?

- Olhe, Seels, não é teu assunto...

- Beijou uma das amigas da Yuri. - Celia se voltando para trás, seus olhos completamente abertos por um escândalo que Neve compartilhava totalmente.

- Você? - Neve ficou sem fôlego. - Mas está casado!

Douglas jogou a cabeça para trás e emitiu um som que era metade grunhido, metade gemido.

- E? Ambas odeiam a Charlie, assim não atuem como se lhes importassem seus sentimentos.

- Ainda não tem direito de perverter a minhas amigas.

- Mencionei que está casado? - assinalou Neve de novo. E não se importava com Charlotte; de fato, mas ainda se sentia zangada em seu nome. Tinha que ser outro estranho efeito secundário. - Fez votos, votos solenes, de ser fiel e se foi por muito pouco tempo e já está com outras mulheres como se não significasse nada para você. Está estragando todos os momentos especiais que compartilharam juntos. Deveria estar envergonhado de si mesmo!

- Bom, não estou! - rugiu Douglas falou repente, e Neve viu uma multidão de pessoas reunidas para presenciar aos Slaters brigando, o que era uma tradição que usualmente mantinham a porta fechada. - As duas a odeiam, bom, podem casar com ela e vejam quanto aguentam!

Passou junto a elas, empurrando Neve para Celia, e quando os braços de Celia trataram de fechar-se a seu redor, Neve se liberou freneticamente. Não podia suportar ser tocada nesse momento.

- É desprezível - destrambelhou Neve. Comportando-se assim quando está casado, inclusive embora eu odeie a Charlotte.

- Sei que o faz. Eu também - disse Celia com cuidado. - Está segura de que isto não é mais sobre Max e as bebidas dietéticas, que nem sequer tive energia para aceitar, do que vai sua causa?

- Gostaria que só de me concentrar em perder peso e não tivesse me desviado com todo esse lixo de relações panquecas, porque Max era só uma perda de tempo e esforço.

- Jogou para trás o cabelo com raiva. - Ele pode sair com quem quer. Supereil!

- Neevy, escuta o que você diz. - Celia olhava sobre a cabeça de Neve franzindo o cenho. - Podemos falar disto mais tarde? Sobe as escadas e toma um gole ou algo, e não deixe que Yuri veja que passaste para o lado escuro outra vez.

A viagem de Neve pela escada de incêndios era inclusive muito perigosa quando era difícil ver aonde ia com uma névoa vermelha diante de seus olhos.

Por que os homens eram tão previsíveis em sua maneira completamente imprevisível? Justo quando pensa que os tem descoberto, fazem um dissimulado, sob movimento que te faz vê-los em uma nova, pouco favorecedora luz.

Não era suficiente que Douglas se casou com a Charlotte. Agora tinha que ir e enganá-la também, por isso teria inclusive mais raciocínio para fazer a vida de Neve um total, inferno vivente.

Inclusive William a distraía enquanto se atormentava perguntando-se sobre sua grande, importante pergunta que não tinha feito porque era impossível para eles estar no mesmo continente em um momento conveniente para ambos.

E logo se encontrava Max, pensou Neve, enquanto atirava da porta de sua cozinha. Passeando com a Miss Calças Quentes só para esfregar na cara o fato de que estava acostumado a um calibre muito maior de garota em sua cama.

- Deus, os odeio a todos! - gritou, agarrando sua garrafa de suco vazia e lançando-a através da cozinha onde se chocou com sua cortiça e desprendeu meia dúzia de ganchos. - Maldita, maldita seja!

- Então, ainda sem usar a palavra com J? - disse uma voz divertida. E ali se achava Max na porta. O primeiro pensamento de Neve foi que era uma lástima que já tivesse jogado o único míssil adequado que tinha tido à mão porque atirá-lo em Max teria sido muito mais satisfatório.

E seu segundo pensamento foi:

- Como chegou aqui? - demandou com as mãos nos quadris.

Max levantou sua chave extra, já que tinha ido tão abruptamente que nunca tinham tido tempo de devolver as chaves das portas ou trocar as fechaduras ou qualquer dessas coisas que teriam assegurado que Max não estivesse agora em sua cozinha sem ser convidado.

- Deveria ter chamado.

- Chamei, não houve resposta - Max com calma, como se sua voz furiosa e seu cenho não afetassem o mínimo.

- Assim pensou que tinha que entrar, verdade? - Neve avançou, sua mão estendida. - Me dê a chave e então poderá voltar para a festa a que não foi convidado e encontrar à pequena loira com a que veio.

Tinha que ver-se bastante aterradora nesse momento, com a cara vermelha e vibrando de raiva, mas Max se manteve firme e nem sequer se alterou quando Neve esteve o suficientemente perto para cravar o dedo em seu peito.

- Não o faça, Neevy - disse com serenidade. - É um pouco grosseiro. De qualquer maneira, meu terapeuta disse que deveria tentar restabelecer um aberto, honesto diálogo contigo e a forma em que uma relação termina é tão...

- OH, disse, não disse? Assim acaba de subir aqui sem convite, com uma garota que é tudo o que não sou?

- Jane é uma amiga. Uma amiga felizmente casada cujo marido trabalha com a Yuri e nos seguiu uma vez que teve oportunidade de ir ao escritório.

Neve bufou; um bufo muito mais infantil do que tivesse gostado.

- Sempre anda de mãos dada com as esposas de seus amigos? - logo que as palavras se precipitaram fora de sua boca, Neve quis retirá-las. Tal como foram as coisas, realmente não podia culpar Max por olhá-la tão desdenhosamente.

- Assim agora é uma perita em segurar mãos, não? De todos os modos, pensei que estaria envolta nos braços do Sr. Califórnia. - Girou sua cabeça para poder olhar na entrada. - Onde ele está?

- Ele não está... Não é assunto teu onde está.

- Não está aqui?

- Não -admitiu a contra gosto, e deu um comprido respiro para tratar de centrar-se, mas quando os dedos de Max se fecharam ao redor de seus pulsos, deu um coice nervoso e tratou de liberar-se. - O que está fazendo? Solte-me!

- Ficou com ciúmes quando me viu com Jane?

- Não! Claro que não! Só pensei que era de má educação que...

- E uma merda - murmurou Max em seu ouvido, e sua respiração fez cócegas e a fez tremer como se fosse pleno inverno e não uma noite de caloroso verão. - Ficou ciumenta, justo como eu estou ante a ideia de ti e o Sr. Califórnia juntos.

Neve sentiu a ira começar a desvanecer-se.

- Queria te explicar, mas você simplesmente foi. Foi tão rápido que era como se nunca tivesse estado aqui absolutamente.

As mãos do Max seguiam ao redor de seus pulsos, mas agora pareciam reconfortantes.

- Queria que me desse um sinal... - Fechou os olhos e quando os abriu de novo, Neve pôde ver sua própria tristeza refletida. - Se tivesse me dado qualquer razão para ter esperança, tivesse levado a cabo um protesto pacífico.

- Mas não me deu a mais mínima indicação de que queria algo mais. Neve tentou relaxar, mas seu coração não estava nisso. - Esperei indícios suficientes.

- Não, não o fiz. Perguntou-me se me sentia preparado para ser outro segundo panqueca de garota - disse Max. - Então um par de dias mais tarde, disse-me que ele retornava e chegou a hora de ir.

- Nunca falei dessa maneira - protestou Neve, lutando para ter as mãos livres de novo porque estar de pé tão perto de Max, e ter esta conversa eram muito intenso quando tinha todas essas emoções que não se atreveu a sentir borbulhando outra vez.

- Cada vez que pensava no William voltando, pensava em você e como não queria que terminássemos. É complicado...

Max ainda a sustentava, seus polegares acariciando o lugar de seus pulsos onde seu pulso trovejava.

- Descomplica-o então. Senti saudades?

- É obvio que o fiz! Senti muitas saudades, dói-me por isso.

- Então, e só então, - Max a liberou, mas foi só para que Neve pudesse rodear com seus braços ao redor do pescoço e então se beijaram. Ela não podia dizer quem se inclinou primeiro, mas de repente aí estava o familiar, mas tão impactante toque de lábios com lábios. Começou extremamente lento, como se necessitassem tempo para voltar a familiarizar-se, mas com o primeiro deslizamento da língua de Max em sua boca, fez-se mais rápido e se aferram um ao outro, mãos aprofundando e desabotoando, dente mordendo, e depois de acalmar a dor da distância, Neve podia sentir suas pernas cedendo enquanto Max a atirava sobre o chão linóleo branco e negro e, então se recostou sobre ela, seus lábios voltando-a louca enquanto beijava seu pescoço.

Beijos.

- Quando te vi nas escadas há algum minutos atrás, tinha esquecido quão formosa é - sussurrou contra sua pele.

- Gordinha, não formosa - corrigiu amavelmente, passando seu dedo a comprido de seu nariz. - Mas você é formoso.

- Inclusive o seu estranho complexo de inferioridade. - Max sorriu e se esfregou contra seu corpo, assim pôde sentir seu membro pressionando sobre a costura de suas calças onde seu clitóris palpitava freneticamente.

- Não é inferioridade. É uma questão de opinião. Estou coberta de espinhas -

disse Neve, e não sabia porque sentia a necessidade de compartilhar isso com Max, mas então se sentiu feliz de havê-lo feito, porque ele beijou cada um desses pontos vermelhos em sua testa, queixo e bochechas, inclusive apesar de que alguns deles começavam a arrebentar. - Não faça isso, é completamente anti-higiênico. Beije-me na boca melhor.

A Neve nem sequer importava se fossem fazer sexo no chão da cozinha. Só importava percorrer com seus dedos o corpo de Max enquanto ele tratava de tirar a carteira do bolso traseiro de seus jeans, os quais estavam a meio caminho de suas pernas. Sentou-se reta para ajudar a baixar seu jeans que caíam agora em seus tornozelos.

- Quer que ir para o quarto? - perguntou Max, recostando seus cotovelos para que pudesse olhá-la ali com sua blusa desabotoada e sua calcinha.

E possivelmente estavam destinados a estar juntos porque Neve não acreditava jamais poder relaxar e estar despida com alguém mais. Mas não acreditava pensar isso quando estivesse saltando de uma perna a outra.

- Preciso fazer pipi! - gritou, porque tinham acontecido horas desde que tomou seu último suco e sempre queria ir ao banho em momentos menos esperados. Estranho Agora! Não se mexa!

Tampouco podia acreditar que compartilhasse informação sobre suas funções corporais com alguém que não fosse Max, pensou Neve, enquanto lavava as mãos e olhava seu rosto no espelho. Via-se tão ruborizada que suas espinhas sequer eram notáveis e gostava do aspecto que tinha quando se encontrava com Max; com os lábios inchados e os olhos como pratos. Escutou-o na cozinha dizendo em voz alta - Mas que merda!

- Enquanto abria a porta do banheiro e se encontrava a ponto de ordenar com voz sedutora que fosse para o dormitório, quando viu que ele espiava na geladeira, em uma mão a garrafa vazia do Cleanse que tinha deixado na cozinha.

- Max? - disse vacilante e ele se deteve, com a cabeça seguindo no refrigerador.

- Que merda? - disse outra vez, sua voz afogada, e logo se endireitou e em sua outra mão havia uma caixa que continha uma garrafa de três sucos para amanhã. - O que está fazendo com esta merda?

- Bom, estou me desintoxicando, é por isso que fui ao banheiro disse Neve cuidadosamente. - O corpo tem muitas toxinas que não pode desfazer-se, e os níveis de energia baixam e...

- Está fazendo isto para perder peso? E isso porque surpreendia?

- Sabe que minha meta é ser tamanho dez. Não é um segredo.

Max tratou de encolher-se, mas seus ombros se esticaram tanto de ira que foi algo brusco.

- E que tem que mau com o que fazia antes?

- Isso demora muito tempo.

- OH, assim quer resultados rápidos. É curioso que tome um suco para perder peso justo quando o Sr. Califórnia retorna triunfalmente - gritou Max e Neve não sabia como podia estar ali ainda nu, ainda meio duro e falando totalmente confortável, enquanto que ela desejava ter a roupa posta. Se iam falar de seu corpo, então não queria que suas proeminências fossem visíveis.

- Olhe, aumentei dois quilos quando estava com você. - Não importo o muito que o tentasse, suas palavras soaram como uma acusação. - Não sou como as outras garotas. Não posso perder cinco quilos deixando de comer doces e batatas fritas. Preciso fazer um esforço maior.

Não podia suportar mais tempo, entrou na cozinha encurvada para ocultar seu ventre e suas coxas enquanto pegava com uma mão seu jeans.

- Essa não é razão suficiente para beber está merda! - Max sacudiu as garrafas com o precioso líquido, para fazer ver seu ponto, e Neve conteve a respiração enquanto se balançavam. Inclusive com uns centavos de descontos, era muito cara cada garrafa.

- Pode abaixa-las? Com cuidado, por favor - rogou ela, deslizando um pé em seus jeans. E pode se virar enquanto me visto?

Max deixou cair as garrafas sobre a mesa com tanta força que ricochetearam e quando Neve gemeu em sinal de protesto, Seu rosto ficou tão vermelho e furioso que não se surpreenderia se visse vapor sair de seus ouvidos como nas caricaturas.

- Não deveria beber está merda! - gritou. - Duas pessoas morreram em Nova Iorque bebendo Cleanse.

- Provavelmente tinham problemas médicos - murmurou Neve.

- Que diabos há com você? - gritou Max. - Realmente, acha que mudará quando for um tamanho dez? Qual será a diferença?

Neve não respondeu, em primeiro lugar porque se encontrava subindo seu jeans e necessitava tempo para pensar, embora sua técnica fosse óbvia.

- Serei diferente - disse eventualmente. - Serei feliz. Serei normal.

- Não sei como pode ser a pessoa mais inteligente que conheço e também a mais estúpida - espetou Max, enquanto puxava suas calças. - O que acontecerá magicamente quando for tamanho dez para que se sinta diferente e feliz e normal?

- Serei diferente - disse com ferocidade, como se porque o dissesse com suficiente veemência fora a fazê-lo verdade. - A única razão pela que quer que

sigla sendo gorda é porque não pode ter uma relação com uma garota que seja o bastante magra e o bastante linda para que possa te exigir algo.

- Isso é uma merda - balbuciou Max.

- É uma merda que esteja me julgando quando está muito longe de ser perfeito gritou - Neve, sua voz tão alta que sua garganta ardeu. - Volta para o seu terapeuta e pratica sobre sua intimidade quando o único problema é uma incontrolável urgência por dormir com garotas todas as noites. Você é quem tem um problema, não eu!

- Te falei sobre essas garotas. Nenhuma delas, nem as modelos ou atrizes, foi tão vaidosa como você é - disse Max. Não gritava mais, mas cuspiu suas palavras como balas. - Não é autocrítica, carinho. É a mais egocêntrica narcisista que conheci.

- Arrumado a que nem sequer sabe o que significa narcisismo! - Max já não gritava, mas Neve sem dúvida o fazia. - Pelo menos William está ao meu nível intelectual.

- Alguma vez funcionará uma relação entre vocês, sabe, não?

Foi como se um copo de água gelada fosse jogado em sua cara. Max se achava completamente imóvel, não havia necessidade de fazer nenhum gesto para enfatizar seus pontos, só estar ali de pé com suas mãos nos bolsos.

- Sim, funcionará - disse Neve, enquanto se tranquilizava também.

Max começou a caminhar para ela, seu rosto tão inexpressivo e sério que Neve deu um passo atrás. Logo, ele mudou de direção para assim estar de pé frente a sua lousa e ver uma das fotos presas com fita adesiva.

- Não, não funcionará - disse, sua mão cobrindo a fotografia de Neve e William tomada em uma festa ao ar livre em Oxford. Era a única foto que Neve podia olhar sem criticar-se. Ela e William se encontravam sentados em uma banca e ela sorria de orelha a orelha para a câmara, enquanto William se encontrava de perfil e a olhava com tanta ternura que a mão de Max ocultou seus rostos como se incomodasse as felizes lembranças que tinha de William. - Isto não é tão real como o que nós temos.

- Não sabe do que está falando - disse Neve mordaz, seus olhos disparavam adagas as costas de Max enquanto ele se aproximava da foto para inspecioná-la. - O que William e eu temos... Bom, não espero que alguém como você o compreenda.

Não era frequente que Neve escolhesse suas palavras com o único objetivo de infligir dano, mas sentiu uma pontada de satisfação ao ver o corpo do Max ficar rígido; entretanto, quando girou para ela, sua expressão era pensativa.

- Não há nada que entender. - Max inclinou a cabeça. - Tudo o que tem é um

montão de palavras complicadas ao ar. Ao muito, o que poderá fazer é tomar é o de segurar sua mão. É uma mal que nunca poderá avançar desse ponto.

O rosto de Neve avermelhou, logo empalideceu, e voltou a avermelhar. Sentia-se mais quente que um milhão de sóis, ardentes e flamejantes sozinhos.

- Sai daqui!

Não havia uma faca ou algo afiada perto para poder tirar um olho, mas recolheu a camisa de Max do chão e a lançou.

Apanhou-a com uma mão, o qual foi ainda mais irritante.

- Bom, não há nada que valha a pena para ficar.

Não queria vê-lo outra vez, e certamente Max se sentia exatamente da mesma maneira, mas não podia ignorá-lo enquanto ele estava somente de meias e sapatos enquanto ela ficava ali com as mãos em seus quadris, seus olhos entrecerrados e uma terrível ira borbulhava e esticava seus músculos que brigavam por não envolver as mãos em sua traqueia.

Foi um curto caminho até a porta principal, a qual ela abriu de repente. Dois dos amigos de Celia se encontravam sentados nas escadas fumando néscio e não se incomodaram em fingir que não tinham estado escutando, porque se deram uma cotovelada entre eles e riram quando viram o olhar no rosto de Neve.

- Vai - vaiou com os dentes apertados, e logo ficou contra a parede, enquanto Max passava junto a ela.

Já estava pronta para fechar a porta detrás dele, de uma maneira que teria Charlotte teria gritando, mas Max se deteve sob a soleira da porta.

- Uma última coisa - disse mansamente.

E agora o que? Lembrou da chave.

- Sua chave?

- Deem-me isso.

- Inclusive se chegar a ser tamanho zero, sempre será uma garota gorda, Neevy - sussurrou Max em seu ouvido, enquanto se separava dele. - Não sabe como ser de outra maneira.

Suas palavras foram como uma faca afundando-se em seu estômago uma e outra vez, cravando-se em sua pele e carne, doeu tanto que Neve teve que pressionar a palma de sua mão fortemente em seu estômago para tratar de aliviar a dor.

Max passou a seu lado com elegância para ir embora, mas ao último momento, girou a cabeça para assim olhar fixamente os olhos chorosos dela. Neve pôde ver quando compreendeu a força de suas palavras. Todas as coisas terríveis que disseram um ao outro, as acusações e contra-acusações que se jogaram, Max tinha cruzado uma linha

- Não devi... - começou com estupidez. - Retiro o que disse.

Neve abaixou a cabeça para assim não ter que vê-lo e ondeou uma mão em direção ao corredor, tornando-se para trás quando ele alargou sua mão para tocar sua bochecha.

- Olhe, sinto muito - disse, e ainda não partia.

Ela deveria ir. - Posso te dizer algo?

Neve deu um passo adiante, suas mãos golpearam fortemente o peito do Max para empurrá-lo longe da porta.

- Foda-se! - disse, e fechou de repente a porta em sua cara.

Capítulo Trinta e Oito

Depois da raiva, veio o dilúvio.

Neve sabia que as violentas mudanças de humor não durariam para sempre, mas não imaginou que pudessem ser substituídos por um ataque de melancolia que a levou até a cama, de onde não queria sair.

Embora chamasse de melancolia, devido a que evocava imagens de damas Vitorianas recostadas em uma espreguiçadeira enquanto suas consternadas mães secavam suas testas com lenços empapados de água aromatizada, ela o sentia mais como depressão.

Uma grande depressão que tinha tons vermelhos, maquiagem deslocada, e uns tons azuis que a faziam ver como se a tivessem golpeado, especialmente pelos escuros círculos nos olhos de Neve por não deixar de chorar. Só saía da cama era para ir à cozinha, beber seu suco, ir ao banho depois de que o suco sortisse efeito, e se arrastava de volta à cama para chorar até adormecer.

Apesar do que Max disse, Neve não era estúpida. Sabia que sua melancolia era em grande parte pelo Cleanse, mas tudo isto, o xixi, acne, mudanças de humor, tudo valeria a pena se os quilos se fossem.

Ainda não se pesava porque temia da absoluta e indiscutível verdade que encontraria. Que nada valeu a pena, que só perdeu umas gramas e a seus amigos e familiares. Quão único Neve sabia, era que não se sentia mais magra.

Mas evitar sentir algo novo era com o que Neve tratava de lutar nestes dias. Quebrou-se em pequenas pedações, assim não acreditava ser capaz de voltar a ser ela mesma, não depois da briga com Max.

Havia vergonha por todas as coisas horrendas e cheias de ódio que disse porque se sentia zangada, não as tinha querido dizer, mas já era muito tarde para retratar-se. É obvio, ele respondeu com coisas horrendas e com ódio, mas as merecia. Além da única coisa que a feriu, odiou perder o controle, deixar-se levar pelo calor do momento.

Sempre será uma garota gorda. Não sabe como ser outra coisa.

Foi a sórdida e secreta verdade que Neve sempre separava do pensamento antes de formar-se por completo. Max o disse em voz alta porque depois de uns poucos meses, conhecia-a melhor que ninguém.

Isto era o pior de ter uma relação com alguém, inclusive uma relação fingida. Se abrir, permite- a pessoa entrar, e quando tudo termina, a “*pessoa*” têm todas as munições que precisa para te destruir por completo. Quando Max falou sobre sua gordura antes, na noite que se despiu para ele, disse que ambos sabiam que estava fodida, e que provavelmente seria assim para sempre.

Ser tamanho dez se tornou uma obsessão para Neve, mas não mudou nada?

Se era ainda uma estranha, nada normal, um inseto estranho?

Todo isso ricocheteava dentro do cérebro de Neve, provocando dor de cabeça e fazendo-a chorar, até que na manhã do quinto dia pôs um basta, quando despertou com lágrimas rolando por suas bochechas novamente.

- Suficiente! - disse em voz alta, forçando a si mesma a sentar-se. - Isto tem que parar.

Levantou-se da cama com as pernas tremendo, tirando os lençóis e as jogando na máquina de lavar roupa, para depois se dirigir ao banheiro para desfazer-se do suor de cinco e das de lágrimas de cinco dias.

Logo, envolta em sua grande toalha velha, a qual infundia segurança, foi à cozinha por sua garrafa de café da manhã Cleanse, e conectou o telefone. Celia ligou para o Arquivo para lhes dizer que Neve tinha uma gripe do verão, já que a velha desculpa de *"tem o coração quebrado"* nunca funcionaria, assim havia várias mensagens obstinadas do Sr. Freemont quanto à quando ia retornar. Também havia consultas menos mal-humoradas de Rose, Chloe e Philip, as quais fizeram Neve se sentir bem, já que pessoas não relacionadas com sua família se preocupavam com ela, mas depois essa sensação desapareceu. Quando viu que tinha uma chamada perdida e uma mensagem de voz de William, foi como um farol de esperança aceso em uma guerra post-apocalíptica.

Neve tocou um ponto particularmente doloroso em seu queixo enquanto escutava a mensagem de William.

- Neve? Sou eu William. Retornei a Londres. Encontremos nos logo que seja humanamente possível. Tenho algumas notícias e logo que posso irei te ver. Me liga.

Com a mão tremendo ligeiramente, Neve retornou a chamada de William, sem dar-se tempo para refletir sobre as consequências de um movimento tão audaz. Precisava trocar o rumo de sua vida, e agora que William retornava a sua vida, sabia como fazer que acontecesse.

- Ah, é a escorregadia Srta. Slater - disse antes que Neve inclusive pudesse saudá-lo.

- Onde esteve? Te liguei no domingo e hoje é quinta-feira. Inclusive em LA, três dias ultrapassa o padrão de retornar chamadas.

- Estava gripada. A gripe do verão - explicou Neve com uma voz rouca.

- OH, pobrezinha. Deve ser por isso que soa rouca. Está melhor agora?

Fisicamente, encontrava-se bem. Emocionalmente, certamente uma forte rajada de ventos a derrubaria.

- Acredito que estou pronta para me levantar e continuar.

- Bom, estive tentando falar com você antes. Saírei da cidade este fim de

semana.

Neve olhou para o teto com desespero. Não de novo.

- OH. Então, irei vê-lo quando voltar?

- Não, tenho que te ver antes de ir. - disse William firmemente. - O que te parece amanhã à noite?

Neve baixou o olhar para suas pernas sem depilar, e sentiu uma pontada em seu estômago envolto com a toalha. Logo riscou o contorno de seu rosto, até que recordou a última vez que William a tinha visto, era o dobro de mulher que é agora. Via-se muito melhor que naquele tempo.

- Amanhã? Amanhã sexta-feira? - esclareceu.

- Sim - disse William com um sorriso. - Se importa se formos para o sul? Sei quanto você gosta do norte londrino.

- Bom, até o Southbank é quão máximo vou até o sul admitiu Neve, já vendo ela e William caminhando de mãos dadas, já que

William tomaria sua mão em seu primeiro encontro. - Parece bom?

- Deus, é tão paroquial, Neve - suspirou William, e logo riu outra vez, como se sua falta de vontade para cruzar o Támesis fosse absolutamente adorável. - De acordo, vemo-nos no bar do sexto andar? A vista ali é impressionante.

- Soa bem concordou Neve. - Bom, nós veremos então, suponho.

- Mau posso esperar - disse William. - E tenho duas surpresas para você, assim se prepare.

Desligou e Neve se sentou na cadeira vermelha no que pareceu um longo momento, contemplando o novo rumo que sua vida ia tomar. As mudanças eram boas. Isso era o que precisava - William é o que precisava assim, por que sentia como se William já não fosse seu destino e só uma maneira de substituir Max?

Neve se levantou, tentaria mudar sua vida ao ir até o Finsbury Park com a cabeça clara. Logo, olhou-se no espelho. E quase não pôde evitar não gritar enquanto examinava seu rosto e as acnes que pareciam haver-se multiplicado enquanto falava com William. Na realidade, os pontos pareciam menores.

Precisava de uma mudança radical de imagem. Precisava de um pouco de creme para acne. Realmente necessitava um corte de cabelo e precisava de Celia como nunca antes a precisou.

Neve nunca apreciou os talentos de Celia. Nunca entendeu que gastasse tanto dinheiro por um par de botas novas só porque estavam *"muito na moda"*.

Mas nunca tinha tido uma emergência de moda e beleza como a que tinha agora, e Celia, Deus a abençoe, já se encontrava pronta e equipada para a

ocasião.

Chegou em casa do trabalho com uma grande bolsa cheia de poções, unguentos e cremes, cortesia do Departamento de Beleza do Skirt, e cobriu o rosto de Neve com uma massa que cheirava a esterco de cavalo, mas garantia erradicar cem por cento de manchas faciais durante a noite.

Celia inclusive marcou um encontro para que Neve fosse à manicura e pedicura, corte e penteado do cabelo, depilação das axilas, pernas e virilha, antes de ir saquear o armário da Skirt.

- Encontrei vários objetos perfeitos para você - disse Celia. - Já pensou no que você gostaria de vestir?

- Um vestido - murmurou Neve, porque era difícil mover a boca quando seu rosto se encontrava coberto por uma forte máscara de cimento. Um vestido lindo. Como chamam esses que são muito compridos e folgados?

- Maxivestidos - respondeu Celia. - Um, não acredito que tenha as pernas tão largas para esses vestidos. Afundaria nele.

Difícilmente-soprou Neve.

- Não faça isso! Quebrará a máscara. Esta coisa é caríssima - espetou Celia. - E não comece com tudo isso de "*Cheira horroroso*". Que tamanho é agora?

Neve decidiu encolher os ombros para não mover seus músculos faciais.

- Era quase quatorze antes de começar Cleanse.

- É difícil saber o que há debaixo - queixou-se Celia, fazendo uma careta enquanto assinalava a volumosa bata que Neve vestia. Logo, fez uma careta diferente, uma expressão mais séria. Olhe, Neve, sabe que te amo? Amo cada parte de você e quero que seja feliz, se pensa que William é sua felicidade, bom, te ajudarei...

- Mas? - perguntou Neve, porque sabia que em seu discurso havia um "*Mas*".

- Mas tem que prometer deixar Cleanse, porque aparentemente há pessoas que morrem por isso, e já não é a mesma e sinto falta de você finalizou Celia com desdém, porque quase começava a chorar.

- Sei - disse Neve em voz baixa, porque já tinha chegado à mesma conclusão durante suas horas na cama. De todos os modos, uma vez que visse William amanhã, a verdade sairia à luz. Esperava não ser um tamanho trinta e dois por obcecar-se sendo tamanho dez. - Tenho sucos para amanhã, mas depois será o fim.

- Promete?

- Prometo!

- Promete pela vida da mamãe e do papai? exigiu Celia. - Não, espera, jura pela tumba do Jane Austen?

- Seels! Farei. Prometo. Tomarei os sucos amanhã e depois começarei a introduzir a comida sólida.

- De acordo. - Celia parecia satisfeita com a sinceridade de Neve, mas franzia o cenho ao corpo de sua irmã. Ainda precisamos saber seu tamanho. Por que não te pesa? Assim saberá suas medidas.

- Não podemos nos apoiar em hipóteses? - rogou Neve.

- Não está nem um pouquinho curiosa por saber quanto peso perdeu? - perguntou Celia. Quero dizer, seu rosto parece mais magro e posso ver que seu peito está menor.

Neve quase morria de curiosidade, mas também tinha muito medo do resultado. Quanto mais tempo o adiava, mais medo e curiosidade sentia. Especialmente se tinha um encontro no outro dia.

- Não sei - disse, vacilante.

- Não contarei a ninguém. Nem sequer a mamãe declarou Celia, levantando do sofá.

- Especialmente nada a mamãe! - Neve ofegou, e se levantou também e seguiu Celia fora da sala enquanto apertava com força o cinto do roupão.

Neve começava a pensar que Celia poderia ser despedida por ajudar, mas ela se sentou na banheira e mostrou uma grande paciência enquanto Neve reunia força; movendo-se de um lado a outro, até que pareceu um pouco estranha toda esta situação em seu banheiro.

- De acordo, farei - disse Neve desnecessariamente. Tomou uma profunda respiração e tirou seu roupão, logo ficou ali de pé somente de sutiã e calcinha.

Celia manteve sua vista em um ponto no cotovelo direito de Neve.

Um, quanto mais cedo subir à balança, mais cedo sairemos da dúvida.

Neve fechou seus olhos e deu um passo para a balança. Era um aparelho elegante e caro que dava o peso em libras e quilogramas e quase não tinha comprado pelo alto preço. Relaxou-se, esperando que logo terminasse.

- Não diga nenhuma palavra - pediu a Celia, seus olhos ainda fortemente fechados.

- Olhe a tela e não me diga quanto peso, só me diga se for menor de setenta e cinco quilos.

Escutou Celia aproximar.

- Sim, é menos.

- Menos de setenta e três quilos?
- Não seria mais fácil se te dissesse seu peso?
- Só responde a pergunta, Seels.
- Sim, é mais baixo.
- É menos de setenta quilos?

- Sim, e Cristo, ficaremos toda a noite aqui - disse Celia com um tom de desespero. - Pesa sessenta e oito quilos. Está feliz?

- Mais de cinco quilos - disse Neve, seus olhos se abriram de repente enquanto abaixava o olhar para os números. Saltou da balança, logo subiu de novo, pressionando tão forte como pôde seus pés. O número vacilou e por um delicioso momento, o ponteiro do relógio baixou a sessenta e sete quilogramas, antes de retornar ao número anterior.

- Só perdi cinco em três semanas suspirou. - Se não tivesse passado cinco dias na cama sem fazer exercício, provavelmente tivesse perdido mais.

- Amo você e não te estou julgando, mas estou muito perto de te apunhalar o coração com a pinça de sobrelanceiras neste momento grunhiu Celia. - Perdeu seis quilos, o que é fantástico, embora não posso tolerar que usasse esse estúpido Cleanse e lembre-se que fez uma promessa, não vá quebra-la.

- Não o farei, mas devia ter perdido mais que isto. Tomei muito líquido! - Neve olhou para suas coxas, as quais pareciam iguais à sempre. - Não sei de onde saíram estes quilos, mas definitivamente não foram das minhas pernas.

Celia já recolhia a fita métrica que Neve mantinha no banheiro. Deslizou-a ao redor do peito de Neve, e antes de que pudesse queixar-se uma vez mais, cuspiu os números.

- 91! - E moveu a cinta à cintura. - 76! - E logo baixo à parte mais larga do corpo de Neve, seus quadris. - 100!

Se perdeu sete centímetros de quadris, então, por que parecia como se tivesse dado a luz a quadrigêmeos? Neve rapidamente deslizou outra vez sua bata e uma vez que esteve agasalhada se sentiu melhor.

Bom, são boas notícias - disse, e tratou de soar sincera. Deveria sê-lo, mas ali de pé, frente ao enorme espelho que ocupava quase toda uma parede, não se sentia diferente.

Capítulo Trinta e Nove

Neve nunca tinha estado no escritório da Skirt antes, preferindo esperar em baixo na recepção sempre que se encontrou com Celia no trabalho. Mas essa tarde, foi acompanhada ao sétimo andar do edifício Meia Magnum pelo último interino de Celia, um duende de olhos saltados chamado Seth e a conduziu através do escritório de planta aberta, a qual ela tinha esperado que estivesse ocupada por modelos esbeltas do tipo revista de moda. Tranquilizantemente, ali havia muitos corpos normais usando roupa normal e inclusive restos de um bolo de aniversário sobre uma mesa enquanto Neve caminhou à parte de atrás do escritório onde o Departamento de moda tinha seu corte.

Aqui, havia mulheres muito magras levando o tipo de roupa que Neve nunca poderia entender, mas que Celia sempre descrevia como "*direcional*".

Neve tinha tido uma vaga introdução com todos os membros do Departamento de moda em numerosas ocasiões, mas ao que parece não se lembravam dela. Sentia-se, também, profundamente envergonhada de suas calças folgadas de cano e sua túnica, a que era completamente unidirecional. Ficou aliviada quando viu Celia parada na porta do cubículo de moda, pronta para cruzar os portais sagrados.

Essa não foi a única razão.

Ele não está aqui? Max, quero dizer - perguntou Neve em um furtivo sussurro logo que Celia fechou a porta.

- Ele nunca vem às sextas-feiras pela tarde - Celia, de fato meia hora mais e este lugar será uma cidade fantasma.

- Mas só são três em ponto!

- E seu ponto é? - Celia cruzou os braços. - Vamos dar uma olhada.

Neve ficou de pé aí torpemente, com as mãos pendurando languidamente aos lados. Sentia-se esgotada depois de um dia de ir e vir com os tratamentos de beleza, as quais não eram muito divertidas sem uma manada de bufões que sujeitassem sua mão ou mantiveram sua taça de champanha. - A cera na virilha foi particularmente horrível, e quanto ao cabeleireiro....

- Ele era muito autoritário. - disse Neve para Celia, quem escrutinava as alvorçadas, mas brilhantes ondas de seu cabelo. Neve nem sequer sabia que seu cabelo tinha a capacidade de ondular-se. - Negou-se absolutamente a me fazer esse rabo-de-cavalo que eu gosto. Disse que era muito do ano passado.

- Bem, é um pouco sim disse Celia com simpatia. - Seu cabelo parece genial, você parece genial! - Agarrou sua mão e a moveu como se pudesse injetar um pouco de alegria através do poder do tato.

- Ainda sigo fico imaginando que William irá me ligar e cancelar. Assim estou me perguntando se devo ligar e cancelar eu. - confessou Neve sentando-se em um banquinho e olhando ao redor. O Ambiente era realmente uma grande delineado com trilhos para roupa, os quais estavam repletos de roupas de todas as cores e malhas inimagináveis desde estampa de leopardo a casacos de lã vermelhos. Havia pares de sapatos arrumados nos trilhos e uma série de armários e prateleiras carregadas de bolsas e caixas com acessórios. Era como estar no closet da Celia, ao que se referia grandiosamente como seu "*roupeiro*" mas à milésima potência.

- Não sei se me jogo ou caíu em lágrimas, francamente.

- Foram umas semanas duras - murmurou Celia com tato. - E bom, isto é o momento, não? Três anos de preparo, para conseguir este momento. Está pouco entusiasmada, não?

- Sim, bom, estou tentando. Supõe-se que há uma fina linha entre os nervos histéricos e o entusiasmo.

- Esse é o espírito - disse Celia secamente quando passou através dos bastidores de vestidos. - Separei algumas coisas para você, mas o mais importante, segure esta caixa de plástico. Segunda estante à esquerda, a terceira caixa. Não quis dizer nada ontem à noite, mas seu sutiã é muito grande. Calculo que deve ser um trinta e dois DD agora.

Celia contava bem e depois de comprovar duas vezes que a porta do gabinete se encontrava fechada, Neve se aproximou cautelosamente do trilho da roupa.

Ela rechaçou 90 por cento das roupas sem sequer prová-las. Não ia usar nada sem mangas, nada acima dos joelhos e seguro que nada com um chamativo estampado floral. Isso deixou três vestidos no varal. Neve provou um vestido com um mosaico multicolorido de pescoço quadrado, mas não tinha um bom caimento na cintura e se amontoava nos quadris. Logo, havia um vestido de listas verticais com o que pensou pareceria magra, mas se veria como um detento em um acampamento. Quando se aproximou do último vestido, ambas contiveram a respiração. Era um vestido cruzado feito com um pulôver de seda marrom chocolate. Comparado com as escandalosas opiniões da Celia sobre roupa, sentia-se como um velho amigo.

Neve se deslizou dentro dele e brigou com as mangas de sino até que seus braços ficaram adequadamente. Logo, colocou um cinto de um laço à cintura. Só depois de fazê-lo se dignou a olhar-se no espelho, que se encontrava apoiado na única parte de parede disponível.

Parecia... Bem. Mais que bem. De fato, via-se melhor do que nunca tinha estado, além daquela tarde no Manchester onde foi adornada com lantejoulas e tinha um grande cabelo e um brilho que nada tinha a ver com a grande quantidade de maquiagem que usava agora. O vestido se ajustava sobre seu ventre e a parte inferior, fazia que a cintura de Neve se visse positivamente

minúscula e se não fosse por seus pés nus e sua cara e a forma em que mordia o lábio inferior. Pareceria elegante e sofisticada.

- Acredito que este me serve. Você não? - disse ao final.

- Só para você saber, esse vestido é um Diane Von Fursternberg, tamanho oito e você se vê absolutamente maravilhosa com ele - gritou Celia, então tentou agarrar Neve para dar voltas ao redor, mas por sorte Neve a viu vir e se defendeu. - Fez-o, Neevy! Você malditamente o fez!

- Bom este é um tamanho oito americano, o que é realmente um doze e é um vestido cruzado, assim não conta.

- Um tamanho oito de desenhista - disse Celia outra vez, com muita ênfase. - Como se sente? Neve deu uma volta lenta de 360 graus.

- Não acredito que em um tamanho doze se notasse está flacidez - disse por último beliscando os pneuzinhos de sua barriga. - Não é um tamanho doze correto, de algum modo estou me enganando dentro deste tamanho doze.

- Maldição Neve! Não pode ser feliz e tomar só um momento para desfrutar dessa felicidade?

Neve tentava com todas suas forças... Mas quando aparecia esse abismo de euforia, escutava o eco de sua voz.

Você sempre será uma garota gorda. Não sabe como ser outra coisa.

- Estou tentando Celia – implorou. - Fui gorda minha vida toda, estou no tamanho doze há uns cinco minutos, toma um pouco de tempo se acostumar.

- Sabe, durante esse mês quando andava apaixonada pelo Max e nunca falava sobre seu peso, se queixando de como você gostaria de estar ou de como iria ou melhoraria sua vida se fosse um tamanho dez informou Celia a sua irmã grosseiramente-, Deus, acredito que foi o mês mais feliz de minha vida.

- Seels, isso não é justo!

- Sabe o que não é justo, passei por muitos problemas te pedindo roupa, te programando entrevistas de beleza, inclusive quando tinha que fazer a classificação para três sessões de moda e nem sequer me agradeceste isso.

Neve baixou a cabeça.

- Tem razão, sinto muito. - É como a brincadeira da garota gorda, não tinha a Max também para dizer que era a mais egoísta que alguma vez tinha conhecido? - Juro que farei isto bom para você. - Celia a olhou pouco convencida.

- Não precisa fazer isso, me mataria de sorrir? Neve obediente, levantou os cantos de sua boca - Assim?

- Parece que acabam de tirar as demólicas do julgamento - disse Celia, mas

soava menos mal-humorada e quando Neve colocou sua língua fora, riu. - É só porque é minha irmã se não já estaria morta.

- Aprecio Seels e agora que William voltou e podemos estar juntos vou estar feliz - disse Neve, inclusive quando se perguntava porque sua felicidade sempre tinha que depender de alguém mais.

Era incapaz de encontrar a felicidade por si mesma?

Parecia que Celia também pensava assim

- Posso ser feliz só me conectando a net-a-porter e acrescentar roupa cara a minha lista de desejos. - Disse.

- Ou escutando a Glorifica Gaynor realmente alto ou olhando aos desagradáveis homens que chegam ao metro todos suarentos por que acreditam que estão com sorte. A felicidade realmente não é difícil de encontrar.

- Obviamente você está é resolvida que eu. - Neve segurou a saia de seu vestido.

- Isto é muito bonito. Que calçado devo usar?

- OH, escolhi-te estas magníficas sandálias da Alaia. - disse Celia entusiasmada, imediatamente desviou sua atenção da falta total de felicidade de Neve, deixou-se cair de joelho para poder procurar através das filas de sapatos sobre o chão. Tirou um par de sandálias perigosamente altas com delicadas tiras de couro. - Teria que pôr tampas na sola, assim tenta evitar o chão molhado.

Neve não se atrevia a discutir sobre quão inteligente era pôr saltos de cinco centímetros. Inclusive se sentou em um banquinho quieta e docilmente enquanto as duas garotas do Departamento de Beleza pulverizavam seus produtos por todo seu rosto livre de acnes. Neve dizia que o estilo de olhos esfumados era inclusive mais ultrapassado do que a rabo-de-cavalo por isso elas foram pelo orvalhado. Estilo natural.

O orvalhado, estilo natural tomou mais de uma hora para fazer-se, mas quando as garotas do Departamento finalmente devolveram o rosto de Neve a seu verdadeiro proprietário, esteve forçada a admitir que foi um tempo bem gasto.

Sua pele parecia perfeita, como se não, mais que quando tinha começado com a desintoxicação. Tinha um brilho radiante, seus olhos eram enormes e o brilho rosa fazia seus lábios mais provocantes no do normalmente já eram. Parecia como uma garota a que olhariam duas vezes enquanto andava pela cidade balançando sua bolsa de couro (Celia tinha confiscado a maltratada maleta de Neve) e dando a impressão de que era uma pessoa com lugares aos que ir e gente a que ver. E realmente era essa garota... Com um grito de medo, Neve olhou para o relógio e se deu conta que tinha meia hora para chegar dos escritórios Skirt no Marble Arch até o South Bank em meio de uma sexta-feira.

- Seels, todo mundo, muito obrigada. - disse a toda pressa. - Pagarei lhes, mas agora tenho que ir. A linha do Bakerloo estará lotada!

Mas Neve nunca descobriria como de cheia se encontrava a linha do Bakerloo porque usar o transporte público ficava estritamente proibido quando usava emprestado peças de desenhista.

Celia desceu à rua com Neve para ajudá-la a parar um táxi preto assim talvez Neve poderia canalizasse como o tipo de garota que poderia vestir-se assim, porque cedo ou tarde se separaria de seu braço, um táxi fez um legal ou ilegal e parou a seu lado.

- Obrigada, obrigada, obrigada - exclamou metade dentro, metade fora do táxi.

- Acredito que tem que fazer todos os pagamentos de agradecimento na parte dianteira agora - assinalou Celia dando a Neve um rápido abraço. - Agora, lembre-se, não fale de dietas nem desintoxicações. Aborrece-o até a morte falando sobre livros de tipos mortos e o terá comendo em sua mão.

O tráfico está infernal, assim Neve não teve outro remédio que fechar a porta e afundar-se no assento enquanto Celia ria na calçada e a saudava como uma louca.

Agora que Neve estava toda reformada e a caminho de conhecer seu destino, não havia tempo para fazer outra coisa que preocupar-se. Para começar, a razão por como nos últimos meses William tinha passado de estar ao final de seus pensamentos a ser algo com o que teria que tratar em algum momento sem especificar seu futuro.

Mas o futuro era agora, e inclusive enquanto tentava pensar em possíveis conversas típicas com William, não podia deixar de pensar em Max. Enquanto tinha sido arremessada do escritório Skirt por Celia, pôde ver um grande quadro de um Staffordshire Bull Terrier pendurado na parede; Keith posando para uma foto e parecendo formoso era revoltante também. Justo quando Neve foi golpeada por uma onda de nostalgia pelo Keith, tinha visto o escritório com revistas bem empilhadas, os espinhos de rosa brilhante das novelas WAG, um tubo do Brylcreem em cima e uma foto assinada em branco e negro da Madonna... O escritório do Max. Queria parar e percorrer seus dedos pelas coisas que ele eram dele, as coisas que olhava cada vez que se sentava ali, mas a mão de Celia tinha estado na parte baixa de suas costas enquanto a empurrava Neve para o elevador e não houve tempo.

Não havia tempo agora, o único homem no qual devia pensar era William. Max só tinha que ser um namorado principiante com o que cometer os típicos enganos de uma relação para logo aprender deles. Nesse caso, o romance com William devia ser algo fácil porque tinha cometido tantos enganos com Max que teria que ter aprendido algumas lições, por outro lado, não tinha nada para ensinar de todos aqueles meses, exceto um coração que foi maltratado e ferido.

Graças a seu amor de taxista pelo ilegal giro e o fato de que tinha feito a fiel promessa: *"Senhora estarei de volta no Poplar as sete e trinta em ponto"*, Neve foi depositada na entrada do Royal Festival Hall exatamente quando faltavam dez minutos para as sete. Tinha tempo para ir ao banheiro e retocar sua maquiagem, ambos, o orvalhado e o estilo natural seguiam cumprindo sua missão, assim era, pensou que as ondas de seu cabelo teriam começado a desfazer-se, depois de subir lentamente seis andares porque não queria chegar suarenta e sem respiração.

Enquanto Neve esperava na recepção, as mãos nem sequer tremiam, entretanto os dedos de seus pés se apertaram compulsivamente nas sandálias emprestadas e tinha problemas para respirar. E respirar era importante.

Quando o garçom chegou, Neve descobriu logo que podia exalar o nome de William e de sua reserva, enquanto se cambaleava ainda sabia como pôr um pé diante do outro para seguir ao homem através da ambiente iluminado.

Seu olhar se fixou imediatamente nas costas do garçom enquanto se detinha perto de uma das mesas da janela, tudo o que Neve pôde fazer foi olhar com acanhamento sobre seu ombro... e aí o viu; William a segurava com calma uma cópia do *The Time* e a olhava diretamente.

Capítulo Quarenta

- Meu Deus - disse. Logo o disse de novo. - Meu deus.

O garçom se retirou e Neve ficou sem ninguém para esconder-se atrás e nunca havia se sentido tão exposta e vulnerável antes, nem sequer na maca da depiladora ou de pé na suíte do hotel completamente nua frente na Max.

Levantou sua mão em débil saudação e decidiu que poderia desfrutar da expressão de assombro no rosto de William porque sua comoção por sua transformação era uma reivindicação. A prova de que levantar-se às seis da manhã para ir para a academia e renunciar aos bolos e chocolate e outras coisas doces e inclusive beber sucos miseráveis haviam valido a pena.

Os olhos do William a percorreram uma e outra vez e logo se detiveram em seus pés, os quais se viam enrugados já que não recordava como desenrugá-los.

- Sou eu - disse ao fim porque William não dizia nada.

William se levantou de seu assento como se estivesse obrigando-se a si mesmo a sair de sua inércia. Deve ter funcionado já que depois ficou de pé.

- É. - disse brandamente, sua mão sustentando a cintura de Neve durante um emocionante momento quando roçou seus lábios contra sua bochecha. - Sinto muito. Não te conheci. Mudou o corte de cabelo?

Neve acariciou o cabelo, o qual cada vez parecia menos revoltado com cada minuto que se passava.

- Bom, sim, suponho - disse enquanto William tirava a cadeira no lado oposto a dele para que pudesse sentar-se. Não tinha esperado que perguntasse quanto peso tinha perdido, mas o comentário sobre seu cabelo parecia ingênuo, pensou, até que William se sentou e sorriu. Era um sorriso cálido e genuíno como se tudo em seu mundo estivesse bem, só porque ela se encontrava sentada ali.

Não o tinha mencionado porque era falta de educação comentar sobre o peso de outra pessoa, ou a falta dele, era grosseiro. Não queria envergonhá-la.

Devolveu o sorriso, e logo sua mão se posou sobre a dela por um pequeno instante.

-Faz muito tempo, Neve.

Em sua cabeça, sua beleza se atenuou, feito-se aborrecida com o tempo, mas Neve podia ver que o menino de ouro seguia tão dourado como sempre: seu cabelo loiro iluminado pelo sol de Califórnia, seus olhos mais azuis ante sua pele bronzeada. Levava uma camisa branca e calças jeans, via-se como se tivesse tomado um passeio através de uma grama da Nova Inglaterra para chegar aqui.

- Senti saudades - disse Neve e William sorriu de novo, e nesse momento

tudo o que tinha acontecido nos últimos meses se desvaneceu, não importava, nunca tinha existido. Só William.

Três anos, Will. Não desapareça por tanto tempo outra vez.

- Não o farei, prometo - disse, e desta vez posou sua mão sobre a dela e a deixou ali enquanto fazia um sinal a um garçom. - Deveríamos pedir champanha?

Neve ainda se sentia doente dos nervos, e uma taça de champanha a ajudaria a relaxar. Ainda melhor, poderiam até brindar por seu futuro, olhando-se aos olhos, chocando suas taças, mas ela não tinha comido mantimentos sólidos nas últimas semanas e não queria correr o risco de que depois de dois goles estivesse tão bêbada que tiraria a roupa e faria a dança da vitória.

- Só água para mim - disse. - Com quatro metades de limão ao lado.

William tinha estado olhando-a tanto tempo que não piscou ou se alterou por seu pedido ou quando espremeu as quatro metades de limão no copo para que a água deslizasse livremente. - Sempre foste uma pequena coisa estranha - murmurou.

Ele fazia soar suas peculiaridades adoráveis, em lugar de neuróticas, Neve pensou enquanto tomava um gole. - Então, como está? - perguntou. - Me conte tudo.

Começou a falar e depois de um minuto, Neve se acomodou em sua cadeira, finalmente relaxando. Riu um pouco quando William descreveu a um dos estudantes em seu grupo de tutoria e assentiu simpaticamente quando ele começou a recordar suas batalhas com Decano.

Tinha estado olhando o Olho de Londres por muito tempo, tratando de detectar sua rotação, quase imprevisível, quando se deu conta de que William falava da poesia lírica e Neve se retorcia nervosamente em sua cadeira. Era o tratamento de limpeza. Passou-se sua hora do suco da tarde e não era uma surpresa que estivesse distraída. Endireitou-se e abriu os olhos para poder emprestar atenção ao que William dizia.

- ...E se pode separar a ideologia de Pound^{86} de sua criatividade, ou ambos estão intrinsecamente vinculados?

Estaria condenada se ela soubesse. Neve sorriu vagamente. William devolveu o sorriso e seguiu falando, o que parecia bem já que podia descansar seu queixo em sua mão e ver a forma em que seus lábios se moviam enquanto fazia palavras sair deles.

Era tão bonito. Do tipo que a fazia sentir como se ainda não fosse digna, mas quando William sorriu, enquanto chegava ao final de seu monólogo sobre a Ezra Pound, era como estar banhada pelo sol.

Embora talvez isso devesse as grandes janelas que ocupavam toda uma parede, Neve poderia olhar para baixo às pessoas perambulando pelas bordas do

rio, ver os cruzeiros sobre a água...

- Neve? Estou te aborrecendo? Obrigou-se a voltar sua atenção para William e ao que seja que estivesse falando agora; não tinha ideia.

Não, é obvio que não - assegurou . William franziu o cenho como se suspeitasse que não tivesse estado escutando uma só palavra do que havia dito. - Por favor, continue.

- Te falava a respeito das diferenças entre o mundo acadêmico na Grã-Bretanha e Estados Unidos, refiro-me à Costa Oeste. Como sabe, fiz minha conferência sobre os poetas românticos no Amherst e fui recebido com muito mais rigor intelectual - disse William e Neve se deu conta de que tinha levantado o pescoço de sua camisa e deslizava seu lábio inferior com sua língua ao falar.

Deus, não queria estar nua com ele. O pensamento apareceu espontaneamente. Não era um pensamento novo. Era um pensamento antigo, embora pelo geral era mais como uma manta, Deus, nunca quereria estar nua com ninguém, nem sequer um médico.

Tampouco eu gostaria de vê-lo nu. Isto era novo, porque agora que o pensava, Neve nunca tinha imaginado seus corpos nus colidindo, retorcendo-se brandamente um sobre o outro, na forma em que corpos nus o faziam quando ela e o amor de sua vida se encontravam preparados para consumir esse amor e fazê-lo oficial.

Neve estudou William atentamente, que sorriu agora que podia ver que emprestava atenção. Era formoso, vestido elegantemente, era ferozmente inteligente e ela absolutamente não gostava.

Não se inquietou em sua cadeira porque tinha essa doce dor em seu estômago, mas sim porque se aborrecia. Tratou de recordar de novo aquelas tardes em Oxford na casa de William, onde se sentavam a falar por horas. Neve tinha estado segura que o amava nesse período, mas agora não se sentia tão segura. Amava vê-lo, isso não tinha mudado e tinha estado feliz por sua atenção, o tempo que tinha dado, mas nenhuma só vez tinha desejado que a abraçasse contra ele frente ao fogo de lenha (que tinha mais fumaça que nada), que arrancasse a roupa e fizesse amor freneticamente e apaixonadamente.

Não poderia ter sido só uma fachada. Era real. Tinha que sê-lo.

William tinha terminado de fazer buracos no sistema educativo americano, e para pôr a prova sua nova, e alarmante, teoria, Neve apertou seus cotovelos até juntá-los para dar-se mais decote e o olhou desde debaixo de suas pestanas, em um meio sorriso em seus lábios.

A única vez que o tinha tentado com Max, e essa vez tinha sido completamente intencional, disse que nunca o voltasse a fazer, especialmente não no Caffé Nero, porque estava a cinco minutos de arrastá-la para banheiro e fazer algo que proibiria a entrada dos dois em qualquer Caffé Nero do país.

William deu um olhar rapidamente a seus peitos, um momento que deveria

haver dado um sentimento de formigamento e tirar o ar, mas Neve não sentiu nada. Nem sequer quando sua perna roçou a dela quando trocou de posição.

Neve suspirou e cruzou seus braços.

Assim - disse. - Disse-me que tinha duas surpresas para mim, assim talvez deveria começar com esta grande, mudança de vida, que tem que me perguntar?

Quando William a convidasse a sair, ou Deus não o queira, declarasse seu amor, ela o sentiria. Tinha que fazê-lo.

- Está segura que está preparada para isso? - perguntou William brincando.

- Por favor, William, estou em uma agonia de incerteza - disse Neve, e tinha a boca seca e tremia ligeiramente, mas não sabia se era por antecipação, temor ou a falta de líquidos.

- Como se sente a respeito de ter que viver comigo ao Warwickshire?

- Desculpa? - balbuciou Neve, porque parecia cair em meio de ser convidada a sair e uma proposta de matrimônio.

- Bom, não comigo, mas sim te recolocar - disse William e Neve queria gritar que chegasse ao fodido ponto. - Estou tomando o cargo de Professor Titular no Departamento de Virilhas da Universidade do Warwickshire e você vai ser minha ajudante de investigação.

- Vou? - Tudo o que Neve sentiu foi alívio de que William não propôs algo que os levaria a terminar nus. Alívio e incontável quantidade de confusão. - Não são a maioria dos assistentes de investigação estudantes com Doutorado?

Falei com o Decano do Postgrado e está mais que feliz de te aceitar em seu programa de doutorado - disse com orgulho. - Estou seguro que não terá problemas obtendo financiamento, e é obvio, posso te ajudar com um pequeno salário, embora claro, não será capaz de me ajudar até seu segundo ano. Pensei que poderia ampliar seu mestrado a para sua tese. Sobre o que era?

- Sobre guerras: A recuperação das novelas feministas - respondeu em voz baixa, William deveria ter recordado o título de sua tese de mestrado, tendo em conta as inumeráveis cartas que tinha escrito a respeito. - Sinto muito, William, me desculpe se estiver errada sobre isto, mas o que te fez pensar que queria começar a trabalhar em uma tese de Doutorado?

- Bom, não pode ser minha assistente de investigação a menos que seja uma estudante com doutorado - explicou com impaciência. - Sei que queria esperar uns anos, mas cada dia que passa nessa biblioteca é um dia mais que seus músculos intelectuais se atrofiam.

- Não é uma biblioteca, é um arquivo literário - espetou Neve. - Eu gosto de trabalhar ali e ponho a trabalhar meus músculos intelectuais todos os dias, muito obrigada.

- É obvio que sim - disse. - Ou pensa que o faz, mas isso é só porque está tanto tempo sem o vigor do debate acadêmico de todos os dias.

Tinham vigorosos debates todos os dias no Arquivo, mas era em sua maioria sobre que cardigã Nossa Senhora da Muito santo Hankie levaria quando aparecesse cinco minutos depois de que abrissem ou adivinhar os origens das novas manchas na gravata do senhor Freemont.

- Eu gosto de trabalhar lá - repetiu Neve com firmeza. - Eu gosto das pessoas que trabalham comigo e faço coisas diferentes todos os dias. Inclusive irei a um curso de reparação de livros no outono e estou escre...

- Mas descida escrever um livro - interrompeu William, arrebatando as palavras de sua boca.

- OH...

- Né, pensei que poderia te persuadir se todo o resto falhasse - disse. - Acredito que eu gostaria de escrever um par de volumes sobre a correlação entre o Romantismo e a Idade Moderna.

- Mas o Romantismo não é minha especialidade.

- Sim, mas não o estaria escrevendo, eu o faria - recordou. - Embora, é obvio, não poderia fazê-lo sem sua ajuda.

- William...

- Pensei que poderíamos trabalhar em uma sinopse e os três primeiros capítulos e logo começar a fazer visitas aos agentes e...

-William! - Neve teve que dizer seu nome duramente para que pudessem falar. - Já estou escrevendo um livro. Bom, comecei.

- Está escrevendo um livro? - Não havia necessidade de que soasse tão incrédulo ou ligeiramente divertido. - Uma novela?

Não, é uma biografia sobre Lucy Keener e estou editando seus poemas e histórias curtas, embora meu agente pense que poderia publicá-los separado, depois de que ele obtenha um acordo para seu filme. - disse Neve e tinha querido dar a notícia com orgulho, mas William tinha o cenho franzido e não parecia entusiasmado.

- Tem um agente? - perguntou William, com um grau de rancor na voz.

- Sim... Bem, Jacob Morrison. Estava acostumado a trabalhar no Arquivo quando voltou de Cambridge e agora está na Junta de Síndicos. - Encolheu os ombros. - Pode ser que não chegue a nada, mas...

- Não, é maravilhoso. Estou feliz por você, é só que me pegou de surpresa disse.

- Tragou saliva como se estivesse tragando sua própria decepção e ressentimento, mas logo deu de presente um desses sorrisos pelos que vivia quando estava em Oxford.

- Sinto muito - disse Neve e agora foi seu turno de cobrir sua mão com a dela e apertar seus dedos. - Não foi minha intenção te bombardear com isto. Ia escrever, mas acredito que pode dizer que não fui uma boa correspondente nos últimos meses, verdade?

- Bom, parece que estava ocupada - disse. Entrelaçou seus dedos com os dela e quão único Neve sentiu foi tristeza por ter perdido tanto tempo amando a um William que só existia em sua cabeça. - Realmente não vai deixar que viva na forragem da selva do Warwickshire por mim mesmo?

Abordaram o tema por quase uma hora, William enumerando as virtudes do Departamento de Virilhas da Universidade do Warwickshire, a formosa paisagem, a cena artística e a maneira em que não poderia fazê-lo sem ela, os quais não eram suficientes.

Neve ainda tratava de processar o alarmante descobrimento de que não estava louca e apaixonadamente apaixonada por William.

- Sou uma garota Londrina, nascida e criada aqui - insistiu. Warwickshire é o país e o país está cheio de grandes animais pesados que cheiram horrível e eu não gosto das botas de água.

William sorriu de novo, embora agora carecia de sua potência habitual.

- Não me importaria se queria jogar com seu livro em seu próprio tempo.

Acaso não tinha ouvido nenhuma palavra do que havia dito? Neve entreceitou os olhos, pronta para dar outra negativa, mais explícita, quando viu os olhos de William revoando com apreço nela. Era está sua forma de dizer que queria estar com ela em uma relação de apoio mútuo literário como Elizabeth Barrett^[87] e Robert Browning^[88], ou Scott^[89] e Zelda Fitzgerald^[90]? Apesar de que não tinha resultado bem para as pobres Lizzie ou Zelda.

Temo-me que tenha que recusar sua amável oferta - brincou Neve fracamente enquanto que ele franzia o cenho.

- Isto não tem nada a ver com essa transformação? - Fez um gesto com a mão vagamente para a direção de seu corpo de tamanho doze. - Estou tratando de entender, assim me perdoe se não o disser adequadamente, mas agora pela maneira em que te vê, sente que não é necessário que se esforce tanto na frente intelectual?

Logo que as palavras saíram de sua boca, Neve podia ver que as lamentava. Embora talvez isso fosse pela maneira em que o olhava.

- Desculpa? - cuspiu, e como Douglas e Celia sempre tinham falado, não importava que Neve alguma vez amaldiçoara porque podia fazer que Desculpa?

soasse como foda-se. - Acha que fiz tudo isto para poder dar um descanso a meu cérebro? É isso o que realmente pensa?

William agitou suas mãos inutilmente.

- Neve... Sinto muito. Isso saiu mal. - afastou o cabelo da testa. - Assim, te mudar para Warwickshire comigo é um não definitivo?

Ela assentiu com a cabeça, estava tão zangada que não confiava em si mesmo para falar.

- Está cheia de surpresas esta tarde - disse William, tocando o pescoço da camisa já que sua evidente fúria o deixou desconcertado. - Não é só a forma em que te vê... Mudou desde que fui.

- Passaram-se três anos - disse Neve, tomando a decisão consciente de deixar sua ira se esvaír.... Não valia a pena e William não tinha culpa por não estar à altura de suas expectativas. Não havia nenhum homem vivo, nem sequer Dalai Lama, foi perfeito. Ela tampouco se media na escala da perfeição. - Não acredito que todas as mudanças que tenho feito tenham sido necessariamente para melhor.

- Acredito que se chama a idade.

- Bem, como é, empresta.

Sentaram-se ali por um momento, nenhum dos dois sem dizer nada. Neve começou a perguntar-se quanto tempo tinha para ficar ali sentada, antes de ser o tempo indicado para poder fazer suas desculpas e partir. Encontrar-se com William não tinha sido nada mais que agonia, uma atrás da outra, e necessitava tempo a sós para lamber suas feridas metafóricas, empacotar todos esses sonhos loucos de adolescente e chegar ao acordo com sua realização de que William não era seu ingresso de ouro, e que tudo o que tinha era uma vida sem o Max nela. Uma miserável, pequena e solitária vida.

Neve levantou a cabeça para dizer ao William, ou ao menos dizer algo entre dentes, sobre uma entrevista a que tinha que assistir, mas William nem sequer a olhava. Olhava através do ambiente. Depois sorriu.

Neve pensou que tinha memorizado seus sorrisos, mas nunca tinha visto este antes. William parecia incandescente enquanto levantava a mão e a agitava freneticamente a alguém.

Neve olhou por cima de seu ombro para ver uma garota aproximando-se de sua mesa, seu sorriso tão luminoso como o de William.

Este ficou de pé, bem a tempo para que a garota lançasse seus braços ao redor dele.

- Baby. - disse em um acento americano. - Senti saudades.

- Eu também senti saudades - disse William, e inclusive sua voz soava diferente, mais suave, mais ligeira, mais feliz. - A tarde parecia durar uma

eternidade.

A garota riu e logo riu um pouco mais quando William fez cócegas na cintura quando a deixou ir. A única pessoa que não sorria ou fazia algo a não ser ficar sentada ali com uma expressão congelada em seu rosto, era Neve.

William foi procurar outra cadeira e Neve tratou de sorrir, mas se sentia mais como uma careta quando a garota dirigiu uma amável mais branco olhar, como se não tivesse esperado encontrar a Neve ali.

Ela era bonita. Talvez a mulher mais bonita que Neve tinha visto na vida real. Era alta e magra, não só magra, com corpo tonificado e comprido e ondulante cabelo cor caramelo, o qual empurrou para trás com uma mão nervosamente e Neve pôde obter uma melhor visão de seu rosto, o qual era perfeitamente simétrico, livre de maquiagem e formosa. Neve se maravilhou de que ambas tinham olhos, nariz e boca, mas as dela eram medíocres, as desta garota pareciam como se tivessem sido esculpidas por uma mão divina.

E, é obvio, levava uma calça jeans desbotada, uma camiseta branca e chinelos com uma elegância singela que as fazia parecer de alta costura, enquanto que Neve se encontrava sentada ali com um vestido e sutiã emprestados, um par do Spanx, sandálias que machucavam seus pés, e seu cabelo cada vez mais desgrehado do aspecto natural que tinha tomado a duas pessoas uma hora de obtê-lo.

- Aqui, baby - disse William com orgulho, colocando uma cadeira de couro frente à garota, como se tivesse ido pessoalmente até o Conran Shop e a tivesse levado sobre seus ombros até aqui. - O que quer beber?

A visão queria uma taça de Chardonna⁽⁹¹⁾, William ordenava outra garrafa de cerveja e Neve sabia que não podia levantar-se e ir-se, pelo menos não durante outra meia hora, mas tampouco podia sentar-se ali sóbria.

- Vou tomar uma taça do Sauvignon Blanc⁽⁹²⁾ - disse ao garçom.

- Um copo grande.

-Assim, Amy, esta é Neve, quem fez que meus últimos três anos em Oxford fossem suportáveis - disse William enquanto que Amy estendia uma mão para Neve. - Neve, esta é a outra surpresa que te queria falar. Eu gostaria que conhecesse a Amy, uma muito querida amiga que é, bom... De algum jeito consegui convencer a de que...

- William respirou profundamente. - Tratarei de dizê-lo de uma vez mais. Neve, eu gostaria que conhecesse a Amy, minha noiva. - As mãos de Neve suavam, mas Amy não se alterou enquanto se estreitavam as mãos, só sorriu com incerteza.

- OH, Neve! Mas é tão bonita - disse, depois soltou uma risada nervosa. - Refiro-me a que, William me falou muito de você.

-Isso é gracioso, pensou Neve. -Ele não me disse nada sobre você.

- Nunca disse... - começou com tom acusador, porque tinha havido todas essas cartas e nenhuma vez William tinha mencionado estar apaixonado por outra mulher e planejava confrontá-lo ante sua fidelidade, mas logo se deteve. Tinha havido algumas referências indiretas sobre um amigo próximo e algo sobre yogurt congelado. Amy parecia do tipo de garota que seria evangélica sobre... Isso era tudo? As delícias refrescantes do yogurt congelado. Neve controlou sua perseguição verbal, obrigando a sua rancorosa voz que se calasse. Pelo menos, William o tinha dado a entender, enquanto que tinha havido muitas coisas, muitas, que ela não havia sentido a necessidade de inclusive dar uma vaga sugestão.

O garçom chegou com suas bebidas e Neve virtualmente arrebatou o copo da bandeja e bebeu um gole. Podia sentir o álcool disparar até seu estômago vazio.

Ambos a olhavam nervosamente como se sua felicidade dependesse de sua reação ante suas bodas. Não havia nenhuma razão para estar ali sentada sentindo-se amargurada e ciumenta quando já tinha renunciado a qualquer reclamação sobre ele. Neve levantou sua taça para que seu vinho se transformasse em líquido dourado enquanto este contrastava pelo espetacular pôr-do-sol.

- Parabéns - disse. - Espero que tenham um muito longo e feliz matrimônio.

Amy voltou a rir e William deixou escapar um suspiro. Tinha todo o direito de sentir-se nervoso em todo momento que rogava para deixar seu posto de trabalho para segui-lo à região central, não tinha pensado em dizer que ia ser terceira em discórdia.

- Queria que fosse uma surpresa - explicou William fracamente.

- Bom, missão cumprida - disse Neve, porque só tomava um bom vinho para fazê-la soltar a língua. Voltou-se para a Amy. De todos os modos, é uma grata surpresa. - Assim, como se conheceram? Conheceram-se em uma cafeteria onde Amy limpava mesas. Nem sequer porque tomava classes de atuação ou tinha grandes ambições de ser descoberta por um caça talentos ou um agente, mas sim porque... Pensou que poderia estar limpando mesas em Dê Moines, Iowa ou poderia servir mesas em Hollywood. Amy tinha tomado o pedido de William de um café com leite e um pãozinho, e tudo tinha sido amor à primeira vista. Logo, durante sua viagem, porque, é obvio, tinha levado a Amy em sua odisseia literária, William se tinha dado conta de que não podia suportar deixar a Amy no lado equivocado do Atlântico e ficou sobre um joelho no corredor do Rowan Carvalho, antiga casa do William Faulkner^{93} em Oxford, Mississippi.

Neve queria que Amy fosse uma cadela para que pudesse odiá-la, só um pouco, mas não o era. Era doce e encantadora, como se não soubesse que era tão formosa que podia sair-se com a sua cara num sê-lo. A única desvantagem de Amy era sua risada, a qual começava a irritar os já destruídos nervos de Neve, e

sua grave falta de inteligência ou conhecimento de livros, cale ou qualquer outro tipo de inteligência.

- Pensei que sempre chovia na Inglaterra - disse a Neve. -

Mas está tão ensolarado. Acha que estará ensolarado no War-wick?

- Baby, já disse isso, o segundo "w" é mudo - disse William. Amy ainda tinha a cabeça girada na direção de Neve de modo que não o viu pôr seus olhos em branco ou olhar a Neve com um sorriso triste que ela devia retornar.

Mas não o fez. Assim Amy não era a melhor ferramenta William ainda queria casar-se com ela. Apesar de todo seu intelecto e conhecimento da quarta onda do feminismo, tinha escolhido a beleza sobre o cérebro, queria sentar cabeça com uma garota que era preciosa e risonha, mas que nunca seria capaz de pronunciar inclusive Heidegger^{94}, e muito menos debater os finos pontos de Ser e Tiempo^{95}. E ele tinha tido o descaramento de dizer que sua mudança de imagem tinha diminuído drasticamente seus pontos de CI^{96}.

Neve sorriu vagamente para Amy enquanto que a outra garota conversava animadamente sobre como não podia esperar para ver War-wick e sentiu outra pontada de pesar de que William tinha cansado a uns quantos centímetros mais de seu pedestal. Tinha passado todos esses anos obcecada e suspirando pela inteligência e beleza de William, porque nem sequer se deu conta do que carecia.

Não era divertido, não era perceptivo, não a compreendia, para nada, e Deus, ele não era Max.

- ..saindo, Neve?

Neve piscou quando Amy disse seu nome e se deu conta de que seu copo quase se esvaziou, a habitação dava voltas a seu redor e ambos a olhavam espectador.

- Sinto muito - disse. - Não te ouvi.

- Amy te perguntou se está saindo com alguém? - explicou William, dando a sua noiva um olhar severo. Já não está na Califórnia, baby. Pelo geral, é de mau gosto fazer perguntas pessoais às pessoas que acaba de conhecer.

- OH, sinto muito, Neve. Não quis ser grosseira.

- Não foi - disse, dando a William um olhar de recriminação. - Conheço o William há anos assim se vocês estão comprometidos, então não somos estranhos, não? Somos amigos que não se conhecem entre si... Ainda.

Amy assentiu com a cabeça.

- Eu gosto de como isso soa.

- A mim também - disse Neve, surpreendida ao dar-se conta que o dizia a sério. Sentia pena pela Amy, trocar a ensolarada Costa Oeste por uma pequena e

cinza vida em uma cidade onde não conhecia ninguém exceto ao William.

War-wick não está tão longe de Londres de trem.

- Isso é muito amável de sua parte - disse William, embora não soava como se estivesse a ponto de dar cambalhotas ante o pensamento de que seriam BFF^{97}.

- Tem que estar saindo com alguém - insistiu Amy enquanto que William suspirava. - William sempre me diz quão inteligente é, mas nunca me disse que era tão bonita. Refiro-me a que, né, vi fotos suas, mas já sabe... Não se parece nada disso agora.

- Amy... William suspirou de novo e se voltou para ele com um gesto de desesperança e um olhar de dor.

- Perdi muito peso desde que William me viu da última vez - disse Neve, sua voz carecendo de orgulho ante seu lucro. - Queria que isso fosse minha surpresa.

- Sim, bem, você está ótima - disse William incomodado, porque não queria reconhecer a esta nova e linda Neve como a garota que conhecia. Neve o entendia agora. Se a tinha amado, inclusive na forma menor, tinha sido por seu cérebro e sua devoção para ele.

Ter que enfrentar o fato de que Neve era algo mais que cérebro, que poderia ser um ser sexual, tinha que ser como uma dor de cabeça para ele como foi para ela descobrir que não o amava e inclusive se o fazia, ele queria passar o resto de sua vida com alguém que não era ela.

Tudo era tão doloroso, tão incômodo que Neve queria deslizar-se de sua cadeira e esconder-se debaixo da mesa. Em lugar disso, sorriu estupidamente, Amy riu e William obteve um sorriso enquanto apertava as mãos delas.

- Por todo o sagrado, não é fantástico? Minhas duas garotas favoritas finalmente chegam a conhecer-se. Amy e Neve murmuraram seu acordo e ela não sabia quanto mais poderia tomar porque tudo era tão...

- Então, Neve, alguma vez disse se tem namorado ou não? - perguntou Amy novamente e Neve suspeitou que a outra garota se desesperava mais por fechar o enorme buraco na conversa que o saber a verdade de sua vida amorosa. Além disso, esta foi a parte que Neve tinha ensaiado uma e outra vez, embora quando o fazia, era William quem o perguntava. E ela respondia de maneira casual, indiferente para que soubesse que já não era a parva e gorda garota que tinha deixado atrás. Que era uma mulher do mundo.

- Saía com alguém. - Conseguiu tirar as palavras através do grande nó na garganta.

- Mas não funcionou.

- OH, sinto muito - sussurrou Amy. - Tinha problemas de compromisso?

Neve rapidamente negou com a cabeça porque já não era capaz de falar. Era muito. A expectativa, a decepção e, o pior de tudo, agora que William já não era uma distração, tudo o que podia sentir era a dor de não ter Max.

- Tudo foi minha culpa - disse, com voz tremente. - Arruinei tudo e ele me disse coisas terríveis e merecia cada uma delas.

Ficou uma hora mais, outra taça de vinho, e podia ver William olhar seu relógio clandestinamente e a Amy mordendo o lábio e lançando olhadas angustiadas enquanto que Neve falava de Max. As arrumou para manter-se afastada dos panquecas, mas dizer ao William e Amy a respeito das múltiplas maneiras nas que se equivocou e quanto sentia saudades de Max tinha dado muito que falar.

Na metade, deu-se conta da forma em que William a olhava um olhar suave e terno que recordava tão bem. Mas a atadura tinha cansado dos olhos e a reconheceu pelo que realmente era: compaixão. Nem sequer simpatia, isso o tivesse feito mais passível, mas compaixão e foi então quando ficou começou a chorar.

Ao final, William mentiu e disse que Amy e ele tinham feito reservas para o jantar no Fulham. Mas Neve sabia que mentia porque seu rosto avermelhou e puxou do pescoço de sua camisa e Amy espetou, *"pensei que só íamos a sua casa,"* mas ela tampouco tivesse querido ficar perto.

Levaram-na fora da barra e para baixo dos seis lances de escadas, soluçando em voz baixa.

- Deveríamos cruzar a ponte até o Embankment? - perguntou William em voz alta enquanto que Amy colocava seu braço no de Neve. - Ou preferem Waterloo?

- Tenho que conseguir um táxi - disse Neve. - As tiras de minhas sandálias machucam.

Não estava tão segura, quem dos três, sentiu-se mais aliviado quando finalmente se sentou na parte traseira de um táxi preto e cruzava o rio de volta ao norte de Londres.

E por sorte, o condutor era um falador que queria falar sobre a temporada horrível que o Arsenal acabava de ter. Neve suspirou e começou a chorar outra vez para conseguir que se calasse.

- Má ruptura? Ele não vale a pena.

Sim vale. Max vale a pena cada lágrima, pensou enquanto cruzaram o Stroud Green Road. Através de olhos cheios de lágrimas, olhou à loja de perucas e diretores de funerárias, antes de ver o brilho amistoso do Tesco.

- Pode me deixar aqui! - gritou.

Durou trinta segundos com a sola de suas sandálias golpeando contra o

pavimento, as correias finas de couro cortando e roçando sua pele, antes de desabotoar as sandálias e dirigir-se ao Tesco com os pés descalços.

O guarda de segurança lançou um olhar sujo quando tomou uma cesta, mas não se importou. Não importava nada mais. Havia uma dor que sabia como encher, porque ser tamanho doze emprestava como nada nunca antes tinha emprestado.

Pelo menos, quando era gorda sua pele a tinha protegido do mundo. As pessoas não a tinha visto, só tinham visto sua gordura, e pelo que pensavam, sua gordura significava que era preguiçosa e estúpida e tinha sido fácil superar suas expectativas. Era impossível de saber quando a barra se elevou tão baixo que quase havia meio doido o chão.

Sua gordura era a culpada dos trabalhos que não tinha obtido e dos amores que nunca tinha tido e todos os desprezos e fracassos.

Se não era gorda, então não ficava nada para esconder-se detrás. Ela era o problema. Neve entendia agora que quando tinha sido um tamanho trinta e dois, tinha estado isolada, protegida e segura.

Daria tudo para sentir-se assim de novo.

Capítulo Quarenta e Um

Uma caixa do Tortinhas Tunnock foi o primeiro que lançou em seu cesta. Neve as olhou e vacilou. Então seu estômago grunhiu, doía o coração e sua garganta se sentia áspera pelo choro. Decidiu-se a fazer isto.

Sua mente se compôs, e o resto foi fácil. Bolsas de cores brilhantes de batatas salgadas à inglesa, de queijo e cebola, e toucinho. Como tinha podido viver sem batatas com sabor toucinho durante tanto tempo? Chocolate Hobnobs, aperitivos de chocolate, bolo de chocolate generosamente lubrificado com creme de manteiga e chocolate espesso, algo, sempre e quando fora chocolate. Havia queijo também, o qual assaria na churrasqueira e empilharia em grossa fatia de pão branco e o recobriria de molho de tomate. Uma tina de Sorvete Ben & Jerry's Chunky Monkey e um dos Phish Food também já que estava nisso; e isso que não tinha estado ainda pelo corredor de confeitaria. Neve arrojou punhados de chocolate em sua cesta pesada e colocou uma enorme garrafa da Coca-cola com toda sua gordura debaixo de seu braço no caminho para a caixa.

Logo foi para casa, o pavimento cortando sob as solas de seus pés, mas não importava. O que era um pouco mais de dor quando já era uma bola gigantesca de sofrimento? Quando tinha perdido anos de sua vida amando a alguém que só existia em sua cabeça, e em sua desesperada busca desse amor, não pôde ver que já tinha algo que era real, especial, e completamente inestimável?

Neve deu tropicções pelo caminho em seu jardim, manobrou furiosa quando teve que mover sua apreciada carga e rebuscar suas chaves. A casa se encontrava às escuras e quando Neve procurou o interruptor de luz, três bolsas pesadas se cravaram com estupidez em uma mão, tropeçou, esmagou seu dedo do pé contra a roda de sua bicicleta e gritou à medida que a derrubava de sua base de suporte e se estrelava contra suas pernas.

- OH, Por Deus! - Neve se encontrava apanhada entre a parede e sua bicicleta, seu pé apanhado sob o guidão. Nem sequer tinha espaço para pôr suas compras no chão, mas sim teve que soprar como um porco quando levantou a bicicleta de seu pé e a lançou ruidosamente contra a parede oposta.

Neve saltou sobre uma perna, enquanto tratava de pôr ao mesmo tempo suas bolsas abaixo e apoiar seu pé machucado. Os dedos de seus pés se sentiam como se foram esmagados além de toda reparação, e quando se dobrou ante o peso de suas compras, a dor aguda em seu pé deu vontade de vomitar porque tinha uma soleira da dor muita sob o e...

- Que caralho está fazendo? - Da escuridão veio à luz e a voz de Charlotte gritando pelas escadas. - Não pode fazer nenhuma maldita coisa em voz baixa?

Neve levantou a vista para ver a cara malévola de Charlotte olhando por cima do corrimão. Não fez conta, já que com as luzes acesas foi capaz de olhar para

baixo a seu pé em toda sua glória destronado. Pouco a pouco, desdobrou os dedos de seus pés a seu redor para encontrar que sua unha do dedo maior se levantou e o sangue fluía.

- OH, Meu Deus - murmurou ela, e queria tomar determinação para seguir investigando, para ver o bem conectado que estava a unha, mas inclusive o pensamento abstrato de uma unha do pé solta a fez estremecer-se... E de todos os modos, Charlotte descia furiosa pelas escadas.

- Qual é seu problema? - exigiu Charlotte, antes que sequer tivesse chegado à parte inferior. - Não posso viver com seu ruído constante e deixou sua roupa no varal durante todo o dia como se fosse a única pessoa que quer usá-la. É egoísta! É, pessoa mais egoísta que conheci.

- Sinto muito, Charlotte - espetou Neve. - Estou um pouco ocupada aqui.

- Se você não tivesse deixado ai, não teria caído sobre sua bicicleta, em primeiro lugar espetou - Charlotte de volta, apontando um furioso dedo contra o peito de Neve para dar ênfase. - E não teria caído sobre ela, se não fosse tão gorda.

- O que acaba de dizer? - disse Neve, sua voz estranhamente tranquila, o qual era estranho, porque por dentro gritava.

- Charlotte gritou - É surda e também estúpida? - Apontou com seu rígido dedo ainda mais duro contra Neve. - É tão gorda e asquerosa como o foi na escola. Não posso acreditar que terminei vivendo sob o mesmo teto que "*Neve a Asquerosa*".

Neve tragou saliva duro, respirou fundo e ficou imóvel, tão quieta que podia sentir o ar quente e úmido da noite revolver-se a seu redor.

- Tira sua mão de cima - disse com uma voz tão constrangida que nem sequer soava como ela.

- OH, o que vai fazer a respeito? - perguntou Charlotte.

Neve nem sequer sentiu sua mão elevar-se, não até que sua mão se chocou contra a cara de Charlotte, o golpe sacudiu todo o caminho até o braço de Neve e balançou à outra garota contra a parede.

- Não sou gorda! Não sou estúpida! Como merda se atreve? O que te dá o maldito direito a me tratar como lixo? - Cada palavra foi interrompida por um golpe, enquanto golpeava com os punhos contra qualquer parte de Charlotte ao que podia chegar enquanto sua cunhada se retorcia e agitava em seus esforços para conseguir apartar-se dela.

- Odeio! Odeio cada um de seus miseráveis ossos de seu corpo de merda - gritou Charlotte em resposta e quando se deu conta de que Neve não ia parar, defendeu-se, golpeando à medida que saía da esquina aonde Neve a tinha

enquadrado.

Caíram sobre as compras de Neve, mas não importava outra coisa que tirar os olhos de Charlotte e conseguir pôr suas mãos ao redor de sua garganta para que pudesse deter suas vis palavras cheias de ódio de uma vez por todas.

Vou te matar sua puta! - gritou, até que se deu conta de que Charlotte não gritava de volta e que o estrondo que ouvia vinha do lado onde soava como se os Scoins tivessem um aríete se chocando contra a parede divisora.

Isto foi suficiente para colocar Neve com a guarda baixa e Charlotte se equilibrou sobre ela, não para arranhá-la ou golpeá-la a não ser para envolver seus braços com força ao redor de Neve.

- Já basta - disse bruscamente. - Só tem que parar, Neevy.

Suas pernas não queriam sustentá-la mais Neve caiu no chão, Charlotte ainda a sustentava quando se sentou ali, tremendo e ofegando pesadamente.

Pouco a pouco voltou para a realidade, onde seu rosto se encontrava enterrado no pescoço de Charlotte e seu pé ainda doía e tinha uma centenas de outros achaques e dores tão dentro como fora.

- Me solta - disse, lutando por liberar-se.

Charlotte não se moveu.

- Prometa que não vai tratar de me estrangular outra vez.

- Prometo - disse Neve. Suas palavras devem ter passado a inspeção, porque os braços de Charlotte caíram, deixando a Neve sentindo-se curiosamente desprovida quando levantou a cabeça e olhou diretamente aos olhos de sua inimizada. Ou ao olho restante devido a que o olho direito parecia vermelho e quase fechado pelo inchaço.

OH, Meu Deus, eu fiz isso?

- Sim, e me dói como o inferno - disse Charlotte, soava surpreendentemente indiferente. - Está bem. Rompi seu lábio.

Neve levou a mão à boca e empurrou com cautela seu lábio inferior, sua mão saiu com sangue. Seu vestido se desenvolveu e queria aparecer por suas pernas para ver como sua unha do dedo gordo caiu no corpo a corpo, quando Charlotte tomou uma tina do já derretido Chunky Monkey.

- O que é toda esta merda? - perguntou, assinalando aos escombros que cobriam o chão: bolachas rotas e batatas soltas de seus pacotes, molho de tomate regada através da parede de modo que a entrada parecia uma cena de um filme salpicado.

- É minha comida - disse Neve desafiante. - Comprei e vou levar isso para cima e vou comer. Toda.

- Não, não o fará - disse Charlotte. - Já não pode comer este tipo de coisas porque engordará outra vez.

- Bom, de acordo com você, sigo sendo gorda assim que qual é a diferença? - Neve arrastou suas pernas e tratou de levantar-se, mas resultou muito esforço. - Deixa de ser amável comigo. Não é convincente e não me vai fazer ver o engano de meu comportamento e não me sentirei culpada e nem vou pedir perdão.

Charlotte não disse nada a princípio. Estirou as pernas frente a ela e deu um olhar reflexivo a Neve.

- É barulhenta.. começou a dizer.

A maioria das vezes sou tão silenciosa como um maldito camundongo - sussurrou Neve. Odiava sentir-se zangada todo o tempo, por isso deu a volta, mas nunca no sentido correto de novo. Era exaustivo. - Sentei-me acima antes, sem me mover, pouco me atrevendo até a respirar, e ainda assim golpeia no teto com sua maldita vassoura.

- Sim, mas...

- Mas nada! É minha casa! Estou destinada a ser capaz de fechar a porta e escapar do mundo, mas me dá medo inclusive fazer uma xícara de chá, porque isso te tira das casinhas. E para sua informação, estou em meu direito de usar a corda de lavagem um par de dias à semana e subir pelas escadas de minha casa e...

-Não sabe o que é viver abaixo de você - insistiu Charlotte, mas não quis olhar para Neve; ficou olhando uma fogaça de pão esmagado em seu lugar. - Cada som pesa.

- Então porque você não se queixa de Celia e da Yuri que dá portadas e põem a música numa altura estratosférica de alta, alguma vez fez um escândalo quando soube que Max se encontrava ali? - Simplesmente dizer seu nome e recordar como se sentia o ter com ela era uma dor que ainda estaria ali muito tempo depois de que seu lábio deixasse de latejar e a ponta de seu pé já não se sentisse como se estivesse danificada além da salvação. - Não é mais que uma perseguidora. Sempre foste e sempre o será.

- Não sou perseguidora. - Charlotte soava indignada. - Simplesmente não nos entendemos bem, isso é tudo.

Neve a olhou com incredulidade.

- Não o fazemos porque empreendeu uma campanha de ódio contra mim na escola, chamou-me por esse horrível nome e tirou minha roupa depois da aula de educação física e fez com que seus amigos cuspissem em mim. E bem, quando se casou com o Douglas não desdobrei exatamente o tapete de bem-vinda, mas não é como se alguma vez te tenha desculpado. Por que não o admite?

Charlotte enrugou o nariz.

- Quando estávamos na escola... - Levantou a vista para o teto em busca de inspiração.

-Era muito infeliz e perturbar, mexer com contigo me fazia sentir melhor.

- É isso o melhor que pode fazer?

- Estou tentando explicar - disse Charlotte, fazendo uma careta. - Não sou boa com, bem, as palavras e essas coisas. Meu pai se foi e saí com o Douglas durante duas semanas e logo ele me deixou e me puseram em Inglês Corretivo. - Era uma perdedora, assim simplesmente assumi que foi uma perdedora maior que eu e isso me fez sentir melhor.

- Mas por que eu?

- Bom, foi a irmã do Douglas e era mais fácil me desforrar em você que com ele... falava elegantemente e sempre tinha a cabeça em um livro. Charlotte, por fim, começava a parecer envergonhada.

Neve preferiria que se visse envergonhada, mas se conformava com tímida. Ela sabia que não iria brigar de volta.

- E eu era gorda - recordou Neve.

- Bom, olhe, não foi - disse Charlotte. - Quero dizer, foi um pouco curvilínea, mas não foi gorda, gorda. Não, para começar.

Sempre fui gorda, gorda disse Neve com aspereza, mas, por uma vez, isso não era importante.

- Então, por que decidi a restabelecer seu reinado de terror?

- O quê?

- Por que sempre estiveste acoassando? - perguntou em voz baixa Neve.

Charlotte olhou para um lado de novo, logo fez uma careta enquanto se alavancava a si mesma e ficava de pé.

- Olhe, temos que limpar este desastre. - deu-se volta para olhar a sua calça Juicy Couture manchadas. - estive sentada em gelado e...

- Fiz uma pergunta, Charlotte.

- Sei que o fez. - Charlotte caminhou para as escadas. - Pode vir para minha casa, se quiser.

Neve realmente não tinha outra opção, por isso seguiu Charlotte até o primeiro piso ao qual nunca tinha ido desde que tinha sido convertido.

Era anódino e impessoal; uma sinfonia de magnólia e farinha de aveia, marrom e creme. Quase como se Charlotte e Douglas tivessem decorado o lugar com o único fim de ter um interior neutro que atraia a compradores potenciais

porque nenhum planejava ficar ali muito tempo. O único toque pessoal era uma foto de casamento no suporte da chaminé. Charlotte e Douglas se encontravam a ambos os lados do imitador do Elvis que os tinha casado em Las Vegas. Neve nunca tinha visto Charlotte tão feliz irradiante em um sorriso imenso, enquanto que Douglas permaneceu ali de pé vendo-se ruborizado e incômodo.

Charlotte entrou na sala de estar com um saco de lixo preto e uma vasilha com água quente e sabão.

-Vamos limpar?

Trabalharam rapidamente e em silêncio, à medida que expulsavam a comida arruinada no saco de lixo. Logo, Neve lavou o molho de tomate nas paredes enquanto Charlotte atacava as piscinas de sorvete derretido.

Depois retornaram ao apartamento de Charlotte, sentaram-se em sua mesa da cozinha, e beberam chá. Charlotte tinha trocou de moletom e tinha um pacote de ervilhas congeladas apertados contra seu olho, e Neve tinha seu pé apoiado em sua cadeira, seu dedo do pé envolto com gaze e uma toalha sobre ele, porque ambas tinham concordaram que inclusive vê-lo as fazia a ambas ter náuseas.

Era um tipo de progresso.

Assim quando Neve decidiu que tinha perdido sua vantagem e Charlotte nunca confessaria o resto da terrível verdade, ela deixou sua xícara e olhou fixamente para Neve.

- Douglas não me quer - disse. - Não acredito que alguma vez o fez, na realidade não. Só se casou comigo para mostrar a seu pai que era um bom adulto.

De repente, Neve não acreditava que quisesse ouvir o resto da confissão de Charlotte. Não, se ia aonde pensava que ia.

- Estou segura de que não é o caso - disse com voz débil.

- Nah, e se for. - Charlotte apoiou os cotovelos sobre a mesa. - Amei-o desde o nono ano e pensei que se o amava o suficiente, então com o tempo poderia fazer que me amasse de volta.

- Não funciona dessa maneira, certo? - Neve pensou em William; toda essa energia que tinha posto no amor a ele. O que passa com o amor é que te pega de improviso, aparece nos lugares mais inesperados, inclusive quando não o busca.

- Pode repetir Charlotte- disse Charlotte, levantando-se e caminhando para o congelador para trocar as ervilhas congeladas por cenouras congeladas. Quando voltou disse - para Neve, ele está transando com outra pessoa. Um montão de outras mais.

Neve fechou os olhos. Não queria sentir pena de Charlotte e certamente Charlotte não queria sua simpatia, mas podia sentir empatia.

Quando Amy se apresentou mais cedo essa tarde, tinha estado incomodada, inclusive havia se sentido um pouco traída, mas não era nada comparado com a

agonia que sentia ante a ideia de Max com outra pessoa. Provavelmente havia transado com um montão de outras mulheres.

- Sinto muito - disse, e falou a sério.

- Não tem que fazê-lo - disse Charlotte com a maior naturalidade possível, empurrando fora a cadeira e sentando-se de novo. - Ele bebe muito e fica fora toda a noite e não digo nada. Discuto por qualquer tipo de estupidez que não tem importância, porque tenho muito medo para falar das coisas que realmente importam.

- Porque então ele poderia dizer que não te ama e ir embora para sempre - adivinhou Neve. Charlotte a olhou com surpresa.

- Sim. Como sabe? - Deu a Neve o fantasma de um sorriso. - É muito, muito inteligente.

- OH, de algum jeito sou muito, muito estúpida - disse Neve. Deixou a xícara e cruzou os braços. - Isto tem que parar. Nenhuma de nós duas podemos viver assim. Tem que deixar de me fazer sentir como uma merda porque se sente como uma merda. Isso acaso funcionou?

- Na verdade não - disse Charlotte, e logo se pôs a chorar.

Foi horrível. Neve podia dizer que Charlotte se sentia humilhada ante a ideia de chorar diante dela, porque se enroscou sobre si mesma para que Neve não pudesse ver sua cara através da cortina de cabelo. Seguiu tratando de tragar os soluços, o que só fez que soasse ainda mais desesperada e lamentável.

Não havia nada que Neve pudesse fazer, assim não fez nada.

Simplesmente se sentou em silêncio, e quando parecia que Charlotte tinha terminado, levantou-se, pegou um guardanapo de papel e o deu, sua mão repousou sobre o ombro de Charlotte por um breve momento.

Charlotte com cuidado limpou suas lágrimas.

- É muito doloroso chorar quando tem um olho roxo.

- Dói beber chá quente com um lábio partido - ofereceu Neve e compartilharam um débil sorriso.

- Sabe o que, Neevy? Nem sequer toma minha maldita mão quando estamos caminhando pela rua. Como de fodido é isso?

- É muito fodido. - Neve olhou o relógio. Era mais que meia-noite, o que era cedo tendo em conta que sentia como se tivesse vivido várias vidas nas últimas horas. - Já é tarde. Deveria ir.

- Somos amigas agora? —perguntou Charlotte com dúvida.

- Acredito que amigas é apressar as coisas. - Charlotte parecia um pouco

incomodada por isso. - Vamos dizer simplesmente que chegamos a uma trégua com um alto ao fogo com efeito imediato?

- O quê?

- Não nos odiamos entre si de maneira ativa nunca mais. - Apesar de Neve não está segura de que agradasse exatamente, já não pensava nela como o mal encarnado tampouco. - Soa bem?

Charlotte assentiu com a cabeça.

- Sim, quero dizer, não posso nos ver passando o momento no Nando's ou nada do tipo, mas estamos bem.

- Excelente. - Neve ficou de pé. - Vou subir e não vou andar nas pontas dos pés ao redor nunca mais, para que saiba.

- Como se acaso pudesse fazê-lo com sua unha do pé quase caindo - comentou Charlotte.

- Nunca disse que estava pendurada! Disse que só soltou um pouco pelos lados! - Neve apareceu por cima da gaze a qual ficou manchada de vermelho, e sentiu cada um de seus órgãos internos estremecer-se em repulsão. - Deus, acredito que vou morrer.

Começou a coxear para a porta. Charlotte tinha desaparecido em seu quarto, mas justo quando Neve saiu ao patamar, voltou a aparecer.

- Quero que fique com isto - disse, entregando a Neve um montão de veludo bem dobrado. - Só para dizer que sinto muito por tudo.

Neve olhou ao tecido cor rosa sorvete.

- Isto é...? Não pôde terminar a pergunta, porque, realmente, não havia palavras.

Charlotte assentiu com a cabeça.

- É um de meus moletons do Juicy Couture. - Parecia um pouco a ponto de chorar ante a ideia de separar-se dele.

- Não posso aceitar isto - disse Neve com firmeza, porque eram unicamente muito para a academia e em qualquer caso, era de cor rosa.

- Vou ficar muito ofendida se não aceitar. - Apesar das ameaças indo, Neve era a ganhadora já que sabia muito bem o que uma ofendida Charlotte era capaz de fazer.

- Nem sequer vai caber - protestou Neve. - É muito menor que eu.

- Não volte a começar de novo - espetou Charlotte. - Só disse que é gorda porque sabia que isso te machucaria. Não é verdade, concorda? Já sabe, verdade?

- Bom, é obvio que já sei, mas estive nesta limpeza de desintoxicação, a qual é a única razão pela que sou isto, bom não magra, mas menos gorda neste momento.

O rosto do Charlotte foi retorcendo-se nas linhas familiares, de desprezo.

- Do que está você está falando, vaca tola? - exigiu. - Fui tamanho quatorze desde que tinha quatorze anos e foste o mesmo tamanho que eu há meses. Talvez inclusive menor.

Neve olhou para Charlotte de cima para baixo. Charlotte era curvilínea, mas era magra e compacta com curvas. Não movediça, ondulada com curvas.

- Mas você parece muito menor que eu. - Sacudiu a cabeça. - Honestamente, já não sei nada. Não posso dizer se estou gorda, se magra ou estou em algum lugar no meio.

- Sabe qual é seu problema? Pensa muito nas coisas - resumiu Charlotte. - Trata de não pensar muito nas coisas absolutamente. Agora pega logo este maldito moleto.

Neve tomou devido a seu alto ao fogo parecer pender por um fio. Além disso, não podia esperar para ver o rosto de Celia quando o mostrar para ela.

De volta em seu próprio apartamento, Neve entrou no banheiro e abriu a ducha enquanto tirou o vestido DVF, tirou seu sutiã emprestado e desenrolou seu Spanx.

Tomar banho foi uma difícil luta estando de pé sobre uma perna com seu pé machucado para fora da cortina da ducha de modo que não conseguisse molhar o curativo. A água quente caiu sobre ela, eliminando todo o produto de seu cabelo e retomando o aspecto natural de seu rosto.

Neve saiu da ducha e depois de envolverse o cabelo em uma toalha, enrolou outra a seu redor e começou a derramar hidratante para o corpo de uma maneira pouco entusiasta. A pentear o cabelo. Escovar os dentes. Espiar o que ficavam de suas espinhas no espelho. Passou ligeiramente um pouco de creme ao redor de seus olhos, porque Celia foi absolutamente inflexível ao dizer que nunca era muito cedo para passar cremes para evitar a aparição de linhas finas.

Separou-se de seu reflexo e estava a ponto de voltar para o banheiro, quando se deteve, deu meia volta e se enfrentou no espelho de novo. Ficou ali durante muito tempo, seu rosto apreensivo devolvia o olhar, e logo soltou a toalha e a deixou cair ao chão.

OH, Meu Deus, estou horrível!

Foi seu primeiro pensamento; uma reação automática ao ver a si mesmo nua. Embora quando pensava nisso, Neve não recordava haver-se se olhado nua. Tende a sair da ducha sempre de costas para o espelho e só dar a volta quando se metia em um roupão de banho. Se por algum acidente olhava no espelho enquanto se encontrava nua, rapidamente desviava o olhar para que tudo o que

tivesse fosse uma vaga impressão de hectares de carne tremente, com covinhas.

Esta noite ia ficar nua em frente ao espelho durante o tempo que tomasse para dissipar toda dúvida de si mesma, auto-ódio e autoengano de modo que pudesse ver o que outras pessoas viam quando a olhavam.

Tomou um tempo para que sua própria sombra, Neve a de três anos, desaparecesse. Tomou mais tempo ainda deixar de centrar-se em uma área específica de seu corpo e assimilar tudo.

Na realidade, não se vê tão mal.

Parecia uma mulher que era algo menos do que estava acostumado a ser e pôde ver a guerra que tinha liberado em seu corpo. Nunca ia ter uma pele tensa, tonificada e suave. Nunca vai acontecer. A pele solta em suas coxas, estômago e braços se encontrava salpicada como o salame. Seus peitos pareciam globos que começavam a desinflar-se e tinha estrias branqueadas de cor rosa que a entreteciam por todo seu corpo.

Quanto mais olhava, mais podia ver. Quando se deu a volta e olhou por cima do ombro, aí estavam suas omoplatas, a linha de sua coluna vertebral, os dois glúteos em lugar dos quatro que estava acostumado a ter, e quando esticou as pernas, havia músculos em suas coxas, em suas panturrilhas. Tinha uma cintura pequena, pulsos e tornozelos, e quando levantou os braços por cima de sua cabeça, a pele se estirou e se esticou.

Não era um corpo perfeito, mas era o corpo que se merecia. Não só de cada barra de chocolate ou bolsa de batatas ou um prato carregado de comida que tinha comido. Este corpo era também testemunho de todas as horas na academia e montar sua bicicleta testemunha também de engolir até dois litros de água ao dia e aprender a amar frutas e verduras que não vêm como um extra opcional com uma camada de bolo. Tinha ganhado este corpo.

Este corpo poderia fazer posturas de ioga sem falhas e correr pelo ônibus e caber na poltrona do cinema. Podia cruzar as pernas e deslizar-se entre as mesas em uma cafeteria cheia de gente. Podia ir a qualquer loja de roupas feminina na rua e comprar algo para vestir, sem ter sido desterrada para à seção de tamanho extra grande na parte dos fundos da loja.

Este era seu corpo e tinha que deixar de dar um mau momento.

Mas embora fazendo este balanço, Neve sabia que não teria sempre este aspecto. Ser um tamanho doze era uma ilusão. Logo que começasse a comer e beber com regularidade uma vez mais, recuperaria a maior parte do peso que tinha perdido no Hardcore Cleanse. Esperou que chegasse a onda de pânico e a derrubasse, mas não foi assim. Só ficou ali de pé em seu tapete de banho branco olhando a si mesma, e quanto mais tempo se olhava, mais ordinário se converteu seu corpo.

A familiaridade roubou o poder de sua pele de paralisá-la.

Assim começaria a comer de novo e recuperaria um pouco de peso de novo

até que tivesse um tamanho quatorze, ou inclusive um tamanho dezesseis; deixaria que seu corpo tomasse essa decisão por ela. Então procuraria Gustav e imploraria até a concordasse em recebê-la de volta e fariam que baixasse de peso para um tamanho doze de novo com segurança e responsabilidade antes que comessem a trabalhar em um novo programa de manutenção. Neve não tinha nenhuma dúvida em sua mente que Gustav a receberia de volta, apesar de que provavelmente teria que assinar uma declaração jurada sabendo que nunca tomaria outro suco de limpeza, sempre e enquanto ela vivesse.

Neve disse um último sintoma muito em silêncio para seu corpo, logo se envolveu a toalha ao redor dela e caminhou para o dormitório. Por fim começava a entender que sua obsessão por ser um tamanho dez tinha sido uma desculpa mais para passar sua vida em lugar de vivê-la e de assumir riscos e talvez se machucar um pouco no processo.

O assunto externo era realmente singelo. Neve sabia o que tinha que fazer: três refeições ao dia, dois lanches e pelo menos uma hora de exercício rigoroso cinco ou seis dias na semana. O que precisava começar a trabalhar agora era o assunto interior porque, obviamente, não estava bem da cabeça.

Não ia permitir que a necessidade urgente de decifrar seu cérebro se convertesse em uma desculpa para viver uma vida pela metade. Pela manhã, ou tarde na manhã, em todo caso, ia subir a colina do Crouch End para falar com Max.

Neve sabia que ia ser muito mais difícil que Gustav. Começaria desculpando-se profundamente, até chegar a inclinar-se e arrastar-se servilmente se Max não ficasse convencido. E se isso não funcionasse, então poria seus braços ao redor dele e o beijaria uma e outra vez até que o persuadissem de que pertencia a ela e pertencia a ele e que ambos estão preparados para a verdadeira coisa.

Por isso se meteu na cama nua, porque era o tipo de coisas que uma garota que mantinha uma relação fazia. Neve esteve ali na escuridão tratando de dormir, mas sobre tudo dando voltas e golpeando o travesseiro.

Agora que tinha tomado todas estas decisões grandes e importantes a respeito de como ia ser sua vida, Neve queria começar imediatamente. Inclusive a ideia de enfrentar a ira teutônica de Gustav era tão emocionante como perturbadora, e a perspectiva de rastrear Max em umas poucas horas era aterradora... Mas só ver seu rosto outra vez seria como todos os aniversários e os presentes de Natal que havia alguma vez ganhado e juntou a todos com um laço vermelho grande.

Mas em sua maior parte Neve não conseguia dormir porque tinha fome. Tinha tanta fome que sentia como se seu estômago estivesse a ponto de começar a comer a si mesmo, o que provavelmente se devia a que tinham acontecido doze horas da hora de tomar sua bebida e não havia nada para comer na cozinha, além de dois limões e uma travessa de rabanete.

Não havia nenhuma razão de por que não podia voltar a comer sensatamente neste momento, raciocinou Neve, à medida que jogava para trás seu edredom.

Havia uma loja no Seven Sisters Road, que permanecia aberta toda a noite e podia comprar uma fogaça de pão e uma caixa de ovos. Inclusive poderia comprar uns tomates e fazer uma omelete.

Neve colocou uma lingerie, logo agarrou seu novo moletom Juicy Couture cor de rosa. Eram quase três da manhã de modo que não ia encontrar com ninguém que conhecia. A medida que subia o zíper do moletom teve que tomar um momento para apreciar o suave e luxuoso que era. Cômodo também. Não era de sentir estranhar que Charlotte gostasse tanto e tinha um de cada cor.

Devido ao pé machucado, com muito cuidado calçou um chinelo, agarrou a bolsa e as chaves e desceu nas pontas dos pés pelas escadas. Pisar forte a esta hora da madrugada sem dúvida violaria a trégua.

À medida que se arrastava pelo corredor, não havia nada mais em sua mente que a omelete de tomate e as duas fatias de pão que ia comer dentro de trinta minutos. Vinte minutos se realmente se apressasse.

Mas quando abriu a porta da rua e viu uma figura encurvada sentado nos degraus, Neve sabia que a omelete podia esperar.

PARTE CINCO

Fecha as olhas e conta até dez.

Capítulo Quarenta e Dois

Max se deu a volta, quando Neve cruzou a porta.

- Olá - disse, com seu braço forte em torno de um pacote de latidos de cachorro que freneticamente se retorcia.

O que está fazendo aqui? Quanto tempo esteve sentado ao ar livre? É a coisa mais estranha, mas ia te procurar em umas poucas horas. Havia mil coisas que Neve queria dizer, mas só se sentou no seguinte degrau a ele e respondeu - Olá.

A alegria de Keith era muito grande para ser contida. Lutava por livrar-se do agarre de Max assim poderia saltar pra cima e pra baixo pelo jardim um par de vezes, antes de lançar-se a Neve, com as patas dianteiras nos ombros para poder dar a seu rosto um banho de língua.

- Quem é meu menino especial? - arrulhou Neve, uma vez que teve a cabeça de Keith sobre seus joelhos assim ele podia olhar para ela com adoração. - É Você, não é?

Não sabia por que Max se encontrava ali e por que não dizia uma palavra, mas de novo, sentou-se ali sentindo-se muda e absurdamente tímida. Quão único sabia era que apesar de que nenhum se mexido nos últimos cinco minutos, suas coxas se pressionavam um contra outro.

Fazendo provisão até a última gota de valor que possuía, Neve olhou para Max, e inclusive à vista de perfil do nariz torcido dava vontade de recuperar o fôlego. Em lugar de estar na cama escutando seu estômago roncar, deveria ter estado compondo - um *Pelo amor de Deus, me aceita de volta?* - discursou na cabeça para que...

- O que aconteceu com seu dedo do pé? - perguntou Max finalmente.

- Minha bicicleta caiu sobre meu pé. Tenho esperanças de que se cuidar bem do ferimento, então minha unha talvez não caia. Levantou-se até fora da raiz, quando...

- Jesus! Pare! Não diga mais uma palavra mais - suplicou Max, seu corpo um grande espasmo de horror. - Isso é asqueroso.

- Sei - admitiu Neve feliz, contente porque falavam, ainda que se tratasse de uma necrótica unha de pé.

- E o que aconteceu com seu lábio? - perguntou Max, porque olhou o seu rosto, agora iluminada pelo luz do poste em frente. - De onde tirou esse arranhão na bochecha? Sua bicicleta caiu de uma grande altura?

- Pensa que estou mal, então deveria ver Charlotte - disse Neve enquanto os olhos de Max se arregalavam. - Tivemos uma briga. Uma correta, cheia de

combate até a morte. Tem um olho roxo e uma torção no pulso, mas não estou certa que foi culpa minha. Acredito que ela escorregou em alguns dos sorvetes derretidos.

- Você está bem? - Os dois viram sua mão elevando-se para seu rosto e logo se deteve no ar, antes de deixá-la cair de novo.

- Estou bem - disse Neve. E tinha pensado que assim era e que tudo ia estar bem, mas ele nem sequer se permitia tocá-la e agora não estava tão segura.

Ela se perguntava se devia mover seu programa à parte onde jogava os braços ao redor dele e o beijava em cumprimento quando Max esclareceu garganta.

- Assim, de todos os modos, rompi com meu terapeuta.

- Fez?

- Fiz. - disse Max sombrio.

- Ah, sim? Assim, isso significa que ele poderia ter espaço para um novo cliente? Porque acredito que necessito um pouco de ajuda de um profissional de saúde mental - disse Neve. Tinha que seguir falando e cedo ou tarde, tinha evitado dizer o que queria dizer.

- Rompi com o Gustav também, mas vou fazer que me aceite de volta porque eu...

- Olhe, Neevy, não me importa se for tamanho dez - cortou Max justo através de seu balbucio e empurrou brandamente a cabeça de Keith para outra perna assim ele podia curvar sua mão sobre seu joelho. - Se o Sr. Califórnia só irá gostar de você se for magra, então realmente ele não gosta de você absolutamente.

- Eu o vi hoje - disse Neve, e quando Max ficou rígido e tratou de afastar-se, ela agarrou seus pulsos e os reteve por sua querida vida. - Quer que mude para Warwickshire com ele. Foi interessante observar o colapso em si mesmo na cara de Max. Interessante e estimulante, mas também difícil de olhar porque em questão de segundos, Max tinha conseguido está estar sobre controle, pôs seu rosto em uma máscara dura, áspera.

- Felicitações - disse com frieza. - Pode me soltar?

Neve negou com a cabeça.

- Não, não posso. - Apertou os dedos o suficiente para deixar hematomas e Max não disse uma palavra de protesto, sentou-se ali com a cara cheia de fúria logo que contida.

- Olhe, ele tinha tudo resolvido. Eu ia me demiti do meu trabalho, me inscrever no programa de doutorado na Universidade do Warwick, assim também poderia ser sua assistente de investigação para um livro sombrio que

quer escrever. Isto foi antes que inclusive me inteirasse de que sua noiva ia vir também. Eu...

- Está comprometido? - interrompeu Max. Neve não acreditava ser possível, mas seu rosto se fez ainda mais duro e fechado. - Isso sim que deve haver fodido seu plano sobre o professor.

- Não está escutando! Continua me interrompendo antes de chegar à parte importante -queixou-se Neve. - Irá ficar calado e me deixará dizer isto?

- Dizer o quê? Perdeu semanas em uma dieta de fome porque não sabia que o Sr. Califórnia se comprometeu?

- Cale a boca! - Esteve a ponto de gritar. - Falo sério, Max. Promete manter a boca fechada

- De acordo, prometo. - Suspirou, mas com um montão de olhos em branco, e Neve teria preferido contar com ele em um estado de ânimo mais conciliatório quando entregava seu coração para fazer o que quisesse com ele.

- Agora, onde estava? - Esperava que Max não pudesse sentir seus dedos trêmulos ao redor de seus pulsos enquanto tratava de voltar sobre os temas de sua conversa. - Antes que sua prometida chegasse, antes que ele supusera que eu tinha renunciado a ser inteligente por ser mais magra em seu lugar, como se as duas coisas fossem mutuamente excludentes, sentei-me ali e fiquei escutando ele falar e falar e me dava conta de algo muito importante.

- O quê? Perguntou Max de mau humor, antes de recordar que tinha instruções estritas de não falar nada. Sua boca se fechou.

Neve decidiu deixá-lo ir.

- Dava-me conta que não queria estar nua com ele, e não por causa de meu complexo de inferioridade de corpo, era porque eu não gosto dele. Então me perguntei por que eu não gosto, porque William... Bom, é bonito e super inteligente, e pensei que tinha estado apaixonada por ele durante todos esses anos, mas resultou que me apaixonei pela ideia de William. A verdadeira realidade foi um pouco um anticlímax.

Finalmente liberou os pulsos de Max para poder correr as mãos por seu cabelo úmido. Max deve haver sentido que não terminou, porque ele se sentou em silêncio, seus olhos fixos em seu rosto.

- Pensei, bom, William nunca colocaria a palavra WAG nas canções pop para me fazer rir e não morderia o chocolate dos morangos com chocolate para mim e nunca, jamais veria um filme com a Sandra Bullock não mesmo, a menos que fosse uma adaptação de Shakespeare e logo passaria todo o filme listando todas as inexatidões históricas e nunca me daria sexo oral durante meia hora, porque perderia um jogo do Scrabble. E de fato, não posso imaginar ao William fazendo algo que pudesse bagunçar seu cabelo, e ele teria começado a arrumar o pescoço

de suas camisas, e mencionei que não é você? Não é você Max, e isso é o porquê estou realmente muito contente de que ele esteja comprometido e que esteja se mudando para Warwickshire, assim não terei um lembrete constante de quão idiota fui.

Neve tinha perdido energia e o fôlego a esta altura, por isso se apoiou nos cotovelos e olhou ansiosamente para Max, que não parecia dar-se conta de que tinha terminado e que tinha permissão para falar de novo.

Ele olhava para o chão, perdido em seus pensamentos, e ela queria tocá-lo, inclusive mais do que tinha querido que ele a tocasse e dissesse que tudo ia ficar bem.

- Fui a um bar esta noite, onde sei que sempre posso arrumar uma garota. - disse Max timidamente e seu coração se desabou. Tinha vindo simplesmente para dizer que poderíamos ser amigos depois de tudo? - Conheci uma modelo de dezenove anos, do Texas chamada Karis, loira, de olhos azuis, pernas até aqui. - Assinalou Max no peito.

- Ela abaixou a calça para me mostrar a tatuagem de uma mariposa na bunda. Era a coisa mais fácil do mundo ir para sua casa em Notting Hill e ter sexo com ela e conseguir te tirar da cabeça.

- OH. - Riscou padrões no degrau de pedra com seu dedo ao sentir que seu mundo caía em pequenos pedaços que alguma vez poderiam voltar a unir-se de novo.

- Assim seu esquema funcionou, então?

-Não - disse Max. - Nem sequer o fiz até a Westway antes de me dar conta que não te quero fora. Eu gosto de te ter em meu sistema.

Neve quase não se atrevia a esperar até que a mão de Max tomou seu queixo e voltou seu rosto para ele.

- Por que deixou seu terapeuta? - perguntou.

Max sorriu um pouco tremente, porque nenhum se encontrava em um lugar onde pudessem começar a atirar sorrisos alegres ao redor. Ainda não.

- Porque era uma merda - disse. - Estou acostumado a que ela me diga que não sou capaz de estar apaixonado por causa de meus problemas de intimidade que se derivam da relação com minha mãe, mas eu não ia deixa-la falar merda sobre você.

- O ela disse sobre mim?

- Que você tem um complexo de Electra^[98] não - resolvido revelou Max, e Neve vaiou com indignação pura. - Para ser honesto, nem sequer estou seguro do que é, mas também disse que foi emocionalmente retardada e não é verdade. É a mais amável, a pessoa mais empática que conheço, e ela é uma mulher cuja

interação mais significativa é com seu gato. Nunca devia ter seguido o conselho de uma pessoa gato. Quero dizer, o que sabem eles?

- Eu vou ter que me vingar! – prometeu Neve, apertando os punhos com raiva. - Ela não tem nenhum direito a dizer coisas... - deteve-se porque Max dava um olhar de exasperação. - Assim... Estamos você e eu bem agora, então?

- Acredito que estamos conseguindo. – Se inclinavam um para o outro agora, com a cabeça inclinada e quase tocando-se. - Olhe, a revelação completa, eu não estaria muito feliz se você tivesse um tamanho trinta e dois outra vez, mas prefiro te ter nessa forma a não te ter absolutamente. Não entende, Neevy? Como luzes é só uma parte do que é, mas não é o que é.

- Sei. - Ela cobriu a mão de Max com a sua e esperava nunca ter que deixá-lo ir.

- Tem que acreditar em mim, sei isso agora.

- E deve saber que tenho zero tolerância para a merda estúpida do Cleanse ou a qualquer outra dieta da moda que esteve considerando, mas vou sair para correr com você, se não estiver chovendo, e não vou me obrigar a comer carboidratos depois das seis.

- Max roçou a bochecha contra a sua. - O que você acha?

Então, Max se afastou um pouco para assim poder olhá-la e Neve estava segura de que não tinha que dizer nada, porque sua resposta estava estampada em seu rosto.

- Soa bem sussurrou. E, você?

- Bom, e a você?

Neve fez uma careta.

- Perguntei primeiro.

- É obvio que sim - disse Max com firmeza, e sua mão já não deixou seu queixo. Seu polegar acariciava a bochecha com o passar do arranhão do anel de compromisso de Charlotte. - Não como seu amigo. E não como o que fomos antes, porque me dava conta de algo mais esta noite. Algo sobre os panquecas.

- O que há com eles? - Este era um dos momentos mais significativos de toda sua vida, sentia-se como se todo seu futuro pendia de um fio, mas ante a menção dos panquecas, tudo o que Neve podia pensar era na fome que estava sentindo. Não era muito romântico.

- Nós dois estivemos tão obcecados por essa primeira panqueca sendo descartada que nos esquecemos de um ponto muito importante - explicou Max, e se via muito contente consigo mesmo. - Essa primeira panqueca pode ser tão boa como todas as outras. Não é sua culpa que seja a primeira na linha e o

recipiente não seja o suficientemente quente e ela saia um pouco queimada e disforme.

- E quando se está realmente morto de fome, essa primeira panqueca pode ser melhor que todos os que vêm depois dele - disse Neve e então, não podia esperar mais. Seus braços deslizaram ao redor de Max antes que tivesse terminado de formar o pensamento, mas os braços de Max fizeram o mesmo nesse mesmo momento.

Só tendo-o aí para sustentá-lo, quente e sólido e real, foi suficiente por cinco segundos, e logo foi salpicando seu rosto com beijos na testa, sobrançelas, na ponta de seu nariz torcido, ao longo das maçãs do rosto até chegar ao brilhante prêmio da boca.

Às vezes, Neve acreditava que seu apetite era a coisa mais robusta nela, e não beijava Max tanto como o devorava. Beijos desesperado, desordenado sem nenhum tipo de pensamento ou razão, a não ser simplesmente porque ansiava por ele. Beijou-o com tudo o que tinha e tudo o que era, e não sabia por que podia beijar Max e devolvia o beijo com a mesma ferocidade, e ainda ser ambiciosa para o seguinte beijo e o de depois desse e o de depois desse e o de...

- Pare - disse Max rindo enquanto se puxava para trás, já que Keith tinha invadido a brecha entre eles e tratava de entrar no beijo lambendo a cara de quem estivesse mais perto. - Nós não precisamos fazer isto na porta. Não vou a nenhuma parte.

- Me prometa que não o fará. Nunca mais. Odeio quando não está aqui - disse Neve, enquanto tratava de empurrar Keith fora do caminho. - Entra.

- Aonde ia a quase três da manhã? - perguntou Max, de pé e estendendo a mão, por isso poderia puxar Neve também.

Ela se ruborizou um pouco.

- Bom, ia à Seven Sisters Road que fica aberta a noite toda, ia conseguir um pouco de comida porque não comi nas últimas semanas - admitiu, e não queria arruinar isto de novo antes de sequer tivesse começado, da mesma maneira que o tinha arruinado da última vez. - Isto é só um fato isolado. Já terminei com a limpeza de desintoxicação, juro, mas também com a comida lixo a horas estranhas, porque não podemos sair da cama. À exceção deste momento, porque estou pensando seriamente em cortar minha própria mão e saltear ligeiramente meus dedos em azeite de oliva extra virgem.

Max ficou parado no degrau por cima dela com o cenho franzido, como se estivesse tratando de chegar a uma decisão sobre algo. Provavelmente, que não queria estar com ela o suficiente para fazer frente a suas restrições de dietas nunca mais.

- Está bem, então. Se é assim que você quer - disse, como se estivesse levando a cabo a decisão. Saltou pelas escadas, tomou vantagem de Keith e se

dirigiu à porta, enquanto que Neve ficou olhando com incredulidade.

Não doeu menos seu coração quebrado pela segunda vez. De fato, doía mais, e..

-Vem ou o quê? - chamou Max, já caminhando pela rua. - Será melhor nos apressarmos ou pode ser que tenham vendido esse pão repugnante que é todas sementes e nada mais.

Com uma mão no seu coração, que tinha tido mais do que suficientes choques nas últimas vinte e quatro horas, Neve se apressou para Max e Keith.

- É a rainha do drama - queixou-se Max quando se encontrou com ele. - Ninguém pode estar assim tão faminto a menos que tenha sobrevivido a um acidente de avião e tenha sido abandonado em um desolado topo de montanha durante vários dias e o único que se interpõe entre eles e a morte fora roer a um de seus companheiros de viagem morto.

Neve deu um tapa em seu braço.

- É uma brincadeira? Se a loja fechar depois de tudo, espero que sacrifique um par de dedos pela causa - disse, enquanto deslizava sua mão na sua.

SOBRE A AUTORA:

É uma escritora inglesa. Assistiu à Universidade do Sussex. Sua carreira literária começou na revista de música, Melody Maker. Também contribuiu no Elle, Seventeen, The Guardian, Grazia, Rede e

Stella, entre outros.

Entre seus livros para jovens adultos estão: Let's Get Lost, Diary of a Crush, Pretty Things, Unsticky, Nine Uses for an ExBoyfriend e Nobody's Girl.

{1} No original Bus-Station, Neve se pergunta se conta como uma só palavra ou várias.

{2} Íris Murdoch, escritora irlandesa famosa por seus romances com tramas de cunho moral e sexual.

{3} Wifes and Girlfriend. A imprensa rosa da Grã-Bretanha nomeou assim as namoradas e esposas de jogadores de futebol.

{4} FWAG, Futebolistas esposas e namoradas.

{5} Artista de cerâmica industrial.

{6} Corporação multinacional holandesa de origem sueca dedicada à venda varejista de móveis e objetos para o lar e decoração, a baixo preço e desenho contemporâneo.

{7} ALL — Arquivo Literário de Londres.

{8} MA — Master of Arts, Mestrado em Artes.

{9} PhD — Doctor of Philosophy — Doutorado.

{10} Formado por um grupo de escritores ingleses, intelectuais, filósofos e artistas.

{11} Terminologia criada pela autora para refere-se às pessoas que são avessas à tecnologia.

{12} UCLA: Universidade da Califórnia, Los Angeles.

{13} MI — Muita informação. Texto original: TMI (Too Much Information).

{14} Peixe que normalmente se come condimentado ou defumado.

{15} SingStars: Jogo para Playstation.

{16} Telenovela britânica transmitida pela BBC.

{17} Sopa de rabada.

{18} É um programa britânico de detetives, baseado nos livros de Caroline Graham.

{19} Que ocorre após a morte de alguém (homenagem post-mortem); PÓSTUMO.

{20} É um condado situado no Oeste da Inglaterra, no Reino Unido.

{21} Obra de Ursula K. Le Guin, publicada em 1989.

{22} É o nome de uma empresa estadunidense da indústria de plásticos e, simultaneamente, o nome do produto plástico produzido e vendido pela empresa, especialmente recipientes para utilização na conservação e preparação de alimentos.

{23} Loja de roupas inglesa, conhecida por seus modelos extremamente pequenos.

{24} Rainer Maria Rilke, um dos poetas mais importantes em alemão e da literatura universal.

{25} Cambridge: É a segunda universidade de língua inglesa mais antiga, depois de Oxford.

{26} GCSE: General Certificate of Secondary Education - É o nome de um grupo de títulos britânicos obtidos por meio de provas pelos estudantes entre 14 e 16 anos nas escolas secundárias.²⁷ Loja online de roupas e acessórios.

{27} Site de encontros.

{28} Wedgwood: Faz referência a uma cerâmica famosa de cor azul.

³⁰ Hindu Kush: Região montanhosa da Ásia.

{29} Roofie: Droga utilizada para ter relações sexuais sem o consentimento da vítima.

{30} No original “el muerto se asusta del degollado”, que possui o mesmo significado.

{31} Burka: Uma vestimenta tradicional mulçumana para mulheres.

{32} Tender loving care, referente à atenção e carinho.

{33} MopTop Hair: Nome de um corte de cabelo popularizado pelos Beatles. Trata-se de um corte reto com comprimento até o pescoço, com um comprimento maior dos lados, sobre os ouvidos, com uma franja reta. Devido à popularidade dos Beatles, o corte foi amplamente copiado em todo mundo entre 1964 e 1966.

{34} MopTop Hair: Nome de um corte de cabelo popularizado pelos Beatles. Trata-se de um corte reto com comprimento até o pescoço, com um comprimento maior dos lados, sobre os ouvidos, com uma franja reta. Devido à popularidade dos Beatles, o corte foi amplamente copiado em todo mundo entre 1964 e 1966.

{35} Refere-se ao museu Vitória and Albert. É o museu maior do mundo dedicado à arte e design, com coleções inigualáveis em sua abrangência e diversidade.

{36} Burlesque é um trabalho literário ou dramático, que se concentra em um tema de ridículo.

{37} The Mill on the Floss (1997) (minissérie de TV) Adaptação da BBC do conto clássico de George Eliot de amor, rejeição e reconciliação em que Maggie Tulliver é um espírito livre pouco comum na sociedade vitoriana que tem que procurar fora o amor de sua própria família para encontrar o companheirismo e a vida que deseja.

{38} Arthur Evelyn St. John Waugh escritor inglês conhecido por sua obra *Brideshead Revisited*, que foi levada para televisão como série, com grande êxito. Foi autor de contos, biografias, livros de viagens e especialmente romances, caracterizados inicialmente pelo humor e ironia, e mais tarde pelas referências, também irônicas à alta sociedade do seu tempo.

{39} A Royal Shakespeare Company (RSC) é uma das mais ilustres companhias de teatro britânicas.

{40} Fair Trade (Comércio Justo) é uma forma alternativa de comércio promovida

por várias organizações não governamentais, pela Organização das Nações Unidas e por movimentos sociais e políticos (como o pacifismo e o ambientalismo) que promovem uma relação comercial voluntária e justa entre produtores e consumidores.

{41} No original Shank.

{42} Roofies (Rohyphenol) Termo comum para um medicamento que serve para deixar as vítimas inconscientes ou incapacitadas, que são normalmente utilizados pelos garotos de fraternidades da universidade para estupros.

{43} Nome de um personagem do livro Notre Dame de Paris, era o famoso corcunda de Notre Dame.

{44} The Life and Opinions of Tristram Shandy, Gentleman é um romance escrito por Laurence Sterne. Foi publicado em nove volumes, os dois primeiros lançados em 1759, e os outros sete a partir dos próximos 10 anos.

{45} Didsbury é um subúrbio de Manchester, Inglaterra, Reino Unido, com uma população de 14.292 pessoas. A RSPB (Royal Society for the Protection of Birds) foi fundada aqui em 1889. É considerado como um dos lugares mais prósperos de Manchester. Dali surgiram vários membros da banda pós-punk The Durutti Column, os violonistas Vini Reilly e Dave Rowbotham, e os bateristas Bruce Mitchell e Chris Joyce, que também fez parte do Simply Red.

{46} Gastropub é um conceito Britânico que se refere a um Public House ("Pub") especializado na comercialização de alimentos de alta qualidade, ficando um nível acima da versão mais básica de um "Pub Grub" (comida típica de pub).

{47} Trocadilho, "Stuffa" é um tipo de restaurante italiano, mas "to Stuff" pode ser traduzido como "Para foder".

{48} Batas estilo monge, que cobrem totalmente do pescoço aos pés.

{49} É um padrão quadriculado de estampas, compostos de linhas diferentes e cores variadas.

{50} Um moletom, mergulhador, saída de quadra de esportes, suéter, jogging, bonito ou pants é um objeto de vestir que consiste em duas peças: umas pequenas calças e uma jaqueta. Também pode incorporar capuz.

{51} É uma linha contemporânea de roupa casual e elegante com sede na Arleta, Os Anjos, Califórnia, fundada por Chapéu de palha Skaist—Levy e Gela Nash—Taylor em 1997.

{52} É uma raça de cão, tipo meloso, grupo de cães caracterizados por ter uma constituição musculosa, fortes mandíbulas, grande cabeça e focinho curto, o que lhes faz excelentes guardiães e defensores.

{53} É uma raça originária do Reino Unido e com mais de 200 anos de antiguidade foi criada a partir de cruzes dos antigos Bulldog inglês com o Terriers da época para dar vida às brigas de cães.

{54} Marca de café instantâneo.

{55} Seu real significado é tonto (adjetivo) ou alho-poró (substantivo), mas tem um significado subliminar que seria baseado, cigarro de maconha.

{56} É uma marca de produtos de chocolate com leite, consistem em pequenas pastilhas de chocolate cobertas de açúcar. ⁵⁹ São aperitivos a base de batatas em forma de cilindros curtos e ocos.

{57} Levantem, carpinteiros, a viga do telhado e Seymour: é uma introdução em um livro escrito por

J. D. Salinger. Como a maioria das histórias protagonizadas pela família Glass, o relato está narrado pelo Buddy Glass, o segundo dos irmãos.

{58} Paisley E—fronts: roupa interior masculina, distinguem-se por uma forma de E com lapela e abertura na parte dianteira. O Paisley é um tipo de desenho ou estampado com formas de gotas ou rins muito comum em lenços e gravatas.

{59} A— paedic e travessieiros com memória são a última tecnologia em produtos para um melhor descanso.

{60} Série de televisão.

{61} Marks & Spencer: especializa-se na venda de produtos alimentícios, roupa e acessórios de luxo.

{62} Clairol: Marca de tinturas para cabelo.

{63} Loja departamental de alta qualidade no Reino Unido.

{64} Serviço de Impostos Internos: Serviço fiscal dedicado à coleta de impostos. Inclui declaração em linha e informação sobre tributos e leis tributárias.

{65} Chalk and cheese: expressão usada para dizer que duas coisas não têm nada em comum.

{66} Marca, qualidade de Wiski.

{67} Escritora russa que desenvolveu grande parte de suas obras a partir do seu envolvimento com Rainer Maria Rilke.

{68} Gíria britânica para designar a Grã-Bretanha, mais especificamente a Inglaterra.

{69} É uma confederação de 14 organizações que trabalham em conjunto com 3000 organizações locais em mais de 100 países, para encontrar soluções definitivas à pobreza, o sofrimento e a injustiça.

{70} É o termo usado para uma garota sexy que obtém tudo o que quer, mas como não há uma palavra para descrevê-la em espanhol, deixa-se o original.

{71} News of the World era um tabloide sensacionalista britânico que se editava em vários países e que se centrava em temas relacionados com lendas urbanas, ufologia, notícias de celebridades e outros temas de difícil contrastassem.

{72} Dia em uma estrutura que oferece tratamentos de beleza.

{73} Sunday Mirror é o periódico irmão do Daily Mirror, começou em 1915 como o Sunday Pictorial e depois foi chamado o Sunday Mirror.

- {74} Wayne Mark Rooney é um jogador de futebol inglês. Joga na posição de dianteira e sua atual equipe é o Manchester United da Premier League da Inglaterra. Rooney está casado com Abanem o rabo McLoughlin, a quem conheceu enquanto cursavam o último ano de secundária.)
- {75} Brylcreen - gel para o cabelo.
- {76} No original spiffy: Uma maneira divertida/linda para expressar satisfação geral por uma pessoa, situação ou coisa.
- {77} Os slammers ou shooters são combinados nos que os ingredientes se mesclam diretamente no copo sem remover. Neste caso um coquetel de Tequila.
- {78} Veuve Cliquot Champanha.
- {79} MD: Médico.
- {80} Recente transtorno em que o indivíduo tem uma obsessão quanto ao peso e prática de exercícios. ⁸⁴ Centre for Global Energy Studies.
- {81} É uma série de aproximadamente sessenta novelas do Elinor Brent—Dyer, publicadas inicialmente entre 1925 e 1970.
- {82} Exame admissional para estudantes do primário.
- {83} Expressão que quer dizer Não se pode comparar.
- {84} Bondage: é uma denominação aplicada aos atamentos eróticos executados sobre uma pessoa vestida ou nua.
- {85} Banda britânica de punk rock formada em 1976.
- {86} Termo que significa libra, que simboliza três unidades de massa.
- {87} Elizabeth Barrett Browning era um membro da família Barrett e uma das poetisas mais respeitadas da era vitoriana.
- {88} Robert Browning foi um poeta e dramaturgo inglês.
- {89} Francis Scott Key Fitzgerald foi um novelista americano da época do jazz.
- {90} Zelda Sayre Fitzgerald foi a esposa do escritor F. Scott Fitzgerald, com quem se casou em 1920.
- {91} Chardonnay é uma cepa de uva branca.
- {92} A Sauvignon Blanc está considerada, depois da Chardonnay, a variedade mais fina entre as cepas brancas de origem francesa.
- {93} William Faulkner foi um narrador e poeta americano.
- {94} Martin Heidegger foi um filósofo alemão.
- {95} A obra mais famosa do filósofo Martin Heidegger.
- {96} Coeficiente intelectual.
- {97} Best Friends Forever: Melhores Amigas Para Sempre.
- {98} O complexo de Electra define-se como sendo uma atitude emocional que, segundo algumas doutrinas psicanalíticas, todas as meninas têm para com a sua mãe; trata-se de uma atitude que implica uma identificação tão completa com a

mãe que a filha deseja, inconscientemente, eliminá-la e possuir o pai.